

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**GORBACHEV COMO PENSADOR: A EVOLUÇÃO DAS IDEIAS DO EX-  
LÍDER SOVIÉTICO ANTES E DEPOIS DO FIM DA URSS**

**NÍVEL: DOUTORADO**

São Paulo  
2023  
(Versão Corrigida)

CÉSAR AUGUSTO RODRIGUES DE ALBUQUERQUE

GORBACHEV COMO PENSADOR: A EVOLUÇÃO DAS IDEIAS DO  
EX-LÍDER SOVIÉTICO ANTES E DEPOIS DO FIM DA URSS

Tese apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para obtenção  
do título de Doutor em Ciências

Área de Concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Angelo de Oliveira  
Segrillo

São Paulo  
2023  
(Versão Corrigida)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A345g      Albuquerque, Cesar Augusto Rodrigues de  
                 Gorbachev como Pensador: a evolução das ideias do  
                 ex-líder soviético antes e depois do fim da URSS /  
                 Cesar Augusto Rodrigues de Albuquerque; orientador  
                 Angelo de Oliveira Segrillo - São Paulo, 2022.  
                 397 f.

                 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e  
                 Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
                 Departamento de História. Área de concentração:  
                 História Social.

                 1. MIKHAIL GORBACHEV. 2. HISTÓRIA DA RÚSSIA. 3.  
                 PERESTROIKA. 4. SOCIALISMO. 5. UNIÃO DAS REPÚBLICAS  
                 SOCIALISTAS SOVIÉTICAS. I. Segrillo, Angelo de  
                 Oliveira, orient. II. Título.

ALBUQUERQUE, C. A. R. *Gorbachev Como Pensador: a evolução das ideias do ex-líder soviético antes e depois do fim da urss*. 2022. Tese (Doutorado) - História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

Aprovado em: 09/11/2022

### Banca Examinadora

Profa . Dra. Lenina Pomeranz

Instituição: FEA-USP

Julgamento: Aprovado

Profa. Dra. Cristina Antonioevna Dunaeva

Instituição: UnB-DF

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho

Instituição: UFF-RJ

Julgamento: Aprovado

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

### Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): César Augusto Rodrigues de Albuquerque

Data da defesa: 09 / 11 / 2022

Nome do Prof. (a) orientador (a): Angelo de Olivera Segrillo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 05 / 01 / 2023

*Angelo de Olivera Segrillo*

---

(Assinatura do (a) orientador (a))

## **DEDICATÓRIA**

Aos trabalhadores, intelectuais e militantes de ontem e hoje, em sua luta para superar a exploração e construir uma sociedade mais justa.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao final dessa longa trajetória de pesquisa, sinto-me na obrigação de agradecer a todos e todas que, das mais diferentes formas, contribuíram para que eu pudesse concluir mais esse passo importante na construção de minha carreira enquanto pesquisador.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus.

Agradeço à minha família, em especial a meus pais e meu irmão, aos quais devo não apenas a vida como também tudo o que me tornei enquanto ser humano, graças ao seu carinho, dedicação, parceria e apoio incontestes.

Agradeço aos meus professores, da escola à Universidade, cuja atuação e dedicação foram fonte de inspiração para que eu aceitasse o desafio de seguir na carreira acadêmica em meio a realidade da ciência brasileira.

Agradeço ainda aos meus amigos, de ontem e de hoje, pelo apoio e companhia essenciais nessa caminhada.

E, finalmente, agradeço de forma especial à Universidade de São Paulo, que me acolhe como aluno desde 2007 e como servidor técnico-acadêmico desde 2013. Devo à USP não apenas minha formação acadêmica e meu sustento material, como também os melhores anos da minha vida.

## RESUMO

ALBUQUERQUE, C. A. R. *Gorbachev Como Pensador: a evolução das ideias do ex-líder soviético antes e depois do fim da URSS*. 2022. Tese (Doutorado) - História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

Trinta anos após o fim da União Soviética, os historiadores ainda buscam compreender os processos que culminaram na queda da superpotência socialista. O papel de Gorbachev nesse processo costuma ser analisado a partir de sua atuação enquanto líder político, sobretudo em relação às medidas adotadas e às consequências finais da *perestroika*. O presente trabalho realiza uma análise sistemática da evolução do pensamento político e econômico de Mikhail Gorbachev não apenas durante a *perestroika*, mas também durante os períodos anteriores e posteriores, traçando um panorama histórico das principais transformações, mudanças e continuidades em suas ideias. Para tanto, serão examinadas as publicações de Gorbachev, com ênfase nos livros, discursos, entrevistas, declarações públicas e outros documentos de sua autoria. A partir da leitura comparativa e crítica dessas fontes, sob a égide do método historiográfico e em diálogo com outros autores que também se dedicaram à temática, pretendemos demonstrar que os princípios que nortearam as reformas já estavam sendo gestados antes da chegada de Gorbachev ao Kremlin, embora ele mantivesse ainda forte alinhamento à ideologia oficial do regime; que a evolução do seu pensamento conservou uma relação dialógica com o contexto histórico no qual se desenvolveu, antes e depois do ocaso soviético; e que as modificações introduzidas na política externa, algumas concebidas antes mesmo dele assumir a liderança, representaram uma mudança de paradigma decorrente das ideias do líder e se afastavam significativamente da plataforma adotada por seus antecessores. Ao que nos consta, este é o primeiro trabalho acadêmico que examina, sistemática e profundamente, os escritos e pronunciamentos de Gorbachev em *todas* as fases de sua vida adulta (*antes*, *durante* e *depois* da *perestroika*).

Palavras-Chave: Mikhail Gorbachev. *Perestroika*. Socialismo. História da Rússia/URSS



## ABSTRACT

ALBUQUERQUE, C. A. R. *Gorbachev as a thinker: the evolution of the former soviet leader's ideas before and after the end of the USSR*. 2022. Tese (Doutorado) - História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

Thirty years after the end of the Soviet Union, researchers are still trying to understand the processes that resulted in the fall of the socialist superpower. Gorbachev's role in this process is usually analyzed from the point of view of his performance as a political leader, especially with regard to the measures adopted and the final consequences of perestroika. The present work carries out a systematic analysis of the evolution of Mikhail Gorbachev's political and economic thought not only during perestroika but also during previous and subsequent periods, tracing a historical panorama of the main transformations, changes and continuities in his ideas. For this purpose, Gorbachev's publications between the 1970s and 2010s will be examined, with emphasis on his books, speeches, interviews, public statements and other documents. From a comparative and critical reading of these sources, under the aegis of the historiographical method and in dialogue with other authors who have also dedicated themselves to this theme, we intend to demonstrate that the guiding principles of the reforms had already been gestating before Gorbachev's coming to power in the Kremlin, although he still maintained a general alignment with the official ideology of the regime; that the evolution of his thought maintained a dialogical relationship with the historical context in which it developed, before and after the Soviet Union's dissolution; and that the changes introduced in foreign policy, in part also conceived before he assumed the leadership of the country, represented a paradigm shift arising from the leader's ideas and significantly departed from the platform adopted by his predecessors. To our knowledge, this is the first scholarly work that systematically and deeply examines Gorbachev's writings and pronouncements at *all* stages of his adult life (*before*, *during*, and *after* perestroika).

Keywords: Mikhail Gorbachev. Perestroika. Socialism. History of Russia/USSR

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I – A PERESTROIKA EM GORBACHEV: AS IDEIAS DE MIKHAIL SERGEYEVICH ANTES DO FIM DA URSS.....</b>	<b>20</b>
<b>Capítulo I - A ascensão política de Gorbachev (1931-1984).....</b>	<b>22</b>
Infância e juventude no Cáucaso .....	22
A Universidade Estatal de Moscou .....	29
Da carreira jurídica à vida política.....	33
Os tempos de líder local .....	37
O retorno à Moscou.....	50
Às vésperas da chegada ao Kremlin .....	63
<b>Capítulo II - A perestroika e Gorbachev (1985-1991).....</b>	<b>76</b>
Ascensão e concepção das reformas.....	78
O XXVII Congresso do PCUS: a perestroika ganha corpo.....	89
A resistência burocrática e os obstáculos às reformas .....	102
Os 70 anos da Revolução e a revisão da História Soviética .....	111
A XIX Conferência do PCUS e o avanço da reforma política.....	122
O Congresso de Deputados do Povo e a questão das nacionalidades .....	133
A reforma do partido e o XXVIII Congresso do PCUS.....	146
O novo Tratado da União, o Golpe de Agosto e a Dissolução da URSS .....	157
<b>PARTE II – DE REFORMADOR A EXPECTADOR? A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO DE MIKHAIL GORBACHEV APÓS A DISSOLUÇÃO DA URSS ....</b>	<b>167</b>
<b>Capítulo III - Não Existem Reformadores Felizes - Era Iéltsin (1991-1999) .....</b>	<b>169</b>
Dezembro-91 – Minha Posição .....	170
Anos de Decisões Difíceis .....	176
Conversas com Gorbachev .....	185
Memórias .....	197
A Busca por um Novo Começo.....	210
Segurança Europeia e a Globalização .....	215
Sobre meu país e o mundo .....	220
<b>Capítulo IV - Um incorrigível otimista – Era Putin (2000-2015).....</b>	<b>255</b>
O caminho que percorremos, os desafios que enfrentamos.....	257

<b>Meu manifesto pela Terra</b> .....	274
Entender a Perestroika.....	286
<b>O segundo mandato de Putin</b> .....	291
<b>Governo Medvedev e a Crise de 2008</b> .....	300
<b>A Nova Rússia</b> .....	309
CONCLUSÃO – GORBACHEV COMO PENSADOR.....	329
<b>Dimensão ideológica</b> .....	332
<b>Dimensão política doméstica</b> .....	340
<b>Dimensão econômica e reformas</b> .....	350
<b>Dimensão política externa</b> .....	357
<b>Continuidades e rupturas</b> .....	365
FONTES E BIBLIOGRAFIA .....	370
NOTAS .....	386

## INTRODUÇÃO

“[...] a palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para manifestação da ideologia: retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes.”<sup>1</sup>

Trinta anos após o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), os historiadores ainda buscam compreender os processos que culminaram na queda da superpotência socialista que, se contrapondo aos EUA, protagonizou os principais debates políticos, econômicos, científicos e bélicos da segunda metade do século XX. Grande parte das análises se volta para o período da *perestroika* (1985-1991), o conjunto de reformas implementadas por Mikhail Gorbachev após sua chegada à liderança do país.

Nessa perspectiva, os trabalhos publicados desde o colapso soviético têm como enfoque principal a busca pelas causas que levaram à necessidade de reformas no sistema, bem como os caminhos percorridos pela liderança soviética em sua condução. O papel de Gorbachev nesse processo costuma ser analisado a partir de sua atuação enquanto líder político naquele período. Poucos estudos se dedicam à análise sistemática do pensamento de Gorbachev, cuja visão acaba muitas vezes reduzida a decisões e medidas adotadas pelo governo ou às consequências finais da *perestroika*.

Atribuir as transformações ocorridas na URSS apenas aos anseios ou às decisões do último secretário-geral do Comitê Central (CC) do Partido Comunista da URSS (PCUS) nos parece bastante reducionista, ignorando a complexidade do regime e da sociedade soviética naquele momento. No entanto, desconsiderar a importância de Gorbachev e suas ideias na condução dessas mudanças não seria menos equivocado. Como destacam Mitchell e Arrington, a consolidação do centralismo democrático na URSS conferiu ao líder partidário um papel central, atuando como autoridade política e

---

<sup>1</sup> BRANDÃO, 2004, p. 9.

ideológica do regime.<sup>2</sup> E embora os debates sobre a necessidade de reformas no sistema soviético já estivessem em pauta desde a liderança de Nikita Khrushchev, ainda nos anos 1950, foi a partir da ascensão de Gorbachev, em 1985, que eles ganharam maior centralidade e sua dimensão se expandiu sensivelmente.

A relevância do tema se justifica pela dimensão global dos eventos e seus correlatos. Gorbachev foi o último líder do regime soviético e conduziu uma série de reformas nas esferas política e econômica que não apenas alteraram profundamente seu funcionamento como levaram ao colapso da URSS, em 1991. Em escala global, a *perestroika* e o assim chamado “Novo Pensamento” [*novoye myshleniye*] foram responsáveis por mudanças em toda a geopolítica global, colocando fim à Guerra Fria e abrindo espaço para a instauração de uma nova ordem mundial. Já na Rússia pós-soviética, Gorbachev se manteve uma voz atuante nos processos de transformação vivenciados em seu país, fundando partidos, candidatando-se a cargos eletivos e, principalmente, se posicionando em relação aos principais temas e acontecimentos das agendas nacional e global.

Ao analisar a evolução do pensamento de Mikhail Gorbachev, pretendemos contribuir para o resgate do protagonismo ideológico na construção das reformas e dos processos experimentados pela URSS/Rússia a partir de 1985. Como destaca o cientista político Neil Robinson, o papel da ideologia foi subestimado não apenas nas análises da *perestroika*, mas em grande parte dos estudos acerca da experiência soviética, vista recorrentemente como um mero conjunto de crenças dogmáticas ou mecanismos de dominação das elites.<sup>3</sup> Nessa mesma linha, o também cientista político Jerry Hough afirma que os estudos acerca da atuação de Gorbachev e das reformas por ele introduzidas foram extremamente influenciados pelas viseiras interpretativas e conceituais do Ocidente, jargões cristalizados no período da Guerra Fria.<sup>4</sup> Assim, os conceitos pré-definidos de socialismo, burocracia ou do partido - tratados como estruturas monolíticas e amorfas – não só se revelam frágeis como também dificultam a compreensão dos processos vividos ao longo da história da União Soviética.

---

<sup>2</sup> MITCHELL; ARRINGTON, 2000, p. 460.

<sup>3</sup> ROBINSON, 1995a, pp. 161-162.

<sup>4</sup> HOUGH, 1991, pp. 92-93.

Nossa proposta consiste em realizar um exercício de análise sistemática da evolução do pensamento político e econômico de Mikhail Gorbachev antes, durante e após a *perestroika*. Pretendemos traçar um panorama histórico das principais transformações, mudanças e continuidades nas ideias do último líder máximo soviético ao longo de sua ascensão nas fileiras do PCUS (Capítulo I), passando pelo período em que liderou as reformas introduzidas em seu país a partir de 1985 (Capítulo II) e se estendendo até depois da dissolução soviética, já como personagem político da Federação Russa (Capítulos III e IV). Nosso enfoque, portanto, não se dará na história política e econômica da URSS/Rússia em si, nem se pretende um estudo pormenorizado das medidas adotadas pelo governo soviético entre 1985 e 1991, mas sim no desenvolvimento das ideias de um de seus principais personagens contemporâneos.

Trata-se de um esforço na tentativa de responder ao diagnóstico de autores como Hough, que afirma que Gorbachev nunca recebeu o devido crédito por suas ideias.<sup>5</sup> Ao longo dos quatro capítulos que compõe nosso estudo, buscaremos dar voz e espaço à Gorbachev, a partir da leitura e análise de suas manifestações, destacando as principais ideias em cada momento, bem como procurando contextualizá-las em relação ao momento histórico e aos debates nos quais se inserem. Ao final, apresentaremos nossa conclusão, identificando a evolução das ideias de Gorbachev em sua trajetória de ascensão dentro do PCUS, durante sua atuação enquanto líder máximo da URSS e nas suas reflexões posteriores ao ocaso soviético. Por meio desse exercício, pretendemos verificar as continuidades e rupturas de seu pensamento em quatro dimensões principais: ideológica, política doméstica, econômica e política externa. Ao que nos consta, este é o primeiro trabalho acadêmico que examina, sistemática e profundamente, os escritos e pronunciamentos de Gorbachev em *todas* as fases de sua vida adulta (*antes*, durante e *depois* da *perestroika*).

Nossas fontes nos colocam diante de alguns desafios para a condução dessa análise. Examinaremos as publicações de Gorbachev entre as décadas de 1970 e 2010, com ênfase nos livros, discursos, entrevistas, declarações públicas e outros documentos em que este revela direta ou indiretamente suas ideias acerca das questões políticas e econômicas nos diversos momentos de sua trajetória. Não estaremos diante de textos acadêmicos, referenciados e voltados ao debate de ideias e conceitos com pares.

---

<sup>5</sup> HOUGH, 1991, p. 92.

Tratam-se, ao contrário, de documentos nos quais o autor manifesta seu pensamento e suas posições ao público leigo, sem grande rigidez acadêmica, citações ou diálogos com outros autores. Em relação à produção durante o período soviético, o próprio Gorbachev reconhece os limites impostos pelo regime à manifestação de pensamentos que não estivessem alinhados à visão oficial. Já as publicações posteriores ao ocaso da URSS são dotadas de um caráter notadamente memorial, em que o autor expressa seus posicionamentos e defende suas realizações sob forte impacto emocional e com motivações claramente políticas.

Ainda assim, a leitura comparativa e crítica de tais documentos, sob a égide do método historiográfico, nos permitirá não apenas desenhar o panorama ideológico dos vários momentos como também identificar os movimentos que se destacavam direta ou indiretamente a partir das suas publicações. Nesse exercício, longe de adentrar nos domínios da linguística, comungamos dos pressupostos da análise de discurso inspirados pelos estudos de Jean-Jacques Courtine e Helena Brandão, que afirmam ser possível identificar nesses textos o contato entre o ideológico e o linguístico, revelando suas contradições. Nesse sentido, eles reforçam a importância de que o exame das ideias do autor seja sempre inserido nas condições sócio-históricas de produção dos documentos.<sup>6</sup>

Na transição entre fontes primárias e referências à nossa análise, convém destacar a contribuição das publicações no formato de memórias de alguns dos principais personagens que acompanharam Gorbachev ao longo de sua trajetória, a exemplo de sua esposa Raisa Gorbachev e os ex-companheiros de partido e governo como Abel Aganbegyan<sup>7</sup>, Andrei Grachev<sup>8</sup>, Yegor Ligachev<sup>9</sup> e Pavel Palazchenko<sup>10</sup>. Tais documentos nos permitem confrontar diferentes visões e versões dos acontecimentos e processos estudados, de modo a contribuir com a leitura crítica das manifestações de Gorbachev e sinalizar elementos que voluntária ou involuntariamente não estão presentes nos discursos oficiais.

---

<sup>6</sup> Cf.: BRANDÃO, 2004, p. 103.

<sup>7</sup> Abel Gezevich Aganbegyan é economista e ao longo dos anos 1980 atuou como um dos principais conselheiros de Gorbachev na esfera econômica.

<sup>8</sup> Andreï Serafimovitch Grachev é historiador, analista político e jornalista, tendo atuado como conselheiro político de Gorbachev e porta-voz oficial do presidente da URSS.

<sup>9</sup> Yegor Kuzmitch Ligatchev foi um político russo que esteve na cúpula do PCUS junto a Gorbachev, inicialmente como seu aliado nas propostas reformistas, mas que depois se tornou um dos principais críticos à radicalização das reformas, alinhando-se às alas mais conservadoras do partido.

<sup>10</sup> Pavel Ruslanovich Palazhchenko é intérprete russo-inglês e atuou diretamente com Gorbachev durante os anos da perestroika.

Outro conjunto de trabalhos que dialoga com nossas reflexões são as biografias escritas sobre a vida do ex-secretário-geral do CC do PCUS, cujas publicações proliferaram desde a metade da década de 1980. Duas obras dessa natureza se destacam, sobretudo em relação as fontes utilizadas – essencialmente primárias: a primeira, publicada ainda em 1987, pelo historiador russo dissidente Zhores Medvedev; e a segunda, mais recente, de autoria do cientista político norte-americano William Taubman. Ambos os livros, embora não tenham como objetivo desenhar um panorama das transformações do pensamento de Gorbachev, trazem contribuições interessantes nesse sentido ao percorrer os principais episódios da vida pública e privada do ex-líder.

A despeito da grande quantidade de estudos voltados à compreensão dos processos históricos que marcaram o fim da experiência soviética, poucos autores se dedicaram a analisar sistematicamente o pensamento político e econômico de Mikhail Gorbachev em si, independentemente de seu papel político na *perestroika*. Certamente, os que mais se aproximam dessa empreitada são os estudos do historiador britânico Archie Brown, que para além de uma extensa produção voltada a história da URSS e das reformas da década 1980, publicou alguns trabalhos que têm como objeto especificamente as transformações do pensamento do último líder soviético. Um dos mais importantes nesse sentido foi publicado em 1996, sob o título *The Gorbachev Factor*, em que o historiador procura compreender as reformas e o ocaso soviético, destacando o papel central de Gorbachev - intencional ou não - nesse processo. Para tanto, ele examina um extenso conjunto de fontes, como discursos, memórias e parte dos documentos dos arquivos soviéticos liberados pelo governo russo desde a década de 1990.

Em linhas gerais, a obra de Brown constitui uma análise profunda do impacto de todo esse processo político nas ideias de Gorbachev, que de um sincero defensor do socialismo, ansioso por reformá-lo e aprimorá-lo, se aproximou gradualmente de uma plataforma social-democrata aos moldes dos partidos socialistas e trabalhistas da Europa Ocidental. Este seria, inclusive, o tema de um de seus artigos mais recentes, intitulado *Did Gorbachev as General Secretary Become a Social Democrat?*, em que para chegar a suas conclusões, o historiador analisa não apenas os discursos e publicações do ex-líder, mas ainda faz uso de outras fontes importantes, como atas de reuniões do *politburo* e do Comitê Central, além das memórias do próprio Gorbachev e de outros



líderes soviéticos do período. Os estudos de Brown, contudo, tratam pouco do movimento percorrido pelo pensamento gorbacheviano nos períodos pré e pós *perestroika*.

Outra referência importante foi desenvolvida pelo historiador norte-americano Anthony D'Agostino, que publicou, em 1998, a obra *Gorbachev's Revolution*. Nela, o autor também procura destacar o papel do último líder soviético nos desdobramentos das reformas iniciadas em 1985. Para tanto, D'Agostino examina os processos de sucessão no regime soviético que, diferentemente do caráter mecânico e unânime com que tais decisões eram publicizadas, consistiam, na verdade, em processos reais de disputa política e ideológica. Nesse cenário, ele afirma que Gorbachev ascendeu já como um líder reformista, mas que embora pretendesse introduzir alterações no sistema, não tinha qualquer intenção de derrubar o Estado soviético ou o regime comunista - realidade que se produziu, na visão do autor, em virtude de disputas internas pelo poder e não como objetivo da *perestroika*.

Ainda enquanto as reformas estavam em curso, alguns estudos procuravam analisar a atuação política de Gorbachev e, embora tivessem como enfoque principal as medidas que estavam sendo adotadas e o papel desempenhado pelo ex-líder soviético em sua condução, trouxeram contribuições interessantes acerca dos movimentos de seu pensamento. Nessa linha, convém destacar a obra do historiador polonês Moshe Lewin, que em 1988 publicou *O Fenômeno Gorbachev*. Nessa obra, o autor se volta ao estudo da constituição do sistema soviético e das causas da crise que levava a implantação da *perestroika*. A análise de Lewin fornece elementos interessantes para compreender o processo de formação e ascensão do líder, buscando identificar para além das razões externas, as motivações individuais que levaram o último secretário-geral do CC do PCUS a iniciar mudanças mais profundas no regime.

Finalmente, há que se ressaltar o aporte agregado à nossa análise por outros estudos historiográficos e de outras áreas de conhecimento, notadamente da ciência política, que embora analisem recortes específicos, jogam luz em determinados aspectos do pensamento de Gorbachev, alimentando nossas reflexões e permitindo estabelecer conexões interessantes. Nessa perspectiva, destacam-se os trabalhos de Christopher Smart, George Breslauer, Gordon Hahn, Janice Stein, Jerry Houg, John Goodind, John

Keep, Neil Robinson, R. Mitchell e Randall Arrington, Susan Batty e Vesna Danilovic, W. Tompson.

Essa breve revisão bibliográfica demonstra que a análise do pensamento de Mikhail Gorbachev ainda é um tema que permanece pouco explorado, sobretudo entre os historiadores. A originalidade desse exercício encontra-se justamente no enfoque de nosso estudo: para além da análise do papel de Gorbachev nos desdobramentos das reformas ou na dissolução da URSS – como é o foco de grande parte dos trabalhos supracitados – nós pretendemos traçar uma evolução histórica, uma análise sistemática das mudanças e continuidades do pensamento desse importante personagem histórico contemporâneo antes e depois da queda soviética.

A quantidade restrita de estudos históricos sobre o tema talvez se explique pelo pouco distanciamento temporal em relação ao momento no qual se desenvolvem os processos analisados neste trabalho. Ainda assim, nosso exercício se insere no rol dos que acreditam na riqueza do estudo histórico de processos que, temporalmente, possam ser considerados recentes ou, no jargão da disciplina, da história do presente. Historiadores como François Bédarida, Robert Frank, Henry Rousso e Christian Delage que, no bojo da multiplicidade de temas e abordagens que vinham sendo incorporadas à historiografia com o despertar da “Nova História”, defenderam não só a validade, como as vantagens dos estudos dos processos recentes.

Os adeptos da História do tempo presente se opõem às críticas de outras correntes historiográficas mais tradicionais, que argumentam em favor da necessidade de um distanciamento temporal mais dilatado, a fim de garantir maior objetividade e imparcialidade crítica, além de possibilitar uma leitura mais apurada dos desdobramentos e consequências dos objetos analisados. Helena Muller defende que o que torna passado o presente não é seu distanciamento cronológico, mas sim a construção e a análise crítica que o historiador faz dele a partir de seu método.<sup>11</sup> Na mesma perspectiva, Pieter Lagrou recorda os debates historiográficos travados ao longo do século XX, sobretudo na relação entre passado e presente, e afirma que:

Se toda a reflexão histórica é sempre, inevitavelmente, uma reflexão sobre o nosso presente, com nossas preocupações e nossas demandas, é justamente uma

---

<sup>11</sup> MULLER, 2007, p. 29.

particularidade da história do tempo presente ter tematizado essa tensão. O historiador do tempo presente foi expulso do paraíso ilusório da extratemporalidade, da independência absoluta do pesquisador frente a seu objeto, pelo caráter urgente da obsessão ambiente por seu objeto, pelos abusos gritantes e besteiras manifestas produzidos fora e dentro da corporação dos historiadores.<sup>12</sup>

Para além dos pesquisadores alinhados ao *Institut d'histoire du temps présent* (IHTP), sediado em Paris, o estudo do tempo presente também vem sendo objeto de pesquisa de historiadores de outras escolas. Eric Hobsbawm refletiu sobre os dilemas de escrever sobre a história de um período que coincidia com o tempo em que esteve vivo, notadamente em relação a uma de suas últimas grandes obras, *A Era dos Extremos: o breve Século XX*. Embora reconheça os obstáculos específicos do historiador de seu próprio tempo, que, segundo ele, está mais “à mercê de movimentos de prazo relativamente curto do clima histórico”, o autor elenca algumas vantagens que favorecem ou legitimam tal empreitada, a exemplo do acesso a uma maior diversidade de fontes, o recurso da memória das pessoas que vivenciaram os eventos e processos estudados, além do menor risco de incorrer em anacronismos – que ele define como o pior pecado dos historiadores.<sup>13</sup>

Desse modo, cientes das dificuldades e desafios do estudo de processos tão recentes, comungamos do entendimento de que o exercício aqui proposto, seguindo o método e as regras da disciplina histórica, pode contribuir de maneira significativa para compreensão do tema, qual seja, a evolução do pensamento de Mikhail Gorbachev antes, durante e depois da *perestroika*. A leitura das principais fontes, bem como das referências e dos acontecimentos em si, nos provoca alguns questionamentos que guiarão nossa análise. Como teriam caminhado as principais ideias de Gorbachev sobre política e economia desde sua formação e ascensão partidária até as primeiras décadas do século atual? Como evoluíram suas visões de socialismo e democracia? Na economia, de que modo suas visões acerca das formas de propriedade, do papel do Estado e da relação entre planificação e mercado se modificaram nesse mesmo período? E em relação ao cenário internacional, quais as origens e como se desenvolveu sua concepção de política externa?

---

<sup>12</sup> LAGROU, 2007, pp. 44-45.

<sup>13</sup> Cf.: HOBBSBAWM, 2005, pp. 243-255.

Em seu conjunto, tais perguntas nos levam a formular algumas hipóteses que pretendemos testar em nosso estudo. Em primeiro lugar, pretendemos demonstrar que ao assumir a secretaria-geral do CC do PCUS, Mikhail Gorbachev, embora ainda imerso no arcabouço ideológico do regime soviético, estava ciente de que este carecia de mudanças que o aperfeiçoassem e o aprimorassem, corrigindo os desvios causados desde o período stalinista. Nesse sentido, os princípios que nortearam as reformas já estavam sendo gestados antes de sua chegada ao Kremlin, desenvolvidos ao longo de sua experiência enquanto liderança local e central, embora em 1985 Gorbachev ainda estivesse fortemente alinhado à ideologia oficial do partido – e, portanto, não abandonara a afiliação ao comunismo.

Outro ponto que pretendemos confirmar é que a evolução do pensamento de Gorbachev manteve uma relação interdependente com o contexto histórico no qual se desenvolveu, tanto antes quanto depois do ocaso soviético, influenciando e ao mesmo tempo sendo influenciada pelos processos em curso. Especialmente durante a *perestroika*, os desafios enfrentados ao longo das reformas, tanto no âmbito político quanto no econômico, reagiriam de maneira dialética com suas concepções e ideias, acarretando mudanças profundas na forma não apenas como via o regime, mas de forma mais ampla, como entendia o funcionamento ideal de sistemas políticos e econômicos. Ao longo desse processo, Gorbachev se afastou gradualmente dos princípios ideológicos que guiavam o regime e se aproximou dos ideais defendidos por correntes social-democratas europeias – movimento que teve continuidade mesmo após deixar o poder, em 1991.

Finalmente, em relação à dimensão internacional, ansiamos verificar que as modificações introduzidas por Gorbachev na política externa decorreram em uma mudança de paradigma decorrentes das ideias do líder, cujo escopo – ao contrário das reformas domésticas na economia e política – já estava mais consolidado e se afastava significativamente da plataforma adotada por seus antecessores. Também nessa perspectiva, nossa análise pretende referendar uma coerência nos posicionamentos do ex-líder soviético em relação aos princípios que deveriam reger as relações internacionais e a posição da URSS/Rússia nessa dinâmica, mesmo durante os anos da Era Putin.

## **PARTE I – A *PERESTROIKA* EM GORBACHEV: AS IDEIAS DE MIKHAIL SERGEYEVICH ANTES DO FIM DA URSS**

Mikhail Sergeyevich é uma pessoa com uma mente afiada e profunda e qualquer um que o tenha encontrado pelo menos uma vez pode confirmar isso. Como é frequentemente o caso, os problemas nacionais e estrangeiros são muito difíceis de se considerar em termos "preto no branco". Podem existir cores intermediárias, ligações intermediárias e soluções intermediárias. Mikhail Sergeyevich sempre foi capaz de encontrar soluções de acordo com as linhas partidárias. Isto foi enfatizado unanimemente. Foi precisamente isso que foi e continua a ser o principal critério para avaliar os pontos de vista defendidos por um companheiro ou outro ou de uma instituição ou de outra na avaliação de um problema.<sup>i</sup>

Foi com essas palavras que Andrei Gromiko, que ocupava o cargo de ministro das relações exteriores da URSS desde a década de 1950, anunciou aos membros do Comitê Central o nome de Mikhail Sergeyevich Gorbachev para sucessão de Konstantin Chernenko<sup>14</sup> na secretaria-geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, em março de 1985. A capacidade analítica, a postura conciliatória e a fidelidade ao partido são alguns dos elementos destacados por Gromiko para caracterizar o futuro líder soviético. Enquanto a busca por “soluções intermediárias” poderia animar aqueles que ansiavam por mudanças, a aderência às “linhas partidárias” parecia afastar a hipótese de uma ruptura mais significativa.

Na verdade, pouco se sabia acerca do pensamento do novo líder soviético quando ascendera ao Kremlin. Seu posicionamento em relação a questões de ordem política, econômica e ideológica eram em grande parte uma incógnita, embora seu contato com o público – tanto russo e quanto externo – tenha se tornado mais frequente ao longo da primeira metade da década de 1980, quando passou a integrar a cúpula do poder no PCUS. A primeira-ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher, foi uma das primeiras a revelar ao mundo, ainda em 1984, uma imagem positiva acerca do então dirigente que liderou uma comitiva soviética que visitara Londres e que já naquele momento era cotado para substituir o adoecido Chernenko.

---

<sup>14</sup> Konstantin Ustínovitch Chernenko foi secretário-geral do PCUS e líder máximo da URSS entre fevereiro de 1984 e março de 1985.

Mesmo após o caso soviético, grande parte dos que analisam as ideias expressas por Gorbachev parecem ignorar ou dar pouca importância às suas manifestações anteriores a 1985. Os rótulos que lhe são constantemente atribuídos – de comunista ortodoxo à reformista neoliberal – surgem muitas vezes como resultado de uma visão retrospectiva (e apaixonada) a partir dos resultados das reformas que ele conduziu. No entanto, um olhar sobre seus discursos e textos ao longo de sua ascensão política pode contribuir não apenas para a compreensão das ideias que norteavam o último líder soviético no momento em que assumira o comando do país, mas também da trajetória percorrida por seu pensamento nos anos seguintes, bem como sua contribuição nos processos históricos que marcaram o final do século XX.

## ***Capítulo I - A ascensão política de Gorbachev (1931-1984)***

Mikhail Sergueyevich Gorbachev foi o primeiro secretário-geral do Comitê Central (CC) do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e líder máximo da URSS que não estivera vivo durante a Revolução de Outubro de 1917. Nascido em 2 de março de 1931, em um pequeno povoado do Cáucaso russo - Privolnoye -, também não vivenciou o turbulento período da Guerra Civil (1918-1921), nem sequer foi contemporâneo aos anos em que Vladimir Ulianov Lenin liderou o país. Ainda assim, ele cresceria em um período no qual a recém-constituída União Soviética passava por profundas transformações, sob a liderança de Josef Stalin, consolidando os pilares do regime que um dia Gorbachev viria a comandar.

### ***Infância e juventude no Cáucaso***

Entre 1918 e 1921, durante o processo de consolidação das forças revolucionárias no poder frente à resistência conservadora, a liderança bolchevique implantou a política do Comunismo de Guerra, radicalizando as medidas de nacionalização e controle sobre toda a esfera produtiva como parte dos esforços necessários para a organização do regime, sobrevivência dos revolucionários e a vitória do exército vermelho. No entanto, com o fim da Guerra Civil, a população soviética demonstrava insatisfação com a crise econômica e social vivenciada pelo país, ao mesmo tempo em que os dados oficiais reforçavam o cenário de destruição resultante dos anos de conflito: a produção industrial bruta em 1921 representava 20% do nível medido em 1913, último ano do pré-guerra,<sup>15</sup> enquanto nas indústrias estatais, esse índice chegara a 15% já em 1920.<sup>16</sup>

Frente a esse cenário, o governo, sob a liderança de Lenin, adotaria a partir de 1921 a Nova Política Econômica (*Novaya Ekonomicheskaya Politika* - NEP), que, na prática, consistiu na reintrodução elementos tipicamente capitalistas para acelerar a recuperação da economia. O Estado manteve o controle direto sobre os setores estratégicos (energia, indústria pesada, setor bélico, bancos, etc.), enquanto a indústria

---

<sup>15</sup> STATISTICHESKII SBORNIK, 1964, p. 32.

<sup>16</sup> PETROVA, 1940, p. 67.

leve e o setor agrícola foram entregues à iniciativa privada por meio de pequenos produtores.

Já em 1927, a produção bruta de grãos havia alcançado os patamares pré-guerra, embora a proporção de grãos comercializada fosse apenas 13,3%, quase a metade daquela registrada em 1913 – resultado visto como decorrente da estrutura agrária concentrada em pequenos lotes familiares.<sup>17</sup> No setor industrial, a indústria leve atingira (e alguns setores superara) os níveis anteriores ao conflito, enquanto a indústria pesada, fundamental para a aceleração do processo de industrialização, não acompanhava o mesmo ritmo e se mantinha bastante incipiente. Se a NEP possibilitara a restauração econômica aos níveis anteriores à Primeira Guerra Mundial, o regime agora encarava o desafio de alcançar o desenvolvimento econômico e social almejado a um ritmo mais veloz e sobre bases novas.

Com a consolidação de Stalin na liderança do regime no final dos anos 1920, o país experimentaria mudanças radicais nas esferas política, econômica e social. Em substituição à NEP, a liderança partidária introduziu um novo modelo de organização da economia soviética baseado na planificação econômica centralizada. Tal sistema, que em sua essência vigorou até o início da *perestroika*, se traduziu na elaboração e execução dos chamados planos quinquenais. Utilizando-se de uma complexa e hierarquizada estrutura, os recursos - naturais, materiais, financeiros, humanos etc. – eram alocados administrativamente, a fim de alcançar metas e objetivos pré-fixados pelos órgãos planejadores, notadamente o Comitê de Planejamento Estatal do Conselho de Ministros da URSS (GOSPLAN).<sup>18</sup> Como resultado, as relações produtivas na economia soviética não se estruturavam a partir da decisão dos agentes individuais (produtores, consumidores, etc) intermediada pelo mercado, mas eram sim resultantes das determinações e normativas impostas pela estrutura de planejamento do Estado.<sup>19</sup>

O primeiro plano quinquenal, iniciado ainda no final de 1928, trouxe consigo dois objetivos centrais – e intrinsecamente ligados: a coletivização das terras agrícolas e

---

<sup>17</sup> STALIN, 1976.

<sup>18</sup> A sigla GOSPLAN é uma abreviatura do nome russo do órgão, *Gosudarstvennyi Planovyi Komitet Sovieta Ministrov SSSR*.

<sup>19</sup> Para uma análise mais detalhada do funcionamento da economia planificada constituída na URSS, cf.: NOVE, 1986; HEWETT, 1988; SEGRILLO, 2000a.



a rápida industrialização nacional.<sup>20</sup> A liderança do regime defendia que por meio da socialização e racionalização da produção agrícola, organizada em grandes fazendas estatais (*sovkhozy*) ou cooperativas (*kolkhozy*), seria possível obter um incremento na produção rural capaz de gerar divisas que financiariam os investimentos necessários para o desenvolvimento do setor industrial. A transferência desse excedente gerado no campo para a indústria seria assegurada pelos órgãos de planejamento econômico do Estado. O sucesso do processo de coletivização e socialização da produção rural eram vistos, portanto, como indispensáveis à industrialização do país.

Interessante destacar que o modelo implementado por Stalin a partir de 1928 em muito se assemelhava às propostas defendidas anteriormente por Trotsky<sup>21</sup> e Preobrazhensky<sup>22</sup>, que apontavam os limites da estrutura agrícola fragmentada na geração do capital necessário para o rápido desenvolvimento do setor industrial. Embora inicialmente tenha sido contrário aos arquitetos da Teoria da Acumulação Socialista Primitiva, derrotando-os nos debates internos em favor da manutenção da NEP, Stalin passaria a seguir seu receituário poucos anos depois, sem, contudo, reconhecer o mérito de seus opositores.<sup>23</sup>

Originalmente, o primeiro plano quinquenal previa uma transição gradual para os *sovkhozy* e *kolkhozy*. A versão final do plano, aprovada em 1929, definira que a participação das estruturas coletivizadas na produção agrícola bruta passasse de 2%, em 1928-1929, para 15% até 1932-1933.<sup>24</sup> No entanto, sua execução ocorreu de forma muito mais veloz e intensa: segundo dados oficiais do governo soviético, de 1930 a 1936, a proporção de camponeses coletivizados passou de 23,6% a 89,4%, enquanto o percentual de áreas cultivadas por fazendas coletivas e estatais saltaria de 33,6% para 94,1%.<sup>25</sup>

Para atingir tais cifras nesse curto espaço de tempo, a coletivização das terras agrícolas se afastou da estratégia oficial, que previa atrair o campesinato

---

<sup>20</sup> Embora iniciado ainda no final de 1928, a versão ótima ou final do primeiro plano quinquenal foi oficialmente aprovada durante a XVI Conferência do Partido, por meio da resolução *Sobre o plano quinquenal de desenvolvimento econômico*, de 29 de abril de 1929. Cf.: VORONETSKAYA. 1969.

<sup>21</sup> Leon Trotsky foi um importante intelectual e revolucionário bolchevique, que disputou com Stalin pela liderança política e ideológica do PCUS na segunda metade da década de 1920.

<sup>22</sup> Ievguêni Alexeivitch Preobrazhensky foi um economista e revolucionário bolchevique, defensor do processo de industrialização da URSS e idealizador da Teoria da Acumulação Socialista Primitiva.

<sup>23</sup> Cf.: PREOBRAZHENSK, 1979.

<sup>24</sup> VORONETSKAYA, 1969, p 1304.

<sup>25</sup> *Tsntral'noe Upravlenie Narodno-Khozyaistvennogo Ucheta Gosplana SSSR*, 1936, p. 278.

voluntariamente, pelo exemplo e pelas vantagens do próprio sistema, como defendera o próprio Lenin e figurava nos documentos aprovados pelo XV Congresso do Partido, realizado no final de 1927.<sup>26</sup> Ao contrário, os camponeses acabaram forçados, direta ou indiretamente, a ingressar nas grandes propriedades coletivizadas como resultado de políticas e decisões arbitrárias adotadas pelo regime, em um conjunto de medidas que mais tarde seriam conhecidas como o Método Ural-Siberiano.<sup>27</sup>

Sendo o Cáucaso russo umas das principais zonas produtoras de cereais da URSS – na zona das terras negras (*tchernozen*) –, a região natal de Gorbachev foi fortemente impactada por essas novas políticas.<sup>28</sup> Em suas memórias, o ex-líder soviético recorda a grave crise produtiva e de abastecimento pela qual o campesinato russo, a exemplo de sua família, passara naquele período. Ele afirma que somente em Privolnoye, cerca de um terço da população morreu de fome em 1933, incluindo três de seus tios paternos.<sup>29</sup> E embora as adversidades climáticas tenham contribuído para o péssimo desempenho da colheita naquele ano, essa não fora a única explicação para a crise:

[...] Os historiadores ainda discutem sobre suas causas [a fome]: foi planejada deliberadamente para quebrar a espinha do campesinato ou pode ser atribuída às condições climáticas? Não conheço outras regiões, mas naquele ano nós sofremos com a seca. Mas essa não foi a única razão. A coletivização em massa minou o antigo sistema de vida, destruindo o padrão tradicional de cultivo e sustento no campo.<sup>ii</sup>

Enquanto seu avô materno, Pantelei Gopkalo, fora desde o início um entusiasta da revolução, tornando-se membro do partido e presidente do *kolkhoz* local, pelo lado paterno, seu avô Andrei Gorbachev resistira inicialmente à coletivização, optando por manter a administração privada de suas terras. Com a grande fome de 1933, Andrei não só perdeu três de seus filhos como, ao não entregar as cotas de produção estipuladas pelas autoridades no plano de semeadura, foi considerado um sabotador e condenado, em 1934, a trabalhos forçados na Sibéria. Ele regressou a Privolnoye antes mesmo do

---

<sup>26</sup> Convém destacar que à época, o nome oficial da agremiação política que comandava o regime soviético era Partido Comunista de Toda a União (Bolcheviques). Somente em 1952 ela passaria a se chamar Partido Comunista da União Soviética (PCUS), permanecendo assim até sua dissolução, em 1991.

<sup>27</sup> Cf.: NOVE, 1986, pp. 152-154.

<sup>28</sup> MEDVEDEV, 1987, p. 27.

<sup>29</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 27.

fim do período ao qual foi sentenciado, condecorado por seu empenho no trabalho durante o exílio, e finalmente aceitaria a coletivização, ingressando no *kolkhoz*.<sup>30</sup>

Pouco tempo depois, a família de Gorbachev vivenciou na prática outro período crítico da história soviética. E agora, seria a vez de seu avô materno, líder comunista do *kolkhoz* local, enfrentar as autoridades do regime durante o auge dos expurgos stalinistas. Em 1937, Pantelei Gopkalo foi preso sob a acusação de participar de movimentos antirrevolucionários de inclinação trotskista. Gorbachev relata em suas memórias que o avô foi retirado de casa no meio da noite e submetido a torturas durante o processo de investigação e julgamento. Ele também destaca que enquanto Gopkalo esteve sob acusação, vizinhos e parentes se afastaram de sua família, provavelmente receosos de também sofrerem algum tipo de perseguição pelo regime.<sup>31</sup>

Pantelei permaneceu preso por quatorze meses, sendo inclusive sentenciado à pena capital. No entanto, antes da execução, a procuradoria regional abrandaria a pena por não considerar que as evidências reunidas durante as investigações justificavam tal punição extrema. Em dezembro de 1938, o avô de Gorbachev seria libertado e, no ano seguinte, eleito novamente para a presidência do *kolkhoz*. Mesmo após vivenciar esse difícil processo, Gorbachev afirma que seu avô se manteve fiel ao regime, acreditando que tudo pelo que passara havia sido resultado de desmandos e excessos cometidos por autoridades locais de segurança, sem o consentimento ou a ciência de Stalin.<sup>32</sup>

Poucos meses depois de completar sua primeira década de vida, Gorbachev vivenciaria uma nova fase traumática, que dessa vez ultrapassava as fronteiras soviéticas. Em junho de 1941, as tropas nazistas deram início à Operação Barbarossa e invadiriam o território da URSS, colocando os soviéticos no *front* da Segunda Guerra Mundial – ou, como é conhecida na historiografia russa, a Grande Guerra Patriótica. Ainda naquele ano, seu pai, Serguei Gorbachev, foi convocado e mandado para a frente de batalha, deixando o jovem Mikhail com a responsabilidade de ajudar na manutenção da família. Como resultado, ele interrompeu seus estudos escolares e passou a trabalhar no campo.

---

<sup>30</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 27.

<sup>31</sup> Cf.: GORBACHEV, 1996a, p. 24-26; GORBACHEV, 2016b, p. 33.

<sup>32</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 25-26.

A situação se tornou ainda mais delicada com o avanço e ocupação pelos alemães da região de Stavropol, em agosto de 1942. Novamente recorrendo às memórias do ex-líder soviético, ele relata as dificuldades vividas naquele momento, particularmente em relação a sua família, perseguida pelos nazistas em razão da posição ocupada por seu avô na liderança comunista local e da participação de seus familiares no *front*.<sup>33</sup> Em janeiro de 1943, o povoado foi finalmente libertado pelas tropas soviéticas, mas a retirada alemã não bastava para resolver os problemas da população. O rastro de destruição deixado pelo conflito cobraria um preço alto e, em 1944, a fome novamente assolou a região, enquanto o abastecimento de bens de consumo e itens básicos tornou-se ainda mais escasso.

Com grande esforço e persistência, a população soviética assumiria a responsabilidade pela reconstrução do país. Embora Gorbachev não desejasse naquele momento voltar para a escola, ele relata que depois de muita insistência de seu avô Pantelei, Gorbachev acabou retomando os estudos ainda em 1944. Após a vitória dos aliados e a capitulação definitiva dos nazistas, seu pai também voltaria a Privolnoye e, em pouco tempo, reassumiria seu trabalho no *kolkhoz*. Mas o próprio ex-líder reconhece que esse processo de retomada não significava recomeçar de onde haviam parado – a guerra deixara marcas não só na paisagem, mas na vida de todos, inclusive das crianças que, como ele, se viram obrigadas a passar abruptamente da infância para a vida adulta.<sup>34</sup>

Mesmo diante dessa sucessão de eventos traumáticos e períodos conturbados, que exigiram muito esforço e sacrifício dele e de sua família, Gorbachev procurou enfatizar também as experiências positivas que vivera na infância, especialmente no seio familiar. Um de seus biógrafos mais proeminentes, William Taubman, ressalta por exemplo as constantes referências à intensa proximidade mantida entre Mikhail e seu pai, bem como o amparo e afeição construídos junto aos avós maternos.

O próprio Gorbachev reconhece que esse ambiente foi fundamental na sua formação enquanto indivíduo, marcando ainda sua futura atuação política. Em suas memórias, por exemplo, ele afirma que seu primeiro contato com a ideia de tolerância se deu a partir da vivência dentro da casa dos avós, onde livros de autores marxistas e

---

<sup>33</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 30-31.

<sup>34</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 29.

quadros de líderes soviéticos, mantidos por seu avô Pantelei, conviviam ao lado de ícones religiosos e velas acesas, no espaço em que sua avó, Vasilisa, fazia suas orações. O que a princípio poderia sinalizar uma contradição, Gorbachev definia como algo natural não só em sua família, como entre grande maioria da população russa, acostumada com essa “coexistência pacífica”.<sup>35</sup>

Para além da família, Gorbachev destaca ainda que sua região natal também lhe trouxera outras experiências de tolerância – ou, como ele afirma em suas memórias, o fato de ter nascido no Cáucaso lhe propiciara uma primeira aula de “educação internacional”. Isso porque ali habitam diversos povos e nacionalidades, que ao longo do tempo aprenderam a conviver de forma relativamente harmônica e cooperativa, privilegiando acordos à instalação de conflitos como estratégia de sobrevivência.<sup>36</sup> Autores como o jornalista Hedrick Smith avaliam que esta atmosfera de tolerância e harmonia entre o tradicional e o revolucionário teriam marcado profundamente a formação de Gorbachev e ajudariam a explicar, em grande medida, a preferência por posições moderadas e conciliatórias do futuro líder soviético.<sup>37</sup> O próprio Gorbachev parece corroborar com essa linha interpretativa:

Quantas vezes tive de escutar que, em uma transição para um novo modelo de sociedade, a violência não apenas é justificada, como também é uma necessidade. Que geralmente se torna impossível impedir o derramamento de sangue durante revoluções, isso é um fato. Mas enxergar na violência a solução para todos os problemas, instigá-la para se alcançar objetivos “nobres” pretensamente a qualquer custo, enfim, em caso de dúvida, esfaquear toda uma população, isso é desumano.<sup>38</sup>

Mesmo após retomar seus estudos, Gorbachev procurava conciliar a rotina escolar com as obrigações e atividades familiares, especialmente em relação ao trabalho no campo. Durante as férias, por exemplo, ele trabalhava com seu pai no *kolkhoz* da região, auxiliando no plantio e na colheita. Foi em uma dessas ocasiões que, em 1948, os dois fizeram parte de uma pequena brigada regional que ganhou fama em todo o país após executar a colheita em tempo recorde. O reconhecimento oficial veio com a

---

<sup>35</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 23.

<sup>36</sup> GORBACHEV, 2016b, p. 28.

<sup>37</sup> SMITH, 1990, p. 32.

<sup>38</sup> GORBACHEV, 2016b, p. 30.

condecoração aos envolvidos – incluindo Gorbachev – da Ordem do Estandarte Vermelho do Trabalho, importante honraria concedida pelo regime.<sup>39</sup>

Durante o ensino secundário, Gorbachev revela ter começado a se interessar mais atividade pela política, dando os primeiros passos do que viria a ser sua futura carreira. Ele se destacou enquanto líder estudantil, tornando-se secretário do *Komsomol*, a principal organização da juventude comunista soviética. Concluindo seus estudos em 1950 e levando consigo uma medalha por seu desempenho acadêmico, ele também seria aceito como candidato a membro do PCUS, o primeiro estágio na longa ascensão interna do partido.

### *A Universidade Estatal de Moscou*

Decidido a continuar sua formação, o futuro líder soviético toma uma ousada decisão: se candidatar à mais importante instituição acadêmica do país, a Universidade Estatal de Moscou M. V. Lomonosov (MGU).<sup>40</sup> Desde o período imperial, ela fora o principal núcleo de formação do pensamento científico, cultural e artístico da Rússia, tendo entre seus egressos personalidades de projeção global como os escritores Anton Chekhov e Ivan Turgenev, além de laureados pelo Prêmio Nobel em diversas áreas. O próprio Gorbachev reconhece que a maior parte dos seus colegas que optaram por ingressar no ensino superior, aplicaram para instituições de ensino regionais ou de menor prestígio, como era comum entre os estudantes de cidades menores e origem mais simples.

E se a instituição escolhida não fosse por si só surpreendente para um jovem camponês, a escolha do curso – Direito – não era menos atípica. A carreira jurídica não era objeto de desejo da grande maioria dos jovens naquele período. Diante das limitações e restrições impostas ao “Estado de Direito” na URSS, as instituições judiciárias não dispunham de grande prestígio entre a população e as carreiras de advocacia, promotoria e magistratura não contavam com grande credibilidade.<sup>41</sup> Vale lembrar que Gorbachev ingressou na MGU em 1950, enquanto a URSS ainda estava sob a liderança stalinista e permanecia a atmosfera de controle rígido e perseguição política.

---

<sup>39</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 38.

<sup>40</sup> A sigla MGU é uma abreviatura do nome em russo da instituição, *Moskovskiy Gosudarstvennyy Universitet*.

<sup>41</sup> SMITH, 1990, pp. 42-43.

Contrariando as expectativas, Gorbachev foi aceito pela Universidade e iniciou seus estudos. Embora não fossem grandes as probabilidades de um jovem camponês adentrar a uma instituição de prestígio como a MGU, o ex-líder soviético acredita que a aprovação de sua candidatura se deu graças a uma combinação de fatores: seu excelente histórico escolar (acompanhado da medalha de prata na conclusão dos estudos); a condecoração recebida em 1948, como reconhecimento de seu trabalho na colheita junto a seu pai; seu status de candidato a membro do PCUS; e, paradoxalmente, sua origem camponesa, que aliada aos demais fatores, fazia com que sua aceitação favorecesse o necessário “equilíbrio social” na composição do corpo discente institucional.<sup>42</sup>

O período em que realizou seus estudos universitários, bem como a experiência de se mudar para a capital do país, foram elementos centrais na formação de Gorbachev e seriam determinantes para suas escolhas futuras. Embora sempre reforce a importância de suas origens familiares e das experiências vividas na infância no Cáucaso, ele destaca em suas memórias que a MGU fora um ponto de virada na sua trajetória, influenciando os caminhos que tomaria dali em diante:

E, no entanto, foi a Universidade de Moscou que me deu o conhecimento abrangente e o vigor espiritual que foram decisivos nas escolhas que fiz. De uma coisa tenho certeza: sem esses cinco anos de estudos, não teria havido "Gorbachev, o político"<sup>iii</sup>

Não foi apenas a formação intelectual e política de Gorbachev que mudaram nesse período. Foi também na MGU que ele conheceu Raisa Maksimovna, com quem se casaria em 25 de setembro de 1953. Estudante de ciências sociais e com uma trajetória acadêmica ainda mais brilhante que a do próprio Gorbachev, Raisa se tornaria outra importante influência para o futuro líder. Em diversas ocasiões, o ex-líder soviético descreveu a proximidade e cumplicidade mantida na relação com sua esposa, com quem discutia ideias e reflexões sobre todos os temas e decisões que precisara lidar – uma narrativa que está presente também em biografias e nas memórias de Raísa.<sup>43</sup>

Em seus estudos, Gorbachev era tido como um aluno dedicado, sério e rigoroso. Assim como na escola, ele também ingressou no *Komsomol* da Universidade, ascendendo rapidamente na estrutura da organização. Sua imagem como líder estudantil

---

<sup>42</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 41-42.

<sup>43</sup> Cf.: GORBACHEV, R. 1992.

independente parece controversa: enquanto muitos de seus contemporâneos elogiam sua autonomia e coragem à época, outros procuram identificá-lo mais em conformidade com os limites estabelecidos pela ideologia oficial.<sup>44</sup> O historiador Achie Brown ressalta que àquela altura, ser comunista na URSS era sinônimo de stalinismo e Gorbachev estava ainda distante de associar os crimes cometidos e as deficiências do sistema à liderança de Stalin.<sup>45</sup> O próprio Gorbachev reconheceria que em hipótese alguma poderia ser considerado um dissidente àquela altura, mas descreve algumas situações em que seu posicionamento mais questionador quase lhe causara problemas, provocando desconforto junto a colegas e professores.<sup>46</sup>

Também durante sua jornada universitária em Moscou, o futuro líder soviético viveria outro importante acontecimento histórico, que marcaria os rumos de seu país: a morte de Stalin, em 1953. Mesmo tendo experienciado alguns dos momentos mais difíceis do regime sob a direção de Stalin, Gorbachev e sua família não o rejeitavam, mas, ao contrário, ainda compartilhavam em muitos aspectos a imagem do grande líder socialista. Assim como grande parte da população, Gorbachev relata que recebera a notícia do falecimento do então líder nacional com tristeza e preocupação. Com algumas exceções, havia, segundo ele, um sentimento generalizado da perda de uma grande liderança, a quem era creditada grande parte das conquistas do país em sua trajetória de industrialização e desenvolvimento:

Alguns estudantes tinham parentes vítimas dos expurgos e alguns já estavam mais ou menos cientes do caráter totalitário do regime. A esmagadora maioria dos estudantes estava, contudo, profundamente abalada com a morte de Stalin, entendendo-a como uma tragédia para o país. Um sentimento similar, eu não posso negar, brotou em mim naquele momento.<sup>iv</sup>

Essa visão idealizada do líder falecido seria fortemente abalada após a divulgação das denúncias feitas por Nikita Khrushchev<sup>47</sup> pouco tempo depois, em um relatório secreto lido durante o XX Congresso do PCUS. Ainda assim, Gorbachev relata que já nos primeiros meses que se seguiram à morte de Stalin, era notável uma mudança na atmosfera política e social do país. Não apenas nas discussões e atividades na

---

<sup>44</sup> SMITH, 1990, pp. 48-49.

<sup>45</sup> BROWN, 1996, p. 29

<sup>46</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 46.

<sup>47</sup> Nikita Serguêievitch Khrushchev foi secretário-geral do PCUS e líder máximo da URS, sucedendo Stalin em setembro de 1953 e sendo retirado do cargo pelo Comitê Central do PCUS em outubro de 1964.



Universidade, mas nos próprios meios de comunicação em geral, o ambiente parecia se tornar gradualmente mais aberto e dinâmico. E mesmo antes das críticas que seriam dirigidas ao antigo líder, essa nova realidade abriu margem para os primeiros questionamentos na sociedade – e do próprio Gorbachev – acerca da natureza do regime durante as três décadas anteriores.<sup>48</sup>

Em relação à vida estudantil, Gorbachev e Raísa descrevem um cenário bastante similar em suas memórias: embora fosse um tempo feliz e que trouxera experiências singulares, os anos como estudante em Moscou foram marcados por algumas dificuldades, notadamente em relação à manutenção financeira. Vindos de famílias menos abastadas, recebiam uma pequena bolsa de estudos paga pelo Estado, além de realizar pequenos trabalhos esporádicos para complementar a renda.<sup>49</sup> A grande maioria de seus colegas, contudo, era oriunda da própria capital ou das grandes cidades, cujas famílias faziam parte da elite do regime, ocupando cargos mais elevados no partido e na administração, o que sinalizava ao jovem casal que nem todas as diferenças e injustiças haviam sido superadas na sociedade soviética.

As amizades construídas nesse período também acompanhariam Gorbachev em sua jornada. Vale lembrar que dada a relevância e centralidade da instituição, os jovens estudantes da MGU formavam a base das novas gerações de políticos, intelectuais e cientistas do país mesmo antes da Revolução. Raísa, por exemplo, foi colega de Yuri Levada - sociólogo, cientista político e fundador de um importante centro de pesquisas russo. Já Gorbachev convivera diretamente com o tcheco Zdenek Mlynar<sup>50</sup>, que alguns anos depois se tornaria um dos grandes líderes reformistas do Partido Comunista da Tchecoslováquia durante a “Primavera de Praga”, em 1968. O ex-líder soviético afirma que como estudantes nenhum dos dois poderia ser classificado como dissidente, já que não expressavam diretamente opiniões críticas ao regime. Ainda assim, ambos declararam posteriormente que já naquele momento discutiram inúmeras vezes sobre os problemas crônicos das duas nações socialistas.<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 48.

<sup>49</sup> GORBACHEV, R. 1992, p. 62.

<sup>50</sup> Zdenek Mlynar foi um intelectual e membro do Partido Comunista da Tchecoslováquia, que atuou como uma das principais lideranças das iniciativas reformistas que ficaram conhecidas como Primavera de Praga, em 1968.

<sup>51</sup> Algumas dessas discussões são citadas em: GORBACHEV, 1996a, pp. 41-55; e GORBACHEV. MLYNAR, 2002, pp. 13-27.

Ao completar sua formação superior na principal universidade do país, Gorbachev acrescentaria ao seu currículo um componente importante, que o distinguiria de seus futuros colegas no alto escalão do PCUS – em sua maioria formados por instituições regionais e de prestígio inferior. Como aponta Brown, o diploma de Gorbachev lhe forneceu ao mesmo tempo um trunfo e uma desvantagem em seu processo de ascensão dentro do partido: de um lado, reforçava suas credenciais enquanto corpo técnico qualificado, ao mesmo tempo que, por outro, indicava aos seus superiores e colegas que ele tinha condições de assumir uma linha de análise e pensamento mais independente.<sup>52</sup>

### *Da carreira jurídica à vida política*

Após concluir seus estudos universitários em 1955, Gorbachev decide regressar com Raísa para a região de Stavropol. Embora continuasse a participar das atividades do *Komsomol* e do PCUS, sua primeira iniciativa na carreira profissional não se deu na política, mas sim na área jurídica, atuando no escritório da promotoria soviética da cidade de Stavropol.<sup>53</sup> Mas essa experiência foi curta: descontente com a burocracia e falta de empatia de seus colegas, ele abandona o posto na instituição judicial e naquele mesmo ano passou a trabalhar no Comitê Regional do *Komsomol*, ingressando na coordenação do departamento de agitação e propaganda da organização.

O início da carreira política de Gorbachev se deu durante um período de grandes transformações, promovido a partir da ascensão de Nikita Khrushchev ao poder. Na segunda metade dos anos 1950, o novo líder do regime vinha promovendo uma série de mudanças na estrutura política e econômica do país, naquela que seria a primeira grande tentativa de reforma do sistema soviético – processo que, mais tarde, inspiraria a *perestroika*, implementada por Gorbachev na década de 1980. Em linhas gerais, Khrushchev pretendia combater o centralismo excessivo do sistema de gestão, que na sua avaliação estaria na base das distorções políticas e econômicas que marcaram o período stalinista. Para tanto, promoveu uma maior descentralização na gestão do sistema, o que garantiu maior espaço de atuação e autonomia aos órgãos locais de governo e do partido. Ao mesmo tempo, o líder pretendia ampliar o apoio dos dirigentes locais às reformas e a sua própria liderança.

---

<sup>52</sup> BORWN, 1996, pp. 29-30.

<sup>53</sup> A *Prokuratura* - ou Promotoria – era o órgão responsável pela condução das investigações e dos processos criminais na URSS.

Vale lembrar ainda que as propostas de reforma no sistema socialista não eram uma exclusividade na URSS nesse período. Outros países do bloco implementaram projetos reformistas, que variavam de programas mais tecnocratas, como a República Democrática da Alemanha, até propostas mais radicais, como na Tchecoslováquia. Neste último caso, a tentativa do governo em introduzir mudanças mais significativas no modelo de gestão econômica e avançar na abertura política do regime acabou sendo vista como uma ameaça por Moscou e resultou na intervenção das tropas soviéticas para pôr fim ao movimento. Os desdobramentos da Primavera de Praga, como ficou conhecido esse episódio em 1968, seriam fundamentais para o arrefecimento das tentativas de reformulação dentro da URSS nos anos 1960 e o reforço do modelo dirigista na década seguinte.

Gorbachev estava ainda ascendendo na organização da juventude comunista quando, durante o XX Congresso do PCUS de 1956, Khrushchev faria a leitura de um relatório sigiloso denunciando os crimes cometidos por Stalin - documento que se tornou rapidamente conhecido e comentado em todo o país. Enquanto dirigente do *komsomol*, Gorbachev teve acesso rápido ao documento na íntegra. Ele afirma que as acusações do então secretário-geral do CC do PCUS em relação a atuação de seu antecessor abalaram política e psicologicamente toda a população.<sup>54</sup>

Na esfera local, a reação das lideranças partidárias e das demais organizações foi bastante polarizada. Enquanto alguns expressaram forte apoio à Khrushchev, outros se recusavam a aceitar o teor das acusações contra o ex-dirigente soviético. Gorbachev estava entre aqueles que admiravam a coragem do líder e que entendiam a necessidade de mudanças em todo o sistema. Para Hedrick Smith, tal postura estava alinhada à “Geração Khrushchev”, como ele define o grupo de jovens lideranças reformistas que vivenciaram e apoiaram as transformações pós-stalinistas das décadas de 1950 e 1960, compondo anos depois a base do movimento a favor da *perestroika*.<sup>55</sup>

A ascensão política de Gorbachev no *Komsomol* foi bastante acelerada. Ainda em setembro de 1956, ele foi indicado como primeiro secretário do *Komsomol* na Cidade de Stavropol, o que na prática o colocava na liderança municipal da organização. Menos de cinco anos depois, em 1961, ele alcançaria o posto de primeiro

---

<sup>54</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 61.

<sup>55</sup> SMITH, 1990, pp. 54-56.

secretário do Comitê Regional, o cargo mais alto na burocracia local da organização. Tal posição deu a ele a possibilidade de participar como delegado no XXII Congresso do PCUS, o evento político mais importante do regime soviético, no qual grandes decisões e políticas oficiais eram debatidas e referendadas.

Nesta edição do congresso, a liderança soviética aprovou importantes medidas com vistas à “desestalinização” do regime, incluindo o ato simbólico de remoção do corpo de Stalin do mausoléu de Lenin, em Moscou. Além disso, Khrushchev propôs um audacioso plano para que em vinte anos a URSS chegasse ao Comunismo, prevendo que ao longo da década de 1960 o país superaria os norte-americanos em produção per capita. Gorbachev relata em suas memórias que considerava como positivas as medidas de combate ao culto à personalidade instalado durante o período stalinista, mas afirma também que receava a crescente idealização da figura de Khrushchev. Além disso, Gorbachev recorda ter recebido com empolgação o novo programa adotado pelo partido, embora já desconfiasse de seu tom excessivamente triunfalista.<sup>56</sup> A experiência na esfera local parecia sinalizar ao jovem líder a distância entre o discurso moscovita e a realidade.

De volta a Stavropol, a posição de líder regional do *Komsomol* colocava Gorbachev em contato direto com a elite política de sua região. Dentre as lideranças comunistas da época, ele se aproximaria do então primeiro secretário do Comitê Regional do PCUS (*Kraikom*) no *krai* de Stavropol, Fedor Kulakov, a quem Gorbachev descreve como sendo um homem dotado de “invejável firmeza e de natureza aberta”.<sup>57</sup> Kulakov se tornaria um dos principais padrinhos políticos de Gorbachev durante a primeira fase de sua carreira política. Foi ele inclusive que o aconselhou a se transferir definitivamente do *Komsomol* para os quadros do partido. Mesmo após a transferência de Kulakov para o Comitê Central do PCUS, em outubro de 1964, os dois mantiveram uma relação de proximidade, permanecendo em contato ao longo dos anos seguintes.<sup>58</sup> Kulakov assumiria a secretaria do CC responsável pela política agrícola, o que teria um papel fundamental para o futuro da carreira política de Gorbachev.

---

<sup>56</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 69.

<sup>57</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 73.

<sup>58</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 74.

Acatando o conselho de seu aliado, Gorbachev ingressou na estrutura partidária em março de 1962. E poucos meses depois já foi indicado para chefiar o Departamento de Órgãos Partidários no *Kraikom*. Tal função era bastante estratégica e importante, uma vez que, dentre suas atribuições, estava a seleção e formação dos quadros partidários locais, incluindo nomeações para os principais cargos do poder da região, tanto na organização interna do PCUS quanto nas estruturas produtivas e órgãos da administração estatal localizados no *krai*.<sup>59</sup> E para alguém que almejava ascender na carreira partidária em uma região essencialmente agrícola, a formação em direito não parecia a mais adequada. Sendo assim, Gorbachev decide, ainda no mesmo ano, ingressar no instituto local de agricultura, obtendo o título de agrônomo cinco anos mais tarde.

Atuando no Comitê Regional, Gorbachev assistiu à queda de Khrushchev, retirado da posição de secretário-geral por decisão do próprio Comitê Central do PCUS, em outubro de 1964. Para ele, o ex-líder soviético teve um papel fundamental na tentativa de reformulação do sistema, no relaxamento das tensões internacionais e nas denúncias dos crimes cometidos durante o período stalinista, mas considera que todas essas iniciativas haviam sido conduzidas de forma inconsistente e titubeante, o que acabou levando a um novo período de crise e insatisfação.<sup>60</sup> E se as reformas serviriam de inspiração para sua futura *perestroika*, o destino final de Khrushchev alertaria Gorbachev para os riscos decorrentes de qualquer tentativa de mudança mais profunda no sistema.

Em setembro de 1966, Gorbachev foi eleito primeiro secretário do comitê partidário da cidade de Stavropol. Ele afirma que embora essa nova função fosse considerada hierarquicamente inferior à que ocupava anteriormente, ele optara pela mudança por entender que o trabalho no comitê municipal era menos burocrático e mais autônomo.<sup>61</sup> Seu principal desafio naquele momento consistia em colocar em prática um audacioso plano de modernização para a cidade, que englobava desde a requalificação urbana até a instalação de grandes plantas industriais. Tal plano mantinha estreita relação com o novo ciclo de reformas modernizantes, preconizadas agora pelo primeiro-

---

<sup>59</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 74.

<sup>60</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 70-71.

<sup>61</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 77.

ministro Aleksei Kosygin.<sup>62</sup> Gorbachev destaca, contudo, que o sucesso dessa empreitada esbarrava em problemas crônicos do sistema: falta de recursos, falhas no planejamento e pouco apoio dos órgãos centrais.<sup>63</sup>

Também em 1966, Gorbachev realizou sua primeira viagem ao exterior, participando de uma comitiva oficial que visitou a República Democrática da Alemanha. Naquela época, a liderança comunista do país europeu introduzia também uma série de reformas, focadas em mudanças nos mecanismos de planejamento e gestão econômica - medidas que mais tarde também influenciariam a *perestroika*.<sup>64</sup> Três anos depois, Gorbachev viajaria novamente para o leste europeu, desta vez visitando a Bulgária e a Tchecoslováquia. Este último destino foi particularmente marcante, uma vez que sua chegada ao país se deu poucos meses depois da intervenção soviética que colocou fim à Primavera de Praga. Embora reconheça que à época aceitara o argumento oficial e considerara legítima a atuação da liderança moscovita, a reação fria ou até hostil dos checos e eslovacos durante a sua passagem o fez repensar sobre os pilares da “amizade indestrutível dos povos socialistas” e do discurso pacifista soviético.<sup>65</sup>

Sua atuação à frente do comitê do partido na cidade de Stavropol fizera com que seu prestígio crescesse não apenas entre os membros da elite política local, mas alcançasse também as atenções dos gabinetes moscovitas. Mesmo na esfera regional, os cargos mais altos de liderança eram indicados ou, no mínimo, aprovados pela cúpula partidária, reforçando os mecanismos de controle e estabilidade política do regime. Nesse sentido, em agosto de 1968, ele alcançaria o posto de segundo secretário do Comitê Regional do PCUS, o que na prática o colocava na segunda posição mais importante da hierarquia partidária local. Finalmente, em abril de 1970, Gorbachev foi escolhido para o cargo de primeiro secretário do Comitê Regional no *krai* de Stavropol.

### ***Os tempos de líder local***

O período entre seu ingresso no Comitê Regional do *Komsomol* e sua nomeação para o cargo de primeiro secretário do *Kraikom* de Stavropol são definidos por

---

<sup>62</sup> Aleksei Nikolayevich Kosygin foi uma importante liderança soviética, atuando como presidente do Conselho de Ministros da URSS entre 1964 e 1980.

<sup>63</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 78.

<sup>64</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 99.

<sup>65</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 100-102.

Gorbachev como anos felizes, porém difíceis.<sup>66</sup> Isso porque, segundo ele, as condições de vida e trabalho nos escalões mais baixos da burocracia não eram muito favoráveis. Gorbachev relata dificuldades para arcar com despesas de alimentação e moradia, longos turnos de trabalhos e pequenas viagens oficiais realizadas sem nenhuma pompa, pedindo carona ou andando a pé entre povoados e fazendas. Ainda assim, conforme ascendia nas fileiras locais do PCUS, a vida dele e de sua família também refletiam essa melhora.

Assumindo o comando do Comitê Regional do partido, Gorbachev adentrara em um seletivo e respeitado grupo na escala do poder soviético. Conforme mencionado anteriormente, a escolha dos dirigentes que ocupavam tais posições era realizada pela elite do partido em Moscou e, uma vez empossados, os líderes regionais dispunham de uma situação privilegiada:

Eles [primeiros secretários] eram um dos pilares de sustentação do regime. Apesar da fragmentação em filiais e unidades administrativas, todas as instituições estatais e sociais eram ligadas ao sistema através deles. Eles possuíam a maioria dentro do Comitê Central do Partido, influenciaram a escolha do secretário-geral e, graças a esse fato, tinham uma posição privilegiada. O sistema recrutava os líderes mais ativos e enérgicos em todas as áreas [...] Mas, se algum desses líderes chegasse a ser indicado a uma nomenclatura, era necessário que ele passasse a se comportar estritamente segundo as regras do jogo.<sup>67</sup>

Reforçando essa visão, em março de 1971, Gorbachev foi escolhido como membro do Comitê Central, órgão no topo do poder partidário (e do regime) na URSS. Três anos depois, ele também seria eleito deputado no Soviete Supremo, o parlamento soviético. Consolidada, portanto, sua atuação na liderança regional, ele dava os primeiros passos na ascensão política junto ao núcleo central do poder soviético. Desde 1964, conforme mencionado anteriormente, Gorbachev contava com um aliado importante em Moscou, Kulakov, que na década de 1970 ocupava o cargo de Secretário do CC para a Agricultura, principal atividade desenvolvida pela região comandada pelo futuro líder soviético.

---

<sup>66</sup> GORBACHEV, 2016b, p. 141.

<sup>67</sup> GORBACHEV, 2016b, p. 163.

Além de uma importante região agrícola, Stavropol também era popular por seu clima ameno, convertendo-as em um dos mais frequentes destinos de descanso da cúpula partidária. Segundo o protocolo, as altas lideranças moscovitas que se hospedavam nas colônias de férias eram recebidas pelo dirigente local do partido. Foi assim, por exemplo, que Gorbachev se aproximou de Aleksei Kosygin e Yuri Andropov – este último, a época chefe da KGB, se tornaria anos mais tarde secretário-geral do CC do PCUS e um dos principais aliados de Gorbachev em sua ascensão política em Moscou.<sup>68</sup> A construção de laços com integrantes do alto escalão era fundamental para qualquer um que almejasse galgar posições mais elevadas na estrutura do regime.

Sua chegada ao topo da hierarquia partidária regional não o tornaria mais conhecido somente a entre elite moscovita. Seus discursos e posicionamentos também ganharam maior espaço e repercussão na mídia oficial, sendo publicados não apenas nos jornais e meios de comunicação locais, mas também em escala nacional. Uma breve leitura de algumas de suas manifestações entre 1971 e 1978 – ano de sua mudança para a capital – nos permite compreender como o futuro líder reformista abordava alguns traços fundamentais do sistema soviético durante sua ascensão no PCUS. Convém destacar, contudo, que na posição de líder local, grande parte de suas intervenções nesse período refletem as limitações de sua esfera de atuação, menos ligada à formulação e discussão de políticas oficiais, e mais focadas na execução, propaganda e nos resultados alcançados pelo regime.

Convém ainda destacar que o seu período enquanto líder regional se deu durante a chamada Era da estagnação, como ele próprio definiria a realidade soviética nos anos 1970, sob a liderança de Leonid Brezhnev. Naquela década, os índices econômicos apontavam para a redução no ritmo de crescimento da economia soviética, enquanto a liderança soviética parecia ignorar os sinais que indicavam a necessidade de introduzir alterações no sistema, mantendo intacta a estrutura do sistema dirigista e o enfoque nas estratégias de desenvolvimento extensivo. Por muitos anos, contudo, o declínio dos indicadores na economia não se fazia sentir entre a população soviética, uma vez que a alta no preço dos hidrocarbonetos – importante item da pauta de exportação soviética - injetou uma quantidade significativa de recursos na economia do país, permitindo ao governo inclusive ampliar a oferta de bens de consumo via importação.

---

<sup>68</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 95-97.



Durante os anos em que esteve à frente da organização partidária em Stavropol, o foco de sua atenção estava voltado para o principal setor econômico de sua região, a agricultura. Esforços foram feitos para a execução de grandes projetos de irrigação e para tornar as metas de produção agrícola mais realistas.<sup>69</sup> Ele procurou também ampliar o grau de autonomia das fazendas estatais e coletivas e incentivou a produção dos lotes concedidos a usufruto dos camponeses, no intuito de dinamizar e ampliar a produção local.<sup>70</sup> Muitas das medidas adotadas neste momento estariam na base das principais políticas de reforma aplicadas ao setor agrícola a partir de 1985.

Em um artigo publicado em 1976 no jornal *Kommunist*, importante veículo de comunicação ideológica do regime, Gorbachev apontava que a solução para os problemas da agricultura, especialmente no que diz respeito ao aumento da produção de alimentos, passava pela combinação dos avanços tecnológicos às vantagens do planejamento eficiente na economia soviética.<sup>71</sup> Um dos principais gargalos do setor, segundo ele, estava na oferta restrita de insumos, equipamentos e recursos para atingir as metas previstas, como consequência das falhas cometidas por autoridades de planejamento e logística na esfera central – uma reclamação bastante recorrente entre os líderes locais.<sup>72</sup>

Ele ressaltava ainda a necessidade de se ampliar os estímulos subjetivos e materiais aos trabalhadores, vistos como elementos fundamentais para o incremento da eficiência e do compromisso com o trabalho.<sup>73</sup> O dirigente afirma que tais estímulos não deveriam se limitar a bonificações e outros pagamentos em espécie, mas incluir também a melhora na oferta dos serviços públicos e das condições de vida da população rural. Paralelamente, grande parte da argumentação de Gorbachev para o aumento da produtividade agrícola se voltava para a necessidade de reforçar a disciplina e a educação ideológica das massas, resgatando a moralidade e os valores do socialismo – uma abordagem bastante comum ao longo da história soviética, que inspiraria as ideias

---

<sup>69</sup> SMITH, 1990, p. 63.

<sup>70</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 92.

<sup>71</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 123.

<sup>72</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 126.

<sup>73</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 124.

reformistas de alguns dos aliados de Gorbachev durante a *perestroika*, a exemplo de Yegor Ligachev.<sup>74</sup>

Gorbachev também defendia a necessidade de incrementar as formas de lazer e o acesso à cultura da população rural, como forma de fortalecer a formação ideológica e combater a permanência de velhas práticas e mentalidades:

Pesquisas mostram que o tempo gasto com entretenimento doméstico aumentou. Em geral, esse é um fenômeno positivo. Mas a tendência indesejável é que o consumo de valores culturais prevaleça sobre sua criação. O desenvolvimento unilateral, em vários casos, de formas domésticas de atividade cultural, bem como a atração de uma parte da população em formas de lazer passivas e de baixo conteúdo, de forma alguma contribuem para o desenvolvimento harmonioso do indivíduo.<sup>75</sup>

Outro recurso visto como fundamental para o incremento da produtividade era a realização das competições ou emulações socialistas, nas quais grupos de trabalhadores concorriam entre si para atingir determinados objetivos a partir da introdução de novas técnicas ou formas de organização do trabalho. Em um artigo publicado anteriormente na revista local *Don*, Gorbachev já havia destacado que essas competições não apenas serviam como mecanismo de estímulo, mas ainda reduziam os custos e abriam espaço para a atuação criativa dos trabalhadores – elementos que também estarão na pauta das futuras reformas lideradas por ele.<sup>75</sup>

Embora tenha focado boa parte de sua argumentação nos mecanismos mais tradicionais adotados pelo regime para o incremento da produtividade – reforço a disciplina, educação ideológica, prêmios e honrarias – Gorbachev avança em alguns pontos mais sensíveis, como na crítica à permanência de tendências igualitaristas, que segundo ele, distorciam a vinculação da remuneração ao trabalho e aos resultados alcançados. Buscando legitimidade nos ensinamentos de Lenin, ele volta a defender que os pagamentos e bonificações deveriam ser utilizados como instrumentos de estímulo ao trabalho, seguindo o princípio socialista “De cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo o seu trabalho”.<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> Cf.: ASLUND, 1989, pp. 48-54.

<sup>75</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 84.

<sup>76</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 87.

Ao discutir a importância de se difundir as melhores práticas e as conquistas alcançadas nas iniciativas dos trabalhadores, Gorbachev destaca o papel central dos meios de comunicação. Nesse ponto, ele defende uma política de maior transparência – *glasnost* – que não apenas noticiasse essas experiências, mas que cumprisse também um papel educativo, aprofundando o conhecimento da população sobre elas e promovendo sua difusão e replicação:

A maioria das organizações partidárias entende que a essência da transparência [*glasnost*] não é apenas "tornar públicos" compromissos, dialetos, iniciativas, conquistas ou deficiências, mas também equipar cada participante da competição com as informações necessárias sobre as conquistas das melhores práticas, para atender o grande público a ressonância de nossos sucessos e fracassos. Para o efeito, foram criadas sedes municipais e distritais para o apuramento rápido, qualificado e público dos resultados do concurso, que utilizam todos os meios de comunicação.<sup>vi</sup>

Mas a responsabilidade pelo incremento da produtividade e o cumprimento dos planos não se restringia à atuação dos trabalhadores comuns. Na visão de Gorbachev, ela era compartilhada também pelos dirigentes e pelas autoridades nas diversas esferas da gestão econômica. Em outro artigo, publicado em 1975 no jornal *Izvestia*, Gorbachev discute o papel dos líderes e sua autoridade na condução e nos resultados das políticas econômicas. Na ocasião, ele defende como dever de cada dirigente coordenar e fazer o que estiver ao seu alcance para a execução dos planos oficiais, os quais correspondiam aos principais instrumentos na construção do comunismo.<sup>77</sup>

Gorbachev dirige também críticas ao que considerava uma casta de líderes supercontroladores e burocratas, que tolhiam a iniciativa dos trabalhadores e contribuíam para a atmosfera de passividade e leniência. Tais autoridades, segundo ele, se convertiam em meros performers, gestores inseguros que não confiavam em seus subordinados e temiam mudanças no *status quo*. Para o autor, os dirigentes deveriam desempenhar a coordenação dos processos produtivos, orientando a execução dos trabalhos, incentivando a iniciativa e a criatividade dos trabalhadores, além de assumir a responsabilidade coletiva pelos resultados obtidos.<sup>78</sup> Embora embrionária, já se nota no

---

<sup>77</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 96.

<sup>78</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 97.

discurso uma preocupação com a vinculação dos agentes – trabalhadores e gestores – em relação ao produto do seu trabalho.

A fim de aprimorar o processo de gestão, o autor também defendeu a necessidade de se ampliar os canais de comunicação entre dirigentes e as massas. Os gestores deveriam ampliar os canais de contato com a população, buscando conhecer suas necessidades, em uma interação franca e direta, sem recair em um mero formalismo. Gorbachev entendia ainda que as autoridades, nas mais diferentes esferas da administração, deveriam adotar um posicionamento mais proativo e cumprir com sua palavra e os compromissos assumidos, uma vez que as promessas não cumpridas por eles afetavam a legitimidade do regime como um todo.<sup>79</sup> Em suma, a autoridade do líder não deveria ser entendida como produto de cargos e prerrogativas oficiais, mas sim da atuação e do exemplo pelo trabalho desempenhado:

O líder é sempre o lutador político do partido. A autoridade de um líder depende principalmente de sua convicção ideológica, da fé mais profunda na correção dos ensinamentos de Lenin, da capacidade de convencer as pessoas da correção da linha do partido, de liderá-las, de organizar a implementação bem-sucedida dos planos para a construção comunista. [...]

Também é muito importante como uma pessoa trabalha a si mesma, como ela conhece e, o mais importante, realiza o trabalho que lhe foi confiado. As pessoas julgam um líder não por palavras, por mais bonitas que sejam, mas por atos, por como ele age, como luta para implementar as decisões e planos do partido e do Estado.<sup>vii</sup>

Outro tema recorrente nas manifestações de Gorbachev no período tratava da necessidade em reforçar os mecanismos de propaganda e formação política, especialmente entre as gerações mais jovens. Se anos mais tarde, a juventude seria alçada por Gorbachev à função de motor das transformações que marcaram a *perestroika*, nos anos 1970 o então primeiro secretário do *kraikom* de Stavropol parecia mais preocupado em garantir a educação ideológica dos jovens soviéticos. Sobre essa questão, sua posição parecia bastante alinhada ao discurso oficial, reafirmando muitos jargões e dogmas do regime. Em um artigo publicado no jornal “Questões da história do

---

<sup>79</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 98.

PCUS”, ainda em 1971, Gorbachev ressalta a importância da instrução comunista e da teoria marxista-leninista para a juventude:

De todas as tarefas da educação comunista dos jovens, a principal é a formação de uma visão de mundo marxista-leninista e da moral comunista. As organizações partidárias devem assegurar-se de que os membros do *Komsomol*, todos rapazes e moças, dominem criativamente a teoria revolucionária, desenvolvam a consciência de classe e cultivem uma atitude comunista em relação ao trabalho e à propriedade socialista. Eles devem fazer de tudo para apoiar e desenvolver nos jovens o desejo de compreender de forma independente os fenômenos da vida social, para que cada jovem entenda as leis do desenvolvimento da sociedade e possa compreender as complexidades da situação política moderna.<sup>viii</sup>

Na ocasião, Gorbachev também ressaltou a necessidade de se valorizar a criatividade e a atuação independente da juventude, qualidades que considerava necessárias para a construção do socialismo, juntamente com a experiência e maturidade.<sup>80</sup> Interessante notar que em vários momentos, ao defender uma maior participação dos jovens na estruturas de governo e do partido, Gorbachev parece dar mais enfoque à mudança e às contribuições que o PCUS trazia para a formação dos jovens, e não ao impacto positivo que essa juventude poderia provocar na refrigeração do partido. Como exemplo, ele afirma que a educação ideológica consistia em um elemento fundamental para a correção de distorções e imaturidades ainda existentes entre alguns jovens na URSS:

A formação da geração mais jovem nas tradições revolucionárias, militares e trabalhistas é um processo contínuo, e as organizações partidárias da região não podem enfraquecer sua atenção a ela, aprimorando constantemente este trabalho com os jovens. Isso é tanto mais necessário porque entre os jovens ainda existem pessoas apolíticas, com uma mentalidade de propriedade privada, embriaguez, hooliganismo e outros fenômenos negativos. Isso sugere que nem tudo foi alcançado pela educação comunista dos jovens, que as organizações do partido precisam intensificar seu trabalho para equipar os jovens com a ideologia marxista-leninista, para educar patrioticamente a geração mais jovem.<sup>ix</sup>

---

<sup>80</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 45.

Pouco tempo depois, Gorbachev escreveria um artigo para o livro *Aprenda com Lenin, aprenda o Comunismo*, em 1976, em que não apenas reafirmava a visão do artigo anterior como também defendia a validade da educação marxista-leninista como resposta às ameaças do imperialismo burguês, que, em meio a disputa entre os sistemas, procurava corromper os jovens com sua ideologia egoísta, enfraquecendo sua consciência de classe e estimulando seu ceticismo e sua insurreição contra as gerações mais velhas.<sup>81</sup>

Convém destacar que durante a Era Brezhnev, o regime soviético experimentou um resfriamento em relação ao processo de abertura iniciado com a morte de Stalin em 1953. Embora a perseguição política e os abusos cometidos não se equiparassem aos expurgos das décadas de 1930 e 1940, a censura fora reforçada e a própria imagem de Stalin passou a ser reparada, reduzindo as críticas ao dirigente e sua atuação à frente do PCUS. Nesse cenário, o alinhamento ideológico era um elemento chave para a ascensão nos quadros partidários, uma vez que qualquer perspectiva de mudança parecia distante dos interesses da liderança. E por mais que jovens dirigentes como Gorbachev pudessem identificar falhas nos mecanismos de gestão, dificilmente manteriam suas posições caso seus discursos destoassem do receituário oficial.

Nessa perspectiva, as manifestações de Gorbachev acerca da organização e do funcionamento do sistema político no país – tema central nas reformas por ele implementadas durante a década de 1980 - mantém ainda uma fina sintonia ao discurso oficial do regime. Em um artigo publicado no livro *Problemas da política agrária do PCUS na atualidade*, lançado em 1975, ele defende a indissociabilidade entre o socialismo e a democracia e atribui ao PCUS o papel de fiel da balança, de força motriz da democracia socialista, sendo responsável por sua coesão e representatividade:

O desenvolvimento contínuo da democracia socialista, refletindo as necessidades sociais urgentes, não é um processo espontâneo, mas sim resultado direto da atividade proposital do PCUS. O papel de liderança do PCUS no sistema de democracia socialista deve-se principalmente aos seus laços profundos com as massas trabalhadoras, ao fato de que em todas as suas atividades ele é orientado por leis objetivas de desenvolvimento social, corretamente entendidas. Expressando os interesses fundamentais de todas

---

<sup>81</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 138-139.

os grupos e camadas da sociedade socialista, o partido é uma força unificadora e coordenadora, a vanguarda de todo o povo. Em outras palavras, o Partido Comunista é o fator subjetivo mais importante que dá unidade interna a toda a organização política da sociedade socialista, fornece a possibilidade de implantação integral da democracia socialista.<sup>x</sup>

Nota-se uma defesa bastante sólida do PCUS, ao qual se atribui não apenas o papel de força condutora da sociedade, mas o correto entendimento das leis objetivas do desenvolvimento social e uma estreita proximidade com os trabalhadores. Em que pese os limites impostos pelo regime às censuras dirigidas ao partido, o teor bastante moderado das reflexões de Gorbachev e conteúdo pontual de suas propostas parecem sinalizar que o líder ainda não havia construído uma visão mais crítica da atuação da organização, vinculando-o diretamente aos desvios do modelo soviético – análise que se desenvolveria mais claramente ao longo da *perestroika*.

Ainda assim, a despeito desse diagnóstico bastante positivo, Gorbachev identifica algumas oportunidades de aprimoramento no sistema político de seu país. O maior desafio para o avanço da democracia socialista naquele momento consistia no incremento da participação dos trabalhadores na gestão e na vida política, social e produtiva da sociedade.<sup>82</sup> Para tanto, o autor reforça a necessidade de ampliar a democratização e aprimorar as atividades desenvolvidas pelos soviéticos, especialmente na esfera local (empresas, fazendas, etc.), ampliando seus direitos e, ao mesmo tempo, tornando-os parte mais ativa na gestão do país. Outra medida entendida como positiva seria o fortalecimento da representatividade de categorias profissionais, associações técnicas e científicas e outras organizações políticas do país.

Em outras palavras, Gorbachev não defende nesse momento qualquer medida mais radical de abertura política, nem alterações profundas no funcionamento político do regime. Ao contrário, ele aponta que a democracia socialista depende da manutenção da ordem e da organização do regime, sob a liderança estatal centralizada em escala nacional. O autor se mostra naquele momento contrário a medidas que, nas suas palavras, violassem o centralismo democrático instituído por Lenin. A democratização da sociedade em todas as suas esferas estaria, por sua vez, diretamente relacionada ao fortalecimento do planejamento centralizado na gestão da sociedade:

---

<sup>82</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 113.

A busca consistente do caminho para o desenvolvimento da democracia socialista nas condições atuais procede do fato de que a democracia sob o socialismo não pode ser algo vago e indefinido, como parece aos homens comuns e aos elementos anarquistas. A democracia socialista é caracterizada pela ordem e organização, bem como pela liderança estatal centralizada em escala nacional, sem a qual o sistema da democracia socialista não pode funcionar normalmente. [...]

A expansão da democracia, sua penetração profunda em todas as esferas da vida - economia, política, cultura, ciência, etc. - está dialeticamente interligada com o fortalecimento do princípio do planejamento centralizado na liderança da sociedade. O desenvolvimento saudável das esferas materiais e espirituais da sociedade hoje é impossível sem a ampla participação criativa das massas e sem liderança centralizada.

A violação da dialética do centralismo democrático está relacionada ao surgimento de distorções políticas e sociais, à manifestação de disparidades no desenvolvimento das esferas econômica e social da sociedade.<sup>xi</sup>

Ainda na esfera da gestão democrática, Gorbachev considerava fundamental o tratamento adequado às cartas e mensagens encaminhadas pela população aos dirigentes. De fato, muitos cidadãos soviéticos encaminhavam pelo correio demandas, reclamações e elogios às mais diferentes esferas da administração do país. Em um artigo publicado na revista *Vida Partidária*, em 1975, ele destacou a importância da análise crítica das reclamações encaminhadas por populares, as quais muitas vezes revelam deficiências no estilo e métodos de trabalho de algumas organizações partidárias e soviéticas, além de graves erros na atividade de dirigentes econômicos individuais.<sup>83</sup> A origem dessas falhas estaria, segundo ele, na falta de contato dos dirigentes com os trabalhadores da linha de frente, com o cotidiano das empresas e fazendas, substituindo uma liderança presente e ativa por documentos e ordens administrativas formais.<sup>84</sup>

A necessidade de aprimorar os canais de contato – via trato das cartas – e a participação popular – nas instâncias representativas como soviets e sindicatos - sinaliza que já naquele momento Gorbachev demonstrava alguma preocupação com o distanciamento da população em relação ao regime. Ainda assim, suas propostas se

---

<sup>83</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 102-103.

<sup>84</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 108.



mantêm nos limites da correção de pequenas falhas e no reforço da propaganda e da agitação, medidas que não representavam qualquer ruptura ou avanço em relação às práticas rotineiras de burocracia soviética.

Outro tema já presente nas manifestações de Gorbachev nos anos 1970 e que mais tarde voltaria ao centro das discussões políticas durante a *perestroika* foi a política para as nacionalidades na URSS. Conforme mencionado, a região do Cáucaso, onde se localiza Stavropol, é habitada por diferentes povos e nacionalidades, que migraram para a região, voluntariamente ou não, em diferentes momentos históricos, sendo palco de conflitos violentos e de exemplos de coexistência pacífica. Em um artigo publicado no jornal local *Stavropolskaya Pravda*, Gorbachev faz uma defesa sólida da política para as nacionalidades conduzidas pelo PCUS. E os méritos dessa política são creditados ao líder revolucionário, Vladimir Lenin:

Desenvolvendo criativamente as ideias de Marx e Engels, Vladimir Ilyich Lenin criou uma doutrina coerente sobre a questão das nacionalidades. Lenin definiu as bases do programa do partido para as nacionalidades: o direito das nações à autodeterminação, a igualdade completa de todos os povos, grandes e pequenos, a unificação dos trabalhadores e camponeses de todas as nações e nacionalidades na luta pelo socialismo.<sup>xii</sup>

Para o autor, uma das grandes provas do sucesso dessa política se traduzia nos avanços alcançados por vários desses povos após a revolução, especialmente em relação à educação e desenvolvimento econômico.<sup>85</sup> Ao mesmo tempo, Gorbachev expressa uma visão bastante ortodoxa quanto aos processos de industrialização e coletivização conduzidos durante os anos 1930, atribuindo o mérito das conquistas aos trabalhadores “sob a liderança do partido”.<sup>86</sup> Se anos mais tarde Gorbachev se converteria em um grande crítico das políticas radicais e do autoritarismo desses processos históricos vivenciados por seu país, naquele momento ele se mostrava - publicamente - bastante alinhado ao discurso oficial.

Nesse sentido, Gorbachev critica o que considera movimentos revisionistas de esquerda e direita à teoria marxista-leninista, especialmente vinculados ao fortalecimento de sentimentos nacionalistas desagregadores, de natureza egoísta. Para

---

<sup>85</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 73.

<sup>86</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 70.

ele, o PCUS simboliza a essência da política leninista para as nacionalidades, uma vez que se configura como um partido de composição multinacional, formação que refletia o internacionalismo proletário idealizado por Lenin.<sup>87</sup> A mesma aprovação é direcionada pelo autor à política externa conduzida pelo partido, entendida aqui como promotora da paz, da estabilidade, da cooperação e do entendimento mútuo no plano internacional – outro tema caro ao futuro líder soviético.<sup>88</sup>

Nota-se que todas as críticas elaboradas por Gorbachev e as falhas apontadas nos sistemas político e econômico da URSS tem como origem a atuação de agentes individuais e mesmo quando se dirigem a órgãos ou coletivos, não questionam a estrutura e natureza organizacional do regime em si. Se por um lado isso se justificava pela necessidade de anuência às regras do jogo, especialmente em discursos destinados ao público em geral, por outro, os posicionamentos do líder à época parecem sinalizar que eventuais divergências em relação ao sistema soviético ainda não o impediam de agir dentro dos limites impostos. Em suas memórias, Gorbachev descreve o período em que esteve à frente do *kraikom* de Stavropol como sua “pequena *perestroika*” pessoal, na qual gradualmente se deu conta das dificuldades e limitações do regime em suas várias esferas de atuação.<sup>89</sup>

Embora as manifestações públicas de Gorbachev nesse período não forneçam elementos que nos permitam identificar traços marcantes de dissonância ou de seu futuro discurso reformista, elas, ao contrário, nos ajudam a compreender como ele conseguiu ascender ao núcleo central do poder soviético. Afinal, Gorbachev se mostrava um líder jovem e enérgico – algo que, como ele mesmo destacara, o partido valorizava – sem pôr em xeque os pilares fundamentais do regime. Outro exemplo desse alinhamento pode ser extraído de seu discurso durante a sessão do Soviete Supremo que aprovou a nova constituição soviética, em 1977. Na ocasião, ele afirmou que aprovação dessa carta magna no país sinalizava a união e solidariedade do povo com o partido, um apoio indivisível às políticas domésticas e externas.<sup>90</sup> Ele também defendeu a forma de

---

<sup>87</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 74.

<sup>88</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 77.

<sup>89</sup> GORBACHEV, 2016b, p. 163.

<sup>90</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 150.

construção do texto, afirmando que fora discutido de forma democrática e permitira que a população se familiarizasse com as mudanças trazidas no documento.<sup>91</sup>

E afastando qualquer questionamento em relação a esse processo, ele aponta que a democracia na URSS estava subordinada ao objetivo maior da construção do comunismo. Nesse sentido, críticas ocidentais de que seu país violava os Direitos Humanos eram, na verdade, uma distorção maliciosa da essência da democracia soviética e um esforço ideológico do imperialismo para minimizar as conquistas do estado socialista:

Proclamando amplos direitos e liberdades, fixando os deveres dos cidadãos, a nova Constituição parte da premissa de que nossa democracia está subordinada aos objetivos mais elevados do povo soviético - a construção do comunismo. E se hoje nossos oponentes de classe estão agitando o alvoroço sobre as alegadas restrições e violações dos direitos humanos na URSS, então esta é uma perversão maliciosa da essência de nossa democracia, falsificação e calúnia, um desejo de menosprezar os ganhos históricos do povo soviético, reduzir o poder de atração do primeiro estado socialista do mundo - o estado dos trabalhadores. Mas tudo isso são esforços lamentáveis dos servidores ideológicos do imperialismo. Hoje, ninguém poderá calar as grandes conquistas de nosso povo e de nosso país, que está na vanguarda do progresso social da humanidade, levando a todas as forças revolucionárias, a todos os trabalhadores do planeta um exemplo instrutivo de construção da sociedade mais justa e humana do planeta.<sup>xiii</sup>

### ***O retorno à Moscou***

A combinação entre o alinhamento político ao discurso oficial e a figura de um líder jovem e proativo certamente contribuíram para a ascensão de Gorbachev em direção à elite política soviética, embora outros fatores também tenham sido fundamentais nessa trajetória. Dentre eles, como já mencionado anteriormente, estão as importantes relações cultivadas por Gorbachev com figuras proeminentes no cenário político da URSS, a exemplo de Kulakov, Kosygin e Andropov. Ademais, a região de Stavropol ganhava cada vez mais destaque nos debates da administração soviética, uma vez que sua principal atividade econômica se consolidava como um dos principais desafios do país: a agricultura.

---

<sup>91</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 149.

Nesse sentido, a proximidade com Kulakov contribuía para o sucesso da administração de Gorbachev em Stavropol, fornecendo um canal direto de comunicação com o dirigente do principal órgão partidário responsável pela agricultura. Não seria por acaso, portanto, que em 1977 a secretaria do Comitê Central para agricultura escolheria o distrito de Ipatovo, no *krai* de Stavropol, para sediar o experimento de um novo método de colheita, que pretendia reduzir as imensas perdas ocasionadas pela demora na ceifa dos grãos e por deficiências logísticas, tanto no armazenamento quanto no transporte. O resultado dessa experiência fora um sucesso: a colheita foi completada em tempo recorde e com perdas mínimas.<sup>92</sup> Como consequência, o “método Ipatovsky” foi disseminado pelo país e a imagem de Gorbachev ganhou projeção nacional, sendo inclusive condecorado com a Ordem da Revolução de Outubro, uma das mais importantes da URSS.

Mas o sucesso dessa experiência não deu a Gorbachev a segurança de que os principais problemas enfrentados pelo setor agrícola estariam resolvidos. Experimentos de novas metodologias aplicadas ao setor produtivo eram comuns na URSS. Assim como no caso do “método Ipatovsky”, um distrito rural ou um conjunto de empresas eram selecionados e recebiam prioridade no acesso e na distribuição dos recursos, o que favorecia seu desempenho. Uma vez aprovados, esses métodos eram disseminados pelo país, mas ao se converterem em uma prática generalizada, deixavam de obter vantagens na alocação de recursos e sofriam dos mesmos déficits que o restante da economia.

Se publicamente o líder defendia os pilares e as conquistas da política agrária soviética, seu trabalho à frente de uma das principais regiões produtoras de alimentos do país o habilitaria a formular um diagnóstico bastante crítico da realidade no campo da URSS. Muitas de suas queixas e conclusões foram expostas diretamente a Kulakov, em conversas mantidas por Gorbachev em suas viagens à Moscou.<sup>93</sup> Em uma dessas discussões, ocorridas no final de 1977, o então primeiro secretário do *kraikom* de Stavropol criticaria a falta de incentivos aos produtores mais eficientes, frente à política de financiamento e crédito às fazendas deficitárias, o que, na sua visão, criava uma atmosfera de desinteresse pelo trabalho.

---

<sup>92</sup> SMITH, 1990, p. 64.

<sup>93</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 7.

O resultado desse embate informal assumiu contornos oficiais quando, por sugestão de Kulakov, Gorbachev elaborou um documento formal contendo sua avaliação em relação aos problemas da política agrícola do país e propostas para o seu aprimoramento. Tal documento foi encaminhado ao *Politburo* e, em maio de 1978, redistribuído entre os membros do Comitê Central sob a forma de um relatório intitulado *Sobre Algumas Medidas da Implementação Consistente da Política Agrária do PCUS na Presente Fase*. Pouco tempo depois, em julho daquele mesmo ano, Gorbachev seria convidado a apresentá-lo durante a sessão plenária do CC do PCUS.

O documento apresentado aos dirigentes do partido diferia significativamente das manifestações públicas que Gorbachev realizou sobre o tema durante o período em que esteve à frente do Comitê Regional do PCUS em Stavropol. O diagnóstico mais crítico e assertivo que caracterizam esse documento pode ser explicado pelo destinatário final: não se trata de um discurso voltado ao público geral, mas sim de um relatório técnico (e político) endereçado à cúpula do poder soviético, que teria seu conteúdo publicado oficialmente apenas em 1987, já durante a *perestroika*.<sup>94</sup> Nesse sentido, Gorbachev encontrou espaço para fomentar o debate acerca do desenvolvimento agrícola e da formulação de novas políticas para essa área, ainda que consciente dos limites impostos pelo regime, mas sem recair em um simples documento de propaganda.

Uma das primeiras medidas propostas pelo autor em seu relatório destacava a necessidade de recuperação das relações de troca entre a cidade e o campo, entre a indústria e as fazendas, que se traduziria no aumento dos preços pagos pelo Estado aos produtores agrícolas pelas commodities. Segundo ele, as decisões tomadas pelo partido durante a reunião plenária do CC do PCUS realizada em março de 1965, considerada um dos marcos da política agrária soviética naquele momento, haviam sido bastante positivas, ao elevar os preços dos bens produzidos no campo e recuperar a lucratividade das fazendas coletivas e estatais. No entanto, com o passar dos anos, sem uma atualização adequada desses valores, o descompasso entre a situação financeira das cidades e do campo voltara a se agravar.<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> BROWN, 1996, p. 46.

<sup>95</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 181-182.

Como resultado, Gorbachev considerava que os baixos preços pagos aos produtores rurais pelo fruto de seu trabalho prejudicavam o funcionamento dos mecanismos de controle e gestão da economia socialista, uma vez que reduziam os estímulos ao trabalho e à produtividade. Isso porque embora os preços das commodities não fossem reajustados os custos de produção nas fazendas, bem como a manutenção da população rural, cresciam anualmente, obrigando o regime soviético a cobrir eventuais déficits no setor:

Todos esses processos enfraqueceram o mecanismo de estímulo à produção, desenvolvido na Plenária do Comitê Central do PCUS de Março [de 1965], estreitou significativamente a base da reprodução ampliada em fazendas coletivas e estatais e minou uma ferramenta tão importante da gestão socialista como a contabilidade de custos, uma vez que reduzem o interesse dos coletivos de trabalhadores em aumentar a produção e venda de produtos agrícolas.<sup>xiv</sup>

Nesse cenário, os produtores se viam impossibilitados em atuar com base em uma contabilidade de custos operacionais e na autossuficiência financeira – conceitos que ganhariam cada vez mais espaço no debate econômico soviético, especialmente a partir da *perestroika*. A solução proposta por Gorbachev passava, portanto, pela atualização dos preços dos produtos agrícolas pagos pelo Estado, aliada a outras medidas de aprimoramento da eficiência produtiva do setor, capazes de combinar os interesses nacionais, coletivos e dos agricultores individualmente. Os novos preços deveriam ser calculados com base nos custos sociais da produção, acrescidos de um excedente mínimo de rentabilidade que assegurasse a expansão da produção.<sup>96</sup> Tal medida, que num primeiro momento pode parecer simples, colocava o sistema soviético numa situação bastante desconfortável, pois de um lado implicaria no aumento do custo dos alimentos, especialmente nas cidades, ao mesmo tempo que reduzia um importante mecanismo de extração de recursos para financiamento do governo.

Em seu relatório, Gorbachev defendia um tratamento diferenciado na formulação da política de preços que levasse em conta as especificidades de cada região agrícola do país. Nesse ponto, ele chega a criticar a falta de embasamento técnico-

---

<sup>96</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 184-185.

científico das autoridades de planejamento nessa área, os acabavam sendo utilizados por burocratas para mascarar seus resultados:

Em nossa opinião, a base de um planejamento cientificamente fundamentado, aplicado à agricultura, deve ser baseado nas características das terras, na especialização, e os indicadores do plano devem estar estritamente ligados aos recursos materiais, técnicos e de trabalho.

Infelizmente, esses requisitos ainda não são amplamente usados na prática de planejamento agrícola. Os planos nem sempre têm uma base objetiva e muitas vezes são irrealistas. Em muitas fazendas, em distritos inteiros e até em *oblasts*, os recursos produtivos não são totalmente levados em consideração nos planos e não estão envolvidos na produção, enquanto em outras, pelo contrário, os planos são irrealistas e, portanto, cronicamente não são cumpridos, criando sobrecarga no trabalho das fazendas coletivas e estatais.<sup>xv</sup>

Em paralelo a revisão da política de preços, Gorbachev ressalta a necessidade de melhorar a oferta de serviços e a infraestrutura básica à disposição da população rural, outro importante mecanismo de estímulo à atração e manutenção da mão de obra no campo. Ele também critica os baixos investimentos do Estado em infraestrutura urbana e na oferta de melhores condições de vida para a população rural. E em relação aos valores investidos, questiona a preferência por novas obras em detrimento de reformas e manutenção.<sup>97</sup>

Outro ponto central na argumentação do autor neste relatório abordava a centralidade da modernização do setor agrícola, ampliando investimentos em insumos, equipamentos, capacitação dos trabalhadores e no desenvolvimento de novas tecnologias de plantio e produção. Segundo Gorbachev, a tecnologia recebida em grande parte das fazendas naquele momento já estava ultrapassada.<sup>98</sup> As críticas quanto a quantidade e qualidade de equipamentos disponibilizados aos produtores rurais era recorrente entre as lideranças locais, estando intimamente ligadas a outro problema central da economia soviética: os indicadores de qualidade da produção industrial.

---

<sup>97</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 187.

<sup>98</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 195.

O último aspecto tratado por Gorbachev apontava para a urgência do aprimoramento nos mecanismos de planejamento e gestão econômica, melhorando os indicadores de avaliação e fornecendo estímulos materiais e morais aos produtores. Nesse sentido, ele defendeu já naquele momento a substituição dos métodos administrativos de alocação dos recursos por um planejamento mais racionalizado, que garantisse maior autonomia e espaço de atuação aos dirigentes locais.<sup>99</sup> Termos como autonomia, eficiência, flexibilidade e liberdade surgem como características fundamentais dessa nova forma de gestão, combinados aos mecanismos característicos do sistema socialista:

O início na esfera central dos trabalhos dos órgãos de gestão da permite aproveitar as possibilidades do nosso sistema econômico socialista, ter em conta os interesses nacionais, concentrar os recursos nas grandes direções, resolver em tempo hábil questões urgentes e eliminar desequilíbrios.

Em nossa opinião, é necessário dar mais independência às empresas e associações na resolução de diversos problemas produtivos e financeiros. A gestão nos moldes dos órgãos centrais deve, em primeiro lugar, visar a encontrar formas eficazes de planejamento e incentivos econômicos que criem um maior interesse das fazendas coletivas e estatais em aumentar a produção e melhorar a qualidade do produto.

O aperfeiçoamento do planejamento da produção agrícola, o sistema de preços de compra, investimentos de capital, financiamento e incentivos ao trabalho permitirão fortalecer a contabilidade de custos, garantindo maior crescimento da produção agrícola e aumentando sua eficiência.<sup>xvi</sup>

Nota-se, portanto, a presença em suas reflexões de alguns elementos centrais que seriam desenvolvidos durante reformas iniciadas em 1985, a exemplo das falhas no mecanismo de planejamento, da qualidade dos serviços e bens ofertados e até mesmo do modelo extensivo de desenvolvimento. Ainda que embrionários, eles sinalizam que a construção das ideias reformistas em Gorbachev já estavam se estruturando antes de sua chegada à secretaria-geral do CC do PCUS, em sintonia à experiência e evolução em sua carreira política.

---

<sup>99</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 199.



Nem bem regressara à Stavropol, quando Gorbachev foi surpreendido com a notícia da morte súbita de Fedor Kulakov, em julho de 1978. Ele decide voltar a Moscou para participar das cerimônias oficiais de enterro do ex-dirigente. Sua morte deixara vago um importante posto na cúpula partidária e, tão logo se encerraram as homenagens de luto, a busca por um substituto teve início. O resultado dessa seleção também não tardaria a ser conhecido: em novembro de 1978, o CC do PCUS aprovaria a indicação do então secretário-geral, Leonid Brezhnev, e confirmaria Gorbachev como o novo secretário do CC do PCUS para a agricultura. Assim, o último líder soviético encerrava sua trajetória na esfera local e iniciava sua escalada rumo ao posto máximo da hierarquia partidária.

Dada a forte dualidade de funções entre órgãos do partido e governamentais na estruturação do sistema político soviético, o órgão que passou a ser dirigido por Gorbachev, embora não se constituísse enquanto estrutura estatal, assumia funções tipicamente de governo. Na prática, a secretaria do CC do PCUS para a agricultura coordenava a produção agrícola no país e supervisionava o trabalho de todos os departamentos semelhantes nas repúblicas, *krais* e demais esferas administrativas. Não apenas políticas gerais, mas também decisões quanto à nomeação de cargos e postos importantes nas esferas locais passavam pelo crivo deste órgão central.<sup>100</sup>

Os primeiros resultados do setor agrícola apresentados pelo novo dirigente não foram muito favoráveis: em 1979, os dados oficiais apontavam uma redução de 3,2% na produção agrícola em relação à safra do ano anterior.<sup>101</sup> Ainda assim, Gorbachev consolidou rapidamente sua posição na cúpula do partido, conquistando apoio e confiança das principais lideranças do país. Como resultado, em novembro de 1979, ele seria eleito candidato a membro do *Politburo* e, no ano seguinte, assumiria o posto de membro pleno do mais alto núcleo do poder soviético. Com 49 anos, Gorbachev destoava da média de idade dos demais membros desse grupo, que à época estava em cerca de 70 anos, levando muitos autores a caracterizarem tal período histórico da URSS como uma gerontocracia.<sup>102</sup>

---

<sup>100</sup> MEDVEDEV, 1986, p. 90.

<sup>101</sup> *Narodnoe khozyaistvo CCCP v 1987, 1988, p. 8.*

<sup>102</sup> Cf.: MACKENZIE & CURRAN, 1987, p. 611.

Também nesse período, Gorbachev começou a constituir um grupo de consultores, composto por especialistas de diversas áreas, alguns deles com visões críticas ao funcionamento do sistema, ainda que não pudessem ser considerados à época dissidentes. Faziam parte desse grupo pesquisadores que estavam fora da elite intelectual que controlava as associações acadêmicas da capital, a exemplo do cientista social Vladimir Tikhonov, da economista e socióloga Tatyana Zaslavskaya e de Alexander Nikonov, especialista na área agrícola e conterrâneo de Gorbachev. Como destaca Brown, as reuniões e debates desse grupo, que ganharia novos integrantes e vozes dissonantes ao longo dos anos seguintes, revelava outra característica marcante do futuro líder da URSS e que o diferenciava dos demais integrantes da cúpula soviética: a abertura ao diálogo e à divergência de opiniões.<sup>103</sup>

Como membro do *politburo*, Gorbachev também ganhou uma considerável projeção pública, tendo seus discursos e artigos publicados nos principais meios de comunicação do país, além de representar o governo soviético em diversas visitas diplomáticas ao exterior. Embora sua atribuição principal estivesse ligada à agricultura, seu status na hierarquia do regime lhe permitia abordar uma gama maior de temas. Em um discurso proferido na cerimônia dedicada ao 40º aniversário da restauração do poder soviético na Lituânia, em julho de 1980, sob o título *A amizade dos povos da URSS – uma preciosa conquista*, Gorbachev abordaria alguns temas centrais da realidade soviética e global.

Quase dez anos antes das repúblicas bálticas proclamarem unilateralmente sua independência em relação a Moscou, Gorbachev reafirmaria ali sua crença no sucesso da política soviética para as nacionalidades, fundamentado no princípio do internacionalismo proletário e nas ideias defendidas por Lenin. Segundo ele, a cooperação igualitária entre povos e culturas que formavam a URSS promovera o progresso orgânico de todo o país, tendo como resultado a consolidação do Socialismo Desenvolvido - estágio de desenvolvimento que a liderança soviética defendia ter alcançado desde o final dos anos 1970.<sup>104</sup>

Na mesma linha, Gorbachev defende que o internacionalismo socialista também guiava os rumos da política externa soviética, voltada para a manutenção da paz e na

---

<sup>103</sup> Cf.: BROWN, 1996, pp. 59-60. Outras informações sobre a formação e dinâmica do grupo de consultores também podem ser vistas em: TAUBMAN, 2017, p. 198-201.

<sup>104</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 230-231.

busca pela cooperação e apoio mútuo entre os países. Em sintonia com o discurso oficial do regime à época, ele destaca o protagonismo soviético na construção da *détente* – ou distensão -, período de relaxamento das tensões entre as superpotências durante as décadas de 1960 e 1970. No entanto, essa atmosfera de maior cooperação e estabilidade estaria sendo novamente ameaçada pelas forças imperialistas, contrárias ao processo de pacificação e renovação da sociedade mundial:

Qual é a razão de todas essas ações que levam ao enfraquecimento da distensão? A recente Plenária do Comitê Central do PCUS respondeu a esta pergunta de forma clara, de forma leninista. A este respeito, a resolução da plenária observa que a posição atual do imperialismo é ditada por uma falta de vontade de levar em conta as realidades do mundo moderno. O imperialismo gostaria de retardar o processo objetivo de renovação do mundo - esta é a principal razão de classe social dos atuais ziguezagues de sua política.<sup>xvii</sup>

Convém recordar que ao mesmo tempo em que Gorbachev definia a política externa soviética como pacifista, as tropas do exército da URSS avançavam, desde o final de 1979, em território afegão. Isso porque a situação política do Afeganistão se deteriorara ao longo dos anos 1970, sendo palco de intensas manifestações populares que evoluíram para uma guerra civil. Um golpe de estado em 1978 colocou no poder o Partido Popular Democrático do Afeganistão (PPDA), de orientação marxista e aliado dos soviéticos, que iniciou um programa de reformas socialistas. Contrários a esse processo, movimentos populares islâmicos, com apoio e treinamento norte-americano, organizaram revoltas e manifestações que logo se espalham por todo o país. Como resultado, as tropas soviéticas entrariam no país, oficialmente “a pedido do governo afegão aliado”.

Em relação à produção agrícola, Gorbachev continuava a defender a introdução de medidas de estímulo à produtividade, controle de qualidade e a modernização do setor, seguindo a linha desenvolvida no relatório apresentado ao CC PCUS em julho de 1978.<sup>105</sup> Os números do setor agrícola se mantiveram negativos nos primeiros anos da década: segundo os indicadores oficiais, a produção caíra 2% em 1980 e 1,1% em

---

<sup>105</sup> Sobre esse tema, vale a pena conferir os artigos *Questões Atuais da Agricultura e sua Eficiência* (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 237-252) e *No Curso de Intensificação e Eficiência* (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 253-271).

1981.<sup>106</sup> Desde os anos 1970, a produção de grãos não supria a demanda nacional, obrigando a URSS a importar anualmente grandes quantidades desses produtos, inclusive dos EUA. Contudo, a situação do país socialista tornar-se-ia ainda mais preocupante em 1980, com o início do embargo norte-americano e a proibição das exportações à URSS, em resposta à invasão das tropas soviéticas no Afeganistão.

A oportunidade para fortalecer a influência de suas ideias nas políticas oficiais do regime viria com a realização do XXVI Congresso do PCUS, em fevereiro de 1981. Na ocasião, a liderança soviética já reconhecia a necessidade de mudanças mais consistentes na estrutura e no funcionamento do sistema econômico. O principal documento aprovado no encontro, intitulado *As principais direções do desenvolvimento econômico e social da URSS para 1981-1985 e para o período até 1990*, defendia a necessidade de promover a modernização da economia soviética por meio de mecanismos de desenvolvimento intensivo e da aceleração do progresso técnico-científico – temas que também seriam recorrentes até a primeira fase da *perestroika*.<sup>107</sup> Paralelamente, os membros do PCUS ressaltavam a urgência em melhorar os níveis de vida da população, especialmente no que dizia respeito ao abastecimento de alimentos e a oferta de bens de consumo e serviços de qualidade.

Como responsável pela política agrícola do CC do PCUS, ficou a cargo de Gorbachev a elaboração de um programa voltado para a resolução da questão alimentar na URSS. Nessa tarefa, ele contou com a colaboração do grupo de especialistas e consultores que ele começara a constituir desde sua chegada à Moscou e com os quais discutia abertamente os problemas do país. Em maio de 1982, o CC aprovaria o Programa Alimentar, que definia uma série de estratégias para combater os gargalos da produção, logística e do abastecimento de alimentos. Embora alguns de seus conselheiros já questionassem o caráter limitado desse plano, Gorbachev destaca que naquele momento não encontrava espaço para impor nada mais radical ao *Politburo*.<sup>108</sup>

Uma vez referendado, o plano passou a ser divulgado publicamente, combinando interesses propagandísticos a uma real necessidade de disseminação e

---

<sup>106</sup> *Narodnoe khozyaistvo CCCP v 1987, 1988, p. 8.*

<sup>107</sup> Cf.: *26-y s'yezd KPSS (23 fevralya - 3 marta 1981 goda): Stenograficheskiy otchet* [26º Congresso do CPSU (23 de fevereiro - 3 de março de 1981): Relatório literal]. Moscou: Politizdat, vol. 1 1981. Disponível em: <http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KPSS/KPSS.html#0026> [Acessado em 09/10/2020]

<sup>108</sup> BROWN, 1996, p. 60.

instrução quanto as novas premissas vigentes. Um dos mais importantes instrumentos nesse sentido se deu com a publicação ainda em 1982 do artigo *O Programa Alimentar e as Tarefas para sua Implementação* no jornal “Kommunist”. Nele, Gorbachev descreve seu diagnóstico quanto aos principais problemas no funcionamento e na gestão do sistema produtivo, apontando caminhos para sua correção. Vale destacar que muitos pontos abordados no plano já haviam sido introduzidos no relatório apresentado ao CC do PCUS em julho de 1978 e continuariam a guiar a política agrária soviética mesmo depois do início da *perestroika*, em 1985.

Logo de início, Gorbachev procura legitimar suas propostas estabelecendo uma continuidade lógica desde a formulação inicial da política agrária socialista, atribuída à Lenin, passando pelas decisões adotadas na sessão plenária do CC do PCUS de março de 1965 e mantidas nos quatro congressos partidários posteriores. A despeito do êxito dessas medidas em construir um sistema moderno voltado para a produção agrícola, o autor lista alguns fatores que, na sua visão seriam responsáveis pela deterioração da situação alimentar no país. Em primeiro lugar, ele afirma que o aumento da renda da população não foi acompanhado por um incremento semelhante na produção agrícola, o que aliado à política de estabilidade nos preços das commodities, levaram a uma super demanda no setor. Outro problema que agravava a situação foi a redução da população rural, diminuindo a mão de obra disponível nas fazendas coletivas e estatais. Finalmente, ele destaca a redução nas taxas de crescimento da produção agrícola, resultantes da combinação entre condições climáticas adversas e falhas no funcionamento da estrutura econômica.<sup>109</sup>

Embora reforce que o sistema agrícola na URSS estava alicerçado nas fazendas coletivas e estatais, Gorbachev destaca a importância dos lotes pessoais mantidos pelos camponeses, que deveriam ser estimulados e integrados à dinâmica da produção socializada.<sup>110</sup> Os lotes individuais consistiam em um elemento bastante controverso ao longo da história soviética, ora incentivados, ora criticados. Em outras ocasiões durante a execução do plano, Gorbachev manteve a defesa dessas estruturas, mas rechaçou os argumentos – muito comuns entre analistas do bloco capitalista – de que eles seriam mais produtivos e lucrativos que as terras coletivizadas em razão de sua natureza quase que privada. Ele contesta essa visão, apontando que o Estado soviético arcava com

---

<sup>109</sup> GORBACHEV, 1982, p. 7.

<sup>110</sup> GORBACHEV, 1982, p. 8.

grande parte dos custos produtivos dessas unidades (máquinas, insumos, irrigação, etc.) e que os resultados dependiam desses incentivos públicos.<sup>111</sup>

A solução para os problemas do setor agrícola passava pelo caminho desenhado pela liderança comunista durante o XXVI Congresso do PCUS para toda a economia soviética: a adoção de mecanismos de desenvolvimento intensivo e a aceleração do progresso técnico-científico:

Para a atividade prática, é atribuído um grande significado às conclusões do plenário de maio do Comitê Central sobre a intensificação do papel dos fatores intensivos do desenvolvimento econômico. A intensificação com base no progresso científico e técnico é a principal forma de desenvolver a agricultura e outros setores do complexo agroindustrial e aumentar sua eficiência. O Programa Alimentar define grandes medidas de carácter científico e técnico que permitem aumentar significativamente o nível de intensidade da produção.<sup>xviii</sup>

Em linhas gerais, ele volta a defender uma melhora nos padrões de vida e na oferta de serviços e bens de consumo no campo; maior autonomia aos produtores e gestores; aumento dos preços pagos pelos bens agrícolas; incremento e racionalização da estrutura de incentivos materiais, vinculando seu pagamento aos resultados obtidos; modernização das técnicas e tecnologias utilizadas na produção agrícola; e, finalmente, uma mudança radical no sistema de investimentos, que substituísse a lógica de desenvolvimento extensiva pela intensiva. Resta claro que, na visão de Gorbachev, a superação do problema alimentar não se focava na correção de atitudes individuais, como outrora apontavam seus discursos, mas dependia de uma reformulação do sistema de gestão e da política de incentivos aos trabalhadores:

A complexidade e a escala das tarefas apresentadas no Programa Alimentar trazem necessariamente novas demandas para o sistema de administração e da máquina de gestão econômica [...] Hoje, isso significa: a orientação do sistema de gestão para os resultados finais da atividade econômica; a melhor combinação dos princípios territoriais e setoriais de gestão, das vantagens da centralização com a independência e a iniciativa dos coletivos de trabalho; o fortalecimento em todos os níveis dos métodos econômicos de gestão; a

---

<sup>111</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 345.

eliminação das duplicidades na produção e o maior incentivo possível à iniciativa criativa e ao empreendedorismo.<sup>xix</sup>

Nesse novo modelo, Gorbachev aponta para uma nova dimensão do planejamento, que embora permaneça como elemento central na condução das políticas agrárias, deixa de ser visto como uma estrutura rígida e impositiva, passando a ser considerado uma ferramenta de coordenação e orientação do sistema.<sup>112</sup> Desse modo, pretendia-se criar condições para que as determinações centrais, que levavam em consideração os interesses gerais da sociedade soviética, se alinhassem às possibilidades e aos interesses das coletividades locais, sem que isso significasse a prevalência de tendências departamentalistas.

O sucesso desse mecanismo dependia do fortalecimento dos princípios de autonomia financeira, autossuficiência e gestão baseada em contabilidade de custos nas fazendas coletivas, estatais e nas demais estruturas produtivas do complexo agroindustrial soviético. Tratava-se, portanto, da introdução de novos – e polêmicos – elementos que deveriam orientar os gestores, dotados de maior liberdade e autonomia, na busca pelo aumento da produtividade e da eficiência:

Rentabilidade, lucros, crédito e outras alavancas econômicas se tornarão fatores importantes na melhoria da eficiência da produção. [...] O principal é criar o tipo de mecanismo econômico que seja capaz de manter a paridade de preços tanto nas trocas intersetoriais quanto nas intrasetoriais, garantindo a rentabilidade da produção dos *kolkhoz* e dos *sovkhos* em pé de igualdade com outros setores da produção física.<sup>xx</sup>

Ainda que tenha avançado no diagnóstico crítico dos principais problemas no funcionamento da agricultura soviética, o relatório de Gorbachev recebeu críticas de alguns integrantes do grupo de especialistas que o auxiliara, que ansiavam por um documento mais radical em sua análise e propostas. Gorbachev, contudo, estava ciente dos limites que cercavam sua atuação e até onde poderia chegar em suas críticas, mesmo que já naquele momento demonstrasse ter consciência de que a gravidade da

---

<sup>112</sup> GORBACHEV, 1982, p. 12

situação e das medidas necessárias para sua superação eram superiores àquelas apontadas no programa.<sup>113</sup>

A despeito dos desafios enfrentados durante sua execução, o Programa Alimentar alcançou uma leve recuperação do setor agrícola nos dois anos subsequentes, com crescimento de 5,4% em 1982 e 6,2% em 1983, segundo dados oficiais.<sup>114</sup> Mesmo assim, Gorbachev continuaria a se manifestar, questionando a resistência de autoridades e gestores em aderir às premissas do plano, o que, segundo ele, vinha impedindo que as metas propostas fossem alcançadas – um obstáculo que estaria no centro de suas críticas ao longo da *perestroika*.

Em outro relatório apresentado a dirigentes da esfera agrícola em 1983, ele reforça a necessidade de se fortalecer o fator humano dentro do sistema produtivo, recuperando a identificação e a responsabilidade dos trabalhadores com o fruto de seu trabalho. Para isso, era fundamental o avanço das medidas de estímulo materiais e morais, bem como uma maior autonomia e liberdade criativa aos trabalhadores, de modo que seus rendimentos pudessem estar vinculados ao seu esforço e aos resultados.<sup>115</sup>

### ***Às vésperas da chegada ao Kremlin***

Com a morte do então secretário-geral do CC do PCUS, Leonid Brezhnev, em 10 de novembro de 1982, abria-se espaço para um novo período de mudanças na realidade soviética. Em suas memórias, Gorbachev resume o principal legado dos quase 28 anos de seu antecessor, que contribuíra para a inevitabilidade das reformas vindouras:

[...] o fator mais importante da liderança de Brezhnev foi sua incapacidade de enfrentar os desafios da época. Através de sua adesão cega a antigos dogmas e ideias obsoletas, a liderança negligenciou as mudanças profundas que estavam ocorrendo na ciência, na tecnologia, na vida e na atividade das pessoas e ignoraram as transformações que estavam ocorrendo em outros países.<sup>xxi</sup>

---

<sup>113</sup> Cf.: BROWN, 1996, pp. 60-61; TAUBMAN, 2017, p. 199.

<sup>114</sup> *Narodnoe khozyaistvo CCCP v 1987, 1988, p. 8.*

<sup>115</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 356.



Aos 67 anos, Yuri Andropov assumiu a secretaria-geral do CC PCUS. Sua escolha representou uma ruptura com os aliados do recém-falecido líder, abrindo espaço para ascensão de novas e jovens lideranças. Dentre elas, convém destacar a promoção de figuras como Nikolai Ryzhkov e Yegor Ligachev, que assumiriam postos na cúpula do poder soviético e que se tornariam aliados de Gorbachev no desenvolvimento das medidas reformistas a partir de 1985. As mudanças no núcleo duro do poder soviético seriam fundamentais para o reequilíbrio de forças na elite partidária e a futura ascensão de Gorbachev à secretaria-geral.

Durante os quase 15 meses em que Andropov esteve à frente do PCUS, Gorbachev viu seu prestígio e poder político crescer significativamente. Suas atribuições que até então se concentravam na área agrícola passaram a abranger a economia como um todo.<sup>116</sup> Para auxiliá-lo nessa nova etapa, ele convida novos especialistas para participarem de seu grupo de consultores, dentre eles os economistas Abel Aganbegyan, Stanislav Shatalin e Leonid Abalkin – o primeiro se tornaria o principal conselheiro econômico de Gorbachev na formulação da *perestroika*, enquanto os demais protagonizariam um dos mais importantes debates da fase final da *perestroika*, contrapondo planos de transição soviética para a economia de mercado.<sup>117</sup>

A convite de Andropov, Gorbachev foi incumbido de proferir um discurso durante a cerimônia em homenagem ao 113º aniversário de nascimento de Vladimir Lenin. Anos mais tarde, Gorbachev revelou que a elaboração desse discurso teve um papel fundamental em sua formação e na concepção das medidas que adotaria a partir de 1985, graças ao contato que tivera com as experiências e reflexões do primeiro líder soviético durante o período pós-revolucionário, especialmente em seus escritos finais (1923-1924).<sup>118</sup> Ainda assim, ele mesmo considera que o texto final apresentado não representava nenhuma reinterpretação, mantendo-se dentro dos limites da concepção ideológica e política do regime à época.

Mesmo sem romper com o *mainstream* ideológico, o discurso, intitulado *Leninismo: uma ciência viva e criativa, um guia fiel para ação*, oferece alguns

---

<sup>116</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 146.

<sup>117</sup> BROWN, 1996, p. 64.

<sup>118</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 148.

elementos interessantes para compreender o pensamento de Gorbachev a época.<sup>119</sup> Ao longo do texto, o autor reforça a imagem positiva da atuação do líder revolucionário, capaz de fazer uma leitura singular da conjuntura de sua época. Ele afirma ainda que uma das principais lições deixadas por Lenin fora sua confiança na criatividade das massas e sua capacidade de identificar talentos entre a população – algo que teria sido herdado e continuado pelo PCUS.<sup>120</sup>

Gorbachev também destaca a vitalidade das teorias marxistas no mundo contemporâneo, afirmando que Lenin fora o grande defensor das ideias de Marx contra distorções de caráter revisionista. Nas palavras do autor, o leninismo se configurava como o marxismo em sua versão moderna, derrotando todas as demais visões e oposições. Ele rejeita ainda a visão de que o marxismo-leninismo seria um conjunto de elementos dogmáticos, com receitas prontas para atingir seus objetivos. Ao contrário, o grande mérito dessa ideologia teria sido fornecer um método dialético de reflexão e análise das situações concretas da realidade.<sup>121</sup>

Voltando-se para o momento pelo qual passava a URSS, Gorbachev procura nos atrelar as medidas que vinham sendo adotadas pela liderança do regime aos ensinamentos de Lenin. Nesse sentido, ele considera que as leis econômicas objetivas, o planejamento, autossuficiência, o princípio da contabilidade de custos, uso eficiente das relações dinheiro-mercadoria – aqui mencionadas como um eufemismo para a utilização dos mecanismos de mercado na alocação de recursos – e o sistema de incentivos seriam parte do legado deixado pelo líder revolucionário:

O legado teórico de Lenin é um recurso inestimável no trabalho do Partido para melhorar a sociedade socialista desenvolvida. As disposições de Lênin sobre a consideração mais apurada dos pressupostos das leis econômicas objetivas, sobre planejamento e contabilidade de custos, o uso hábil das relações mercadoria-dinheiro e os incentivos materiais e morais servem hoje como uma bússola fiel nas atividades do partido na gestão da economia nacional. A abordagem leninista quanto ao desenvolvimento dos problemas econômicos e à solução dos problemas práticos do desenvolvimento

---

<sup>119</sup> Um pequeno trecho deste discurso, em que o autor aborda questões de política externa e da situação global, foi publicado em português alguns anos depois, quando Gorbachev já estava à frente do PCUS. Cf.: GORBACHEV, 1987A, pp. 25-32.

<sup>120</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 382.

<sup>121</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 383.

econômico e cultural é uma escola maravilhosa para todos os nossos quadros.<sup>xxii</sup>

Em relação à política agrária, Gorbachev reproduz o discurso oficial segundo o qual a coletivização fora uma conquista do modelo socialista, sob inspiração do plano de cooperativas de Lenin. O autor reafirma as propostas oficiais que visavam aumentar os investimentos na indústria leve, a oferta de bens de consumo e serviços. Ele reforça ainda a necessidade de que o aprimoramento no desenvolvimento econômico e social se desse pelo aumento da produtividade, por técnicas de crescimento intensivo.<sup>122</sup>

Gorbachev atribuiu ao centralismo democrático instituído por Lenin a inspiração para as medidas que vinham sendo colocadas em prática, visando aprimorar a combinação entre a estrutura de planejamento central e maior autonomia econômica e administrativa na esfera local - tanto da gestão econômica quanto das empresas em si.<sup>123</sup> Para o autor, o que estaria em jogo seria o aprimoramento do sistema de valores no socialismo, que não se confundia com o consumismo, mas que procurava satisfazer a completude material e espiritual das pessoas. Ainda assim, ele mantém a visão do perigo no confronto ideológico e do risco das investidas burguesas contra a sociedade e as concepções socialistas, o que justificava a vigilância das autoridades:

Vivemos em condições de um confronto ideológico agudo e sem fim no cenário mundial. Os ideólogos burgueses saem de seu caminho para abalar a convicção ideológica do povo soviético, usando as armas mais sujas - mentiras e calúnias, falsificação de fatos, falsificação de eventos. É por isso que é necessário vigilância. Quaisquer ataques aos nossos princípios, à nossa vida encontraram e irão encontrar a rejeição mais resoluta.<sup>xxiii</sup>

Ao final do discurso, Gorbachev aborda questões relacionadas à política externa e volta a defender as posições adotadas por seu país, vistas como orientadas para a pacificação do cenário internacional. Para ele, a URSS defendia o interesse dos trabalhadores na luta de classes do cenário internacional frente às hostilidades do imperialismo, especialmente norte-americano. Mas por mais que se esforçassem, seus opositores não conseguiriam obter a vitória, uma vez que – alinhado ao pensamento marxista - o socialismo representava um estágio inevitável do progresso humano:

---

<sup>122</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 389.

<sup>123</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 390-391.

A posição socialista sobre os problemas internacionais, que encarna os interesses fundamentais dos trabalhadores, opõe-se à política do imperialismo e à abordagem imperialista. Estamos convencidos de que o progresso histórico da humanidade de transição ao socialismo não pode ser impedido e que o socialismo quer dizer paz.<sup>124</sup>

Para além de uma clara demonstração do crescimento de seu prestígio, o discurso de Gorbachev revela um exercício interessante de vincular as propostas reformistas que vinham sendo gestadas aos pilares fundamentais do arcabouço ideológico soviético, aqui representadas pelas ideias de Vladimir Lenin. Nesse sentido, ele inicia um resgate das ideias que guiaram a liderança soviética ao longo dos anos 1920, sob a NEP, prática que se intensificaria durante a *perestroika*.

Sob a anuência de Andropov, Gorbachev seria também um dos principais arquitetos do programa de experimentos econômicos iniciado em julho de 1983. Conforme já abordamos anteriormente, as medidas adotadas pretendiam ampliar o grau de autonomia das empresas e introduzir mecanismos de autofinanciamento e autogestão, em sintonia às linhas aprovadas durante o XXVI Congresso do PCUS e no Programa Alimentar voltado para o setor agrícola. Tal experiência constituiu um verdadeiro ensaio para as reformas que Gorbachev colocaria em prática dois anos mais tarde.

Ainda que seu prestígio e sua esfera de atuação tivessem se ampliado substantivamente durante a gestão Andropov, Gorbachev não dispunha de liberdade plena para abordar as questões centrais do sistema nem adotar as medidas que entendesse necessárias sem uma consulta prévia ao dirigente máximo. Afinal, a ascensão aos altos escalões do regime continuava a exigir um alinhamento ao discurso oficial e o respeito aos limites e temas definidos pela liderança. Gorbachev relata em suas memórias um episódio que ilustra as fronteiras de sua atuação: enquanto examinava questões de natureza econômica a pedido do próprio Andropov, Gorbachev solicitou acesso mais amplo aos dados do orçamento nacional, mas escutou como resposta uma sonora risada e a afirmação de que isto estaria “fora dos seus limites”.<sup>125</sup>

---

<sup>124</sup> GORBACHEV, 1987A, p. 27.

<sup>125</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 147.

Ele afirma ainda que só tomou conhecimento da real dimensão dos gastos militares em relação ao orçamento e à economia soviética após suceder Chernenko.<sup>126</sup>

Mesmo antes da morte de Andropov, em fevereiro de 1984, abriu-se uma disputa interna na alta cúpula partidária visando a escolha de seu sucessor na secretaria-geral do CC do PCUS. Gorbachev recorda que embora Konstantin Chernenko ocupasse a posição de “número dois” no regime – o que, na prática, significava ocupar a presidência do secretariado do Comitê Central e das reuniões do *Politburo* na ausência do secretário-geral – Andropov pretendia fazer do jovem líder seu sucessor. Estando já hospitalizado, em um de seus últimos memorandos aos membros do Comitê Central, Andropov teria sugerido que Gorbachev passasse a presidir os trabalhos do *Politburo* na sua ausência - o que, em outras palavras, significava a substituição de Chernenko na linha de sucessão. A despeito do pedido, quando tal documento foi impresso e entregue aos membros dos órgãos centrais, a proposta de alteração de funções havia sido suprimida do texto, numa clara manobra do grupo de Chernenko.<sup>127</sup>

Embora Chernenko tenha sido oficializado no cargo de secretário-geral do CC do PCUS, Gorbachev e seus aliados conseguiram garantir-lhe a posição de segundo homem forte, tendo a função de substituir o secretário-geral quando de seu impedimento em presidir as reuniões do *Politburo*. E tal atribuição se tornaria ainda mais importante – e frequente - dada a delicada condição de saúde do líder septuagenário. Em diversas ocasiões, Chernenko não pode conduzir os trabalhos dos órgãos deliberativos soviéticos, abrindo espaço para uma maior atuação política de Gorbachev. Se por um lado ele ainda não tinha total autonomia para colocar em prática as mudanças que entendia necessárias, por outro, pode construir importantes relações e contatos visando à sucessão, que não tardaria a chegar.

Sentindo-se cada vez mais confortável e seguro de sua posição, Gorbachev encontrara um cenário propício para proferir um de seus mais importantes discursos antes de ser eleito secretário-geral do PCUS. O evento escolhido seria a Conferência Prática e Científica de toda a União sobre o “Aperfeiçoamento do socialismo desenvolvido e trabalho ideológico do partido à luz das decisões da plenária do Comitê Central de junho (1983)”, realizada em 10 de dezembro daquele ano. No relatório,

---

<sup>126</sup> GORBACHEV, 1996a p. 215.

<sup>127</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 152.

intitulado *O esforço criativo do povo*, o futuro líder faria uma análise mais crítica da situação econômica do país – especialmente quando comparada ao discurso oficial das lideranças soviéticas naquele momento – e defenderia pontos importantes, que mais tarde seriam identificados com as primeiras medidas da *perestroika*.<sup>128</sup>

Gorbachev iniciou seu relatório reforçando a necessidade de ativação do fator humano dentro do sistema de produção socialista, buscando legitimar sua posição no pensamento dos teóricos fundadores do pensamento marxista. Na experiência soviética, essa ativação passava, segundo ele, pelo incremento da participação popular no governo, no partido, na gestão econômica e nos processos políticos, desenvolvendo integralmente a democracia socialista. Ao mesmo tempo, o autor questiona a rigidez de determinadas ideias e interpretações dogmáticas, muitas delas ultrapassadas, no debate teórico e prático acerca da economia socialista.<sup>129</sup> A permanência dessas visões anacrônicas teriam prejudicado a análise das lideranças e a introdução de mudanças no sistema produtivo, levando a redução das taxas de crescimento do país:

Parece que a desaceleração do crescimento econômico nos últimos anos não se deve apenas pela coincidência de fatores negativos, mas também por que não foi detectada, em tempo oportuno, a necessidade de mudar certos aspectos das relações de produção[...] Mas a persistência de elementos estagnantes das relações de produção anteriores resultam no agravamento da situação econômica e social. Infelizmente, as contradições emergentes nem sempre conseguem ser prontamente identificadas e superadas. Muitas vezes, isto é dificultado pela força de inércia, pelo pensamento conservador, pela incapacidade ou falta de vontade para mudar as formas existentes de trabalho e mudar para os novos métodos<sup>xxiv</sup>

Ao vincular a desaceleração econômica à incapacidade de percepção da necessidade de mudanças na gestão e funcionamento do sistema produtivo, Gorbachev parece ampliar a responsabilidade acerca dos principais problemas do sistema soviético e compartilhá-la com a liderança do país e não mais apenas dirigir críticas a agentes ou dirigentes individuais. Diante desse cenário, Gorbachev afirma que o desenvolvimento econômico e o incremento das taxas de crescimento socialista dependeriam

---

<sup>128</sup> Um pequeno trecho deste discurso, em que o autor aborda questões de política externa e da situação global, também foi publicado em português alguns anos depois, quando Gorbachev já estava à frente do PCUS. Cf.: GORBACHEV, 1987A, pp. 33-38.

<sup>129</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, p. 80.

substancialmente do uso eficiente das relações dinheiro-mercadoria.<sup>130</sup> E quase que em resposta às eventuais críticas vindouras, sua menção a um tema sensível na realidade soviética foi acompanhada por uma forte atenuação, que subordinava esses elementos à natureza específica do sistema socialista:

Sim, as relações dinheiro-mercadoria são inerentes ao socialismo. Suas ferramentas são amplamente utilizadas na economia socialista. E é importante aprender a fazer melhor uso dessas ferramentas, não esquecendo, é claro, que sob o socialismo, muda sua natureza e finalidade. Isso requer sérios pareceres científicos sobre a aplicação no ambiente atual de instrumentos econômicos, tais como preço, custo, lucro, crédito, entre outros. No entanto, a redução do problema da utilização plena do potencial do sistema econômico socialista a só isso seria menosprezar os princípios básicos e benefícios do socialismo, como a natureza planejada da nossa economia, a prioridade dos objetivos sociais do desenvolvimento econômico e a possibilidade de otimização consciente para mudanças qualitativas profundas na produção em benefício da sociedade.<sup>xxv</sup>

Embora coloque em pauta a inserção de elementos muitas vezes vistos como hostis pela ortodoxia soviética, como o lucro, a proposta de Gorbachev não se distancia dos limites de um aperfeiçoamento do sistema. Ainda que sem qualquer menção direta, ele parece retomar os debates que dominaram o movimento socialista entre o final do século XIX e início do século XX, resultando na cisão entre grupos revolucionários, social-democratas e reformistas.<sup>131</sup> Os mecanismos de mercado são apontados como parte integrante do socialismo, inerentes às suas relações de produção, e não como a aplicação pura e simples de conceitos capitalistas. O sucesso não se daria, portanto, com a mera inserção desses elementos, mas pela perfeita combinação destes com as vantagens intrínsecas do sistema socialista planejado.

Assim como no sistema político, o modelo de gestão da economia soviética deveria introduzir mudanças que lhe permitissem captar adequadamente os interesses dos diferentes grupos, sem recair em distorções ou legitimar a formação de classes antagônicas no socialismo. Nesse sentido, Gorbachev defende a adaptação do centralismo democrático aos tempos modernos, um centralismo que mantivesse o

---

<sup>130</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, pp. 81.

<sup>131</sup> Cf.: BOBBIO. MATTEUCCI. PASQUINO, 1998, pp. 1188-1192.

enfoque nos interesses nacionais e coletivos, mas que atuasse de forma menos tutelar, garantindo maior autonomia e abrindo espaço para a iniciativa e a criatividade.<sup>132</sup>

O autor volta a reforçar que a principal tarefa imposta aos líderes soviéticos consistia na passagem para uma plataforma de desenvolvimento intensivo e a aceleração do progresso técnico-científico.<sup>133</sup> Ao tratar dos experimentos econômicos em curso naquele momento, Gorbachev já considerava a necessidade de uma reconstrução - *perestroika* - dos mecanismos de gestão econômica, entendida ainda como a ampliação da autonomia das empresas e a maior preocupação de cada estrutura produtiva para com seus resultados e produtos finais:

Hoje um dos principais temas da agenda é a reconstrução [*perestroika*] das formas e métodos de gestão econômica. O objetivo deste trabalho é criar um mecanismo econômico adequado ao desenvolvimento do socialismo. Um marco importante nessa direção consiste no experimento econômico em larga escala na indústria. Sua principal tarefa é encontrar formas de melhorar significativamente a autonomia, aumentando a independência econômica das empresas, enquanto amplia sua responsabilidade pelos resultados finais.<sup>xxvi</sup>

Para Gorbachev, essas mudanças não representavam prejuízo à orientação ideológica do sistema. Os valores relativos à justiça social, segundo ele, eram inerentes à essência da escolha socialista.<sup>134</sup> Assim, ele volta a afirmar que o aprimoramento das condições econômicas e sociais no país estaria diretamente ligado ao fortalecimento da democracia socialista, o que significava fortalecer a atuação dos soviéticos, aumentar a participação dos trabalhadores na administração política e econômica (tanto nas empresas quanto no Estado) e estimular a atuação das organizações civis (sindicatos, associações, *Komsomol*, etc). E o elemento central para o sucesso de todas essas medidas seria o respeito à transparência – *glasnost* - em todas as esferas da vida social e política. A transmissão da informação é vista como benéfica e necessária, fator de motivação e um direito da população:

Uma parte integrante da democracia socialista, a regra da vida social é a transparência [*glasnost*]. Informação ampla, oportuna e franca - prova de confiança nas pessoas, respeito pelo seu intelecto e sentido, a capacidade de

---

<sup>132</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, p. 84.

<sup>133</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, p. 86.

<sup>134</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, p. 92.



compreender-se em várias situações. Ela aumenta a iniciativa dos trabalhadores. A transparência no partido e no governo é um meio eficaz de lidar com as distorções burocráticas, que requer uma abordagem mais cuidadosa para a tomada de decisão e controle sobre o seu desempenho para corrigir as deficiências e omissões. E, além disso, depende muito da credibilidade da advocacia e da eficácia da formação, garantindo a unidade da palavra e ação.<sup>xxvii</sup>

A defesa veemente da maior transparência no regime – outro dos pilares das reformas iniciadas em 1985 - viria acompanhada de um maior enfoque dado à democracia e ao respeito ao Estado de Direito socialista. Porém, nenhum desses conceitos pode ser isolado de seu contexto específico: imersos na realidade soviética *pré-perestroika*, transparência, democracia e Estado de Direito não correspondem com exatidão a seus pares na teoria liberal. De todo modo, essa tríade reforçava a necessidade de maior participação popular, de iniciativa das massas na condução dos destinos do país, revertendo o quadro de visível afastamento da sociedade em relação às esferas de poder.

Por fim, Gorbachev encerra seu relatório destacando o que considerava um dos principais desafios do desenvolvimento socialista naquele momento. Para o autor, as novas gerações da população soviética já haviam nascido no socialismo, tendo suas necessidades fundamentais atendidas. Ao contrário dos mais velhos, que experimentaram as dificuldades da primeira metade do século XX, os jovens comparavam suas expectativas com o socialismo ideal, um modelo que plenamente realizasse suas necessidades materiais e espirituais. Desse modo, abria-se um importante desafio para a educação e a propaganda:

Hoje, as novas gerações do povo soviético, nascido em condições socialistas, estão entrando na vida ativa. Pessoas para quem as conquistas históricas do nosso sistema são tão naturais e inalienáveis quanto o ar que respiramos. A juventude soviética cresce e é educada na melhoria contínua das condições materiais, em um ambiente de quatro décadas de paz. Ela está acostumada a comparar nossa realidade não com o passado, mas com os mais elevados critérios do socialismo. E esta é uma das facetas mais importantes da situação ideológica moderna, que não devemos perder de vista.<sup>xxviii</sup>

Como destaca Archie Brown, a inserção de temas novos por Gorbachev não poderia se dissociar dos padrões aceitáveis pelo regime.<sup>135</sup> Nesse sentido, não apenas eufemismos como “relações dinheiro-mercadoria” foram utilizados, mas todos os conceitos inseridos no debate deveriam soar como naturais, uma continuidade dos processos já em curso. Mesmo suas argumentações mais inovadoras no âmbito político e econômico vinham acompanhadas de defesas das políticas conduzidas pelo regime, com as quais procurava vinculá-las. Paralelamente, a reafirmação da ordem e da disciplina configuravam um elemento necessário para que o texto não fosse recebido com preocupação pelos setores conservadores. Naquele momento, qualquer posicionamento heterodoxo poderia significar o fim de sua rápida ascensão política.

Embora enfrentasse resistência dos aliados de Chernenko, Gorbachev deu continuidade aos seus trabalhos na área econômica – com a expansão dos experimentos econômicos iniciados no ano anterior – e ainda ganharia novas esferas de influência, com especial destaque para o campo da política externa. Nesse sentido, ele passaria a liderar comitivas de políticos soviéticos em viagens e missões oficiais ao exterior, substituindo o adoecido secretário-geral. Dentre elas, destaca-se sua ida ao Canadá, no segundo semestre de 1983, em que Gorbachev não apenas se encontrou com os governantes do país, como ainda visitou fazendas e estruturas produtivas do setor agrícola canadense, se dando conta da dimensão do atraso tecnológico e da baixa produtividade da agricultura soviética comparada às potências ocidentais.<sup>136</sup> Também durante sua incursão no país da América do Norte, ele se aproximou do então embaixador soviético Alexander Yakovlev, que pouco depois retornaria a Moscou e se tornaria um dos principais aliados do líder soviético durante a *perestroika*.<sup>137</sup>

Meses depois, em junho de 1984, ele presidiu a comitiva que acompanhou o funeral do líder do Partido Comunista Italiano (PCI), Enrico Berlinguer. Desde a intervenção soviética na Tchecoslováquia, em 1968, as relações entre o PCUS e o PCI – assim como com grande parte dos Partidos Comunistas da Europa Ocidental – mantinham-se protocolares e distantes. Os italianos procuravam afirmar sua independência em relação à Moscou, embora o contato fosse constante, com a presença mútua em seus congressos e encontros importantes. Durante sua estadia em Roma,

---

<sup>135</sup> BROWN, 1996, p. 79.

<sup>136</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 148-150.

<sup>137</sup> Cf.: BROWN, 1996, p. 74; COHEN, 1989, pp. 33-75.

Gorbachev relata um encontro com as novas lideranças do PCI, no qual propusera que a relação entre os dois partidos se desenvolvesse de forma qualitativa, expandindo o diálogo e a troca de ideias.<sup>138</sup>

Finalmente, outra viagem realizada nesse período é tida por muitos como a grande apresentação de Gorbachev ao Ocidente. Em dezembro de 1984, ele chefiou a comitiva soviética em uma visita oficial ao Reino Unido. Dois momentos foram marcantes nessa experiência: o encontro com a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, que resultaria em declarações públicas da chefe de governo elogiando o futuro líder; e seu discurso no parlamento britânico, em 18 de dezembro, no qual Gorbachev volta a tratar de elementos que seriam centrais na condução de sua política externa, tais como a crítica ao agravamento das tensões políticas decorrentes da Guerra Fria, a necessidade de redução dos arsenais atômicos e a possibilidade de estabelecimento de relações cooperativas entre os países, a despeito de suas diferentes escolhas ideológicas e políticas:

Nosso objetivo consiste no ajuste conjunto – já que ninguém pode fazê-lo sozinho – dos problemas mais importantes que nos são essencialmente comuns. São eles: evitar a guerra; parar a corrida armamentista e proceder ao desarmamento; resolver os conflitos e crises já existentes e prevenir os potenciais; criar atmosfera e recursos internacionais para solucionar os problemas de cada um [...]; e reunir esforços para atacar questões mundiais como a fome e a doença, a proteção do meio ambiente e a produção de energia e matérias-primas.<sup>139</sup>

Nota-se uma redução significativa no tom crítico ao Ocidente que o líder introduz nesse discurso comparado àqueles proferidos ao público soviético ou aos aliados socialistas. Mantendo a defesa da política externa soviética, vista como pacifista, Gorbachev evita duras críticas às hostilidades imperialistas, o enfoque na luta de classes ou na crise histórica do modelo capitalista, procurando dar destaque às possibilidades de cooperação e coexistência pacífica. Já aqui, ao tratar dos perigos provocados pela tensão militar e nuclear, o autor defende a necessidade de um novo pensamento político - *novoye politicheskoye myshleniye* – voltado às relações internacionais, outra bandeira de sua futura liderança:

---

<sup>138</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 159-160.

<sup>139</sup> GORBACHEV, 1987a, p. 42.

Quando falamos em guerra e paz, devemos ter em mente que a natureza dos armamentos de hoje em dia, especialmente dos nucleares, mudou a noção tradicional desses problemas. A humanidade está agora no limiar de um novo estágio da revolução científica e tecnológica que afetará o futuro desenvolvimento da tecnologia militar. [...] A era nuclear exige inevitavelmente um novo pensamento político. Evitar uma guerra nuclear é a questão mais candente para todos os povos da terra.<sup>140</sup>

Com a morte de Chernenko, em 10 de março de 1985, a cúpula partidária se reuniria pela terceira vez em três anos para escolher o secretário-geral do CC do PCUS. A eleição de Gorbachev foi rápida, sendo oficializada cerca de 24 horas após a morte de Chernenko. A celeridade do processo sucessório não significou, contudo, que a indicação do novo líder tenha sido um consenso entre todos os líderes. Nesse sentido, Brown destaca a movimentação dos setores ligados a Brezhnev e Chernenko em busca de uma candidatura alternativa.<sup>141</sup> O resultado das articulações, contudo, seria conhecido no final da tarde do dia 11 de março, quando Andrei Gromiko faria um discurso no Comitê Central propondo o nome de Mikhail Gorbachev ao cargo, contando com o apoio “unânime” do *Politburo*.

---

<sup>140</sup> GORBACHEV, 1987a, p. 43.

<sup>141</sup> BROWN, 1996, pp. 84-85.

## ***Capítulo II - A perestroika e Gorbachev (1985-1991)***

Se por um lado, a escolha de Gorbachev representou uma vitória da ala reformista na cúpula do PCUS, por outro, as disputas que precederam sua chegada ao poder e as dificuldades enfrentadas pela nova liderança nos primeiros anos da *perestroika* sinalizavam que o embate com os setores conservadores ainda estava longe de ser encerrado. Afinal, muitas lideranças avessas a mudanças mais radicais no sistema continuaram a ocupar posições importantes tanto no *Politburo* e quanto no Comitê Central, articulando-se rapidamente para oferecer resistência às políticas que seriam implementadas pelo novo líder. A força e a resiliência dos conservadores estenderam essa disputa até as vésperas da dissolução soviética, tendo talvez na tentativa de golpe em agosto de 1991 uma de suas últimas investidas para retomar as rédeas do regime.

Ao mesmo tempo, o grupo de reformadores que ascendeu com a escolha de Gorbachev se revelava bastante heterogêneo, divergindo consideravelmente em relação ao escopo, aos objetivos e aos limites do processo de mudanças. Isso porque embora seus integrantes concordassem que o sistema soviético tinha falhas e que medidas precisavam ser tomadas antes que uma grave crise econômica, política ou mesmo de legitimidade se instaurasse, o entendimento quanto à dimensão e a intensidade das mudanças necessárias estava longe de um consenso.

Nesse sentido, ao analisar o cenário das reformas em curso na URSS a partir de 1995, o economista sueco Anders Aslund identificou cinco programas distintos, encabeçados por membros da cúpula partidária, que disputavam os rumos da *perestroika*. O primeiro, encabeçado pelo próprio Gorbachev, defendia medidas mais radicais de descentralização do sistema e maior autonomia às unidades produtivas, alinhadas a um processo de abertura política gradual. Um segundo programa, que tinha como principal expoente o presidente do Conselho de Ministros da URSS, Nikolai Ryzhkov, não apenas defendia alterações nas estruturas de gestão como se colocava favorável à introdução de mecanismos de mercado, desde que fosse mantida em grande medida a força dos órgãos centrais de controle. Uma terceira linha, liderada por Yegor Ligachev – posteriormente identificado como uma das principais lideranças da ala conservadora – argumentava que as pautas prioritárias deveriam se voltar para o combate à corrupção e aos desvios ideológicos, a fim de restaurar a integridade e a

legitimidade do regime - ou como seus partidários afirmavam, “recuperar a moralidade socialista”. Já em uma quarta abordagem, algumas lideranças se mostravam favoráveis a uma agenda reformista de viés tecnocrata, visando aproximar a URSS do sistema adotado pela Alemanha Oriental e refutando maiores concessões ao mercado. Por fim, uma quinta e última proposta congregava os anseios dos líderes mais conservadores, que pretendiam o mínimo de alterações para garantir a manutenção do *status quo*.<sup>142</sup>

Essa necessidade de uma revisão do sistema soviético, que como apontado já estava na pauta das lideranças socialistas antes mesmo da ascensão de Gorbachev, parecia encontrar justificativa em diferentes esferas. Sob a perspectiva econômica, as taxas de crescimento anual da economia soviética, que nos anos 1950 chegaram a dois dígitos, foram desacelerando gradualmente ao longo das décadas seguintes, alcançando a média de pouco mais de 3% durante a primeira metade dos anos 1980.<sup>143</sup>

Ao tentar explicar as razões que estariam por trás desse declínio, o historiador Angelo Segrillo destaca as dificuldades da economia soviética em migrar de um modelo de desenvolvimento extensivo – que lhe proporcionara vantagens competitivas durante boa parte de sua trajetória e que se adequava à estrutura centralizada adotada pelo sistema socialista – para uma estratégia intensiva, sobretudo acompanhando a nova fase da revolução tecnológica nascente a partir dos anos 1970 e os novos paradigmas de produção flexível.<sup>144</sup> Na mesma linha, o economista Victor Kuznetsov reforça o que considera ineficiências sistêmicas do modelo soviético, como a baixa produtividade do trabalho, o lento progresso técnico-científico e os gastos militares elevados.<sup>145</sup>

Outros autores procuram atrelar a necessidade de reformas à perda gradual de legitimidade do próprio regime, uma preocupação que embora fosse comum a praticamente todas as alas pró-reformas, soava bastante cara aos defensores da moralidade socialista. Análises mais radicais como as de John Maynard ou de Sigmund Krancberg vinculam esse declínio de prestígio à própria natureza do modelo socialista e da ideologia marxista-leninista, que havia gerado um regime autoritário e ineficiente, incapaz de atender as demandas e os anseios da população.<sup>146</sup>

---

<sup>142</sup> A análise pormenorizada dos programas alternativos pode ser conferida em: ASLUND, 1989, pp. 23-57.

<sup>143</sup> *Narkhoz...*, 1988, p. 8.

<sup>144</sup> Cf.:SEGRILLO, 2000a.

<sup>145</sup> Cf.:KUZNETSOV, 1997.

<sup>146</sup> Cf.: MACKENZIE; CURRAN, 2002, pp. 689-690

E para além dos fatores ligados à natureza do sistema, algumas abordagens destacam também uma mudança significativa na mentalidade de grande parte da população soviética nos anos 1980 que, como aponta John Keep, tivera acesso a níveis maiores de educação formal, desfrutava de melhores condições materiais e de serviços básicos em relação as gerações antecessoras e que, por isso, adotavam posições mais críticas e traziam maiores demandas em relação ao bem-estar econômico, social e cultural.<sup>147</sup> Em reação à influência do cenário externo, o cientista político Nick Bisley identifica as origens dessa crise na redução gradual da atmosfera de confronto internacional durante a segunda metade do século XX, que ao diminuir a importância da defesa e segurança abriu espaço para questionamentos em relação às carências da população e à própria natureza autoritária do regime.<sup>148</sup>

Em seu conjunto, as linhas interpretativas acima, a despeito de seus diferentes enfoques, parecem convergir com a avaliação de Guillermo O'Donnell e Phillippe Schmitter, que embora ressalte que fatores internacionais podem condicionar e interferir no curso dos regimes de transição, aponta que as forças determinantes para início e continuidade desses processos têm origem doméstica. Nessa perspectiva, eles reforçam a importância das instituições, que precisam atuar na mediação e regulação do processo de mudança, bem como o protagonismo da liderança política na condução desses processos históricos complexos.<sup>149</sup>

### ***Ascensão e concepção das reformas***

A análise de Aslund acerca do programa de reformas implementado por Gorbachev se revela bastante acertada quando analisamos o conjunto de medidas adotadas pelo líder ao longo da *perestroika*. No entanto, os objetivos e as ideias levantadas pelo autor sueco dificilmente podem ser identificados nas manifestações públicas do último secretário-geral em seus primeiros anos à frente da URSS.

Em seu discurso de posse, proferido em março de 1985 perante os membros da sessão plenária do Comitê Central (CC) que o elegera, Gorbachev reitera boa parte dos pontos elencados anteriormente, sem maiores sinais de ruptura ou mudança radical. Na economia, manteve como bandeiras principais a necessidade de aceleração do

---

<sup>147</sup> KEEP, 1995, pp. 331-332.

<sup>148</sup> Cf.: BISLEY, 2004.

<sup>149</sup> O'DONNELL; SCHMITTER, 1986, pp. IX-X.

desenvolvimento técnico-científico, a passagem para uma plataforma de desenvolvimento intensivo e o aprimoramento dos mecanismos de gestão. Já no âmbito político, ele volta a assinalar a necessidade de fortalecimento da democracia socialista, entendida aqui como um reforço das atribuições e do papel desempenhados pelos soviéticos, sindicatos, *Komsomol*, coletivos de trabalhadores e outras instâncias de controle popular.<sup>150</sup>

Ao reforçar sua crença no desenvolvimento da democracia socialista, o líder soviético afastou naquele momento qualquer perspectiva de reforma política ou das instituições de poder. Não há menção, por exemplo, a alterações na legislação eleitoral, à reforma institucional ou ao pluripartidarismo. Por outro lado, ao defender o fortalecimento das estruturas de participação popular, Gorbachev parece compreender que estas instituições, estando sob o controle direto do partido e do governo, haviam perdido seu caráter original de canalizadores das demandas sociais, se convertendo, paradoxalmente, em instrumentos de propaganda e controle.

Diante das limitações impostas pela natureza do regime e o cargo que passara a ocupar, tão importantes quanto as ideias explicitadas são aquelas omitidas intencionalmente. Em suas memórias, Gorbachev ressalta ainda que optou por suprimir do discurso qualquer referência ao chamado “socialismo desenvolvido”, que por sua vez estivera presente em seu discurso ao parlamento inglês meses antes.<sup>151</sup> Tal termo fora cunhado por Brezhnev durante o XXIV Congresso do PCUS, ocorrido em 1971, para definir o estágio em que se encontrava o socialismo soviético naquele momento. Isso porque, embora ao longo dos anos 1970 os indicadores de crescimento econômico estivessem se deteriorando, para grande parte da população a sensação era viver em um período próspero. As condições de vida, especialmente em relação ao consumo, melhoraram consideravelmente em relação aos períodos anteriores, como consequência da injeção de recursos oriundos da disparada, na década, dos preços dos hidrocarbonetos - itens fundamentais da pauta de exportações da URSS – no mercado mundial.

No entanto, diante do agravamento da estagnação econômica no início dos anos 1980 e a normalização dos preços do petróleo e do gás, a noção de que o modelo soviético havia chegado ao seu apogeu parecia estar distante da realidade, tornando a

---

<sup>150</sup> *Kommunist*, 1985, n° 5, p. 9.

<sup>151</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 167.



própria noção de “socialismo desenvolvido” apenas mais um jargão oficial. Ciente desse processo, Gorbachev optou por se afastar paulatinamente dessa conceituação, suprimindo o termo do Programa do Partido durante o XXVII Congresso do PCUS, em 1986.

Ainda que estivesse disposto a introduzir mudanças no modo de funcionamento da máquina soviética, Gorbachev estava consciente de que, mesmo ocupando a posição mais alta de poder dentro do regime, qualquer movimento brusco ou adoção de medidas mais radicais sem prévia negociação com as demais lideranças poderia acarretar em sua queda, assim como ocorrera com Nikita Khrushchev em 1964. Sua experiência na hierarquia partidária contribuiu para a compreensão de que todas propostas, fossem elas de menor ou maior impacto, deveriam soar como um movimento de continuidade, de desenvolvimento em relação à etapa anterior, não uma ruptura. Daí, portanto, a procura do líder em seus primeiros discursos de legitimar seu posicionamento não apenas na tradição leninista, mas como uma continuidade das políticas adotadas por seus antecessores diretos desde o último congresso do partido.<sup>152</sup>

Os congressos do partido eram pontos-chave no sistema político do país, uma vez que nesses espaços eram definidos os eixos que orientariam as decisões do partido – e, por consequência, do país – durante os cinco anos seguintes. Novas políticas e prioridades eram discutidas e aprovadas nesse fórum, enquanto sua operacionalização ficava sob a responsabilidade das sessões plenárias do Comitê Central e das reuniões do *Politburo*. Nesse sentido, ainda que representasse na prática uma mudança significativa nos rumos do país, qualquer medida adotada no intervalo entre congressos deveria demonstrar – ainda que apenas no discurso – alinhamento às decisões do fórum anterior.

Às vésperas da realização de um novo congresso, as lideranças do PCUS retomavam o diagnóstico acerca da situação do país, bem como as discussões sobre como o regime se orientaria nos anos seguintes. Aproveitando esse momento, Gorbachev apresentou na plenária de 23 de abril de 1985 o relatório *Sobre a convocação do XXVII Congresso do PCUS e as tarefas relacionadas com sua preparação e realização*, considerado por boa parte dos autores como o verdadeiro ponto de partida da *perestroika*. Na ocasião, ele encontra espaço para expor mais abertamente suas perspectivas reformistas, sob a justificativa de orientar e fomentar as

---

<sup>152</sup> *kommunist*, 1985, n° 5, p. 8.

discussões que antecedem o XXVII Congresso do PCUS, que seria realizado no início do ano seguinte.

Logo no início, Gorbachev afirma que a despeito das políticas adotadas pelo partido desde o seu último congresso, as dificuldades econômicas não haviam sido superadas.<sup>153</sup> E assim como alertara em dezembro de 1984, ele reforça que as origens da desaceleração econômica do país não residiam apenas nos fatores exógenos, mas eram também resultado de uma postura inerte e indiferente das próprias lideranças soviéticas. A solução desse problema passava, portanto, por uma atuação mais incisiva do PCUS no enfrentamento desse desafio:

A principal questão hoje é como e por que meios pode o país intensificar seu desenvolvimento. [...] O ritmo de crescimento poderá ser substancialmente elevado se colocarmos no centro de toda a nossa atividade a intensificação da economia e do progresso técnico científico, a reestruturação da gestão, da planificação e da política de organização da economia e dos investimentos, o aumento generalizado da organização e da disciplina e a melhoria radical do estilo de trabalho.<sup>154</sup>

Uma bandeira recorrente nos primeiros anos da *perestroika* consistia na necessidade de “aceleração [*uskorenie*] do progresso técnico-científico”. Isso porque Gorbachev, tal qual boa parte dos dirigentes econômicos, engenheiros e cientistas do país, estava consciente do atraso tecnológico da URSS em relação às potências capitalistas, notadamente naquilo que não estivesse relacionado aos setores militar e aeroespacial. Para o novo líder, um dos principais entraves residia no alto custo de produção do país, resultante do desperdício de recursos e matérias-primas, bem como das grandes perdas registradas nos processos de armazenamento e transporte. Para combater esse gargalo, ele defende uma maior responsabilização jurídica das pessoas envolvidas em cada uma das etapas da cadeia produtiva, atingindo, portanto, desde os altos dirigentes até os trabalhadores na base.<sup>155</sup> O que por um lado poderia ser visto como mais uma medida voltada para o reforço da disciplina, indicava, por outro, a preocupação da nova gestão com a alienação dos trabalhadores em relação às suas

---

<sup>153</sup> GORBACHEV, 1985, p. 16.

<sup>154</sup> GORBACHEV, 1985, p. 17.

<sup>155</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 18-19.

atividades e a busca por mecanismos que recuperassem a iniciativa e a autonomia dos agentes.

O discurso também se volta para outro problema latente da economia soviética, desta vez sob a ótica do consumo: a qualidade dos bens produzidos pela indústria e dos serviços prestados à população, que via de regra estavam abaixo dos padrões mundiais e não atendiam aos anseios da população. Se nas economias de mercado, a qualidade dos bens e serviços se regulava pela lógica da competição e dos preços, no universo socialista esse controle caberia ao Estado, em seus órgãos de planejamento e fiscalização:

A aceleração do progresso técnico-científico e o aumento da eficácia da produção são indissociáveis da melhoria radical da qualidade. Sua inadequação às atuais exigências técnico-econômicas, estéticas e a todas as exigências do consumidor e, algumas vezes, mesmo as deficiências flagrantes equivalem, no fundo, ao desperdício de recursos e à perda de trabalho. Eis porque a melhoria na qualidade dos produtos deve manter-se no centro da política econômica. A qualidade é nosso lema atual.<sup>156</sup>

No universo dos serviços, passa a ganhar destaque a necessidade de ampliação dos investimentos e melhorias nas políticas para habitação, saúde, educação e nos espaços de cultura e lazer.<sup>157</sup> A reforma educacional, por sua vez, se converte em uma bandeira importante, vinculada diretamente ao movimento reformista em curso, não mais limitada a um incremento da formação técnica e ideológica dos quadros, mas também a revisão do conteúdo transmitido às futuras gerações, reforçando o desenvolvimento da iniciativa e da criatividade entre os trabalhadores. Nota-se, portanto, uma alteração nas prioridades do processo que embora não rejeite os velhos pilares da formação tecnocrata e educação marxista-leninista, abre espaço para outras habilidades de caráter mais subjetivo.

O caráter extremamente centralizado da estrutura de gestão econômica, bem como a perpetuação dos métodos de crescimento puramente extensivos são novamente apontados como os principais obstáculos a serem enfrentados. E como solução, o líder assinala a necessidade da ampliação do grau de autonomia na esfera produtiva por meio

---

<sup>156</sup> GORBACHEV, 1985, p. 21.

<sup>157</sup> GORBACHEV, 1985, pp. 28-29.

da adoção dos princípios de autogestão e autofinanciamento das empresas, do incremento da responsabilidade e interesse pelos resultados e do estímulo material e moral aos trabalhadores.<sup>158</sup> Tratava-se, na prática, de uma expansão dos princípios que guiaram os experimentos econômicos durante a gestão Andropov e agora seriam disseminados para todas as áreas da economia soviética.

Vale destacar que ao criticar os excessos na centralização do sistema, Gorbachev não colocava em xeque o controle de Moscou e seus órgãos sobre a estrutura econômica e sua gestão. Ele mantém a aposta no planejamento econômico, mas visto sob uma nova perspectiva: os planos deveriam ter um caráter menos diretivo e dirigista, sendo gradualmente substituídos por um modelo mais indicativo, com estratégias que orientassem o desenvolvimento econômico e a ação dos agentes econômicos sem a mesma rigidez.<sup>159</sup> Para tanto, seria necessária a participação ativa das entidades produtivas, dos órgãos públicos locais e das associações científicas que, juntos às lideranças centrais, construiriam um plano mais flexível e realista:

O planejamento deve ser uma alavanca de intensificação da produção, contribuindo para a implementação de soluções econômicas progressistas e garantindo o aumento equilibrado e dinâmico da economia. Ao mesmo tempo, urge isentar os planos das empresas e unidades de produção dos indicadores excessivos e aplicar mais amplamente as normas econômicas suscetíveis de promoverem a iniciativa.<sup>160</sup>

Outro elemento recorrente no debate econômico soviético, o igualitarismo [*uravnilovka*] também foi objeto de condenação direta por Gorbachev em seus primeiros discursos. A crítica à tendência de nivelamento na distribuição de recursos e na remuneração dos trabalhadores fora um tema frequentemente abordado entre os líderes soviéticos desde Stalin, ancorada nas reflexões marxistas tradicionais e canonizada na própria constituição soviética, que em seu Artigo 12 definia que “O princípio aplicado na URSS é a do socialismo: De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo seu trabalho”.<sup>161</sup> Nesse sentido, a diferença na remuneração dos agentes e uma maior responsabilidade das estruturas produtivas em relação aos

---

<sup>158</sup> GORBACHEV, 1985, p. 22.

<sup>159</sup> GORBACHEV, 1985, p. 30.

<sup>160</sup> GORBACHEV, 1985, p. 23.

<sup>161</sup> CONSTITUIÇÃO URSS, 1936.

resultados seriam inerentes ao socialismo e, como aponta Segrillo, pareciam refletir uma certa preocupação da liderança soviética com critérios de eficiência e racionalização econômica.<sup>162</sup>

Ainda assim, na prática, o modelo dirigista acabara por fomentar distorção, fosse pela ausência ou ineficácia de mecanismos de valorização da produtividade dos agentes, ou pela transferência de recursos de empresas lucrativas para as deficitárias como forma de equilibrar (ou salvar) seu orçamento. Gorbachev destacava que o combate ao igualitarismo não consistia apenas em uma causa da “moral socialista”, mas também um instrumento fundamental para a recuperação econômica, reforçando a máxima constitucional de que “a situação material de cada trabalhador e empresa” deveria estar diretamente atrelada “aos resultados de seu trabalho”, estimulando seu interesse.<sup>163</sup>

Voltando-se para a atuação da burocracia, Gorbachev dá os primeiros passos em sua cruzada contra o que considerava uma postura acrítica e avessa à mudança de grande parte dos quadros partidários e estatais.<sup>164</sup> Aos poucos, é possível perceber que as críticas vão perdendo o enfoque personalista, dirigido a gestores e agentes isolados, e ganhando contornos mais institucionais, voltando-se não apenas à atuação de indivíduos, mas à própria dinâmica de funcionamento do sistema em si. No discurso da posse, ele reitera a necessidade de desenvolver o espírito inovador e criativo das lideranças e, diante das eleições para o congresso do partido que se aproximava, ressalta a importância da renovação dos quadros, o que incluía desde o revezamento de cargos e posições até a promoção de jovens líderes, especialmente mulheres:

As recentes reuniões de alguns comitês do Partido mostraram com evidência que o Partido dispõe de quadros maduros. Ao mesmo tempo, reafirmaram a necessidade de observar da maneira mais rigorosa os princípios leninistas de seleção, distribuição e educação dos quadros. Onde esses princípios são desrespeitados e onde a promoção dos trabalhadores se faz com base na “lealdade” pessoal, servilismo ou protecionismo, desaparecem inevitavelmente a crítica e a autocrítica, enfraquecem os contatos com as massas e, como resultado, começam a surgir deficiências no trabalho. [...] É uma razão para pensarmos bem e procurarmos caminhos para uma

---

<sup>162</sup> SEGRILLO, 2000a, p. 61.

<sup>163</sup> GORBACHEV, 1985, p. 25.

<sup>164</sup> GORBACHEV, 1985, p. 37.

movimentação mais enérgica dos nossos quadros dirigentes. Precisamos promover com mais coragem mulheres e jovens promissores para cargos responsáveis.<sup>165</sup>

Nesse sentido, ainda em 1985, Gorbachev conseguiu elevar ao posto de membros plenos do *politburo* alguns de seus principais aliados naquele momento, como Yegor Ligachev, Eduard Shevardnadze, Nikolai Ryzhkov e Viktor Chebrikov. Conforme mencionado anteriormente, embora compartilhassem do entendimento da necessidade de reformas no sistema soviético, os novos membros da elite política soviética divergiam consideravelmente em relação à natureza e a dimensão das mudanças necessárias, o que teria um impacto significativo no andamento das reformas.

Entra em cena também a discussão sobre o papel dos meios de comunicação, que passam a ser vistos como canais de interação entre o regime e as massas. Gorbachev parece compreender que, naquele momento, a imprensa soviética se limitava ao papel de divulgação das opiniões e realizações do governo, sem, contudo, ser capaz de canalizar e dar voz às demandas e anseios da sociedade. Nessa perspectiva, o novo secretário-geral passa a defender abertamente que esses veículos se voltassem para a análise dos fenômenos sociais, a identificação dos problemas mais latentes e a proposição de soluções.<sup>166</sup>

Nos primeiros contornos de sua política de transparência [*glasnost*], o discurso em favor de uma atuação mais assertiva e propositiva dos meios de comunicação era acompanhado de reiteradas menções à responsabilidade dos que proferem críticas e a da necessidade de ordem e disciplina tanto na esfera produtiva quanto na vida social.<sup>167</sup> Talvez por isso, sua recepção inicial dentro e fora da URSS foi tida com cautela e ressalva, considerada por muitos como mais um discurso descolado da realidade. Aos poucos, contudo, as medidas efetivas de maior autonomia e redução gradual da censura na imprensa, que também seriam expandidas ao universo das artes e da literatura, demonstravam uma mudança significativa no controle da informação por parte do regime.

---

<sup>165</sup> GORBACHEV, 1985, p. 35.

<sup>166</sup> GORBACHEV, 1985, p. 40.

<sup>167</sup> GORBACHEV, 1985, p. 32.

Procurando legitimar suas ações e, ao mesmo tempo, assegurar aos setores mais conservadores de que sua agenda não representava um afastamento ideológico, Gorbachev recorre novamente à figura de Lenin. Já no início da *perestroika*, ele daria continuidade ao movimento que iniciara nos primeiros anos da década de 1980, identificando as origens de suas propostas no espírito crítico e pragmático de seu famoso antecessor, menos associadas à imagem do líder revolucionário de 1917 e mais próximas ao dirigente que conduziu a NEP. Nesse sentido, o novo secretário-geral rechaça as acusações de que as mudanças planejadas significariam um descolamento em relação ao socialismo, buscando amparo na doutrina leninista em prol da “busca criadora de caminhos mais adequados para a concretização dos ideais comunistas”.<sup>168</sup>

No plano internacional, Gorbachev segue o caminho trilhado em seu discurso ao parlamento inglês e estrutura sua política externa em dois pilares fundamentais: a coexistência pacífica e o desarmamento nuclear. As razões que justificavam esse novo olhar sobre a realidade global eram numerosas. De um lado, havia uma certa tendência pacifista na personalidade do próprio líder, que como visto anteriormente, vivenciara as experiências traumáticas da guerra em sua infância. Por outro, havia também o fator econômico: os gastos militares consumiam grandes somas de recursos, que, se convertidas para fins pacíficos, constituiriam uma importante reserva para investimentos na esfera produtiva e na oferta de serviços à população. Embora os altos investimentos em defesa fossem perceptíveis, foi somente ao assumir a secretaria-geral do CC do PCUS que ele teve acesso irrestrito ao orçamento soviético e, com isso, uma dimensão clara do comprometimento gerado por esses gastos.<sup>169</sup>

Vale lembrar que a primeira metade dos anos 1980 havia sido marcada por um distanciamento entre as duas superpotências globais, após um período de relativa aproximação e até mesmo de cooperação nas décadas anteriores. E se em terra a militarização e a expansão dos arsenais nucleares já representavam um risco para a humanidade, um novo horizonte de disputa estava se abrindo: a militarização espacial. Nos primeiros anos da administração de Ronald Reagan (1981-1989), os EUA iniciaram o desenvolvimento da chamada Iniciativa Estratégica de Defesa (*Strategic Defense Initiative - SDI*), apelidada de programa “Guerra nas Estrelas”, que oficialmente tinha por objeto a criação de um sistema de defesa instalado na órbita terrestre. Se por um

---

<sup>168</sup> GORBACHEV, 1985, p. 11.

<sup>169</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 215.

lado o programa representava uma ameaça de segurança para os soviéticos, por outro Moscou também temia o custo financeiro que uma nova etapa da corrida armamentista poderia acarretar no já comprometido orçamento da URSS.

Em seu discurso durante a celebração oficial dos quarenta anos da vitória sobre o nazismo, dirigido ao público presente à praça vermelha em 9 de maio de 1985, Gorbachev busca na aliança vitoriosa da Segunda Guerra Mundial as bases para uma nova aproximação entre as diferentes potências em torno de causas comuns:

Toda a experiência da coalizão anti-hitlerista comprova incontestavelmente que os Estados opostos por sua natureza social podem unir os esforços na luta contra o inimigo comum, encontrar soluções mutuamente aceitáveis e trabalhar eficazmente para conseguir o objetivo comum.<sup>170</sup>

Por meio dessa aliança, o líder entendia ser possível buscar a redução da tensão internacional, com a diminuição dos arsenais nucleares e o fim da corrida armamentista, substituindo a atmosfera de enfrentamento e hostilidade por uma realidade de cooperação pacífica e mutuamente benéfica em toda a comunidade internacional.<sup>171</sup> Um exemplo recorrente das possibilidades advindas dessa cooperação surgia a partir do enaltecimento dos anos da *détente*, política de colaboração vigente durante a década de 1970.<sup>172</sup>

Passando do discurso à prática, as primeiras medidas concretas do governo soviético na direção das reformas se voltaram a aspectos mais subjetivos, a exemplo da chamada campanha antialcoolismo. A preocupação com o abuso do consumo de álcool pela população foi um tema latente da história russa, antes mesmo do período soviético, estando presente inclusive em clássicos da literatura do país. Ainda durante o período czarista, o governo imperial adotou medidas para coibir e até proibir o consumo de bebidas alcoólicas no país, que acabaram sendo abandonadas com o tempo. Em 1985, a liderança soviética iniciou uma nova investida nessa esfera, publicando normativas e

---

<sup>170</sup> GORBACHEV, 1985, pp. 84-85

<sup>171</sup> GORBACHEV, 1985, p. 92.

<sup>172</sup> A expressão francesa *détente*, que pode ser traduzida por distensão, é usada para se referir ao período de relaxamento na tensão internacional entre potências dos blocos socialista e capitalista, sobretudo durante os anos 1970. Como resultado prático dessa política, inúmeros acordos internacionais foram firmados com vistas a cooperação político-cultural e a redução de arsenais bélicos, a exemplo do plano SALT e dos tratados de Helsinque.



intensificando as propagandas oficiais dedicadas à redução do consumo dessas bebidas.<sup>173</sup>

Para além da preocupação com a saúde pública, essas medidas também se inseriam no bojo das reformas: pretendia-se promover o incremento da produtividade por meio do reforço da disciplina, redução do absenteísmo e dos acidentes de trabalho – problemas que, na visão de boa parte dos dirigentes, também estavam ligados ao abuso de álcool pelos trabalhadores. Embora a política antialcoolismo tenha alcançado inicialmente resultados positivos, a redução no consumo – e, por consequência, nas vendas – de bebidas acarretou perdas significativas de receita tributária para o governo. Com o agravamento da crise econômica no decorrer das reformas, a campanha seria gradualmente abandonada.

A valorização das carreiras técnicas e científicas também foi objeto de atenção da nova liderança em seus primeiros atos, resultando na adoção de medidas voltadas tanto para o estímulo material, por meio do aumento da remuneração destas categorias, como para o reconhecimento subjetivo de sua importância, a partir da criação e concessão de novos títulos honoríficos específicos.<sup>174</sup> Em paralelo, os experimentos iniciados na gestão Andropov seriam formalmente disseminados para outras esferas da economia soviética (a exemplo da indústria química, de fertilizantes, pesca e metalurgia)<sup>175</sup>, a partir da publicação de normas que introduziam maior autonomia às empresas,<sup>176</sup> bem como criavam mecanismos no sistema de preços destinados a beneficiar produtos de melhor qualidade em detrimento dos de menor qualidade.<sup>177</sup>

---

<sup>173</sup> Cf.: *O merakh po preodoleniyu p'yanstva i alkoholizma, iskoreneniyu samogonovareniya* ["Sobre medidas para superar o abuso de álcool e alcoolismo, erradicação de produção"] In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_12681.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_12681.htm)); e *Ob usilenii bor'by s p'yanstvom* ["No reforço da luta contra o alcoolismo"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_12690.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_12690.htm))

<sup>174</sup> *O sovershenstvovaniyu oplaty truda nauchnykh rabotnikov, konstruktorov i tekhnologov promyshlennosti* ["Sobre a melhoria dos salários dos cientistas, engenheiros e na indústria transformadora"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_12733.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_12733.htm))

<sup>175</sup> Resoluções do Conselho de Ministros da URSS n° 1073, 1075 e 1076 de 12 de novembro de 1985 e n° 1094 de 16 de novembro de 1985. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponíveis online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_12972.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_12972.htm), [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_12973.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_12973.htm), [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_12974.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_12974.htm), [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_12980.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_12980.htm))

<sup>176</sup> *O Shirokom rasprostraneniyu novykh metodov khozyaistvovaniia i usilenii ikh vozdeistviya na uskorenie nauchno-tekhnicheskogo progressa* ["Sobre a disseminação dos novos métodos de administração econômica e fortalecimento e aceleração do progresso técnico-científico"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_12815.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_12815.htm))

<sup>177</sup> SEGRILLO, 2001, p. 101.

### ***O XXVII Congresso do PCUS: a perestroika ganha corpo***

A partir de 1986, as reformas vão ganhando contornos mais bem definidos, se convertendo em política oficial do partido. Isso porque entre 25 de fevereiro e 6 de março daquele ano ocorreu o XXVII Congresso do PCUS que, conforme mencionado anteriormente, consistia em um fórum no qual qualquer proposta de reforma ou mudança mais profunda na orientação do regime precisava ser aprovada antes de se converter definitivamente em política oficial. Até aquele momento, Gorbachev procurara atrelar suas ações e propostas às linhas definidas durante o congresso anterior, realizado ainda durante a gestão de Brezhnev. Agora, a nova liderança tinha a oportunidade de institucionalizar sua agenda de reformas.

O relatório apresentado pelo secretário-geral durante o XXVII Congresso do PCUS se diferenciava dos documentos elaborados por seus antecessores já em seu título: ao atribuir o adjetivo “político”, Gorbachev sinalizava que o documento não se resumiria a um instrumento de propaganda, no qual se enumerariam as realizações do regime com pompa e pouco apreço à realidade, mas sim um exercício analítico e teórico da realidade soviética. Nele, o novo líder procura desenvolver um diagnóstico dos principais problemas políticos e econômicos enfrentados pelo país – com um grau de profundidade e franqueza bem diferente dos congressos anteriores – no qual é possível identificar alguns aspectos centrais de seu pensamento naquele momento.<sup>178</sup>

É importante destacar que o documento em nenhum momento aponta para uma ruptura com os principais pilares do sistema. Gorbachev reafirma sua escolha socialista, procurando demonstrar que as mudanças propostas tinham como objetivo central otimizar as vantagens e possibilidades inerentes ao próprio socialismo ou, como ele mesmo definira, uma “evolução para um estado qualitativamente novo da sociedade socialista soviética”.<sup>179</sup> Isso porque, entre a cúpula partidária, já surgiam os primeiros questionamentos quanto à legitimidade das reformas e ao possível afastamento em relação à ideologia oficial. Em respostas a essas críticas, Gorbachev reforça sua proposta de aperfeiçoamento do sistema, atacando as lideranças dogmáticas, para as

---

<sup>178</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 185.

<sup>179</sup> GORBACHEV, 1986, p. 11.

quais qualquer alteração no funcionamento do mecanismo econômico representava um recuo dos princípios socialistas.<sup>180</sup>

Logo de início, Gorbachev reconhece abertamente o declínio dos indicadores econômicos e de qualidade de vida, bem como o não cumprimento das metas fixadas nos dois planos quinquenais anteriores, caracterizando de forma bastante direta o cenário de estagnação econômico que até então era negado pela liderança do país.<sup>181</sup> E a solução para reverter essa tendência negativa estaria no seio do próprio socialismo, que, segundo ele, dispunha de todas as condições necessárias para se adequar e obter os melhores resultados da revolução técnico-científica, compartilhando seus avanços com toda a população.<sup>182</sup> Nesse sentido, o principal slogan das reformas econômicas na primeira fase da *perestroika*, a aceleração técnico-científica, ganha um conteúdo mais bem definido:

O que entendemos por aceleração? Antes de mais nada, o aumento do ritmo de crescimento econômico. Mas não apenas isso. Sua essência reside na nova qualidade do crescimento: intensificação ótima da produção com base no progresso técnico-científico, na reconstrução da economia, em formas eficientes de gestão, na organização e estímulo ao trabalho.<sup>183</sup>

Nota-se, portanto, que sob a bandeira da *aceleração*, Gorbachev abarca mudanças de natureza estrutural, como a transição para um modelo intensivo de desenvolvimento e alteração nos mecanismos de gestão econômica e planejamento. Em relação a este último aspecto, ele reflete acerca do papel dos órgãos e instituições centrais, garantindo a eles o controle e a supervisão geral dos planos e metas definidos, ao mesmo tempo que questiona sua atuação direta na esfera operacional e sua constante intervenção nos escalões inferiores, o que levava aos gabinetes moscovitas até mesmo decisões administrativas e corriqueiras das unidades produtivas.<sup>184</sup> Em contrapartida, ele destaca a necessidade de incluir dirigentes regionais, administradores de fábricas e

---

<sup>180</sup> GORBACHEV, 1986, pp. 58-59.

<sup>181</sup> GORBACHEV, 1986, p. 39.

<sup>182</sup> GORBACHEV, 1986, p. 21.

<sup>183</sup> GORBACHEV, 1986, p. 37.

<sup>184</sup> GORBACHEV, 1986, p. 52.

fazendas no processo de elaboração dos planos e metas, propiciando um crescimento mais proporcional, equilibrado e realista.<sup>185</sup>

As propostas de reequilíbrio das atribuições e responsabilidades entre o centro e as esferas locais parecem bastante inspiradas pela experiência do próprio Gorbachev enquanto líder regional. Afinal, ele vivenciara na pele a interferência excessiva e as dificuldades para obter recursos e autorizações de Moscou, ao mesmo tempo que também temia a desorganização trazida pelo excesso de descentralização e fortalecimento dos dirigentes regionais, como ocorrera durante as reformas de Khrushchev.

Também é notável mais uma vez a influência dos experimentos que ele próprio conduziu durante a gestão Andropov. Nesse sentido, Gorbachev volta a enfatizar a necessidade de se conceder maior autonomia às empresas, por meio dos princípios de autogestão financeira e autofinanciamento. Tais propostas tinham por objetivo não apenas introduzir maior racionalidade e eficiência ao sistema, como também combater um dos problemas centrais da economia soviética: a baixa produtividade do trabalho. Para tanto, ele considerava imperativo atrelar os ganhos dos trabalhadores aos resultados obtidos por suas empresas, ou seja, vincular salários e bônus pagos à lucratividade das unidades produtivas.<sup>186</sup> Nota-se, portanto, uma preocupação com a alienação da classe trabalhadora em relação aos destinos e produtos de suas empresas, situação que somente seria superada devolvendo a ela seu protagonismo nos núcleos efetivos de decisão e administração da produção, bem como nas consequências – positivas e negativas – de seu trabalho.

Para o setor agrícola, com o qual mantivera estreita relação ao longo de sua carreira, Gorbachev recupera muitas das ideias expressas em seu relatório apresentado aos membros do CC do PCUS em 1978 e que lhe credenciara a assumir um posto na alta administração soviética. Dentre elas, ele reforça a necessidade de se construir metas mais realistas para as cotas de produção das fazendas estatais e coletivas que eram vendidas compulsoriamente ao Estado. Também defende a urgência na revisão dos preços pagos pelos insumos agrícolas, de modo a torná-los mais atrativos ao campesinato. E, tocando em um tema sensível para boa parte da elite política do país,

---

<sup>185</sup> GORBACHEV, 1986, p. 54.

<sup>186</sup> GORBACHEV, 1986, pp. 52-53.

defende abertamente mecanismos de incentivo à produção de excedentes (*i.e.*, acima das cotas de venda compulsória), cuja destinação caberia aos próprios camponeses, podendo ser vendida ao Estado – por preços mais vantajosos que os pagos pelas cotas obrigatórias – ou comercializadas diretamente com as cooperativas de abastecimento das cidades, nas feiras ou nos bazares locais.<sup>187</sup> O que para o líder soviético parecia ser uma medida razoável de estímulo econômico, para uma parcela significativa dos quadros dirigentes soava como um recuo no socialismo, fomentando a mentalidade mercantil.

Em seu conjunto, as medidas propostas para o setor agrícola pretendiam reverter um dos problemas mais latentes da estrutura econômica soviética: as relações excessivamente desiguais entre o campo e a cidade. Desde o processo de coletivização forçada das terras agrícolas e da rápida industrialização ocorrido durante os anos 1930, os recursos oriundos da produção agrária eram revertidos para as cidades, a fim de financiar o desenvolvimento dos setores industriais. A transferência de recursos se dava por meio da relação de troca em termos bastante desiguais entre os insumos agrícolas e bens manufaturados, em benefício dos últimos. Se por um lado tal política propiciou o acúmulo de capital nas zonas urbanas, por outro reduziu o interesse do campesinato, uma vez que os valores pagos por sua produção não eram suficientes para atender plenamente suas necessidades e, mesmo que o fossem, a oferta de bens e serviços na zona rural soviética era bastante deficitária.

Nesse sentido, a disparidade entre a realidade urbana e campesina na URSS era vista como uma das principais responsáveis pela baixa produtividade agrícola, que a despeito do incremento constante de investimentos e da dimensão das terras cultivadas, apresentava índices declinantes e acarretara sucessivas crises de abastecimento no país. Ciente desse quadro, Gorbachev propõe não só o incremento da autonomia administrativa e financeira das fazendas, mas ainda medidas efetivas de estímulo material aos camponeses, com a revisão dos preços pagos aos produtores e uma maior liberdade para destinação dos excedentes.

Em termos gerais, o novo líder sinaliza para a necessidade urgente de se alterar o enfoque de todo sistema produtivo, superando a simples perseguição de metas definidas pela burocracia nos planos e se voltando objetivamente para os anseios e necessidades

---

<sup>187</sup> GORBACHEV, 1986, p. 51.

efetivas da população. Isso implicava, na visão do novo líder, em uma preocupação maior em relação à qualidade dos produtos e serviços ofertados à população. Afinal, mais do que alcançar as cifras quantitativas, era necessário que o desenvolvimento gerasse benefícios reais e sensíveis à população soviética.

Tal alteração no enfoque do sistema, combinada à preocupação com o incremento da produtividade do trabalho, surge em fina sintonia com a proposta central das reformas em promover a aceleração técnico-científica, em uma relação de mútua dependência. Para Gorbachev, o sucesso da *perestroika* – e do próprio socialismo – dependia diretamente do estímulo à inovação, recuperando a capacidade de adaptação do sistema às novas realidades. Tal processo de acolhimento e incentivo à mudança representava, segundo ele, um posicionamento verdadeiramente revolucionário, capaz de dar dinamismo ao sistema e recolocá-lo na órbita dos processos de modernização e desenvolvimento em curso no restante do globo, sem renunciar aos princípios da escolha pelo socialismo.<sup>188</sup>

Retomando questões levantadas em seu discurso proferido em dezembro de 1984, Gorbachev aborda mais uma vez um tema bastante sensível no debate econômico daquele momento: as relações monetário-mercantis. O secretário-geral do CC do PCUS volta a afirmar que tais relações consistiam em um instrumento fundamental para o aprimoramento do sistema, organizando de forma mais eficiente a dinâmica entre os agentes no âmbito da economia socialista. E respondendo às críticas quanto aos possíveis “desvios capitalistas” dessa proposição, ele afirma:

Chegou a hora de superar o preconceito quanto às relações monetário-mercantis, o menosprezo, na prática, pela direção planificada da economia. A negação da importância de sua influência ativa sobre o aumento do interesse dos trabalhadores e sobre a eficácia da produção enfraquece a autogestão econômica, suscita outras consequências indesejáveis. E, pelo contrário, o funcionamento normal e sadio das relações monetário-mercantis em bases socialistas é capaz de criar uma situação e condições de gestão em que os resultados dependem integralmente da qualidade de trabalho da coletividade, da habilidade e da iniciativa dos dirigentes.<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup> GORBACHEV, 1986, p. 46.

<sup>189</sup> GORBACHEV, 1986, p. 60.

Nota-se, portanto, que para Gorbachev não há incompatibilidade entre elementos tipicamente associados às economias de mercado – as relações monetário-mercantis - e o modelo de economia planificada socialista. Ao contrário, ele defende que o reforço de mecanismos como a lucratividade e a maior liberdade na celebração de contratos e transações entre as estruturas produtivas seriam essenciais na superação dos principais problemas que obstruíam o desenvolvimento da economia soviética.

Desde que sucedera Chernenko, Gorbachev pode ter uma dimensão mais realista dos problemas enfrentados pela economia e sociedade soviéticas, bem como daqueles que seriam os principais desafios a serem superados para o sucesso das reformas pretendidas. Nesse sentido, Gorbachev parece tomar ciência de que um dos principais obstáculos às mudanças estava justamente na resistência e apatia dos quadros burocráticos, tanto no Estado quanto no Partido, que pareciam temer a perda de poder e privilégio com as alterações no *status quo*.<sup>190</sup>

Como resposta, Gorbachev busca referências novamente nos textos finais escritos por Lênin ao anunciar a necessidade de reunir esforços por “uma guerra implacável e resoluto à burocracia”.<sup>191</sup> Satisfazendo também as alas reformistas que demandavam um reforço na disciplina, ele afirma a urgência do combate aos “larápios, corruptos e ladrões”,<sup>192</sup> ao mesmo tempo em que reitera os prejuízos decorrentes do patrimonialismo, do parasitismo e da omissão quanto aos resultados negativos por parte de muitos dirigentes. Junto a esse discurso mais incisivo, o líder reformista busca estabelecer os limites do poder e o papel dos quadros partidários e estatais em relação à propriedade socialista:

Os ministérios e as entidades, os organismos territoriais, não são proprietários dos meios de produção, mas apenas instituições da direção estatal que respondem perante a sociedade pelo aproveitamento eficaz do patrimônio nacional. E não podemos admitir que o espírito departamental e local impeça a realização das vantagens da propriedade socialista.<sup>193</sup>

Em meio às críticas à atuação dos quadros, Gorbachev ressalta a importância da imagem pública do partido, que, segundo ele, encontrava-se profundamente desgastada

---

<sup>190</sup> GORBACHEV, 1986, p. 116.

<sup>191</sup> GORBACHEV, 1986, p. 116.

<sup>192</sup> GORBACHEV, 1986, p. 59.

<sup>193</sup> GORBACHEV, 1986, p. 60.

nos diversos estratos da sociedade naquele momento. Mantendo sua crença no PCUS e em seu protagonismo enquanto força motriz das reformas, o líder demandava dos dirigentes que adotassem um posicionamento mais crítico em relação a sua atuação, não apenas superando a resistência à inovação, mas sobretudo promovendo a atitude criativa das pessoas em todas as esferas da administração e da produção. Era necessário que os agentes mantivessem a unidade entre palavras e ações, recuperando a credibilidade e legitimidade das instituições do país, inclusive o PCUS.<sup>194</sup>

A renovação dos quadros aparece neste relatório com a defesa da promoção de jovens e novas lideranças, embora seja contrabalançada pelo discurso em favor da manutenção de pessoas mais experientes. Mais importante do que a idade ou o tempo de serviço junto ao partido, Gorbachev afirma que o cerne da questão estaria na adequação dos quadros aos ideais reformistas e na contribuição que poderiam oferecer à *perestroika*.<sup>195</sup> Se por um lado o então secretário-geral acreditava na contribuição de dirigentes mais experientes e rechaçava uma ruptura brusca na estrutura administrativa do país, por outro seu discurso mais moderado parece também atender às demandas de setores mais conservadores, temerosos em perder suas posições de prestígio. Nesse sentido, convém destacar que a despeito do tom severo de suas críticas, o discurso do novo secretário-geral, naquele momento, não coloca em xeque a liderança do partido nem abre margem a qualquer mudança mais radical do sistema eleitoral, das instituições representativas ou propõe abertura a correntes de oposição.

Outro tema que ganha centralidade no relatório apresentado por Gorbachev aos delegados do XXVII Congresso do PCUS é a necessidade de avançar na democratização do sistema em todas as suas esferas. Embora a ideia de democracia defendida pelo líder se mantivesse em grande parte nos limites ideológicos do momento, ele demonstra sua preocupação com o afastamento dos indivíduos em relação aos processos de debate e tomada de decisão nos diferentes níveis da sociedade soviética. E isso incluía o próprio PCUS, para o qual Gorbachev afirmava ser imperiosa a renovação dos métodos que contemplassem o avanço dos princípios da direção coletiva, do espírito autocrítico e o fortalecimento dos mecanismos de controle interno.

<sup>196</sup> Aliado ao discurso em favor da renovação, estas propostas causaram desconforto em

---

<sup>194</sup> GORBACHEV, 1986, p. 116.

<sup>195</sup> GORBACHEV, 1986, p. 75.

<sup>196</sup> GORBACHEV, 1986, p. 11.



boa parte dos dirigentes, que se beneficiavam dos mecanismos autoritários e que agora sentiam sua posição ameaçada.

Em relação à sociedade em geral, a democratização é tida como um processo sincrônico ao avanço das reformas nas esferas política e econômica, e passava pela restauração do papel ativo e participativo das instituições soviéticas de poder:

[...] o Partido e o Comitê Central adotam medidas tendentes a aprofundar a democracia do regime socialista. Aqui cabe incluir as medidas que visam a dinamização dos trabalhos dos soviets, dos sindicatos, do *Komsomol*, dos coletivos de trabalhadores, dos organismos de controle popular, e o esforço da divulgação de todos os assuntos. Contudo, o que foi feito e se faz não deve ser medido com padrões de ontem, mas com a amplitude e complexidade das novas tarefas.<sup>197</sup>

Neste trecho, resta clara a dimensão – e os limites - da proposta de Gorbachev em relação ao avanço da democracia socialista nessa primeira etapa da *perestroika*. Na visão do líder, não seria possível avançar em direção a uma maior autonomia na esfera econômica e administrativa se tal processo não fosse acompanhado por um movimento similar no âmbito social e individual. Aqui, a democratização residia no incremento da participação popular, no incentivo à mobilização dos cidadãos nos espaços e nas instituições soviéticas, resgatando os indivíduos de sua condição pasteurizada sob o rótulo de uma coletividade amorfa.

Dito de outra forma, a democratização parece expandir para outras esferas da vida social aquilo que Gorbachev colocara no centro das reformas econômicas: a mobilização popular e a reinserção do homem como agente e fim último dos processos sociais. Mas ao falar na necessidade de colocar o ser humano nessa posição central, o líder busca se afastar da defesa do individualismo em uma concepção liberal, reafirmando a primazia dos interesses coletivos e gerais sob os anseios individuais. Trata-se, portanto, de uma revisão do papel dos indivíduos enquanto agentes autônomos no âmbito de um sistema ancorado na supremacia do coletivo, em que o principal desafio consistia justamente na busca por um ponto de equilíbrio entre as diferentes dimensões de interesses (individual e coletiva), com vistas ao empenho voluntário de todos pelos anseios da coletividade.

---

<sup>197</sup> GORBACHEV, 1986, p. 79.

No relatório apresentado em 1986, Gorbachev ainda não avança no debate das instituições político-representativas existentes, sem qualquer menção a reformas institucionais ou do sistema eleitoral. Em seu discurso, ele prega uma participação mais ativa e livre dos trabalhadores, jovens e cidadãos em geral nos organismos e instituições de poder popular já existentes. Ao mesmo tempo, em sintonia com os processos da *glasnost*, ele reafirma a necessidade de maior transparência na transmissão de informações e decisões em todas as esferas de poder, criando mecanismos verdadeiros de prestação de contas à população por meio dos canais de comunicação social.<sup>198</sup>

Ainda no âmbito político, outra bandeira importante das reformas é tratada de forma mais explícita: a defesa do Estado de Direito Socialista. Mesmo antes de avançar mais intensamente no processo de revisão e reparação histórica dos crimes cometidos pelo regime, Gorbachev argumentava em favor da necessidade de se assegurar o cumprimento efetivo das garantias e liberdades constitucionais. Ainda que o sistema normativo soviético garantisse um extenso rol de direitos e prerrogativas, os abusos eram práticas constantes por parte dos dirigentes, enquanto o sistema judiciário do país era desacreditado por grande parte da população. O próprio Gorbachev vivenciara isso na prática, durante o curto espaço de tempo em que trabalhou na Procuradoria soviética logo após se formar em direito pela Universidade Estatal de Moscou.

O avanço da “legalidade socialista” vinha acompanhado de um resgate do papel das instituições e das diversas carreiras jurídicas, ao mesmo tempo em que se defende a urgência de uma revisão no sistema de leis e procedimentos existentes.<sup>199</sup> No entanto, a defesa do Estado de Direito Socialista não significava uma carta branca aos críticos do regime. Para tanto, Gorbachev destaca a responsabilidade dos organismos de segurança do Estado na manutenção da ordem, vigilância e atuação firme “para pôr fim a todo o tipo de ação subversiva”.<sup>200</sup> Ainda que tal discurso atendesse aos limites do momento e se voltasse às críticas dos setores conservadores, parece correto afirmar que o líder não propunha ainda uma política completa de liberdade de expressão.

Finalmente, em relação à política externa, não há mudanças perceptíveis em relação aos discursos anteriores, especialmente àquele proferido no parlamento inglês

---

<sup>198</sup> GORBACHEV, 1986, pp. 81-82.

<sup>199</sup> GORBACHEV, 1986, p. 86.

<sup>200</sup> GORBACHEV, 1986, p. 87.

em 1984. Ainda permanecem traços característicos do discurso oficial soviético perpetuado pelas lideranças anteriores, com ataques contundentes ao imperialismo e a responsabilização das potências capitalistas pelo clima de hostilidade do cenário internacional. A URSS, por sua vez, continua retratada como um país que se orienta pela autodefesa e pela resposta às constantes agressões dos inimigos. Gorbachev reafirma que o socialismo se guia pela autodeterminação dos povos e pela competição pacífica com os países dos demais sistemas socioeconômicos.<sup>201</sup>

Em relação às propostas do líder para a estabilização das relações com os países capitalistas, estas permanecem inalteradas: o fim da corrida armamentista, a desnuclearização das forças militares e a cooperação mutuamente benéfica. No interior do bloco socialista, Gorbachev destaca a necessidade de reforçar a cooperação sob a égide de uma relação mais interdependente e igualitária entre os países, dando margem a redução da rigidez com que Moscou controlava as trocas políticas e econômicas com seus aliados.<sup>202</sup> A reaproximação com a China, relação que se encontrava fragilizada desde os anos 1950, também ganha espaço, com menção direta de uma possível troca de experiências com Pequim, que iniciara suas reformas econômicas sob a liderança de Deng Xiaoping no final da década anterior.<sup>203</sup>

Grosso modo, o relatório apresentado pelo secretário-geral aos delegados do congresso do PCUS em 1986 traz à tona as principais questões que motivaram a liderança soviética a adotar seu programa de reformas. Em meio a reflexões de ordem política, econômica e social, podemos identificar alguns eixos comuns que permeiam não só o pensamento do líder, mas também suas propostas. O mais importante deles consiste justamente na sua crença quanto à necessidade de mobilização dos cidadãos como forma de combater as forças estagnantes e autoritárias do regime. Desse fato deriva sua recorrente defesa da autonomia, da participação e da responsabilidade. Em todas as esferas, a atuação efetiva dos agentes, o acionamento do fator humano, destaca-se como elemento-chave das mudanças, condição necessária para o aperfeiçoamento do sistema e a superação de suas falhas.

---

<sup>201</sup> GORBACHEV, 1986, p. 91.

<sup>202</sup> GORBACHEV, 1986, p. 100.

<sup>203</sup> GORBACHEV, 1986, p. 101.

A despeito dos avanços perceptíveis no discurso oficial, alguns pontos ainda colocavam em xeque o grau concreto de abertura proposto pela nova liderança. A defesa da ordem e da disciplina, a moderação quanto aos limites do grau de autonomia nas diferentes esferas e o caráter abstrato de boa parte das propostas ameaçavam a credibilidade do discurso e levavam a uma certa hesitação popular. E não se podia julgar a população soviética por tal reação, afinal, como o próprio líder afirma em seu texto, a distância entre o discurso e a prática fora uma característica comum entre grande parte dos dirigentes do país até aquele momento.

Em termos pragmáticos, o XXVII Congresso do PCUS avançaria na institucionalização normativa da *perestroika*. Durante esse fórum, foi aprovada a resolução *Diretrizes para o Desenvolvimento Econômico e Social da URSS para 1986-1990 e para o período até 2000*, que fornecia as bases para o novo plano quinquenal e previa a expansão dos métodos de autonomia administrativa, autofinanciamento e bonificação vinculada a resultados para todos os setores da economia soviética, além de propor alterações no sistema de planejamento, gestão administrativa, preços, investimento e crédito.<sup>204</sup> Na mesma oportunidade, seria aprovada uma mudança no programa do partido comunista, que tinha por objetivo o combate à corrupção e a promoção do ingresso e ascensão de novos quadros, mais comprometidos com as propostas de mudança e reforma.<sup>205</sup>

Dando continuidade à introdução de novos mecanismos de gestão econômica, normas foram aprovadas com vistas a descentralização da gestão agrícola e a concessão de maior autonomia às unidades produtivas rurais, na linha das reflexões do líder expostas acima.<sup>206</sup> Em relação ao incremento no padrão de vida dos soviéticos e na qualidade dos bens e serviços ofertados, outro conjunto de medidas adotado pretendia instituir mecanismos de controle e fiscalização da produção com enfoque na avaliação da qualidade, ao mesmo tempo em que procurava modificar as regras de gestão de tal

---

<sup>204</sup> *Ob osnovnykh napravleniyakh ekonomicheskogo i sotsyal'nogo razvitiya SSSR na 1986-1990 i na perspektivu do 2000* ["Diretrizes para o Desenvolvimento Econômico e Social da URSS para 1986-1990 e para o período até 2000"], adotada pelo XXVII Congresso do PCUS em 6 de março de 1986. Disponível em: INSTITUT MARKSIZMA-LENINIZMA pri TsK KPPS. 1986. Vol. 15, p. 183-253.

<sup>205</sup> Cf. INSTITUT MARKSIZMA-LENINIZMA pri TsK KPPS. 1986. Vol. 15, p. 91-161.

<sup>206</sup> *O dal'neishem sovershenstvovanii ekonomicheskogo mekhanizma khozyaistvovaniya v agropromyshlennom komplekse strany* ["Sobre a melhoria do mecanismo econômico de gestão da agricultura no país"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_13224.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_13224.htm))

forma que os melhores produtos – e, por consequências, seus fabricantes – se beneficiassem na disputa pela preferência dos consumidores.<sup>207</sup>

Outro evento ocorrido naquele ano teria um impacto fundamental nos rumos que a *perestroika* tomava e nas reflexões de Gorbachev sobre o sistema soviético e a sociedade como um todo. A explosão do reator nº 4 da Usina Nuclear de Chernobyl (oficialmente Usina de Energia Nuclear Vladimir Ilyich Lenin), entre os dias 24 e 26 de abril, próximo à cidade de Pripyat, na então República Socialista Soviética da Ucrânia, teve repercussões catastróficas dentro e fora da URSS. Esta foi talvez a primeira grande crise com a qual o novo secretário-geral do CC do PCUS teve que lidar desde que assumira a liderança do país e a forma com que sua gestão respondeu à situação sinalizava uma mudança significativa em relação a outros eventos dessa natureza no passado.

O governo soviético foi duramente criticado à época pela demora em adotar medidas para contenção dos efeitos do acidente, especialmente em relação à evacuação da população residente próxima às áreas afetadas, que só foi iniciada cerca de 36 horas após a explosão do reator. Moscou também levou dias para anunciar oficialmente a ocorrência do acidente para a comunidade internacional, o que só aconteceu após autoridades suecas detectarem o aumento nos níveis de radiação em seu território. Em que pese o avanço das propostas reformistas de Gorbachev, a postura adotada pela liderança do regime na condução da crise revelava a dimensão dos desafios a serem enfrentados pelas reformas na esfera política.

Ainda assim, embora grande parte dos governos e da mídia internacional condenassem o governo soviético por tentar abafar a dimensão real do acidente e suas consequências, dentro da URSS as notícias e informações sobre o desastre nuclear de Chernobyl foram repassadas pela imprensa soviética de modo mais aberto e com maior grau de transparência se comparadas a eventos anteriores dessa magnitude. Nos meios de comunicação oficiais, alguns debates entre especialistas chegavam a tocar em temas sensíveis, como o atraso tecnológico e o sucateamento das centrais nucleares soviéticas,

---

<sup>207</sup> *Ob uluchshenií planirovaniya, ekonomicheskogo stimulirovaniya i sovershenstvovanií upravleniya proizvodstvom tovarov narodnogo potrebleniya v legkoi promyshlennosti* [“Sobre a melhoria do planejamento, incentivos econômicos e melhora na gestão da produção de bens de consumo na indústria leve”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_13278.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_13278.htm)); *O merakh po korennomu povysheniyu kachestva produktii* [“Sobre a melhoria do planejamento, incentivos econômicos e melhora na gestão da produção de bens de consumo na indústria leve”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_13299.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_13299.htm))

o que sinalizava avanços na política de maior transparência [*glasnost*] defendida pelo novo líder. O próprio Gorbachev reconheceria, anos depois, que esse evento o alertou não apenas para a gravidade do atraso tecnológico soviético como também para os riscos do sistema gerencial autoritário que grassava em todas as esferas do sistema.

Ainda em 1986, o Soviete Supremo – equivalente ao parlamento da URSS - aprovou em 19 de novembro a Lei *Sobre a atividade de trabalho individual*,<sup>208</sup> que regularizou uma situação já comum na sociedade soviética: o trabalho privado individual. Na prática, essa medida pretendia legalizar e ampliar a oferta de pequenos serviços por particulares, ao mesmo tempo que possibilitava a obtenção de uma renda extra e incentivos materiais aos trabalhadores. Tal dispositivo, contudo, não abria margem à contratação de trabalhadores assalariados por empreendedores privados, que permanecia proibida na União Soviética.

No campo da política externa, convém destacar a realização da primeira cúpula americano-soviética em Reykjavík, capital da Islândia, reunindo Mikhail Gorbachev e Ronald Reagan. Esse encontro foi marcado pela adoção de passos importantes no caminho das negociações de redução dos arsenais nucleares e outras medidas ligadas à desmilitarização, embora não tenha resultado em nenhum acordo efetivo. Isso porque, ainda que sem um documento final significativo, o encontro marcou o início da reaproximação entre as duas superpotências, em diálogo direto entre seus mais altos dirigentes, prática que se tornaria comum durante toda a *perestroika*. Vale lembrar que desde 30 de setembro de 1985, a União Soviética havia declarado moratória unilateral sobre testes e explosões atômicas, a fim de sinalizar suas intenções de negociação e redução da tensão.

Tanto no âmbito ideológico quanto na dimensão das medidas políticas e legais adotadas, o ano de 1986 representou um avanço qualitativo na execução da *perestroika*, sobretudo quando comparado aos primeiros onze meses entre a plenária de abril de 1985 e o XXVII Congresso do PCUS. Na tentativa de ampliar as bases reformistas na liderança, Gorbachev conseguiria a promoção de novos quadros favoráveis às mudanças, dentre os quais o então líder do partido em Moscou, Boris Iéltsin. No entanto, tal progresso das reformas não se fez sentir de modo efetivo no dia a dia da

---

<sup>208</sup> *Ob individual'noi trudovoi deyatel'nosti* ["Sobre a atividade de trabalho individual"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_13419.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_13419.htm))

população, nem sequer nas cifras de crescimento econômico, que atingia tímidos 2,3%.<sup>209</sup> Mais do que isso, muitas das medidas adotadas caminhavam lentamente ou sequer haviam sido efetivadas de fato, o que corroborava para a visão de que as reformas consistiam em mais um discurso vazio da liderança.

Em suas memórias, Gorbachev revela que após viajar pelo país, atingindo as zonas mais remotas do Estado soviético, se deu conta da vagarosidade com que avançavam suas propostas políticas e econômicas e identificou na burocracia a principal causa desse atraso.<sup>210</sup> Se entre os dirigentes moscovitas, que se encontravam sob a tutela direta da cúpula reformista, o descaso frente às mudanças era sintomático, tal situação era ainda mais grave quanto mais se distanciava do centro político do país. Os discursos, decretos e leis aprovados pelos órgãos centrais acabavam por se converter em letra morta em grande parte do território, ao passo em que permaneciam vigentes as velhas práticas políticas e de gestão econômica.

#### ***A resistência burocrática e os obstáculos às reformas***

Diante desse cenário, Gorbachev daria início já no início de 1987 a uma nova etapa das reformas, voltando seus esforços à dimensão política das reformas. Em janeiro daquele ano, seria realizada uma reunião plenária do Comitê Central do PCUS destinada exclusivamente ao debate sobre a necessidade de reorganização dos quadros partidários e estatais. Na ocasião, Gorbachev apresentaria o relatório *Sobre a Organização e a Política do Partido no Domínio dos Quadros*, no qual trouxe à tona uma série de questões fundamentais acerca do funcionamento político do regime e os desafios políticos relacionados à burocracia.

Na ocasião, o líder reconheceu que as medidas caminhavam de forma mais lenta do que o esperado e que os problemas enfrentados pela *perestroika* se mostravam mais graves do que se imaginara no início das reformas.<sup>211</sup> Gorbachev atribui às lideranças partidárias e estatais a responsabilidade direta em relação aos rumos estagnantes da economia soviética desde a década de 1970. Nesse sentido, ele avança na revisão crítica da história do país ao destacar o anacronismo das concepções teóricas de socialismo vigentes naquele momento, que pouco teriam evoluído desde os anos 1930 e 1940 – o

---

<sup>209</sup> *Narodnoe khozyaistvo CCCP v 1990*, p. 7.

<sup>210</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 194-195.

<sup>211</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 5.

período stalinista. Sem citar nominalmente o antigo líder do país, Gorbachev faz uma descrição bastante incomum até então do período em que Stalin esteve à frente da URSS:

As causas dessa situação vêm de longe, tendo sua origem em uma situação histórica concreta em que, por força das circunstâncias conhecidas, desapareceram da teoria e da sociologia a discussão viva e o pensamento criador, enquanto apreciações e critérios abstratos se converteram em verdades incontestáveis e susceptíveis de serem apenas comentadas.<sup>212</sup>

Em outras palavras, ele estabelece uma correlação direta entre a “situação histórica concreta” do período stalinista e as práticas autoritárias, burocráticas e inertes que vigoravam até os anos 1980 na União Soviética. Gorbachev destacaria ainda a absolutização das formas de organização estabelecidos na sociedade, que haviam se convertido em verdadeiros dogmas, contra os quais qualquer proposta era vista como um desvio à escolha socialista. Além disso, ele fala em uma divulgação de “concepções baratas de comunismo”, que teriam enfraquecido o significado histórico e a abrangência ideológica do socialismo.<sup>213</sup> Embora comum entre os críticos soviéticos, especialmente à esquerda, esse diagnóstico franco por parte do líder máximo em relação à história do país sinalizava uma mudança significativa na estrutura do regime.

Seu discurso durante a plenária de janeiro de 1987 marcou uma clara elevação no tom das apreciações acerca do funcionamento do sistema soviético. Ele não só aborda temas delicados da história política do país, como o faz de forma bastante assertiva e crítica, destoando sensivelmente das declarações oficiais tradicionais. Gorbachev identifica nos anos 1930 e 1940 as origens dos métodos dirigistas de gestão e administração econômicas, em detrimento de mecanismos econômicos mais eficazes, que seriam o foco das reformas propostas.<sup>214</sup>

A ausência dos mecanismos de mercado – ainda referidos como relações monetário-mercantis - é reforçada como a principal causa dos desequilíbrios macroeconômicos que estavam na base dos problemas soviéticos, em razão do descompasso entre oferta e demanda.<sup>215</sup> E tal ausência seria fruto, segundo ele, do

---

<sup>212</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 6.

<sup>213</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 6.

<sup>214</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 6.

<sup>215</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 7.



preconceito e da ortodoxia impostos pelas lideranças soviéticas até então, acarretando as condições declinantes da economia do país desde os anos 1970. Gorbachev considera ainda que tais processos levaram à perda de interesse e ao desestímulo da população para o trabalho e na busca dos interesses coletivos.<sup>216</sup> A reintrodução desses mecanismos no âmbito da economia socialista surgia, portanto, como condição necessária para a correção desses problemas e para o bom funcionamento do sistema econômico.

Em relação às reformas iniciadas em 1985, o líder reafirma as principais metas da *perestroika* em sua fase inicial, a saber, a superação da estagnação econômica, a passagem para um modelo de desenvolvimento intensivo, o estímulo à criatividade e iniciativa das massas, a reforma do sistema de gestão econômica, a melhoria na qualidade de bens e serviços e, por fim, a moralização política e o combate aos desvios e deturpações que manchavam a imagem do socialismo soviético.<sup>217</sup>

Gorbachev destaca que embora alguns dados sinalizassem uma melhora no desempenho dos setores agrícolas, industriais e comerciais, além de um incremento nos níveis de renda e produtividade do trabalho, tais índices ainda não haviam alcançado as metas previstas no plano.<sup>218</sup> Após reconhecer que as reformas caminhavam de forma bastante tímida e ainda se encontravam em seu estado inicial,<sup>219</sup> ele destaca a necessidade de se adentrar a uma nova e mais difícil etapa da *perestroika*, que passaria pela expansão e intensificação das reformas para todas as esferas do sistema soviético. E, para avançar nesse caminho, o principal obstáculo a ser enfrentado consistia justamente na resistência burocrática, que segundo Gorbachev, só poderia ser enfrentada com o avanço da democratização dentro e fora do PCUS.<sup>220</sup>

Nesse sentido, Gorbachev pontua como uma das principais deformações políticas do sistema o crescimento exagerado dos órgãos executivos em detrimento dos órgãos eletivos.<sup>221</sup> Ao longo dos anos, os órgãos colegiados e de participação popular – soviets, sindicatos, *komsomol*, etc. - foram perdendo o protagonismo que lhes fora atribuído na Revolução de 1917, assumindo um papel cada vez mais secundário nos

---

<sup>216</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 8.

<sup>217</sup> GORBACHEV, 1988a, pp. 10-11.

<sup>218</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 14.

<sup>219</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 15.

<sup>220</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 17.

<sup>221</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 31.

debates centrais do país, enquanto suas atividades e decisões acabaram dotadas de um mero formalismo, muitas vezes vazio em conteúdo e poder efetivo. Daí, portanto, o líder entende necessário reconduzir tais órgãos às suas verdadeiras funções de controle e fiscalização das instâncias executivas, evitando os excessos e arroubos autoritários dos dirigentes e gestores nas diversas esferas

A restauração desse protagonismo às instituições de participação popular não se daria, contudo, a partir de decisões ou mudanças na legislação que as regulavam, uma vez que formalmente já eram as instâncias máximas de deliberação no sistema soviético. Nesse sentido, Gorbachev defende que esse objetivo só seria alcançado se tais instituições de fato canalizassem os debates e anseios da população e, para tanto, torna-se fundamental uma revisão nos mecanismos de escolha dos representantes que compunham essas estruturas. Em outras palavras, o líder passa a questionar a necessidade de mudanças nas práticas eleitorais do regime, movimento que como veremos mais à frente evoluirá rapidamente na direção de reformas institucionais e eleitorais na URSS.

Embora a União Soviética fosse um regime de partido único, conforme assegurado no Artigo 6º da Constituição do país, as eleições ocorriam rotineiramente para escolha de representantes locais nos sovietes e instituições estatais, bem como dos delegados para as conferências e congressos do PCUS. Ainda que não fosse vedada a disputa entre candidatos, a maioria das eleições no país ocorria com candidaturas únicas. Além disso, em muitos casos, lideranças concorriam como candidatos em distritos com os quais não tinham grande ligação e, portanto, desconheciam a realidade e as necessidades de suas populações. Como resultado, o processo eleitoral soviético era considerado por muitos críticos como um instrumento de agitação e propaganda do regime, sendo incapaz de promover um debate mais realista dos problemas enfrentados e canalizar as demandas e interesses dos eleitores.<sup>222</sup>

Mesmo assim, na plenária de 1987 Gorbachev ainda não apresentou nenhuma proposta mais radical de mudança no sistema político. Ele assegura que o modelo soviético seria capaz de assegurar “a representação dos diversos estratos sociais nos órgãos eletivos de poder político”.<sup>223</sup> No entanto, o líder critica o que considerava

---

<sup>222</sup> Cf.: ZASLAVSKY, 1978, pp. 362–371.

<sup>223</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 20.

práticas formalistas na escolha dos candidatos, que muitas vezes seriam indicados em acordos e decisões políticas de gabinete. Ao mesmo tempo, ele também questiona o excesso de pompa e formalidade nas campanhas eleitorais, que muitas vezes não proporcionariam canais de debate e construção de propostas a partir das necessidades e interesses dos próprios eleitores.

Em sintonia com a necessidade de refinamento na escolha de candidatos e representantes institucionais, Gorbachev também assinala a importância de se avançar na democratização no interior das fileiras partidárias, que passaria por mudanças no processo eleitoral e de ascensão política dentro do PCUS. Em seu discurso aos delegados do CC, Gorbachev apresenta algumas propostas bastante heterodoxas para o período, como a eleição secreta de candidatos indicados pelos próprios membros de comitês locais na eleição de dirigentes regionais e republicanos.<sup>224</sup> Ele assegurava ainda que a renovação dos quadros e as mudanças nas práticas de escolha dos dirigentes seriam um passo fundamental para a restauração dos instrumentos de controle, fiscalização e prestação de contas dos administradores.

Outra proposta (polêmica) apresentada pelo líder na ocasião, o incentivo à promoção de cidadãos independentes – isto é, não filiados ao PCUS – aos cargos de direção também sinalizava um passo importante na mudança do sistema político e administrativo do país. Conforme dito anteriormente, o Partido Comunista era a única organização dessa natureza autorizada na URSS, mas a filiação a ele não era obrigatória para todos os cidadãos. Ao contrário, o processo para se tornar membro efetivo do partido não era simples, tendo os pleiteantes que demonstrar as aptidões e condições consideradas necessárias pelos dirigentes no processo de recrutamento. Legalmente, não havia qualquer restrição à promoção de pessoas não filiadas a postos mais relevantes na estrutura de poder estatal. Na prática, contudo, ser membro do PCUS era uma condição fundamental para qualquer um que pretendesse ascender na esfera administrativa do Estado Soviético.

Essa proposta não só rompia com o silêncio das lideranças soviéticas sobre o papel dos “não comunistas” na dinâmica político-administrativa como também sinalizava o início das futuras discussões acerca do papel do próprio PCUS na condução política do país, cujas funções muitas vezes se confundiam com as desempenhadas

---

<sup>224</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 21.

pelos organismos estatais. Já naquele momento, Gorbachev afirmava ser necessário estabelecer um equilíbrio entre a *direção política* do partido e o *papel ativo* dos órgãos de Estado, sindicatos e as demais organizações sociais.<sup>225</sup>

Em seu conjunto, as ideias expostas neste relatório demonstravam um avanço significativo na visão de Gorbachev em relação ao papel dos quadros partidários e estatais no âmbito das novas relações que a *perestroika* pretendia construir. Mais do que uma simples renovação de nomes ou aperfeiçoamento de práticas, o líder desenha uma nova política para os quadros do PCUS e do Estado Soviético, alinhados aos princípios que norteavam suas propostas para as esferas produtiva e de gestão econômica:

Repito que não se trata de um simples aperfeiçoamento do trabalho com os quadros, mas da elaboração de uma política de quadros que corresponda às tarefas da reorganização [*perestroika*] da sociedade. Só com base numa atitude tão ampla, o trabalho com os quadros poderá contribuir para levar a efeito transformações profundas e revolucionárias.<sup>226</sup>

O resultado prático mais importante da sessão plenária de junho de 1987 foi a aprovação da convocação da XIX Conferência do PCUS, que seria realizada no ano seguinte. Diferentemente dos congressos do partido, que ocorriam a cada cinco anos, as conferências eram encontros sem periodicidade definida, convocados pela liderança para a discussão de temas específicos e cujas decisões, por mais inovadoras que fossem, deveriam se enquadrar nas linhas políticas definidas nos fóruns quinquenais. Ainda assim, as conferências representavam a possibilidade de se construir um debate mais amplo sobre questões centrais e dar legitimidade a decisões importantes desenhadas pela liderança. Gorbachev propõe que a conferência de 1988 se debruçasse sobre os avanços da *perestroika* e os rumos da democratização do partido e da sociedade como um todo, debatendo estratégias para intensificar tais processos.<sup>227</sup>

Também em janeiro, novas medidas seriam adotadas com intuito de dinamizar o sistema econômico. Decretos regulamentariam a instalação em território soviético de representações de empresas, bancos e organizações estrangeiras,<sup>228</sup> além de autorizar a

---

<sup>225</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 39.

<sup>226</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 32.

<sup>227</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 43.

<sup>228</sup> *O sbore za vydachu razreshenii na otkryte i prodlene sroka deyatelnosti v SSSR predstavitel'stv inostrannykh firm, bankov i organizatsii* ["Sobre a taxa para a emissão de licenças para a abertura e manutenção na União Soviética

constituição de *joint ventures* com empresas estrangeiras, desde que o controle do capital continuasse majoritariamente na mão do parceiro soviético.<sup>229</sup> Na prática, tais medidas introduziam elementos novos na dinâmica econômica soviética, dando os primeiros passos na integração do país ao mercado global. Ao mesmo tempo, exigiam o aprofundamento das mudanças na gestão da economia, dada a abertura à participação de agentes não controlados diretamente pela máquina estatal do país.

As reformas econômicas seriam objeto de outra sessão plenária do CC, realizada em junho de 1987, onde Gorbachev apresenta seu relatório intitulado *Tarefas do Partido no Âmbito da Reconstrução do Sistema de Gestão da Economia*. No documento, o líder volta a criticar a vagareza com que as reformas caminhavam e, em sintonia com o discurso proferido meses antes, acusa a resistência da burocracia como principal entrave ao avanço da *perestroika*. Ao criticar a incompetência e leniência dos dirigentes, ele cita diretamente uma série de ministérios e organismos centrais de gestão, bem como seus titulares, trazendo à tona sua responsabilidade pessoal pelo atraso na introdução do novo modelo de gestão.<sup>230</sup> A inércia burocrática ganhava nomes e formas mais bem definidas.

A questão agrícola também aparece como uma preocupação central do país. A crise de abastecimento, embora já viesse sendo objeto de discussão desde o início dos anos 1980, se agravava desde o início da *perestroika*, com déficits recorrentes na oferta de alimentos e gêneros primários em todo o país. Situação similar também ocorria na produção de bens de consumo, sinalizando que a desestruturação do modelo dirigista sem que as novas estruturas de gestão mais autônoma estivessem consolidadas acabara por desorganizar ainda mais o sistema produtivo, acentuando suas fragilidades.

Para o campo, Gorbachev mantém o diagnóstico apresentado em seu relatório de 1978, defendendo a ampliação da autonomia para as fazendas coletivas e estatais, ao mesmo tempo em que dá maior ênfase ao papel que poderiam ser desempenhados pelos lotes de exploração individual e familiares – isto é, a produção dos camponeses nos

---

dos escritórios de representação de empresas, bancos e organizações estrangeiras"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_13731.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_13731.htm))

<sup>229</sup> *O voprosakh, svyazannykh s sozdanem na territorii SSSR i deyatelnost'iu sovmetnykh predpriyatii, mezhdunarodnykh ob"edinenii i organizatsii s uchastiem sovetskikh i inostrannykh organizatsii, firm i organov upravleniya* ["Sobre procedimentos relacionados à criação de joint ventures, associações e organizações internacionais na URSS entre organizações, empresas e governos soviéticos e estrangeiros"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1984 po 1987gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_13741.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_13741.htm))

<sup>230</sup> GORBACHEV, 1988a, pp. 53-54.

lotes de seu usufruto – na dinâmica produtiva do setor agrário.<sup>231</sup> Nota-se que a importância concedida a essas estruturas é crescente, levando-as de mera função auxiliar a uma posição cada vez mais central na oferta de alimentos e insumos no país. Para o líder, mais do que um incremento de recursos, os dirigentes e produtores locais careciam de uma postura mais proativa e menos dependente em relação ao centro, uma combinação entre o fortalecimento da iniciativa e da responsabilidade individuais e o combate ao centralismo dirigista, que resultaria em uma melhora significativa no cenário rural da URSS.<sup>232</sup>

Ao longo do documento, resta claro que Gorbachev passa a entender a reforma política e a reforma econômica como faces de uma mesma moeda. A democratização surge como um elemento inerente ao avanço da *perestroika* em todos os níveis e esferas da sociedade soviética. O que nos primeiros discursos (1985-1986) se resumia à defesa por maior transparência e participação nos organismos de poder popular ganha cada vez mais contornos de uma verdadeira transformação, tocando em temas sensíveis como a estrutura de poder representativo e a prática eleitoral. O próprio líder deixa claro que o sentido e a orientação das reformas naquele momento poderiam ser sintetizados pela fórmula: “mais socialismo, mais democracia”.<sup>233</sup> Veremos, contudo, que o significado desses dois conceitos para o líder ainda sofreria modificações profundas nos anos seguintes.

Também vai se tornando mais claro o novo papel desenhado por Gorbachev para a URSS no cenário econômico mundial. O sucesso nos diálogos para redução da tensão global e da corrida armamentista, abriram espaço para o reforço na estratégia de ampliar a cooperação econômica com os países capitalistas. Nesse sentido, o líder destaca que o país era parte integrante do sistema econômico mundial, procurando derrubar a imagem de um mundo dividido em blocos contrapostos:

Nenhum Estado pode isolar-se hoje economicamente dos outros países. E nosso país não é uma exceção. A economia soviética faz parte do sistema econômico mundial e é obrigatoriamente influenciada pelas relações

---

<sup>231</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 56.

<sup>232</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 59.

<sup>233</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 68.

comerciais e monetário-financeiras internacionais e os últimos êxitos da ciência e da técnica, de uma ou outra forma.<sup>234</sup>

Embora o comércio internacional não fosse em si uma novidade na realidade soviética, a ênfase dada ao papel da URSS como parte integrante da economia global sugere uma mudança sensível na forma como a liderança do país enxergava sua relação com as potências capitalistas. Na prática, Gorbachev parece romper com o isolamento econômico mais rígido construído ainda no período stalinista, sob a égide do “socialismo em um único país”. E vale lembrar que poucos meses depois, em 7 de dezembro, o líder soviético se encontraria novamente com o presidente norte-americano, Ronald Reagan para assinar um tratado para eliminação de mísseis de médio alcance, o primeiro acordo efetivo de desmilitarização entre as superpotências desde o início da *perestroika*.

Ao mesmo tempo, uma participação mais ativa na dinâmica econômica global reforçava a urgência em se abandonar o modelo dirigista, que segundo Gorbachev não oferecia estímulos diretos ao autodesenvolvimento.<sup>235</sup> A alocação administrativa de recursos, o excesso de interferência dos órgãos centrais e o uso de indicadores inadequados para aferição das metas e objetivos resultavam em um sistema no qual os rendimentos dos trabalhadores não dependiam do resultado de seu trabalho, sendo determinados por decisões administrativas tomadas nos gabinetes moscovitas. Para enfrentar esse cenário, o líder chega a abordar questões polêmicas, como a possibilidade de falência das empresas deficitárias.<sup>236</sup> Radicalizando seu discurso pela maior liberdade dos agentes econômicos, ele encerra seu relatório tomando para si um dos principais motes do liberalismo, ao afirmar que aos agentes econômicos *é autorizado tudo o que a lei não proíbe*.<sup>237</sup>

A aparente radicalização das ideias expressas pelo líder seria acompanhada de uma intensificação das medidas adotadas pelo regime. Normas foram aprovadas determinando a transição de todas as empresas estatais para os novos métodos de gestão econômica, passando a vigorar efetivamente os mecanismos de autofinanciamento,

---

<sup>234</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 76.

<sup>235</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 71.

<sup>236</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 72.

<sup>237</sup> GORBACHEV, 1988a, p. 82.

autonomia de gestão e responsabilidade por resultados.<sup>238</sup> Paralelamente, o sistema de planificação seria formalmente modificado,<sup>239</sup> visando a convertê-lo gradualmente em um instrumento cada vez mais indicativo e menos impositivo das metas e objetivos definidos centralmente.<sup>240</sup> Por fim, outras normativas introduziriam modificações significativas na política de crédito e nos sistemas de preços e bancário.<sup>241</sup>

Na sociedade em geral, a política de transparência [*glasnost*] parecia avançar em velocidade superior às medidas para os sistemas econômico e político. Os meios de comunicação ganhavam maior liberdade, veiculando debates sensivelmente mais polêmicos acerca dos problemas da sociedade soviética. A redução da censura permitiria ainda o ingresso de uma gama significativa de publicações, filmes e outros materiais artísticos produzidos no exterior, antes vistos como instrumentos de propaganda burguesa. Embora obras representativas de autores dissidentes como Pasternak (Doutor Jivago) e Solzhenitsyn (Arquipélago Gulag) só viessem a ser publicadas nos últimos anos da *perestroika*, a redução da censura era perceptível com a recuperação gradual de autores que haviam sido perseguidos pelo regime nos períodos anteriores.

### ***Os 70 anos da Revolução e a revisão da História Soviética***

Ainda em 1987, o regime soviético organizou grandes eventos para celebrar os 70 anos da Revolução que colocara os bolcheviques no poder. Na parada militar realizada em novembro daquele ano, Gorbachev faria outro de seus mais notáveis discursos, intitulado *Outubro e Perestroika: a Revolução continua*, centrado na revisão crítica da história soviética e na fundamentação político-ideológica de suas reformas.

---

<sup>238</sup> *O perestroike upravleniya narodnym khozyaistvom na sovremennom etape ekonomicheskogo razvitiya strany* ["Sobre a reconstrução da gestão da economia no atual estágio de desenvolvimento econômico do país"] e "O gosudarstvennom predpriyatii (ob'edinenii)" ["Sobre a empresa estatal (Associação)"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg].* (Disponíveis online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14083.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14083.htm) e [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14078.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14078.htm)).

<sup>239</sup> *O perestroike planirovaniya i povyshenii roli Gosplana SSSR v novykh usloviyakh khozyaistvovaniya* ["Sobre a reconstrução do planejamento e promoção do papel do Gosplan na nova economia"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg].* (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14144.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14144.htm))

<sup>240</sup> SEGRILLO, 2001, p. 105.

<sup>241</sup> Cf.: *O perestroike finansovogo mekhanizma i povyshenii roli Ministerstva finansov SSSR v novykh usloviyakh khoziaistvovaniya* ["Sobre a reconstrução do mecanismo financeiro e reforçar o papel do Ministério das Finanças da URSS na nova economia"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg].* (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14147.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14147.htm)); *Ob osnovnykh napravleniyakh perestroiki sistemy tsenoobrazovaniya v usloviyakh* ["Sobre as principais direções da reconstrução do sistema de preços no novo mecanismo econômico"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg].* (Disponível em [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14148.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14148.htm)). *O sovershenstvovanii sistemy bankov v strane i usilenii ikh vozdeistviya na povyshenie effektivnosti ekonomiki* ["Sobre a melhoria do sistema bancário no país e reforçar o seu impacto na melhoria da economia"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg].* (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14149.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14149.htm)).



Diferentemente dos relatórios anteriores, apresentados frente a um círculo mais restrito de elite política soviética, esse pronunciamento se deu na presença de milhares de espectadores reunidos na praça vermelha, além de ser televisionado para todo o país e, mais tarde, publicado em formato escrito dentro e fora da URSS.

Dada a finalidade da celebração, não era segredo que o secretário-geral do CC do PCUS centraria seu discurso nas origens revolucionárias que constituíram o regime, especialmente na figura de Vladimir Lenin, passando pelo resgate histórico e o desenvolvimento do regime soviético até então. No entanto, Gorbachev aproveita a oportunidade para desenvolver de forma sofisticada a relação entre a trajetória das políticas implementadas por Lênin durante os anos em que esteve à frente do país e aquelas que estavam sendo conduzidas por ele no comando da *perestroika*.

Conforme abordado anteriormente, as referências a Lênin constituíam uma importante fonte de legitimidade para as políticas introduzidas pela liderança soviética desde Stalin. Mais do que amparo ideológico, a aproximação com o falecido líder oferecia uma arma importante contra eventuais críticas de forças opositoras no interior do próprio partido. No caso específico da *perestroika*, tais questionamentos eram crescentes, encabeçados pelos setores mais conservadores que acusavam as novas políticas de representarem um desvio na trajetória do país rumo ao socialismo. E este seria justamente o primeiro aspecto que Gorbachev abordaria em seu discurso, ao recordar as primeiras decisões de seu antecessor ao assumir o poder no país:

Em nossa época, reveste-se de excepcional atualidade a resposta leninista à pergunta colocada pela vida, pela atividade revolucionária, a pergunta sobre a correlação do “modelo” teórico de caminho para o socialismo e a prática real da construção socialista. O marxismo-leninismo como doutrina criadora não é uma correlação de receitas prontas e de prescrições doutrinárias. Estranha ao dogmatismo míope, a doutrina marxista-leninista assegura a interação do pensamento teórico renovador como prática, com o curso da luta revolucionária.<sup>242</sup>

Nota-se que o “desvio” em relação a doutrina marxista-leninista não estaria nas inovações trazidas pela *perestroika*, mas sim no dogmatismo acrítico que engessara o regime e o afastara de seu verdadeiro potencial. Lenin passa a ser destacado como a

---

<sup>242</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 17.

inspiração, o exemplo que guiara Gorbachev em sua atuação reformista. Se estabelece um paralelo não apenas entre práticas inovadoras, mas também nas críticas que eram dirigidas a ambos os líderes, cada qual em seu tempo. Gorbachev destaca que o próprio Lênin também sofrera críticas de seus contemporâneos, contrários a heterodoxia de suas iniciativas.

Iniciando seu resgate da narrativa histórica soviética, Gorbachev destaca como as condições do contexto histórico levaram o país à Guerra Civil e à necessidade do comunismo de guerra após a chegada dos bolcheviques ao poder e como, mais tarde, a dialética revolucionária atribuída a Lenin abriu espaço para a adoção da Nova Política Econômica (NEP).<sup>243</sup> Com isso, ele pretendia demonstrar a trajetória de idas e vindas no início da construção do sistema soviético, rompendo com as leituras dogmáticas e engessadas que haviam se cristalizado entre grande parte dos dirigentes e da população soviética.

Ciente do lapso temporal e dos diferentes contextos que separavam as experiências aqui relatadas, o secretário-geral procura estabelecer uma associação entre a realidade do país nos anos 1920, que levaram Lenin a adotar a NEP, e aquela vivida pela URSS nos anos 1980, durante a *perestroika*. Mais do que buscar referências nas medidas efetivas adotadas naquele momento histórico específico, Gorbachev volta sua atenção para as ideias e princípios teriam norteadas a atuação do líder revolucionário, especialmente no que ele define como apreço pelo “espírito de iniciativa e de criação do povo”, o qual também seria um dos pilares da *perestroika*.<sup>244</sup>

O que nos seduz não são as formas de então, destinadas a assegurar a aliança operário-camponesa, mas as possibilidades contidas na ideia do imposto em espécie no sentido de liberar a energia criadora das massas, impulsionar a iniciativa dos homens, eliminar as barreiras burocráticas que limitam a ação do princípio fundamental do socialismo: “De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo seu trabalho”.<sup>245</sup>

Torna-se evidente, portanto, a proposta de resgate e reflexão sobre o paradigma teórico anterior à década de 1930, que serviriam de inspiração para a nova liderança na

---

<sup>243</sup> GORBACHEV, 1987b, pp. 18-19.

<sup>244</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 20.

<sup>245</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 21.

busca pela reestruturação do regime. O período stalinista, por sua vez, seria objeto de exame bastante crítico, talvez o mais incisivo desde a leitura do relatório secreto por Nikita Khrushchev durante o XX Congresso do PCUS. Essa revisão crítica do período stalinista evoluiria gradualmente nos anos seguintes, com a reparação histórica e reabilitação de figuras perseguidas e condenadas injustamente. Ainda assim, é possível identificar nesse discurso uma mudança bastante significativa na avaliação oficial quanto à atuação do antigo líder, proferido em um evento público.

Ainda assim, ao lembrar os debates que se seguiram à morte de Lenin, Gorbachev se coloca favorável às ideias de Stalin quanto a possibilidade de construção do “socialismo em um único país”, condenando o que considerava uma “mentalidade divisionista e pequeno-burguesa” dos principais opositores do período – Trotsky, Zinoviev e Kamenev. Ele também defende a trajetória do PCUS durante os embates entre Stalin e Bukharin no final dos anos 1920, criticando abertamente a posição daqueles que defendiam a manutenção da NEP para além do período de recuperação ao qual ela estava destinada e se colocando favorável ao processo de coletivização das terras agrícolas e a política de industrialização acelerada. Com isso, mais do que um alinhamento às ideias stalinistas, Gorbachev parece demonstrar sua anuência ao caminho adotado pelo partido na consolidação do regime soviético que estava sendo celebrado. Suas discordâncias, contudo, se tornaram mais evidentes durante a análise quanto à forma como tais processos foram executados.

Sua primeira ressalva se volta à crença nascida durante o final dos anos 1920 e início da década seguinte segundo a qual os mecanismos autoritários de gestão seriam os mais adequados para se alcançar os difíceis objetivos colocados à sociedade soviética.<sup>246</sup> Nessa linha, entendia-se que a industrialização, os gigantescos investimentos em infraestrutura e a organização do sistema produtivo na velocidade e dimensão pretendida pelo regime só poderiam ser obtidos por meio de um modelo dirigista e centralizado. Ao mesmo tempo, o modelo soviético parecia se adequar à lógica de organização produtiva vigente no próprio sistema capitalista, obtendo inclusive resultados superiores às potências europeias e norte-americanas.<sup>247</sup> Para Gorbachev, essa crença na supremacia dos mecanismos autoritários haviam levado a

---

<sup>246</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 28.

<sup>247</sup> SEGRILLO, 2000a, pp. 59-75.

perdas e desvios no sistema soviético, que estavam na base dos problemas enfrentados no fim do século XX.

Um dos primeiros desvios decorrentes dessa prática autoritária mencionado por Gorbachev teriam sido os excessos cometidos durante o processo da coletivização das terras agrícolas. Novamente, Gorbachev não questiona a legitimidade da coletivização em si, mas critica a forma como a liderança conduziu a transferência do campesinato para a nova estrutura de organização das terras, que, segundo ele, representara uma ruptura com a política leninista em relação aos trabalhadores rurais.<sup>248</sup> Isso porque a transição gradual e voluntária dos camponeses, que deveriam ser convencidos pelo exemplo e pelos benefícios resultantes da coletivização, foram substituídos por métodos burocráticos e autoritários, que impunham a coletivização a um ritmo exagerado. Ele destaca ainda que a própria campanha contra os camponeses abastados [*kulaki*], embora legítima, também se perdera no curso dos acontecimentos, passando a se voltar contra uma parte considerável dos camponeses médios. Vale lembrar que, conforme já mencionado, o próprio Gorbachev tivera em sua família experiências que corroboravam o diagnóstico dos excessos cometidos pelo regime nesse período.

As práticas autoritárias de gestão se estenderam também para outras esferas da sociedade soviética, prejudicando o desenvolvimento dos princípios socialistas. Gorbachev considera que mesmo as condições que eventualmente justificaram a adoção desses mecanismos tinham sido superadas. Com o avanço da industrialização e da coletivização consolidado, tais práticas não apenas permaneceram vigentes como foram intensificadas, se convertendo em parte integrante e definitiva do modelo de gestão. Como resultado, o sistema soviético se afastara de sua natureza democrática, possibilitando os crimes e desvios cometidos durante o período stalinista:

É absolutamente evidente que a falta de um nível adequado de democratização da sociedade soviética tornou possível tanto o culto da personalidade como as transgressões da legalidade, as arbitrariedades e repressões da década de 30.<sup>249</sup>

Ao mencionar explicitamente os crimes e abusos cometidos durante os anos 1930, Gorbachev não hesita em atribuir sua responsabilidade a Stalin e seus aliados. Ao

---

<sup>248</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 29

<sup>249</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 30.

mesmo tempo, quando destaca sua anuência às políticas de industrialização e coletivização bem-sucedidas, Gorbachev procura atribuir o protagonismo ao partido e à população soviética, se distanciando da leitura personalista que atribuía seu sucesso ao comando stalinista. Desse modo, as conquistas do regime pareciam vinculadas a decisões acertadas do PCUS e ao esforço dos trabalhadores soviéticos, enquanto eventuais transgressões e delitos eram atribuídos aos desmandos de Stalin. Ainda assim, Gorbachev destaca o papel decisivo da liderança stalinista na vitória das tropas soviéticas sobre os alemães durante a Segunda Guerra Mundial – ou Grande Guerra Patriótica, como é conhecida pelos russos.

Além de reconhecer os crimes e desvios cometidos durante as décadas de 1930 e 1940, Gorbachev avança na direção da política de reparação histórica ao anunciar a reabertura dos processos de reabilitação dos soviéticos perseguidos e condenados injustamente. O resgate dessa memória histórica surge aqui como parte integrante da própria *perestroika*, uma vez que corroboram o enfrentamento de alguns dos principais problemas do sistema soviético, a exemplo da necessidade de democratização, a recuperação da legalidade, o enfrentamento da burocracia e a busca pela transparência.<sup>250</sup>

Prosseguindo com sua revisão da história soviética, Gorbachev abordou também as reformas implementadas por Nikita Khrushchev nos anos 1950, as quais ele próprio vivera enquanto líder local em Stavropol. O secretário-geral do CC do PCUS identifica nesse processo uma das primeiras tentativas concretas de desconstrução do método burocrático e autoritário de gestão, que se orientava para a retomada dos princípios leninistas e dos valores humanistas inerentes ao socialismo na condução do regime.<sup>251</sup> Assim como fizera com a NEP, Gorbachev traça um paralelo entre as propostas reformistas da liderança pós-Stalin e as medidas que estavam sendo colocadas em prática durante a segunda metade dos anos 1980.

Embora as reconhecesse como inspiração para a *perestroika*, Gorbachev destaca que o fracasso das reformas de Khrushchev fora decorrente de sua incapacidade em avançar na democratização da sociedade, atingindo as bases do sistema de gestão

---

<sup>250</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 32.

<sup>251</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 38.

burocrático e autoritário.<sup>252</sup> A ausência de uma contrapartida política às propostas de mudança do sistema econômico também é tida como a principal causa do insucesso de outra tentativa de reforma do sistema, a lideradas por Alexei Kosygin na década de 1960. Tal qual ocorrera nos anos 1950, as reformas de Kosygin teriam enfrentado resistência de grande parte dos líderes partidários, minando as possibilidades de aprimoramento do sistema que se esboçavam naquela ocasião.<sup>253</sup> Resta claro, portanto, que o principal obstáculo dos reformadores que o antecederam estaria na mesma resistência burocrática que Gorbachev enfrentava durante a *perestroika*, e que o sucesso de sua iniciativa estaria no avanço da reforma política e da democratização.

Em relação à era Brezhnev, Gorbachev criticaria seu antecessor pelo apego excessivo aos dogmas e conceitos tradicionais, ancorados no modelo dirigista dos anos 1930 e que pouco se adequavam à realidade vivida pela sociedade soviética. Ele afirma que, ao longo dos anos 1970, a liderança mantinha sua crença nos mesmos mecanismos burocráticos, repelindo propostas e debates que questionassem o status quo de seu funcionamento. Nesse modelo, Brezhnev consolidara sua liderança, angariando apoio por meio da concessão de privilégios e benefícios a lideranças regionais. Como consequência, a URSS assistiria ao agravamento dos indicadores econômicos e sociais, além do afastamento em relação aos princípios fundamentais do socialismo, como a justiça social e a valorização das pessoas.<sup>254</sup> Embora muitos dos efeitos negativos não tenham sido sentidos de imediato pela população na década de 1970, graças a entrada de recursos oriundos da exportação dos hidrocarbonetos a preços elevados, estes se fariam sentir mais intensamente a partir do início dos anos 1980, quando as discussões sobre a necessidade de mudanças no sistema passa a fazer parte da agenda moscovita.

A *perestroika* surge, portanto, como resultado desse acúmulo construído a partir das experiências reformistas anteriores frente a um cenário cada vez mais complexo de redução nos níveis de vida da população e piora dos indicadores econômicos, cujas origens estavam diretamente relacionadas ao esgotamento do modelo dirigista construído durante a liderança stalinista. Mas ao contrário das iniciativas anteriores, as medidas reformistas propostas pelo líder não se restringiam à retomada do crescimento

---

<sup>252</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 38.

<sup>253</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 39.

<sup>254</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 37.

econômico, mas visavam uma transformação mais ampla do próprio sistema soviético em suas diferentes esferas:

*A perestroika* não visa apenas superar a estagnação e o conservadorismo do período anterior e corrigir os erros cometidos; procura também liquidar os traços da organização social e os métodos de trabalho historicamente ultrapassados, que tiveram suas possibilidades esgotadas.<sup>255</sup>

Se por um lado Gorbachev manteve ao longo do discurso suas referências ao aperfeiçoamento do socialismo, por outro, torna-se evidente que as propostas do dirigente vão assumindo um caráter cada vez mais radical, sinalizando que as transformações necessárias para recondução do socialismo aos trilhos do progresso econômico e social demandavam mudanças profundas em sua dinâmica de funcionamento, ou como ele próprio líder afirmou, uma “reconstrução [*perestroika*] revolucionária de todos os aspectos da sociedade socialista”.<sup>256</sup>

Para além das críticas oriundas das alas conservadoras, Gorbachev também precisava lidar com as demandas de setores que consideravam que as reformas caminhavam de forma excessivamente lenta e deveriam ser radicalizadas. Ao mesmo tempo em que reconhece que a resistência conservadora da burocracia consistia no principal obstáculo ao avanço do processo, ele também destaca que uma aceleração desmedida das reformas poderia colocar a perder qualquer chance real de seu sucesso. Percebe-se, portanto, que já naquele momento a atuação do líder soviético se dava em meio a uma intensa disputa entre vertentes opostas, na qual Gorbachev procurava adotar uma posição moderada e conciliatória, ainda que sofrendo ataques de ambos os lados.

Em síntese, a principal contribuição do discurso proferido durante as celebrações dos 70 anos da Revolução de 1971 se dá a partir do exercício intelectual desenvolvido por Gorbachev, buscando identificar as origens e inspirações da *perestroika* na trajetória histórica percorrida pelo regime. Ele procura assentar a legitimidade de suas ações no pragmatismo e na flexibilidade de Lênin – nem tanto do líder revolucionário de 1917, mas no dirigente que conduziu a reorganização do país pela NEP durante o início da década de 1920. O título atribuído ao discurso parece resumir a tese central que o novo

---

<sup>255</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 43.

<sup>256</sup> GORBACHEV, 1987b, p. 51.

líder desenvolve no texto e as ideias que de fato expressava naquele momento: a revolução ainda estava em curso e a *perestroika* seria a nova etapa desse processo.

Pode-se questionar a moderação e até certa “benevolência” com que foram conduzidas as críticas às lideranças anteriores, sobretudo à Stalin e Brezhnev, mas é fundamental destacar que a referência direta e nominal aos erros cometidos por seus antecessores constitui por si só uma postura incomum – e até mesmo ousada – do novo líder. Em um cenário no qual as correntes conservadoras vinham demonstrando sua força no arrefecimento das reformas e estavam presentes nas instâncias máximas de poder do país, dificilmente Gorbachev poderia dispor de total liberdade para romper por completo com a narrativa oficial e o entendimento acerca de temas sensíveis para o regime. Em suas memórias, ele revela que após discutir o esboço do discurso com seus colegas do *Politburo*, optou por omitir determinados assuntos e relativizar o tom de suas críticas, adequando-se aos limites que se impunham naquele momento.<sup>257</sup>

O ano de 1987 se encerraria ainda com a publicação do livro *Perestroika: Novas Ideias para o meu país e o mundo*, traduzido para diversos idiomas e que rapidamente se converteu em um dos principais instrumentos de propaganda e difusão das ideias do líder soviético para o resto do mundo. Na obra, Gorbachev adota uma linguagem adequada à sua finalidade, qual seja, atender aos anseios e sanar as dúvidas da comunidade internacional quanto aos processos que estavam em curso na URSS naquele momento. Ao longo do texto, Gorbachev aborda de forma sintética diversos pontos destacados anteriormente, procurando esclarecer os objetivos e as propostas da *perestroika*.

Ainda assim, o texto traz algumas inovações e sinaliza novos movimentos nas reflexões do autor. A mais simbólica seja talvez a utilização pela primeira vez do termo “mercado” para se referir às novas formas de gestão do mecanismo econômico, substituindo as referências às “leis econômicas” ou “relações monetário-mercantis”, expressões mais bem aceitas no jargão soviético.<sup>258</sup> Embora o sentido permanecesse em grande medida inalterado, a menção direta ao mercado apontava para uma mudança na postura do líder, que até então evitava seu uso para se esquivar das críticas

---

<sup>257</sup> GORBACHEV, 1996a, pp. 241-242.

<sup>258</sup> GORBACHEV, 1988b, p. 102.



conservadoras. E o termo viria ainda acompanhado de outras propostas sensíveis, como a orientação para o lucro e o estímulo à competição entre as unidades produtivas.<sup>259</sup>

Pela primeira vez também, a questão das nacionalidades ganha espaço significativo nas reflexões do líder. As reflexões do líder acerca da interação entre os diversos povos que habitavam a URSS demonstram que o tema já estava na agenda da cúpula partidária, embora não fosse possível talvez ter dimensão da proporção que o debate étnico assumiria nos anos seguintes. No livro publicado em 1987, Gorbachev afirma que a retomada desenvolvimento econômico pelas reformas, aliada ao resgate da iniciativa a autonomia dos indivíduos, poderia resultar na valorização das particularidades e das culturas nacionais, mas que tal processo não deveria ser utilizado por oportunistas a fim de instigar mentalidades nacionalistas radicais e a rivalidade entre os povos que compunham o Estado multiétnico soviético.

Oficialmente, a liderança soviética reiterava a validade da política leninista aplicada às nações, ancorada nos princípios da autodeterminação e no respeito à diversidade cultural e peculiaridades dos diversos grupos que compunham a URSS. Os povos estariam reunidos sob a bandeira do socialismo internacionalista, que tinha na comunhão de classe do proletariado um fator agregador mais importante que eventuais diferenças étnico-culturais. Na prática, contudo, os direitos das nacionalidades foram desrespeitados em diversas situações ao longo da história soviética, fomentando a formação de rivalidades e conflitos entre grupos étnicos. Tal animosidade era mantida sob controle pela força dos órgãos de vigilância e manutenção da ordem, mas com o avanço do processo de abertura política e o enfraquecimento das estruturas de segurança interna, não tardaria para que essa questão assumisse proporções maiores.

Em relação ao processo de democratização do sistema, Gorbachev afirma que as medidas em curso no âmbito da reforma política se ancoravam no princípio do “pluralismo socialista”. De um lado, pretendia-se consolidar a liberdade de expressão e o incremento da postura inovadora dos cidadãos – daí resultaria o pluralismo –, ao passo que tal abertura encontrava seu limite na aderência ao espírito e as ideias socialistas, uma linha tênue por meio da qual se distinguiria entre a atuação crítica e o desvio ideológico.<sup>260</sup> Para Neil Robinson, mais do que estimular o debate livre de ideias, esse

---

<sup>259</sup> GORBACHEV, 1988b, p. 96.

<sup>260</sup> GORBACHEV, 1988b, p. 86.

conceito reforçava o papel de fiel da balança do PCUS e sua liderança, a quem caberia definir os limites socialistas desse pluralismo.<sup>261</sup>

Gorbachev afasta qualquer proposta no sentido de institucionalizar correntes opositoras ou mesmo legalizar a formação de outros partidos, definindo o modelo de partido único como resultado do desenvolvimento histórico da sociedade soviética. Ao mesmo tempo, ele entende que tal posição especial conferia ao PCUS uma responsabilidade ainda maior e reforça a necessidade de avançar na democratização interna do partido, habilitando-o a se tornar um verdadeiro canalizador dos interesses, dos anseios e das diferentes visões presentes na sociedade. Mais uma vez, o adjetivo socialista é introduzido como elemento subjetivo que impõe limites à pluralidade de vozes que encontrariam representatividade na instituição.<sup>262</sup>

Tão importante quanto as inovações incorporadas ao discurso oficial é a identificação daquilo que passou a ser deliberadamente omitido. Dentre as principais ausências, a mais expressiva – e que também já não estava presente fortemente em outros textos publicados ao longo de 1987 – corresponde à supressão da centralidade de uma das principais bandeiras dos primeiros anos da *perestroika*: a aceleração do progresso técnico-científico. Ainda que o desenvolvimento tecnológico continuasse a ocupar uma posição privilegiada dentre os enfoques para reforma da economia soviética, ele aparece em um conjunto mais complexo de medidas voltadas ao aprimoramento da estrutura econômica do país, demonstrando que a compreensão do líder em relação à dimensão e profundidade das reformas também se aprofundara desde 1985.

Fora da URSS, a imagem de Gorbachev começava a se consolidar como um líder reformista que introduzira mudanças profundas na realidade soviética. Embora ainda não fosse possível prever o fim da superpotência socialista, a aproximação do secretário-geral do CC do PCUS com líderes das principais potências capitalistas e seu discurso moderado o tornavam cada vez mais popular no Ocidente. Por outro lado, o agravamento da crise econômica soviética tinha efeito inverso na popularidade do líder dentro da URSS. Segundo dados oficiais, a economia soviética crescera apenas 1,6%

---

<sup>261</sup> ROBINSON, 1992, p. 429.

<sup>262</sup> GORBACHEV, 1988b, p. 140.

em 1987.<sup>263</sup> Amparados pela política de abertura e apoiados por reformistas radicais, manifestantes iniciavam protestos em Moscou, causando reação nas alas conservadoras, sob a liderança de Yegor Ligachev, acentuando a polarização dentro da própria cúpula soviética.

### ***A XIX Conferência do PCUS e o avanço da reforma política***

Os primeiros meses de 1988 não seriam menos turbulentos. Ainda no final de 1987, Boris Iéltsin renunciaria a posição de candidato a membro do *Politburo*, alegando discordâncias com os setores conservadores. Durante a reunião plenária do CC do PCUS realizada em 9 de fevereiro de 1988, Iéltsin seria oficialmente retirado da cúpula do partido. A relação do futuro presidente russo com Gorbachev se deterioraria gradualmente, frente às críticas à vagareza com que caminhavam no país as reformas conduzidas pelo secretário-geral e sua associação às alas conservadoras. Como veremos, a saída do núcleo central do PCUS não significaria seu afastamento do cenário político, mantendo-se atuante e protagonizando debates ao longo dos anos seguintes.

Se a saída de Iéltsin pode ser entendida como uma sinalização da insatisfação das alas reformistas mais radicais, os conservadores também demonstravam seu descontentamento com os rumos da URSS. Em 13 de março de 1988, o jornal *Sovetskaya Rossiya* publicou uma carta sob o título *Não posso ir contra meus princípios*, assinada por uma leitora chamada Nina Andreyeva. A despeito das discussões acerca da real autoria deste documento, o documento sintetiza o posicionamento dos setores mais conservadores, que viam na *perestroika* um desvio do caminho socialista que, se não fosse contido, poderia levar o sistema soviético ao colapso. No texto, os principais eixos das reformas política e econômica são criticados e definidos como deturpações burguesas ou tendências capitalistas. O próprio Gorbachev definiria a carta como um verdadeiro manifesto das forças anti*perestroika*.<sup>264</sup>

Em meio a essas disputas, Gorbachev prosseguiria com as medidas reformistas à luz de suas reflexões anteriores. Uma resolução instituiria as principais regras para arbitragem estatal das disputas comerciais no interior da URSS, prática até então

---

<sup>263</sup> *Narodnoe khozyaistvo CCCP v 1990*, p. 7.

<sup>264</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 252.

inexistente no sistema de alocação administrativa de recursos.<sup>265</sup> Em maio de 1988, o governo soviético daria início à retirada gradual de suas tropas do Afeganistão, operação que se encerraria definitivamente em fevereiro do ano seguinte, sinalizando seu compromisso com a política de não intervenção e redução das tensões internacionais. Também em maio de 1988, o Soviete Supremo aprovou a *Lei sobre Cooperativas na URSS*, que autorizava a criação de empresas na forma de cooperativas – entendidas ainda como formas de propriedade social, embora não estatal - e que atuariam com independência e autonomia em relação ao governo, podendo inclusive contratar mão de obra assalariada.<sup>266</sup> Tratava-se de uma mudança significativa no entendimento das formas de propriedade dos meios de produção na URSS, que embora ainda não reconhecesse a propriedade privada, rompia com a hegemonia estatal vigente até então.

No final do primeiro semestre de 1988, ocorreria a XIX Conferência do PCUS, convocada pelo CC em janeiro do ano anterior. Gorbachev considera que este encontro representou um ponto de virada no curso das reformas, tornando seu movimento irreversível.<sup>267</sup> Na ocasião, ele apresentou o relatório *Sobre o curso da realização das decisões do PCUS e as Tarefas de Aprofundamento da Perestroika*, no qual, para além de um balanço crítico das principais medidas adotadas e seus resultados práticos, o líder aborda as questões e problemas mais urgentes que deveriam ser enfrentados pelo regime.

Ao abordar as causas do atraso no progresso da *perestroika*, Gorbachev volta a criticar a incompetência e leniência dos líderes partidário e estatais como obstáculo, mas introduz outro fator importante: ele reconhece que somente após o início das reformas teria sido possível conhecer a dimensão real dos problemas a serem enfrentados, os quais se revelaram mais profundos e complexos do que se imaginara inicialmente.<sup>268</sup> Em outras palavras, Gorbachev parece reconhecer que ao assumir a liderança soviética, ainda que consciente da necessidade de mudanças, não tinha clareza da real situação do

---

<sup>265</sup> *Ob utverzhdenii Polozheniya o Gosudarstvennom arbitrazhe SSSR i o Pravilakh rassmotreniya khozyaistvennykh sporov gosudarstvennymi arbitrazhami* [“Sobre a Aprovação das Regras de Arbitragem Estatal da URSS e de disputas comerciais por meio de arbitragem do Estado”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14717.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14717.htm))

<sup>266</sup> *O kooperatsii v SSSR* [“Sobre Cooperativas na URSS”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14781.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14781.htm))

<sup>267</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 237.

<sup>268</sup> GORBACHEV, 1988c, p. 95.

sistema e da dimensão das transformações necessárias. Ainda assim, o líder defende que tal processo ocorreu naturalmente e reforça que o principal desafio naquele momento era derrubar a resistência às reformas, o que demandava mudanças no próprio sistema político do país.

Gorbachev retoma o resgate da história soviética para justificar as distorções no funcionamento do sistema político, atribuindo novamente ao período stalinista a responsabilidade por suas falhas. Assumindo um tom mais assertivo do que fizera durante as comemorações aos 70 anos da Revolução, o secretário-geral do CC do PCUS descreve o período stalinista como uma ruptura dos ideais que guiaram a Revolução e atribui à *perestroika* a missão de reconduzir o sistema aos objetivos e valores que guiaram os bolcheviques:

Mas pergunta-se: por que é que, hoje, se coloca a questão de uma reforma política radical? Porque, camaradas, e impõe-se que todos nós hoje reconheçamos, o sistema político resultante da vitória da Revolução de Outubro sofreu, numa dada etapa, graves deformações. Como consequência delas, tornaram-se possíveis a onipotência de Stalin e dos que o rodeavam, a onda de repressão e arbitrariedades. Os métodos administrativos e de imposição implantados nessa altura tiveram influência funesta no desenvolvimento de nossa sociedade. Muitas das dificuldades com as quais hoje nos deparamos têm as suas raízes nesse sistema.<sup>269</sup>

A crítica à gestão Brezhnev também se acentuaria, acusando-o de bloquear os esforços de Khrushchev em recuperar o sistema. O resultado teria sido a manutenção do controle do aparelho administrativo sobre todas as esferas sociais, subordinando a economia aos interesses políticos da liderança por meio de uma estatização excessiva. Gorbachev ressalta que esse cenário contradizia a própria visão leninista acerca do papel do Estado no sistema socialista, segundo a qual este deveria ceder gradualmente espaço à autogestão popular e não se converter em um rígido mecanismo de controle de todas as atividades sociais.

No âmbito socioeconômico, a crise de abastecimento continuava sendo um dos desafios mais latentes a ser enfrentado pelo governo. E retomando o debate sobre a necessidade de valorização e estímulo aos trabalhadores rurais, Gorbachev passa a

---

<sup>269</sup> GORBACHEV, 1988c, pp. 112-113.

defender um modelo de arrendamento das terras agrícolas, que, segundo ele, converteria o camponês em verdadeiro dono das terras.<sup>270</sup> A proposta previa a celebração de um contrato, por meio do qual a terra era colocada sob usufruto dos camponeses, ainda que permanecesse oficialmente como propriedade estatal. Seu principal objetivo, portanto, seria impulsionar os trabalhadores a perseguir resultados mais satisfatórios, atrelando mais diretamente tais resultados ao seu trabalho. Cabe destacar que o arrendamento não concedia formalmente a posse da terra aos trabalhadores rurais, nem sequer reintroduzia a propriedade privada no campo, mas representava uma mudança radical na estrutura agrária soviética e na mentalidade do campesinato.

Em relação ao sistema político, Gorbachev questiona mais incisivamente a ausência de separação clara entre as atividades do partido e dos órgãos de Estado. Para o líder, o PCUS deveria retomar seu papel de vanguarda política da sociedade, enquanto caberia ao aparelho estatal assumir definitivamente o papel de instrumento de poder popular.<sup>271</sup> Ao questionar a interferência excessiva dos organismos partidários na condução dos assuntos de Estado, o líder pretendia atingir um dos pilares do poder exercido pelo aparelho burocrático, que, como abordara anteriormente, oferecia resistência ao avanço das reformas. Ele defende que a participação do partido deveria se dar não mais absorvendo a responsabilidade pela tomada de decisões de caráter estatal – algo recorrente no sistema soviético até então – mas pela atuação dos seus filiados eleitos e formalmente integrados à administração do Estado.<sup>272</sup>

Nesse sentido, o líder defende a necessidade de se recuperar a autonomia dos órgãos estatais e seus dirigentes, desatrelando-os dos órgãos correspondentes mantidos pelo PCUS. Para tanto, Gorbachev coloca como prioridade a reforma do sistema político-eleitoral, o que incluía a criação de uma nova instituição representativa – o Congresso de Deputados do Povo, que corresponderia ao novo parlamento soviético – e mudanças efetivas no processo de escolha dos representantes. Em relação às eleições, embora a proposta ainda não autorizasse a participação de outros partidos políticos, permitia formalmente a inscrição de candidatos independentes – sem vinculação

---

<sup>270</sup> GORBACHEV, 1988c, p. 98.

<sup>271</sup> GORBACHEV, 1988c, p. 114.

<sup>272</sup> GORBACHEV, 1988c, p. 139.

partidária - e previa a criação de mecanismos de estímulo à participação popular na definição dos candidatos do PCUS.<sup>273</sup>

A reforma política assume, portanto, contornos mais bem definidos, alterando significativamente o sistema representativo e o processo de escolha dos governantes. Combinada ao reforço da separação entre Estado e partido, o conjunto de medidas propostas por Gorbachev na XIX Conferência do PCUS configurava uma importante investida do líder no enfrentamento da resistência burocrática, gestada desde a plenária do CC realizada em janeiro de 1987. No relatório, ele volta a defender a necessidade de se ampliar os poderes e a participação dos cidadãos nas instituições de poder popular já existentes, mas ficara evidente que tal estratégia para arejar o sistema político fora colocada em segundo plano.

O debate acerca do funcionamento do Estado de Direito Socialista também é retomado, aproximando-o cada vez mais do conceito liberal homólogo. Ao abordar a centralidade do respeito incondicional à lei e à garantia dos direitos fundamentais, Gorbachev faz uma defesa bastante enfática e direta da liberdade de expressão, associada aos processos de maior abertura dos meios de comunicação e da redução da censura. O líder reflete também sobre outro tema polêmico no país até então: a tolerância religiosa. Oficialmente, a URSS adotava a interpretação do marxismo tradicional, segundo a qual as práticas religiosas eram tidas como um elemento nocivo por seu caráter não materialista e de apaziguamento das contradições sociais. Embora não tenha chegado a romper com esta visão ideológica, Gorbachev defende em seu relatório que os cidadãos não fossem perseguidos ou discriminados por suas crenças – e mais, que lhes fosse garantida a sua liberdade de consciência.<sup>274</sup>

Ainda na esfera do Estado de Direito, Gorbachev também defende mudanças no sistema judiciário soviético, com a adoção de uma legislação que garanta independência na atuação e nos julgamentos proferidos pelos tribunais e demais órgãos de justiça, o fortalecimento dos mecanismos de fiscalização e controle popular e a redução do papel repressivo das instituições de segurança interna.<sup>275</sup> Assim como na esfera política, o

---

<sup>273</sup> O conjunto de medidas que compunham a reforma do sistema representativo, definindo as atribuições de cada órgão, como o Congresso de Deputados do Povo e o Soviete Supremo podem ser consultados com maiores detalhes em: GORBACHEV, 1988c, pp. 117-124.

<sup>274</sup> GORBACHEV, 1988c, p. 116.

<sup>275</sup> GORBACHEV, 1988c, p. 128.

discurso do líder supera a mera defesa do bom funcionamento das estruturas existentes e passa a promover uma mudança de caráter institucional. Para ele, era necessário que a sociedade soviética e seus dirigentes se habituassem com o diálogo e a divergência, em um ambiente tido já como uma das conquistas das reformas:

Claro que pode acontecer não termos unanimidade total quando da adoção desta ou daquela decisão. Mas isso é um procedimento perfeitamente normal no processo democrático. Em geral, já é tempo de aprender a escutar atentamente a opinião do opositor, de renunciar a toda e qualquer atitude preconcebida a seu respeito. O pluralismo socialista de opiniões, os debates, as discussões, os confrontos de pontos de vista, é essa a via para a procura das melhores soluções, das soluções ótimas.<sup>276</sup>

A revisão crítica da atuação histórica das lideranças soviéticas também alcançaria a política externa. Se distanciando ainda mais das antigas premissas que orientavam seus antecessores na política externa, Gorbachev reconhece que os desvios que afetaram o sistema político e econômico também haviam prejudicado a atuação da URSS no cenário internacional.<sup>277</sup> Ainda que na prática o movimento de aproximação com as potências ocidentais já sinalizasse uma mudança na orientação da política externa durante a *perestroika*, o reconhecimento de avaliações e decisões equivocadas por parte do líder máximo do país corroborava o cenário de aprofundamento da abertura política e autocrítica do regime.

Em seu conjunto, as ideias expressas por Gorbachev neste relatório permitem traçar uma trajetória interessante percorrida pelo líder soviético em suas reflexões acerca da esfera política desde que ascendera à secretaria-geral do CC do PCUS. Inicialmente, suas propostas apareciam reunidas sob a bandeira do fortalecimento da democracia socialista, do estímulo à participação popular nos organismos já existentes – soviets, sindicato e *Komsomol* - e da maior transparência em relação às decisões e políticas do governo. Em face das dificuldades encontradas no avanço das reformas, atribuídas em grande parte à resistência oferecida pelos quadros da burocracia, o líder parece entender que as mudanças no sistema político deveriam se voltar não apenas para o aperfeiçoamento das estruturas existentes, mas para um novo eixo de reformas, independente e complementar às iniciativas em curso na área econômica.

---

<sup>276</sup> GORBACHEV, 1988c, p. 123.

<sup>277</sup> GORBACHEV, 1988c, p. 108.



Daí, portanto, que já no final de 1987, e sobretudo a partir da XIX Conferência do PCUS, Gorbachev passa a falar abertamente em uma “reforma política”, que incluía alterações significativas nas estruturas de poder e processo eleitoral, propostas que não estavam em pauta em 1985 e 1986. Paralelamente, nota-se uma mudança expressiva na forma como o líder enxergava o PCUS e seu papel nas reformas e na sociedade soviética. Se por um lado, Gorbachev continuava a se referir ao partido como força motriz do sistema, por outro resta claro que seu papel deveria ser repensado, afastando-o do controle direto sobre as estruturas do Estado e convertendo-o em um instrumento mais político e menos executivo.

Como resultado prático, a conferência aprovaria a resolução *Sobre o estado das decisões do XXVII Congresso do PCUS e tarefas para o aprofundamento da reconstrução*, na qual se coloca pela primeira vez a proposta de estruturação de um “mercado socialista”, no qual o Estado passaria a atuar como agente regulador, se aproximando do conceito defendido pela social-democracia europeia. Embora Gorbachev já tivesse utilizado a expressão “mercado” anteriormente, a menção expressa do termo em um documento do partido sinalizava uma radicalização nas medidas de introdução desses elementos tipicamente associados às economias capitalistas.<sup>278</sup> Na sequência, outras normativas foram aprovadas com vistas à reorganização do sistema judiciário e dos serviços de segurança interna, com foco na moralização da atuação dos órgãos de polícia política e a reafirmação dos direitos fundamentais de manifestação, associação e expressão da opinião.<sup>279</sup>

Como resultado das deliberações da XIX Conferência, a estrutura da cúpula partidária passaria por uma importante reorganização. Diversos departamentos e secretarias do Comitê Central do PCUS, notadamente aquelas responsáveis por segmentos da economia, foram extintos ou fundidos, resultando em uma redução significativa dos órgãos e funcionários. Autores como Gordon Hahn e Neil Robinson argumentam que tais mudanças tinham como objetivo principal eliminar as funções de gestão econômica do aparato partidário, afastando-o das esferas tipicamente estatais no

---

<sup>278</sup> As resoluções adotadas pelo congresso podem ser conferidas em: GORBACHEV, 1988c, pp. 109-119

<sup>279</sup> *Ob obyazannostyakh i pravakh vnutrennikh voisk Ministerstva vnutrennikh del SSSR pri okhrane obshchestvennogo poryadka* ["Sobre os deveres e direitos das tropas internas do Ministério da Administração Interna na manutenção da ordem pública"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_14919.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_14919.htm))

processo de tomada de decisão e execução das políticas oficiais.<sup>280</sup> Em outras palavras, Gorbachev dava um passo concreto em sua estratégia de separação entre as estruturas de Estado e do partido, reservando a este último o papel de organização política e formulação de propostas e estratégias.

Outros discursos proferidos pelo líder soviético no final de 1988 avançariam ainda mais na discussão de alguns temas tratados durante a XIX Conferência, refletindo alterações bastante expressivas na sua visão política e econômica. Para uma plateia de dirigentes locais na cidade russa de Oriol, Gorbachev considera positiva a mudança na atitude e na mentalidade das pessoas em relação aos valores que orientavam o funcionamento da sociedade, inclusive em relação ao sentimento de propriedade:

A afirmação do sentimento de propriedade e a superação da alienação em relação à terra e aos bens de produção mudam, desse modo, a atitude das pessoas para com a vida, a sociedade e os colegas. Eles se orgulham de sua nova posição e dos resultados que obtêm.<sup>281</sup>

A ênfase no sentimento de propriedade da população, acompanhada da defesa da política de arrendamento das terras agrícolas e da aprovação de um conjunto de normas que criara novas formas de organização das empresas demonstram como o debate avançara desde o início da *perestroika*. Sem defender abertamente a reintrodução da propriedade privada, o líder soviético parece convencido de que o modelo vigente até então, centrado na propriedade estatal, havia resultado na alienação da população em relação aos meios de produção e ao trabalho. Nesse debate, ele parece buscar alternativas capazes de conciliar os interesses coletivos – ainda assegurados pela propriedade social dos meios de produção – e os anseios e expectativas individuais dos cidadãos.

Na mesma linha, o debate acerca da introdução de mecanismos de mercado também evoluíra significativamente desde o início das reformas, resultando na proposta da XIX Conferência do PCUS de institucionalização do “mercado socialista”. É fundamental destacar que até aquele momento, a opção pelo socialismo não era questionada por Gorbachev, que considera os problemas enfrentados pelo país como resultado do não aproveitamento das potencialidades do sistema socialista em sua

---

<sup>280</sup> Cf. HAHN, 1997, p. 282; ROBINSON, 1992, p. 431.

<sup>281</sup> GORBECHEV, 1989a, p. 90.

essência. Em diversas ocasiões, ele ressalta que a interpretação equivocada de conceitos como justiça e proteção social teria produzido deturpações na sociedade, como o igualitarismo excessivo nos rendimentos, o parasitismo e a leniência. Nesse sentido, os mecanismos de mercado são apresentados como instrumento de correção das relações entre os agentes econômicos, na busca por conciliar as diferentes esferas de interesse, sob o olhar atento e regulador do Estado socialista.

Ainda assim, muitos dirigentes conservadores encaravam a introdução desses elementos de mercado, independentemente do adjetivo que os acompanhava, como um sinal claro de que as propostas de Gorbachev potencialmente se voltavam à restauração das formas capitalistas no país. O líder, contudo, considerava abstrata a oposição estabelecida por seus críticos entre mercado e socialismo, destacando que a transição para o capitalismo não se resume a mera introdução dessa estrutura.

A prática demonstra, no entanto, que a gestão econômica baseada em planos preestabelecidos, desprezando os critérios e o controle do mercado, é tão incompleta como o mercado que não é regulado pelo planejamento. [...] As principais diferenças entre o socialismo e o capitalismo não consistem na negação do planejamento ou das leis de mercado, mas no interesse de quem estes são utilizados. [...] o que importa é saber se o homem é meio ou objetivo.<sup>282</sup>

Nota-se, portanto, que o líder parece caminhar na direção de uma opção intermediária ao rejeitar a supremacia e infalibilidade do livre mercado, ao mesmo tempo em que reconhece as limitações do regime planejado adotado pela URSS até então. Nesse modelo, mercado e socialismo aparecem como complementares e mutuamente benéficos, corrigindo os desvios de suas formas isoladas. Embora possa soar como uma proposta conciliatória – e próxima ao receituário social-democrata –, Gorbachev desagradava ao mesmo tempo aos liberais convictos e aos socialistas ortodoxos, que lideravam as forças em disputa no cenário político cada vez mais polarizado vivido pela URSS.

Se no âmbito externo, a nova política implementada pela liderança contribuía para a redução na tensão entre as superpotências e na aproximação política entre a URSS e as principais nações capitalistas do Ocidente, no plano doméstico as relações

---

<sup>282</sup> GORBACHEV, 1989a, p. 97.

entre as diversas nacionalidades que compunham o estado soviético se deterioravam gradualmente. Embora o próprio Gorbachev já tivesse mencionado os riscos de ressurgimento dos movimentos nacionalistas no decorrer das reformas, a questão não estava no centro da agenda da liderança nos primeiros anos da reforma. A partir de 1988, contudo, os soviéticos assistiram a intensificação dos conflitos étnicos e o crescimento dos movimentos nacionalistas, tendo como principais focos inicialmente o confronto entre armênios e azerbaijanos no enclave de Nagorno-karabakh, na região do Cáucaso, e a Declaração de Soberania promulgada pela República Soviética da Estônia, à revelia da constituição soviética.<sup>283</sup>

O agravamento da questão das nacionalidades intensificou o debate político no país. De um lado, setores favoráveis à radicalização das reformas pareciam se aliar ao discurso nacionalista, enquanto os conservadores exigiam de Gorbachev uma intervenção direta – e militar – para suprimir tais movimentos. Em um discurso dirigido ao Soviete Supremo em novembro de 1988, o líder soviético trataria especificamente da questão das nacionalidades, reconhecendo de início a pouca atenção dada às questões nacionais durante a história soviética. Para Gorbachev, o regime havia considerado a questão superada a partir da crença no princípio do internacionalismo socialista, fechando os olhos para insatisfações e conflitos que permaneciam latentes no país.

Gorbachev retoma a reflexão que já expressara anteriormente, segundo a qual o processo de abertura política e democratização da sociedade abria espaço para o florescimento de diversas questões que haviam permanecido inertes durante a vigência do modelo autoritário. Ainda assim, ele defendia que o debate deveria se apropriar dos instrumentos disponibilizados pela própria democracia na busca pela solução pacífica dos conflitos, sem que se utilizasse dessa abertura para fomentar movimentos separatistas:

Falando das enormes possibilidades abertas pela democratização da sociedade soviética, não se deve esquecer que se estas forem mal utilizadas e sem a devida responsabilidade, podem-se cometer graves erros. A par da saída da sociedade da estagnação e do começo da realização de suas

---

<sup>283</sup> A Declaração de Soberania aprovada pelo Soviete Supremo da Estônia em 16 de novembro de 1988 determinava que todas as leis e normas emitidas pelos órgãos da União deveriam ser aprovadas pelos órgãos republicanos para serem considerados válidos em seu território. Dois dias depois, este ato seria considerado inconstitucional e inválido pelo *presidium* do Soviete Supremo da URSS.

possibilidades, há tentativas para fomentar as discórdias interétnicas entre representantes de nações e etnias diferentes.<sup>284</sup>

O diagnóstico do líder, portanto, era que forças contrárias à *perestroika* estariam se aproveitando das oportunidades trazidas pela abertura política para fomentar o embate entre os diferentes povos e nações, com vistas a canalizar tais movimentos em favor de interesses políticos próprios. O discurso nacionalista servia, portanto, como uma fachada para acobertar a ambição de grupos políticos locais que enxergavam nesta plataforma uma possibilidade de assumir o controle das repúblicas e regiões.

O líder prossegue suas reflexões defendendo o caráter interdependente das Repúblicas que constituíam a URSS, fazendo uma analogia entre a realidade étnica do país e uma família, na qual os membros, ainda que diferentes, caminham lado a lado para alcançar grandes objetivos comuns.<sup>285</sup> Gorbachev não avança, contudo, em propostas efetivas para construir uma saída negociada e superar os conflitos emergentes, com vistas a manutenção da integridade territorial soviética – preocupação que se tornará prioridade nos anos finais da *perestroika*.

Também no mês de novembro de 1988, o Soviete Supremo da URSS se reuniria para aprovar as mudanças nas regras eleitorais e no próprio aparato institucional do Estado. Na ocasião, o líder apresenta as três etapas que comporiam a reforma política em curso. Inicialmente, a prioridade era a renovação das estruturas de poder representativo, desde os sovietes locais até os órgãos centrais, combinada a alterações no sistema eleitoral, seguindo as diretrizes aprovadas pela XIX Conferência do PCUS. Em um segundo momento, os novos dirigentes deveriam se debruçar sobre a harmonização nas relações entre o poder central e as repúblicas, redefinindo as atribuições (e os limites) de cada esfera. Por fim, Gorbachev destaca a necessidade de se reorganizar as estruturas de poder local, concedendo-lhes maior autonomia e responsabilidade.<sup>286</sup>

Nesse primeiro momento, portanto, as discussões deveriam se centrar na renovação das estruturas de poder central e as mudanças no sistema eleitoral. O Soviete

---

<sup>284</sup> GORBACHEV, 1989a, pp.54-55.

<sup>285</sup> GORBACHEV, 1989a, p. 61.

<sup>286</sup> GORBACHEV, 1989a, p. 19.

Supremo aprovou a criação do Congresso de Deputados do Povo<sup>287</sup> – o novo órgão máximo do legislativo soviético -, a transformação do próprio Soviete Supremo em órgão permanente e mudanças na dinâmica eleitoral, que incluíam autorização a candidaturas independentes e mecanismos de estímulo a uma campanha mais competitiva.<sup>288</sup> Tais mudanças representavam uma alteração radical na dinâmica política do país, iniciando o movimento de aproximação ao sistema vigente nas democracias liberais. Para Gorbachev, embora as reformas econômicas continuassem como prioridade do governo, a democratização da sociedade e do partido eram condições *sine qua non* para a solução dos diversos problemas da sociedade soviética.<sup>289</sup>

Na esfera econômica, as unidades produtivas seriam autorizadas a negociar diretamente com clientes e fornecedores estrangeiros, rompendo oficialmente o monopólio do comércio exterior pelos órgãos governamentais.<sup>290</sup> O desempenho da economia em 1988 confirmava uma razoável recuperação dos índices de crescimento. O incremento da renda nacional (Produto Material Líquido) passara dos 1,6% medidos em 1987 para 4,4%, segundo dados oficiais.<sup>291</sup> Contudo, a radicalização do processo de reforma, sobretudo a partir do segundo semestre daquele ano, teve como efeito prático a desestruturação do sistema produtivo do país sem que uma nova base estivesse solidamente constituída para substituí-lo e efeitos daí seriam sentidos nos anos seguintes.

### ***O Congresso de Deputados do Povo e a questão das nacionalidades***

Em março de 1989, foram realizadas as eleições para o Congresso de Deputados do Povo. O pleito foi marcado não apenas pela possibilidade *de facto* de candidaturas independentes, mas por uma atmosfera de maior liberdade e debate no período de campanha. Os membros do partido também puderam participar do processo de escolha dos candidatos que representariam os comunistas nos distritos. Tais mudanças

---

<sup>287</sup> *O vyborakh narodnykh deputatov SSSR* ["Sobre a eleição de Deputados do Povo da URSS"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_15123.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_15123.htm))

<sup>288</sup> A organização das estruturas representativas do Estado soviético até 1989 se assemelhava à dinâmica de poder interna ao partido. O Soviete Supremo correspondia ao órgão máximo de poder governamental e se reunia uma ou duas vezes por ano, aprovando as deliberações mais importantes e referendando as decisões tomadas pelo seu órgão permanente dirigente – o *presidium* - no intervalo entre suas sessões.

<sup>289</sup> GORBACHEV, 1989, p. 43.

<sup>290</sup> *O dal'neishem razvitii vneshneekonomicheskoi deyatel'nosti gosudarstvennykh, kooperativnykh i inykh obshchestvennykh predpriyatii, ob'edinenii i organizatsii* ["Sobre o desenvolvimento da atividade econômica externa do Estado, cooperativas e outras empresas, associações e organizações públicas"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_15129.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_15129.htm))

<sup>291</sup> *Narodnoe khozyaistvo CCCP v 1989*, p. 8.

possibilitaram que diversos grupos e associações – alguns deles atuando como facções dentro do próprio partido – ganhassem mais espaço no espectro político soviético, ainda que o PCUS permanecesse como a única agremiação partidária legal.

Os resultados das eleições para o Congresso não foram bem recebidos pela cúpula partidária. O próprio Gorbachev descreveu em suas memórias, que a votação significativa alcançada pelos candidatos independentes, que conquistaram cerca de 15% das cadeiras do novo Congresso, foi vista como um enfraquecimento do PCUS. Ao mesmo tempo, lideranças mais ortodoxas também criticavam a eleição de alguns filiados vistos como potenciais dissidentes ou pouco alinhados às diretrizes oficiais.<sup>292</sup>

Em relação à diversificação na representação política soviética, convém destacar que Gorbachev, naquele momento, rejeitava a instauração de um modelo pluripartidário, reforçando sua crença de que as reformas aprovadas no ano anterior seriam capazes de canalizar as diferentes visões e anseios da sociedade no âmbito da democracia socialista:

As eleições confirmam novamente que a democracia socialista e o nosso sistema de poder popular proporcionam enormes possibilidades de expressão de opiniões e interesses. Podemos concluir que é preciso seguir este caminho, e não procurar outros, envolvendo-nos nas especulações políticas por vezes sugeridas na imprensa. Devemos abandonar os modelos abstratos, como as teses do pluralismo partidário. A democracia não depende da existência de vários partidos: é determinada pelo papel do povo na sociedade.<sup>293</sup>

Também no início de 1989, Gorbachev voltaria a debater sobre a questão agrária em razão do agravamento da crise de abastecimento enfrentada no país. Em um discurso proferido aos membros do CC do PCUS, Gorbachev se distancia ainda mais da política histórica do partido para o campo, especialmente em relação às estratégias de coletivização das terras agrícolas. Recorrendo novamente a trajetória histórica percorrida pelo regime, ele destaca as vantagens da política agrária implementada durante a NEP para a recuperação dos níveis de produção do setor rural, que fora

---

<sup>292</sup> GORBACHEV, 1996a, p. 281.

<sup>293</sup> GORBACHEV, 1989b, p. 106.

baseada na concessão de maior autonomia e independência aos camponeses, estimulando sua iniciativa e seu espírito empreendedor.

O líder soviético reconhece os limites e obstáculos que dificultavam o desenvolvimento do setor agrícola naquelas bases ao final dos anos 1920. Por um lado, a incipiente indústria urbana não era capaz de fornecer adequadamente aos trabalhadores do campo bens que suprissem sua demanda, reduzindo o estímulo à ampliação de seus resultados. Por outro, a falta de investimentos em infraestrutura e maquinário limitava seriamente o avanço produtivo.<sup>294</sup> No entanto, Gorbachev rechaça a resposta dada por Stalin para superar o cenário de estagnação dos índices de produção agrícola com a promoção da política de coletivização forçada das terras:

Os dirigentes do país naquela época não procuraram métodos econômicos para resolver os problemas e as contradições e não elaboraram uma política econômica baseada nos princípios leninistas e na experiência da NEP que fosse adequada às novas condições. Seguiram na direção oposta, desmantelando a NEP e as relações monetário-mercantis, baixando os estímulos materiais do trabalho e utilizando métodos administrativos para resolver os problemas socioeconômicos.<sup>295</sup>

A coletivização acelerada passa a ser denunciada por Gorbachev como um erro na condução da política do regime para o campo. Ele destaca ainda uma certa contradição, ao afirmar que Stalin introduzira os princípios defendidos por dois de seus maiores opositores – Trotsky e Preobrazhensky – formuladores da teoria da acumulação primitiva socialista, que ele derrotara anos antes. A canalização de recursos do setor agrário para a indústria, às expensas dos interesses dos camponeses, teria levado a um descontentamento desses trabalhadores, que em resposta passaram a ser perseguidos pelo próprio regime.<sup>296</sup>

Gorbachev não se coloca contrário à ideia da coletivização das terras agrícolas, mas volta a questionar a forma e a velocidade com que tais políticas foram colocadas em prática, pautadas por métodos autoritários e administrativos. Ele critica a liderança stalinista por ter sido incapaz de desenvolver mecanismos de natureza econômica que possibilitassem uma transição gradual e benéfica dos camponeses para o novo modelo.

---

<sup>294</sup> GORBACHEV, 1989b, p. 120.

<sup>295</sup> GORBACHEV, 1989b, p. 120.

<sup>296</sup> GORBACHEV, 1989b, pp. 120-121.



Stalin teria, portanto, se afastado dos princípios leninistas para o campo, que defendiam o convencimento gradual dos trabalhadores, uma estratégia da persuasão pelo exemplo, que fora substituída pela força e pressão administrativa por Stalin, algo que Gorbachev classifica como antimarxista.<sup>297</sup>

O líder também faz duras críticas às campanhas contrárias aos lotes de usufruto pessoal ou familiar pelos camponeses, que ao longo dos anos 1970 foram conduzidas pelos setores mais ortodoxos do regime, sob anuência de Leonid Brezhnev. Gorbachev recorda que essas estruturas foram por vezes associadas à mentalidade burguesa e à permanência da propriedade privada no campo, enquanto na prática eram responsáveis pela produção e abastecimento de itens fundamentais como frutas, laticínios, legumes, ovos e batata.<sup>298</sup> Novamente, o PCUS teria se rendido a interpretações simplistas e dogmáticas, sendo incapaz de aproveitar as oportunidades dessa ferramenta dentro da lógica do sistema socialista.

A missão da *perestroika* se voltava, segundo Gorbachev, para o aproveitamento dessas oportunidades e a correção dos desvios cometidos na política agrária do regime. Ao implantar os princípios da autogestão e do autofinanciamento, pretendia-se superar a alienação dos trabalhadores em relação aos meios de produção e devolver sua identificação como “donos das terras”.<sup>299</sup> As dificuldades persistentes no campo, decorriam, dentre outros fatores, do receio por parte de muitos trabalhadores em aderir aos novos métodos propostos, seja por estarem acostumados às velhas estruturas, pela estabilidade propiciada pelo sistema de ganhos fixos ou ainda pela dificuldade em adotar uma postura mais empreendedora após anos de alienação em relação ao seu próprio trabalho.<sup>300</sup>

A despeito da validade desse diagnóstico, convém destacar que ao longo do processo de reformas, Gorbachev vai introduzindo em sua análise elementos de caráter subjetivo como obstáculos ao avanço das reformas nas diferentes esferas. Embora a necessidade de estimular a iniciativa e autonomia dos indivíduos já estivesse presente no início das reformas, o líder parece compreender gradualmente que uma mudança na mentalidade dos agentes, construída ao longo de um processo histórico, não se revelara

---

<sup>297</sup> GORBACHEV, 1989b, p. 121.

<sup>298</sup> GORBACHEV, 1989b, p. 125.

<sup>299</sup> GORBACHEV, 1989b, p.130.

<sup>300</sup> GORBACHEV, 1989b, pp. 132-133.

uma tarefa simples, nem sequer seria alcançada apenas com a publicação de normas ou a criação de mecanismos de estímulo material.

Sob a justificativa de melhorar os serviços prestados à população e reduzir o peso da máquina estatal, o governo soviético autorizou a concessão de instalações governamentais a particulares e empresas, destinadas à execução e prestação de serviços em geral.<sup>301</sup> Assim como ocorrera com o arrendamento das terras agrícolas, não havia transferência formal da propriedade dos meios de produção para os agentes particulares, permanecendo oficialmente como estatal. Ainda assim, tais medidas aproximavam cada vez mais o modelo soviético da propriedade privada, uma vez que lotes e instalações arrendadas e as empresas cooperativas, autorizadas em 1988, se assemelhavam muito a suas correspondentes capitalistas.

No final do primeiro semestre de 1989, ocorreu a primeira sessão do Congresso de Deputados do Povo, marcando o início do funcionamento da nova estrutura institucional aprovada pelas reformas. Este seria o principal espaço de discussão política no âmbito estatal durante os anos finais da *perestroika*, sediando debates importantes até a dissolução soviética. Neste primeiro encontro, Gorbachev, que também fora eleito deputado e passou a ocupar o cargo de presidente do Soviete Supremo, faria uma série de intervenções nas quais exporia novamente suas reflexões acerca do estágio atual das reformas e das opções que se colocavam diante da liderança do país.

Nos discursos e relatórios apresentados durante a sessão, Gorbachev volta a afirmar que as reformas estavam em seu estágio inicial – diagnóstico recorrente em suas manifestações desde 1987. Na prática, ele atesta um sentimento compartilhado por boa parte dos cidadãos soviéticos naquele momento: o de que em grande medida não era possível ainda sentir os resultados e benefícios reais das medidas colocadas em prática desde 1985.<sup>302</sup> Àquela altura, o debate político estava claramente polarizado entre os defensores de avanço na direção de uma economia de mercado cada vez mais próxima ao modelo capitalista e aqueles que pretendiam frear o processo de abertura política e boa parte das mudanças do paradigma econômico, encaradas como um afastamento contundente da natureza socialista do regime.

---

<sup>301</sup> *Ob arende i arendnykh otnosheniyakh v SSSR* ["Sobre o arrendamento e as relações arrendatárias na URSS"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg]*. (Disponível online em [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_15546.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_15546.htm))

<sup>302</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 56.

Entre essas duas visões antagônicas, algumas vozes – dentre elas o próprio Gorbachev – procuravam construir uma alternativa intermediária, que embora favorável à continuidade das mudanças, insistiam na manutenção do caráter socialista do sistema – embora não houvesse consenso do que realmente significava o termo “socialista” nesse contexto. Nessa perspectiva, o mercado é visto como elemento necessário, porém incapaz de sozinho responder aos anseios da sociedade. Ao mesmo tempo, o retrocesso às velhas práticas é visto como igualmente indesejável.

Gorbachev procura clarificar sua posição, defendendo uma reforma mais radical da economia, que envolvesse o desenvolvimento equilibrado das diversas formas de propriedade. Embora questionasse a infalibilidade do mercado, Gorbachev reafirma a necessidade de aplicá-lo como instrumento de regulação econômica, combinado às vantagens proporcionadas pelos mecanismos de planejamento:

A prática provou que a reforma da economia é inviável sem a renovação radical das relações de propriedade socialista e o desenvolvimento de suas diversas formas. Defendemos a criação de um sistema flexível e eficaz de aproveitamento dos bens públicos, de forma que cada forma de propriedade prove sua força vital e razão de existência em concorrência aberta e justa. A única condição a impor neste caso é a inadmissibilidade da exploração e alienação dos trabalhadores em relação aos bens de produção.

Tal atitude para com a propriedade é imposta pela necessidade de criação de um mercado socialista equilibrado, outra orientação importante da reforma da economia. Claro que o mercado não é onipotente, mas a humanidade não elaborou ainda um mecanismo mais eficaz e democrático de gestão da economia. A economia planificada socialista não pode prescindir do mercado. Temos que reconhecer esse fato.<sup>303</sup>

As discussões acerca da diversificação das formas de propriedade na URSS vinham ganhando relevância à medida que os resultados das primeiras mudanças econômicas implantadas até então não se revelavam satisfatórios e indicavam a necessidade de aprofundamento da natureza das reformas. Na visão do secretário-geral, as diversas formas de propriedade estariam competindo como empresas em um mercado, onde sairiam favorecidas aquelas que melhor se adequassem à nova orientação

---

<sup>303</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 69.

econômica do país. Cabe ressaltar, contudo, que até aquele momento continuava oficialmente proibida a propriedade privada dos meios de produção – daí sua referência à impossibilidade de alienação e exploração da classe trabalhadora.

Essa combinação entre novas formas de propriedade e fortalecimento dos mecanismos de mercado resultaria numa alteração significativa do papel do Estado no sistema soviético. Gorbachev afirmava ser uma mudança na forma de atuação estatal, abandonando a ingerência direta sobre as estruturas produtivas e se voltando para a regulação das relações comerciais e empresariais. Nesse novo modelo, em que o Estado assume um papel regulador, similar ao receituário social-democrata, o líder não entende haver uma diminuição do seu protagonismo, uma vez que caberia às estruturas estatais a condução do sistema na direção dos interesses da coletividade.<sup>304</sup>

Outro ponto discutido por Gorbachev durante a sessão do Congresso de Deputados do Povo era a necessidade de se reforçar a disciplina e a ordem, sobretudo no universo do trabalho. A desorganização do sistema produtivo e a leniência nas atividades laborais são apontadas como dois fatores que agravavam a situação econômica do país durante as reformas. No entanto, o líder afirma que a solução para esses problemas não estaria no retorno às velhas práticas, justificando o uso da força ou o cumprimento irracional das ordens, mas sim encontrar meios de se garantir que as atividades fossem cumpridas e os resultados alcançados, numa atmosfera de maior criticidade e abertura. O objetivo central da reforma no aparato econômico não era desregulamentar o sistema, mas, ao contrário, aproveitar suas potencialidades inatas, estimulando os trabalhadores a intensificarem seus esforços na busca por melhores resultados.<sup>305</sup>

Cumprir destacar a preocupação crescente com a desestruturação do sistema produtivo presente nas manifestações de Gorbachev. Críticos durante e após o fim da *perestroika* afirmavam que a liderança soviética acabara por desmontar a estrutura produtiva anterior sem que um novo modelo estivesse consolidado e em condições de organizar a produção do país. Nesse sentido, as reformas teriam alcançado o objetivo de romper com as velhas práticas autoritárias, tidas como inadequadas, mas não foram capazes de introduzir um novo paradigma para substituí-las. Gorbachev rejeita essa

---

<sup>304</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 70.

<sup>305</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 76.

interpretação, embora seus discursos sinalizassem que líder estava ciente do grau de desorganização da economia da URSS.

A questão das nacionalidades também ganhara maior destaque nas discussões entre os congressistas. Pouco antes do início da sessão parlamentar, em abril de 1989, manifestantes nacionalistas georgianos favoráveis à autonomia da então república soviética protestavam na capital, Tbilisi, quando foram reprimidos pelo exército da URSS sob o comando de líderes regionais, resultando na morte de civis e militares, além de centenas de feridos. O episódio fora talvez um dos poucos casos de uso das forças de segurança contra militantes nacionalistas e, ainda que a decisão não tivesse partido de Gorbachev, muitos participantes do congresso culpavam o governo pelo massacre ocorrido na Geórgia.<sup>306</sup>

Em meio ao intenso debate, Gorbachev buscou ressaltar os avanços alcançados pelas repúblicas e regiões autônomas desde a formação da URSS, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento econômico e social. Tais conquistas haviam sido possibilitadas, segundo ele, pela política leninista ancorada na integração pacífica dos diversos povos que habitavam o país. Contudo, o período stalinista surge novamente como ponto de virada, deturpando os princípios do internacionalismo socialista e corroborando o fortalecimento de conflitos e insatisfações étnicas:

          Todavia a política de Lênin foi brutalmente desfigurada e pervertida nos anos 30, situação que praticamente todos os povos sentiram. A interpretação simplificada das relações étnicas, o menosprezo pelos seus aspectos multivariados, o encorajamento das tendências unitárias, a negação das especificidades nacionais, a apresentação de acusações políticas a nacionalidades inteiras e as arbitrariedades daí decorrentes, a identificação inadmissível dos sentimentos nacionais com nacionalismo – sofremos tudo isso de sobra, sem tirar nem por.<sup>307</sup>

Os métodos autoritários e administrativos conduzidos pela burocracia não apenas teriam minado os pilares da política leninista, baseada no respeito às diferenças culturais e no princípio da autodeterminação dos povos, mas ainda serviram de

---

<sup>306</sup> Tanto o líder partidário conservador Yegor Ligachev, quanto o mais liberal Eduard Shevardnadze afirmam, em suas memórias, que a decisão de mandar as tropas contra os manifestantes na Geórgia partiu das lideranças republicanas, sem o aval de Gorbachev. Cf.: PALAZCHENKO, 1997, p. 124; LIGACHEV, 1996, pp. 154-155.

<sup>307</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 77.

catalisadores para o surgimento de insatisfações nas repúblicas e regiões. Mesmo após a morte de Stalin, em 1953, Gorbachev afirma que não houve mudanças na condução das políticas voltadas às nacionalidades, situação que inclusive se agravava ainda mais durante os anos da estagnação (1970-1980), uma vez que as demandas nacionais se viram reforçadas pela piora nos índices econômicos e sociais.

A principal novidade, contudo, reside na proposição de medidas efetivas para enfrentar a questão das nacionalidades, tema até então pouco desenvolvido pelo líder em seus discursos anteriores. Gorbachev destaca naquele momento a pertinência do debate acerca natureza do federalismo soviético, buscando reequilibrar a distribuição de competências e atribuições entre Moscou, as repúblicas e as demais subdivisões nacionais. Ele afirma ser necessário ampliar os direitos e responsabilidades das esferas regionais e locais, recuperando sua autonomia sem prejuízo da integração e interdependência que marcavam a dinâmica interna da URSS. No campo cultural, as principais propostas se voltavam para a valorização das culturas e particularidades de cada um dos povos, de modo que as expressões nacionais não fossem confundidas com investidas nacionalista ou, como ocorrera em situações no passado, fossem alvo de políticas homogeneizantes que privilegiavam determinadas nacionalidades em detrimento de outras.<sup>308</sup>

Desde o agravamento dos conflitos e das manifestações étnico-nacionais, este talvez tenha sido o documento no qual Gorbachev mais avançou em suas reflexões acerca da questão das nacionalidades até aquele momento. Para além do reconhecimento quanto às falhas do partido e do regime na condução das políticas para essa esfera, o relatório indicava as principais direções nas quais o líder entendia que deveriam caminhar as propostas para sua resolução, colocando em pauta inclusive a revisão do pacto federativo soviético – que se tornaria a principal aposta do líder para a manutenção da unidade do país a partir de 1990.

O segundo semestre de 1989 seria marcado por turbulências dentro e fora das fronteiras soviéticas. Novas conflitos étnicos e manifestações nacionalistas surgiriam pelo país, especialmente nas repúblicas centro-asiáticas e bálticas. No plano externo, os movimentos populares que vinham se intensificando nos países do bloco socialista levariam a queda dos regimes comunistas no leste europeu, reconfigurando a geopolítica

---

<sup>308</sup> GORBACHEV, 1990a, pp. 78-79

européia e global. O fim dos governos aliados na Europa Oriental colocava ainda mais pressão no cenário político interno soviético. A decisão de Gorbachev em não intervir militarmente naqueles países para frear o processo, como ocorrera na Hungria em 1956 e na Tchecoslováquia em 1968, fora duramente criticada pelas forças conservadoras, que o acusavam de abandonar seus parceiros e entregá-las aos inimigos. Ao mesmo tempo, alegavam que a inação de Gorbachev poderia dar ainda mais força aos nacionalistas internos. Veremos mais adiante que, após deixar o Kremlin, Gorbachev retornará a essa questão e apresentará sua visão acerca de como entendia as revoluções de 1989.

Em meio a esse cenário conturbado, Gorbachev parecia manter sua atenção voltada prioritariamente ao plano doméstico – corroborando com sua reiterada defesa dos princípios de autodeterminação e da não intervenção. O líder demonstrava preocupação com a atmosfera de descontentamento, críticas e polarização em relação ao futuro das reformas e do país, decorrentes do agravamento da crise econômica e política, que, segundo ele, estariam abrindo margem ao fortalecimento de dogmatismos e aventureiros políticos.<sup>309</sup> A partir de então, Gorbachev intensifica sua batalha contra os radicais tanto à esquerda quanto à direita, reforçando sua descrença no que considerava “esquerdismo” exagerado daqueles que acusavam-no de estar desviando o país da trajetória socialista, bem como rechaçando qualquer proposta no sentido de transitar o sistema definitivamente para o capitalismo.

Aos membros do Comitê Central, em julho de 1989, Gorbachev destacava o aumento das críticas na sociedade soviética dirigidas à atuação do PCUS, que na visão dele seriam consequência não apenas da grave crise socioeconômica vivida pelo país, mas também da demora da instituição em se adequar aos novos parâmetros da sociedade sob a *perestroika*. Já naquele momento, o líder alertava que se o partido não acompanhasse as transformações da sociedade, correria o risco de perder as rédeas das reformas e da própria sociedade soviética:

*A perestroika no partido atrasou-se sensivelmente em relação aos processos em curso na sociedade. Surge daí um perigo bastante real de o PCUS vir a perder a liderança da perestroika e, por conseguinte, da sociedade. Cresce a preocupação pelo prestígio do partido e dos seus organismos dirigentes*

---

<sup>309</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 163.

centrais e locais entre os comunistas e as mais variadas camadas de trabalhadores.<sup>310</sup>

Para Gorbachev, não se tratava de uma crise do partido em si, em seus pilares ideológicos. O principal desafio do partido consistia na revisão de seus métodos de trabalho e sua forma de atuação na sociedade, os quais haviam sido moldados pelo mesmo sistema dirigista e autoritário que gerara os problemas econômicos e sociais enfrentados pela *perestroika*. Ele vai ainda mais longe ao destacar que o PCUS, ao controlar o sistema e assumir para si funções administrativas e de estado, não fora apenas influenciado como era também responsável pelos desvios desse modelo burocrático. A “*perestroika* no partido” deveria, portanto, recuperar o papel original e legítimo da organização no seio da sociedade, ou seja, a vanguarda política, mobilização popular, inovação e canalização dos anseios e interesses dos cidadãos.<sup>311</sup>

Gorbachev ponderava que do contrário a crise na identificação entre o partido e a classe trabalhadora poderia se agravar. Para o líder, boa parte dos trabalhadores já não considerava mais a instituição como representante de seus interesses e porta-voz de suas demandas. Tal cenário se comprovava com o resultado das eleições para o Congresso de Deputados do Povo, nas quais os candidatos independentes, não filiados ao PCUS, haviam registrado votação significativa. Ele afirma ainda que a situação poderia se agravar caso o partido não avançasse no processo de renovação dos quadros e de democracia interna.<sup>312</sup>

Ainda assim, o secretário-geral mantém sua oposição ao pluripartidarismo, o qual define como uma tentativa de introdução de “valores da democracia burguesa” na sociedade soviética. Ao contrário, ele argumenta que o restabelecimento do verdadeiro centralismo democrático na dinâmica interna do partido seria capaz de abarcar diferentes vozes e permitir a livre comparação de ideias e perspectivas sobre as questões, mantendo a unidade em relação aos princípios e objetivos fundamentais.<sup>313</sup> Convém lembrar que oficialmente o centralismo democrático sempre fora a orientação do partido desde a liderança de Lenin, época em que o partido foi palco de intensos debates sobre os rumos do regime e até mesmo de formação de facções internas.

---

<sup>310</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 165.

<sup>311</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 165.

<sup>312</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 172.

<sup>313</sup> GORBACHEV, 1990a, p. 167.



Contudo, o sistema pós stalinista reforçou a estrutura autoritária e sufocou a atmosfera de discussão, tornando o PCUS em grande medida avesso à dissonância de opiniões. Gorbachev parecia propor um retorno às origens do partido, embora não ficasse claro quais opiniões e temas poderiam ser debatidos à luz dos “princípios e objetivos fundamentais”.

Ao criticar o pluripartidarismo e a introdução de valores da democracia burguesa, Gorbachev dá sinais de que ainda não considerava o modelo liberal como ideal para a URSS naquele momento. Relatos de outras lideranças que atuavam junto a Gorbachev afirmam que alguns de seus aliados, a exemplo de Alexander Yakovlev, sugeriam já naquele momento que o líder fundasse um novo partido, alinhado a uma plataforma mais próxima à social-democracia – algo, que na prática, se aproxima das medidas que vinham sendo implementadas. Gorbachev, contudo, rejeitara tais conselhos, pois acreditava ser possível reunir todo o partido em uma plataforma reformista conjunta.<sup>314</sup>

Em relação à questão das nacionalidades, Gorbachev volta a defender a necessidade de se conceder maior autonomia às repúblicas e regiões no âmbito constitucional, mas considerava desnecessária uma revisão semelhante na organização interna do partido. No sistema soviético, cada república possuía um braço local do PCUS, que exercia o poder na esfera local sob controle direto da cúpula partidária sediada em Moscou (a única exceção era a república da Rússia, controlada diretamente pelo PCUS e que assistiu à criação de um partido comunista próprio apenas em 1990). Na prática, essas estruturas gozavam de pouca autonomia, uma vez que as orientações mais relevantes e até mesmo a troca de seus dirigentes eram decididas no âmbito do PCUS.

Gorbachev se coloca contrário a adoção de um modelo federativo no interior do partido, alegando que a plataforma do PCUS se assentava sobre as bases do internacionalismo socialista e na ideia de que a unidade dos trabalhadores consistia na principal arma da classe em face da exploração e alienação burguesas. Para além do argumento ideológico, Gorbachev parecia engajado na manutenção da unidade partidária, sinalizando sua crença de que naquele momento o PCUS era a única

---

<sup>314</sup> PALAZCHENKO, 1997, pp. 141-142;

instituição com força e abrangência suficientes para conduzir os esforços necessários para o avanço das reformas e impedir a desintegração da União.

No campo das medidas efetivas implementadas pelo governo durante o segundo semestre de 1989, cumpre ressaltar o avanço na política de reparação histórica, reconhecendo os crimes e abusos cometidos pelo regime. Novas decisões retirando acusações, condenações e reabilitando velhos bolcheviques e lideranças, a exemplo do que ocorrerá com Bukharin em 1988, foram tomadas pela Suprema Corte soviética, acompanhadas da publicação de normas e documentos oficiais que renegavam a repressão e seus atos ilegais.<sup>315</sup>

Na sociedade, o descontentamento popular e o fortalecimento dos movimentos nacionalistas apontavam para o agravamento da crise social e política vivida. As repúblicas bálticas seriam as primeiras a contrariar deliberadamente as decisões de Moscou, anunciando unilateralmente sua autonomia e soberania em face das determinações do governo central, que só teriam validade caso aprovadas pelos órgãos locais. A pressão acabou por obrigar o Soviete Supremo a promulgar, em 27 de novembro de 1989, a *Lei Sobre a independência econômica da RSS Lituânia, RSS Letônia e RSS Estônia*, que embora permanecessem oficialmente submetidas às decisões centrais, veriam sua autonomia crescer significativamente.<sup>316</sup>

No âmbito da economia, o ritmo de crescimento econômico que havia alavancado 4,4% em 1988, cairia para 2,5% em decorrência do caos produtivo e da desorganização do sistema de gestão da economia. Diante desse cenário, as reformas - iniciadas como uma política de aperfeiçoamento do sistema e que gradualmente se voltaram para medidas de transformação mais profundas do sistema, ainda nos marcos do socialismo – entrariam em uma nova fase, cada vez mais inserida na lógica de desconstrução das bases socialistas da economia e transição para uma economia de mercado, que culminariam na dissolução da URSS no final de 1991.

---

<sup>315</sup> *O gosudarstvennykh nagradakh SSSR lits, podvergshikhsya neobosnovannym repressiyam v period 30 - 40-kh i nachala 50-kh godov i posmertno reabilitirovannykh* ["Sobre reparações estatais da URSS a pessoas expostas à repressão injustificada no período de 1930-1940 e início dos anos 50 que foram postumamente reabilitadas"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1987 po 1989gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_15852.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_15852.htm)); *O priznanii nezakonnymi i prestupnymi repressivnykh aktov protiv narodov, podvergshikhsya nasil'stvennomu pereseleniyu, i obespechenii ikh prav.* ["Sobre o reconhecimento de atos ilegais e criminosos de repressão contra as pessoas que foram obrigadas a deslocar, e para garantir seus direitos"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16017.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16017.htm))

<sup>316</sup> *Ob ekonomicheskoi samostoyatel'nosti Litovskoi SSR, Latviiskoi SSR i estonskoi SSR* ["Sobre a independência econômica da RSS Lituânia, RSS Letônia e RSS Estônia"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16046.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16046.htm))

### *A reforma do partido e o XXVIII Congresso do PCUS*

Tão rápida quanto a deterioração dos indicadores econômicos foi a velocidade com que a liderança soviética passou a conduzir mudanças na orientação das reformas a partir do início de 1990. O agravamento da crise e, por consequência, do descontentamento popular aumentaram a pressão sobre Gorbachev, que parecia seguir um movimento pendular, ora se aproximando dos setores mais liberais, ora recuando e apoiando investidas dos conservadores. Na prática, o líder soviético passaria a adotar um comportamento responsivo às condições impostas a cada momento, buscando ao mesmo tempo avançar com a reformas e manter a estabilidade e unidade do país.

Também foram velozes as mudanças na visão do líder soviético acerca do partido e seu papel no sistema soviético. Durante uma sessão plenária do CC do PCUS, realizada em fevereiro de 1990, ele retomou sua reflexão acerca dos desvios ideológicos e metodológicos do partido pós-Stalin, reafirmando a necessidade de superar as práticas que caracterizaram o modelo autoritário-burocrático e fortalecer as bases democráticas de sua atuação.<sup>317</sup> No entanto, o líder avança em relação aos discursos anteriores ao propor que o PCUS não deveria ter seu papel de líder da sociedade definido pela constituição, mas sim como resultado da disputa democrática no âmbito político-social:

O partido na sociedade dinâmica deve existir e cumprir seu papel de vanguarda como uma força democraticamente reconhecida. Isto significa que as suas disposições não devem ser impostas através de legitimação constitucional. O partido, é claro, vai lutar pela posição de governante, mas deve fazê-lo estritamente no âmbito do processo democrático, recusando vantagens legais e políticas, apresentando seu programa, defendendo-o nas discussões, trabalhando com outras entidades públicas e as forças políticas, estando constantemente no trabalho entre as massas, vivendo os seus interesses e necessidades.<sup>xxix</sup>

Conforme apontado anteriormente, a carta magna soviética definia o PCUS como a “força dirigente e orientadora da sociedade soviética e o núcleo de seu sistema político, de todas as organizações estatais e organizações públicas”, o que, na prática, lhe garantia o monopólio da representação política no país. A proposta de Gorbachev

---

<sup>317</sup> *O proekte platformy TsÇ KPSS k XXVIII S'ezdu partii* [“Sobre o projeto de plataforma do Comitê Central para XXVIII Congresso do PCUS”]. In: KOMMUNISTICHESKAYA PARTIYA SOVETSKOGO SOYUZA, 1990a, pp. 7-25.

pretendia justamente suprimir este Artigo 6º da Constituição, abrindo margem à institucionalização de outras organizações e a formalização de um sistema multipartidário. A formação de partidos e movimentos políticos era apontada pelo líder como uma consequência natural do desenvolvimento da democracia soviética, uma nova realidade na qual o partido teria que se adaptar e disputar seu espaço.<sup>318</sup>

É interessante notar como em um curto espaço de tempo, Gorbachev transitou de crítico a promotor do pluralismo partidário. Os “desvios da democracia burguesa” - apontados meses atrás como nocivos - surgiam agora como resultado intrínseco ao desenvolvimento democrático, sinalizando uma aproximação crescente do modelo soviético às democracias liberais. As razões dessa rápida mudança parecem residir nas dificuldades enfrentadas pela liderança no interior da dinâmica político-partidária. De um lado, Gorbachev continuava encarando uma forte resistência conservadora, atuante nos diversos níveis da estrutura comunista. Por outro, as facções internas mais liberais – que atribuíam a si o rótulo de democráticas – defendiam o avanço mais radical da *perestroika* e ganhavam força dentro e fora do partido, atuando na prática como agremiações independentes. Com a quebra do monopólio do PCUS, Gorbachev pretendia desarticular essa polarização interna da instituição, enfraquecer as forças conservadoras e reunir um apoio mais coeso em favor das medidas reformistas, obtendo assim maior estabilidade e governabilidade.

Àquela altura, propostas de abandono do socialismo e transição para o modelo capitalista eram apresentadas publicamente no debate político, algo impensável no início das reformas em 1985. Em outra sessão plenária do Comitê Central, ocorrida em março de 1990, houve até mesmo menções à alteração do nome do partido, retirando a referência ao comunismo. Gorbachev, no entanto, se colocou contrário a essa ideia, reafirmando o comunismo como objetivo último da política partidária – embora, diferentemente do que alegavam seus antecessores, tal realidade estivesse ainda muito distante.<sup>319</sup> A defesa do líder em favor da manutenção da referência ao comunismo parece menos relacionada à sua fidelidade ideológica – haja vista que grande parte das ideias e propostas por ele defendidas já se aproximavam da social-democracia – e mais como uma forma de evitar a implosão da estrutura partidária em si, que ainda era vista

---

<sup>318</sup> KOMMUNISTICHESKAYA PARTIYA SOVETSKOGO SOYUZA, 1990a, p. 10.

<sup>319</sup> KOMMUNISTICHESKAYA PARTIYA SOVETSKOGO SOYUZA, 1990b, p. 8.

por ele como a única instituição que contava naquele momento com força e dimensão para conduzir o processo reformista.

Ainda assim, diante do afastamento gradual das forças opositoras, Gorbachev temia um movimento das alas conservadoras que pudesse retirá-lo da liderança partidária e, com isso, da condução das reformas. Paralelamente, ao propor a quebra do monopólio do PCUS, ele acabara por fragilizar sua própria posição, uma vez que sem a hegemonia partidária, a legitimidade de seu comando à frente do Estado e do governo poderia ser questionada. Nesse sentido, ele passa a articular um novo conjunto de mudanças na estrutura do sistema político soviético, a fim de separar objetivamente o papel de líder partidário e líder de governo.

Até então, a posição de chefe de Estado no sistema soviético era ocupada pelo presidente do Soviete Supremo, enquanto as funções executivas eram conduzidas pelo Conselho de Ministros da URSS, cujo presidente desempenhava funções similares a um primeiro-ministro – chefe de governo. Na prática, contudo, uma vez que o PCUS controlava todo o sistema, as políticas e decisões mais importantes eram definidas nas instâncias partidárias, em especial pelo Comitê Central e o *Politburo*, cujos trabalhos eram dirigidos pelo secretário-geral do CC. Em outras palavras, independente do cargo ocupado na estrutura administrativa estatal, o líder do partido era também o líder *de facto* do Estado e do governo soviético.<sup>320</sup>

Com o avanço da separação entre as estruturas estatais e partidárias, Gorbachev entendia necessário desvincular também esse mecanismo de lideranças, concedendo maior autonomia ao governo e tornando-o responsável perante os cidadãos e seus representantes eleitos. Nesse sentido, em março de 1990 ele conseguiria aprovar junto ao Congresso de Deputados do Povo a *Lei Sobre a criação do cargo de Presidente da URSS e as emendas à Constituição (Lei Fundamental) da URSS*,<sup>321</sup> que não só suprimiriam o Artigo 6 da carta magna – levando consigo o unipartidarismo na URSS – como também criava o posto de presidente da URSS, o qual passaria a ser eleito

---

<sup>320</sup> Embora comum, não havia uma regra quanto a nomeação oficial do secretário-geral do CC do PCUS para a chefia de Estado ou governo na URSS. No período pós-stalinista, Khrushchev ocupou o posto de presidente do Conselho de Ministros entre 1958 e 1964, enquanto a presidência do Soviete Supremo foi ocupada por Brezhnev antes (1960-1964) e após o início do período em que esteve à frente do partido (1977-1982). Andropov também assumiu o cargo de presidente do Soviete Supremo durante seu curto mandato, enquanto Gorbachev ocuparia a função apenas a partir de 1988.

<sup>321</sup> *Ob uchrezhdenii поста Prezidenta SSSR i vnesenii izmenenii i dopolnenii v Konstitutsiyu (Osnovnoi Zakon) SSSR* ["Sobre a criação do cargo de Presidente da URSS e as emendas à Constituição (Lei Fundamental) da URSS"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16311.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16311.htm))

diretamente pela população. Excepcionalmente, o primeiro presidente seria eleito indiretamente pelo próprio Congresso, sendo Gorbachev escolhido pelos parlamentares para ocupar o cargo pela primeira vez.

Outras decisões importantes marcaram o avanço das reformas durante o primeiro semestre de 1990. O avanço do processo reformista descolado de um planejamento que orientasse a atuação das empresas e dos organismos de gestão econômica continuava aprofundando o caos econômico. As unidades produtivas encontravam dificuldades para operar segundo as novas regras de mercado, ao mesmo tempo que já não era mais possível recorrer ao modelo dirigista anterior. A crise produtiva e no abastecimento a população resultaram ainda em uma forte onda inflacionária, levando o governo a adotar medidas para tentar conter essa alta e reequilibrar a oferta de produtos no mercado por meio do controle de preços.<sup>322</sup> Em paralelo, o Soviete Supremo aprovou a *Lei Sobre a propriedade na URSS*,<sup>323</sup> que, dentre outras medidas, estabeleceu novas formas de propriedade no país, incluindo às sociedades por ações e a “particular dos cidadãos”, excedendo, portanto, os limites das propriedades de natureza tipicamente social.

Em relação à questão das nacionalidades, diversas repúblicas e regiões declararam unilateralmente sua autonomia política ou a soberania de suas leis perante a legislação nacional. Receoso quanto à possibilidade de dissolução do Estado soviético, o governo adotou uma série de normas na tentativa de contornar a crise, concedendo maior autonomia às esferas locais e regionais de governo, reforçando o reconhecimento dos aspectos culturais intrínsecos às nacionalidades e promovendo a segurança e os direitos dos habitantes dos grupos nacionais que não habitavam nas regiões de onde eram originários.<sup>324</sup>

---

<sup>322</sup> *O neotlozhnykh merakh po normalizatsii potrebitel'skogo rynka, denezhnogo obrashcheniya i usileniyu gosudarstvennogo kontrolla za tsenami* [“Sobre medidas urgentes para normalizar o mercado consumidor, a moeda e o fortalecimento do controle estatal sobre os preços”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16223.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16223.htm))

<sup>323</sup> *O sobstvennosti v SSSR* [“Sobre a propriedade na URSS”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16293.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16293.htm))

<sup>324</sup> *Ob obshchikh nachalakh mestnogo samoupravleniya i mestnogo khozyaistva v SSSR* [“Sobre os princípios gerais de autogoverno local e da economia local na URSS”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16406.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16406.htm)); *Ob osnovakh ekonomicheskikh otnoshenii Soyuzna SSR, soyuznykh i avtonomnykh respublik* [“Sobre a base das relações econômicas entre a União e as repúblicas autônomas da URSS”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16410.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16410.htm)); *O yazykakh narodov SSSR* [“Sobre as línguas dos povos da URSS”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16479.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16479.htm)); *O svobodnom natsional'nom razvitii grazhdan SSSR*,

A rapidez com que o processo de reformas e desestruturação do sistema avançava provocou ainda a antecipação do congresso partidário. Usualmente, os congressos do PCUS eram realizados em intervalos de cinco anos, acompanhando a execução dos planos (quinquenais) aprovados. Sendo assim, a edição seguinte estava prevista para ocorrer apenas em 1991. No entanto, diante da complexidade da situação política e econômica do país, o Comitê Central decidiu ainda em dezembro de 1989 por adiantar este encontro em um ano. Dessa forma, no início do segundo semestre de 1990, foi realizado o XXVIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética (que viria a ser o último antes da dissolução formal da URSS).

Transmitido para todo o país e marcado por discursos e debates acalorados, o congresso sinalizava que, assim como o restante da sociedade soviética, o próprio PCUS vivenciava uma grave crise institucional. O relatório político apresentado por Gorbachev durante o encontro guardava poucas semelhanças com aquele exposto na edição anterior, em 1986. O documento demonstra a evolução do pensamento do líder soviético desde que ascendera ao Kremlin, se afastando da ideologia que orientara o partido até 1985 e se aproximando cada vez mais de uma perspectiva social-democrata:

No lugar do modelo stalinista de socialismo surge o de uma sociedade civil de pessoas livres. Transformou-se radicalmente o sistema político, anseia-se por uma verdadeira democracia com eleições livres, democracia multipartidária, direitos humanos. A democracia real renasce. Foram desmanteladas as relações industriais que serviram como fonte de alienação dos trabalhadores em relação à propriedade e aos resultados de seu trabalho, dando condições para a livre concorrência dos produtores socialistas. Começou-se a converter um Estado excessivamente centralizado em uma união realmente baseada na autodeterminação e adesão voluntária dos povos. Em lugar do ambiente de ditadura ideológica veio o livre pensamento e a publicidade, informação aberta à sociedade.<sup>xxx</sup>

É possível identificar uma série de elementos que, em comparação com os discursos iniciais da reforma, ilustram essa trajetória percorrida pela *perestroika* – e pelo próprio Gorbachev. A defesa da democracia socialista se convertera na exaltação à

---

*prozhivayushchikh za predelami svoikh natsional'no-gosudarstvennykh obrazovaniy ili ne imeyushchikh ikh na territorii SSSR* ["Sobre o desenvolvimento nacional livre de cidadãos soviéticos que vivem fora de suas formações nacionais-estatais ou que não os tem na URSS"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16492.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16492.htm))

“democracia real”, cujo conteúdo pouco se diferenciava das democracias liberais. A centralidade das instituições de participação popular – sindicatos, sovietes, *komsomol* - e a crença no PCUS enquanto guia político da sociedade também são abandonadas em favor do pluripartidarismo, que surge no relatório como uma conquista das reformas. Há ainda uma exaltação à livre concorrência, que por muito tempo fora identificada como um elemento de natureza tipicamente capitalista, substituindo eufemismos que ele usara no início da *perestroika*, como a “emulação socialista”. E, por fim, o período anterior é duramente caracterizado como uma ditadura ideológica, da qual a *perestroika* fez florescer os valores da liberdade e da transparência.

Embora continuasse a defender a legitimidade histórica das reformas na correção dos rumos do partido e do país, o líder reconhece que as medidas não haviam proporcionado melhorias sensíveis – ou, em alguns casos, até resultaram na piora - no padrão de vida e na oferta de bens e serviços à população. Para Gorbachev, tal insucesso era consequência da combinação entre o difícil legado deixado por seus antecessores e a incapacidade da liderança – tanto na esfera local quanto na cúpula partidária – em reverter os processos negativos e evitar o surgimento de outros, como ocorrera em relação ao caos no sistema produtivo e ao acirramento da questão das nacionalidades.<sup>325</sup> Em relação à este último ponto, Gorbachev confirma o diagnóstico feito anos antes, ao acusar líderes e grupos oportunistas de se aproveitar do momento instável pelo qual passava o país para, por meio dos movimentos nacionalistas, assumir posições de poder.

Uma grave complicação na execução das tarefas de reconstrução [*perestroika*] foi a intensificação do nacionalismo e de todos os tipos de forças destrutivas que tentam usar o poder público para seus próprios propósitos egoístas, que não hesitam em desestabilizar a situação para poder alcançá-los. É por isso que, aqui e ali, assistimos a conflitos.

Não devemos fechar os olhos para o fato de que na sociedade se manifestam forças que nos empurram para o sistema burguês, que ligam a saída da atual situação difícil à transferência do país ao capitalismo.<sup>xxxii</sup>

Nota-se ainda a permanência de elementos típicos da retórica soviética, como a crítica à pressão de setores para o “sistema burguês” e para a transição para o capitalismo. As medidas implementadas pelo líder haviam provocado mudanças

---

<sup>325</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 58.



profundas no funcionamento do sistema, alterando os pressupostos que por décadas haviam orientado a formulação das políticas deste e de tantos outros regimes socialistas. No entanto, Gorbachev nega que seu objetivo fosse romper com o socialismo e, por consequência, retornar à esfera capitalista. Segundo ele, a *perestroika* mantinha seu compromisso em recuperar as potencialidades do socialismo soviético – embora não restassem claras as características dessa versão socialista.

Retomando a questão das nacionalidades, Gorbachev admite que, no início da *perestroika*, não previu a dimensão e gravidade que as insatisfações étnicas alcançariam no decorrer das reformas. Ele recorda ainda sua crença, expressa no relatório apresentado no congresso anterior, de que essa questão estava pacificada sob as bases da política leninista para as nações, demonstrando estar despreparado para a crise vivenciada nos anos seguintes.<sup>326</sup> Como solução, o líder propõe a assinatura de um novo Tratado da União, assinado pelos líderes das quinze repúblicas soviéticas e que estabelecesse novos termos para a relação dessas com o governo central. Na prática, o documento promoveria a refundação da União Soviética, repactuando e harmonizando os interesses e pretensões dos governos locais sem, contudo, colocar em risco as vantagens da integração e cooperação no âmbito do Estado multiétnico.

Sobre a esfera econômica, o relatório fala abertamente em transição para a economia de mercado, sem qualquer adjetivo suavizando o uso do termo. Mais do que isso, a introdução de mecanismos de mercado, associados a mudanças na legislação de propriedade, são inseridos como parte da lógica que guiara a *perestroika* desde sua origem, ou seja, a necessidade de reestruturação do sistema à luz da situação socioeconômica enfrentada. Nesse sentido, a compreensão mais realista dos problemas do país teria levado à adoção de mudanças mais radicais no sistema de gestão. Nota-se ainda a ausência de menção às vantagens complementares do planejamento econômico, sinalizando que a transição se voltava para um modelo cada vez mais próximo daquele vigente nos países capitalistas.<sup>327</sup> Por fim, o líder demonstra preocupação com a adaptação dos trabalhadores soviéticos ao novo mercado de trabalho e, portanto,

---

<sup>326</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 73

<sup>327</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 64

defende a formulação de uma legislação trabalhista que garanta direitos e proteção social nesse cenário – novamente sinalizando sua proximidade à social-democracia.<sup>328</sup>

Gorbachev mantém sua defesa do avanço das medidas de diversificação das formas de propriedade, especialmente dos mecanismos de arrendamento de terras e concessões urbanas, no que considera uma concorrência saudável entre as diversas estruturas. Especificamente na questão agrícola, o líder rejeita que a política de arrendamentos estivesse impondo a “descoletivização” contínua das terras, afirmando haver espaço para todas as formas de propriedade, inclusive as fazendas estatais e coletivas, demonstrarem suas vantagens em condições de igualdade de oportunidade.<sup>329</sup>

A queda dos regimes comunistas na Europa Oriental não foi ignorada na análise do líder soviético. Ao refletir se o conjunto de revoluções ocorrido em 1989 representava a derrota do socialismo – como afirmavam muitos críticos não apenas no Ocidente como na própria União Soviética –, Gorbachev questiona a natureza socialista daqueles regimes, que, em sua visão, estavam inseridos no mesmo modelo autoritário que a *perestroika* ajudara a desmontar na URSS. Ao mesmo tempo, ele justifica sua política de não intervenção alinhada ao princípio de autodeterminação dos povos, que orientava a política externa soviética desde sua ascensão:

Estão em curso mudanças profundas na Europa Oriental. Quando dizem que é - "fracasso do socialismo", nós fazemos outra questão - qual "socialismo"? Aquele que era, de fato, parte do sistema autoritário-burocrático de Stalin, que nos recusamos a aceitar? [...] Sim, existe a questão para onde vão estes países no seu desenvolvimento socioeconômico. Mas é uma questão de escolha dos próprios povos. E nós temos agido e agiremos estritamente guiados pelo princípio da liberdade de escolha, que se tornou uma condição indispensável para o progresso e a sobrevivência de toda a civilização moderna.<sup>xxxii</sup>

O fim do bloco socialista representou uma mudança significativa no horizonte da política externa soviética, que perdera seus principais parceiros durante o período da Guerra Fria. Com a derrocada dos regimes comunistas do Leste Europeu, tanto sua principal organização econômica, o Conselho para Assistência Econômica Mútua

---

<sup>328</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 66.

<sup>329</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, pp. 70-71

(COMECON), quanto sua aliança militar, o Pacto de Varsóvia, se desfizeram, sendo formalmente extintas em 1991. Nesse novo cenário, a cooperação com os antigos aliados socialistas cede espaço para um processo de integração de toda a Europa, de leste a oeste, estabelecendo o que Gorbachev definia como o “lar comum europeu”, uma aliança baseada na “participação voluntária, reciprocidade, respeito e cooperação”.<sup>330</sup>

Voltando-se novamente para a realidade interna, Gorbachev passa a refletir sobre a natureza socialista do próprio regime soviético. A partir da crítica aos desvios praticados desde o período stalinista, o líder defende a transição para uma nova concepção de socialismo, mais adequada à realidade pela qual passava a sociedade soviética e global, com fundamento na democracia e na valorização do ser humano – o socialismo humano e democrático.<sup>331</sup> Veremos nos capítulos seguintes que este será um tema central nas reflexões de Gorbachev após a dissolução da URSS.

Esse novo socialismo, produto do combate ao dogmatismo que desviara o regime da essência revolucionária, é descrito como um retorno aos princípios verdadeiramente marxistas, que sempre se pautaram por uma leitura dialética da realidade histórica. Nesse sentido, a *perestroika* reintroduzia a experiência socialista soviética nas bases teóricas construídas por Marx, Engels e Lênin, não pela repetição anacrônica dos modelos concebidos em outras épocas, mas sim a partir do uso de seus mecanismos teóricos e preceitos fundamentais:

É sabido que o conteúdo da teoria social desenvolvida por Marx, Engels e Lenin, foi formado a partir da análise das realidades do século XIX, e para Lenin também das primeiras décadas do século XX. Desde então, o mundo mudou drasticamente, inclusive por influência do pensamento marxista em si, a Revolução de Outubro, o movimento revolucionário e democrático internacional. Temos tentado há décadas encontrar respostas para todas as situações em citações dos clássicos, esquecido de que eles próprios - os clássicos – obrigam-nos a levar em conta o condicionamento histórico de qualquer teoria, zombando daqueles que tentaram transformar o marxismo em uma espécie de escritura sagrada. A própria vida nos fez pensar sobre isso e realmente apreciar o significado das leis fundamentais da dialética marxista. Primeiro de tudo, é necessário um exame específico da situação

---

<sup>330</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 83.

<sup>331</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 88.

particular. É somente sobre esta base que se podem tirar conclusões para a política.<sup>xxxiii</sup>

O relatório termina com um balanço dos trabalhos desempenhados pelo Comitê Central no período entre congressos. Gorbachev afirma que, ao avaliar as propostas apresentadas em 1986, notava-se o quão rápido a sociedade soviética havia avançado, tornando as ideias expostas em relatório ao congresso anterior aquém das demandas e exigências do período. Como resultado, ele destaca o trabalho desenvolvido pelo CC no período, que se desenvolvera em uma atmosfera mais aberta e plural, debatendo temas que alteraram não apenas questões fundamentais da política partidária, mas de todo o sistema soviético.<sup>332</sup>

O congresso se encerraria com a aprovação de inúmeras resoluções tratando das medidas mais urgentes para o setor agrário, reorganização industrial, transição para a economia de mercado, reforma política e outros tantos assuntos fundamentais que permearam as discussões dos delegados ao longo das quase duas semanas em que permaneceram reunidos. Além disso, Gorbachev foi reeleito secretário-geral do PCUS em uma disputa com o líder conservador Yegor Ligachev.<sup>333</sup> Por fim, Boris Iéltsin, que participara do congresso como delegado, decidiu se desligar do partido, alegando que as reformas não caminhavam na velocidade e dimensão necessárias.

A fim de organizar as diretrizes para a transição da economia soviética para o modelo de mercado, o Soviete Supremo determinou a formulação de um plano efetivo para condução desse processo.<sup>334</sup> Como resposta, foram apresentadas diversos projetos, variando entre perspectivas mais radicais, a exemplo do “plano Shatalin” (ou “Plano dos 500 dias”) e propostas mais moderadas, como os planos elaborados pelo então presidente do Conselho de Ministros, Nikolai Ryzhkov, e pelo economista e conselheiro de Gorbachev, Abel Aganbegyan. Os debates no período foram intensos e a polarização tornava difícil a construção de um consenso, resultando na rejeição de diversas propostas, incluindo as supracitadas. Finalmente, o Soviete Supremo aprovaria em

---

<sup>332</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 100

<sup>333</sup> A íntegra das resoluções e decisões adotadas pelos deputados durante o XXVIII Congresso pode ser obtida em: INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991.

<sup>334</sup> *O kontseptsii perekhoda k reguliruemoi rynochnoi ekonomike v SSSR* [“Sobre o conceito de transição para uma economia de mercado regulamentado da URSS”]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_16722.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_16722.htm))

outubro um plano apresentado pelo próprio Gorbachev, que embora menos radical que o “plano Shatalin”, previa uma transição rápida para a economia de mercado.<sup>335</sup>

Se internamente o caos econômico e a instabilidade política ameaçavam derreter a popularidade de Gorbachev – que cairia dos 52% registrados em outubro de 1989 para 21% em outubro de 1990 -, no cenário externo a imagem do líder era vista de forma positiva, associada aos processos de democratização na URSS e no Leste Europeu.<sup>336</sup> E seria também fora da União Soviética que o líder faria algumas de suas manifestações mais polêmicas. Em Paris, durante a reunião de cúpula da Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa (atual Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa, OSCE), realizada em novembro de 1990, ele se referiria pela primeira vez ao sistema vigente antes da *perestroika* como totalitário:

Como é de conhecimento geral, uma das principais mudanças no mundo atual tem sido a mudança histórica que ocorre na União Soviética que se afasta do totalitarismo para a liberdade e democracia, do sistema de comando burocrático para um Estado sustentado pelo Estado de direito e pelo pluralismo político, de um monopólio estatal sobre a economia para uma diversidade de propriedades equitativas e relações de mercado, e do unitarismo para uma união de Estados soberanos com base em princípios federativos.<sup>xxxiv</sup>

Embora a classificação do regime soviético como totalitário já configurasse um debate latente no Ocidente ao longo da segunda metade do século XX, dentro da URSS, mesmo com o avanço das reformas e da abertura política, o termo não era utilizado publicamente pelos líderes partidários. Até então, era comum à referência ao sistema dirigista ou ao modelo autoritário-burocrático de gestão para se referir às velhas práticas políticas vigentes antes da *perestroika*, como apontado em diversas manifestações do líder soviético. Mas ao caracterizá-lo como totalitário, Gorbachev rompe uma barreira importante, equiparando o regime da URSS a outras experiências como o nazi-fascismo, tema sensível na sociedade soviética.

---

<sup>335</sup> *Osnovnye napravleniya stabilizatsii narodnogo khozyaistva i perekhoda k rynochnoi ekonomike* ["Sobre as direções básicas de estabilização da economia e da transição para uma economia de mercado"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1989 po 1991gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_17423.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_17423.htm))

<sup>336</sup> Cf.: ZDRAVOMYSLOVA, 2005, pp. 342-361; FEDOROV, 2017.

A despeito dessa radicalização em seu discurso, no âmbito doméstico Gorbachev se aproximou das alas mais conservadoras, notadamente ligadas à inteligência militar e aos serviços de segurança.<sup>337</sup> Longe de representar uma guinada ideológica, tal alinhamento parecia compor a última estratégia do líder na tentativa de controlar o caos político e social que se agravava na URSS. Segundo Jerry Hough, esse movimento à direita<sup>338</sup> tinha como objetivo central evitar a fragmentação do Estado Soviético, um risco cada vez maior diante do crescimento dos protestos nacionalistas e autonomistas.<sup>339</sup> O cientista político George Breslauer aponta ainda que foi justamente nesse momento que Gorbachev teria deixado de adotar uma postura de protagonismo – “criador de eventos” – e acabaria favorecendo as condições para o recrudescimento da questão das nacionalidades e para a tentativa de golpe em agosto de 1991.<sup>340</sup>

A desestruturação do sistema de gestão e da estrutura produtiva no país se refletiria no derretimento dos índices econômicos. Se em 1989 a renda nacional crescera 2,5%, esse índice reverteria negativamente para -4% em 1990. Paralelamente, o produto nacional bruto, que no ano anterior avançara 3%, teria um desempenho negativo em 1990, apresentando uma retração de 2,3%.<sup>341</sup> As taxas de investimento também despencaram 20%, acompanhando o cenário negativo das contas externas – que fechariam em déficit superior a US\$10 bi - e do déficit orçamentário – que superava 8% do PIB soviético.<sup>342</sup>

### ***O novo Tratado da União, o Golpe de Agosto e a Dissolução da URSS***

O último ano da *perestroika* – e da própria URSS – foi extremamente conturbado em todos os cenários, com a intensificação da crise econômica e política, que resultariam no colapso soviético. Embora Gorbachev continuasse a implementar medidas na tentativa de avançar com as reformas e estabilizar o país, sua legitimidade minguava, ao passo que regiões e repúblicas declaravam sua autonomia ou independência em relação à Moscou. Cresciam os problemas relacionados a crimes

---

<sup>337</sup> TOMPSON, 1993, pp 103-104

<sup>338</sup> Durante a fase final da *perestroika*, os grupos conservadores comunistas, que defendiam a interrupção ou mesmo o retrocesso em relação às medidas reformistas que vinham sendo conduzidas, eram referidos como “direita”, enquanto os favoráveis à radicalização das reformas (de mercado) eram considerados “esquerda”. Essa terminologia, contrária ao sentido usual dessas classificações, decorre da posição de seus representantes em relação à manutenção (conservação) ou transformação do sistema vigente.

<sup>339</sup> HOUGH, 1991, p. 104.

<sup>340</sup> BRESLAUER, 2004, pp. 89.

<sup>341</sup> *Narodnoe khozyaistvo CCCP v 1990*, p. 8

<sup>342</sup> Cf.: MACKENZIE; CURRAN, 2002, p. 644.

econômicos, especialmente a sabotagem, e aos crimes comuns (assaltos, roubos, etc.), resultando na adoção de medidas mais duras na tentativa de coibi-los.<sup>343</sup> E em meio ao caos, o governo se veria obrigado ainda a pedir empréstimos internacionais e aceitar ajuda humanitária dos países ocidentais como forma de enfrentar a crise de abastecimento que alcançara níveis alarmantes.

As agitações e demonstrações públicas contrárias ao regime vinham se intensificando desde o final de 1989, atingindo seu ápice no ano de 1991, capitaneadas pelas lideranças dos principais grupos e partidos opositores. Um dos movimentos mais simbólicos foi a greve dos mineiros, iniciada em março de 1991, que tinha como uma de suas principais demandas a renúncia do presidente. Paralelamente, crescia a popularidade de líderes opositores, em especial a de Boris Iéltsin. Em março de 1991, o Soviete Supremo da Rússia aprovou a criação do cargo de presidente da república, seguido da realização de uma eleição popular, em julho do mesmo ano, que resultou na eleição de Iéltsin, derrotando o candidato apoiado por Gorbachev, Nikolai Ryzhkov.

No início de junho, ocorreria a cerimônia de concessão do prêmio Nobel da paz, com o qual Mikhail Gorbachev fora agraciado em 1990. Como de praxe, o laureado redigiu seu discurso de agradecimento. Indo muito além de mera formalidade, nele Gorbachev retomou algumas questões importantes dos processos vividos pela URSS, que passava por seu momento mais delicado. Confessou que ainda que pretendesse implementar mudanças no sistema soviético desde que ascendera à secretaria-geral do CC do PCUS em 1985, não tivera plena ciência da dimensão e complexidade dos desafios que o aguardavam:

Quando concordei em assumir o cargo de Secretário-Geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, na verdade o mais alto cargo do Estado naquele momento, eu percebi que não podíamos mais viver como antes e que eu não gostaria de permanecer no cargo, a menos que eu tivesse o apoio na realização de grandes reformas. Ficou claro para mim que

---

<sup>343</sup> *O merakh po obespecheniyu bor'by s ekonomicheskim sabotazhem i drugimi prestupleniyami v sfere ekonomiki* ["Sobre medidas para a luta contra a sabotagem econômica e outros crimes na esfera econômica"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1991 po 1992gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_18094.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_18094.htm)); *O vzaimodeistvii militsii i podrazdelenii Vooruzhennykh Sil SSSR pri obespechenii pravoporyadka i bor'be s prestupnost'yu* ["Sobre a interação entre a polícia e unidades das Forças Armadas da URSS sob o Estado de direito e a luta contra o crime"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1991 po 1992gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_18114.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_18114.htm))

tínhamos um longo caminho a percorrer. Mas, naturalmente, eu não poderia imaginar quão imensos eram os nossos problemas e dificuldades.<sup>xxxv</sup>

Ao criticar o modelo dirigista vigente até 1985, Gorbachev ressaltou que a população fora mantida alienada em relação às decisões e ao real funcionamento da máquina administrativa, presa a um universo ilusório desenhado pela propaganda oficial. Tal afastamento da sociedade em relação aos mecanismos de participação e gestão públicos se revelaria, segundo ele, um dos maiores obstáculos no desenvolvimento das reformas, uma vez que a população soviética estava acostumada com o sistema autoritário-burocrático, fora moldada por suas práticas dirigistas e controladoras que abriam pouca margem à iniciativa e à atuação autônoma dos indivíduos. O líder admitiu que esses elementos não estavam claros durante a concepção da *perestroika* e, ao longo do processo, se revelaram um dos principais entraves ao seu desenvolvimento.<sup>344</sup>

Na mesma linha, o autor reconheceu que a *perestroika* se encontrava em momento bastante delicado, no qual a dinâmica de vida anterior entrara em colapso sem que as pessoas estivessem preparadas para viver de forma autônoma e livre. E uma vez liberta das imposições do regime autoritário, a sociedade soviética se vira perdida, situação que, segundo Gorbachev, estava na origem dos levantes nacionalistas, das disputas por poder e outros fenômenos negativos que desestabilizaram o cenário político e econômico da URSS:

Durante os últimos seis anos temos descartado e destruído muito do que estava no caminho da renovação e da transformação da nossa sociedade. Mas, quando foi dada a liberdade à sociedade, ela não pode se reconhecer, pois tinha vivido muito tempo, por assim dizer, "sem olhar-se no espelho". Contradições e vícios subiram à superfície, e até mesmo sangue foi derramado, embora tenhamos sido capazes de evitar um banho de sangue. A lógica da reforma entrou em conflito com a lógica de rejeição e com a lógica de impaciência que gera intolerância.<sup>xxxvi</sup>

Em relação às reformas econômicas, o líder afirmou que havia naquele momento “um consenso na sociedade de que deveriam caminhar para uma economia de mercado

---

<sup>344</sup> GORBACHEV, 2006c, p. 13.



mista”.<sup>345</sup> No entanto, a dinâmica dos debates domésticos estava longe de qualquer conciliação. De um lado, os conservadores rejeitavam as medidas em curso e começavam a se organizar para sua última investida contra a *perestroika*, enquanto, por outro, setores mais radicais clamavam pela introdução imediata de um mercado liberal. Os opositores, tanto à esquerda quanto à direita, seriam alvo de novas críticas pelo líder, que atribuía sua popularidade ao cansaço da população.

No que tange aos objetivos das reformas, Gorbachev destacou que as medidas adotadas tinham por objetivo a abertura do país e sua inserção na economia mundial, o que incluiria a aceitação das “regras do jogo” vigente com a adesão a seus principais mecanismos regulatórios, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.<sup>346</sup> Nota-se, portanto, mais um movimento no pensamento do líder soviético, que não apenas defendia a instauração de uma economia de mercado muito próxima do modelo liberal, como ainda pretendia se associar às instituições que, ao longo da Guerra Fria, representavam o núcleo duro do sistema ao qual se opunha. Aceitar as regras do jogo significava, na prática, respeitar e atuar no sistema econômico baseado nos mesmos princípios que guiavam as economias capitalistas.

O discurso se encerra com a identificação dos principais desafios para a construção da paz no fim do século XX e início do século XXI. Nesse sentido, Gorbachev aponta o fortalecimento dos movimentos nacionalistas, o crescimento da desigualdade social, os problemas ambientais, o egoísmo econômico e o desenvolvimento de novas tecnologias militares – eixos que, como veremos nos capítulos seguintes, estarão no centro das reflexões do líder soviético após deixar o Kremlin.<sup>347</sup>

Voltando ao cenário interno, seria aprovada em julho a Lei *Sobre os princípios básicos de descentralização e privatização*, regulamentando a transferência de empresas estatais para o setor privado.<sup>348</sup> Embora pequenas empresas e partes das terras agrícolas já estivessem sendo transferidas formalmente para o controle de agentes individuais, a

---

<sup>345</sup> GORBACHEV, 2006c, p. 16.

<sup>346</sup> GORBACHEV, 2006c, p. 18.

<sup>347</sup> GORBACHEV, 2006c, p. 24.

<sup>348</sup> *Ob osnovnykh nachalakh razgosudarstvleniya i privatizatsii predpriyatii* ["Sobre os princípios básicos de descentralização e privatização"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1991 po 1992gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_19030.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_19030.htm))

nova legislação marcava o início do processo de privatização do parque produtivo soviético, que caminharia de forma bastante moderada até o fim da URSS.

Em paralelo o governo central avançava nas negociações para a assinatura de um novo Tratado da União, envolvendo 12 das 15 repúblicas soviéticas – as 3 repúblicas bálticas se mantinham afastadas do debate e clamavam por sua independência desde a admissão pelo próprio governo soviético de um protocolo secreto ao Pacto Ribentrop-Molotov, estabelecido entre Hitler e Stalin antes da Segunda Guerra Mundial, que colocava a região báltica como área de influência soviética. Em março de 1991, foi realizado um referendo sobre a manutenção da integridade territorial soviética, no qual mais de 70% dos votantes optaram por manter o país unido. Gorbachev apostava no sucesso das negociações e na repactuação federativa, que abriria margem para a estabilização e reestruturação da União Soviética.

No entanto, esse processo sofreria um duro revés com a tentativa de golpe de Estado, ocorrida em agosto de 1991. No dia 19 daquele mês, lideranças conservadoras no governo, no partido e nas forças armadas, contrárias ao formato em negociação para a nova federação, iniciaram sua última investida contra a *perestroika*, na tentativa de retomar o controle do país e reverter as reformas em curso. Para tanto, os golpistas prenderam o presidente soviético na Crimeia, onde ele passava suas férias, alegando publicamente que Gorbachev estaria doente. Sem acreditar nessa versão, a população soviética foi às ruas contra o movimento, com apoio de diversas lideranças da oposição – como Boris Iéltsin. Após três dias, percebendo a ausência de apoio popular e até mesmo de uma parcela significativa das forças armadas, os conspiradores retrocederam, libertando Gorbachev e sinalizando o fracasso da tentativa de golpe. A investida reforçou a crise de legitimidade do governo central perante às repúblicas, acelerando o processo de dissolução da URSS.

Três dias antes do golpe, enquanto passava férias na Crimeia, Gorbachev escreveu um artigo refletindo sobre a importância das reformas e seus prognósticos de futuro, que em vista dos acontecimentos foi publicado quase dois meses depois, como parte do livro *O Golpe de Agosto: Verdades e Lições*. Esta obra pode ser considerada uma das últimas contribuições de envergadura do então líder soviético para o debate acerca das reformas antes da dissolução formal do país. Veremos também que ela já introduz diversos elementos que guiarão as reflexões do autor no período pós-soviético.

A movimentação dos grupos conservadores, que resultaria na tentativa de golpe dias depois, não era de todo desconhecida pelo líder soviético. No texto escrito por ele às vésperas do ocorrido, Gorbachev se insurge contra os que pretendiam interromper as reformas e retornar ao velho modelo, aos quais ele se refere como “neosstalinistas de esquerda”. Para ele, tal qual ocorrera na questão das nacionalidades, as lideranças conservadoras pretendiam se aproveitar da insatisfação popular e da crise instituída no país para assumir o controle político:

[...] aparecem também os neostalinistas “de esquerda”, que querem parar para restaurar a ordem com a ajuda da ditadura, que suprimiria ou, na melhor das hipóteses, congelaria todos os direitos e liberdades conquistados no processo da *perestroika*. [...] E tais ideias vêm ganhando popularidade porque o povo já está cansado das dificuldades da vida, da constante escassez de produtos, da incerteza quanto ao futuro, e não protestaria se alguém “chegasse” e “arrumasse tudo” de novo.<sup>349</sup>

Embora ciente dos riscos oferecidos pelo que ele definiu como “perigo do populismo” encarnado pelo discurso de ordem das forças conservadoras, Gorbachev defende a manutenção e o avanço das reformas, entendidas novamente sobre três eixos fundamentais: a reforma do Estado, com o novo Tratado da União; a reforma da economia para um modelo de mercado misto; e a inserção do país na no mercado e na economia mundial. Estes três processos são apresentados como interdependentes, em que o sucesso de um dependia necessariamente do avanço do outro.<sup>350</sup>

Assim como ocorrera em outras manifestações destacadas, a partir de 1990 o pluralismo partidário, a desideologização das relações sociais e a transição para a economia de mercado são reafirmadas como bandeiras pelo líder soviético, se distanciando das ideias mais moderadas expressas nas fases iniciais da *perestroika*. Ao falar em reintroduzir o país no sistema econômico mundial e aceitação das “regras do jogo”, Gorbachev parece se afastar ainda mais da “opção socialista”, embora oficialmente ele mantivesse seu discurso de aproveitamento das potencialidades do socialismo.

---

<sup>349</sup> GORBACHEV, 1991, p. 102.

<sup>350</sup> GORBACHEV, 1991, p. 107.

Ao descrever o cenário de estagnação econômica e as dificuldades sociais e políticas enfrentadas pelos soviéticos às vésperas das reformas, novamente Gorbachev caracteriza o regime vigente antes de sua ascensão como totalitário, o que em si não poderia mais ser tolerado.<sup>351</sup> O “sistema totalitário stalinista” era mantido, na visão dele, por meio do uso da força, do medo e da propaganda. Também fora responsável pelo atraso no progresso técnico-científico, uma vez que retirava das massas qualquer estímulo à iniciativa ou criatividade. O líder afirma ainda que a crise vivida pelo regime soviético não era apenas parcial, mas sim de todo um modelo de “comunismo de quartel”.<sup>352</sup>

Em sua trajetória complexa e titubeante, as reformas sofreram críticas oriundas de diferentes espectros políticos que, sob diferentes argumentações, questionavam o curso e os objetivos das medidas que vinham sendo colocadas em prática pela liderança do país. Gorbachev elenca algumas das principais, como as que acusavam a *perestroika* de não ter planos ou metas bem definidas e as que identificavam as reformas como uma traição ao socialismo, um retrocesso ao modelo econômico burguês rejeitado pela Revolução. Em relação a estas últimas, o líder afirma que tal visão procede de uma concepção de socialismo ainda herdeira do stalinismo, assentada sobre dogmas e estereótipos que pouco se adequavam à realidade vivida pelo país.<sup>353</sup>

Gorbachev também reflete acerca da crescente rejeição ao socialismo entre a população, expressa constantemente na mídia e nas manifestações populares contra o regime. Gorbachev identifica esse movimento como consequência de sua associação ao stalinismo e o modelo de gestão dele decorrente. Em outras palavras, tratava-se de uma rejeição ao socialismo real, à experiência do socialismo soviético pós-stalinista, e não aos ideais que fundamentam a teoria socialista. O líder afirma ainda que os princípios norteadores do socialismo estão na lógica da história humana e que seus valores elementares, como a justiça social, a liberdade e a democracia serão sempre um anseio da sociedade.<sup>354</sup>

Ao final do texto, Gorbachev discute ainda o papel de superpotência desempenhado pela URSS ao longo da segunda metade do século XX, em sua oposição

---

<sup>351</sup> GORBACHEV, 1991, p. 108.

<sup>352</sup> GORBACHEV, 1991, p. 109.

<sup>353</sup> GORBACHEV, 1991, p. 115.

<sup>354</sup> GORBACHEV, 1991, pp. 116-117.

ao Ocidente e, notadamente, aos EUA. O autor aponta que, embora tenha buscado equiparar-se econômica e socialmente às potências capitalistas, a União Soviética havia alcançado apenas a paridade militar e, ainda assim, a um custo muito alto: as gigantescas somas de recursos consumidos pelos setores de defesa se davam em detrimento das demais esferas da economia soviética, condenando a sociedade à estagnação e ao atraso. Em sua nova configuração, o país continuaria a buscar seu espaço enquanto potência mundial, desta vez pelo desenvolvimento econômico e social saudável:

E esse Estado será uma grande potência não pelo seu poderio militar e não por inspirar temor, como por muito tempo inspirou, mas pela saúde social e econômica de uma população de milhões de habitantes e muitas nacionalidades, que vivem em condições democráticas e de liberdade econômica e política.<sup>355</sup>

Como resposta à tentativa de golpe de Estado, considerada uma iniciativa de parte da cúpula do partido, as atividades do PCUS foram suspensas, a agremiação foi colocada na ilegalidade e seus bens apreendidos em favor do Estado, conforme decreto presidencial.<sup>356</sup> Outras resoluções e decretos foram expedidos para reduzir a influência do partido, promover a investigação, identificar os culpados e punir os envolvidos na conspiração. Os integrantes do chamado Comitê Estatal para o Estado de Emergência (GKChP), nome dado ao grupo de oito líderes que ocupou o poder durante os três dias do golpe, foram presos logo após o retorno de Gorbachev e as investigações se arrastariam mesmo após o fim da URSS.

Ao longo do segundo semestre, a legitimidade do poder de Gorbachev era visivelmente declinante. Embora o líder soviético continuasse a defender a necessidade de assinatura do novo Tratado da União, alegando que este atendia aos anseios da população expresso na vitória pela manutenção de integridade territorial do país no referendo de março, as repúblicas pareciam convencidas da inviabilidade do processo. Em agosto, logo após o fracassado golpe, a Ucrânia, segunda maior economia da URSS, declarou sua independência e se recusava a participar de qualquer negociação para

---

<sup>355</sup> GORBACHEV, 1991, p. 125.

<sup>356</sup> *Ob imushchestve Kommunisticheskoi partii Sovetskogo Soyuz* ["Sobre as propriedades do Partido Comunista da União Soviética"]. In: *Zakonodatel'stvo SSSR [s 1991 po 1992gg]*. (Disponível online em: [http://www.libussr.ru/doc\\_ussr/usr\\_19390.htm](http://www.libussr.ru/doc_ussr/usr_19390.htm))

manutenção da federação. As decisões proferidas pelo governo soviético eram praticamente ignoradas, sinalizando a perda do controle sobre todos os setores da economia e da administração.

Enquanto Gorbachev acreditava ser possível manter a integridade da União – dinâmica que ele narrará em detalhes nas suas obras posteriores ao ocaso soviético – os líderes das repúblicas negociavam em paralelo as condições de sua separação. Em 21 de dezembro, 11 das 15 ex-Repúblicas Soviéticas assinaram na capital cazaque, Alma-Ata - atual Almaty-, o tratado de criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI), reconhecendo na prática a dissolução da URSS e a independência dos países integrantes. Em vista da irreversibilidade do processo, Gorbachev apresentou oficialmente sua renúncia ao cargo de presidente da URSS em 25 de dezembro. No dia seguinte, os deputados soviéticos reconheceram oficialmente o tratado que deu origem à CEI e decidiram pela abolição da estrutura governamental da URSS.

Em 25 de dezembro de 1991, Gorbachev proferiu seu último discurso à população da já extinta União Soviética. Pela televisão, ele reafirmou a validade da *perestroika*, reiterando brevemente as reflexões do artigo escrito em agosto daquele ano, sobretudo no que tange à caracterização do antigo sistema de gestão como totalitário, da urgência das reformas iniciadas em 1985 e dos desafios complexos que se revelaram à medida que o processo de reformas avançava. Ele acusa ainda os conspiradores de agosto pela dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, uma vez que o golpe minara os esforços de negociação para manter a integridade do país, levando consigo também a credibilidade e legitimidade do governo central:

O golpe de agosto trouxe a crise generalizada a um ponto de ruptura. O aspecto mais desastroso desta crise é o colapso do Estado. E hoje eu vejo com apreensão a perda da cidadania de um grande país por nossos cidadãos - as consequências disto podem ser graves, para todos nós.<sup>xxxvii</sup>

Após analisar em detalhes a trajetória percorrida pelo pensamento de Mikhail Gorbachev ao longo da *perestroika*, é possível identificar uma série de continuidades e rupturas em seu pensamento, especialmente no que diz respeito aos pilares das reformas política e econômica. Mais do que isso, ao recordar as manifestações abordadas no capítulo anterior, percebemos que esse processo evolutivo parte de um movimento iniciado antes mesmo de sua ascensão à secretaria-geral do CC do PCUS, embora tenha

se acelerado ao longo das reformas, em decorrência do contexto e dos debates que marcaram o período. Nos capítulos seguintes, analisaremos o comportamento das ideias de Gorbachev após deixar o Kremlin, em face da nova realidade imposta pelo fim da URSS.

## PARTE II – DE REFORMADOR A EXPECTADOR? A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO DE MIKHAIL GORBACHEV APÓS A DISSOLUÇÃO DA URSS

Quanto a mim, não vou me esconder na taiga. Eu permanecerei na política, na vida pública. Minha ideia é ajudar a consolidar os processos em curso no nosso país, estabelecer um novo modo de pensamento na política mundial.<sup>357</sup>

Poucas horas antes do anúncio oficial de sua renúncia, Mikhail Gorbachev telefonou ao então presidente norte-americano, George W. H. Bush, em um gesto de despedida oficial. Na ocasião, ele garantiu ao interlocutor que não tinha intenção de abandonar o cenário político. Cumprindo sua promessa, nos anos que se seguiram, o ex-líder soviético participou ativamente dos debates acerca dos principais processos vividos por seu país e o mundo. Nessa nova etapa, contudo, ele se sentia em uma situação mais confortável, livre do que considerava como limitações impostas pela função que ocupou até 1991. Tais limites não se restringiam apenas à censura ideológica do regime soviético, mas englobavam um conjunto de reservas e precauções a que qualquer chefe de Estado ou governo, em maior ou menor grau, está sujeito quando se expressa publicamente durante o exercício do mandato.<sup>358</sup>

O caráter da produção e o teor de suas reflexões mudou significativamente nos anos pós-*perestroika*. Afinal, não se tratavam mais de discursos de um líder político no exercício do poder, defendendo suas posições e tentando pôr em prática um conjunto de reformas, sob forte pressão de diferentes setores e forças políticas domésticas e externas. Gorbachev falaria a partir de então como um ex-presidente, que a despeito de toda a turbulência dos anos finais da URSS, deixou o poder com certa tranquilidade. Sob sua liderança, pode-se afirmar que o regime soviético se desconstruiu de forma relativamente pacífica, sem o uso sistemático de violência seja pelas forças de segurança estatais, seja por grupos políticos ou setores da sociedade civil, a exceção dos conflitos decorrentes do agravamento das questões de nacionalidades que, a nosso ver,

---

<sup>357</sup> Essas foram as palavras ditas por Gorbachev ao então presidente norte-americano, George G. W. Bush, em uma conversa de despedida travada entre eles horas antes do líder soviético anunciar publicamente sua renúncia, em 25 de dezembro de 1991. Cf.: GORBACHEV, 1992, p.83

<sup>358</sup> GORBACHEV, 2002a, p. 3.



tem um caráter bastante específico. Se a ascensão de Gorbachev fora produto de uma decisão restrita da cúpula de um regime autoritário, sua saída do Kremlin pouco diferiu de outras renúncias vividas pelas democracias ocidentais.

Tal cenário permitiu a Gorbachev continuar atuante politicamente depois de 1991. Ainda que objeto de intenso debate e críticas severas por praticamente todos os setores do espectro político e social, seu legado não foi vinculado à figura de um tirano ou ditador. Na verdade, o próprio Gorbachev travou uma verdadeira batalha após a dissolução soviética, com intuito de defender a imagem da *perestroika* e de sua atuação enquanto líder. Essa missão se revelaria um verdadeiro desafio: entre as ex-Repúblicas Soviéticas, especialmente na Rússia, crescia o sentimento de que as reformas iniciadas por ele em 1985 haviam sido responsáveis não apenas pela desintegração da URSS, mas também pela grave crise política e econômica que enfrentavam no início dos anos 1990. Trata-se, portanto, de uma disputa pela memória histórica, uma luta do ex-secretário-geral do CC do PCUS em oposição a essas visões negativas que aos poucos se consolidavam no imaginário da sociedade russa.

As transformações de seu pensamento e o conteúdo de suas reflexões dialogam diretamente com sua atuação política e o contexto histórico dos anos seguintes à dissolução da URSS. Nesse sentido, podemos distinguir dois períodos nessa trajetória: o primeiro, durante o governo de Boris Iéltsin (1991-1999), em que o ex-líder soviético se concentra na defesa sistemática das reformas que conduziu na década anterior e na crítica às transformações políticas e econômicas em curso na Rússia; o segundo, já sob a liderança de Vladimir Putin (pós-2000), no qual as reflexões quanto aos legados da *perestroika* e de sua atuação enquanto liderança adquirem um enfoque mais reflexivo e autocrítico, decorrente não apenas do maior distanciamento temporal e emocional aos acontecimentos, mas também do surgimento de novas preocupações, em especial o destino da democracia em seu país.

### ***Capítulo III - Não Existem Reformadores Felizes - Era Iéltsin (1991-1999)***

A década de 1990 foi um período de profundas transformações e grandes turbulências nas ex-Repúblicas Soviéticas. Com a URSS dissolvida, cada um dos novos Estados independentes passou a conduzir de forma autônoma as reformas necessárias para conclusão dos processos iniciados pela *perestroika*. Na Rússia, sob a liderança de Boris Iéltsin, uma grave crise política e econômica marcou o período. Dados do Fundo Monetário Internacional apontam que entre 1992 e 1998, a economia do país recuou 21%, enquanto para o Banco Mundial a retração entre 1991 e 1998 ultrapassou os 35%.<sup>359</sup>

Em meio a esse cenário, Gorbachev deu início a sua cruzada em defesa do legado da *perestroika* e de sua própria imagem na construção da memória coletiva russa. Ao longo dos anos 1990, crescia entre a população o sentimento de que a crise enfrentada pelo país era resultado das reformas introduzidas na União Soviética a partir de 1985. Enquanto no Ocidente, Gorbachev era saudado como um dos grandes políticos do século XX, na Rússia sua popularidade era bastante controversa. Dados de pesquisas de opinião mostram que em 1995, 69% dos russos não compartilhavam da imagem positiva do ex-líder soviético difundida no Ocidente.<sup>360</sup>

Um dos primeiros passos nessa jornada se deu com o início das atividades da Fundação Internacional para Estudos Socioeconômicos e Políticos, popularmente conhecida como Fundação Gorbachev. Criada pelo ex-líder soviético ainda em dezembro de 1991, a fundação iniciou efetivamente suas atividades nos primeiros meses de 1992. Seguindo o modelo de outras instituições dessa natureza constituídas por ex-líderes nacionais após a conclusão de seus mandatos, a fundação se propunha a fomentar debates e pesquisas voltados para temas considerados prioritários no desenvolvimento da sociedade mundial contemporânea.<sup>361</sup> Em paralelo, a organização passou a se dedicar ao estudo da história recente da Rússia e da URSS, em especial durante os anos da *perestroika*. Para Gorbachev, esse trabalho seria fundamental para

---

<sup>359</sup> Dados para valor do Produto Interno Bruto (Paridade Poder de Compra) em dólares internacionais. Cf.: IMF, 2018; WB, 2018.

<sup>360</sup> FOM, 2004.

<sup>361</sup> TAUBMAN, 2017, pp. 619-620.

combater distorções e falsificações que vinham sendo difundidas sobre as reformas que conduziu enquanto líder soviético.<sup>362</sup>

### ***Dezembro-91 – Minha Posição***

A primeira obra de maior envergadura publicada por Gorbachev nessa nova fase seria lançada poucos meses após sua saída do Kremlin. Ainda no primeiro semestre de 1992, foi publicado na Rússia o livro *Dekabr'-91. Moya pozitsiya*, sem versão oficial em português, que aqui traduzimos como *Dezembro-91. Minha Posição*. Embora bastante representativa da posição do líder frente aos acontecimentos que culminaram na dissolução soviética, o texto não teve grande alcance nos cenários doméstico ou internacional. Diferentemente de suas publicações anteriores, que eram traduzidas em vários idiomas, este livro ficou restrito a leitores da língua russa, sinalizando uma mudança na visibilidade e na influência das suas ideias após deixar o poder.

Em *Dezembro-91*, Gorbachev apresenta a sua visão retrospectiva dos acontecimentos que culminaram com a queda da URSS, mais especificamente durante seus últimos trinta dias de mandato. Trata-se, de fato, de uma primeira publicação de caráter memorial, resgatando documentos e reportando a sua versão dos fatos e situações narrados. O ponto central da sua argumentação - e que se estenderá ao longo de toda a primeira fase de sua produção intelectual pós-URSS - será afirmar que a *perestroika* não foi responsável pelo ocaso soviético, nem o tinha como objetivo. A dissolução de seu antigo país havia sido, na verdade, resultado da combinação entre a tentativa de restauração da velha ordem pelos conspiradores do golpe fracassado de agosto de 1991 e o oportunismo político de algumas lideranças das antigas Repúblicas Soviéticas, notadamente da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia, que culminaram com a assinatura do tratado em que deu origem a CEI, em 21 de dezembro de 1991.

Em meio às transcrições de discursos, conversas e entrevistas que proferiu entre novembro e dezembro de 1991, Gorbachev introduz comentários e digressões que não apenas pretendem justificar suas posições naquele momento, como também apontam críticas à atuação de outros personagens importantes no contexto da dissolução soviética. Ainda no prefácio, ele faz uma crítica direta à atuação da imprensa:

---

<sup>362</sup> GORBACHEV, 2016a, pp. 20-21.

Eu quero apresentar minha posição durante os eventos de dezembro, pois para uma grande parte dos cidadãos ela permaneceu desconhecida. Muitos dos meus argumentos pareciam não combinar comigo. Assim, contrariamente às regras da *glasnost*, os discursos foram silenciados ou encurtados dificultando sua compreensão. A televisão era mais generosa. Mas sua informação, por sua natureza, não preserva uma visão estável e completa, especialmente em questões complexas e controversas. A imprensa, especialmente a mídia de massa, preferiu publicar as impressões de jornalistas de reuniões comigo, e não o conteúdo do que eu disse sobre os méritos das questões que estavam sendo decididas naquela época.<sup>xxviii</sup>

As palavras do ex-líder soviético nesse trecho não parecem sinalizar um retrocesso frente à defesa da transparência [*glasnost*] ou da liberdade de expressão, duas bandeiras vinculadas à *perestroika*. Trata-se, na verdade, de um questionamento quanto à forma de atuação dos meios de comunicação, sua parcialidade frente aos acontecimentos e o poder da imprensa na construção da opinião pública - discussões recorrentes também nas democracias liberais mais sólidas. Para Gorbachev, ao não transmitir à população de forma mais completa e coesa seu posicionamento frente aos eventos e processos em curso no país, os meios de comunicação contribuíram para a consolidação da imagem negativa acerca das reformas e da sua liderança na sociedade russa.

Há que se destacar que a visão de Gorbachev acerca da transmissão de informações e posições, especialmente governamentais, fora profundamente influenciada por sua experiência em relação à dinâmica dos meios de comunicação soviéticos. Tradicionalmente, os jornais e televisões oficiais do regime, inseridos na lógica da propaganda ideológica, publicavam praticamente na íntegra (ou em versões pré-aprovadas) os discursos e artigos das principais lideranças, bem como decretos e decisões mais relevantes. Nas democracias ocidentais, por sua vez, é comum que as manifestações e posicionamentos dos governantes apareçam de forma sintética, muitas vezes acompanhadas de análises e opiniões favoráveis ou contrários, influenciando sensivelmente a percepção do público. Aparentemente, o ex-líder começava a se deparar com outras dimensões (complexas) da liberdade de imprensa.

Também em *Dezembro-91*, Gorbachev procurou esclarecer a sua visão de como a URSS poderia ter se mantido integrada, nos termos de um novo Tratado da União.

Conforme destacado, os anos de 1990 e 1991 foram marcados pelo avanço das questões nacionais e fortalecimento de movimentos autonomistas e independentistas, levando a um debate acerca da necessidade de revisão da estrutura do Estado soviético. As repúblicas e regiões exigiam maior liberdade frente ao centralismo excessivo de Moscou. Ao mesmo tempo, a Europa Ocidental avançava nas negociações para aprofundar a integração dos países membros da então Comunidade Europeia, processo que culminaria na assinatura do Tratado de Maastricht, em fevereiro de 1992, responsável pelo desenho institucional da União Europeia.

A proposta do então presidente soviético era bastante influenciada pelas discussões de seus vizinhos ocidentais. Gorbachev propunha que a URSS se convertesse numa espécie de confederação, na qual as repúblicas ganhariam maior autonomia para legislar sobre assuntos domésticos, enquanto ao poder central competiria o comando das Forças Armadas - que permaneceriam unificadas - , a formulação de uma política externa integrada e o cumprimento das obrigações internacionais.<sup>363</sup> Embora reconhecesse a necessidade de fortalecer os poderes locais, o ex-líder se opunha à formação de uma associação ou comunidade de Estados completamente soberanos, em que o poder central fosse fraco ou figurativo.<sup>364</sup>

Gorbachev reproduz ainda os principais debates travados entre as lideranças das Repúblicas Soviéticas durante as negociações do novo Tratado da União, que jamais fora assinado. Segundo ele, as tratativas caminhavam favoravelmente, contando com o apoio da Rússia e da Bielorrússia para a formação de uma confederação, até o referendo ucraniano de novembro de 1991, que resultou na aprovação da declaração unilateral de independência daquela república. Kiev não participara das negociações do novo Tratado e essa era uma preocupação recorrente das demais lideranças e de grande parte da sociedade soviética. Diante da ausência, Gorbachev procurava tranquilizá-los afirmando que os ucranianos se integrariam aos debates assim que a nova estrutura ganhasse forma e robustez. Vale lembrar que a Ucrânia representava a segunda maior força política e econômica da URSS, atrás apenas da Rússia, e sua participação e anuência no processo eram vistos como fundamentais para o sucesso da nova formação estatal proposta.

---

<sup>363</sup> GORBACHEV, 1992 p. 9.

<sup>364</sup> GORBACHEV, 1992 p. 10.

Se o resultado da consulta popular ucraniana abalara a credibilidade do processo de reforma da União frente às lideranças das repúblicas e à sociedade em geral, o mesmo não pode ser dito em relação a Gorbachev. Ele permaneceu advogando em favor da assinatura do documento nos termos negociados até então, confiante de que ainda seria possível manter a integridade do país e, mais ainda, com a presença de Kiev. Se hoje esta visão pode parecer um tanto ingênua, naquele momento muitos o acusavam de defender a manutenção da unidade soviética como uma tentativa desesperada de se manter no poder, uma crítica que Gorbachev rechaçava:

[...] Muitas vezes ouço: agora, dizem eles, o poder está deixando Gorbachev, mas ele se agarra a ele. Eu direi isto: se Gorbachev quisesse tanto manter o poder desse jeito e fosse insuportável para ele dividi-lo, ele não teria iniciado isso [as reformas] em 1985. Ele teria dez anos ... para permanecer no poder sem mudar nada. Mas eu comecei o processo de mudança e não vou desistir da minha escolha.

Eu não preciso disso, não eu. Assumo, talvez, a maior responsabilidade, porque iniciei e continuo a estimular o processo de transformação, mas não quero permitir o colapso. E quando eles dizem que é necessário para mim permanecer presidente para comandar... Tudo isso é absurdo, especulação barata jogada às pessoas para confundi-las. Não, é sobre o destino das pessoas.<sup>xxxix</sup>

De fato, parte da historiografia considera que embora a economia soviética desse sinais claros de desaceleração ou mesmo estagnação na primeira metade da década de 1980, o regime permanecia forte e estruturado socialmente, o que possibilitaria ao sistema ainda se manter intacto por algum tempo antes que as transformações fossem inadiáveis.<sup>365</sup> Nesse sentido, Gorbachev poderia ter mantido por anos todo o poder que lhe conferia o cargo de secretário-geral do CC do PCUS sem a necessidade de iniciar grandes reformas. Em que pese as condições políticas e econômicas que justificavam a implementação da *perestroika*, é preciso reconhecer a importância do papel desempenhado pela iniciativa do ex-líder soviético no deslançar desse processo. E afastando as acusações de que desejava a qualquer custo se manter no poder, Gorbachev

---

<sup>365</sup> Cf.: KEEP, 1995.

afirma ainda que se comprometera publicamente a não participar de qualquer processo eleitoral caso o novo Tratado fosse efetivamente assinado.<sup>366</sup>

A defesa pela manutenção da União, ainda que sob nova forma, se justificava no discurso de Gorbachev pelos efeitos negativos que resultariam da desintegração completa. Na verdade, alguns desses efeitos se confirmaram problemas latentes com os quais as ex-Repúblicas passariam a lidar nas décadas seguintes. Para Gorbachev, os povos que compunham o Estado multinacional soviético compartilhavam ligações históricas, formadas durante séculos de interação, o que tornaria o processo de separação extremamente custoso e até mesmo contrário ao interesse coletivo.<sup>367</sup> Prova disso teria sido o resultado do referendo realizado no início de 1991, em que a grande maioria dos soviéticos optara pela manutenção da União.

Para além das perdas de caráter econômico, decorrentes do desmantelamento das estruturas produtivas e do mercado comum integrado, o ex-líder apontava para outros problemas de caráter político e social. De um lado, muitas fronteiras internas da URSS haviam sido modificadas ao longo dos anos por decisões administrativas que não tinham qualquer preocupação com a origem dos povos e as ocupações históricas dos territórios. Ele cita o exemplo da transferência da Crimeia, que por determinação de Khrushchev passou da república da Rússia para a república da Ucrânia dentro da URSS em 1954. Após a dissolução soviética, esse território permaneceu objeto de intensa disputa entre os dois países, culminando na ocupação e anexação, em 2014, do território pelos russos à revelia dos ucranianos e de grande parte da comunidade internacional.

Ao mesmo tempo, após anos reunidos sob um mesmo Estado, as migrações - voluntárias e forçadas - levaram à formação de contingentes étnico-nacionais minoritários em praticamente todas as repúblicas e territórios do país. Para Gorbachev, a desintegração levaria a um agravamento da questão das nacionalidades, a exemplo dos processos que já ocorriam nas repúblicas bálticas naquele momento, que segundo ele, estavam convertendo as minorias residentes em seus territórios em cidadãos de segunda classe.<sup>368</sup>

---

<sup>366</sup> GORBACHEV, 1992, p. 50.

<sup>367</sup> GORBACHEV, 1992, p. 39.

<sup>368</sup> GORBACHEV, 1992, p. 61.

Há também que se destacar a visão de Gorbachev acerca dos demais atores políticos, em especial das lideranças que negociavam naquele momento as mudanças do Estado soviético. Reproduzindo uma entrevista que dera a um canal televisivo ucraniano no início de dezembro de 1991, ele afirmou que os líderes que propunham substituir a União por laços bilaterais entre estados independentes eram os mesmos que outrora defendiam o antigo sistema autoritário.<sup>369</sup> Seriam, portanto, lideranças conservadoras e oportunistas que se aproveitaram dos movimentos nacionalistas para manter ou mesmo fortalecer seu poder local.

Ao tratar de sua relação com Iéltsin, Gorbachev dirige ao ex-aliado uma crítica mais contundente e personalizada. Ele demonstra se sentir traído pelo que considerava como oportunismo político do líder russo. Enquanto para Gorbachev ele afirmava apoiar as negociações do novo Tratado da União, passou a negociar paralelamente a formação CEI com os líderes da Ucrânia e Bielorrússia:

Veja como Iéltsin se comportou. Juntos lideramos a preparação do Tratado da União e, juntamente com outras repúblicas, enviamos o projeto aos Conselhos Supremos para discussão. Mas em Minsk, Iéltsin oferece algo completamente diferente. Ele nem sequer me ligou. E, ao mesmo tempo, conversou com George W. Bush, embora não houvesse necessidade de envolver o presidente dos EUA nisso. Isto não é apenas uma questão de moralidade. Eu não vejo justificativa para esse estilo de comportamento.<sup>x1</sup>

Embora fosse desde o início contrário à opção pela CEI, Gorbachev passou seus últimos dias à frente do Kremlin defendendo que a organização, cuja formação era inevitável, mantivesse algumas das características que haviam sido definidas no projeto do novo Tratado da União. Dentre as quais ele destacava a manutenção da unidade dos sistemas de defesa - incluindo as forças armadas - e a sucessão das responsabilidades internacionais da URSS, responsabilidade que dependiam de uma estrutura central independente e fortalecida.<sup>370</sup> Naquele momento, a comunidade internacional acompanhava atenta os desdobramentos das negociações mantidas pelas repúblicas, sobretudo em relação ao controle do gigantesco arsenal nuclear soviético. Essa também era uma preocupação de Gorbachev, embora o líder tenha sido colocado à margem do núcleo central que debatia o futuro da nova entidade.

---

<sup>369</sup> GORBACHEV, 1992, p. 38.

<sup>370</sup> GORBACHEV, 1992, p. 59.



Ainda que se mantivesse bastante crítico à opção pela desintegração da União, Gorbachev defendia o legado das reformas que iniciara em 1985, que teriam sido responsáveis pela abertura democrática vivida em seu país. Segundo ele, os problemas enfrentados e o curso errante do processo foram proporcionais ao tamanho do desafio que representava transformar o gigantesco sistema soviético. Falando ao embaixador italiano um dia antes de sua renúncia, ele afirmou:

O ataque ao totalitarismo, como você vê, foi muito difícil, porque ele está em todos nós. Não é apenas um objeto claramente delineado, seus micróbios estão espalhados em todo o corpo da sociedade, no fundo da consciência pública. É por isso que é tão difícil mudar e transformar.<sup>xii</sup>

Esse diagnóstico de Gorbachev, expresso ainda em 1991, parece dialogar com os debates mais recentes acerca da visão da sociedade russa em relação à democracia. Dados de pesquisas de opinião realizadas junto à população do país pelo instituto norte-americano *Pew Research Center* mostram que quando indagados quanto a sua preferência entre a ampliação do regime democrático ou o comando de um líder forte para resolução dos problemas nacionais, apenas em 1991 a democracia foi a opção escolhida pela maioria dos russos (51%) – já a partir de 1992 a preferência por um líder forte se revelaria majoritária até atingir a marca dos 70% dentre os ouvidos em uma nova pesquisa, realizada em 2002 já na Era Putin.<sup>371</sup>

### *Anos de Decisões Difíceis*

Gorbachev passou os primeiros meses seguintes a sua renúncia no Ocidente, atendendo ao convite de diversas organizações e personalidades.<sup>372</sup> Ao longo dessa temporada no exterior, ele participou de inúmeros eventos, realizou palestras e proferiu discursos, alinhados ao enfoque principal de sua produção nesse período, ou seja, a avaliação das reformas e de sua atuação frente às transformações ocorridas na URSS. Ademais, o ex-líder soviético também procurou esclarecer suas posições acerca dos principais debates de ordem política e econômica vividos na Rússia e no mundo, agora não mais como um chefe de governo, mas sim enquanto indivíduo – e, por que não, pensador.

---

<sup>371</sup> Cf.: PRC, 2012.

<sup>372</sup> Uma narrativa dessas viagens pode ser conferida em: TAUBMAN, 2017, pp 618-622.

Boa parte dessas manifestações foi reunida e publicada como parte de sua obra *Gody Trudnykh resheniy* - também sem versão em português - que pode ser traduzido como *Anos de Decisões Difíceis*.<sup>373</sup> Curiosamente, a primeira versão dessa obra foi publicada na língua francesa, em 1993, sob o título de *Avant-Mémoires*. O lançamento mais tardio em língua russa teria sido resultado, segundo o autor, da pressão direta exercida pelo novo governo moscovita, contrário à sua publicação.<sup>374</sup> Convém recordar que o desgaste na relação entre Gorbachev e Iéltsin se acentuou no período pós-soviético, com duras críticas do ex-líder a atuação de seu sucessor, bem como retaliações políticas por parte do novo governante contra a o ex-presidente da URSS.<sup>375</sup>

Nesta nova obra de caráter memorial, o Gorbachev reúne uma série de documentos, discursos e pronunciamentos feitos por ele entre 1985 e 1992 que sinalizam o caminho percorrido por suas ideias neste período. Já no prefácio da obra, ao falar sobre os desafios enfrentados pela sociedade soviética no momento em que ascendera ao cargo de secretário-geral do CC PCUS, ele destaca algumas características que considerava arraigadas à mentalidade dos russos e que teriam sido responsáveis pela ausência de apoio e impulso inicial às reformas entre a população do país, mesmo diante de uma crise política, social e espiritual do sistema:

[...] não havia no país nenhum movimento de protesto em massa sobre o qual basear uma política de transformações. E isso por várias razões, uma das quais, e não menos importante, era a submissão habitual de grande parte do povo, sua passividade, sua tendência ao conformismo. Esses traços, cujas raízes estão arraigadas nas antigas tradições da Rússia, assumiram uma forma ainda mais monstruosa, foram reforçados durante as décadas em que a liderança stalinista reinara impiedosamente e, na verdade, não fora abalada durante o período pós-stalinista.<sup>xlii</sup>

Essa pretensa tradição conformista russa a que o ex-líder faz menção se refletira na baixa participação da população russa na condução dos processos políticos ao longo de sua história, convertendo-a em uma massa passiva frente a decisões e movimentações das elites e lideranças do país.<sup>376</sup> Diante desse cenário, Gorbachev

---

<sup>373</sup> Neste trabalho, usaremos a edição francesa da obra, publicada sob o título *Avant-Mémoires*. Cf.: GORBACHEV, 1993.

<sup>374</sup> GORBACHEV, 2016a p. 61

<sup>375</sup> TAUBMAN, 2017, pp. 618-621.

<sup>376</sup> Cf.: HOBBSAWN, 2007, pp. 462-465.

afirma que o impulso inicial da *perestroika* só poderia vir “do alto”, isto é, das lideranças do próprio regime que viria a ser reformado. Esses líderes – e o próprio ex-presidente se inclui nesse grupo – eram, contudo, produto daquele sistema em crise, formadas dentro de seus dogmas ideológicos e que, portanto, tiveram que enfrentar um desafio pessoal na superação de suas visões ortodoxas consolidadas.<sup>377</sup>

Nos anos 1990, eram ainda mais frequentes as comparações entre reformas soviéticas à experiência das transformações no modelo chinês, conduzidas por Deng Xiaoping a partir da segunda metade dos anos 1970. O sucesso das reformas de Pequim era visto como resultado da combinação entre abertura e mudanças profundas na esfera econômica, iniciadas com o programa das “Quatro Modernizações”, e a manutenção de um regime político centralizado e fechado. Gorbachev afirmava que os primeiros passos da *perestroika* haviam sido na direção de uma reforma estritamente econômica, mas que após se deparar com dificuldades e obstáculos crescentes impostos pela burocracia do regime, tornou-se claro que sem uma mudança profunda no sistema político-institucional, as transformações na economia não passariam de discursos vazios.<sup>378</sup>

Para Breslauer, a comparação entre as experiências reformistas soviética e chinesa configura um exemplo clássico da postura de muitos dos críticos de Gorbachev, que no lugar de argumentos teóricos, se utilizam de uma estimativa empírica que leva em conta a suposição de contextos históricos, políticos e intelectuais. Nesse sentido, ele argumenta que enquanto a *perestroika* era implementada, não estava claro que a liberalização econômica promovida pelo Partido Comunista Chinês (PCC) seria compatível com a estabilidade política e a manutenção do regime, para além dos contextos específicos que diferenciavam a realidade dos dois países.<sup>379</sup>

Gorbachev rejeitava veementemente a imagem de um líder indeciso e hesitante, que lhe era frequentemente atribuída por seus críticos. Ao contrário, ele defende que foi justamente seu posicionamento firme em manter o caminho das reformas que permitiu a realização de transformações cada vez mais profundas no sistema.<sup>380</sup> Embora afirmasse, em visão retrospectiva, que manteria as principais linhas de orientação estratégica das reformas, o ex-líder reconhece a validade de algumas das críticas direcionadas à

---

<sup>377</sup> GORBACHEV, 1993, p. 10.

<sup>378</sup> GORBACHEV, 1993, pp. 11-12.

<sup>379</sup> Cf.: BRESLAUER, 2004, pp. 76-77.

<sup>380</sup> GORBACHEV, 1993, p.17.

condução do processo. Dentre elas, a de que a liderança moscovita teria promovido a destruição das antigas estruturas do sistema dirigista sem que novas formas e mecanismos de gestão estivessem aptos a substituí-las – algo que o próprio Gorbachev já afirmara ainda no período soviético. Ele concorda que houvera uma falta de sincronia entre os dois processos, que deveriam ter sido acompanhados e promovidos simultaneamente pelos reformadores.<sup>381</sup>

Outra crítica aceita pelo ex-líder questionava a demora em dimensionar e responder assertivamente à questão das nacionalidades. Gorbachev concorda que esta talvez tenha sido a maior falha de sua gestão. Retomando o diagnóstico que fizera ainda durante a *perestroika*, ele afirma que o fortalecimento dos movimentos étnicos autonomistas e independentistas ocorrera, paradoxalmente, em consequência dos avanços no processo de abertura política do regime:

Sob o influxo de oxigênio da liberdade, todos os problemas nacionais não resolvidos começaram a se manifestar. Mas a ficção da indestrutível amizade entre os povos continuou a nos cegar e continuamos convencidos de que os principais problemas das relações entre as nacionalidades da URSS estavam resolvidos. Devo acrescentar, contudo, que durante os anos do domínio soviético ocorreram mudanças enormes e progressivas na vida de muitos povos, alguns dos quais antes de 1917 ainda estavam nas profundezas da Idade Média. O infortúnio é que a orientação geral implicava o apagamento das distinções nacionais, que na prática significavam desrespeitar os direitos naturais dos povos.<sup>xliii</sup>

Em outras palavras, ainda que não fosse resultado direto das reformas em curso, a questão das nacionalidades ganhara impulso justamente no momento em que o braço forte do regime soviético cedeu espaço a uma atmosfera de maior liberdade política e social. Gorbachev ressaltava que a despeito das conquistas e avanços obtidos por muitos povos desde a Revolução de 1917, os desvios na política do internacionalismo socialista aplicada no âmbito das nações que integravam a União acabaram sufocando as demandas e particularidades específicas de cada uma delas. O descontentamento teria se acumulado em uma verdadeira panela de pressão, que explodiu assim que o centro não mais se mostrava capaz de impor sua força como outrora.

---

<sup>381</sup> GORBACHEV, 1993, p.17.

Se a crença na amizade indestrutível entre os povos cegara a liderança para os descontentamentos das nacionalidades, Gorbachev cita ainda outros exemplos nos quais essas formas viciadas de enxergar a realidade do sistema soviético teriam prejudicado a formulação e o andamento das reformas. Dentre elas, ele destaca a priorização histórica da indústria pesada na economia, que fora reproduzida também na elaboração da *perestroika*. Avaliando tal processo, ele afirma que as reformas deveriam ter sido iniciadas pelos setores agrícola e de indústria leve, sobretudo os bens de consumo e alimentação, os principais gargalos da economia soviética. O desenvolvimento dessas áreas não apenas tornaria as mudanças mais justas e efetivas, como acarretaria uma melhora sensível no abastecimento da população, o que, por consequência, poderia ter fortalecido o apoio da sociedade às medidas em curso.<sup>382</sup>

Essas formas mais tradicionais de encarar os principais problemas sociais e econômicos do país estavam diretamente ligadas à visão oficial construída pelo Partido Comunista da URSS ao longo dos mais de setenta anos em que esteve no controle político do país. Gorbachev foi criticado por ter tardado em abandonar o partido, mesmo quando a organização dava sinais cada vez mais claros de que representava o principal obstáculo às mudanças propostas. Em resposta, ele afirmava não ter deixado a liderança do PCUS por receio de que sua saída abrisse margem à ascensão dos setores mais conservadores da burocracia partidária, ansiosos em interromper as reformas e restaurar as velhas estruturas vigentes antes delas. Nesse sentido, ele não se arrependia de sua decisão, apontando ainda que aproveitara sua posição de comando para promover lideranças das alas mais reformistas, com objetivo de usar a gigantesca estrutura partidária – indiscutivelmente, a maior, mais organizada e mais difundida organização social soviética – em favor da *perestroika*. No entanto, o ex-líder concorda que a reforma interna do partido acabou se revelando muito lenta, agravada pela ausência de coesão entre as forças democráticas e favoráveis às reformas no decorrer do processo de abertura política.<sup>383</sup>

Em relação às mudanças da política externa, Gorbachev confirma que um de seus objetivos principais com a redução da tensão internacional e o fim da Guerra Fria consistia na redução dos gastos militares, que comprometiam grande parte do orçamento da URSS em detrimento dos investimentos em outros setores essenciais para melhoria

---

<sup>382</sup> GORBACHEV, 1993 p. 18-19.

<sup>383</sup> GORBACHEV, 1993 p. 20.

da qualidade de vida da população.<sup>384</sup> Ainda assim, ele destaca que a defesa da autodeterminação dos povos, a desmilitarização e a política de não intervenção jamais foram recursos de propaganda, mas comungavam dos mesmos valores democráticos que alicerçaram as mudanças em curso no âmbito da economia e da política doméstica. Mais do que isso, as reformas internas davam credibilidade à nova política externa, que propunha a superação do ambiente do confronto Leste-Oeste e a substituição da lógica de competição pela cooperação e interdependência.<sup>385</sup>

Embora reafirmasse sua concordância à autodeterminação dos povos, Gorbachev fez ressalvas ao que considerava interpretações radicais, que atribuíam a tal princípio um status de direito absoluto e inquestionável. Desenvolvendo argumentos iniciados em *Dezembro-91*, o ex-líder soviético defende que a aplicação do princípio da autodeterminação deveria observar às peculiaridades da formação histórica de estados multiétnicos, onde os diversos povos construíram laços profundos ao longo do tempo e cuja separação poderia trazer mais dificuldades que benefícios às populações.<sup>386</sup> Ele afirmava ainda que nem a União Soviética nem o regime czarista haviam constituído um império colonial aos moldes daqueles estabelecidos pelas grandes potências da Europa Ocidental. Na versão russo-soviética, as diversas nacionalidades coexistiriam de forma pacífica e integrada, sem a dominação de uma nacionalidade sobre as demais.<sup>387</sup> A combinação dessas duas visões – os limites da autodeterminação e um passado de coexistência pacífica entre as nacionalidades – embasara suas propostas durante a negociação do novo tratado da União, na forma de uma confederação de repúblicas soberanas.

Gorbachev também volta defender um grande processo de integração pan-europeu, um espaço comum continental que, segundo ele, deveria incluir a Rússia como membro incontestado da família europeia.<sup>388</sup> Em suas primeiras intervenções no Ocidente, Gorbachev deixava clara sua preocupação em reforçar o papel da Rússia como parte integrante dos processos de integração em curso na Europa Ocidental no início dos anos 1990. O ex-líder era categórico em sua crítica aos que tentavam colocar seu país como um elemento não europeu, acusando ainda algumas organizações internacionais,

---

<sup>384</sup> GORBACHEV, 1993 p. 21.

<sup>385</sup> GORBACHEV, 1993 p. 23.

<sup>386</sup> GORBACHEV, 1993 pp. 30-31.

<sup>387</sup> GORBACHEV, 1993 p. 402.

<sup>388</sup> GORBACHEV, 1993, p. 361.

especialmente a OTAN, de atuarem pela divisão e segregação no continente.<sup>389</sup> Interessante notar que já nos primeiros anos após a queda da URSS, Gorbachev apontava uma tendência à segregação dos russos pelas potências ocidentais, tensão que se agravaria no final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI.

Gorbachev procurou também esclarecer sua visão acerca dos principais conceitos e debates ideológicos que marcaram sua atuação. Suas intervenções nesse período, dirigidas à população da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, continham um tom bastante crítico à velha ordem soviética, ao mesmo tempo que ressaltavam a importância de alguns princípios liberais e as virtudes democráticas. No entanto, uma leitura mais atenta dessas manifestações permite-nos constatar que o ex-líder soviético não se convertera em um discípulo da Escola de Chicago.<sup>390</sup> Ao contrário, ele se revelaria desde o início um crítico da terapia de choque, nome dado às reformas implementadas na Federação Russa durante os anos 1990 e que seguiam os preceitos neoliberais e monetaristas.<sup>391</sup>

A crítica de Gorbachev à experiência soviética, centrada na condenação do modelo que considerava produto da herança stalinista, não era acompanhada da rejeição ao socialismo enquanto um ideal de sociedade. De fato, ele se afasta claramente da visão tradicional marxista, que entende o socialismo como um estágio inevitável do desenvolvimento histórico. Mas para o ex-líder soviético, mais do que um regime em que a propriedade privada dos meios de produção fosse abolida, o verdadeiro socialismo estava ligado a valores como justiça, solidariedade e igualdade, e seria possível apenas se construído sob bases estritamente democráticas.<sup>392</sup> Embora tenha iniciado essa reflexão ainda durante a *perestroika*, Gorbachev desenvolverá gradualmente suas ideias acerca desse socialismo humanista ao longo dos anos seguintes à dissolução da URSS.

Para Gorbachev, portanto, a URSS jamais fora de fato socialista segundo a visão de socialismo expressa acima, uma vez que falhara em se apropriar dos valores democráticos que lhe são essenciais.<sup>393</sup> Ao contrário, ele volta a afirmar que o regime se convertera em uma experiência totalitária das mais cruéis, pervertendo os nobres ideais

---

<sup>389</sup> GORBACHEV, 1993 p. 363.

<sup>390</sup> Referência a área de economia da Universidade de Chicago, que contava com alguns dos principais teóricos do neoliberalismo, a exemplo de George Stigler e Milton Friedman.

<sup>391</sup> GORBACHEV, 1993 p. 425.

<sup>392</sup> GORBACHEV, 1993 p. 396.

<sup>393</sup> GORBACHEV, 1993 p. 398.

revolucionários que guiaram os revolucionários em 1917. E a razão desse desvio residia na ausência de experiências democráticas na Rússia pré-revolucionária:

A experiência histórica nos ensina claramente que a aspiração das massas ao progresso não poderia ser traduzida em realidade se as forças que chegaram à direção do país não tivessem contrapesos democráticos. Mas esses contrapesos, em nossa realidade, na Rússia, não existiam. Até 1917, a sociedade civil não pôde, não teve tempo para ser constituída. Daí o fato de que o poder político e a iniciativa estavam inteiramente nas mãos das estruturas do Partido. Que, por causa de sua hipercentralização, da absoluta recusa de todos os tipos de ideias alheias às suas, se mostrou imediatamente propenso ao monopólio e aos métodos ditatoriais.<sup>xliv</sup>

A ausência das práticas e valores democráticos estava, portanto, na base do afastamento do regime soviético em relação aos princípios fundamentais da escolha socialista, como a liberdade e a justiça, que figuravam como bandeira do movimento revolucionário em sua concepção. Para Gorbachev, a longevidade do modelo stalinista teria se baseado na combinação entre uma grande máquina de propaganda, que se aproveitou da crença sincera da população nos valores que nortearam a Revolução, aliada a uma real garantia de condições essenciais de vida à população, às quais grande parte deles sequer tivera acesso no período czarista.<sup>394</sup>

Em outras palavras, Gorbachev reconhece que parte da legitimidade do regime era oriunda de conquistas que ele de fato ajudara a construir na sociedade, dentro e fora da URSS. No âmbito global, ele destaca que os direitos humanos de segunda geração – também conhecidos como direitos sociais – amplamente discutidos e difundidos em boa parte das grandes potências capitalistas só teriam sido conquistados graças à ascensão e luta do movimento socialista.<sup>395</sup> Dessa forma, a experiência soviética não parece ser identificada por ele apenas como um desvio na trajetória do desenvolvimento histórico, mas sim um capítulo desse processo que, como tantos outros, apresentou aspectos positivos e negativos.

Gorbachev rechaçava ainda os partidários do discurso do “fim da história”, para os quais o fim da Guerra Fria e a hegemonia norte-americana representara a vitória do

---

<sup>394</sup> GORBACHEV, 1993 p. 347.

<sup>395</sup> GORBACHEV, 1993 p. 33.



sistema ocidental. Segundo ele, o próprio capitalismo havia sofrido transformações significativas ao longo do período de coexistência (e pressão) com o socialismo real. Para tanto, a resposta à derrocada do regime soviético não se resumia à introdução radical de mecanismos neoliberais, como estava ocorrendo na Rússia naquele momento e provocando um aumento do desemprego e da inflação, a queda na produção industrial e a seguridade social. Tal processo estaria acarretando, por sua vez, um desgaste do apoio popular à democracia e ao mercado, ao mesmo tempo que abria margem a um sentimento de nostalgia em relação aos tempos pré-*perestroika* entre os russos.<sup>396</sup>

A saída, portanto, não estava no retorno ao capitalismo – que, na visão dele, seria um modelo ultrapassado, tal qual o soviético -, mas sim o desenvolvimento de uma nova sociedade, um novo sistema que combinasse as vantagens dessas duas experiências. Gorbachev defendia que o socialismo ainda tinha um papel fundamental a desempenhar na história, mas para cumpri-lo era necessário superar os limites dos interesses de classe e substituí-los por “interesses humanos”, de caráter transversais.<sup>397</sup> Esse caminho só seria possível por meio de uma estratégia evolucionista, em que a sociedade em transição passa por uma preparação minuciosa e paciente. Mas não é apenas a sociedade que se transformara durante esse processo:

[...] eu, como homem e como político, mudei depois daqueles anos de intensa labuta e sofrimento?

Quando me lembro do que era quando cheguei a Moscou, em 1978, e até do que era em 1985, quando era secretário-geral, responderia afirmativamente, sem hesitação. Eu mudei no ritmo da *perestroika* e até consegui em algum momento eu a ultrapassei. Perdi as viseiras ideológicas que me impediam de ver a realidade como ela é, com todas as suas facetas e contradições. Aprendi muito participando da política mundial, colaborando com os maiores estadistas do nosso tempo, comunicando-me com aqueles que personificam a elite política e intelectual de nosso planeta. Eu entendo que, mesmo se ele estiver investido dos maiores poderes, um líder político tem liberdade de manobra limitada. Eu me convenci de que as decisões políticas, mesmo que sejam motivadas pelas melhores intenções e um bom conhecimento da vida, estão longe de sempre levar aos resultados desejados. Além disso, muitas

---

<sup>396</sup> GORBACHEV, 1993 pp. 425-426.

<sup>397</sup> GORBACHEV, 1993 pp. 398-399.

vezes os resultados são diferentes do que se poderia esperar quando se pensa logicamente e só toma como ponto de partida o senso comum das pessoas boas. Ainda há muita irracionalidade nas mentes e nos atos.<sup>xlv</sup>

### *Conversas com Gorbachev*

O ano de 1993 foi um dos mais conturbados na história recente da Rússia. O chefe do poder executivo, Boris Iéltsin, vinha enfrentando forte resistência do legislativo, ainda controlado pela maioria comunista, na aprovação e condução das reformas políticas e econômicas de cunho neoliberal.<sup>398</sup> A disputa entre os poderes atingiu seu ápice após um grande referendo nacional, organizado pelo presidente, em que a maioria dos votantes confirmara sua concordância com as reformas. Diante desse resultado, Iéltsin decide dissolver o Soviete Supremo, ainda que a Constituição vigente não lhe garantisse tal prerrogativa. Em resposta, o parlamento russo vota o impeachment do presidente, gerando uma verdadeira crise constitucional. Após intensas manifestações e conflitos entre populares e as forças de segurança, o exército, sob ordens de Iéltsin, bombardeou o prédio do parlamento, onde os deputados oposicionistas encontravam-se aquartelados. O desfecho da crise resultou na vitória de Iéltsin, na dissolução do Soviete Supremo, na criação de um novo parlamento bicameral e na adoção de uma nova Constituição, aprovada em outra consulta nacional ainda naquele ano.

Também em 1993, Gorbachev participou da fundação da Cruz Verde Internacional, uma organização voltada para o debate e promoção de ações ligadas ao meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Os primeiros passos na criação da entidade foram dados em 1992, durante a participação do ex-líder soviético na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro. Sediada em Genebra, na Suíça, a Cruz Verde atua em mais de 30 países, fomentando projetos e debates, especialmente em parcerias com a ONU e algumas ONG's. As pautas da ecologia e do desenvolvimento sustentável se tornaram centrais nos discursos do ex-presidente da URSS, inseridas em sua interpretação do socialismo humanista.

---

<sup>398</sup> O Partido Comunista da Federação Russa, que sucedera o braço do PCUS na Rússia criado em 1991, reunia alguns dos representantes dos setores mais conservadores da antiga agremiação soviética e mesmo com o fim da URSS, permaneceu como uma das principais forças políticas do país.

Em meio a esse cenário, Gorbachev registraria, entre 1993 e 1994, uma série de diálogos travados com seu ex-colega de faculdade e ex-dirigente do Partido Comunista da Tchecoslováquia, Zdenek Mlynar, um dos líderes da Primavera de Praga. Nas conversas, os interlocutores expõem suas visões acerca de suas trajetórias políticas, suas realizações enquanto líderes de seus respectivos países e como avaliavam questões centrais de ordem política e econômica no início daquela década. Esses debates foram reunidos em um livro e publicados, inicialmente na República Checa (1995), e mais tarde em inglês - versão que utilizamos neste trabalho -, editada em 2002 e que recebeu o título *Conversations with Gorbachev: on Perestroika, the Prague Spring and the Crossroads of Socialism* [Conversas com Gorbachev: sobre a *Perestroika*, a Primavera de Praga e as Encruzilhadas do Socialismo]. A obra se destaca tanto por seu formato quanto pelo conteúdo que traz à tona: a estrutura de diálogo torna a leitura clara e a exposição de ideias bastante direta, ao passo que seu conteúdo é uma grande autocrítica da evolução de pensamento do autor antes e durante a *perestroika*.

Em uma das primeiras conversas, Gorbachev reflete sobre o período que antecede sua chegada à secretaria-geral do CC do PCUS, três momentos são destacados pelo último líder soviético como fundamentais no desenvolvimento de suas ideias acerca da natureza e da situação do sistema que viria a governar. O primeiro fora a ascensão de Nikita Khrushchev e seu discurso durante o XX Congresso do PCUS, denunciando os crimes cometidos por seu antecessor, Josef Stalin. Para Gorbachev, Khrushchev foi a primeira grande liderança a condenar abertamente o stalinismo, inaugurando uma atmosfera de maior abertura, um relaxamento das tensões no campo doméstico e externo, além de introduzir a primeira tentativa sistemática e mais ampla de reforma da economia socialista. Frente a resistência oferecida pelo sistema, no entanto, ele teria se perdido, investindo em frentes e direções opostas, gerando descontentamento e, sem apoio popular ou político, acabou sendo derrubado.<sup>399</sup>

Acerca dessa influência das reformas de Khrushchev nas medidas adotadas ao longo da *perestroika*, o cientista político W. Tomposon, ao comparar a trajetórias das duas lideranças reformistas, afirma que embora compartilhassem um diagnóstico similar acerca dos limites do sistema dirigista construído sob a liderança de Stalin e tenham encarado o mesmo obstáculo – a teimosia do aparato burocrático –, os dois projetos se

---

<sup>399</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 29.

diferenciavam significativamente em relação à dimensão do problema a ser enfrentado, as estratégias adotadas por seus condutores, a formação inicial das alianças que as apoiavam e a forma como os líderes se comportaram quando essas coalizões se fragmentaram. Para o autor, Khrushchev parecia se guiar por um forte otimismo em relação à possibilidade de avanço rápido na direção do comunismo (e ultrapassar a superpotência do capitalista), mas, para isso, precisava introduzir mudanças que evitassem a estagnação do sistema. Já Gorbachev teria se movido diante de um cenário mais pessimista, em que a estagnação já era uma realidade e agora precisava ser superada.<sup>400</sup>

Ainda segundo Gorbachev, o XX Congresso do PCUS, para além de um verdadeiro choque de realidade em relação ao caráter quase sacro da liderança stalinista, iniciara uma reflexão mais profunda acerca da natureza do sistema soviético. E se por um lado, ele manteve sua crença na escolha socialista e nos caminhos adotados pelo partido, por outro, o jovem Gorbachev percebera que o regime precisava de mudanças. Ele garante, no entanto, que não tinha ainda nesse momento a consciência da necessidade uma transformação mais geral e profunda, como viria a se converter a *perestroika*.<sup>401</sup> Os anos de Khrushchev no comando do partido tiveram, portanto, uma influência determinante na formação de seu futuro sucessor.

Um segundo movimento marcante, com impacto direto na evolução de suas ideias, foram as suas viagens ao exterior, tanto no interior do bloco soviético como nos países capitalistas. Dentre suas primeiras incursões, Gorbachev destaca a participação na comitiva que visitou a Tchecoslováquia logo após a intervenção das tropas soviéticas contra as agitações da Primavera de Praga. Ele afirma que embora já reconhecesse naquele momento a validade de algumas ideias que norteavam as lideranças reformistas do país – dentre elas o próprio Mlynar, com quem Gorbachev havia estudado e convivido intimamente na MGU -, acreditava ainda que a intervenção fosse necessária para “evitar a derrubada do socialismo pelo Ocidente”.<sup>402</sup> Ao percorrer o país europeu em 1969, o jovem líder soviético notara a rejeição da população à intervenção, sentindo-se sob uma verdadeira “ocupação”. Somente mais tarde, Gorbachev passou a considerar a intervenção do exército soviético como uma ação que teve por objetivo central não

---

<sup>400</sup> TOMPSON, 1993, pp. 88-89.

<sup>401</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 27.

<sup>402</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 6.

apenas salvar o regime aliado, mas também evitar as propostas mais radicais de reforma chegassem à URSS.<sup>403</sup>

As viagens internacionais, que se intensificaram com o avanço de sua carreira no interior do PCUS, teriam sido fundamentais para a revisão e posterior distanciamento em relação ao discurso oficial soviético, contribuindo para sua reflexão acerca de como entendia o socialismo. Fora da URSS, ele teve acesso a novas fontes e entrou em contato com diferentes visões e experiências de movimentos comunistas e socialistas, notadamente na Europa Ocidental e na América do Norte. O ex-líder destaca que uma das principais contribuições dessas visitas para sua formação seria a tomada de consciência da importância dos valores democráticos, um fator humano necessário à consolidação do socialismo e que não estavam presentes no modelo adotado em seu país.<sup>404</sup>

Finalmente, o terceiro momento destacado por Gorbachev fora o convite recebido para a escrever o discurso em homenagem aos 60 anos do aniversário de morte de Lenin, comemorado em 1984. Ao se ocupar dessa tarefa, Gorbachev destaca que teve contato com os últimos escritos de Lenin, os quais teriam lhe despertado um novo olhar em relação ao socialismo e aos caminhos percorridos pelo regime soviético desde a morte de seu primeiro grande líder.<sup>405</sup> Ele afirma que Lenin, valendo-se de sua visão pragmática e autocrítica, teria deixado claro em seus escritos finais que a construção do socialismo somente seria possível em um ambiente de maior liberdade, tanto na economia quanto na política. Tal interpretação parece condizente com a evolução das ideias expressas por Gorbachev em relação ao líder revolucionário ao longo das décadas anteriores.

Nesse sentido, ele considera que a Nova Política Econômica, introduzida em 1921 como um recuo necessário à reconstrução do país, passara a ser vista como caminho mais adequado para construção do socialismo. Essa trajetória seria interrompida ao final da década de 1920 com a ascensão de Stalin e o fortalecimento dos elementos autoritários e dirigistas. Gorbachev declara ainda que um dos slogans

---

<sup>403</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 6.

<sup>404</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 49-50.

<sup>405</sup> Ao se referir aos últimos textos de Lenin, Gorbachev se refere ao que se costuma chamar de fase tardia da obra do líder comunista, escritos poucos antes de sua morte, em 1923. Dentre os textos dessa etapa, destacam-se “Sobre Educação”, “Sobre Cooperação”, “Sobre Nossa Revolução”, “Como devemos reorganizar a Inspeção dos Trabalhadores e Camponeses” e “Melhor Menos, mas Melhor”. Ver: LENIN. 1965, vol. 33.

mais famosos da *perestroika*, “Mais Democracia, Mais Socialismo”, foi inspirado nos textos finais da obra leninista.<sup>406</sup> E seria também a partir dessas leituras que teria começado a dissociar o socialismo da experiência real soviética, do sistema em que vivia, embora ainda acreditasse na possibilidade de reformá-lo.<sup>407</sup>

Passando à avaliação de sua trajetória política, Gorbachev aponta duas razões prioritárias que o levaram a ingressar na carreira política e, especialmente, no PCUS. A primeira foi o exemplo e admiração que tinha por seu avô e por seu pai, ambos membros engajados da agremiação. Sua família manteve a fidelidade ao partido e ao regime mesmo tendo sido vítima de alguns dos episódios mais cruéis da história soviética, como a coletivização forçada e os expurgos stalinistas, conforme relato anterior. Além disso, ele afirma que sua entrada no PCUS estava intimamente ligada à sua tendência natural à liderança, expressa ao longo de sua vida escolar e laboral, cujo potencial que seria mais bem aproveitado dentro do próprio Partido.<sup>408</sup>

Recordando sua ascensão na hierarquia partidária em sua região natal, ele destaca que foi tomando gradualmente consciência das limitações das lideranças locais frente ao poder central. O centralismo excessivo de Moscou inibia, na visão de Gorbachev, a inovação na esfera local, levando-o a questionar a eficácia desse modelo.<sup>409</sup> Ao chegar à cúpula do poder na capital, na segunda metade dos anos 1970, o ex-líder relata ter percebido que essas limitações não se restringiam apenas à esfera regional, mas eram na verdade características do sistema como um todo.<sup>410</sup> A origem dessas limitações estaria, portanto, na natureza autoritária do regime, controlado pela burocracia partidária, um sistema de castas baseado na autoproteção e em privilégios, que seria responsável pelas distorções do socialismo soviético.<sup>411</sup>

Para Gorbachev, o sistema construído a partir da liderança stalinista foi desenhado para mobilização da sociedade em situações extremas, como guerras e crises, condições em que de fato seria necessário maior controle e ordem para alcançar os esforços requeridos à sua superação. Tal sistema, contudo, não se revelou adequado em

---

<sup>406</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 66.

<sup>407</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 65.

<sup>408</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 14-15.

<sup>409</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 47-48.

<sup>410</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 50.

<sup>411</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 48.

situações de vida normal, realidade na qual ele tenderia ao colapso, sendo mantido apenas pelo incremento do uso da força e dos mecanismos autoritários.<sup>412</sup> A experiência histórica soviética teria levado a uma confusão entre socialismo e o regime autoritário stalinista. Na visão de Gorbachev, a URSS jamais fora de fato uma sociedade socialista, visto que a construção do socialismo dependeria de uma base verdadeiramente democrática.<sup>413</sup>

Voltando-se para a *Perestroika*, ele reafirma que ao assumir a liderança do PCUS, em 1985, seu objetivo principal com as medidas adotadas consistia na aceleração do crescimento técnico-científico, a ser atingida por meio da ampliação dos mecanismos de autonomia empresarial e incremento de sua lucratividade. Ele acreditava que o desenvolvimento econômico levaria ao resgate do apoio popular ao regime e, por consequência, o avanço do apoio ao socialismo. No entanto, no decorrer das reformas, grande parte do PCUS se mostrou relutante às mudanças propostas, receosa com a possibilidade de perda do poder acumulado. Os obstáculos oferecidos pela resistência do Partido teriam levado Gorbachev a propor, a partir de 1987, mudanças também na esfera política, tanto no âmbito do Estado Soviético, quanto no próprio PCUS.<sup>414</sup>

Diante desse cenário, Mlynar questiona o ex-líder soviético se não houvera possibilidade de desacelerar as reformas, de modo que o Partido pudesse acompanhá-las e as resistências fossem enfrentadas gradualmente. Como resposta, Gorbachev afirma que temia ter o mesmo fim dos reformadores anteriores, como Khrushchev, que mesmo cedendo às pressões do Partido acabou derrubado. Nesse sentido, ele optou pela radicalização da reforma política, buscando alterar o modo de funcionamento do PCUS. Ademais, ele relembra que em suas tentativas de alterar o ritmo e reduzir a velocidade das medidas implementadas, fora criticado por aqueles pelos reformistas mais radicais.<sup>415</sup>

Mesmo ciente da resistência interna e em pleno processo de avanço na separação entre Estado e Partido, Gorbachev entende que em 1989 ainda precisava manter o controle dessas duas esferas. Daí porque, naquele ano, decidira se candidatar ao recém-

---

<sup>412</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 39.

<sup>413</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 7.

<sup>414</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 67-68.

<sup>415</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 108.

criado cargo de Presidente da URSS sem abandonar a secretaria-geral do CC do PCUS, que naquele momento ainda era uma estrutura mais forte que o próprio Estado.<sup>416</sup>

Mlynar o questiona se não teria sido melhor sair do PCUS e fundar um novo partido, mais alinhado com a reforma. O ex-líder soviético responde que ainda tinha esperança de salvar o partido e colocá-lo ao lado da *perestroika*. Além disso, do ponto de vista pragmático, volta a afirmar seu temor de que sua saída pudesse fortalecer às alas mais conservadoras, que poderiam aproveitar da estrutura do Partido para restabelecer o velho sistema.<sup>417</sup> Mlynar aponta que alguns dos aliados mais próximos de Gorbachev, como Alexander Yakovlev e Anatoly Chernyaev, afirmaram em suas memórias terem sugerido a Gorbachev que abandonasse em 1989, durante as primeiras sessões do Congresso de Deputados do Povo. O último líder soviético nega, argumentando que não havia ainda nenhuma discussão efetiva para criação de um partido reformista ou de viés social-democrata.<sup>418</sup>

Ainda em relação à reforma política, Mlynar destaca que na sociedade soviética, as únicas estruturas políticas e administrativas estabelecidas – o PCUS e o Estado – eram do tipo stalinista. Nesse sentido, ao enfrentá-las, como pretendiam as mudanças de natureza política, o resultado tenderia ao caos, uma vez que não havia outra estrutura social para substituí-las. Gorbachev discorda dessa visão, afirmando que ela seria decorrente de uma interpretação segundo a qual nunca se desenvolvera na Rússia um estágio democrático e que, portanto, as reformas deveriam ter ocorrido de modo diferente, mais dirigista. Curiosamente, o ex-líder soviético já expressara em um trecho destacado anteriormente em nossa análise que a ausência de experiência democrática havia sido uma das principais razões da falta de apoio e participação popular nas reformas.

Ainda assim, o ex-líder soviético afirma que a sociedade da URSS era complexa, e pretendia fortalecer outras estruturas a partir de uma tática de reforma gradual e evolucionista. Para ele, as reformas não falharam por instituir mecanismos democráticos no combate ao autoritarismo, mas pelo radicalismo das oposições de esquerda e direita,

---

<sup>416</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 112.

<sup>417</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 118.

<sup>418</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 119.



enquanto a adoção de um modelo próximo ao chinês – abertura econômica e autoritarismo político – não era uma plataforma com a qual se identificava.<sup>419</sup>

Gorbachev rebate ainda outra crítica recorrente: a ausência de um plano definido e estruturado pela liderança para as reformas. Para ele, a imposição de planos engessados pelo poder central era justamente o maior o problema do regime soviético.<sup>420</sup> A *perestroika* caminhará no sentido oposto, visando garantir maior autonomia e iniciativa aos agentes. Nesse sentido, ele afirma que não havia uma “receita” para as reformas nem se poderia querer uma, uma vez que elas se baseavam em um paradigma de maior flexibilidade e adaptação. Mlynar recorda que ao encontrar Gorbachev em 1989, o então presidente da URSS afirmou que esperava que a população finalmente pudesse demonstrar sua vontade e que, embora não soubesse como os processos evoluíam, a situação não poderia ser pior do que quando as reformas começaram.<sup>421</sup>

Todo o processo percorrido desde a sua formação e ascensão política e a experiência já à frente do Kremlin marcou profundamente a evolução do conceito de socialismo para Gorbachev. Ao longo desses anos, ele afirma que se afastou gradualmente do “dogmatismo marxista” presente no discurso oficial, substituindo-o pelo que chama de uma visão de socialismo pautada em valores.<sup>422</sup> E seria justamente em meio às turbulências da reforma política, entre 1988 e 1989, que ele se dá conta de sua identificação com a social-democracia:

[...] o processo de profunda reavaliação e reflexão crítica começou no meu caso após meu relatório sobre o septuagésimo aniversário da Revolução de Outubro, e eu expressei publicamente meus pensamentos a esse respeito de forma totalmente elaborada na plenária do Comitê Central de fevereiro de 1988 e a Conferência do Partido de junho de 1988. Em 1989, depois das eleições, quando vimos qual atitude o povo realmente teve em relação ao PCUS e à *nomenklatura*, o que realmente pensava e qual era sua posição em relação à democracia e à *glasnost*, começou um período de acumulação de experiência que nos levou à conclusão de que era necessário chegar a uma nova concepção do socialismo. Desde esse período, tenho me ocupado cada

---

<sup>419</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 69-70.

<sup>420</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 9.

<sup>421</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 66.

<sup>422</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 8.

vez mais com a pergunta: quais são os critérios para chamar algo de socialista? Pareceu-me que a principal tinha a ver com: Qual é a posição do indivíduo na sociedade? A partir desse momento, pode-se dizer, o caminho que tomei foi essencialmente a concepção social-democrata do socialismo.<sup>xlvi</sup>

Essa transição do pensamento Gorbachev na direção da social-democracia, especialmente durante a *perestroika*, foi sinalizada no capítulo anterior. Nessa perspectiva, Gorbachev afirma ter compreendido que o socialismo somente seria possível quando resultasse da escolha livre e democrática dos cidadãos. Desse modo, a manutenção do bloco socialista só faria sentido se assim o quisessem todos os povos que dele faziam parte. Guiado por esse princípio, ele afirma ter optado pela não intervenção durante o processo de derrocada dos regimes comunistas do leste europeu, que puseram fim a separação que caracterizara o continente durante a Guerra Fria.<sup>423</sup>

Essa nova concepção de socialismo também o teria colocado no alvo das críticas oriundas tanto dos setores que pretendiam a radicalização das medidas na direção da abertura econômica e política, quanto os favoráveis à restauração do antigo regime pré-*perestroika*. Em meio a esse fogo cruzado, Gorbachev afirma que chegou a escrever sua renúncia, mas optou por permanecer no poder e lutar pela aprovação de um novo programa para o Partido, que estaria alinhado ao que chamou de “socialismo democrático”. O ex-líder defende ainda que se não fosse pelo Golpe de Agosto de 1991, teria tentado aprová-lo no congresso seguinte do PCUS, que ocorreria naquele ano, ou ainda fundado um novo partido com essa plataforma.<sup>424</sup>

E mesmo com o fim da URSS, Gorbachev ainda se definia como um socialista, um defensor desse socialismo que alegava ter um caráter ser mais democrata e humanista, sem “fundamentalismos” radicais.<sup>425</sup> Nas suas próprias palavras:

De minha parte, renunciei a um esquema determinista das coisas, conforme apresentado pela escola soviética assim chamada marxista. Vejo que, desde o início, foi errado considerar o socialismo como uma formação especial que representa algo historicamente inevitável no desenvolvimento da humanidade. Toda a minha experiência me convenceu de que uma concepção baseada em valores do socialismo é mais correta. É um processo

---

<sup>423</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 84.

<sup>424</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 121.

<sup>425</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 9.

no qual as pessoas procuram realizar certos valores e, nesse processo, todas as ideias progressistas e democráticas e experiências práticas são integradas.<sup>xlvi</sup>

Ele afirma que o socialismo corresponde à realização gradual dos princípios da liberdade, igualdade, justiça, solidariedade e autodeterminação, vistos em sentido lato, combinando preceitos e bandeiras das correntes socialistas e liberais.<sup>426</sup> Nesse sentido, o socialismo humanista se revela maior que uma mera introdução da democracia formal nos limites liberais, uma vez que permite aos cidadãos agirem autonomamente na sociedade para além do mero direito ao voto, assegurando-lhes direitos políticos, sociais e humanos.<sup>427</sup> Resta mais uma vez clara a semelhança de suas ideias às bandeiras dos partidos socialistas, reformistas e social-democratas, na Europa.

Em contraponto direto ao materialismo histórico, Gorbachev defende que os valores humanistas seriam maiores que a luta de classes e que o uso da violência enquanto motor da história deveria ser superado em favor de uma estrutura cooperativa e dialógica.<sup>428</sup> Ele reconhece, contudo, que os valores revolucionários que guiaram a sua criação em 1917 estavam embebidos no espírito socialista e que graças à URSS se difundiram pelo mundo, impactando e alterando as bases do próprio capitalismo.<sup>429</sup> Em outras palavras, ainda que reconheça os impactos positivos do movimento revolucionário, ele se distancia dessa plataforma de ruptura que inspirara os bolcheviques e outros movimentos de transformação radical ao longo da história.

O ex-líder soviético aponta ainda que o sistema soviético tinha em sua essência um desejo por justiça social, materializado na oferta de um estado de bem-estar social que, embora mantivesse níveis insuficientes e baixa qualidade na oferta de serviços, garantia proteção básica aos seus cidadãos. Esse direito às garantias mínimas e a uma vida digna proporcionada pelo sistema soviético inspirou a luta dos cidadãos também do outro lado da cortina de ferro, obrigando grande parte das potências ocidentais a realizarem reformas e instaurarem sistemas de assistência social. Gorbachev destaca que o princípio das garantias sociais não se contrapõe necessariamente a possibilidade de

---

<sup>426</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 155-158.

<sup>427</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 167.

<sup>428</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 145.

<sup>429</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 149-150.

desigualdades de posse material, desde que essa disparidade não ameace a existência das pessoas.<sup>430</sup>

Para ele, portanto, se é verdade que a sociedade soviética se exauriu, não menos correto seria afirmar que ela deixou como herança contribuições históricas importantes para o futuro.<sup>431</sup> O ex-líder ressalta ainda que o calcanhar de Aquiles do sistema socialista nos moldes soviéticos teria sido justamente a dificuldade em associar interesses socialistas mais amplos e coletivos com o incentivo à eficiência do trabalho e o encorajamento da iniciativa individual. Ele afirma que há uma estrutura capaz de proporcionar essa combinação: o mercado – mas não em sua forma “laissez faire” como defendiam os liberais, mas um mercado regulado, orientado para alcançar os interesses sociais, cujos parâmetros e objetivos se definiriam a partir das situações concretas de cada sociedade.<sup>432</sup>

Do início ao fim, Gorbachev defende que a *perestroika* foi uma escolha por democratizar e humanizar o país por meio de reformas dentro dos marcos da escolha socialista, ainda que sua concepção de socialismo tenha se alterado com o tempo. Mesmo quando os diálogos eram travados, na metade da década de 1990, ele reafirma estar ainda mais convencido da validade dos valores socialistas para o mundo e, especificamente para o seu país, numa clara crítica aos reformadores liberais russos do período. No entanto, seu diagnóstico era de que àquela altura, os socialistas – aqui entendidos como moderados, alinhados a social-democracia – estariam dispersos em vários partidos e agrupamentos sem força política e eleitoral.<sup>433</sup> As eleições legislativas de 1995 na Rússia parecem confirmar essa constatação: o único partido autodenominado “social-democratas” [Sotsial-demokraty] recebeu apenas 0,13% dos votos em lista e 0,35% dos votos diretos, sem conquistar nenhuma cadeira na Duma, que permaneceu dividida entre os comunistas de um lado e grupos populistas de direita do outro.<sup>434</sup>

---

<sup>430</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 152-153.

<sup>431</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 153.

<sup>432</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 160.

<sup>433</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 127.

<sup>434</sup> Cf.: “The official Central Electoral Commission protocol, December 29, 1996, including corrections by the Central electoral Commission Resolutions, January 4, 1996 and February 19, 1996”. In: GELMAN; GOLOSOV, 1999.

As críticas de Gorbachev ao socialismo soviético não são acompanhadas de elogios ao modelo vigente no Ocidente. Para ele, o capitalismo não saíra ileso dos anos de embate com a URSS, sendo necessária também a sua modernização e reformulação. O ex-líder é contrário a visões que consideram o ocaso soviético como uma vitória do capitalismo, compartilhadas entre ideólogos ocidentais e conservadores das ex-Repúblicas Soviéticas. A Guerra Fria custou caro a todos os lados e o Ocidente também precisaria vivenciar sua própria *perestroika*.<sup>435</sup> Ele destaca ainda que o modelo de vida e consumo norte-americano, o “american way of life”, é inviável e não pode ser expandido para o restante do planeta.<sup>436</sup>

O erro do comunismo, em sua visão, teria sido acreditar que uma única ideologia, que certos valores ou interesses de classe restritos poderiam atender aos anseios ou resolver os problemas de toda a sociedade e governar o mundo. A solução estaria justamente na cooperação entre diferentes visões, debatidas e combinadas em um ambiente democrático e por meio de medidas graduais. Ele afirma que a Rússia tem potencial para oferecer ao mundo novos caminhos, novas orientações para enfrentar os dilemas do final do século e o esgotamento dos modelos capitalista e socialista. Mas naquele momento, porém, seu país vivia uma situação oposta, enfrentando os desafios das reformas neoliberais indicadas pelo FMI, a chamada terapia de choque:

Deixe-me acrescentar algo a isso por minha própria parte: hoje o exato oposto está realmente acontecendo na Rússia. Seguindo os preceitos do Fundo Monetário Internacional, estão sendo feitos esforços para ajustar tudo às exigências do FMI, para duplicar os modelos ocidentais e para eliminar toda a complexa e valiosa experiência, o experimento soviético, e denunciar tudo isso como uma herança prejudicial. Isso é um erro tanto no nível filosófico quanto no político, o que leva a um conflito com a sociedade, porque está em conflito com a mentalidade, cultura e necessidades de nosso povo. Os ideólogos liberais demonstram uma atitude niilista em relação ao passado, ao passo que, de fato, o passado deve ser utilizado, incluindo a parte dele ligada aos valores socialistas.<sup>xlviii</sup>

Gorbachev termina afirmando que ao olhar para trás, não se arrependia das decisões e caminhos percorridos em sua trajetória. Ao contrário das acusações que lhe

---

<sup>435</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 142.

<sup>436</sup> GORBACHEV, 2002a. p. 177.

eram dirigidas, ele considerava ter trazido contribuições importantes ao socialismo, especialmente ao desvinculá-lo da experiência totalitária. Ele afirmou também que sua atuação demonstrara que mesmo no auge do regime, haviam lideranças críticas e vozes dissonantes no movimento comunista soviético.<sup>437</sup> Refuta veementemente o título de traidor, argumentando que as ideias evoluem e mudam de forma saudável como resultados dos debates, experiências e contextos vivenciados a cada momento.<sup>438</sup> Em sua reflexão, ele volta a buscar legitimidade para a suas ações na comparação com a atuação de Lenin, que por vezes também teria mudado de opinião e estratégia de forma pragmática, sem nunca ter deixado de acreditar verdadeiramente no socialismo.<sup>439</sup> Encerra, por fim, com uma promessa:

Às vezes, faço a pergunta: "Quero voltar à política ativa?" Minha resposta é a seguinte: no céu político há muitas estrelas de várias magnitudes, em locais diferentes, e emitindo diferentes tipos de luz. Há também um espaço lá para minha estrela. Eu não estou prestes a sair e viver na taiga; eu permaneço na política.<sup>xlix</sup>

Esse firmamento, no entanto, não parecia tão aberto para o ex-presidente. Pesquisas de opinião pública realizadas em 1995 revelavam que a imagem de Gorbachev não era muito positiva em seu próprio país. Quando perguntados se compartilhavam da visão predominante em grande parte do Ocidente que considerava Mikhail Gorbachev como uma das figuras políticas mais excepcionais do século XX, apenas 20% dos entrevistados responderam afirmativamente.<sup>440</sup> No ano seguinte, ele decidiu concorrer às eleições presidenciais da Rússia, recebendo pouco mais de 386 mil votos de um total de 75,5 milhões de eleitores que foram às urnas, o que representava cerca de 0,5% dos votos.<sup>441</sup>

### *Memórias*

Frente a esse quadro pouco amistoso, Gorbachev decide travar mais uma batalha – talvez a maior delas – na disputa pelo resgate da memória histórica da *perestroika* e de sua atuação. Ainda em 1995, ele lançou suas memórias, publicadas originalmente em russo sob o título “*Zhizn' i Reformy*” [Vida e Reformas] em dois volumes e que um ano

<sup>437</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 200-202.

<sup>438</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 204-205.

<sup>439</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 209.

<sup>440</sup> Cf.: FOM, 2006.

<sup>441</sup> Cf.: IRI, 1996.

mais tarde foram traduzidas para o inglês, em uma versão adaptada e mais concisa, intitulada “*Memoirs*” [Memórias]. Em ambas as edições, variando a riqueza de detalhes entre elas, o último líder soviético redige o que ele mesmo define como um “testamento político”, no qual reconstrói toda a sua trajetória de vida, desde a infância no Cáucaso até seus últimos dias no Kremlin.

Antes de adentrar à análise da obra em si, é necessário destacar o contexto de sua publicação. Conforme mencionado anteriormente, desde o período final da *perestroika*, a relação entre Gorbachev e Iéltsin vinha se deteriorando rapidamente, processo que se intensificara com o fim da URSS. A partir de 1992, o cenário se invertera e agora Iéltsin ocupava o Kremlin, enquanto Gorbachev lhe fazia uma oposição bastante crítica. O presidente russo avançou com o processo de reformas liberais na economia, ao mesmo tempo que consolidava seu poder político, o que lhe garantiu a vitória nas eleições presidenciais de 1996. E mesmo com o agravamento da crise econômica e a perda de protagonismo internacional da Rússia, a nova elite política moscovita buscava se associar à solução dos problemas, transferindo a responsabilidade pela situação crítica vivenciada pela população às antigas lideranças soviéticas e as reformas iniciadas em 1985. Foi, portanto, em meio a esse embate que Gorbachev publicou seu “testamento político”, em mais uma tentativa de reafirmar sua visão e defender seu legado frente à opinião pública.

Nesta obra de caráter notadamente narrativo e memorial, ele reafirma vários temas e opiniões tratados nos textos anteriores, a exemplo de como enxerga a evolução de suas próprias ideias ao longo das reformas, de sua crença inicial na possibilidade de aperfeiçoamento do sistema e no endurecimento da reforma política como resposta à resistência partidária frente às mudanças. Mesmo reconhecendo que cometeu erros ao longo do processo, Gorbachev defende que a *perestroika* foi necessária e trouxe benefícios não apenas para seu país como para o resto do mundo:

Ainda estou firmemente convencido de que as reformas concebidas e iniciadas em 1985 foram geradas por necessidade histórica. Uma vez terminado o período de provações e tribulações, nossos compatriotas aprenderão a fazer uso adequado das principais realizações da *perestroika* - liberdade, democracia e direitos civis. A Rússia e as outras antigas Repúblicas Soviéticas encontrarão uma maneira de restaurar sua União - não

em sua forma unitária e imperial passada, mas como uma comunidade democrática de estados.<sup>1</sup>

Ao mencionar a restauração da União entre as ex-repúblicas soviéticas, Gorbachev não parece apostar mais em uma reconstituição do antigo estado soviético, mas acreditava que passada a turbulência do processo em curso após a dissolução da URSS, esses países encontrariam um novo caminho para a cooperação e desenvolvimento conjunto, alicerçado nas relações históricas construídas entre aqueles povos. Ele também considera que a situação que viviam as ex-repúblicas naquele momento, afundadas em crises econômicas, políticas e sociais, seriam o preço pago pela população como consequência das políticas adotadas por lideranças ambiciosas e oportunistas, que selaram o fim da URSS em benefício próprio.<sup>442</sup>

Convém destacar que naquele momento, o processo de cooperação entre as antigas repúblicas soviéticas caminhava lentamente, uma vez que a maioria dos países tinha como prioridade o enfrentamento da grave situação econômica e política de suas realidades domésticas. Nesse sentido, a CEI pouco avançara na direção de uma integração política e econômica, embora nove de seus membros tenham assinado o Tratado de Segurança Coletiva, uma aliança militar que entrou em vigor em 1994. Na prática, contudo, essa nova estrutura de defesa não restaurara a unidade bélica do antigo exército soviético, nem sequer se consolidara a ponto de recuperar o prestígio do antigo Pacto de Varsóvia ou fazer frente à OTAN.

Para além das ideias já expostas em seus discursos e textos, Gorbachev introduz novos elementos a partir da narrativa de episódios e momentos-chave de sua trajetória, que auxiliam a compreender não somente a evolução de suas ideias, como também ilustram características interessantes do funcionamento do sistema soviético. Muitos desses pontos já foram mencionados nos capítulos anteriores, em paralelo à análise da evolução de suas ideias antes e durante a *perestroika*. Na sequência, daremos destaque a outras reflexões expostas pelo autor em suas memórias, não abordadas até então.

Em relação às suas manifestações ao longo da *perestroika*, o ex-líder soviético destaca que nem mesmo sua ascensão ao cargo máximo de poder no Partido significou uma liberdade plena de atuação e expressão. Nesse sentido, ele recorda que em seu

---

<sup>442</sup> GORBACHEV, 1996a p. xxv.



discurso de posse manteve deliberadamente as referências ao congresso anterior do PCUS, ocorrido ainda durante a gestão Brezhnev, a fim de demonstrar uma certa continuidade, o que naquele momento seria uma anuência à “regra do jogo” a ser obedecida. Ele reconhece que muitas das ideias expostas em seus primeiros discursos não eram em si novidades e já faziam parte do jargão oficial das lideranças soviéticas há algum tempo – a diferença aqui seria, contudo, que o líder estaria de fato consciente da necessidade de todas essas mudanças e comprometido com sua execução.<sup>443</sup>

Mas se de um lado o sistema oferecia constrangimentos para atuação do líder, por outro, Gorbachev relembra que ele mesmo ainda se via bastante apegado aos conceitos e ideias do passado. Na Plenária do Comitê Central do PCUS ocorrida em abril de 1985 – tida como a inauguração da *perestroika* – ou mesmo no XXVII Congresso do PCUS, em 1986, os relatórios apresentados pela liderança ainda eram bastante limitados quanto à intensidade das mudanças necessárias, repetindo muitos dos jargões e dogmas do regime. Nessa fase, ele reitera que ainda acreditava em um aprimoramento do sistema e do partido, um aperfeiçoamento dentro dos limites da escolha socialista, algo a ser alcançado inclusive com os mesmos quadros burocráticos que mais tarde viriam a ser criticados e apontados como o principal obstáculo às reformas.<sup>444</sup>

Outro episódio que ganha destaque nas memórias do ex-líder é o acidente nuclear de Chernobyl, ocorrido em abril de 1986. Ele afirma que, ao contrário das críticas feitas à época pela mídia e pelos governos ocidentais, não trabalhou para ocultar as informações e que, à medida que tomava conhecimento da gravidade do acidente, defendeu a transparência e a divulgação dos fatos. Ao mesmo tempo, ele ressalta que todo o episódio envolvendo o acidente, desde as razões que levaram à explosão do reator até a forma problemática com que as informações sobre o que de fato havia acontecido tardaram a chegar a Moscou, o alertaram para a real dimensão da situação crítica vivida pelo sistema e o convenceram de que as reformas não poderiam mais se ater apenas a medidas administrativas, de propaganda e reforço da ordem – elas precisavam avançar ainda mais e de forma radical.<sup>445</sup>

---

<sup>443</sup> GORBACHEV, 1996a p. 168.

<sup>444</sup> GORBACHEV, 1996a p. 177.

<sup>445</sup> GORBACHEV, 1996a pp. 189-193.

Gorbachev recorda ainda outro importante evento ocorrido em 1986, que segundo ele teve um papel central em suas reflexões: o encontro de cúpula realizado entre ele e o então presidente dos EUA, Ronald Reagan, em Reykjavík, capital da Islândia. Embora a reunião tenha sido encerrada sem acordo imediato – as discussões seriam fundamentais para a concretização, no ano seguinte, do acordo Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF) – o ex-líder soviético destaca a importância e a franqueza com que os diálogos foram travados, sendo uma peça fundamental para o sucesso de sua nova política externa. Ainda que os encontros entre líderes das superpotências tenham sido frequentes ao longo da Guerra Fria, durante a *perestroika* essas reuniões alcançaram um patamar qualitativamente superior, ultrapassando a mera formalidade e resultando em uma verdadeira distensão no cenário internacional.

Gorbachev também ressalta as discussões mantidas com outros membros do *Politburo* ao retornar a Moscou após o encontro com Reagan. Alguns dos seus colegas na cúpula partidária questionavam se a URSS não estava demonstrando fraqueza frente aos interesses norte-americanos. Em resposta, ele afirma ter defendido que os “interesses de classe não são maiores que os interesses humanos”, assegurando que a busca pela redução da tensão internacional e nuclear seria mais importante que eventuais disputas ideológicas entre os sistemas.<sup>446</sup> Embora o então líder soviético já demonstrasse desde sua escolha para ocupar a secretaria-geral do CC (e mesmo antes) disposição para reduzir as tensões no cenário internacional, essa menção à superioridade dos interesses da humanidade frente aos de classe parece destoar de outras manifestações do próprio Gorbachev em relação aos limites impostos pelo regime e até mesmo à evolução de suas próprias convicções. Afinal, tal discussão teria ocorrido em 1986, momento inicial da *perestroika*, no qual as alas conservadoras ainda dispunham de grande força dentro da elite partidária e em que o próprio Gorbachev ainda se via mais alinhado ao arcabouço ideológico oficial.

Em relação à trajetória das reformas, Gorbachev destacou as palavras de Yegor Ligachev, que afirmou que se o XXVII Congresso do PCUS fornecera um diagnóstico acerca de quais eram problemas enfrentados pelo sistema, a Plenária do Comitê Central ocorrida em janeiro de 1987 respondeu às perguntas do porquê.<sup>447</sup> Ali, o ex-líder destaca que as primeiras vozes contrárias a *glasnost* e ao ritmo das mudanças se

---

<sup>446</sup> GORBACHEV, 1996a p. 200.

<sup>447</sup> GORBACHEV, 1996a p. 198.

levantaram, mesmo entre aqueles que o então secretário-geral do CC considerava quadros do partido comprometidos com as reformas. Nesse sentido, ele afirma concordar com a visão de alguns historiadores que colocam o período entre o fim de 1986 e o início de 1987 como a primeira grande crise da *perestroika*. Um pouco mais adiante, ele volta a citar os intelectuais da área ao defender a sua própria cronologia em relação às fases da reforma:

Historiadores, que gostam de tudo em ordem [cronológica], discutem se a *perestroika* e as reformas começaram em março de 1985 ou em alguma data posterior. Bem, nos primeiros três anos, fizemos sérios esforços para tirar o país da estagnação e alcançar a renovação em todos os aspectos da vida. Fizemos nossa primeira tentativa de reforma radical da economia.

No entanto, o verdadeiro ponto de virada, quando a *perestroika* se tornou irreversível, foi a XIX Conferência do Partido de Toda a União [em 1988]. Esse passo decisivo foi motivado pelo óbvio fracasso no avanço das reformas econômicas e pela radicalização da opinião pública.<sup>li</sup>

A análise retrospectiva de Gorbachev parece vir ao encontro da leitura de parte da historiografia, que identifica diferentes fases na evolução dos processos políticos e econômicos iniciados em 1985.<sup>448</sup> O exame das manifestações do ex-líder soviético e do caminhar das reformas, abordadas no capítulo anterior, sinalizam que esse processo de mudança, tanto das ideias de Gorbachev quanto da *perestroika*, ganharam impulso com a sessão plenária do CC do PCUS em janeiro de 1987 e se consolidaram durante os debates da XIX Conferência do PCUS no ano seguinte, período no qual a dimensão política das reformas assume centralidade e passa a ser entendida como condição necessária para o avanço das transformações de caráter econômico – que, por sua vez, também ganham um caráter mais radical e se aproximam da transição para a economia de mercado.

Diferente da edição original russa, a versão em inglês é acompanhada de um epílogo, datado de julho de 1996. Neste adendo, Gorbachev trata de questões diretamente relacionadas ao momento vivido pela Rússia nos primeiros anos após a queda da URSS. Ele destaca que a *perestroika* não fora um plano elaborado pelo poder central para atender a necessidades imediatas e promover uma prosperidade ilusória,

---

<sup>448</sup> Cf.: SEGRILLO, 2001.

como ansiava grande parte da população no início das reformas. Para o autor, tal perspectiva decorria da mentalidade passiva e dependente construída na sociedade soviética, acostumada à imposição de projetos e medidas de cima para baixo.

Ao contrário, ele defende que as reformas que iniciara não repetiram esse mesmo formato autoritário, mas foram responsáveis por trazer liberdade e democracia à população, suas maiores conquistas.<sup>449</sup> Diante das críticas que recebia desde o fim da URSS, ele afirma ter a sensação de sofrer um julgamento injusto e que ainda assim mantinha a consciência tranquila:

Para mim, nunca houve um abismo entre minha consciência e minhas convicções interiores. Caso contrário, eu não poderia ter suportado o que estou experimentando agora. Não conheço ninguém contra quem tenham sido lançadas tantas fundas e flechas como contra Gorbachev no momento. Mas estou em paz com minha consciência. Eu, como todo mundo, cometi erros, calculei mal. Mas minha consciência está à vontade. E meus pensamentos e ideias são exatamente os mesmos que costumavam ser.<sup>lii</sup>

Gorbachev destaca ainda que desde a sua saída do Kremlin não se ausentou da política e que travara uma batalha contra aqueles que queriam, na sua visão, colocá-lo no esquecimento e distorcer a verdade sobre sua atuação na condução das reformas. O ex-líder afirma ainda que a imprensa e os órgãos de mídia no geral, sobretudo dentro da Rússia e das antigas Repúblicas Soviéticas teriam “envenenado” a atmosfera da opinião pública contra ele.<sup>450</sup> E para além dos ataques à sua imagem no país, ele acusa o governo de Iéltsin ter criado obstáculos durante as viagens ao exterior que realizara a partir de 1992, visitando países onde sua figura era vista de forma muito mais positiva.<sup>451</sup>

Embora agradecesse a forma acolhedora como fora recebido em suas viagens ao exterior, o último secretário-geral do CC do PCUS não poupa as potências ocidentais de críticas em relação à situação de seu país. Para ele, essas potências, especialmente os EUA, pareciam querer tirar vantagem da crise vivida pela Rússia naquele momento, evitando reconhecê-la como protagonista no cenário geopolítico. Gorbachev afirma que a mentalidade de enfrentamento entre os sistemas não havia sido superada e que esses

---

<sup>449</sup> GORBACHEV, 1996a p. 673.

<sup>450</sup> GORBACHEV, 1996a p. 679.

<sup>451</sup> GORBACHEV, 1996a p. 676.

países mantinham sua política baseada na manutenção da segurança pela força e orientada por velhos preconceitos. A crise vivida durante o processo de dissolução da Iugoslávia e a expansão agressiva da OTAN em cerco à Rússia seriam os exemplos mais categóricos dessa visão bipolar que perdurava.<sup>452</sup>

No plano doméstico, o agravamento da crise vivida pela Rússia nos primeiros anos da década de 1990 seria para ele resultado de dois grandes golpes desferidos contra seu país: em primeiro lugar, a dissolução da URSS, que teria separado estruturas de mercado e produção que foram construídas e funcionavam de forma integrada; e, em segundo, o modelo equivocadamente adotado pelas novas lideranças na condução.<sup>453</sup> Em relação a este ponto, Gorbachev ressalta que a piora no cenário de crise a partir de 1992 estaria diretamente relacionado à aplicação das políticas neoliberais prescritas pelo FMI. Ele afirma que durante suas viagens à América Latina pode constatar como a aplicação direta das reformas monetaristas do FMI, que insistem em padrões externos sem adequá-los às realidades e particularidades locais, resulta em enormes problemas sociais, que por sua vez vinham crescendo na Rússia.<sup>454</sup> Argumenta ainda que ele sempre foi contrário à terapia de choque e a escalada inflacionária, mas optou por moderar suas críticas às políticas adotadas e à própria liderança pelo bem do país.<sup>455</sup>

Interessante notar o esforço de Gorbachev em se distanciar da responsabilidade pela crise experimentada pelos russos nos anos 1990, bem como distinguir a plataforma da *perestroika* em relação às reformas conduzidas por Iéltsin. Ainda enquanto ocupava o Kremlin, o ex-líder soviético seria acusado por seus críticos, especialmente à esquerda, de representar os interesses do neoliberalismo durante os processos de transformação iniciados em 1985, visão que era reforçada por sua proximidade aos principais expoentes políticos dessa corrente, Ronald Reagan e Margaret Thatcher. E embora seus discursos não revelassem um alinhamento direto aos pressupostos neoliberais ao longo dos anos em que esteve à frente da URSS, na prática, suas reformas resultaram na reintrodução do país à dinâmica capitalista, tendo iniciado inclusive processos de privatização antes do ocaso soviético. Ainda assim, ele adota um discurso bastante

---

<sup>452</sup> GORBACHEV, 1996a p. 675.

<sup>453</sup> GORBACHEV, 1996a p. 687.

<sup>454</sup> GORBACHEV, 1996a p. 677.

<sup>455</sup> GORBACHEV, 1996a p. 681.

crítico à terapia de choque, que são apontadas como uma ruptura e não uma continuidade das medidas adotadas anteriormente. E, nesse cenário, o neoliberalismo aparece como um receituário equivocado para a solução dos problemas pelos quais passava a Rússia.

Como resultado das decisões equivocadas adotadas pela liderança russa, Gorbachev resalta o crescimento da nostalgia em relação ao passado, às velhas práticas “de cima para baixo” e do autoritarismo, ao passo em que aumentava a descrença popular em relação às reformas de mercado e à própria democracia.<sup>456</sup> Esse diagnóstico é reforçado por pesquisas de opinião realizadas na Rússia no início da década seguinte. Segundo dados do *Pew Research Center*, em 2002, 80% dos entrevistados afirmava que uma economia forte era mais importante que uma boa democracia (11%). No mesmo levantamento, 70% dos respondentes afirmava crer mais em um líder forte do que na democracia (21%) para resolver os problemas do país.<sup>457</sup>

Se a terapia de choque agravara a crise econômica na Rússia, a atuação de Iéltsin à frente da presidência do país levava, na visão do autor, a uma desestabilização profunda do sistema político. O presidente russo é apontado como principal responsável pela crise institucional de 1993, mencionada anteriormente. Gorbachev defende que a melhor opção para o apaziguamento dessa crise teria sido a realização de novas eleições conjuntas, tanto para o executivo quanto para o legislativo, resgatando a legitimidade dos dois poderes.<sup>458</sup> Porém, o bombardeio do parlamento e as manobras para redação e aprovação imediata da nova constituição sinalizavam a forte tendência autoritária do presidente russo e um verdadeiro retrocesso na democratização do país.<sup>459</sup>

Frente a toda essa instabilidade e a crescente rejeição ao governo moscovita, a crise na Chechênia teria sido utilizada como instrumento de mobilização política por Iéltsin. Entre 1994 e 1996, a Rússia assistira ao agravamento da crise envolvendo grupos autonomistas da etnia chechena, que lutavam pela independência de seu território em relação ao governo de Moscou, culminando em um conflito bélico bastante violento. Gorbachev se prontificara a ser mediador no conflito e afirma em suas memórias que o governo Checheno teria aceitado a oferta, ignorada por sua vez pelo

---

<sup>456</sup> GORBACHEV, 1996a p. 688.

<sup>457</sup> Cf.: PRC, 2012, pp. 17-18

<sup>458</sup> GORBACHEV, 1996a p. 684.

<sup>459</sup> GORBACHEV, 1996a p. 686.

governo federal. Ele defende que a melhor saída naquele momento seria uma solução pacífica negociada, que garantisse maior autonomia aos chechenos, sem prejuízo da unidade do Estado russo.<sup>460</sup>

Para Gorbachev, crises como a da Chechênia seriam apenas mais uma faceta negativa trazida pela dissolução soviética. A queda da URSS havia acarretado a interrupção do processo de democratização em várias repúblicas, com a ascensão de correntes autoritárias que se aproveitaram da instabilidade vivida nos anos finais da *perestroika*. A substituição da União, que estava sendo discutida no novo tratado, pela CEI se mostrou inviável e não teria garantido uma verdadeira integração das antigas repúblicas, conforme discutido anteriormente. A infraestrutura econômica, até então conectada, havia sido completamente desmembrada e os conflitos étnicos não só não haviam diminuído, como em muitos casos se potencializaram. O último líder soviético afirma ainda que o que estava acontecendo no antigo espaço da URSS não deveria ser interessante a ninguém, nem aos países envolvidos, nem ao Ocidente – que, em sua visão, muitas vezes parecia pensar o contrário. Nesse sentido, ele volta a defender um diálogo entre as ex-Repúblicas com vistas à construção de uma aliança mais sólida, aos moldes do que estava em curso na União Europeia.<sup>461</sup>

Embora sentisse que sua imagem estava associada a aspectos negativos desde a dissolução da URSS, Gorbachev acreditava que a visão das pessoas estava se alterando gradualmente e a percepção pública em relação a ele melhorando. Movido por essa expectativa, ele toma a decisão de participar mais ativamente da política russa, agora como candidato nas eleições presidenciais que ocorreriam em 1996:

Minhas viagens pelo país, minhas conversas com meus concidadãos e suas reações aos meus discursos, juntamente com as muitas cartas que recebi, me convenceram de que o país precisava de Gorbachev e isso me inspirou a participar da campanha presidencial de 1996.<sup>liii</sup>

Em relação à campanha, ele aponta que a população estava sendo persuadida a acreditar que só poderia escolher um “mal menor” entre os dois principais líderes nas pesquisas: de um lado, a candidatura de Iéltsin, cujo grupo político desejava manter o curso das reformas que o povo rejeitava; em contraposição, havia o candidato do Partido

---

<sup>460</sup> GORBACHEV, 1996a pp. 689-690.

<sup>461</sup> GORBACHEV, 1996a pp. 690-691.

Comunista da Rússia, a quem Gorbachev atribuía uma tendência totalitária, ansiosa pelo retorno aos tempos da URSS. Mas para o ex-líder, essa dualidade seria abstrata e ambos os pólos representavam um retrocesso no caminho da liberdade escolhido pelos russos desde a *perestroika*. A solução para os problemas enfrentados deveria partir, na sua visão, do avanço da democracia – uma das bandeiras de sua própria campanha.<sup>462</sup>

Como já apontado, o resultado eleitoral de 1996 mostrou que a percepção do ex-líder quanto a sua aceitação junto ao eleitorado russo não se confirmara. Ainda assim, naquele mesmo ano, ele realizou uma nova rodada de viagens ao exterior para divulgação da versão em inglês de suas memórias. Em outubro de 1996, Gorbachev concedeu uma longa entrevista ao canal norte-americano C-SPAN, na qual abordou os temas tratados na sua obra e outros tópicos da política mundial em voga no momento. Logo de início, ele faz uma crítica enfática a livros e trabalhos anteriores que tratavam da *perestroika*, os quais, segundo ele, estavam repletos de falácias e especulações envolvendo o seu nome.<sup>463</sup> Surge novamente a motivação principal de sua produção intelectual no período, isto é, a disputa dessa memória histórica das reformas e de sua atuação enquanto liderança política.

Na sequência da entrevista, ele trata de outro tema que paulatinamente vinha ganhando espaço nas suas manifestações ao longo da década de 1990, a globalização. Embora reconhecesse inúmeras potencialidades e se declarasse favorável ao processo como um todo, Gorbachev critica o predomínio de uma “supercultura” única que se sobrepõe às demais, anulando particularidades e especificidades de cada povo e região. Aqui é possível ver mais um reflexo de seu contrário às leituras que colocavam o Ocidente – e em especial os EUA - como vencedores da Guerra Fria e que defendiam a vigência de uma hegemonia exclusiva de Washington, a “Pax Americana”.

Em relação à Rússia, Gorbachev deixa clara a importância da ajuda internacional que vinha sendo dada ao seu país, sobretudo na forma de alimentos e insumos básicos desabastecidos pela crise, mas reforçava que para além desse apoio humanitário, o que os russos mais precisavam naquele momento era estabelecer uma relação de cooperação econômica e comercial – uma colaboração justa e equivalente com o Ocidente e o resto do mundo, visando o desenvolvimento recíproco. Ele afirma ainda que havia naquele

---

<sup>462</sup> GORBACHEV, 1996a p. 695.

<sup>463</sup> GORBACHEV, 1996b, 0:10-1:01



momento algumas lideranças oportunistas que ao invés de distribuir a ajuda humanitária recebida por seu país, estariam utilizando-a para lucrar e obter vantagens em meio à dificuldade enfrentada pela população.

Ao tratar das reformas políticas e do pluripartidarismo, inaugurado pela *perestroika*, Gorbachev é questionado sobre a sua preferência político-partidária no cenário norte-americano, ao que responde não ver diferença significativa entre Republicanos e Democratas. Embora haja divergências significativas na plataforma histórica dos dois partidos, especialmente em relação ao grau de intervenção econômica e na adesão a políticas mais liberalizantes, para o ex-líder soviético ambos parecem similares, o que sinaliza a distância de suas ideias na direção de um programa social-democrata que não estava na agenda de nenhuma das grandes agremiações políticas norte-americanas. Ao final da entrevista, ele faz uma breve ressalva quanto a algumas realizações da experiência soviética e sua relação com a própria queda do regime:

Assim, as lições daquelas gerações que viveram sob esse antigo regime e que desenvolveram o país, que industrializaram o país sob esse mesmo regime, que criaram nossa ciência, nosso sistema educacional, que criaram oportunidades e acesso à educação para todos, apesar dos rendimentos e status dessas pessoas. Isso é algo que você não pode negar. Você não pode jogar fora uma palavra de uma música e não pode negar o que realmente aconteceu. Mas, a propósito, esse sistema antigo, ao dar às pessoas essas oportunidades, criou os pré-requisitos e as forças que eventualmente enterraram esse sistema, porque nós, as pessoas mais instruídas, pessoas da minha geração e pessoas das gerações que se seguiram, tivemos educação, tínhamos conhecimento, mas não conseguimos realizar nosso potencial. O sistema estava realmente restringindo nosso potencial. Assim, o sistema dessa maneira criou pré-condições para sua própria morte para sua própria morte. E isso porque estava em conflito com a cultura e com a educação e com o intelecto das pessoas.<sup>liv</sup>

Em outras palavras, Gorbachev considera que a universalização da educação promovida pelo regime pode ser entendida como uma das principais causas da sua própria dissolução, uma vez que as novas gerações, dotadas de maior instrução formal e pensamento crítico, demonstravam cada vez mais sua incompatibilidade e insatisfação com a lógica engessada e autoritária que regia o sistema em todas as suas esferas. Nesse

sentido, o ex-líder soviético sinaliza mais um fator endógeno que auxilia a compreensão das causas que levaram ao colapso da URSS.<sup>464</sup>

Poucos dias depois, no início de novembro de 1996, ele daria outra entrevista, agora ao canal britânico BBC, em um *talk show* comandado pelo comediante Clive Anderson. Embora o encontro tenha se dado em um tom mais descontraído e permeado pela comédia, algumas manifestações do ex-líder soviético foram bastante interessantes. Logo no início, ao falar sobre sua experiência à frente de um regime autoritário e vigilante, Gorbachev afirma que sabia que desde que chegara à cúpula do partido em Moscou estava sendo constantemente monitorado, por meio de escutas ilegais instaladas em sua casa e em seu local de trabalho. Nesse sentido, ele recorda que evitava discutir assuntos importantes ou relacionados a opinião e política com sua esposa Raisa nesses espaços, mesmo depois de assumir a secretaria-geral do CC.<sup>465</sup>

Mais adiante, ele afirma que a *perestroika* teve por objetivo fazer com que seu país seguisse o “curso das outras nações do planeta”, em alusão a abertura política e econômica promovida pelas reformas. As afirmações de que a *perestroika* pretendia desde o início reintroduzir a URSS na dinâmica global, muitas vezes acompanhada da celebração dos avanços democráticos e da própria abertura econômica, são reiteradas com frequência em seus discursos pós-soviéticos e parecem mais um esforço na tentativa de defender a validade e as contribuições trazidas pelas reformas do que qualquer confissão de que ele já planejara levar seu país de volta à órbita capitalista em 1985. Ao focar nesses elementos, que como vimos não estavam ainda consolidados nesse formato nas ideias e discursos de Gorbachev ao suceder Chernenko, o ex-líder soviético procura atribuir às reformas um movimento de liberdade, ainda que o resultado final não tenha sido exatamente o que desejava seu principal condutor.

Ao final do diálogo, o apresentador questiona qual momento da história russa ele mudaria se pudesse escolher apenas um. Como resposta, Gorbachev afirma que optaria pela continuidade da Revolução de Fevereiro de 1917, que derrubou o império czarista e instituiu uma república pluripartidária na Rússia até a tomada do poder pelos Bolcheviques. O ex-líder soviético afirmou acreditar que se os movimentos iniciados

---

<sup>464</sup> Na historiografia soviética, alguns autores procuram explicar a crise e o colapso do sistema soviético a partir de fatores de natureza endógena, ou seja, intrínsecas ao próprio regime. Exemplos dessas abordagens estão nos trabalhos de Sigmund Krancberg e de John P. Maynard, que atribuem a inviabilidade do modelo soviético a elementos da ideologia marxista-leninista ou do socialismo. Cf.: MACKENZIE; CURRAN, 2002, pp. 689-690

<sup>465</sup> GORBACHEV, 1996c, 4:25-4:32

com esse processo tivessem prosseguido em curso, a construção do novo Estado pós-imperial seria diferente e que líderes autoritários como Stalin talvez não tivessem surgido.<sup>466</sup>

A imagem positiva em relação à Revolução de Fevereiro corrobora com a adesão de Gorbachev aos ideais da social-democracia mais tradicional, que em grande medida eram compartilhadas por algumas das principais correntes políticas que comandaram a política russa naquele momento. No entanto, essa afirmação parece sinalizar um afastamento ainda maior de Gorbachev em relação à tradição marxista-leninista, embora as críticas ao autoritarismo e a responsabilidade pela construção do modelo soviético sejam sempre associadas à figura de Stalin, sem avançar sobre o papel desempenhado por Lenin nesses processos.

### *A Busca por um Novo Começo*

Em paralelo ao lançamento de suas memórias, Gorbachev publicou nos EUA outra obra, de menor escala, intitulada “*The Search for a New Beginning: Developing a New Civilization*” [A Busca por um Novo Começo: Desenvolvendo uma Nova Civilização]. Diferente da narrativa de caráter memorial, este breve texto tem uma estrutura de manifesto e pretende sintetizar as principais ideias que o ex-líder defendia naquele momento para uma reestruturação das relações internacionais e solução dos problemas globais.

O texto retoma a visão do autor, já expressa em outras oportunidades, de que o mundo pós-Guerra Fria não pode ser entendido como produto da vitória de um sistema, mas como triunfo da razão, do bom senso, da democracia e dos valores humanos.<sup>467</sup> Ainda assim, ele reforça que nem todos os perigos foram completamente vencidos: uma nova corrida armamentista estaria tomando corpo a partir da modernização dos arsenais militares das potências. O culto à força como instrumento para garantir a segurança ainda se mantinha predominante no cenário político internacional. Para ele, tais valores são incompatíveis com um mundo cada vez mais interdependente e cooperativo, cabendo, portanto, a formulação de um novo modelo de estrutura das relações internacionais, onde a segurança fosse produto do diálogo democrático entre as nações –

---

<sup>466</sup> GORBACHEV, 1996c, 20:49-21:10

<sup>467</sup> GORBACHEV, 1995b, p.4.

algo próximo ao que defendem autores das perspectivas institucionalistas na Teoria das Relações Interacionais.<sup>468</sup>

Em meio a esse cenário, ele elenca os cinco principais problemas que a sociedade mundial precisava enfrentar a partir desses novos paradigmas: 1) o crescimento dos movimentos nacionalistas e separatistas; 2) o aumento da desigualdade econômica tanto no âmbito doméstico de cada Estado como entre as nações ricas e pobres; 3) a crise ecológica, com um modelo de desenvolvimento pautado pelo consumo desenfreado dos recursos naturais; 4) a manutenção da lógica de egoísmo econômico, onde a competição prevalece frente a cooperação; e 5) o desenvolvimento de novas e mais modernas tecnologias militares.<sup>469</sup>

Na sequência, ele passa a dar destaque a alguns desses problemas, começando pela questão ambiental. Convém ressaltar que Gorbachev, como relatado em suas memórias, afirma ter tomado consciência da gravidade das questões ambientais ao longo de sua trajetória enquanto líder soviético, observando contradições entre os grandes projetos de desenvolvimento e a falta de uma política ambiental que garantisse a preservação dos recursos naturais. Ao longo da década de 1990, ele dedicou considerável atenção à causa ambiental, frequentando encontros internacionais – como a Rio-92 – e promovendo eventos de conscientização ao redor do mundo, muitos como presidente da Cruz Verde Internacional. Para Gorbachev, o problema ambiental se convertera na maior ameaça para a sobrevivência da humanidade, substituindo a ameaça nuclear que ajudara a apaziguar na década anterior.<sup>470</sup>

Ao tratar dos problemas de ordem política e econômica, Gorbachev revela uma visão bastante particular da História. Para ele, a história humana até aquele momento tinha um caráter bastante caótico, sendo resultado da ação desconexa de indivíduos ou grupos – algo que se assemelha ao que autores como E. P Thompson definiam como “História Vista de Cima”. Mas o ex-líder soviético aponta que esse processo havia chegado a um limite, levando ao incremento de forças construtivas e destrutivas, essas últimas ameaçando a sobrevivência da humanidade. Como resposta, ele afirma ser necessário refletir e dar maior planejamento e previsibilidade para o desenvolvimento

---

<sup>468</sup> Cf.: HAAS, 1964. KEOHANE, 2005; KEOHANE, 1977.

<sup>469</sup> GORBACHEV, 1995b, pp. 21-24.

<sup>470</sup> GORBACHEV, 1995b, p. 30.

das ações humanas, sinalizando uma tentativa de colocar ordem no movimento caótico da história.<sup>471</sup>

Nessa perspectiva, ele afirma que a trajetória histórica deve renunciar aos rumos drásticos e rupturas revolucionárias, seguindo um caminho evolucionário.<sup>472</sup> Para tanto, é necessário que esse movimento gradual se estabeleça num ambiente de tolerância e diálogo, construídos sobre bases democráticas. Ele destaca ainda que a democracia não poderia ser entendida apenas como um método eleitoral, mas sim como um conceito que une práticas e valores:

Por fim, acho que todos devemos entender que a democracia é algo mais do que apenas um princípio político ou as eleições dos parlamentos e presidentes. Democracia significa valores morais, sem os quais a democracia pode se deteriorar e degenerar, levando muitas vezes ao estabelecimento de regimes autoritários e totalitários. Democracia significa instituições políticas estáveis, baseadas na primazia da lei e da justiça, e enraizadas nas tradições das nações e na consciência pública. A democracia não está garantida contra derrotas. A democracia sempre será testada. A democracia tem muitas roupas abertas e secretas e muitos amigos falsos. A democracia não vem por si só. Ela deve ser sempre nutrida e protegida.<sup>lv</sup>

Essa incursão de Gorbachev nos domínios da Teoria da História, ainda que breve e sem a pretensão avançar na direção de um modelo para compreensão dos processos, revela ainda assim o distanciamento do autor em relação a sua formação dentro do materialismo histórico. Ele próprio já afirmara anteriormente que a violência não poderia ser entendida como principal motor da história, rompendo com o fundamento revolucionário que orientara as lideranças bolcheviques e de outros levantes socialistas ao longo dos séculos XIX e XX. A evolução da história, na sua visão, deveria assumir um caráter mais harmônico, não como resultado da passividade da população frente às grandes personalidades e grupos dominantes, mas sim um produto da interação e negociação entre as perspectivas e interesses dos diferentes grupos, na busca por horizontes comuns.

---

<sup>471</sup> GORBACHEV, 1995b, pp. 39-40.

<sup>472</sup> GORBACHEV, 1995b, pp. 42-43.

Embora não proponha medidas efetivas para os problemas elencados, Gorbachev destaca três pontos fundamentais que, no seu entendimento, deveriam guiar as discussões e balizar o ambiente de tomada de decisão coletiva dos atores internacionais. O primeiro se refere ao reforço e prevalência do direito internacional público. Para ele, era fundamental que as normativas e acordos definidos coletivamente fossem seguidos à risca pela comunidade internacional. Para tanto, era necessária a criação de instrumentos de fiscalização e acompanhamento do seu cumprimento, garantindo legitimidade e eficácia à lei internacional. Outro ponto destacado pelo autor se voltava à equidade na relação entre os países, defendendo que os mais fortes auxiliassem os mais fracos a alcançar o desenvolvimento e enfrentar seus desafios e não obter vantagens a partir de sua condição privilegiada. Ao mesmo tempo, ele reforça que as leis estabelecidas em conjunto pela comunidade internacional deveriam ser seguidas por todos, incluindo as potências.<sup>473</sup>

O terceiro ponto destacado por Gorbachev tratava da necessidade de vinculação da política com a moralidade. Embora o termo “moral” permita múltiplas e complexas interpretações, o ex-líder parece se referir a um processo de decisão que extrapola a velha mentalidade da comparação e uso da força enquanto instrumento de formulação, ação e dissuasão política – os pilares da *Realpolitik*.<sup>474</sup> Em outras palavras, mais do que uma avaliação em relação ao tamanho dos exércitos e das economias, a estabilidade do sistema internacional deveria ser alcançada a partir de discussões incluíssem não apenas os Estados, mas também organizações civis, movimentos populares e partidos políticos.<sup>475</sup>

Ainda em relação à moralidade como elemento base desta nova civilização, ele introduz uma crítica aos limites do que chamou de coletivismo, uma bandeira vinculada aos regimes socialistas do Século XX e que, sob o pretexto de estar criando um novo sistema de valores baseado nos interesses da sociedade, acabou por “alienar a humanidade da propriedade e do poder, tornando o indivíduo uma engrenagem na roda

---

<sup>473</sup> GORBACHEV, 1995b, pp. 52-53.

<sup>474</sup> A *Realpolitik* corresponde a um receituário de políticas acordado nos pilares do realismo político, uma das principais correntes da Ciência Política e das Relações Internacionais. Nesse modelo, os agentes formulam suas políticas a partir da busca de seus interesses nacionais com base na comparação e avaliação de poder (político, econômico e bélico). Daí, portanto, que a estabilidade do sistema internacional se construiria a partir de um equilíbrio de poder, capaz de garantir a segurança e dissuadir eventuais empreitadas hegemônicas. Cf.: KISSINGER, 1999.

<sup>475</sup> GORBACHEV, 1995b, p. 52.

de uma máquina de Estado completamente ideologizada”.<sup>476</sup> Tal avaliação, que remonta às suas reflexões ainda durante a *perestroika*, apontam para o sufocamento dos interesses e da autonomia dos indivíduos no sistema soviético e revelam que, sob a perspectiva da moralidade, Gorbachev parece estar se referindo a elementos da subjetividade, que deveriam ser recuperados frente a o racionalismo exagerado do modelo burocrático e do próprio realismo político.

Ao mesmo tempo, ele afirma que os valores individualistas do Ocidente se mostravam cada vez mais anacrônicos, diante de uma lógica consumista que limitava e inibia a humanidade de revelar seu verdadeiro potencial.<sup>477</sup> O modelo ocidental, ao suprimir a coordenação em busca dos interesses coletivos e sociais, acabara por levar o sistema capitalista à outra rota de desvios, assim como ocorrera com o socialismo real. A resposta a esse embate, portanto, não estaria na escolha entre uma dessas visões, mas no esforço criativo – e dialético – em construir um novo modelo de síntese, combinando suas vantagens:

O futuro da sociedade humana não será definido em termos de capitalismo versus socialismo. [...] Nós precisamos encontrar um paradigma que integre todas as conquistas da mente e da ação humanas, independentemente de qual ideologia ou movimento político possa lhes ser creditado. Esse paradigma só pode se basear nos valores comuns que a humanidade desenvolveu ao longo de muitos séculos. A busca por um novo paradigma deve ser uma síntese, pelo que é comum e une pessoas, países e nações, mais do que aquilo que os divide.<sup>lvi</sup>

Na busca dessa combinação, ele defende ainda que a nova civilização deve se voltar aos valores humanistas, que estariam na base das diversas religiões e dos ideais socialistas. A própria noção de desenvolvimento deveria ser reformulada, incorporando tais valores humanistas e a preocupação ecológica, concebendo novos métodos de ação social e política.<sup>478</sup> O retorno a esses valores não representavam, contudo, a construção de outro modelo de sociedade homogênea ou unívoca: Gorbachev rechaça qualquer movimento no sentido de eliminação das diferenças, pois considera que a multiplicidade e a diversidade eram as maiores forças da humanidade e apenas a troca entre essas

---

<sup>476</sup> GORBACHEV, 1995b, pp. 56-57.

<sup>477</sup> GORBACHEV, 1995b, pp. 57-58.

<sup>478</sup> GORBACHEV, 1995b, p. 61.

diferentes visões poderia oferecer caminhos para a solução de novos e complexos problemas.<sup>479</sup> Não se trata, portanto, de uma padronização ou uniformização das ideias que guiariam a sociedade, mas do estabelecimento de princípios e valores que poderiam balizar as ações humanas em seu conjunto:

A beleza e a singularidade da vida estão na unidade da diversidade. A auto identificação - de todos os indivíduos e das muitas nações, grupos étnicos e nacionalidades diferentes - é a condição crucial para preservar a vida na Terra. Lutas e conflitos queimam a diversidade da vida, deixando um deserto social em seu caminho. Honrar a diversidade e honrar a Terra cria a base para a genuína unidade.<sup>lviii</sup>

### ***Segurança Europeia e a Globalização***

Os temas ligados à renovação das relações internacionais seriam recorrentes nas publicações de Gorbachev no final da década. Em 1997, ele publicou um artigo sob o título “*European Security and How to Reach It*” [Segurança Europeia e Como Alcançá-la] em que aborda as mudanças no conceito de segurança internacional e, voltando-se ao espaço europeu, discute as mudanças provocadas pela integração vivida no continente e na relação com as antigas repúblicas soviética, em especial a Rússia.

Ao longo dos anos 1990, a Europa Ocidental avançou em seu processo de integração, com a consolidação da União Europeia, movimento no qual a Rússia fora colocada à margem. Gorbachev reforça sua visão de que no panorama mundial pós-Guerra Fria, restava claro que as bases da segurança internacional iriam muito além da esfera militar, passando a englobar os campos da economia e da política.<sup>480</sup> Nesse sentido, ele considera positivo o avanço da integração em curso no continente europeu, mas questiona seu caráter parcial e excludente. Segundo ele, os líderes ocidentais insistiam em manter seu país fora dessa dinâmica, como se a Rússia não fosse também parte da Europa:

Dada toda a especificidade de seu desenvolvimento histórico, dada a sua primazia nacional, a Rússia, com certeza, pertence à Europa, e a Europa é incompleta e deficiente sem a Rússia. Políticos ocidentais de destaque, que a qualidade de serviço da Guerra Fria não tornava cega, estavam cientes disso.

---

<sup>479</sup> GORBACHEV, 1995b, pp. 62-63.

<sup>480</sup> GORBACHEV, 1997 p 257.



Um exemplo disso é a famosa ideia de Europa de De Gaulle, que se estende até as montanhas dos Urais.<sup>lviii</sup>

Para o ex-líder soviético, a Rússia é parte inalienável do que ele define como a “Grande Europa” e, como tal, não poderia permanecer excluída dos processos de aproximação vivenciados no continente. Ele destaca a cultura cristã na formação da identidade nacional russa como elementos comuns, compartilhados com o restante dos países do continente e que estaria na base da formação dos demais povos europeus. Da mesma forma, ele aponta que entre os países da Europa Ocidental havia diferenças culturais tão significativas quanto em relação à Rússia, embora tais aspectos não tivessem inviabilizado a sua integração.<sup>481</sup> Mais do que fatores históricos, geográficos ou culturais, a exclusão russa parecia se explicar mais por decisões e interesses de ordem política.

Gorbachev ressaltou ainda que seu país também vinha sendo alvo de um tratamento injusto e até agressivo por parte das potências ocidentais. O maior exemplo dessa política hostil estaria na expansão da OTAN, que ao longo da década de 1990 incorporou como membros vários países da Europa Oriental, formando um verdadeiro cordão ao redor das fronteiras russas e alimentando o sentimento de ameaça por parte de Moscou. Ele acusou também os líderes ocidentais de violarem promessas feitas durante o processo de reunificação alemã, no fim da década anterior, que garantiam a não inclusão de Berlim ao bloco.<sup>482</sup> Nesse sentido, o autor procura demonstrar a incoerência e o anacronismo na manutenção dessa aliança militar no cenário pós-Guerra Fria, cujo inimigo a ser enfrentado permanecia sendo a Rússia – mesmos após a dissolução soviética e o fim do embate ideológico na esfera geopolítica. A permanência da OTAN só se justificaria se os Estados membros rompessem com a lógica belicista e a coerção militar, convertendo-a em uma estrutura de cooperação política – algo que não parecia estar na agenda da organização.<sup>483</sup>

A manutenção da atmosfera de hostilidade fortalecia ainda, segundo o autor, movimentos radicais, antiocidentais e setores da elite russa interessados em capitalizar o conflito e manter-se no poder.<sup>484</sup> Além disso, a situação de confronto iminente poderia

---

<sup>481</sup> GORBACHEV, 1997, p. 258.

<sup>482</sup> GORBACHEV, 1997, p. 261.

<sup>483</sup> GORBACHEV, 1997, p. 259.

<sup>484</sup> GORBACHEV, 1997, p. 261.

estimular a retomada da corrida armamentista e favorecer a ascensão de grupos políticos com uma retórica mais agressiva na defesa dos interesses nacionais do país – um cenário muito próximo ao que grande parte da mídia e dos analistas internacionais desenham na Rússia sob a liderança de Putin.

É interessante notar que essa análise já estava presente nas reflexões de Gorbachev nos anos 1990 – anterior, portanto, à ascensão de Vladimir Putin. Esse diagnóstico de que as principais potências optaram por manter as hostilidades contra a Rússia e não a integrar como parceira na dinâmica global pós-Guerra Fria, elemento que guiaria a política externa moscovita a partir dos anos 2000, não surge com a chegada de Putin ao poder, nem se restringe a um determinado grupo do espectro político russo. Como veremos a seguir, essa interpretação estará presente na avaliação de Gorbachev em relação às ações do futuro governo russo no cenário internacional, a despeito de duas discordâncias nas políticas domésticas.

Retomando a análise do artigo, o autor também reflete acerca da presença norte-americana nos processos de integração europeia. Gorbachev destaca que mesmo quando ainda liderava o governo soviético, entendia como natural a presença dos EUA na construção desse processo, algo historicamente válido e politicamente necessário tendo em vista as relações estreitas do continente com o país norte-americano. No entanto, ele defende que essa participação deveria se dar em pé de igualdade com os países europeus, que não poderiam ser tratados como objetos da política externa de uma nação poderosa, mas sim como sujeitos ativos e decisivos nas relações internacionais.<sup>485</sup>

Esse cenário seria sintomático da permanência de visões ainda imersas nos preconceitos construídos no passado, durante o período da Guerra Fria. Gorbachev argumenta que ao longo de sua história, a Rússia sempre teve o Ocidente como norte para seu desenvolvimento, mas que esse processo ocorrera com ressalvas e resistências quando tais movimentos se chocavam com as particularidades da civilização russa.<sup>486</sup> Nessa trajetória, seu país teria procurado muitas vezes compensar seu atraso socioeconômico afirmando sua pretensa superioridade espiritual, o que acentuara as dissonâncias em relação aos modelos vigentes no Ocidente.<sup>487</sup> Ainda assim, o autor

---

<sup>485</sup> GORBACHEV, 1997, p. 260.

<sup>486</sup> GORBACHEV, 1997, p. 262.

<sup>487</sup> GORBACHEV, 1997, p. 263.

considera que a simples introdução de padrões construídos a partir de realidades singulares não seria a solução para os problemas enfrentados pelos diferentes países.

Nesse sentido, a terapia de choque representava, segundo Gorbachev, um exemplo claro de uma tentativa de impor modelos ocidentais, sem considerar as particularidades e especificidades da realidade russa. Ela volta a afirmar que a desestabilização provocada por essas políticas neoliberais estaria nutrindo uma insatisfação popular não apenas direcionada ao governo, mas à democracia e ao livre mercado.<sup>488</sup> Longe de defender o retorno ao paradigma autoritário, o autor aponta para a necessidade de se elaborar um programa que permita aproveitar as vantagens dos modelos externos em sintonia às características do processo de desenvolvimento histórico e social da sociedade russa – mais um exemplo de sua busca por estratégias conciliatórias e moderadas.

De volta ao tema da globalização, seria publicado no início de 1999 outro artigo de sua autoria, dessa vez sob o título “*Global Statesman: Gorbachev on globalisation*” [Estadista global: Gorbachev sobre a globalização], no qual ele faz um balanço sobre os efeitos positivos e negativos desse processo em escala mundial. Ele reforça que a despeito de uma série de oportunidades positivas, a globalização até aquele momento havia se convertido em uma abertura econômica que favorecia as grandes potências e ampliara as desigualdades entre as nações mais ricas e pobres.<sup>489</sup> Nesse cenário, as políticas e economia globais não deveriam caminhar na direção da hegemonia estadunidense, assim como que não seria conveniente uma escalada do sentimento anti-EUA, o qual ele também via em ascensão naquele momento.<sup>490</sup>

Gorbachev considera que crises como a experimentada pela Rússia nos anos 1990 estariam diretamente ligadas ao processo de globalização, que não apenas tornara comuns os problemas enfrentados, como também resultara na busca equivocada por soluções padronizadas e replicáveis em escala mundial. O enfrentamento da grave situação econômica pela qual passava seu país somente seria possível com o afastamento em relação ao radicalismo liberal das medidas adotadas por Iéltsin em favor da introdução de políticas social-democratas, as quais conciliariam as potencialidades

---

<sup>488</sup> GORBACHEV, 1997, p. 263.

<sup>489</sup> GORBACHEV, 1999, p. 9.

<sup>490</sup> GORBACHEV, 1999, p. 10.

abertas pelo mercado ao desejo histórico por justiça social, que ele identifica como característico de seu povo.<sup>491</sup> Nesse sentido, ele avalia que as reformas deveriam ser conduzidas em um ritmo mais brando e gradual, sem recair na ilusão liberal de que a introdução do mercado por si só resolveria todos os problemas.<sup>492</sup>

Na sequência, ele também discute possíveis caminhos para solucionar a crise russa. Do ponto de vista doméstico, ele destaca três aspectos fundamentais: em primeiro lugar, a estabilização e cooperação das forças políticas com o governo; em segundo, um reforço da estrutura econômica nacional; e, finalmente, em terceiro, a renegociação da dívida externa com os credores internacionais. Em relação ao primeiro ponto, convém ressaltar que Gorbachev não propõe a derrubada do governo Iéltsin, nem qualquer movimento de ruptura política, mas defende a união das forças políticas em prol da estabilidade do país – a despeito de suas reiteradas críticas à atuação do líder russo.

No que tange ao cenário político, ele vai além ao propor alterações na legislação constitucional russa, voltadas a reforçar o papel do parlamento frente ao presidente e estabelecendo um semipresidencialismo mais balanceado. Embora a constituição aprovada em 1993 estabelecesse formalmente um regime semipresidencial no país, o governo Iéltsin introduzira no texto uma série de prerrogativas que, na prática, fortaleceram o poder presidencial em detrimento das prerrogativas do legislativo. Já em relação à economia, ele volta a se colocar em favor do estabelecimento de um mercado regulado. Se tais medidas não fossem implementadas, Gorbachev acreditava que a insatisfação popular crescente abriria espaço para a ascensão de um líder mais poderoso e autoritário.<sup>493</sup>

O ex-líder soviético encerra o artigo destacando a responsabilidade da comunidade internacional frente a crise vivenciada em seu país, afirmando que o Ocidente também sairia prejudicado se não cooperasse com a Rússia econômica e politicamente. Tal qual ocorria no ambiente doméstico, Gorbachev defende que o sistema mundial também deveria passar por mudanças, especialmente em relação à necessidade de uma regulação do mercado financeiro global e de uma nova mentalidade empresarial, capaz de conciliar o desenvolvimento econômico às responsabilidades

---

<sup>491</sup> GORBACHEV, 1999, p. 10.

<sup>492</sup> GORBACHEV, 1999, p. 11.

<sup>493</sup> GORBACHEV, 1999, pp 12-13.

sociais e o cuidado com o meio ambiente.<sup>494</sup> Desse processo sairiam as bases para o novo modelo que orientaria o progresso e as relações sociais, frente aos desafios e à realidade mundial à luz do século XXI.

### *Sobre meu país e o mundo*

O fim dos anos 1990 seria marcado por uma sucessão de crises econômicas, em sua maioria iniciadas nos países emergentes, mas que logo afetaram o capitalismo global como um todo. Em 1998, a Rússia passaria por uma grave crise financeira, que obrigaria o governo moscovita a desvalorizar o rublo e decretar moratória do pagamento de sua dívida externa. As raízes desse colapso estariam em outra turbulência global ocorrida um ano antes, no sudeste asiático, que resultara na queda da oferta de crédito e na redução do preço das commodities, incluindo minérios e recursos energéticos, os principais produtos de exportação da balança comercial russa. Já sofrendo os efeitos das políticas de austeridade da terapia de choque, a economia russa cairia quase 5%, enquanto a inflação chegaria à casa dos 84%.<sup>495</sup> No plano internacional, a crise russa afetaria outros mercados, a exemplo da crise de desvalorização do Real brasileiro em 1999.

Se no plano econômico o século XX acabava de forma turbulenta, na esfera política o cenário não era muito mais tranquilo. Na África, permaneciam latentes conflitos violentos, como a Guerra Civil do Congo e a Guerra entre a Etiópia e a Eritreia. No oriente médio, a tensão no Golfo Pérsico, que se mantinha elevada desde o fim da década de 1980, viveria uma nova escalada de violência: em 1998, forças militares norte-americanas e aliadas realizaram um grande bombardeio ao Iraque, à época governado pelo ditador Saddam Hussein, em uma operação conhecida como “Raposa no Deserto”, um prenúncio do conflito que levaria à invasão do país árabe no início dos anos 2000.

A Europa não escapou ilesa às convulsões político-militares do período: em meio aos desdobramentos da dissolução da Iugoslávia, tropas da OTAN interviam militarmente na Guerra de Kosovo, bombardeando alvos na capital da atual Sérvia contra o regime de Slobodan Milošević. Internamente, a Rússia também assistira ao agravamento de disputas étnico-nacionais, em especial na Chechênia, onde uma

---

<sup>494</sup> GORBACHEV, 1999, pp 13-14.

<sup>495</sup> Cf.:WB, 2018.

segunda guerra teve início em agosto de 1999 – que aliada aos efeitos da crise financeira seria decisiva para a nova configuração do cenário político russo a partir do ano 2000.

Será, portanto, em meio a esse quadro bastante agitado, interna e externamente, que Gorbachev publicará sua última obra de maior envergadura na década, sob o título original “*Razmyshleniya o proshlom i budushchem*” [Reflexões sobre o passado e o futuro], traduzida para o inglês em 2000, renomeada “*Gorbachev – On my country and the world*” [Gorbachev: sobre meu país e o mundo]. A proposta deste livro se distancia sensivelmente dos anteriores: aqui o enfoque cruza os limites do debate da memória histórica da *perestroika* (ainda que presente) e dá espaço a discussões mais amplas de temas chaves como economia, política, socialismo, relações internacionais e os principais problemas enfrentados pela Rússia e pelo Mundo na virada do século. Embora não tenha a pretensão de realizar um trabalho de natureza estritamente acadêmica, ele discorre detalhadamente sobre a sua visão de mundo, oferecendo elementos interessantes para que possamos identificar novos movimentos em suas ideias.

A motivação de Gorbachev nesta nova empreitada intelectual se revela nas primeiras linhas do livro, quando ele resgata sua crítica às omissões e mentiras sobre a experiência soviética, da Revolução de Outubro até a *Perestroika*, que se difundiram ao longo da década de 1990.<sup>496</sup> Para ele, a falta de compreensão do que significou o socialismo real, desde suas origens até o processo de abertura política e econômica, acarretava em um dos principais entraves para que os líderes mundiais pudessem enfrentar os problemas que se avolumavam no pós-Guerra-Fria. Daí, portanto, a necessidade de repensar o período soviético não apenas como resgate da memória histórica, mas também como fonte de resposta aos principais desafios que o século XXI teria de enfrentar.

Nesse sentido, ele inicia sua reflexão afirmando que as revoluções russas de 1917 (em fevereiro e outubro) foram um processo historicamente inevitável, resultante das contradições latentes da realidade russa no início do século XX.<sup>497</sup> Gorbachev defende que, ao contrário da visão bastante difundida, inclusive pela historiografia

---

<sup>496</sup> GORBACHEV, 2000, p. 2.

<sup>497</sup> GORBACHEV, 2000, p. 3.

soviética, a Rússia Tzarista não era uma sociedade completamente atrasada em sua estrutura econômica: durante as duas décadas que antecederam a Primeira Guerra Mundial, o império vivera um crescimento econômico acentuado, de modo que às vésperas do conflito coexistiam setores industriais bastante modernos ao lado de estruturas semifeudais, em especial na extensa zona rural do país.<sup>498</sup> O capitalismo, portanto, se desenvolvera e era uma realidade na Rússia pré-revolucionária, embora não tivesse se consolidado em todas as áreas de economia do país.<sup>499</sup>

Em meio às contradições políticas e econômicas vividas pelo Império, Gorbachev destaca a importância da Revolução de Fevereiro de 1917, que para ele teve o mérito de derrubar a autocracia dos Tzares e substituí-la por uma república parlamentar, inaugurando a primeira experiência democrática da história russa. Ao mesmo tempo, o ex-líder soviético reconhece a fragilidade da liderança liberal que assumira o governo provisório, afirmando que estes se revelaram fracos e covardes, em especial na decisão de manter as tropas russas no campo de batalha, contrariando o clamor popular pelo fim da participação no conflito.

Em resposta ao crescimento da insatisfação da população, diante incapacidade do novo governo em atender suas principais demandas, o regime optou por recuar nas liberdades democráticas recém-conquistadas, na tentativa de restabelecer a ordem e controle sobre o país. Gorbachev destaca, por exemplo, que a política de requisição forçada de alimentos – constantemente associada ao período da Guerra Civil - começou antes da ascensão bolchevique.<sup>500</sup> Daí, portanto, o principal trunfo da Revolução de Outubro, que viria justamente atender a essas demandas populares:

Uma das principais conclusões é a seguinte: a Revolução de Outubro refletia inegavelmente as demandas mais urgentes dos estratos mais amplos da população por mudanças sociais fundamentais. Os slogans centrais da revolução, que surgiram de baixo e não foram fabricados por ninguém, eram de liberdade, de paz para todos, de que as fábricas fossem para os trabalhadores, de que as terras fossem para os camponeses, de que o pão

---

<sup>498</sup> Os dados dos anuários estatísticos parecem confirmar as afirmações de Gorbachev. A título de exemplo, somente na última década do Século XIX o número de novas fábricas criadas no Império Russo crescia a uma taxa de 40%. Cf.: *Narodnoye khozyaystvo SSSR v tsifrakh (1860-1938)*, p. 6.

<sup>499</sup> GORBACHEV, 2000, p. 5.

<sup>500</sup> GORBACHEV, 2000, p. 6.

fosse para os que têm fome. Esses slogans declaravam concisamente as demandas básicas do povo.<sup>lix</sup>

Nota-se, portanto, que a análise de Gorbachev aponta para a legitimidade pública e ideológica do movimento revolucionário de outubro, que não apenas escutara as demandas imediatas da população – pão, paz e terra – como refletia os ideais que, naquele momento, representavam os anseios gerais da maior parte da sociedade russa na direção um novo modelo social baseado na liberdade e na justiça social. Embora tenha destacado mais uma vez o mérito da revolução de fevereiro, que segundo ele instituíra a democracia na Rússia, o autor reconhece que foram os bolcheviques que captaram a essência do sentimento popular. Mais a frente, o autor afirmaria que o erro dos bolcheviques na construção do regime teria sido conduzi-lo numa perspectiva sectária e hostil.<sup>501</sup>

Na sequência, Gorbachev passa refletir sobre a viabilidade de um caminho alternativo, uma rota gradual de desenvolvimento dos eventos que pudesse ter evitado a ruptura revolucionária. Para ele, as oportunidades para uma consolidação democrática se deterioraram durante o governo provisório, de modo que ao final de 1917 apenas propostas mais radicais se mostravam viáveis. O ex-secretário-geral do CC do PCUS afirma ainda que em contraposição às forças bolcheviques, se levantaram simultaneamente setores à direita do espectro político, que lideradas pelo então General Kornilov, pretendiam executar um golpe de Estado e instituir uma ditadura militar no país.<sup>502</sup>

Após a tomada do poder pelos comunistas, Gorbachev avalia que a Guerra Civil poderia ter sido evitada se Lenin tivesse conseguido estabelecer uma aliança com os mencheviques e os socialistas-revolucionários, mas assim como ocorrera durante a revolução de fevereiro – e mais tarde, durante a *perestroika* – as forças progressistas e democráticas não conseguiram entrar em acordo.<sup>503</sup> Em meio às disputas travadas entre comunistas e social-democratas no início do século XX, Gorbachev considera válida a crítica protagonizada pelo segundo grupo: embora reconhecessem as conquistas do regime estabelecido após a Revolução de Outubro, os social-democratas apontavam os limites do sistema que se consolidava, sobretudo em relação à falta de democracia e

---

<sup>501</sup> GORBACHEV, 2000, p. 64

<sup>502</sup> GORBACHEV, 2000, p. 7.

<sup>503</sup> GORBACHEV, 2000, p. 8.



liberdades. Para eles, tal modelo acabaria por distorcer ou mesmo destruir os ideais socialistas originais – o que, segundo Gorbachev, ocorrera a partir da liderança de Stalin.<sup>504</sup>

O ex-líder soviético aponta ainda o papel destabilizador das potências estrangeiras no agravamento da situação russa naquele período. Para ele, a pressão dos antigos aliados para que a Rússia se mantivesse na Primeira Guerra Mundial foi um fator chave na piora da tensão interna durante o governo provisório. Mais tarde, a intervenção das forças externas na guerra civil colaborou para a intensidade e duração desse violento conflito. E tal hostilidade se manteve mesmo ao longo dos anos 1920, já sob a NEP, de modo que para Gorbachev, tal postura contribuiu para o fechamento do regime e a ascensão de lideranças autoritárias, como Stalin.<sup>505</sup> Em outras palavras, a combinação de fatores externos e internos afastaram a possibilidade de construção de alternativas pela via democrática ou evolutiva na experiência soviética, favorecendo a instauração de um regime autoritário no âmbito doméstico e a formação de dois pólos antagônicos e mutuamente hostis no cenário internacional.

Embora ressaltasse a relevância histórica e os fatores que corroboraram com a ascensão das forças revolucionárias de Outubro, Gorbachev reafirma sua preferência pela via evolucionista na superação de problemas e conflitos. Nesse sentido, ele se afasta novamente da visão marxista, que orientara as principais lideranças bolcheviques e que considerava o processo revolucionário como motor da História. Ao contrário, ele pondera que rupturas deveriam surgir como a última alternativa, produto de uma escolha desesperada e irracional. E seguindo essa perspectiva, o ex-líder soviético declara que ao assumir o comando da URSS rejeitou qualquer projeto revolucionário para a *perestroika*.<sup>506</sup>

Em termos gerais, a avaliação de Gorbachev sinaliza mais uma vez sua aderência aos ideais social-democratas, movimento identificado desde o período em que ocupara a posição de secretário-geral do CC do PCUS. Vale dizer que seu reconhecimento da legitimidade do movimento de outubro não representa uma contradição em relação à defesa de estratégias reformistas, mas revela sua comunhão

---

<sup>504</sup> GORBACHEV, 2000, p. 34.

<sup>505</sup> GORBACHEV, 2000, p. 9.

<sup>506</sup> GORBACHEV, 2000, p. 11.

aos princípios que legitimaram o processo – também compartilhado pelos social-democratas, inclusive durante a Revolução – e a constatação de que, a despeito de sua discordância em relação ao método revolucionário, a ruptura fora a escolha adequada dentro das condições reais enfrentadas no momento.

O autor procura ainda amparar sua reflexão em autores clássicos do próprio marxismo. Ele recupera, por exemplo, alguns escritos tardios de Friederich Engels, em que o teórico inglês defendia a construção do socialismo pela via eleitoral.<sup>507</sup> Ao mesmo tempo, destaca que o próprio Lenin defendera que a Revolução fora até 1918 uma revolução essencialmente burguesa, que visava superar o atraso econômico da Rússia, processo interrompido pela erupção da Guerra Civil.<sup>508</sup> O autor resgata ainda os últimos textos produzidos pelo líder revolucionário, nos quais este apontava NEP como uma política voltada para a consolidação do socialismo e não um mero retrocesso ou uma concessão temporária ao capitalismo.<sup>509</sup> E, finalmente, ele afirma que mesmo após a proibição das facções internas do Partido em 1921, Lenin manteve a defesa de uma estrutura partidária mais democrática, aberta ao diálogo e a pluralidade.<sup>510</sup>

De modo geral, Gorbachev procura estabelecer correlações entre esses autores e sua visão de socialismo, a fim de legitimar sua trajetória política e intelectual e afastar-se das críticas de traição ou oportunismo. Para ele, o sistema que se consolidou na URSS não pode ser considerado de fato socialista, uma vez que os desvios pós-revolucionários, especialmente depois da ascensão de Stalin, levaram ao triunfo do sistema totalitário, que é por natureza incompatível com os valores e ideias da teoria socialista. E, nesse sentido, a falência do modelo soviético não poderia ser entendida como prova da inviabilidade do socialismo enquanto teoria social, já que ele nunca se estabelecera por completo na URSS.

Para Gorbachev, a Rússia pós-revolucionária tornara-se solo fértil para a ascensão de um regime autoritário graças ao histórico atraso social, político e econômico dessa sociedade. Como consequência, a população russa não estava preparada para democracia e, portanto, mais suscetível à crença em soluções drásticas e

---

<sup>507</sup> Gorbachev parece se referir aos textos de Engels da última década do Século XIX, a exemplo da “Introdução” que ele escreveu para o livro de Marx, *“A guerra civil na França”*. Cf.: MARX, 2011.

<sup>508</sup> GORBACHEV, 2000, p. 13.

<sup>509</sup> GORBACHEV, 2000, p. 17.

<sup>510</sup> GORBACHEV, 2000, p. 21.

líderes fortes.<sup>511</sup> Esse atraso estaria não apenas nas origens do fracasso da revolução de fevereiro e da consolidação do socialismo pós-Outubro, como também da *perestroika*. Ele ressalta ainda que novos ecos desse pensamento cresciam entre a população nos anos 1990, o que poderia levar ao início de um novo ciclo autoritário.<sup>512</sup>

Ainda assim, Gorbachev questiona as interpretações simplistas e estereotipadas que definiam o ambiente político soviético como monolítico e acrítico. Ele afirma que mesmo no período mais fechados do regime, sob a liderança de Stalin, havia diferentes visões, muitas delas contraditórias, no interior do Partido e da sociedade.<sup>513</sup> Se por um lado, os órgãos de propaganda e controle ideológico mantinham um discurso unificado nos meios de comunicação oficial, por outro, o autor destaca que os líderes e cidadãos soviéticos estavam acostumados a agir no que chamou de estrutura de “duplo pensamento”, isto é, defendiam uma visão em ambientes públicos e outra em conversas e discussões privadas.<sup>514</sup>

Esse distanciamento entre o que se debatia na esfera pública frente ao âmbito privado era resultado, segundo Gorbachev, da combinação de dois erros latentes do modelo construído pelos bolcheviques: em primeiro lugar, a instauração de um sistema dogmático, rígido, quase religioso, que engessara o regime e a atuação política de seus agentes; em segundo, os excessos da ditadura do proletariado, que no caso soviético se afastaram daquilo que Marx e Lenin viam como sendo a forma mais pura da democracia, convertendo-se em uma verdadeira ditadura burocrática.<sup>515</sup> A combinação desses equívocos resultou no estabelecimento do regime de partido único, extremamente centralizado, e que autor considera ter sido o principal entrave para o desenvolvimento de um debate pluralista na URSS.<sup>516</sup>

Novamente, Gorbachev parece estabelecer uma diferenciação entre os princípios que norteavam as ideias revolucionárias, embebidos dos valores socialistas, e a atuação prática das lideranças soviéticas na construção do sistema soviético, que resultaram na concepção de um sistema autoritário e burocrático. Nesse cenário, o autor parece isentar o socialismo – e mesmo seus autores clássicos – da responsabilidade pelos aspectos

---

<sup>511</sup> GORBACHEV, 2000, p. 15.

<sup>512</sup> GORBACHEV, 2000, p. 16.

<sup>513</sup> GORBACHEV, 2000, p. 15.

<sup>514</sup> GORBACHEV, 2000, p. 19.

<sup>515</sup> GORBACHEV, 2000, p. 18.

<sup>516</sup> GORBACHEV, 2000, p. 19.

negativos da experiência soviética, que seria fruto da ausência de uma base democrática na sociedade russa e das decisões equivocadas adotadas pelos dirigentes soviéticos. E, por consequência, a *perestroika* surge cada vez mais como um elemento de regeneração, um movimento que viera salvar o socialismo.

Se a ausência de elementos do liberalismo político clássico na Rússia imperial sinalizava um distanciamento em relação ao processo histórico vivido no Ocidente, a Revolução de Outubro e o período soviético são considerados pelo autor como uma verdadeira virada civilizatória, um fato histórico que deveria ser reconhecido até mesmo por seus críticos:

De fato, porém, na era soviética, e em muito pouco tempo, a antiga Rússia Tzarista foi transformada naquilo que naquela época representava uma das principais potências industriais. Esse é um fato geralmente reconhecido. Ocorreu uma reviravolta civilizadora - em vez de um país agrícola atrasado, a Rússia tornou-se uma potência industrial-agrária comparável aos países avançados do mundo. Isso não pode ser negado.<sup>lx</sup>

O autor destaca que essa modernização se construiu a partir do sacrifício de milhões de cidadãos, que se dedicaram ao desenvolvimento do país. Ele reconhece o alto custo humano do processo de coletivização das terras agrícolas e da rápida industrialização, fruto da natureza autoritária com que essas políticas foram conduzidas pelo regime. Ainda assim, Gorbachev destaca que havia um entusiasmo real na população, que comungava verdadeiramente dos valores que guiaram a revolução. Os grandes feitos alcançados nesses processos foram, portanto, uma conquista dos trabalhadores – inclusive a vitória sobre o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>517</sup>

Também acerca do “papel civilizador” promovido pelo período soviético, o ex-líder coloca em debate as mudanças nas regiões do sudeste europeu e da Ásia, que segundo ele eram dotados de uma infraestrutura ainda mais atrasada – política, econômica e socialmente – quando eclodiu a Revolução em 1917. Sob esta perspectiva, ele aborda o que considera aspectos contraditórios decorrentes da modernização, que se de um lado trouxera avanços e conquistas efetivos para essas populações, por outro, foi conduzida de forma autoritária, sem o devido respeito às particularidades e

---

<sup>517</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 27-28.

características culturais dessas regiões, gerando uma crescente tensão entre Moscou e as esferas locais.<sup>518</sup>

O intenso crescimento experimentado pela URSS se deu majoritariamente pela via extensiva, isto é, pelo aumento do número de instalações industriais, áreas cultivadas e demais estruturas produtivas. Tal aumento quantitativo da produção não foi acompanhado por um incremento na eficiência, produtividade e qualidade dos bens, fatores que se mantinham em níveis inferiores aos das principais potências capitalistas.<sup>519</sup> Gorbachev destaca que desde a década de 1960 já haviam sinais claros de esgotamento desse modelo extensivo, visíveis na perda de ritmo do crescimento da economia soviética, o que levou a liderança do regime a iniciar as discussões sobre a necessidade de reformas econômicas capazes de promover a passagem para vias intensivas de desenvolvimento. O ex-líder aponta ainda que o fracasso em realizar essa mudança fez com que, ao final da *perestroika*, as deficitárias contas públicas soviéticas fossem completamente dependentes da exportação de óleo e gás.<sup>520</sup>

A despeito de todas as reflexões e iniciativas de mudanças desde os anos 1960, o sistema estabelecido na URSS mostrou-se inflexível e avesso a reformas. Dentre as dificuldades enfrentadas, ganham centralidade aquelas inerentes à natureza autoritária do regime, que ao impor viseiras ideológicas no desenvolvimento da ciência - sobretudo nas exatas, biológicas e áreas técnicas - atrasara sensivelmente o progresso tecnológico do país.<sup>521</sup> Ainda assim, o autor ressalta um aspecto interessante na dualidade do sistema soviético, uma vez que embora o PCUS tivesse se convertido nos principais obstáculos ao avanço das mudanças, foi também a partir dele que surgiram todas as propostas de transformação do sistema, inclusive a própria *perestroika*. Isso reforçava seu argumento de que havia disputas entre diferentes opiniões e visões no interior da política soviética.<sup>522</sup>

Para além da influência da dos movimentos reformistas anteriores e de suas viagens ao exterior, Gorbachev revela ainda outra inspiração para sua *perestroika*,

---

<sup>518</sup> GORBACHEV, 2000, p. 29.

<sup>519</sup> Em relação ao debate sobre as dificuldades de transição do modelo extensivo de desenvolvimento para o intensivo na economia soviética, ver: SEGRILLO, 2000a.

<sup>520</sup> GORBACHEV, 2000, p. 26.

<sup>521</sup> GORBACHEV, 2000, p. 26.

<sup>522</sup> GORBACHEV, 2000, p. 22.

inédita dentre os textos analisados neste trabalho: o eurocomunismo.<sup>523</sup> Os representantes desse movimento, em especial nos Partidos Comunistas da Itália, França e Espanha, defendiam desde os anos 1970 uma via intermediária – ou “terceira via” – entre a social-democracia europeia e o comunistas tradicionais: sem abandonar o horizonte de construção do comunismo (como ocorrera com grande parte dos partidos social-democratas na segunda metade do século XX), os eurocomunistas acreditavam na democracia como um valor universal por meio do qual seria possível a construção gradual – e eleitoral – dessa nova sociedade. Embora expressassem diversas críticas aos excessos do regime soviético, o posicionamento mais moderado permitiu que o contato com Moscou fosse mais próximo e constante do que o que era mantido com as lideranças social-democratas da Europa Ocidental.<sup>524</sup>

Gorbachev cita ainda autores e intelectuais que, segundo ele, teriam sido precursores ou mesmo “coautores” de suas novas políticas, a exemplo dos cientistas russos Vladimir Vernadsky, Pyotr Kapitsa e Andrei Sakharov, e pensadores estrangeiros como Albert Einstein, Bertrand Russel e Giorgio La Pira. Dentre os nomes mencionados, convém destacar a atuação do físico e ganhador do Prêmio Nobel, Pyotr Kapitsa, que denunciou, ainda durante o Stalinismo, as interferências ideológicas nas pesquisas científicas. Já o também físico e laureado com o Nobel da Paz, Andrei Sakharov, é mais conhecido pelo público em geral, inclusive fora da Rússia, por sua atuação dissidente e a defesa da necessidade de reformas e liberdades civis na URSS desde a década de 1960.<sup>525</sup>

Em seu conjunto, as referências da *perestroika* apontavam para a necessidade de enfrentar os problemas mais latentes nos três principais pilares do sistema soviético, a saber, as relações de propriedade (com predomínio controle estatal sobre as demais formas coletivas e autônomas), a estrutura inflexível de poder e o monopólio político e intelectual do PCUS. Ao contrário dos que o acusavam de afastar-se da escolha socialista, Gorbachev afirma que sua estratégia se constituía como resultado de uma revisão da experiência soviética desde a Revolução de Outubro, que buscava resgatar os valores e bandeiras que guiaram o movimento, mas que haviam sido deturpados pelo

---

<sup>523</sup> GORBACHEV, 2000, p. 55.

<sup>524</sup> Sobre o Eurocomunismo, Cf.: BOBBIO, 1998, pp. 450-456; MANDEL, 1978.

<sup>525</sup> Cf.: SAKHAROV, 1968.

autoritarismo.<sup>526</sup> No entanto, no decorrer do processo de transformação do sistema, o então líder soviético se conscientizara de que tal expectativa não seria alcançada:

É claro que não se pode dizer que, no momento em que começamos a *perestroika*, tínhamos tudo pensado. Nos estágios iniciais, todos dizíamos, inclusive eu, que a *perestroika* era uma continuação da Revolução de Outubro. Hoje, acredito que essa afirmação continha um grão de verdade, mas também um elemento de ilusão.

A verdade é que estávamos tentando realizar ideias fundamentais que haviam sido avançadas pela revolução de Outubro, mas que não haviam sido realizadas: superar a alienação das pessoas em relação ao governo e à propriedade, dar poder ao povo (e tirá-lo dos escalões burocráticos), implantar a democracia e estabelecer a verdadeira justiça social.<sup>lxii</sup>

Na visão do ex-dirigente soviético, na base de todas as políticas introduzidas na URSS a partir de 1985 estavam as ideias contidas em seu “Novo Pensamento”. Esse termo, que na versão em inglês – *New Thinking* – foi popularizado mundialmente como sinônimo da nova orientação da política externa adotada durante a *perestroika*, é tido por Gorbachev como o verdadeiro amparo intelectual e ideológico das suas ações enquanto líder máximo do país. O Novo Pensamento reunia em si o que o autor define como os verdadeiros valores humanitários, isto é, comuns a todos os cidadãos do planeta, transcendendo os interesses de classe, das nações ou dos sistemas econômicos. Tais valores pressupunham a renúncia a estereótipos ideológicos e dogmas, permitindo, por sua vez, construir uma visão mais realista, baseada nas características concretas do tempo em que se encontravam.<sup>527</sup>

Uma vez que representava uma mudança radical na forma de pensar e agir dos mais variados estratos da sociedade soviética, embebidos até então pela propaganda e pelos jargões do regime, Gorbachev considera que a *perestroika*, guiada por valores humanistas, possuía um conteúdo revolucionário, ao mesmo tempo que, avesso a medidas radicais, seu formato de atuação fora essencialmente evolucionista. Num jogo de palavras aparentemente contraditório, o último líder da URSS procura deixar clara a

---

<sup>526</sup> GORBACHEV, 2000, p. 56.

<sup>527</sup> GORBACHEV, 2000, p. 59

dimensão das mudanças almejadas pelas reformas, reforçando, contudo, sua escolha por um caminho gradual, sem rupturas bruscas.

Curioso notar também que assim como fizera em obras anteriores, sua narrativa dos eventos da *perestroika* procura construir uma atmosfera de apoio popular às reformas implementadas. Em vários momentos do texto, a *perestroika* surge como um anseio da população, que no decorrer do processo teria oferecido suporte às medidas e políticas adotadas. Contrários à vontade popular, todos os obstáculos e dificuldades parecem consequência da atuação de setores mais conservadores das burocracias estatal e partidária. Ao mesmo tempo, ele reitera que as reformas só poderiam ter sido iniciadas pela liderança do regime – vindas de cima – diante da combinação de um sistema hipercentralizado e a apatia popular após anos vivendo sob controle político e ideológico.<sup>528</sup>

Pensada como meio de enfrentamento dessa apatia, Gorbachev considera a *glasnost* como uma peça fundamental para o avanço das reformas, sem a qual talvez sequer houvesse a *perestroika*. Aqui, o termo ultrapassa os limites da transparência ou das reformas políticas, ganhando em sua conotação aspectos ideológicos e valorativos:

A *Perestroika* confirmou mais uma vez que o desenvolvimento normal e democrático da sociedade exclui o segredo universal como método de administração. O desenvolvimento democrático pressupõe *glasnost* - isto é, abertura, liberdade de informação para todos os cidadãos e liberdade de expressão por eles de suas opiniões e convicções políticas, religiosas e outras, liberdade de crítica no sentido mais amplo da palavra.<sup>lxii</sup>

Entretanto, seria precisamente o esforço em devolver rapidamente tais liberdades à população que, para Gorbachev, acabara por provocar uma falta de sincronia entre as mudanças políticas e econômicas. Ele considera que essa dissociação no ritmo das reformas estaria na base da explicação do insucesso da *perestroika*, sobretudo nas medidas econômicas, que no decorrer do processo acabaram ficando para trás em relação às aceleradas transformações no cenário político do país.<sup>529</sup>

Para além da democracia enquanto valor em si, Gorbachev reconhece que as medidas de abertura também foram fundamentais para a transformação da natureza e do

---

<sup>528</sup> GORBACHEV, 2000, p. 60.

<sup>529</sup> GORBACHEV, 2000, p. 61.



funcionamento do sistema econômico, engessado pelo excessivo controle político. Mas, novamente, reafirma que em meio às crises e instabilidades geradas pelas reformas cada vez mais profundas, forças reacionárias se aproveitaram da situação, nutrindo-se da insatisfação popular, para capitanear apoio e, distorcendo valores e discursos, conquistar e ampliar poderes em suas regiões. Anos depois do colapso soviético, ele declara que muitos desses líderes que outrora criticavam o autoritarismo vigente na URSS, não teriam adotados práticas verdadeiramente democráticas quando finalmente assumiram o poder.<sup>530</sup>

Outro eixo que ganha destaque nessa obra são as reflexões acerca da história da política externa soviética, em especial da sua nova orientação a partir de 1985. Para Gorbachev, a política externa que se consolidou ao longo da existência da URSS também surgiu como uma distorção dos ideais revolucionários e dos pilares deixados por Lenin. Ele recorda que uma das primeiras medidas do líder bolchevique após a Revolução fora justamente o Decreto Sobre a Paz, retirando a Rússia da Primeira Guerra Mundial. Além disso, Gorbachev destaca também o princípio leninista da “coexistência pacífica”, elaborado no início dos anos 1920 em referência a necessidade de sobrevivência do Estado soviético em meio ao cerco capitalista. Embora a bandeira da coexistência tenha sido retomada e defendida por Khrushchev e até mesmo por Brezhnev, o autor afirma que estas ideias foram subordinadas aos paradigmas do enfrentamento entre os sistemas e a luta de classes.<sup>531</sup>

Ao mesmo tempo, Gorbachev considera que a política externa hostil não fora produto apenas dos desvios ideológicos, tendo o Ocidente uma parcela significativa de responsabilidade no fechamento da URSS. Ele destaca, por exemplo, que no pós-Primeira Guerra Mundial, em meio aos debates sobre os “14 Pontos de Wilson”, já circulavam propostas de separação à força do antigo Império Russo em diversos estados independentes. Essa ameaça teórica ganhou materialidade com a intervenção direta de forças estrangeiras na Guerra Civil russa, combatendo as tropas vermelhas ao lado dos defensores do antigo regime.<sup>532</sup> A política agressiva, retórica ou intervencionista, seria uma marca constante na atuação das principais potências ocidentais, especialmente os EUA, frente à URSS ao longo de sua existência. E mesmo com o fim da Guerra Fria e o

---

<sup>530</sup> GORBACHEV, 2000, p. 62.

<sup>531</sup> GORBACHEV, 2000, p.39.

<sup>532</sup> GORBACHEV, 2000, p.40.

ocaso soviético, essa mentalidade de oposição e conflito parecia manter-se viva em setores da elite política e intelectual do Ocidente e da Rússia.<sup>533</sup>

Gorbachev aborda ainda um ponto sensível da política externa soviética ao reconhecer que seu país exercera uma forte pressão para tomada e consolidação de regimes comunistas na Europa do Leste no pós-Guerra. Para ele, tal intervenção colaborou para que uma parcela significativa da população daqueles países considerasse o sistema socialista como produto de uma imposição estrangeira, sentimento que se mostrou forte durante a derrocada desses regimes no final dos anos 1980. Frente às críticas de sua atuação havia “entregue” seus aliados aos inimigos da URSS e corroborado para o fim da experiência socialista, ele volta a declarar seu alinhamento aos princípios da autodeterminação e não intervenção – basilares do “Novo Pensamento” – e reforça que os países da Europa oriental independentes, nunca foram – ou não deveriam ter sido considerados – propriedade ou território da URSS.<sup>534</sup>

O autor avalia ainda que a Rússia dos anos 1990 passava por uma situação similar àquela vivida pelos países da Europa Oriental no pós- Segunda Guerra. Nesse sentido, ele considera que ao longo daquela década ocorrera uma tentativa de impor ao seu país um modelo externo e pré-concebido de organização política e econômica, sem adaptação às particularidades e especificidades da sociedade russa. Em mais uma crítica à terapia de choque, ele argumenta que as medidas introduzidas durante o governo Iéltsin haviam se proposto a resolver os problemas da Rússia às custas das conquistas e direitos sociais, uma herança positiva deixada pelo passado soviético.<sup>535</sup>

Para Gorbachev, a principal virtude do “Novo Pensamento” na política externa fora justamente a análise desapaixionada do cenário mundial e da realidade soviética, culminando no desejo em reposicionar o seu país no mundo. A tensão e a militarização crescentes eram vistas como incompatíveis tanto com a segurança global, quanto com a manutenção e melhora dos níveis de vida da população. Ainda assim, as reformas haviam perseguido um caminho difícil, enfrentando obstáculos no dogmatismo ideológico dentro do Partido e na sociedade como um todo. Vale destacar que por dogmatismo ideológico, o ex-líder não se refere apenas a hostilidades e distorções

---

<sup>533</sup> GORBACHEV, 2000, p. 41.

<sup>534</sup> GORBACHEV, 2000, p. 42.

<sup>535</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 44-45.

decorrentes do acirramento das relações durante a Guerra Fria, mas inclui alguns elementos mais centrais da leitura marxista-leninista, como a própria noção de luta de classes no cenário internacional, objeto de constante crítica em seus textos.

Um segundo estímulo à mudança na condução das relações exteriores viria a partir da reflexão quanto à inviabilidade do conceito de guerra como instrumento válido para alcançar objetivos políticos ou resolver conflitos. Com o avanço tecnológico dos armamentos, o enfrentamento bélico deixara de ser apenas uma ameaça de destruição ao inimigo, mas trazia o risco real de eliminação da humanidade como um todo.<sup>536</sup> A intervenção militar, mesmo que acordada em espaços internacionais de debate e decisão, deveria ser entendida como a última opção de ação, após exauridas todas as tentativas de diálogo e construção política de soluções.

Por fim, um terceiro ponto que inspirara sua nova política externa fora a confirmação do cenário de maior interdependência da economia global no pós-guerra, alimentada pelos avanços tecnológicos. Em meio a esse processo, a URSS estava cada vez mais isolada, mantendo-se à margem da integração mundial e aprofundando seu atraso em relação ao Ocidente. Embora as reformas tivessem como objetivo colocar a União Soviética como parte desse processo, Gorbachev condena o rumo predatório que essa interdependência adotara como consequência da atuação das grandes potências, que a converteram em instrumento para ampliação da exploração e dominação.<sup>537</sup>

Gorbachev argumenta que mesmo antes de ser escolhido como secretário-geral do CC do PCUS, já abordava a necessidade de formulação de um novo pensamento político para as relações internacionais, a exemplo de seu discurso enquanto presidente da comitiva soviética em viagem oficial ao Reino Unido, em 1984 – analisado no Capítulo I. No entanto, ele reconhece que tais ideias ainda não estavam maduras e consolidadas quando assumiu a liderança soviética. Seus primeiros meses no comando do país foram marcados por um aprofundamento das reflexões acerca do cenário internacional, bem como da formulação das primeiras medidas efetivas, conforme tomava conhecimento mais amplo da situação vivida pela URSS. Nesse período, portanto, não foram tomadas grandes decisões, mas sim foi priorizado um intenso processo de negociação e convencimento das comunidades interna e externa acerca dos

---

<sup>536</sup> GORBACHEV, 2000, p. 174.

<sup>537</sup> GORBACHEV, 2000, p.175.

objetivos do novo governo.<sup>538</sup> Para além de sua preferência pela via evolucionista e gradual, ele assegura que a cautela naquele momento também se justificava pela necessidade de agir nos limites do que era possível ser feito dentro do sistema, ainda bastante inflexível.<sup>539</sup>

O processo de introdução das novas ideias às principais lideranças mundiais começara já durante as cerimônias oficiais de homenagem a seu antecessor, Konstantin Chernenko. Gorbachev lembra que aproveitou a presença de líderes e representantes estrangeiros para apresentar linhas gerais daquilo que mais tarde se tornariam as reformas políticas e econômicas.<sup>540</sup> Também enfatizou os novos princípios que guiariam a atuação na nova liderança soviética, a exemplo da autodeterminação e respeito ao direito de escolha dos diferentes povos.<sup>541</sup> No entanto, o próprio autor reconhece que naquele momento seu discurso foi visto com desconfiança por grande parte das autoridades, acostumadas com jogos de palavras e promessas que não se concretizavam na prática.

Passado esse primeiro período embrionário, Gorbachev identifica três fases do “Novo Pensamento” voltado à política externa.<sup>542</sup> A primeira teve início com o XXVII Congresso do PCUS, ocorrido entre fevereiro e março de 1986, em que se consolidara a análise do cenário mundial pós-guerra marcado pelo avanço do perigo nuclear e da interdependência econômica. Nessa etapa, foram tomadas medidas efetivas para redução das tensões como a declaração unilateral soviética de moratória dos testes atômicos e a realização do encontro de cúpula com o presidente norte-americano, Ronald Reagan em Reykjavík.

Já a segunda fase se deu a partir de 1988, período em que as reformas internas já haviam modificado sensivelmente a percepção interna e externa em relação à nova liderança, conferindo maior credibilidade ao seu discurso. Nessa etapa, os debates acerca do cenário político evoluíram para formulações de uma nova ordem mundial, marcada pela cooperação e o desenvolvimento mutuamente benéficos. A corrida armamentista e as estratégias militares deveriam ceder espaço para o debate e a

---

<sup>538</sup> GORBACHEV, 2000, p. 179.

<sup>539</sup> GORBACHEV, 2000, p. 182.

<sup>540</sup> GORBACHEV, 2000, p. 180.

<sup>541</sup> GORBACHEV, 2000, p. 182.

<sup>542</sup> GORBACHEV, 2000, p. 187.

resolução política de conflitos no âmbito das relações internacionais, inaugurando uma nova era na geopolítica global.

Finalmente, a terceira e última fase ocorrera entre 1990 e 1991 e foi marcada pela defesa de uma nova civilização, novas formas de organização sociais, políticas e econômicas que combinassem as vantagens dos dois sistemas. Esse novo modelo de sociedade global estaria alicerçado nos princípios e valores humanistas, isto é, aqueles compartilhados em essência por toda a humanidade, ligados à preservação da vida e ao respeito mútuo. Em seu conjunto, portanto, as três fases destacadas por Gorbachev sinalizam o movimento de radicalização e evolução de suas ideias também na esfera da política externa, passando do pacifismo e a redução da tensão entre os blocos para a construção de um novo paradigma de interação em escala global.

Em sua essência, essa nova visão para as relações internacionais se assentara na interdependência política, cultural e econômica entre as nações. Desse modo, não só os avanços e potencialidades são compartilhados, mas os problemas enfrentados pela humanidade adquirem uma dimensão global. Isso significa que sua solução também ultrapassa os limites de decisões isoladas desse ou daquele Estado, que devem em conjunto levar em consideração os interesses mais universais, de toda a humanidade.<sup>543</sup> Daí, portanto, a crítica assertiva ao uso das forças armadas como instrumento prioritário para garantia da segurança na esfera internacional. Em seu lugar, Gorbachev propõe a necessidade de maior diálogo, substituindo ação militar por ação política, uma segurança mútua construída em instituições multilaterais de diálogo.<sup>544</sup>

Enquanto ainda liderava seu país e defendia publicamente o “Novo Pensamento”, Gorbachev era frequentemente questionado acerca da demora em retirar as tropas soviéticas do Afeganistão. Tal processo foi concluído apenas em 1989, quando suas ideias para a política internacional já estavam bastante desenvolvidas e se opunham diretamente a ações intervencionistas como as que a URSS mantinha no país asiático. Embora desejasse concluir o mais rápido possível a retirada, o ex-líder destaca três fatores que atrasaram esse complexo processo. Em primeiro lugar, a necessidade de obter um consenso junto ao conjunto da liderança soviética, muitos ainda alinhados às antigas ideias de defesa dos regimes aliados e do movimento comunista em escala

---

<sup>543</sup> GORBACHEV, 2000, p. 188.

<sup>544</sup> GORBACHEV, 2000, p. 191.

global. Um segundo ponto teria sido a necessidade de coordenar a saída escalonada das tropas junto às lideranças afegãs, receosas de que sem a presença do exército soviético em seu território, o regime de orientação socialista sucumbisse às forças opositoras. O terceiro e último fator apontado foi a dificuldade em estabelecer as condições externas necessárias para a retirada, especialmente as negociações mantidas com outras forças estrangeiras que atuavam direta ou indiretamente no conflito, como os EUA, o Paquistão e o Irã.<sup>545</sup>

A despeito das contradições e obstáculos enfrentados, o ex-líder defende que seu “Novo Pensamento” para a política externa reforçou as bases da democracia e fortaleceu a liberdade nas relações internacionais. Internamente, a nova orientação das relações exteriores permitiu aos soviéticos ganharem qualidade de vida, libertos do alto custo econômico, político e humano do conflito entre as superpotências.<sup>546</sup> Desse modo, sua atuação no plano internacional, em que pesem eventuais falhas, foi adequada àquele momento histórico:

Como indiquei acima, nem tudo na era da *perestroika* ocorreu de forma ideal no campo da política externa, de forma alguma. Certas coisas possivelmente poderiam ter sido feitas de maneira mais eficaz ou sofisticada. Mas posso dizer sem hesitar: em todas as áreas básicas e decisivas, as políticas que concebemos e implementamos eram do interesse de nosso país e fortaleciam nossa segurança e posição no mundo. Por último, mas não menos importante, elas contribuíram para consolidar os fundamentos da paz em todo o mundo.<sup>lxiii</sup>

Voltando-se para o âmbito doméstico, Gorbachev também discute os processos em curso na Rússia desde sua renúncia ao cargo de presidente da URSS. Ao final da década de 1990, ele considerava que a terapia de choque desidratara em grande medida as principais conquistas do período soviético, provocando um aumento dos níveis de pobreza e a redução do bem-estar da população.<sup>547</sup> O processo de consolidação da democracia russa, por outro lado, se revelara muito mais lento desde o fim da *perestroika*. E os principais responsáveis por tais retrocessos eram o governo de Iéltsin, com suas medidas cada vez mais autoritárias, e seus aliados oligarcas, classe econômica

---

<sup>545</sup> GORBACHEV, 2000, p. 198.

<sup>546</sup> GORBACHEV, 2000, p. 206.

<sup>547</sup> GORBACHEV, 2000, p. 30.

que passou a controlar grande parte do parque produtivo e das grandes empresas russas após a privatização, beneficiados pelas reformas neoliberais:

[...] O atual regime autoritário está travando o desenvolvimento da Rússia em direção à democracia. Para esse regime, a democracia está se tornando cada vez mais um fardo. As forças políticas que chegaram ao poder na onda democrática foram removidas do poder ou se retiraram do poder hoje. Um regime burocrático-oligárquico tomou forma e, sob o disfarce da fraseologia democrática, impôs um curso neoliberal das chamadas reformas em nossa sociedade.<sup>lxiv</sup>

O cenário descrito pelo autor sinaliza que, na dimensão política, a liderança de Iéltsin caminhará no sentido oposto ao percorrido pela *perestroika*, restaurando práticas autoritárias e burocráticas. Embora despido do viés ideológico socialista, que inspirara o modelo soviético, o novo governo russo é associado a um verdadeiro retrocesso no político e econômico. Em relação a esse último aspecto, as reformas radicais de liberalização na economia, aclamadas no Ocidente, eram encaradas por Gorbachev como negativas, uma vez que não estariam sendo capazes de resolver os principais problemas da população, ao mesmo tempo em que desidrata as conquistas sociais alcançadas nos anos da URSS. Assim, ele parece manter seu esforço em atrelar sua imagem aos valores democráticos e rejeitar os rótulos de reformista neoliberal.

Nesse sentido, Gorbachev refuta a imagem do mercado capitalista como perfeito ou imune ao erro, atribuindo novamente a esse modelo a responsabilidade pelo avanço dos problemas sociais, como o aumento da pobreza, da desigualdade e do desemprego. Também na perspectiva ambiental, a agenda de proteção ecológica estaria sendo prejudicada pela busca incessante e irresponsável por lucro, desvios típicos da economia neoliberal.<sup>548</sup> Em sua análise, o agravamento dessas questões era resultado direto da ausência de uma agenda de políticas e objetivos sociais, ponto forte da experiência socialista e que deveria ser adaptada e incorporada ao modelo ocidental.<sup>549</sup>

Assim, a *perestroika*, com seus erros e acertos, poderia servir de modelo e objeto de estudos por países que estivessem experimentando a transição de regimes autoritários para a democracia. Para o autor, o fim da Guerra Fria surge fora produto da iniciativa

---

<sup>548</sup> GORBACHEV, 2000, p. 49.

<sup>549</sup> GORBACHEV, 2000, p. 50.

soviética, a despeito dos discursos que pregavam uma pretensa posição de superioridade e a vitória do modelo capitalista. Para Gorbachev, a experiência soviética ajudou a revelar o que era incompatível com a essência do socialismo. A teoria socialista continuava, portanto, com sua relevância histórica e ainda poderia contribuir para a resolução dos principais problemas da sociedade contemporânea:

Minha opinião é bastante clara: a ideia socialista não perdeu seu significado ou sua relevância histórica. Isso ocorre não apenas porque a própria ideia de socialismo, que inclui conceitos como justiça social, igualdade, liberdade e democracia, é algo que nunca pode ser esgotado, mas também porque todo o desenvolvimento da comunidade mundial confirma, com nova urgência todos os dias, que precisamos de justiça, igualdade, liberdade, democracia e solidariedade. Essa necessidade não foi extinta, mas continua a crescer.<sup>lxv</sup>

Essa necessidade atual dos valores socialistas não deve ser confundida com a nostalgia pelo velho modelo do socialismo real. Gorbachev defende que a aplicação das ideias socialistas deveria se dar em um formato moderno, condizente com a realidade objetiva do mundo atual. Durante o século XX, ele aponta que muitas classificações e conceitos do modelo socialista se definiram em oposição ao capitalismo e se afastaram dos ideais revolucionários. No entanto, ao final dos anos 1990, esses termos haviam perdido a relevância, uma vez que naquele momento havia vários modelos de capitalismo em disputa. Nesse sentido, ele argumenta que o socialismo não pode ser visto como uma formação social fechada, mas sim como um conjunto de valores. O principal objetivo dos adeptos dessa corrente deve ser a busca pelo ponto ótimo entre a eficiência produtiva e uma distribuição mais justa e equilibrada do produto social.<sup>550</sup>

Para o ex-líder soviético, era imperioso que se implementassem os verdadeiros valores socialistas no mundo contemporâneo. Ele afirma que tanto o liberalismo como o socialismo nasceram de uma base comum, os valores humanistas do iluminismo, sendo, portanto, conciliáveis. Foram as próprias contradições do capitalismo nascente que revelaram os limites da igualdade civil aplicada nos moldes liberais. Nesse cenário, o socialismo nasce a partir da demanda legítima por maior justiça social e esse embate tem se desenvolvido no interior do próprio sistema capitalista desde então. Gorbachev defende que a solução não está na escolha entre os extremos desse debate, o

---

<sup>550</sup> GORBACHEV, 2000, p. 69.



individualismo egoísta ou o coletivismo autoritário, mas sim um modelo sintético, capaz de colocar o ser humano como objetivo final e não um mero instrumento do progresso. Tal modelo deveria ser construído a partir de novos valores, uma base comum compartilhada pelos mais diversos povos e que estaria na origem da própria natureza humana.<sup>551</sup>

Mas quais seriam esses problemas latentes da sociedade mundial às vésperas do século XXI? Gorbachev elenca as três crises que considerava mais relevantes num futuro próximo: em primeiro lugar, a crise do mito do domínio do homem sobre a natureza, como se dela pudéssemos fazer o que bem quiséssemos, quando na verdade ela dá sinais cada vez mais claros dos limites do modelo de exploração vigente; a segunda crise é de natureza social, representada pela expansão da desigualdade social em nível global; a terceira e última crise era política, com a permanência de uma mentalidade egoísta na esfera internacional e da exploração sobre as nações mais pobres.<sup>552</sup> Em seu conjunto, o ex-líder afirma que tais crises representavam um afastamento em relação aos interesses genuínos da humanidade e eram produto de uma sociedade movida pela autopreservação e exploração:

As raízes da crise da civilização contemporânea estão em uma profunda separação dos interesses genuínos da humanidade. Até agora, o fator motivador da civilização contemporânea não tem sido a abordagem humanista, mas o instinto de autopreservação, de obter vantagens em detrimento de outros. Se por força da inércia essas situações persistirem, poderá levar a novas consequências negativas.<sup>lxvi</sup>

Nesse sentido, Gorbachev avaliava que o mundo se encontrava em uma ordem transitória, um processo de passagem iniciado com o fim da Guerra Fria e que ainda não encontrara um horizonte a ser alcançado. Ele afirma ainda que os anos 1990 foram marcados por uma atmosfera de pessimismo em relação a esse novo momento, a despeito das potencialidades abertas pelo fim do conflito entre as duas superpotências. Muitos países teriam inclusive se aproveitado do vácuo aberto pelo fim da URSS para ampliar uma atuação egoísta nas relações internacionais, obtendo maiores vantagens sobre as nações mais pobres ou fragilizadas. Como exemplo, ele menciona a situação dos países da CEI, sob os quais estaria em curso uma expansão dos interesses

---

<sup>551</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 70-71.

<sup>552</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 72-73.

estrangeiros com vistas a obter benefícios a partir da situação de crise e instabilidade daqueles Estados.

Recordando sua atuação enquanto dirigente, ele defende que desde 1985 a URSS buscou estabelecer relações mais democráticas e pacíficas, mas que boa parte das potências capitalistas, especialmente os EUA, não acompanharam esse movimento, mantendo uma atitude egoísta. Tal descrição da atuação predatória dos países ocidentais se parece em grande medida com o diagnóstico da agressividade imperialista que os soviéticos faziam em relação aos seus inimigos. Para Gorbachev, essa mentalidade hostil por parte dos norte-americanos e seus aliados se manteve mesmo com o fim da Guerra Fria:

As concepções dominantes, de fato, não apontavam para o futuro, mas em muitos aspectos estavam ancoradas no passado; o passado era sua fonte de nutrição. Na melhor das hipóteses, a questão era como renovar ou reformar as abordagens tradicionais. Nenhuma nova perspectiva realmente veio à tona, embora isso fosse exatamente o necessário para falarmos de uma ordem mundial verdadeiramente nova.<sup>lxvii</sup>

Outros dois processos também ameaçavam o cenário internacional ao fim dos anos 1990. De um lado, mesmo com o fim da Guerra Fria, ele alertava para o ressurgimento da corrida armamentista, com o desenvolvimento de novas tecnologias militares e armas cada vez mais poderosas e automatizadas. Em paralelo, as instabilidades na periferia global eram alimentadas por essa indústria bélica, que se beneficiava do avanço significativo da militarização dos países mais pobres. Gorbachev identificava ainda a permanência e reforço da visão militarista como instrumento prioritário na resolução de conflitos, a exemplo das intervenções recentes de forças estrangeiras em outros países sob o pretexto de defender determinados interesses ou garantir maior segurança.

A despeito desses riscos, o ex-líder destaca também alguns avanços ocorridos no período que poderiam sinalizar possíveis caminhos para essa transição. Ele menciona como exemplo os vários encontros internacionais voltados a debater problemas de escala global, como a Rio-92 na área ambiental. Para ele, tais eventos mostraram que havia espaço para a construção de uma nova ordem baseada nos valores humanistas:

Na minha opinião, o que vemos agora é um período único no desenvolvimento mundial que só pode ser descrito como transitório. Possui características especiais e distintas. O que estamos passando, aparentemente, não é apenas um período de transição, mas um tipo especial de ordem mundial de transição, que pode perdurar por um longo período de tempo, caracterizada por instabilidade, conflito e predominância de forças espontâneas não controladas nas relações mundiais.<sup>lxviii</sup>

Essa possibilidade de permanência de uma ordem transitória por um período mais longo decorria, em grande medida, da ausência de um protagonismo político, de lideranças capazes de conduzir as mudanças necessárias sob uma perspectiva conciliadora e orientada para um modelo de desenvolvimento cooperativo e responsável. Ao contrário, Gorbachev acusa os líderes mundiais de manter visões ultrapassadas e egoístas, atuando sob o disfarce de pretensos interesses nacionais e colocando em risco muitas das conquistas positivas trazidas ao mundo pela *perestroika*. Nesse sentido, era preciso resgatar as ideias contidas no “Novo Pensamento”, incluindo a superação de interesses particulares por uma visão mais global e humanista.<sup>553</sup>

A vantagem dessa nova abordagem estaria na forma como ela se relaciona com o que Gorbachev define como dupla camada do desenvolvimento orgânico da humanidade. Em um exercício intelectual bastante interessante, o ex-líder argumenta que o desenvolvimento histórico da humanidade se dá a partir da interação entre duas camadas: uma primeira, mais superficial, que corresponde às interações diretas e visíveis entre povos e países, sobretudo na esfera da política; já a segunda, mais profunda, está ligada a natureza da civilização em si, compreendendo seus métodos de progresso econômico, a estrutura social e o modo de vida em si das pessoas. Também nessa segunda esfera estaria a base de valores que guia as sociedades e que orienta seus interesses.<sup>554</sup>

Embora o líder não faça qualquer menção ao marxismo, é notável a influência do modelo de infraestrutura e superestrutura construído por Marx em suas análises sobre as formas de sociedade humana. A diferença, contudo, parece residir no conteúdo de cada uma das camadas para os autores. Enquanto na visão marxista, a infraestrutura compreenda essencialmente as forças produtivas e as relações de produção, para

---

<sup>553</sup> GORBACHEV, 2000, p. 211

<sup>554</sup> GORBACHEV, 2000, p. 218.

Gorbachev, a camada mais profunda, para além do viés econômico, incorpora também determinados aspectos de ordem subjetiva, como os valores intrínsecos da natureza humana, um tipo de conteúdo que para o teórico alemão está na esfera da superestrutura.

Para Gorbachev, as duas camadas interagem e se influenciam mutuamente, com destaque para uma predominância da mais profunda sobre a superficial – ainda que esta também possa provocar mudanças naquela. O que estaria ocorrendo no fim do século XX seria justamente um antagonismo entre o sistema social (camada profunda), com sua dinâmica econômica cada vez mais interdependente e contatos sociais mais integrados, e um sistema político (superficial) incapaz de responder a essa nova realidade, permanecendo guiado por ideias e métodos ultrapassados. Esse embate seria o responsável, na visão do autor, por boa parte das crises vividas pela humanidade naquele momento e continha um alto risco de implosão se não fosse superado.<sup>555</sup>

Os seis capítulos finais da obra tratam daqueles que seriam, na visão do último líder soviético, os principais desafios da sociedade mundial na virada do século. O primeiro deles é dedicado à globalização. Em uma retrospectiva histórica, Gorbachev aponta que os processos de integração mundial vinham se intensificando desde o fim da Idade Média, no século XV. De uma sociedade “mundializada”, como ele define as relações entre as nações nos anos 1970 e 1980, chegaríamos finalmente à consolidação do processo de globalização nas últimas duas décadas do século XX. Ele volta a destacar as duas facetas contraditórias desse processo: de um lado, o maior contato e interdependência cultural, política e econômica abria possibilidades de desenvolvimento mútuo e cooperação, ao passo que, do outro, também abria margem para uma exploração ainda maior das nações mais ricas sobre as mais pobres.<sup>556</sup>

O fim da Guerra Fria romperia mais uma barreira no caminho da globalização, ao permitir a integração do antigo bloco socialista à dinâmica de cooperação global. A Revolução da Informação, propiciada especialmente com o rápido desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informática, teve um impacto direto na economia, expandindo ainda mais sua financeirização. Para Gorbachev, tais processos afastaram

---

<sup>555</sup> GORBACHEV, 2000, p. 220.

<sup>556</sup> GORBACHEV, 2000, p. 223.

gradativamente o capital da esfera produtiva, o que na sua visão estaria na origem das principais crises vividas pelo capitalismo no fim do século.<sup>557</sup>

Se durante os anos de disputa entre as duas superpotências a esfera externa parecia se sobrepôr às dinâmicas internas dos países, com alinhamentos em blocos e ação balizada pelas orientações de Moscou e Washington, a nova ordem estabelecida após a queda do regime soviético parecia se reger pelo inverso, com interesses nacionais egoístas se sobrepondo paulatinamente aos objetivos coletivos e interesses globais.<sup>558</sup>

Diante desse cenário, Gorbachev defende a necessidade de uma maior regulação e negociação no âmbito da política internacional, em que por meio do diálogo possa ser buscada a convergência dos múltiplos interesses. No sentido contrário a esse movimento, ele critica a postura dos líderes do G7 – EUA, Reino Unido, Alemanha, França, Itália, Canadá e Japão – a quem atribuía a manutenção de uma mentalidade arcaica e de tendência hegemônica. O ex-líder não considerava razoável uma proposta de “governo mundial” ou algo do tipo, mas propunha que o foco se voltasse para uma resolução conjunta de problemas comuns, envolvendo os principais agentes políticos globais. Para tanto, era fundamental que as lideranças passassem por uma “revolução psicológica”, capaz de introduzir uma nova mentalidade nas relações internacionais orientada para a busca de alternativas em que todos obtivessem ganhos.<sup>559</sup>

Aqui, as Nações Unidas surgem como o palco ideal para a realização desse diálogo regulado. No entanto, a despeito das potencialidades desse fórum mundial, ele afirma que a organização apresentava limitações que precisavam ser superadas para que ela pudesse de fato desempenhar tal papel. A necessidade de reforma da ONU, portanto, seria imperiosa, a fim de convertê-la em um órgão mais democrático e com tratamento mais igualitário entre seus membros. Ao mesmo tempo, ele defende a criação de um conselho de segurança econômica, que seria responsável, dentre outras coisas, por balizar a regulação dos mercados. O combate ao crime organizado e ao terrorismo aparecem como exemplo de problema que deveria ser enfrentado pela comunidade global em seu conjunto.<sup>560</sup>

---

<sup>557</sup> GORBACHEV, 2000, p. 224.

<sup>558</sup> GORBACHEV, 2000, p. 225.

<sup>559</sup> GORBACHEV, 2000, p. 225.

<sup>560</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 228-229.

Para que tais objetivos fossem alcançados, o autor ressalta a necessidade de uma participação mais ativa não apenas dos Estados membros, mas também de outros atores importantes no debate. Como exemplo, ele destaca os políticos profissionais, os representantes das categorias sociais (cientistas, empresários, trabalhadores, etc.) e a sociedade civil organizada, de modo que as discussões contemplassem os mais variados aspectos e interesses da sociedade global:

Portanto, devemos reiterar uma proposta apresentada anteriormente: vamos estabelecer, sob os auspícios da ONU, uma espécie de conselho permanente de “cérebros” de todo o mundo (ou "conselho dos sábios"). Isso consistiria em pessoas sem deveres governamentais e livres de quaisquer preconceitos ou limitações ideológicas ou outros, pessoas capazes de avaliar objetivamente os novos fenômenos nos desenvolvimentos mundiais e traduzir suas conclusões em recomendações práticas. A experiência e a autoridade dos vencedores do Prêmio Nobel poderiam ser utilizadas nesse sentido.<sup>lxix</sup>

O envolvimento da sociedade civil é visto por Gorbachev como um elemento essencial para que a comunidade global pudesse lidar com um segundo desafio que se impunha naquele momento: o respeito à diversidade. O ex-líder soviético destaca que o desenvolvimento do processo de globalização no campo cultural incorporava dois movimentos simultâneos e contraditórios. De um lado, o avanço das interconexões a partir de realidades desiguais, sobretudo em seu desenvolvimento econômico e tecnológico, levava a uma tendência de padronização e imposição de culturas dominantes, o imperialismo cultural. Como resposta, houve também o crescimento de movimentos de afirmação das culturas locais e de rejeição à homogeneização vinda de cima, movimento que se expressava inclusive por meio de levantes separatistas e autonomistas. A interdependência, portanto, se convertera num processo que causava ao mesmo tempo forte atração e repulsa.<sup>561</sup>

Em que pese respeito às particularidades e a autodeterminação dos povos, Gorbachev também dirigiu críticas ao que considera correntes nacionalistas agressivas ou “hiper-etnocentrismo”. Retomando um raciocínio que expressara em *Dezembro-91*, o autor questiona as vantagens do esfacelamento de estados multinacionais construídos

---

<sup>561</sup> GORBACHEV, 2000, p. 232.

historicamente para a formação de pequenos países etnicamente hegemônicos, numa clara referência a experiência vivida durante a desintegração soviética. Ele afirma que embora a separação pudesse parecer a princípio uma solução viável, em muitos casos ela apenas agravava as condições de vida das populações, uma vez que não apenas destrói laços econômicos e culturais estabelecidos, como também dá origem a novas dificuldades, como a xenofobia.<sup>562</sup>

Para Gorbachev, a solução estava no federalismo, capaz de combinar as vantagens da união com respeito às diferenças de cada povo.<sup>563</sup> Vale lembrar que esse foi o modelo proposto pelo líder na fase final da *perestroika*, diante do crescimento da questão das nacionalidades e dos movimentos autonomistas no interior da URSS. Sua inspiração parece bastante alinhada à experiência do sistema vigente nos EUA, embora no caso norte-americano a formação histórica e a composição étnico-nacional fossem bastante distintas da realidade soviética e russa. Formalmente, a Rússia pós-soviética adotou uma estrutura federativa, que durante os anos Iéltsin garantiu maior autonomia e poderes aos líderes regionais – em troca de apoio ao presidente –, sofrendo um processo inverso de fortalecimento da autoridade central durante a era Putin.

Ainda acerca das contradições entre a homogeneização e diversidade como facetas da globalização, o ex-secretário-geral do CC do PCUS cita dois autores que naquele momento apresentavam diagnósticos sobre o desenrolar desse processo. A primeira referência se dirige à Francis Fukuyama, a quem Gorbachev questiona o argumento de que o modelo liberal, tanto na política quanto na economia, havia estabelecido um ponto ótimo de equilíbrio e regulação da sociedade. Na visão do ex-líder russo, o fim da Guerra Fria não demonstrou apenas o limite do modelo soviético, mas representara também o esgotamento do sistema liberal vigente no bloco capitalista, culminando nas diversas e graves crises experimentadas no final da década de 1990.

Outro autor com quem Gorbachev procura dialogar é Samuel P. Huntington e sua análise do “Choque de Civilizações”. Para o cientista político norte-americano, o fim das disputas ideológicas entre os blocos que caracterizara o século XX não cedera lugar à hegemonia de um único modelo, como defendia Fukuyama. Pelo contrário, com o fim da Guerra Fria, a dinâmica global havia retornado a um ambiente de conflito entre

---

<sup>562</sup> GORBACHEV, 2000, p. 234.

<sup>563</sup> GORBACHEV, 2000, p. 235.

diferentes culturas e modelos sociais, expressas no conceito de civilização. Gorbachev, embora concorde com o cenário e algumas tendências descritas pelo autor, acredita ser possível evitar conflitos diretos ou eventuais sobreposições de uma civilização sobre a outra por meio dos mecanismos de diálogo e regulação propostos em seu “Novo Pensamento”.<sup>564</sup>

Seguindo essa perspectiva, Gorbachev dedica um capítulo para discutir a dimensão e os aspectos gerais dos principais problemas globais. Ele afirma que pela primeira vez na história a comunidade mundial se via diante de desafios que, se não solucionados, ameaçam a extinção de toda a humanidade.<sup>565</sup> A manutenção da mentalidade egoísta na esfera econômica, que se sobrepunha a iniciativas e diálogos solidários, levava ao que o autor define como “Rota do Mau” no desenvolvimento, isto é, um paradigma de progresso de natureza individualista, pautado na falsa percepção do homem como senhor da natureza.<sup>566</sup> Ele aponta ainda que essa noção de progresso não atingia a todos igualmente, provocando o aumento das desigualdades em escala mundial. Seu enfrentamento passava, portanto, pela a transição para a sociedade pós-industrial, que deveria levar em consideração todos os aspectos da vida e as necessidades dos seres humanos, para além do lucro e do consumo.<sup>567</sup>

As desigualdades geradas pelo sistema ultrapassado também implicam em especificidades a serem observadas no que tange às responsabilidades e às consequências das ações dos vários atores no cenário global. Ainda que a superação dos problemas mundiais dependesse de uma ação conjunta, Gorbachev ressalta não ser possível atribuir as mesmas tarefas a países de realidade e condições distintas. Ele defende que grande parte dos problemas enfrentados pelas nações mais pobres são, na realidade, legados do seu passado colonial, sendo, portanto, responsabilidade das nações ricas, suas antigas metrópoles. Ainda em relação aos países do sul global, o ex-líder aponta que a combinação do fim dos regimes coloniais e da desilusão em relação à experiência do socialismo real abrisse margem para que essas nações pudessem finalmente construir caminhos próprios rumo ao desenvolvimento, reunindo as

---

<sup>564</sup> GORBACHEV, 2000, p. 237.

<sup>565</sup> GORBACHEV, 2000, p. 240.

<sup>566</sup> GORBACHEV, 2000, p. 242.

<sup>567</sup> GORBACHEV, 2000, p. 247.



vantagens dos vários modelos já existentes às suas próprias especificidades e particularidades.<sup>568</sup>

Outro capítulo da obra é dedicado aos desafios do poder político. Aqui, Gorbachev sinaliza que desde o pós-Guerra, diante do horror vivido na primeira metade do século XX, aumentaram as experiências e iniciativas de resolução pacífica e política de conflitos. Ainda assim, o estabelecimento de uma eventual nova ordem mundial baseada no diálogo e na diplomacia estavam ameaçadas à beira do século XXI pela intensificação de conflitos étnico, nacionais e territoriais, bem como pela retomada da corrida armamentista em escala global – seja pela militarização ostensiva das nações do Sul, seja pelo desenvolvimento de novas tecnologias bélicas nos países do Norte.<sup>569</sup>

Como resposta a esse cenário, Gorbachev destaca três medidas que deveriam ser tomadas de imediato para frear o retrocesso na segurança internacional: em primeiro lugar, a manutenção e ampliação das metas de redução de arsenais pelas grandes potências; em paralelo, o controle efetivo da proliferação nuclear entre os demais Estados, evitando situações como a do Paquistão, que realizara seu primeiro teste atômico em 1998; por fim, ele a criação de um sistema mútuo de controle e monitoramento, a fim de garantir não apenas a não proliferação, mas o atingimento das metas com vistas a total eliminação das armas nucleares.<sup>570</sup>

Para além do perigo nuclear, Gorbachev também criticava a expansão do comércio mundial de armas, com destaque para o papel desempenhado pelo complexo industrial militar dos EUA. Nessa perspectiva, ele afirma que a redução desse mercado é dever dos grandes países produtores, contrariando o lobby dos setores que lucram com essa indústria da violência. Em respostas aos que afirmavam que isso poderia provocar perdas econômicas significativas, o ex-líder propunha a conversão do parque produtivo bélico em estruturas civis, voltadas à produção de itens de consumo, bens de capital ou tecnologias que atendessem às reais demandas da sociedade.<sup>571</sup> Aqui, ele procura estabelecer algum paralelismo com propostas e iniciativas que tentara colocar em prática durante as reformas que comandou na URSS a partir de 1985, sem, contudo,

---

<sup>568</sup> GORBACHEV, 2000, p. 245.

<sup>569</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 249-250.

<sup>570</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 251-252.

<sup>571</sup> GORBACHEV, 2000, p. 253.

abordar as dificuldades que o próprio sistema soviético enfrentara para realizar as conversões dessa natureza, que se revelaram bastante complexas.

Uma proposta interessante surge também em relação ao que ele define como “áreas de fronteira entre civilizações”. Aparentemente inspirado pelas ideias de Huntington, Gorbachev afirma que zonas como o Oriente Médio e o Mediterrâneo são naturalmente susceptíveis a potenciais conflitos em virtude de configurarem regiões limítrofes entre distintas civilizações. Nesse sentido, a comunidade internacional deveria estar atenta e formular políticas de segurança específicas, pensadas de forma negociada para evitar ou sanar eventuais confrontos.<sup>572</sup> Como em outras reflexões expostas nessa análise, Gorbachev parece se amparar em arcabouço teórico iluminista, acreditando na possibilidade de uma saída racional capaz de contornar as diferenças, sem negá-las ou desrespeitá-las.

Na sequência, Gorbachev passa a tratar de outro assunto caro à sua reflexão: os desafios da democracia. Ele considerava que graças a *perestroika* o cenário distópico previsto por George Orwell em seu *1984*, não se concretizara: o totalitarismo não se consolidara pelo mundo e fora inclusive derrubado. Mas citando a experiência recente de seu país, ele afirma que vitória frente ao autoritarismo não estava ganha e que, às vésperas do novo século, a consolidação democrática estava em risco:

Infelizmente, até agora não podemos dizer que a superação do totalitarismo na União Soviética resultou na genuína democratização da sociedade russa ou das outras ex-Repúblicas da União Soviética. A liberdade de escolha oferecida pela *perestroika* não resultou de maneira alguma na escolha da liberdade genuína.

O regime na Rússia hoje pode ser chamado de democrático apenas em parte. Existem formas e instituições externas características da democracia, mas seu conteúdo permanece autoritário em muitos aspectos. Além disso, na Rússia e em outros países da antiga União Soviética continuam existindo forças que anseiam um retorno ao passado essencialmente totalitário (embora um retorno completo a esse passado simplesmente não seja possível).<sup>lxx</sup>

---

<sup>572</sup> GORBACHEV, 2000, p. 254.

Interessante notar que nos primeiros escritos pós-Kremlin, Gorbachev sinalizava que a *perestroika* havia assegurado o caminho sem retorno da Rússia rumo à democracia. Mas passada quase uma década desde sua renúncia, ele parecia entender que por mais que as reformas do período final da URSS pudessem ter aberto espaço para a democratização da sociedade, sua consolidação ainda não estava assegurada. O desenvolvimento das forças democráticas, como o próprio líder se refere no trecho acima transcrito, se produz a partir da combinação entre estruturas e conteúdos democráticos, estes últimos entendidos desde a mentalidade de sua população até a cultura política de suas lideranças.

E não era apenas no antigo bloco socialista que a democracia enfrentava dificuldades. O autor afirma que também no Ocidente, a democracia liberal tradicional vivia um momento de crise. Na esfera econômica, Gorbachev destaca que o neoliberalismo aplicado de forma estreita ampliava a tensão e insatisfação popular. Nos países que seguiram o receituário monetarista, crescia o afastamento da identificação da população para com os partidos políticos e as instituições representativas, colocando em risco a legitimidade de todo o sistema.<sup>573</sup>

Ainda assim, o ex-líder mantém sua crença na democracia como meio ideal na geração de estabilidade, tanto no âmbito doméstico de cada país como no plano internacional. No entanto, ele conclama as lideranças globais para uma retomada democrática, proporcionando transformações nesse modelo a partir das experiências recentes de crise e reformas. Dentre as principais medidas, Gorbachev destaca a necessidade de se reduzir as distâncias entre a população e as estruturas de poder, com ênfase nos processos de descentralização da tomada de decisão. Ele aproveita ainda para fazer uma crítica direta à imposição externa de determinados modelos democráticos, a exemplo da atuação dos EUA em diversos países. Ao mesmo tempo, ele ressalta que as potências ocidentais, embora publicamente defendessem os valores democráticos, atuavam no cenário internacional de forma bastante autoritária e egoísta.<sup>574</sup>

Ele conclui sua reflexão acerca dos desafios da democracia propondo a instauração de mecanismos de controle efetivo do cumprimento dos Direitos Humanos pela Comunidade Internacional. Para Gorbachev, os organismos internacionais devem

---

<sup>573</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 262-263.

<sup>574</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 264-265.

fiscalizar e fazer cumprir as convenções internacionais, tanto no centro quanto na periferia global. Ele destaca ainda que ao longo dos anos 1990 houve denúncias de violação dos Direitos Humanos na Rússia que sinalizavam a retomada das práticas autoritárias combatidas pelas reformas que ele iniciara na década anterior – reforçando suas críticas à atuação de Iéltsin.<sup>575</sup>

O penúltimo capítulo da obra é dedicado à discussão acerca dos valores humanistas, de caráter universal, que deveriam balizar a atuação da comunidade global em sua nova ordenação. Para o autor, a História da humanidade pode ser vista também como uma história dos valores que guiam os seres humanos em sua jornada. Em todos esses momentos, ele identifica uma base comum nesses valores, universal entre os diferentes grupos e nações. Tal base seria formada por pontos de interconexão, que se expressam muitas vezes em determinados aspectos culturais e principalmente religiosos.<sup>576</sup>

Para Gorbachev, a sociedade contemporânea encontrava-se distante de um conjunto de valores universais em razão da forte distorção criada por determinadas forças a fim de justificar ações incompatíveis com os reais interesses da humanidade. Os “novos” valores propagados ao redor do mundo estariam baseados no egoísmo e no individualismo, fazendo da “liberdade de ter” o principal objetivo da sociedade - uma crítica direta à ideologia do consumo vigente no Ocidente.<sup>577</sup> Em outras palavras, o desafio que se impunha à humanidade às vésperas do novo século era a superação do paradigma individualista, reforçado pelas principais correntes de pensamento que dominavam o ambiente intelectual, político e econômico no final dos anos 1990, e substituí-lo por um modelo que se alicerça-se em princípios de natureza coletiva e colaborativa.

Como resposta, Gorbachev defende a necessidade de retomada do que considera valores espirituais e morais clássicos, de natureza humanista, que perpassaram diferentes culturas, civilizações e períodos históricos. Ele vê na globalização uma oportunidade singular para se estabelecer um diálogo entre os diversos interesses e pontos de vista, a fim de se chegar à construção desses denominadores comuns. Na

---

<sup>575</sup> GORBACHEV, 2000, p. 266.

<sup>576</sup> GORBACHEV, 2000, p. 268.

<sup>577</sup> GORBACHEV, 2000, p. 269.

perspectiva contrária, ela afirma que o mundo já conheceu por meio do fascismo e do stalinismo até onde é possível se chegar com o afastamento em relação a esses valores.

Mas quais seriam, por fim, esses valores? Embora argumente que a identificação desses pontos de contato e sua definição somente fosse possível através do diálogo entre as diferentes nações e culturas, Gorbachev destaca dois princípios que considera basilares. O primeiro deles é a tolerância, que segundo ele se faz essencial para lidar com a diversidade e a multiplicidade do cenário internacional. Nas palavras do próprio autor:

Nesse ponto, deve-se enfatizar que, para a política internacional, certos valores adquiriram um significado especialmente grande hoje. Entre esses valores está a tolerância. Dada a grande multiplicidade e diversidade do mundo, sua viabilidade e a viabilidade de suas partes componentes dependem amplamente de quanta tolerância há para diferenças.<sup>lxxi</sup>

O segundo valor apontado por Gorbachev é a solidariedade. A relação solidária entre os povos, pautada no respeito e no apoio mútuo, se opõe diretamente ao egoísmo disseminado pelo mercado e pela ideologia neoliberal. O ex-líder soviético não propõe, contudo, a ruptura ou rejeição aos princípios liberais em si. Como já apontado anteriormente, para ele não se tratava de uma escolha dicotômica entre liberalismo e socialismo, individualismo ou coletivismo, uma vez que a opção isolada desses modelos já demonstrara suas limitações. A solução estaria na combinação das vantagens, enfrentando os excessos de um com as potencialidades do outro. Isso permitiria a formulação de um conjunto valorativo que fosse capaz de pensar a humanidade em sua integralidade, com as contradições inerentes entre indivíduo e coletividade:

O desenvolvimento do pensamento global para toda a humanidade está agora na agenda. Tendo raízes em comum com o pensamento individual, esse pensamento global pode tomar forma como resultado lógico do desenvolvimento e aprimoramento do pensamento individual. Toda a história intelectual tem sido essencialmente a história da ampliação de horizontes e fronteiras. Chegou a hora em que todo o nosso planeta deve ser o horizonte.<sup>lxxii</sup>

O último capítulo do livro consiste numa provocação aos que partilham das ideias de Francis Fukuyama. Intitulado “O começo da História?”, Gorbachev argumenta

que, ao contrário do que defendia o autor norte-americano, a história não estava – e jamais estará – encerrada. Ao contrário, novos desafios se apresentavam à medida que o ciclo do mercado, que muitos consideravam vitorioso no pós-Guerra Fria, dava sinais claros de que chegara ao seu limite.<sup>578</sup>

Ele reafirma que muitos dos objetivos pretendidos pela *perestroika* e pelo “Novo Pensamento” ainda não haviam sido alcançados ou não se consolidaram por completo. Embora a realidade não fosse exatamente a mesma ao final do século XX, Gorbachev argumenta que essas metas precisavam permanecer na agenda das lideranças globais. Só assim ordem transitória cederia lugar a uma nova sociedade orientada não apenas para a sua sobrevivência, mas que estendesse o progresso a todos e fosse capaz de reproduzir de forma saudável e sustentável suas condições de existência:

Surgiu a necessidade urgente de uma nova transição na qual as sociedades sejam organizadas de acordo com princípios que permitiriam a eliminação das ameaças sem paralelo que põem em perigo a própria existência da humanidade: precisamos substituir uma civilização que produz sem pensar, que está esgotando os recursos naturais da qual depende sua existência, por uma civilização que reproduz constantemente as condições necessárias para sua existência, acumulando e não destruindo o potencial de desenvolvimento futuro. Precisamos de uma civilização que vise não apenas sobreviver, mas viver ao máximo e proporcionar uma vida plena para as gerações presentes e futuras.<sup>lxxiii</sup>

Finalizando a análise da obra, fica evidente a singularidade desse trabalho quando comparado às demais publicações do autor nessa primeira fase pós-*perestroika*. Ainda que alguns elementos de narrativa e resgate da memória estejam presentes e orientem a direção do texto, Gorbachev desenvolve neste livro um exercício teórico e analítico bastante interessante, que fornece elementos essenciais para a compreensão de suas ideias e reflexões. Posicionamentos que vinham sendo reafirmados em seus livros, artigos e discursos ao longo dos anos 1990 ganham aqui maior profundidade, revelando a base teórica em que se alicerçavam e estabelecendo uma conexão entre as suas diferentes propostas para as esferas política, econômica e social. E ainda que não siga o rigor de um tratado acadêmico, a última obra publicada por Gorbachev durante a Era

---

<sup>578</sup> GORBACHEV, 2000 p.278

Iéltsin corrobora com nossa hipótese de que o ex-líder soviético também contribuiu com o debate teórico ao longo dos processos políticos e econômicos com o qual interagiu, atuando não apenas como agente político, mas também desenvolveu um importante protagonismo intelectual.

#### *Capítulo IV - Um incorrigível otimista – Era Putin (2000-2015)*

Ainda em setembro de 1999, Gorbachev sofreria o que ele mesmo definiu como o maior golpe de sua vida pessoal: a morte de sua esposa, Raisa Gorbachev. Ele já havia se afastado das aparições públicas após a descoberta da doença de Raisa, retomando sua agenda de compromissos poucos meses após o falecimento da companheira. Em inúmeras ocasiões ao longo dos anos 2000, o ex-líder soviético lembrou as dificuldades que enfrentara para superar a perda de sua companheira e como o trabalho – sua atuação política dentro e fora da Rússia – o ajudara a lidar com a questão.<sup>579</sup>

Se a virada do século trouxera mudanças profundas na vida pessoal de Gorbachev, não menos significativas foram as transformações em curso tanto no cenário interno russo quanto no plano global. Na política doméstica, Boris Iéltsin surpreenderia ao anunciar, em 31 de dezembro de 1999, sua renúncia ao posto de presidente da República. Conforme previa a constituição, o posto passou a ser ocupado interinamente pelo primeiro-ministro do país, Vladimir Putin, até a convocação de novas eleições, marcadas para março de 2000.

Putin havia sido nomeado para o cargo em agosto de 1999 e desde então sua popularidade crescera em decorrência de sua atuação na Segunda Guerra da Chechênia. A postura do chefe de governo foi vista por grande parte dos russos como uma demonstração de firmeza, após anos de instabilidade política e fragilidade institucional. Com um discurso alicerçado na defesa da unidade e no resgate da estabilidade nacional, Putin vence as eleições e em 7 de maio de 2000 se torna o segundo presidente da Federação Russa desde a dissolução soviética.

Os primeiros anos da chamada “Era Putin” foram marcados pela retomada do crescimento econômico, após um declínio acentuado durante a liderança de Iéltsin. Segundo dados do Banco Mundial, a economia russa cresceu a uma média superior a 7% ao ano durante os dois primeiros mandatos de Putin (2000-2008), totalizando em 2008 um crescimento acumulado do PIB superior a 180% em relação a 1999.<sup>580</sup> Autores apontam que este crescimento acelerado da economia russa se deu graças a uma

---

<sup>579</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 104.

<sup>580</sup> Dados para valor do Produto Interno Bruto (Paridade Poder de Compra) em dólares internacionais. Dados extraídos de: WB, 2019.



combinação de fatores conjunturais positivos – aumento do preço dos hidrocarbonetos e os efeitos “positivos” após o auge da crise financeira russa da década de 1990 – e de medidas acertadas adotadas pelo novo governo – reforma tributária e investimentos no setor real da economia.<sup>581</sup> Ainda que na prática o incremento registrado no período tenha sido suficiente apenas para recuperar os níveis econômicos da época soviética (1991), para a população em geral o sentimento era de que o país vivia sua primeira maré positiva desde o início da *perestroika*.

Se de um lado o desempenho econômico favorecia o novo governo, no âmbito político a situação não era diferente. Com a ascensão de Putin, a Rússia vivenciou um período de estabilização e pacificação política interna, sobretudo quando comparada às turbulências das duas décadas anteriores. O governo moscovita conseguiu restabelecer o controle efetivo sobre a Chechênia e passou a combater os movimentos rebeldes e autonomistas, que ao longo da primeira década do novo século seriam responsáveis por uma série de atentados terroristas no país.

Em 2004, Putin promoveu uma importante reforma política e administrativa, cuja principal medida fora o fim da eleição direta dos governadores locais, que passaram a ser indicados pelo presidente e referendados pelos respectivos parlamentos regionais. Outra mudança fundamental foi a normatização das competências dos poderes centrais e locais, bem como a resolução de conflitos legais entre as diferentes esferas da administração, com a primazia das decisões tomadas em Moscou. Em seu conjunto, as medidas adotadas por Putin visavam restabelecer a supremacia do poder central, que ao longo da Era Iéltsin foi sendo desidratado e utilizado como instrumento barganha política do ex-presidente em troca de apoio das lideranças regionais.

Em paralelo esse processo de (re)centralização, Putin travou também outra batalha pelo poder, agora contra o grupo de oligarcas poderosos que, ao longo dos anos 1990, se aliara ao governo de seu antecessor para dar-lhe sustentação em troca de uma série de benesses e privilégios. Inicialmente, muitos desses empresários e burocratas apoiaram a eleição de Putin, que uma vez no poder conduziu uma campanha visando restringir o poder desse grupo. O objetivo do novo presidente não parecia ser acabar com o sistema oligárquico constituído desde o fim da URSS, mas sim submetê-lo a sua autoridade. Dentre os casos mais emblemáticos dessa empreitada, destacam-se os

---

<sup>581</sup> Cf.: ASLUND, 2008; SEGRILLO, 2008.

processos movidos contra Mikhail Khodorkovski e Boris Berezovsky. Embora fosse claro o interesse de Putin nessas ações, formalmente todos os processos eram conduzidos pelo sistema judiciário, sob a alegação de combate a crimes financeiros e corrupção.

Enquanto a Rússia parecia retomar a rota da estabilidade política e econômica no âmbito doméstico, no cenário internacional, por sua vez, caminhava na direção oposta. A “pax americana”, inaugurada nos discursos oficiais da década de 1990 como resultado da pretensa vitória de Washington e do modelo neoliberal na guerra fria, se viu sob ameaça na alvorada do novo século. No campo econômico, o fortalecimento da União Europeia e a emergência de novos atores de peso, com especial destaque para a franca expansão da economia chinesa, colocaram em xeque a supremacia dos norte-americanos. Mas é talvez no âmbito político que a hegemonia dos EUA foi mais seriamente abalada. Para além do fortalecimento de novos pólos de poder, os ataques ocorridos em 11 de setembro de 2001 inaugurariam uma nova etapa nas relações internacionais, derrubando o mito da invulnerabilidade estadunidense e trazendo à tona dois novos componentes à dinâmica global: o terrorismo e a Guerra ao Terror.

Todas essas mudanças nos cenários internos e externos, além da perda de Raisa, impactaram diretamente as reflexões e a produção intelectual de Gorbachev a partir dos anos 2000. Embora a defesa das reformas implementadas por ele durante o período em que esteve à frente da URSS permaneça presente em suas manifestações públicas, novos elementos ganham centralidade nesse período. Ao debater as questões internas de seu país, Gorbachev reforça suas críticas à gestão de seu sucessor, Boris Iéltsin, e discute o desenrolar da realidade política e econômica da Rússia, especialmente no que tange à consolidação democrática e a atuação dos presidentes Vladimir Putin e Dmitri Medvedev. Em paralelo, o ex-líder soviético aborda também questões de caráter global, fazendo um diagnóstico dos principais problemas internacionais, reforçando sua dedicação às causas ambientais e refletindo fenômenos contemporâneos como a globalização e a segurança coletiva.

### ***O caminho que percorremos, os desafios que enfrentamos***

Sintomático da forte simpatia que desfrutava junto ao público estrangeiro, Gorbachev era procurado com frequência pelos veículos internacionais de imprensa para se manifestar acerca dos processos e eventos ocorridos na Rússia. Mas enquanto no

exterior sua popularidade continuava em alta, entre seus conterrâneos a imagem do ex-líder soviético permanecia bastante prejudicada. Em um estudo sobre a representação de Gorbachev na mídia russa nas primeiras décadas do século XX, Vanhala-Aniszewski e Siilin, reforçam esse diagnóstico, afirmando que a atitude desses veículos diante do ex-líder soviético oscilava entre a indiferença e a crítica, além de ser colocado em uma posição bastante marginal.<sup>582</sup>

O tratamento da mídia doméstica parecia refletir a imagem que se cristalizava na população russa em relação a Gorbachev. Segundo levantamento do centro de pesquisa russo Levada em 1999, 61% dos respondentes avaliavam que a liderança de Gorbachev havia sido mais negativa do que positiva para o país, frente a apenas 9% que a aprovavam.<sup>583</sup> Dois anos depois, outra pesquisa, desta vez conduzida pelo Centro de Estudos da Opinião Pública da Rússia (VTsIOM), revelou que 40% dos entrevistados tinham uma imagem negativa do último líder soviético, 26% eram indiferentes e apenas 34% o viam de forma positiva.<sup>584</sup>

Logo na virada do século, ele se tornou colunista quinzenal no jornal norte-americano *The New York Times* e frequentemente concedia entrevistas a outras publicações importantes no exterior, como as revistas *NewsWeek* e *Times*. Algumas dessas manifestações, datadas entre 2001 e 2005, foram reunidas e publicadas pela Fundação Gorbachev em 2006, sob o título *The Road We Traveled, The Challenges We Face* [O caminho que percorremos, os desafios que enfrentamos]. Como veremos a seguir, os posicionamentos de Gorbachev em relação ao cenário interno e à atuação internacional russa surpreenderiam seus expectadores, acostumados a vê-lo questionar a tendência autoritária crescente em seu país na década anterior.

Um objeto frequente de interesse dos repórteres estrangeiros nesse período era a opinião de Gorbachev acerca das políticas e ações adotadas pelo novo governo russo, especialmente no que dizia respeito à responsabilidade da gestão Putin nas investidas contra veículos de imprensa e os riscos à democracia em seu país. Nos primeiros anos daquela década, alguns dos principais veículos de comunicação da Rússia estavam sendo objeto de investigação, muitas das quais desdobramentos dos processos abertos

---

<sup>582</sup> VANHALA-ANISZEWSKI; SIILIN, 2013, p. 239.

<sup>583</sup> Cf.:LEVADA, 2016.

<sup>584</sup> Cf.:VTsIOM, 2001a.

contra os oligarcas que apoiavam Iéltsin - e que controlavam boa parte desses veículos. Para grande parte dos analistas, jornalistas e autoridades do Ocidente, tratava-se de uma ação orquestrada pelo Kremlin para controlar a imprensa e submetê-la aos interesses da nova liderança.

Em resposta a tais questionamentos, Gorbachev declarava abertamente seu apoio a Vladimir Putin e sua crença no compromisso do novo líder com os valores democráticos. Em entrevista concedida a *NewsWeek*, em 2001, ele afirma que a democracia continuava se consolidando na Rússia, mas que era necessário permanecer vigilante quanto a possíveis desvios nesse processo. Para o ex-líder soviético, sua *perestroika* havia criado bases sólidas para que a democracia se desenvolvesse no país, especialmente na mentalidade e consciência dos cidadãos.<sup>585</sup> Embora tenha apontado diversas vezes uma tendência crescente do autoritarismo na liderança russo durante os anos 1990, o ex-líder soviético parece enxergar um retorno de seu país à trajetória democrática com a ascensão do novo governante.

Questionado acerca das acusações de perseguição aos meios de comunicação pelo governo, Gorbachev reforçou sua confiança no novo presidente, relatando encontros pessoais que realizara com Putin, nos quais este se afirmara comprometido com o fortalecimento da democracia no país. Para o ex-líder soviético, as medidas mais duras que o governo russo vinha adotando naquele momento estavam diretamente relacionadas à superação do difícil legado deixado por Iéltsin, que aparelhara o Estado e as principais instituições do país. Ele afirma ainda que Putin vinha sofrendo muitas pressões internas enquanto trabalhava para superar o caos político e econômico deixado por seu antecessor. Gorbachev assegurou ainda que embora o então mandatário tivesse de fato cometido erros, no geral ele estava conduzido acertadamente o país no caminho da superação e estabilização.<sup>586</sup>

Em outra interessante entrevista dada à imprensa russa, Gorbachev relatava sua dedicação para a criação do Partido Social Democrata Unido da Rússia, fundado em março de 2000 a partir da junção de uma série de movimentos menores que defendiam essa tendência. Em 2001, o partido se fundiu com o Partido da Social Democracia da Rússia, então sob a liderança de Konstantin Titov, formando o Partido Social

---

<sup>585</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 104

<sup>586</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 105

Democrata da Rússia (SDPR). Na conversa com os jornalistas, Gorbachev afirma que entendia a Rússia como um país essencialmente social-democrata, algo que estava na essência desse Estado e na mentalidade do seu povo. Ele afirma ainda que essa visão era compartilhada pelo próprio presidente Putin – algo que talvez ajude a explicar a simpatia e empolgação de Gorbachev com o novo líder em sua fase inicial.<sup>587</sup>

As palavras de Gorbachev apontam para sua crença de que a criação do partido se alinhava às expectativas do povo russo. No entanto, pesquisas de opinião pública realizadas à época indicavam um cenário diferente. Segundo o Centro de Estudos da Opinião Pública da Rússia (VTsiOM), em 2001, 85% dos eleitores não votaria no SDPR sob a liderança de Gorbachev para as eleições parlamentares seguintes.<sup>588</sup> Fosse pela falta de adesão às ideias social-democratas, fosse pela rejeição ao ex-líder soviético, a agremiação não alcançou popularidade entre os russos.

Também se dirigindo a seus compatriotas, desta vez em entrevista à *Novaya Gazeta*, o ex-líder soviético afirmou crer que a movimentação do novo presidente na questão das mídias e dos processos contra oligarcas representava o início de sua batalha contra a corrupção, herdada do período Iéltsin. Ele também ressaltava que a despeito de eventuais excessos e da necessidade de reforma do sistema judiciário russo, confiava nas intenções de Putin.<sup>589</sup> Também elogiou a postura inicial do novo presidente na relação com os rebeldes Chechenos, vista nesse primeiro momento como uma tentativa de redução do uso estrito das forças militares e a intensificação das negociações políticas e diplomáticas.<sup>590</sup>

O próprio Gorbachev, contudo, acabaria se tornando alvo de uma dessas acusações de corrupção, que naquele momento surgiam com frequência na mídia russa. Em 2003, um programa do canal televisivo TVC acusou o ex-líder soviético de ter recebido recursos ilícitos enquanto ainda ocupava a presidência da URSS, citando fontes de uma investigação em curso na Duma. Gorbachev negou publicamente que tivesse recebido qualquer vantagem indevida e apresentou explicações aos

---

<sup>587</sup> Cf.: GORBACHEV, 2001

<sup>588</sup> Cf.: VTsiOM, 2001b.

<sup>589</sup> GORBACHEV, 2002b.

<sup>590</sup> GORBACHEV, 2002c.

investigadores que cuidavam da denúncia, que ao final não encontraram provas contra o ex-presidente.<sup>591</sup>

O apreço de Gorbachev pelo novo presidente permaneceria inabalável durante quase todo o primeiro mandato de Putin. As eleições parlamentares de 2003 foram bastante questionadas por políticos e organizações dentro e fora da Rússia. Críticos afirmavam que algumas reformas na legislação eleitoral, adotadas pouco antes do processo, aliadas ao avanço do controle estatal sobre a imprensa, resultaram no comprometimento da lisura, competitividade e liberdade do processo eleitoral. Ao final do processo, o partido do governo e seus aliados obtiveram uma folgada maioria legislativa. Meses depois, em março de 2004, Vladimir Putin alcançou também uma vitória tranquila sobre o candidato comunista Nikolai Kharitonov nas eleições presidenciais, conquistando sua reeleição.

Em entrevista ao jornal norte-americano *LA Times*, em 2004, o último líder soviético reconhece a ocorrência de problemas na eleição que havia escolhido os integrantes da Duma, mas isenta novamente o presidente de uma responsabilidade direta sobre as irregularidades.<sup>592</sup> Na ocasião, ele não só volta a defender Putin como ainda faz uma alerta contra o que considerava uma pressão exagerada exercida pelo Ocidente em relação ao governo russo, o que poderia resultar, segundo ele, no agravamento de sentimentos hostis e reforçar velhas práticas do período da Guerra Fria, além de comprometer a estabilidade da dinâmica doméstica de seu país e de toda geopolítica global.<sup>593</sup>

Gorbachev reafirma também sua crença na consolidação da democracia russa, rejeitando as afirmações – frequentes, sobretudo no Ocidente - de que estava em curso um avanço no autoritarismo sob Putin.<sup>594</sup> O último líder soviético acreditava que o mandatário reunia as condições necessárias para reerguer o país e que vinha alcançando bons resultados nessa empreitada. Ele destaca, contudo, que o sucesso dessas políticas e da própria democracia russa dependia em grande medida das decisões do presidente a partir daquele momento:

---

<sup>591</sup> Cf.: GORBACHEV, 2003a; GORBACHEV, 2003b.

<sup>592</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 119

<sup>593</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 120.

<sup>594</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 119

"A posição do presidente será decisiva, [...] se ele usar seu poder para continuar as reformas democráticas, modernizar o país e resolver os muitos problemas do país, a Rússia avançará. Se ele usar o poder apenas para retê-lo, para tornar seu poder ainda mais forte, então isso, para mim, seria uma grande decepção."<sup>595</sup>

Nota-se que embora confiante nas intenções de Putin, Gorbachev parecia ter consciência dos riscos que o processo de consolidação democrática da Rússia corria naquele momento. O ex-líder soviético não negava os erros ou que medidas autoritárias tivessem sido adotadas pelo novo governo, mas relativizava-as frente à situação vivida por seu país, retirando boa parte da responsabilidade de Putin e direcionando-a a seu antecessor no cargo. E ainda que reconhecesse e celebrasse a melhora dos indicadores econômicos durante governo Putin, Gorbachev ressaltava ao mesmo tempo que esse incremento estava alicerçado, em grande medida, no aumento dos preços dos hidrocarbonetos e que a verdadeira recuperação da economia russa deveria se assentar no avanço da esfera produtiva e na modernização do país.<sup>595</sup>

Em uma entrevista concedida à agência de notícias *Christian Science Monitor*, em 2005, Gorbachev alega que os críticos externos não conheciam adequadamente a realidade russa e que diante dos altos índices de pobreza e das dificuldades econômicas, políticas e sociais enfrentadas pelo país desde a década anterior, algumas medidas mais duras ou até mesmo autoritárias, ainda que limitadas, poderiam ser necessárias.<sup>596</sup>

Para aqueles que se acostumaram a associar Gorbachev com as reformas que puseram fim ao regime autoritário vigente na URSS, essas palavras pareciam uma ruptura no pensamento do ex-líder da *perestroika*. Mas na mesma entrevista, Gorbachev procurou reforçar sua crença na democracia enquanto único regime capaz de responder às necessidades de todos os países. Para tanto, ele afirmava que a democracia jamais poderia ser imposta e que o modelo ocidental não deveria ser tido como único e universal. A democracia deveria, assim, nascer da vontade de cada povo e se adaptar à realidade e às especificidades dos países. Isso não representaria a criação de novos

---

<sup>595</sup> GORBACHEV, 2004a.

<sup>596</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 113

regimes políticas, já que em seu conjunto todos deveriam comungar dos mesmos valores e princípios gerais.<sup>597</sup>

As pressões que Gorbachev identificava sobre o presidente foram detalhadas em uma nova entrevista à revista britânica *Times*, em 2005. Aqui, o ex-líder soviético afirma que Putin estava em meio a uma disputa de poder travada no interior do Kremlin por forças antagônicas, ansiosas em tomar a frente das decisões acerca dos rumos futuros do país. Ele destaca que ao contrário do que se veiculava no Ocidente, o principal risco à consolidação da democracia russa não era uma conspiração à esquerda ou qualquer ameaça de retorno ao passado soviético. O principal obstáculo ao futuro da Rússia estava, na sua visão, nas investidas dos setores à direita do espectro político. Como exemplo, ele cita discussões que vinham sendo realizadas no governo e na sociedade russa em relação à proposta de reforma dos serviços públicos. As alas mais liberais propunham reduzir os gastos nessas áreas, substituindo a prestação direta por sua monetização através de “vouchers”, que seriam dados pelo governo aos cidadãos como forma de custeio – total ou parcial – dos serviços prestados por entes particulares.

Interessante notar que essas críticas ao governo se dirigiam principalmente ao gabinete liderado pelo primeiro-ministro e não à figura do presidente. Pelo contrário, Gorbachev reitera sua confiança e seu apoio ao dirigente máximo do país, afirmando inclusive que fora graças à intervenção de Putin que as propostas mais radicais haviam sido suspensas.<sup>598</sup> Na visão do ex-líder soviético, havia um claro descompasso entre o caráter progressista dos discursos presidenciais, em que se defendia um avanço nas questões sociais, frente à condução das políticas pelo gabinete de governo, orientado por uma perspectiva liberal no campo econômico. Essa dissociação nas críticas à administração era possível diante da estrutura semipresidencial do sistema político russo, que divide as atribuições do poder executivo em duas figuras: de um lado, confere ao presidente, na condição de Chefe de Estado, funções ligadas à representação, condução da política externa e defesa; por outro, ao primeiro-ministro, que ocupa a função de Chefe de Governo e líder do gabinete ministerial, cumpre a execução das políticas de governo e da administração estatal.

---

<sup>597</sup> GORBACHEV, 2006c. pp. 111-112

<sup>598</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 134.



Como Gorbachev já alertava desde a aprovação da constituição em 1993, o sistema russo se caracteriza ainda por uma forte preponderância da figura presidencial, a quem cabe não somente a escolha do primeiro-ministro (com anuência do parlamento), mas também a definição das principais linhas do governo e, em determinadas circunstâncias, está autorizado a demitir parte ou a integralidade do gabinete e até mesmo dissolver a Duma.<sup>599</sup> Nesse sentido, a crítica de Gorbachev se dirige ao primeiro-ministro por ser este, geralmente, o encarregado de propor e conduzir as reformas nas diversas esferas administrativas, como educação, saúde ou previdência. Na prática, contudo, dada a primazia das atribuições do presidente, é pouco provável que tais medidas estivessem sendo tomadas em tamanha dissonância com as ideias defendidas pelo Chefe de Estado, como parecer soar o discurso de Gorbachev.

Ainda na entrevista ao jornal britânico, Gorbachev rejeita novamente os rumores que surgiam no Ocidente associando as posições autoritárias de Putin a uma mobilização de forças de esquerda que pretendiam restaurar, ainda que parcialmente, o modelo comunista. O ex-líder soviético afirma que retrocessos autoritários poderiam ocorrer na Rússia, mas que não havia naquele momento espaço para o retorno do comunismo, o qual carecia tanto de influência sobre as lideranças do país – majoritariamente de direita – quanto de apoio entre a população. Ele rebate também os diagnósticos ocidentais que atribuíam as restrições de negócios e comércio com a Rússia a essa tendência autoritária crescente do regime moscovita, que na visão dos analistas provocava instabilidade política e afastava os investidores. Gorbachev destaca que a estabilidade para investimentos não é necessariamente atrelada ao sucesso de regimes democráticos, a exemplo das boas relações de investimento mantidas pelo Ocidente com a China. Ele conclui defendendo que o estreitamento das relações comerciais poderia contribuir para o avanço da estabilidade política em seu país.<sup>600</sup>

Entre o final de 2004 e o início de 2005, ocorreu na Ucrânia a chamada Revolução Laranja, uma onda de protestos questionando os resultados da eleição realizada em novembro de 2004. Embora as pesquisas apontassem a vitória do candidato opositor Viktor Yushchenko, os resultados oficiais garantiram a vitória por uma margem pequena de votos do então primeiro-ministro Viktor Yanukovych,

---

<sup>599</sup> Para uma visão mais aprofundada da construção e do funcionamento do sistema político russo pós-soviético, ver: FERRARO, 2016, p. 9-149.

<sup>600</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 134.

alinhado ao bloco ucraniano pró-Rússia. Milhares de pessoas foram às ruas das principais cidades ucranianas alegando fraude eleitoral. A fim de encerrar o conflito, a Suprema Corte do país decidiu anular os resultados e marcou uma nova data para o pleito, que se daria com os mesmos candidatos.

À época, Gorbachev se pronunciou a favor da anulação dos resultados como forma de estabilizar a situação ucraniana, mas defendia que fossem convocadas novas eleições, para as quais pudessem se inscrever outros candidatos.<sup>601</sup> A decisão da Suprema Corte em apenas repetir o pleito foi vista pelo ex-líder soviético como produto da forte pressão internacional, que estaria apoiando o candidato de oposição.<sup>602</sup> Depois de concluídas as novas eleições, Viktor Yushchenko foi oficialmente declarado vencedor. Ao longo de seu mandato, as relações entre Rússia e Ucrânia sofreram um nítido afastamento, em paralelo a uma aproximação de Kiev com as potências europeias e os EUA. As tensões com Moscou chegariam ao seu ápice dez anos depois, com a anexação da península da Criméia pelas tropas russas após a realização de um referendo local e a intervenção moscovita na guerra civil iniciada na região ucraniana de Donbass, fronteira à Rússia e habitada por uma maioria de russos-étnicos.

O ano de 2005 também seria marcado pelas celebrações dos 20 anos da escolha de Gorbachev para sucessão de Chernenko na secretaria-geral do CC do PCUS e, por consequência, do início da *Perestroika*. Dentro da Rússia, a Fundação Gorbachev realizou conferências e publicou artigos discutindo as reformas, desde sua concepção, execução até as consequências do processo. No exterior, vários veículos de comunicação produziram materiais sobre o assunto, buscando, inclusive, entrevistar o ex-dirigente soviético. Em um desses eventos, ele proferiu um discurso que foi publicado sob o título de *Vinte anos desde o início da Perestroika*. Nele, Gorbachev faz uma breve reconstituição das premissas e conquistas das reformas para ao final discutir a configuração desse processo duas décadas depois, com seus novos desafios e possíveis caminhos.

Gorbachev começa seu discurso afirmando que três eventos ocorridos na Rússia balizaram o século XX: a revolução de 1917; a vitória dos soviéticos sobre os nazistas em 1945; e, finalmente, a *perestroika*. Ele destaca, que já no início dos anos 1980 havia

---

<sup>601</sup> GORBACHEV, 2004d.

<sup>602</sup> GORBACHEV, 2004e.

sinais claros de crise política, econômica, social e mesmo de legitimidade do regime soviético. Os indicadores econômicos em queda demonstravam que o país estava ficando para trás na disputa pelo desenvolvimento tecnológico com as potências ocidentais. As reformas, portanto, surgiram como uma resposta inadiável ao cenário de crise doméstica que se instalara na URSS nas três décadas anteriores.<sup>603</sup>

Paralelamente, o ex-líder ressalta que o cenário externo também demandava mudanças, haja vista o crescimento das tensões com os EUA no âmbito da Guerra Fria, da corrida armamentista e do risco de uma guerra nuclear. Mas aqui, convém uma breve menção a outras manifestações de Gorbachev nesse período, sobretudo aquelas dirigidas à mídia ocidental, em que ele rechaçava o argumento de que a *perestroika* fora motivada principalmente pela pressão estrangeira ou como fruto de um processo de intimidação dos EUA durante a etapa final da Guerra Fria.<sup>604</sup>

Em 2004, ele afirmara ao *Washington Post* que, em 1987, a inteligência soviética havia recebido informações de que a cúpula do poder norte-americano via como negativo o crescimento da popularidade do novo chefe do Kremlin, sinalizando que o avanço da *perestroika* e de seu “Novo Pensamento” na política externa foram inicialmente considerados contrários aos interesses dos EUA.<sup>605</sup> Na mesma linha, ele também nega que sua escolha para sucessão de Chernenko fosse resultado da pressão dos norte-americanos, que teriam obrigado a URSS a mudar de rumo sob ameaça da Guerra Fria. O ex-líder ressaltou na ocasião que a URSS poderia ter se mantido na corrida armamentista pareada aos EUA por mais tempo e que o fim das tensões com o Ocidente haviam sido produto de uma combinação de interesses pacíficos de ambos os lados, que chegaram à conclusão de que a cooperação era mais benéfica que o conflito, a partir das iniciativas de Moscou.<sup>606</sup>

Retornando ao discurso de 2005, Gorbachev define seu “Novo Pensamento” como a base, a fundamentação moral da *perestroika*. Em seu conjunto, essas ideias conduziram a URSS na direção da superação do totalitarismo e da construção da liberdade e da democracia.<sup>607</sup> O ex-líder ainda reafirma que as reformas começaram sob

---

<sup>603</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 50.

<sup>604</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 115.

<sup>605</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 116.

<sup>606</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 117.

<sup>607</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 51.

a ilusão inicial de que seria possível aperfeiçoar o modelo existente, mas que ao fim de 1986 já estava evidente que isso não seria possível e que as mudanças deveriam atingir as bases do sistema - embora não fique claro se isso já significava, naquele momento, uma decisão de caminhar para a transição rumo à restauração capitalista.<sup>608</sup>

Na sequência, ele elenca as principais metas e conquistas da *perestroika*, a qual define como uma política de reconstrução completa do país – reestruturação da União, reformas graduais e introdução de um mercado regulado. Em contraposição, ele critica os planos e medidas adotados por Iéltsin nos anos finais da URSS, os quais considerava como uma estratégia essencialmente destrutiva e que resultara no fim da União, no radicalismo da terapia de choque e no processo de privatização violento e desleal. No alvorecer do novo século, a Rússia se via novamente diante de uma escolha, que em grande medida refletia as duas experiências percorridas em cada um dos momentos citados:

“Hoje, a Rússia está enfrentando um momento de escolha:

- ou seguirá a inércia das reformas de Iéltsin dos anos 90, que quebraram o Estado e a economia e empobreceram dezenas de milhões de pessoas,
- ou, com base nos pré-requisitos criados durante os primeiros anos da presidência de Vladimir Putin, escolherá o caminho de reformas verdadeiramente democráticas que levem em conta sua identidade única, sua experiência histórica e seu potencial cultural e intelectual.”<sup>lxxv</sup>

Novamente, a referência ao governo Putin – em visível contraposição a seu antecessor – surge como positiva. Como nas manifestações anteriores, Gorbachev afirma que as medidas adotadas pelo presidente tinham como objetivo superar o caos deixado por Iéltsin e, assim, ao vencer essa crise, instituir as bases para consolidação da democracia russa. Essa oposição entre os dois dirigentes russos na argumentação do ex-líder soviético, a despeito das práticas autoritárias que marcaram ambas as gestões, parecem revelar, de um lado, a comunhão de Gorbachev em relação ao sentimento geral da população russa no início dos anos 2000, com a recuperação da economia e do prestígio do país, e, por outro, o peso subjetivo exercido por sua conturbada relação com Iéltsin na avaliação comparativa da atuação dos dois presidentes.

---

<sup>608</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 52.

Por outro lado, Gorbachev descreve o cenário internacional como um conjunto de processos contraditórios e com potencial tensão: o avanço da globalização e da interdependência, acompanhada pelo crescimento da desigualdade; a emergência de novos atores relevantes no cenário global, a exemplo dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e da União Europeia, frente a atuação dos EUA, que pareciam não estar dispostos a ceder sua posição de potência hegemônica; e, finalmente, o avanço da democracia no mundo, especialmente nas antigas nações socialistas do leste europeu, ao mesmo tempo em que crescia a tensão entre o Ocidente e o mundo islâmico.<sup>609</sup>

Nota-se que embora tal descrição se assemelhe àquelas que o ex-líder fizera ao longo dos anos 1990, algumas diferenças se destacam. A primeira e mais forte delas é a perda da crença de que os processos em curso a partir do fim da Guerra Fria e do ocaso soviético ainda poderiam resultar em um cenário de cooperação e superação dos problemas que marcaram o século XX. Nas manifestações de Gorbachev a partir dos anos 2000 resta clara sua percepção de que a oportunidade fora perdida e que a dinâmica global caminhava para um cenário de incertezas e contradições. Outra diferença reside também na aparição de novos atores e desafios, que na década anterior ainda não haviam assumido o mesmo protagonismo, a exemplo dos países emergentes e do terrorismo em escala global.

Embora rejeitasse qualquer pretensão de oferecer uma resposta concreta aos desafios que se colocavam à humanidade no início do século XXI, Gorbachev associa esse cenário àquele que encontrara ao assumir a liderança da URSS e defende que os líderes mundiais buscassem construir um “Novo Pensamento”. Assim como ele fizera com a *perestroika*, as novas ideias e métodos deveriam se ancorar nos princípios do direito internacional, entendido como instrumento para construção das soluções necessárias. Ele conclui seu discurso destacando alguns pontos a serem observados durante essas reflexões, dentre eles: a necessidade de aceitação por parte dos EUA de uma liderança cooperativa, superando suas pretensões hegemônicas; o estímulo aos processos de transição democrática, sem, contudo, convertê-los em qualquer tipo de imposição ou receituário estático; e, finalmente, a construção de uma atmosfera de entendimento e assimilação em relação ao mundo mulçumano, baseada na tolerância

---

<sup>609</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 54.

mútua, no respeito às particularidades de cada cultura e na busca de denominadores comuns.<sup>610</sup>

Poucos meses depois, em uma entrevista dada à *Global ViewPoint* ainda como parte das comemorações da *perestroika*, Gorbachev apresentou novas perspectivas interessantes sobre o passado e o presente da Rússia e do mundo. Afirmando que a maior conquista da *perestroika* teria sido a libertação das mentes – dentro e fora do país -, ele compara suas reformas a aquelas conduzidas por Iéltsin nos anos 1990 e as coloca novamente em posições antagônicas: enquanto as medidas adotadas ao longo da segunda metade da década de 1980 partiram de uma abordagem evolucionista, as políticas implementadas ao longo dos anos 1990, substituíram a trajetória gradual por uma opção “revolucionária” e radical. Gorbachev define as reformas de Iéltsin como um verdadeiro “bolchevismo” com sentido trocado, mas que diferente do movimento de 1917, recebeu apoio e foi aplaudido pelas potências ocidentais.

E pela primeira vez, o ex-líder soviético revela a duração que ele inicialmente acreditava que teriam suas reformas:

Na esteira da *perestroika*, houve retrocessos devido à política doméstica na Rússia que pioraram as coisas para nós - como a terapia de choque de Iéltsin, um grande passo desastroso e prejudicial para a economia de mercado. Em vez da evolução prevista pela *perestroika*, essa foi outra catástrofe em nome da revolução. Minha ideia era que a *perestroika* se desenrolaria ao longo de um período de 30 anos. Mas fui acusado de ir muito devagar.<sup>lxxvi</sup>

Para Gorbachev, portanto, as medidas iniciadas em 1985 deveriam ter se estendido de forma gradual por três décadas, mas a pressão gerada após o início da abertura política e econômica obrigou o processo a acelerar seu ritmo. Embora tenha atribuído em inúmeras ocasiões desde sua renúncia a responsabilidade pelos desdobramentos negativos das reformas e pelo fim da URSS às articulações de forças políticas interessadas em ascender ao poder - a exemplo da tentativa de Golpe de Agosto de 1991 e dos então líderes da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia -, Gorbachev reconhece dois erros fundamentais de sua atuação que teriam corroborado para o destino trágico da *perestroika* e de seu país. Em primeiro lugar, ele afirma ter demorado muito para iniciar as reformas no interior do PCUS, que de força motriz se convertera num dos

---

<sup>610</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 56.

principais obstáculos às reformas. Além disso, ele reconhece também que tardou em iniciar a reforma da União, repactuando as responsabilidades e promovendo a descentralização.<sup>611</sup> Tais equívocos teriam sido aproveitados por seus opositores interessados em promover o desmonte do Estado soviético.

Vinte anos após o ocaso da URSS e o fim da Guerra Fria, o ex-secretário-geral do CC do PCUS alega que o Ocidente, assim como na época da *perestroika*, continuava sem compreender a Rússia, mantendo-a na posição de potencial inimigo. Para ele, a responsabilidade pela manutenção do afastamento entre Moscou e as potências ocidentais era compartilhada por ambos os lados da equação, que parecem não conseguir superar os velhos preconceitos e visões do passado. Embora reconheça que os erros da administração russa reforçavam determinados estereótipos, Gorbachev afirma que os EUA não tratavam a Rússia com o respeito que ela merecia por sua história e por sua contribuição para o desenvolvimento da humanidade em diversos aspectos.<sup>612</sup>

Ainda em relação a Washington, Gorbachev volta a criticar sua posição no cenário internacional ao estimular uma atmosfera de oposição e conflito em relação à Rússia, especialmente diante de seu protagonismo junto à OTAN na Europa. Ele mantém seu argumento de que o avanço dessa organização militar em direção ao leste-europeu configurava uma ameaça à Moscou, que se via cercada em uma área que historicamente fora sua esfera de influência.<sup>613</sup> A manutenção da lógica egoísta nas relações internacionais ameaçava, portanto, as conquistas obtidas com o fim da corrida armamentista e afastavam as possibilidades de cooperação e construção de um novo conceito de segurança regional e global.

Voltando-se para o cenário doméstico, Gorbachev responde às críticas do autor Aleksander Solzhenitsyn – de *Arquipélago Gulag* –, que considerara a *perestroika* como a responsável pela introdução desmedida do liberalismo no país, o qual por sua vez estaria destruindo as bases da cultura e da especificidade russa. Ainda que associado ao movimento dissidente e crítico ao autoritarismo soviético, Solzhenitsyn não era um defensor radical do modelo neoliberal e criticara o movimento de desidratação de direitos e garantias sociais na Rússia. Para o ex-líder soviético, ainda que concordasse

---

<sup>611</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 126.

<sup>612</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 126.

<sup>613</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 127.

com o impacto negativo da introdução desregrada das medidas liberalizantes, a responsabilidade por tais problemas não poderia ser atribuída às reformas iniciadas em 1985. Gorbachev reforça que os grandes desafios da Rússia, como o avanço da pobreza, a corrupção e a criminalidade eram resultantes da ausência de democracia, bandeira da *perestroika*.<sup>614</sup>

Ao tratar novamente das críticas ocidentais a Vladimir Putin, acusado de estar concentrando o poder em suas mãos com o fim das eleições para governador, Gorbachev continuou a defendê-lo, afirmando que o Ocidente não compreendia as particularidades da formação russa. Citando episódios singulares da história de seu país, como a ocupação mongol, a manutenção tardia da servidão e o próprio comunismo, ele defendia que essas experiências haviam marcado a trajetória da Rússia e a formação de seu povo, diferenciando também a estrutura política de seu sistema político e social, inclusive no equilíbrio entre centralização e descentralização. Para ele, o desafio de Moscou consistia justamente em encontrar um ponto ótimo entre o poder central e a autonomia regional, garantindo estabilidade ao país – um caminho que, segundo Gorbachev, estava sendo trilhado pelo então presidente:

Atualmente, temos os pré-requisitos para avançar e concluir as reformas da Rússia. Putin propôs um programa político para os próximos anos que inclui o combate à pobreza, a promoção de pequenas e médias empresas, ajudando a mover a base manufatureira da Rússia para a era pós-industrial.

Esta é a direção certa para a Rússia. Mas a questão permanece: quem implementará esses objetivos? Infelizmente, o atual governo [gabinete] e o parlamento são incapazes de fazê-lo. Este é o problema.<sup>lxxvii</sup>

Ainda em relação à divisão de poderes entre essas esferas, Gorbachev retoma suas críticas à Iéltsin, afirmando que o excesso de descentralização instituído ao longo dos anos 1990 não trouxera mais democracia ao Estado, mas, ao contrário, resultara em uma espécie de feudalismo regional, cujo objetivo fora garantir apoio ao então presidente. Diante disso, ele defende as medidas adotadas por Putin em seu primeiro mandato para reduzir o poder exagerado dos governos locais, citando como exemplo positivo as adequações normativas que garantiram a primazia das leis federais sobre as

---

<sup>614</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 128.



regionais.<sup>615</sup> O ex-líder soviético se omite, no entanto, quanto ao fim das eleições diretas para governadores, embora em outras entrevistas, ele tenha se posicionado contrário a tal proposta, bem como ao fim das candidaturas independentes para o parlamento.<sup>616</sup>

Ele encerra a entrevista reforçando sua confiança no presidente russo e rebatendo as acusações de seu aliado, Aleksandr Yakovlev, que acusara Putin de estar tentando restaurar a burocracia ao estilo soviético.<sup>617</sup> Na verdade, Yakovlev se referia às manobras políticas conduzidas na formação do bloco parlamentar de sustentação do presidente, que garantira a maioria das cadeiras ao governo desde as eleições legislativas de 2003. À época, Gorbachev relacionava as articulações de Putin aos cálculos políticos necessários para a superação do caos deixado por seu antecessor.<sup>618</sup> O peso dos erros de Putin parecia sempre encontrar justificativa na herança dos anos 1990.

Ainda em relação às entrevistas e artigos contidos na obra *Caminhos que percorremos* e outras manifestações a elas contemporâneas, é possível identificar uma especial atenção devotada pelo ex-líder soviético às relações russo-americanas. Em um artigo publicado no *The New York Times* durante o primeiro semestre de 2001, Gorbachev trata dos principais desafios que o recém-eleito presidente norte-americano, George W. Bush, deveria ter como prioridade uma melhora nas relações com Moscou. Sua análise consistia, na verdade, em uma crítica à condução dessas interações pela administração Clinton, que na visão do ex-líder soviético esteve alinhado a setores desejosos por manter a lógica da oposição prevalecente durante os anos da Guerra-Fria e uma política de soma-zero nas negociações bilaterais.

Essa visão de Gorbachev não era nova: em 1998, por exemplo, ele já criticava a postura do democrata na condução da política externa estadunidense, uma vez que este parecia comungar da visão dos teóricos liberais que comemoravam a vitória de seu país na Guerra Fria e que apontavam para o novo período da “pax-americana”. Como resultado, os Estados Unidos aumentavam sua influência externa sob uma perspectiva bastante intervencionista e autocentrada.<sup>619</sup>

---

<sup>615</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 129.

<sup>616</sup> Cf.: GORBACHEV. 2004b.

<sup>617</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 130.

<sup>618</sup> GORBACHEV, 2003c.

<sup>619</sup> GORBACHEV, 2006c. pp. 66-67.

Ao *New York Times*, Gorbachev avaliou que a aproximação entre Moscou e Washington, iniciada com a *perestroika*, não avançara após o fim da URSS. Ao contrário, ele argumenta que ao longo dos anos 1990 não houve o desenvolvimento de uma real parceria econômica e comercial entre os dois países – diferente do que ocorrera nas relações entre Washington e Pequim. O ex-líder soviético considera que estreitamento dos laços comerciais entre os dois países era fundamental, pois tal interação teria um potencial estabilizador nas relações bilaterais, mesmo que houvesse ainda divergências de ordem política e social – como ocorria com a China.<sup>620</sup>

Ele alerta também para os riscos na manutenção do *status quo* e a deterioração nas relações entre os dois países. Em um momento que a economia russa dava sinais de retomada de seu crescimento, isso poderia significar a volta de antigas hostilidades e o estabelecimento de um novo ambiente de disputa entre as outrora “superpotências”.<sup>621</sup> Duas décadas depois, as falas de Gorbachev parecem soar como uma profecia que insiste em se concretizar.

Naquele mesmo ano, os atentados terroristas contra alvos dentro dos EUA no dia 11 de setembro provocaram mudanças de escala global. Ciente da importância desse acontecimento histórico, Gorbachev escreve em sua coluna ao *New York Times* um artigo dedicado à defesa da paz. Ele afirmava que naquele momento de profunda comoção internacional, os líderes globais deveriam aproveitar o sentimento de união trazido pelo repúdio aos ataques como ponto de partida de uma coalizão mundial contra o terror e pela paz. O ex-líder repete seu argumento de que a busca pela segurança nas Relações Interacionais não poderia mais se ater apenas ao aspecto militar, devendo, por sua vez, incluir outras esferas como o combate à pobreza e às desigualdades, além de se dar em um ambiente de maior solidariedade e tolerância.<sup>622</sup>

Gorbachev também destaca que os esforços não poderiam ser unilaterais, mas sim envolver todas as nações, inclusive a Rússia. Ele alerta também que o combate ao terror não deveriam se converter em um subterfúgio para a adoção de novas políticas de dominação e intervenção, em uma clara referência ao início das operações militares lideradas pelos EUA no Afeganistão, à revelia das Nações Unidas.<sup>623</sup> Pouco tempo

---

<sup>620</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 65.

<sup>621</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 65.

<sup>622</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 62.

<sup>623</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 63.

depois, Gorbachev também se posicionou contra a invasão norte-americana ao Iraque, alegando que Washington procedia com desrespeito à lei internacional.<sup>624</sup>

Em junho de 2004, morre o ex-presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, com quem Gorbachev iniciara as negociações para redução das tensões e da corrida armamentista após assumir a secretaria-geral do CC do PCUS. O ex-líder soviético nunca escondeu sua admiração por Reagan, assim como por Margareth Thatcher, ambos vistos como os principais representantes da experiência neoliberal nos anos 1980. Por ocasião dos tributos ao dirigente falecido, Gorbachev presta sua homenagem em uma coluna publicada no *New York Times*, resgatando suas memórias e destacando o papel de Reagan nas negociações que encerraram a Guerra Fria. Reconhecendo-o como um ícone à direita do espectro político, Gorbachev afirma que somente foi possível estabelecer uma cooperação com alguém de visões tão antagônicas porque assim como ele, Reagan não era uma pessoa inflexível ou dogmática.<sup>625</sup>

Em meio às declarações positivas sobre a atuação do norte-americano, resta clara também uma contradição no discurso de Gorbachev. Ao longo do texto, ele elogia as políticas adotadas internamente por Reagan, a quem considera um reformador, responsável pela reestruturação econômica e política dos EUA. Tais políticas, contudo, foram o início do receituário neoliberal, a mesma linha teórica que estava por trás das reformas implementadas na Rússia pelo governo Iéltsin e que Gorbachev vinha criticando abertamente desde a década de 1990. Em que pese às particularidades das realidades de cada país, as experiências norte-americana e britânica foram fundamentais para que o neoliberalismo se consolidasse como dominante na teoria econômica mundial e se tornasse a cartilha básica das políticas instituídas pelas grandes entidades regulatórias do mercado internacional, como o FMI e o Banco Mundial – organizações que também eram criticadas pelo ex-líder soviético por impor o modelo de reforma introduzido na Rússia e em outros países em crise pelo mundo.

### ***Meu manifesto pela Terra***

Se por um lado o fim da URSS colocou Gorbachev numa posição coadjuvante no debate entre líderes e dirigentes internacionais, por outro, sua atuação à frente da Cruz Verde, alicerçada por sua experiência política pregressa, permitiu que o ex-líder

---

<sup>624</sup> GORBACHEV, 2004c.

<sup>625</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 70.

soviético encontrasse um novo espaço de protagonismo, agora como representante da sociedade civil organizada. Desde a derrocada soviética, embora continuasse a se pronunciar sobre política doméstica russa e internacional, a imagem de Gorbachev passou a estar frequentemente associada às questões ambientais, tema que ganhou centralidade no alvorecer do novo milênio.

Talvez por essa razão, a obra mais difundida do autor no período seja o livro *Meu manifesto pela Terra*, editado originalmente em 2002 e traduzido para vários idiomas, inclusive português. Ainda que orientado por suas preocupações com as questões ambientais, Gorbachev procura demonstrar ao longo do texto como, no seu entender, os problemas ambientais estavam diretamente relacionados a outros desafios do mundo contemporâneo, extrapolando a agenda tradicional do movimento ambientalista e atingindo temas como pobreza, desigualdade e segurança internacional.

Logo nas primeiras páginas, o autor trata de um dos temas mais latentes durante os debates políticos do início do novo milênio: o terrorismo. Ao reafirmar que a luta contra o terror era uma necessidade imperiosa para a segurança internacional, Gorbachev questiona a abordagem que vinha sendo adotada pelas principais potências ocidentais, especialmente pelos EUA, que à revelia das discussões mantidas nos órgãos internacionais, optaram por responder à questão com as mesmas táticas que marcaram o século anterior, as operações militares. Para ele, a vitória sobre o terrorismo passava necessariamente pelo combate à pobreza e às desigualdades, que constituíam um solo fértil para o florescimento do autoritarismo e dos movimentos radicais terroristas.<sup>626</sup>

Não é uma simples questão de redução na quantidade de armas, de caça aos terroristas ou a deposição dos líderes que os apoiam. A questão é como atacar as raízes dos conflitos, fincadas nas desigualdades do mundo: a distribuição e a redistribuição desigual da riqueza; o não reconhecimento da lei internacional, até mesmo dos direitos básicos do homem, a falta de recursos para satisfazer as necessidades humanas, inclusive água, energia e educação para mais de 2 bilhões de habitantes do planeta. Os pobres têm o direito de ter a oportunidade de recuperar sua dignidade. Se não, as desigualdades globais entre ricos e pobres, assim como entre norte e sul, e a

---

<sup>626</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 15.

falta de compromisso com os princípios democráticas, estarão preparando as bases para todo o tipo de terrorismo e extremismo.<sup>627</sup>

Em suas reflexões acerca dos desafios vivenciados pela humanidade, Gorbachev volta a enfatizar sua desilusão em relação à nova ordem mundial, cuja expectativa de um desenvolvimento positivo caracterizara sua produção durante a década de 1990. Ainda assim, ao comparar o cenário mundial de então com aquele com qual se deparou ao assumir o Kremlin, Gorbachev vê uma vantagem: considerava haver mais esperança no mundo no início de Século XXI.<sup>628</sup>

O autor volta a reconhecer que, desde o ocaso soviético, alguns passos foram dados na direção de uma nova ordem pautada pelo diálogo e a cooperação, com destaque para grandes conferências temáticas internacionais tratando de temas como desenvolvimento sustentável e a agenda climática realizadas nesse período. No entanto, embora valorize o conjunto das iniciativas por colocar esses temas na pauta das grandes discussões, ele questiona o resultado desses encontros, que na sua visão foram prejudicados pela manutenção da mentalidade egoísta dos grandes atores globais, os quais continuavam a submeter as grandes questões mundiais aos interesses nacionais egoístas.<sup>629</sup>

Antes de iniciar uma reflexão sobre os principais desafios daquele momento, Gorbachev revela seu entendimento particular da temporalidade histórica, afirmando que os séculos não necessariamente se vinculam à cronologia dos anos, mas tem seus pontos de virada pautados por grandes acontecimentos ou movimentos que acarretam uma ruptura em relação ao modo de vida da sociedade no período anterior. Ele afirma, por exemplo, que enxerga o início do século XIX na Revolução Francesa e o despertar do século XX na Primeira Guerra Mundial e na Revolução Russa. Nota-se, portanto, uma aproximação com a noção de temporalidade de alguns historiadores modernos, sendo Eric Hobsbawm um dos mais notórios ao dividir o período contemporâneo em “eras” – revoluções, capital, impérios e extremos – pautadas também por grandes processos históricos.

---

<sup>627</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 16.

<sup>628</sup> GORBACHEV, 2006c., p. 124.

<sup>629</sup> GORBACHEV, 2003d, pp. 21-22.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Gorbachev lista três processos históricos que, no seu entender, marcam a passagem para do século XX para o XXI: a *perestroika* soviética, o acidente nuclear de Chernobyl e os atentados terroristas de 11 de setembro 2001:

Alguns podem estranhar a minha escolha desses acontecimentos como marcos, mas eu explico. A *perestroika* e o novo pensamento político puseram fim a corrida armamentista, à divisão do planeta em dois grandes campos inimigos e abriram possibilidade de uma verdadeira colaboração “por cima das barreiras”. Chernobyl serviu de doloroso aviso sobre os perigos da civilização tecnológica. Finalmente, o 11 de setembro demonstrou a que terríveis consequências podem levar a instrumentalização da pobreza e a perda de valores humanitários.<sup>630</sup>

Para ele, esses três momentos históricos sinalizam uma mudança no paradigma da sociedade, colocando o mundo diante de novos desafios que marcariam o século nascente. Gorbachev afirma ainda que suas reflexões e propostas ali expostas estariam assentadas no que chama de tradição humanista russa, citando como referências os grandes escritores russos Aleksander Puchkin e Fiodor Dostoievski.<sup>631</sup> O ex-líder ressalta também que os desafios que se impunham não poderiam ser analisados e enfrentados separadamente, pois estão diretamente interconectados. Segurança, desigualdades e as questões ambientais são esferas interdependentes, que se não tratadas em conjunto tornariam as iniciativas adotadas isoladamente ineficazes. Daí, portanto, ele explica sua decisão em dedicar-se à Cruz-Verde e às questões ambientais, o que na sua visão representa enxergar os problemas contemporâneos em sua totalidade:

Todo ser humano procura encontrar a melhor aplicação para suas capacidades. Eu acredito que o trabalho com a ecologia, no sentido amplo da palavra, pois as questões do meio ambiente são inseparáveis, para mim, das questões de paz e da segurança e dos problemas de justiça social – me oferece a oportunidade de realizar a síntese das aspirações de toda a minha vida: vida de camponês, de intelectual, de administrador, de político e,

---

<sup>630</sup> GORBACHEV, 2003d, pp. 23-24.

<sup>631</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 26.

finalmente, de chefe de um Estado que ocupava a sexta parte das terras emersas do globo.<sup>632</sup>

Respondendo àqueles que afirmavam que seu interesse pela ecologia seria resultado do acidente nuclear de 1986, Gorbachev resgata sua trajetória de vida para demonstrar como ela o conectara às questões ambientais. Ele relembra sua infância camponesa no Cáucaso, tradicionalmente agrícola, onde a relação com a natureza se fazia presente e necessária. Também reafirma que esta região se tornou sua primeira lição de tolerância, uma vez que ali viviam diferentes povos e culturas, marcados por anos de interações mais ou menos amistosas. Do período da Guerra, ele recorda memórias da violência e do medo vivido, que para ele também estariam na base de sua preferência por negociações políticas e pacíficas ao invés dos conflitos.

Mais à frente no texto, ele faz críticas à coletivização forçada instituída por Stalin, a quem acusa de ter destruído os pilares da vida camponesa tradicional russa. Ele também expressa sua opinião negativa em relação à campanha de perseguição aos camponeses contrários ao processo de coletivização e aos *Kulaki*, os quais ele define como mais abastados “e eficientes”.<sup>633</sup> Gorbachev defende que a vida real dos camponeses, sobretudo depois que as terras haviam sido coletivizadas, era muito diferente daquela ilustrada na propaganda oficial do regime. Mesmo diante das dificuldades e precariedades, ele afirma que os camponeses tinham esperança de que as dificuldades seriam passageiras e que a fartura e felicidade estampada nos cartazes da *AgitProp* – órgão de propaganda e agitação da URSS – se tornariam enfim realidade. Na prática, o que se viu foi à substituição da servidão feudal dos tzares pela subserviência aos burocratas stalinistas.<sup>634</sup>

Já em relação ao passado soviético e às questões ambientais, ele alega que a ideologia oficial subestimava a importância da preservação da natureza, a qual encontrava-se à serviço das vontades políticas e econômicas do regime. Gorbachev destaca que os grandes projetos de infraestrutura e produção, bem como as práticas focadas em um crescimento majoritariamente extensivo, foram adotados sem a devida preocupação com o meio ambiente, algo que permanecia apenas na esfera da

---

<sup>632</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 27.

<sup>633</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 29.

<sup>634</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 32.

propaganda.<sup>635</sup> Ao ser escolhido secretário-geral do CC do PCUS, ele afirma ter buscado por meio da política de abertura e transparência apoio na opinião pública para iniciar grandes debates nacionais e, a seguir, implementar políticas voltadas à preservação ou minimização dos impactos naturais, citando como exemplo o fechamento de diversas fábricas e o abandono de projetos vistos como nocivos ao meio ambiente.<sup>636</sup>

Após esse resgate de sua trajetória, Gorbachev afirma que o desastre de Chernobyl teve um impacto profundo em sua visão de mundo, deixando algumas lições prioritárias.<sup>637</sup> A primeira, que na realidade corroborava com aquilo que ele já defendia em seus discursos à época, seria a confirmação da importância da transparência das informações e decisões. Para Gorbachev, tanto os erros que deram causa ao acidente quanto eventuais problemas na atuação do governo soviético diante do evento estavam ligados diretamente ao centralismo excessivo e a falta de transparência nas informações.

Em segundo lugar, o ex-líder soviético destaca como lição a quebra definitiva da crença na segurança infalível da tecnologia. Se a corrida armamentista já havia provado que os recursos tecnológicos também poderiam ser usados para fins perversos, o desastre da central nuclear instalada em território ucraniano revelou que mesmo sob finalidade pacífica, a tecnologia ofereceria riscos e deveria ser objeto de vigilância e controle humano. Ao mesmo tempo, o trágico evento mudou para ele a própria noção de tempo, de duração dos eventos. O longo período pelo qual não apenas a região atingida, mas várias partes do continente permanecerão sob o efeito da radiação deixou clara essa nova relação entre causa e consequência, tornando palpável o fato de que, graças a decisões equivocadas do presente, gerações inteiras sofrerão seu revés.

A última lição apresentada também estava em sintonia com as políticas que começava a introduzir em seu país: a necessidade de maior cooperação internacional, sobretudo diante de problemas que assumem uma escala global. O acidente exigiu que diversos atores dentro e fora do país cooperassem para minimizar os danos causados, uma vez que seu impacto extrapolou os limites da fronteira soviética e colocou em risco a segurança de todo o continente. Após prestar homenagem aos trabalhadores que se

---

<sup>635</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 35.

<sup>636</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 37.

<sup>637</sup> GORBACHEV, 2003d, pp. 40-41.



dedicaram aos esforços de combate aos efeitos de Chernobyl e se defender mais uma vez das acusações de que seu governo teria tentado esconder a real dimensão do ocorrido ou que tardara em tomar medidas de contenção, ele afirma que sua atuação diante desse evento foi pautada pelos princípios da *glasnost* e que retrocessos de fato ocorreram em 1991, quando o acordo entre os líderes da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia pôs fim à URSS e deixou cada um dos países sozinho nessa tarefa.<sup>638</sup>

A propósito, a dissolução da URSS é tratada por Gorbachev em tom bastante sentimental ao narrar a “dor” que sentiu ao deixar o cargo em 1991, atribuindo a responsabilidade à traição e jogo duplo de Iéltsin nas negociações do novo Tratado da União.<sup>639</sup> Ainda assim, faz um balanço positivo da *perestroika* que, embora inconclusa, deixara a liberdade como herança a seus concidadãos:

De uma sociedade totalitária, onde os que pensavam diferente eram punidos por lei, onde quem acreditava em Deus não podia fazer uma carreira, onde qualquer palavra impressa passava pela censura do partido e milhares de livros de escritores e filósofos modernos eram empilhados nos *spetskhran* [acervos de acesso restrito] das bibliotecas, passamos para uma sociedade aberta. Infelizmente, a *perestroika* não conseguiu melhorar as condições materiais da vida dos cidadãos soviéticos, mas fez deles pessoas livres. A partir daí o futuro estava em suas mãos.<sup>640</sup>

Mas, para o ex-líder soviético, toda a liberdade conquistada dentro e fora da Rússia não foi bem aproveitada pelas lideranças globais. No continente europeu, o processo de integração continuava se recusando a reconhecer a Rússia como parte integrante, limitando sua força para se contrapor ao modelo de hegemonia unipolar que os norte-americanos passaram a adotar depois da queda da URSS.<sup>641</sup> Gorbachev aponta que as esperanças e possibilidades abertas com o término da Guerra Fria não foram aproveitadas pela comunidade internacional, e que ao invés de uma nova ordem mundial pautada pela tolerância e cooperação, estaríamos diante de completa desordem:

De tanto festejar a morte do comunismo, [a humanidade] perdeu de vista a complexidade do mundo, seus problemas, suas contradições. Foram

---

<sup>638</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 39.

<sup>639</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 45.

<sup>640</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 44.

<sup>641</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 17.

esquecidos o atraso e a pobreza, ambos atirados à periferia da consciência das sociedades, assim como problemas ecológicos urgentes. Ou seja, em vez de uma nova ordem mundial, vivemos numa nova “desordem mundial”, quando muitos países tentam ludibriar uns aos outros para garantir para si os privilégios por conta da exploração alheia, sem pensar com isso na necessidade de uma atitude global com relação ao problema da sobrevivência da humanidade.<sup>642</sup>

Em sua análise, um dos principais responsáveis por esse cenário seriam os Estados Unidos da América, que com o fim da ordem bipolar, viram-se como vencedores e como a única superpotência a reinar sobre a terra. Gorbachev sinaliza, contudo, que os ataques de 11 de setembro de 2001 tiveram como consequência a quebra do mito da invulnerabilidade dos norte-americanos. Ele volta a criticar as intervenções militares adotadas unilateralmente por Washington, contrariando decisões de fóruns internacionais. Sua avaliação é que a postura intervencionista dos EUA reduzia a crença nos princípios de soberania e no direito internacional, estimulando que mais países se armassem por medo de se tornarem os próximos alvos.<sup>643</sup>

A globalização volta a ser tema das reflexões do antigo mandatário. Ele reitera o argumento de que embora seja um processo que não poderia ser evitado – e nem deveria, dadas as potencialidades de integração por ele proporcionadas – caberia sim orientá-lo, coordená-lo e direcioná-lo adequadamente, a fim de combater eventuais excessos, reduzir as desigualdades e garantir a preservação das diferentes culturas. Gorbachev aponta ainda que a vinculação do neoliberalismo a esse processo contribuiu para o avanço da concentração de renda e de crises econômicas, realidade vivida por seu país na década anterior.<sup>644</sup>

Como mencionado anteriormente, o avanço das desigualdades globais está na base dos grandes problemas de escala global, oferecendo terreno fértil ao crescimento de movimentos radicais. Nesse ponto, Gorbachev faz uma declaração polêmica ao vincular a *Sharia*, um conjunto de leis islâmicas adotadas por lideranças mais conservadoras, como um instrumento dos fundamentalistas, caracterizando-a como

---

<sup>642</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 49.

<sup>643</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 52.

<sup>644</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 54.

contrária aos princípios da civilização moderna e dos direitos humanos.<sup>645</sup> Cumpre lembrar que essa visão do ex-líder soviético acerca dos movimentos radicais muçulmanos está profundamente influenciada pelas situações vividas tanto pela URSS quanto pela Rússia pós-1991, onde grupos extremistas lideravam insurreições e promoviam ataques contra alvos do governo, a exemplo dos rebeldes Chechenos.

Em que pese o tom crítico aos setores conservadores islâmicos, Gorbachev também aponta a inviabilidade de outro extremo: os movimentos de extrema direita europeus, que ganharam força como resposta às insatisfações trazidas pela globalização e a escalada do terrorismo. Em 2002, o mundo assistiu com surpresa a chegada do candidato da extrema-direita francesa, Jean-Marie Le Pen, ao segundo turno das eleições presidenciais. Embora tenha perdido no segundo escrutínio por uma diferença robusta – Jacques Chirac obteve mais de 80% dos votos –, o feito do candidato da Frente Nacional [atual Reagrupamento Nacional] despertou um alerta em vários setores políticos e intelectuais ao redor do mundo. Para o ex-líder soviético, esses movimentos representavam um risco à democracia e a segurança internacional, uma vez que partilhavam também de visões fundamentalistas.<sup>646</sup>

Embora relatasse a visão subestimada que o regime soviético mantinha em relação à questão ambiental, citando como referência a poluição do lago Baikal e a desertificação do Mar Aral, o ex-mandatário se coloca ao lado do ecologista francês Jacques-Yves Cousteau, que declarara que os maiores prejuízos à natureza foram causados pela ganância dos mercados capitalistas e não pelos regimes socialistas. Ainda assim, Gorbachev faz questão de destacar que não defende o retorno do comunismo – em suas palavras, uma “utopia que teve seu tempo”.<sup>647</sup>

Uma vez concluído o diagnóstico, Gorbachev passa a responder à pergunta “o que fazer?”, a qual ele define como emblemática na intelectualidade russa e que havia sido título de obras marcantes de autores como Nikolay Tchernyshevsky e o próprio Lenin. Mas ao contrário desses autores, identificados com as causas revolucionárias,

---

<sup>645</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 57.

<sup>646</sup> GORBACHEV, 2003d, pp 57-58.

<sup>647</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 59.

Gorbachev defende que o mundo não precisava de mais uma revolução, mas sim de um processo evolutivo, um caminho gradual para a construção de uma nova ordem.<sup>648</sup>

Em um mundo globalizado e cada vez mais integrado, não é apenas o comércio que transpassa barreiras, mas também o fazem os grandes problemas da atualidade. No contrapeso das assimetrias provocadas pela globalização, o ex-líder soviético propõe um maior diálogo entre os diversos extratos sociais, entre as nações do Norte e do Sul global, entre defensores e críticos da globalização. As diferentes visões deveriam ser reunidas em fóruns conjuntos, a fim de que pudessem dialogar e construir pontes, substituindo a “velha teoria da luta de classes por uma nova realidade”.<sup>649</sup> Nesse sentido, ele faz críticas diretas à segregação dos atores globais em espaços distintos, citando como exemplo o niilismo existente entre o Fórum Econômico Mundial, representante das elites econômicas e empresariais, e o Fórum Social Mundial, reunindo os marginalizados e críticos desses processos.

Outra pergunta que o autor se propõe a responder é justamente como se pode direcionar ou orientar um processo como a globalização, que se dá a partir de forças e em esferas distintas. Para ele, um primeiro passo fundamental consiste no fortalecimento das estruturas supranacionais existentes na forma de Organizações e Regimes Internacionais (ONU, OMC, FMI, Banco Mundial, etc.), convertendo-os em instituições mais democráticas e participativas, com instrumentos capazes de regular de fato a comunidade internacional. Naquele momento, embora muitas dessas atribuições já estivessem delegadas a vários desses organismos, estes careciam de força para fazer valer o direito internacional e as decisões coletivas, constantemente contrariadas por decisões unilaterais, inclusive das grandes potências.<sup>650</sup>

Ao tratar das transformações necessárias nas instituições, ele cita como exemplo a reforma do Conselho de Segurança da ONU, que na sua visão deveria incluir os países emergentes – a exemplo do Brasil – como membros permanentes do colegiado. Outra proposta consistia na criação de um “conselho mundial de anciãos”, em analogia aos conselhos dessa natureza em tribos e povos antigos, que em sua versão moderna reuniria especialistas, intelectuais, ex-líderes mundiais, artistas e personalidades que já

---

<sup>648</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 71.

<sup>649</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 77.

<sup>650</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 78.

tenham contribuído significativamente com a humanidade em seus campos de atuação e que agora poderiam refletir e aconselhar as lideranças da atualidade.<sup>651</sup>

No campo econômico, as principais críticas do antigo dirigente se voltam para a sociedade do consumo, que para ele cria a sua própria demanda, muitas vezes insustentável em larga escala. Gorbachev ataca novamente o neoliberalismo, ao qual atribui a responsabilidade por ter convertido o consumo em motor do progresso econômico. Seguindo esse receituário, ele aponta que alguns países converteram o consumismo em uma bandeira nacional, algo que se confunde com o patriotismo e os valores da própria nação – mais uma vez, apontando para uma crítica indireta aos Estados Unidos.<sup>652</sup> Aos que alardeavam o risco de um desemprego em massa com a redução do consumo, o ex-líder soviético responde com a possibilidade de realocação da mão de obra eventualmente dispensada para novos setores emergentes, citando como exemplo o cuidado de idosos ou a proteção do meio ambiente. Curiosamente, Gorbachev propõe uma solução que, em boa medida, se fundamenta em princípios defendidos por autores liberais.

Embora defensor da abordagem reformista, Gorbachev se coloca como favorável a uma única revolução: no campo das ideias. Mais especificamente, ele propõe que o ser humano deixe de ser visto como rei da natureza e passe a ser considerado parte integrante e orgânica dela. Essa nova mentalidade, necessária para a construção de um paradigma moderno de desenvolvimento, de caráter sustentável, não deve ser entendido como uma utopia. Diferente do que fora o modelo de uma sociedade comunista – que ele próprio definiu como utópica -, esse projeto seria plenamente realizável, pois se construiria a partir de bases materiais, de iniciativas e políticas já existentes.<sup>653</sup> A internet surge como um poderoso instrumento para a difusão das informações e da educação ambiental em larga escala – pelo menos assim acreditava o autor.

O livro caminha para seu encerramento com uma reflexão sobre o papel da sociedade civil nessa nova etapa de enfrentamento dos problemas globais. Para tanto, o autor passa a discorrer sobre a atuação da organização que preside, a Cruz Verde Internacional. Ele a define como uma entidade da sociedade civil organizada, voltada a

---

<sup>651</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 79.

<sup>652</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 83.

<sup>653</sup> GORBACHEV, 2003d, pp. 85-86.

exercer pressão nos principais atores políticos e empresariais por uma agenda integrada de preservação do meio ambiente – visto novamente como uma unidade indissociável entre ecologia, justiça social e política.<sup>654</sup> Vale ressaltar que Gorbachev também criticava a atuação de organizações do movimento ambientalista como o Greenpeace, cujos métodos considerava radicais, embora concordasse com as pautas e o trabalho de preservação desenvolvido pela entidade.<sup>655</sup>

Como exemplo de ação integrada, ele cita a atuação da Cruz Verde nos debates sobre o uso da água no Oriente Médio, especialmente na bacia do Rio Jordão. Nessa questão, que num primeiro momento poderia parecer restrita ao aspecto ambiental, entram em jogo embates históricos entre povos locais, disputas territoriais e o uso dos recursos naturais como instrumento de pressão e exploração. Dessa forma, ele procura demonstrar que as questões do meio ambiente não podem preceder dos debates políticos e econômicos, sendo que sua solução passa pela busca de um equilíbrio entre a abrangência transacional dos problemas e o princípio da soberania dos Estados envolvidos.<sup>656</sup>

A fim de atingir esse objetivo, Gorbachev volta a defender a necessidade de se estabelecer um novo sistema de valores, que coloque a questão ambiental em uma posição central. Nessa perspectiva, ele advoga em favor de uma nova versão da Declaração dos Direitos Humanos, haja vista que a atual não contempla todos os desafios e a complexidade da sociedade contemporânea.<sup>657</sup> Os pilares dessa nova declaração girariam em torno da defesa dos direitos humanos, a erradicação da pobreza, a igualdade de gênero, a valorização da paz e, claro, a preservação do meio ambiente.<sup>658</sup> Em seu conjunto, esses princípios passariam a guiar não apenas a conduta dos Estados, mas também das empresas, organizações e dos indivíduos.

Restava ainda responder como seria possível alcançá-las, já que o próprio autor reconhece que as lideranças políticas internacionais não pareciam caminhar nesse sentido desde o fim da URSS. Para Gorbachev, a saída está na emancipação da sociedade civil e dos cidadãos enquanto indivíduos, que devem se ver como atores

---

<sup>654</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 94.

<sup>655</sup> GORBACHEV, 2006c, p. 123.

<sup>656</sup> GORBACHEV, 2003d, pp. 103-104.

<sup>657</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 105.

<sup>658</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 106.

também relevantes, agentes ativos da transformação com responsabilidade sobre seu futuro. A mobilização desses agentes é fundamental para pressionar os tomadores de decisão a seguir na direção de uma nova ordem pautada no desenvolvimento justo e sustentável.

Ele conclui seu ensaio com uma breve digressão sobre a evolução do conceito do homem como fim em si mesmo, algo que ele vincula como decorrente dos mitos do progresso e da ilusão do controle do homem sobre a natureza e a tecnologia. Gorbachev afirma crer que o domínio da espécie humana sobre a terra não foi uma consequência natural da evolução, mas sim fruto de uma série de acidentes.<sup>659</sup> Ainda assim, ele acredita que a humanidade é capaz de encontrar o caminho para superação dos desafios pontuados, garantindo sua sobrevivência na Terra:

A exemplo do grande escritor americano William Faulkner, eu me recuso a aceitar a possibilidade do fim da humanidade, quaisquer que sejam as provações tenha de enfrentar.

Este é meu credo de um incorrigível otimista.<sup>660</sup>

### ***Entender a Perestroika***

Como já destacado, o ano de 2005 marcou também o aniversário de duas décadas do início da *perestroika*. Dentro e fora da Rússia, as reformas implementadas nos anos finais da URSS foram objeto não apenas de celebração, mas ainda de intensa discussão, especialmente em relação ao papel desempenhado por elas no ocaso soviético e na crise vivida no país eslavo durante a década de 1990. No âmbito doméstico, esse período ainda carregava uma imagem bastante negativa após duas décadas: segundo o Centro Levada, 70% dos russos acreditavam que as políticas introduzidas em 1985 trouxeram mais danos do que benefício ao país. Ao mesmo tempo, 36% acreditavam que se a *perestroika* não tivesse sido iniciada em 1985, teria sido possível evitar graves conflitos e convulsões, além preservar o grande país unificado.<sup>661</sup>

Em mais uma de suas investidas na batalha pela memória histórica do período da *perestroika*, em defesa de sua atuação e da importância das reformas que conduziu, Gorbachev se dedica à redação de mais uma extensa obra, sob o título *Ponyat'*

---

<sup>659</sup> GORBACHEV, 2003d, p. 116.

<sup>660</sup> GORBACHEV, 2003d, pp. 118-119.

<sup>661</sup> LEVADA, 2015.

*perestroyku... Pochemu eto vazhno seychas* [“Entender a *perestroika* ... Por que isto é importante agora”], publicada na Rússia no início de 2006. O livro reúne transcrições de documentos, entrevistas e lembranças do ex-líder soviético relativos ao período em que esteve à frente do regime soviético. A maior parte desse material foi retirada de seus arquivos pessoais e suas memórias.

Nas últimas páginas do livro, as guisas de uma conclusão, Gorbachev escreve um breve capítulo com o título “Significado Histórico da *Perestroika*”, no qual faz uma análise pessoal das reformas e de seu legado para a Rússia e o mundo.<sup>662</sup> Nas primeiras linhas, o último líder-soviético faz um interessante paralelo entre a importância histórica da Revolução de 1917 e a *Perestroika*. Enquanto a primeira optara pela via ditatorial e autoritária, a segunda seguiu pelo caminho democrático, mas ambos os processos se revelaram escolhas inevitáveis e adequadas a seus respectivos momentos históricos, pois expressavam de fato o interesse da nação.<sup>663</sup>

Nesse sentido, ele volta a defender que a experiência soviética não pode ser vista apenas por um prisma negativo que condene por completo todas as realizações do regime. Ao contrário, ele reitera algumas das principais conquistas obtidas nesse período como a garantia de condições básicas de vida e os altos índices de industrialização da economia e escolarização da população soviética – este último, novamente, apontado como um dos principais fatores que, paradoxalmente, contribuiria para a rejeição cultural que o próprio regime enfrentara em seu estágio final.<sup>664</sup>

Em que pese as ressalvas em relação aos marcos da experiência soviética, o autor reforça suas críticas ao autoritarismo do regime que passara a liderar em 1985. Em uma crítica direta ao ideário que fundamentava o antigo gigante socialista, Gorbachev afirma que a História não havia confirmado o inevitável colapso do capitalismo, algo que ele acreditava que sequer ocorreria no futuro.<sup>665</sup> Ele volta a defender que a *perestroika* deve ser encarada como um projeto de desconstrução do regime totalitário e que pretendia substituí-lo por uma sociedade pautada em valores humanos comuns,

---

<sup>662</sup> Em 2009, em um livro publicado pela Fundação Gorbachev, esse capítulo ganharia uma tradução para o inglês. Cf.: GORBACHEV, 2009a, pp. 292-302.

<sup>663</sup> GORBACHEV, 2006d, p. 365.

<sup>664</sup> GORBACHEV, 2006d, p. 366.

<sup>665</sup> GORBACHEV, 2006d, p. 366.



como justiça e solidariedade – valores esses que ele define como não apenas democráticos, mas também cristãos.

Convém aqui destacar a relação que mais uma vez Gorbachev procura estabelecer entre os valores humanistas, eixo central de sua visão de uma sociedade compatível às necessidades e potencialidades da atualidade, e os valores de matriz religiosa. Desde os anos 1990, como já destacado em nossa análise, essa associação é recorrente, embora na maioria das vezes apareça de forma genérica, englobando o conjunto das várias religiões. Gorbachev não faz menção a crenças específicas, mas sim aos valores que considera estar na essência comum das várias confissões da religiosidade humana, como a solidariedade e a tolerância. A relação especial com o cristianismo se destaca, por exemplo, quando ele o utiliza como um elemento comum entre seu país e as demais nações do velho continente, laços que tornariam a Rússia parte inalienável da “Grande Europa” ou “Lar Comum Europeu”.

Na sequência, Gorbachev resgata sua crença de que no futuro a sociedade mundial não mais se pautaria pela dicotomia socialismo-capitalismo, mas sim buscaria conciliar as vantagens das experiências socialistas e liberais. A *perestroika*, inclusive, teria sido um primeiro movimento nesse sentido, uma busca por conciliar as vantagens dos sistemas até então antagônicos – algo que hoje se torna ainda mais necessário, independente do nome que se dê à construção dela resultante:

A *Perestroika* ocorreu como uma alternativa a dois extremos históricos: capitalismo egoísta da propriedade privada, por um lado, e totalitarismo stalinista, por outro. Foi um movimento espontâneo e consciente, proposital, em direção à síntese das características positivas do socialismo e do capitalismo.

O importante não é como essa síntese seria chamada, o principal é que essa grande tentativa de criatividade social visava superar a contradição "condenada" entre eficiência e justiça. Pretendia-se mostrar a infinitude da história, levar a raça humana a um nível diferente de realização de seu potencial.<sup>lxxviii</sup>

Contrariando aqueles que viam as suas reformas como uma concessão ao modelo vigente no Ocidente, Gorbachev destaca que a *perestroika* consistiu, na realidade, em um contraponto à própria hegemonia do neoliberalismo no mundo, uma

vez que, para ele, as mudanças introduzidas na URSS tinham como uma de suas principais bandeiras a preocupação com o bem-estar e os interesses sociais.<sup>666</sup> Ao se opor tanto ao sistema vigente na URSS e ao modelo dominante no Ocidente, Gorbachev sinaliza mais uma vez sua clara associação entre as medidas adotadas e as ideias social-democratas.

O autor defende ainda que a *perestroika* não pode ser avaliada apenas por suas realizações materiais (indicadores econômicos, por exemplo), mas sim pela magnitude da virada que ela representou em séculos de história da Rússia, em referência à tentativa de superação do modelo autoritário e na consolidação democrática como pontos de inflexão no desenvolvimento de seu país. Ele ainda procura demonstrar que as reformas não consistiram em um movimento isolado de Moscou, mas devem ser vistas como parte de um processo maior que estava em curso no continente europeu naquele momento, uma terceira onda de revoluções democráticas iniciadas em 1970, na qual ele insere as experiências vividas por países como Grécia, Portugal e Espanha.<sup>667</sup>

O ex-secretário-geral do CC do PCUS volta a pontuar como um de seus maiores equívocos na condução da *perestroika* a demora em introduzir uma reforma mais radical no interior do próprio partido, dividindo-o em pelo menos duas agremiações distintas: uma de apoiadores das reformas em curso, de inclinação social-democrata; e outra formada pelos setores mais conservadores, saudosos do antigo regime e de suas práticas.<sup>668</sup> Vale lembrar, que nos anos 1990, o ex-líder soviético tinha uma visão um pouco distinta, afirmando em seus diálogos com Mlynar, por exemplo, que não considerava ter perdido o momento para a saída ou segregação do partido. Ainda assim, ele comemora o fato de ter conseguido avançar com as reformas até o ponto em que elas não poderiam ser mais retrocedidas.

Ao final, o ex-dirigente soviético passa a analisar as consequências negativas do ocaso soviético – que reitera novamente não ter sido objetivo das reformas, mas consequência da atuação de formas conservadoras e oportunistas. No plano global, Gorbachev destaca que um dos principais efeitos negativos do fim da URSS teria sido a retirada do cenário internacional de um importante agente regulador e pacificador.<sup>669</sup>

---

<sup>666</sup> GORBACHEV, 2006d, p. 367.

<sup>667</sup> GORBACHEV, 2006d, p. 367.

<sup>668</sup> GORBACHEV, 2006d, pp. 370-371.

<sup>669</sup> GORBACHEV, 2006d, p. 369.

Não nos parece que o autor procura aqui ceder à linha ideológica vigente na política externa soviética pré-*perestroika*, que colocava a atuação de Moscou como libertária frente ao imperialismo capitalista. Ao caracterizar seu antigo país como um agente regulador, Gorbachev parece estar analisando sobre uma perspectiva mais realista das relações internacionais, onde a superpotência socialista oferecia um contraponto aos interesses e limite à atuação indiscriminada das potências que comandavam o bloco oposto.

Já em termos de política interna, o ex-líder retoma suas habituais críticas a seu sucessor, reafirmando que as políticas destrutivas de Boris Iéltsin durante as negociações para o novo Tratado da União foram o principal fator negativo que corroborou para a dissolução soviética. Já em relação aos anos 1990, ele reforça suas críticas à terapia de choque, acusando-a de ter acentuado as desigualdades sociais do país, e condena a atuação da presidência, que teria sido responsável por uma série de violações dos direitos humanos.<sup>670</sup>

Gorbachev destaca ainda que desde o período final da URSS, a redução do poder do Estado em crise levava ao aumento da violação das leis e o fortalecimento da ação das máfias, que aos poucos foram ocupando espaços outrora controlados pelo governo, incluindo os bens e serviços públicos. Nesse processo, ele localiza a origem das oligarquias que passaram a comandar o cenário político e econômico da Rússia a partir de 1991.<sup>671</sup> A crise experimentada por seu país nos anos 1990 fizera inclusive surgir uma certa nostalgia do período soviético, que para ele crescera como resposta da população ao cinismo do governo à época. Para o ex-líder soviético, a resposta não estaria no retorno ao antigo sistema dirigista, mas sim no fortalecimento de valores fundamentais como a liberdade, igualdade, justiça e solidariedade:

Os principais valores sociopolíticos que considerei - e continuo acreditando - liberdade, igualdade, justiça, solidariedade. Gerações inteiras daqueles que lutaram pela libertação e dignidade das pessoas professavam esses valores. Sob o signo desses valores, grandes movimentos de massa surgiram. De qualquer forma, tenho certeza de que, sem o valor da liberdade, sem a ideia de justiça na política e na vida, sem solidariedade, sem padrões morais geralmente aceitos, a sociedade será totalitária ou autoritária.<sup>lxxix</sup>

---

<sup>670</sup> GORBACHEV, 2006d, p. 372.

<sup>671</sup> GORBACHEV, 2006d, p. 371.

### ***O segundo mandato de Putin***

Embora as críticas à falta de competitividade das eleições russas fossem um elemento crescente em suas manifestações públicas, Gorbachev continuaria demonstrando apoio ao presidente de seu país ao longo de seu segundo mandato. Em um artigo publicado no jornal italiano *La Stampa*, o ex-secretário-geral do CC do PCUS deixou claro como enxergava o papel do então dirigente moscovita naquele momento:

Então a *perestroika* foi interrompida. A estratégia que se baseava na preservação da união das repúblicas durante sua descentralização, nas reformas evolutivas, foi substituída pela terapia de choque e pelo desmembramento do país. Os resultados estão na frente de todos. Serão necessários grandes esforços para superar as consequências do caos que varreu a Rússia nos anos 1990. A solução para este tão grave problema histórico caiu nos anos da presidência de Vladimir Putin. No primeiro mandato, a estabilização foi alcançada, e isso é positivo. O principal agora é continuar as transformações democráticas, porque sem isso é impossível trazer a Rússia para o caminho do desenvolvimento dinâmico.<sup>lxxx</sup>

Se para Gorbachev, a ascensão de Iéltsin representava uma ruptura em relação aos objetivos traçados pela *perestroika*, Putin surgira como uma correção no rumo do país, estabilizando-o e colocando-o novamente nos trilhos das reformas graduais. O ex-líder soviético não escondia sua profunda indignação com o que considerava ter sido uma perseguição orquestrada por Iéltsin nos anos 1990. Entre 1992 e 1993, as tensões entre Gorbachev e seu sucessor ganharam contornos institucionais, com o ex-líder soviético acusando o Kremlin de persegui-lo, especialmente após o episódio do despejo da Fundação Gorbachev das instalações que ocupara desde sua criação, cedidas à época por meio de um acordo estabelecido com o governo. Gorbachev também responsabilizava Iéltsin por incluí-lo nas investigações judiciais contra o PCUS e destaca ainda que fora proibido de sair do país durante esse processo, o que considerou uma clara retaliação contra sua popularidade no exterior. Em entrevista ao jornal russo *Gazyeta*, ele parece transparecer sua insatisfação em relação a esse período:

Política é política, há momentos agudos, discrepâncias, você pode discutir, mas é preciso continuar sendo humano. No entanto, houve tantos pequenos Foros [em referência ao local em que ficou preso, durante a tentativa de Golpe em agosto de 1991], tentativas de humilhação. Iéltsin parecia estar

simplesmente doentio. Que vingança! O que experimentei por quase dez anos sob sua asa, por assim dizer, não posso perdoar Boris. Tudo, como se estivesse sob corrente, estremeceu. Inicialmente com as instalações, depois com carros, depois com a equipe. Eles me arrastaram para o julgamento do PCUS. Não estávamos mais autorizados a viajar para o exterior. Somente a morte de Brandt [Willy Brandt, ex-chanceler da Alemanha, morto em 1992] aliviou Gorbachev dessa condição.<sup>lxxxix</sup>

Crescia gradativamente o tom das críticas de Gorbachev ao partido majoritário no parlamento, o Rússia Unida. O ex-líder via a agremiação como a principal responsável pelos retrocessos democráticos vividos pelo país naquele momento, especialmente em relação à falta de competitividade e denúncias de fraude nas eleições. Em entrevista ao jornal russo *Nezavisimaya Gazeta*, ele denunciava as dificuldades impostas pelas elites políticas para a formação de novos partidos, estabelecendo pela primeira vez um paralelo entre a atuação do Rússia Unida e o PCUS:

Eles precisam ser criados [partidos políticos para liderar a oposição no parlamento]. E, claro, de baixo. Tentativas de "mover" uma certa estrutura a partir das existentes estão fadadas ao fracasso. Acabarão iguais. Por exemplo, eles criaram "Rússia Unida" dessa maneira - o PCUS era seu protótipo. Mas ele acabou se convertendo na sombra do PCUS!<sup>lxxxix</sup>

Outro grande evento político ocorrido em 2005 seria a condenação do empresário e oligarca russo, Mikhail Khodorkovsky, que nos anos 1990 havia se tornado o principal acionista do grupo petrolífero Yukos. Um dos casos mais emblemáticos das investigações movidas contra os oligarcas no início dos anos 2000, o julgamento de Khodorkovsky culminou na sua condenação, em maio de 2005, a nove anos de prisão. Ao longo do processo, o governo russo retomou o controle da Yukos. Questionado pela agência de notícias *Interfax* sobre os desdobramentos do caso, Gorbachev declara que via como positivo a retomada do controle estatal em relação aos setores estratégicos da economia, como a exploração dos hidrocarbonetos, energia, transporte ferroviário e indústria de defesa. Ao mesmo tempo, embora defendesse as investigações e a punição dos crimes que fossem comprovados, o ex-líder afirma não

concordar com algumas das práticas das forças policiais que conduziram o processo, vistas por ele como violentas e baseadas na imposição do medo.<sup>672</sup>

Aos poucos, as críticas ao governo vão chegando cada vez mais perto do dirigente máximo do país. Ao jornal alemão *Die Welt*, ainda em março de 2005, Gorbachev contesta as escolhas de Putin para a chefia do gabinete de ministros, embora defendesse que o mandatário vinha sendo o fiel da balança para conter as medidas mais radicais do primeiro-ministro e sua equipe, especialmente nas reformas dos serviços públicos.<sup>673</sup> Na mesma ocasião, ao ser questionado sobre uma eventual migração para oposição, Gorbachev nega tal movimento, reafirma sua confiança no chefe de Estado, mas destaca alguns pontos que deveriam ser perseguidos pelo Kremlin para correção dos caminhos percorridos pelo país:

Precisamos de um estado de direito, ele [Putin] deve lutar mais decisivamente contra a corrupção. É necessário continuar persistentemente as transformações democráticas, respeitar e proteger os direitos dos cidadãos garantidos pela constituição.<sup>lxxxiii</sup>

Em outras manifestações, Gorbachev afirmou acreditar que o presidente poderia estar sendo enganado por assessores mal-intencionados, que pretendiam se aproveitar da conjuntura e impedi-lo de tomar as decisões corretas – situação com a qual estabelece um paralelo inclusive com a sua própria experiência enquanto líder. Para ele, setores mais ligados ao neoliberalismo econômico radical estariam atentando contra os direitos sociais e a própria consolidação democrática do país, cabendo ao presidente suprimi-los e redirecionar o governo para o enfrentamento dos principais problemas da Rússia naquele momento: a pobreza e os baixos índices de qualidade de vida da população.<sup>674</sup>

Gorbachev também se posicionara nas discussões sobre a reforma das divisões administrativas internas russas, criticando as propostas de extinção das repúblicas autônomas de caráter étnico. Ao defender a permanência dessas estruturas, o ex-líder faz uma deferência à Lenin, o idealizador desse modelo e a quem continua a se referir como um grande líder pragmático.<sup>675</sup> Também em meio a essas discussões, o ex-secretário-geral do CC do PCUS se coloca a favor do retorno das eleições diretas para

---

<sup>672</sup> GORBACHEV, 2005a.

<sup>673</sup> QUIRING, GORBACHEV, 2005.

<sup>674</sup> GORBACHEV, 2005b.

<sup>675</sup> GORBACHEV, 2005b.

governadores e dirigentes locais, extintas por Putin em seu primeiro mandato, mas com a possibilidade de que o presidente pudesse destituí-los em determinadas condições. O sucesso de todas essas mudanças passava necessariamente pela mudança na composição do parlamento e do gabinete de ministros.<sup>676</sup>

A partir de 2006, um novo tema entra em debate no cenário político russo. Vozes importantes da liderança moscovita argumentavam que os processos políticos e econômicos iniciados com o fim da *perestroika* e que se estenderam ao longo dos anos 1990 não haviam resultado na consolidação de uma democracia no país, alicerçada em valores como o progresso material, justiça e liberdade. Ao contrário, afirmavam que tais processos haviam estabelecido um regime oligárquico, por um movimento questionável de privatização e restrições à liberdade de imprensa, que entregara os principais grupos de mídia nas mãos dos oligarcas. O país assistira também a uma piora significativa nos níveis de vida da população, além da forte instabilidade gerada pelas disputas entre os governos regionais e as leis e decisões adotadas centralmente.

Como resposta a esse quadro, algumas dessas lideranças, dentre elas o assessor e conselheiro presidencial Vladislav Surkov, passaram a defender um conceito *sui generis* de democracia para a Rússia, a chamada “democracia soberana” [*suverennaya demokratiya*].<sup>677</sup> Seus proponentes argumentavam que esse modelo visava combater as tentativas de interferência estrangeira e de grupos políticos internos poderosos como os oligarcas na condução política do país. Como o próprio termo faz alusão, pretendia-se combinar os mecanismos da democracia representativa com a garantia da soberania nacional e popular, de modo que se assegurasse ao mesmo tempo o respeito à diversidade de opiniões e a integridade do Estado.

Por garantia da soberania, seus defensores argumentavam que determinadas medidas de regulação no sistema eleitoral ou mesmo nos meios de comunicação se justificariam como forma de evitar a manipulação e interferência desses grupos que, na década anterior, haviam desviado os rumos do país. A democracia soberana era colocada ainda como uma adaptação do modelo democrático ocidental à realidade e às especificidades russas, marcadas por um longo histórico de regimes dirigistas e

---

<sup>676</sup> GORBACHEV, 2005c.

<sup>677</sup> Para um exame mais aprofundado do conceito de Democracia Soberana defendida por esse grupo, conferir os discursos proferidos por Vladislav Surkov nas conferências do partido Rússia Unida, em 2006. Cf.: SURKOV, 2006a. SURKOV, 2006b.

autoritários, além das singularidades decorrentes de um Estado Multinacional tão amplo e diverso.

Desde o início desse debate, Gorbachev via com desconfiança o discurso adotado por essas lideranças. Embora concordasse que as políticas de Iéltsin não haviam colaborado para a consolidação da democracia russa – ao contrário, sempre destacara que elas teriam sido responsáveis pela grave crise econômica e pelo verdadeiro caos político vivido por seu país ao final do século XX – o ex-líder soviético se opunha às medidas de regulação eleitoral e dos meios de comunicação. Mesmo antes do conceito ser apresentado à sociedade, ele já havia demonstrado sua insatisfação com as propostas de reformas eleitorais que o partido Rússia Unida pretendia aprovar na Duma.

A comunidade internacional também recebeu com fortes ressalvas o novo modelo de democracia vislumbrado por Moscou. Líderes internacionais, especialmente os EUA, já vinham criticando o que avaliavam como investidas autoritárias do governo Putin desde o seu primeiro mandato – frente aos quais, como já destacado, Gorbachev rejeitava tais acusações e defendia o chefe de Estado de seu país. Em uma entrevista ao jornal *Rossiyskaya Gazeta* concedida pouco depois de um encontro do G8, realizado em julho de 2006, o ex-líder soviético trataria diretamente dessas questões.<sup>678</sup> Inicialmente, ele defende mais uma vez a figura do presidente e critica o que considera uma interferência externa em questões domésticas russas, em referência às críticas feitas pelo então vice-presidente dos EUA, Dick Cheney, ao sistema político russo o durante o encontro das principais potências mundiais.

Ao mesmo tempo, ele não se priva de questionar e fomentar um debate sobre as reformas do sistema eleitoral que vinham sendo discutidas. Um dos principais desafios, segundo o ex-líder soviético, seria justamente o de garantir um ambiente de maior competitividade nas eleições do país. Gorbachev condena o que considera um controle excessivo sobre os partidos, especialmente as propostas que pretendiam endurecer ainda mais as regras para registro de novas agremiações, bem como o estabelecimento de cláusulas de barreira altas e o fim das candidaturas independentes (com a adoção exclusiva do voto em lista fechada).

---

<sup>678</sup> GORBACHEV. 2006b.



O ex-dirigente soviético também se posicionou contrário à proibição do monitoramento das eleições por organizações civis locais e entidades internacionais como a ONU. Ele rejeita ainda as medidas que impunham limites à atuação dos órgãos de imprensa, controle da difusão de informações na internet, regras rígidas para manifestações populares e um sistema de vigilância sobre ONG's e a sociedade civil organizada. Em relação ao conjunto das reformas, vistas como uma tentativa de colocar em prática a “democracia soberana” na Rússia, Gorbachev afirmava que embora os regimes democráticos sempre tenham que se adaptar às realidades dos diferentes países em que se estabelecem, haviam princípios básicos que deveriam guiar esses sistemas, sob o risco de criar modelos distorcidos, não democráticos, a exemplo do ocorrido nos países socialistas:

Tudo isso [as reformas eleitorais] é justificado pelas especificidades nacionais de nossa democracia ou por algumas circunstâncias externas? Eu acho que não.

Evidentemente, a democracia deve crescer em solo próprio em cada país e ter suas próprias características nacionais. Mas existem princípios gerais. As restrições que podem ser necessárias em situações que ameaçam a própria existência do Estado e da vida das pessoas devem ser consideradas temporárias, e não elevadas ao princípio, como fazem os teóricos da democracia "soberana" ou "controlada". Tais definições distorcem a essência da democracia - assim como distorcem seus conceitos as democracias "socialista" ou "popular".<sup>lxxxiv</sup>

Ao igualar o conceito de “democracia soberana” às antigas democracias socialistas ou populares – nomes largamente utilizados pelos estados socialistas para caracterização de seus regimes políticos – o ex-dirigente deixa clara sua discordância em relação aos rumos que parte da elite política russa pretendia impor ao país, igualando tal movimento ao daqueles saudosos pelo restabelecimento do velho modelo soviético. Vale lembrar que Gorbachev mantinha sua visão crítica à experiência do socialismo real na Rússia e na Europa Oriental, reiterando que estes governos haviam se afastado dos ideais socialistas e se convertido em estruturas autoritárias.

Mesmo sem retroceder das críticas ao socialismo real, ele se posicionou contra a Resolução nº 1481, adotada em 2006 pela Assembleia Parlamentar do Conselho Europeu (APCE), que defendia a “necessidade de uma condenação internacional dos

crimes cometidos pelos regimes comunistas totalitários”.<sup>679</sup> Na prática, o documento condenava severamente os regimes socialistas e comunistas, equiparando-os ao nazifascismo, sobretudo em relação aos crimes cometidos contra a humanidade, violação dos direitos civis e autoritarismo. Para o ex-líder soviético, esse era mais um indicativo da pressão das potências ocidentais contra a Rússia. Ele considerava ainda como injusta a reprovação de toda experiência histórica do socialismo real, uma vez que nela confundiam os crimes cometidos pelos regimes às conquistas reais de gerações de cidadãos daqueles países, construídas à base de muito trabalho e dedicação. Tal julgamento caberia apenas, na visão de Gorbachev, ao tribunal da História.<sup>680</sup>

A oposição à interferência do Ocidente nas questões domésticas russas era um elemento constante nas manifestações de Gorbachev. Normalmente, essa posição vinha acompanhada de uma defesa da figura de Vladimir Putin e da rejeição das acusações de que seu país estaria retomando o caminho do autoritarismo. Em outro artigo publicado no *Rossiyskaya Gazeta*, Gorbachev apontou incoerências no discurso ocidental em relação à democracia russa dos anos 1990 e 2000, enxergando por trás dessa mudança interesses geopolíticos das potências estrangeiras:

Hoje, a Rússia é frequentemente criticada, acusada de reprimir a mídia e reverter a democracia. No entanto, poucas pessoas prestam atenção a esse fato: quando no país, na época de Iéltsin, as bases dela foram destruídas, o Ocidente aplaudiu. E isso, apesar do bombardeio ao parlamento em 1993, das “eleições sem escolha” em 1996, do controle burocrático-oligárquico sobre a mídia, da restrição total à liberdade de expressão nas regiões, da situação difícil da maioria da população.

As críticas se intensificaram quando a Rússia começou a se levantar. E essa crítica - às vezes justificada, mas muitas vezes apressada e inaceitavelmente dura - é acompanhada de generalizações de longo alcance. Dizem que a Rússia é inerentemente incapaz de dominar os princípios e procedimentos democráticos, de criar uma sociedade civil, de abandonar as "ambições imperiais" e, portanto, o Ocidente não tem como se aproximar.

Não posso concordar com esse raciocínio. Isso geralmente é propaganda comum. Mas, de fato, a Rússia pertence aos países onde ocorre a transição democrática.<sup>lxxxv</sup>

---

<sup>679</sup> Cf.: APCE, 2006

<sup>680</sup> GORBACHEV. 2006a.

Interessante notar uma aproximação entre o diagnóstico de Gorbachev acerca da experiência política de seu país durante os anos 1990 e a avaliação externada pelos idealizadores da “democracia soberana”, como Surkov. Ambos concordam que o processo conduzido por Iéltsin, apoiado pelas potências ocidentais, não consolidara um regime verdadeiramente democrático na Rússia. Já a mudança na atitude dos governos estrangeiros, que na década seguinte passariam a acusar as autoridades russas de retomar o caminho autoritário, parecia estar mais relacionado ao interesse de manter a Rússia em uma posição secundária no plano internacional do que uma autêntica preocupação com a natureza democrática do regime vigente em Moscou. As duas interpretações, no entanto, divergem quanto ao caminho que deveria ser perseguido pela liderança do país naquele momento: enquanto Gorbachev mantém sua crença na necessidade de aprofundamento da abertura política e do pluralismo, Surkov advoga em favor da combinação de elementos democráticos com mecanismos de controle que salvaguardassem a soberania russa e os interesses do Estado.

As tensões entre a Rússia e o Ocidente ganhariam um novo capítulo em fevereiro de 2007, com o discurso proferido por Vladimir Putin durante a Conferência de Segurança de Munique. Considerado por muitos analistas como um marco de virada na política externa russa pós-URSS, ele sinalizava a intenção do líder russo em recuperar o prestígio e o protagonismo político que seu país perdera desde o colapso soviético, se posicionando assertivamente em relação às principais questões internacionais. No encontro, o mandatário moscovita critica diretamente o unilateralismo no cenário internacional, especialmente por parte dos norte-americanos, e acusa Washington de tentar impor uma ordem unipolar ao mundo pós-Guerra Fria em diversas esferas (militar, política, econômica e cultural). Putin destaca também a necessidade de respeito à Lei e às Organizações Internacionais, rechaçando abertamente a expansão e atuação da OTAN, classificada como desrespeitosa e hostil à Rússia.

Para o líder russo, os mesmos que há anos vinham tentando ensinar seu país a como ser uma nação democrática pareciam se recusar a aprender o conteúdo de suas lições. Afirma ainda que muitos desses países agiam de forma contraditória frente aos principais problemas globais, oferecendo de um lado ajuda humanitária e caridade, ao mesmo tempo que do outro mantinham o atraso econômico e a exploração das nações mais pobres. Todo esse cenário, para o ocupante do Kremlin, não corroborava para uma

cooperação real e mutuamente benéfica, mas sim levava ao aumento da instabilidade e estimulava o retorno da corrida armamentista. Ele termina seu discurso reforçando o papel da Rússia nas relações internacionais e afirmando que ela manteria sua tradição histórica de política externa independente.<sup>681</sup>

As palavras do presidente russo foram recebidas com espanto e crítica por grande parte dos líderes presentes e da mídia ocidental. Para estes, Moscou adotara um posicionamento agressivo e inaugurara uma nova fase nas relações com o Ocidente, resgatando as hostilidades que marcaram a segunda metade do século XX. Dentro da Rússia, o discurso de Putin seria visto também como um ponto chave, só que em uma perspectiva positiva, na qual os russos finalmente voltavam a ocupar um papel central no cenário global, após anos de crise e redução de seu protagonismo. As manifestações de Gorbachev nesse período pareciam comungar do sentimento de seus compatriotas. Em grande medida, as críticas de Putin à atuação ocidental se alinhavam à avaliação que o ex-líder soviético vinha fazendo em relação ao cenário internacional. Em uma entrevista à agência de notícias russa *Rosbalt*, ele afirma sua anuência às palavras do dirigente russo no discurso proferido em Munique:

Putin disse mais uma vez que a Rússia está voltando, que está assumindo a responsabilidade pelo estado das coisas no mundo, junto com outras grandes potências. Ela contribuirá para a solução dos problemas mundiais. E o que foi dito a eles são algumas abordagens com base nas quais a Rússia liderará o mundo para melhor. A aposta não está na força, mas na cooperação.<sup>lxxxvi</sup>

Se em relação à política externa o apoio de Gorbachev ao Kremlin mantinha-se inabalado, no âmbito doméstico era cada vez mais nítida sua insatisfação em relação às lideranças políticas do país. A figura do presidente ainda era bastante preservada de críticas, as quais se dirigiam em tom cada vez mais incisivo ao partido Rússia Unida. Às vésperas das eleições parlamentares, realizadas em dezembro de 2007, Gorbachev declarava publicamente sua rejeição às reformas eleitorais que haviam sido adotadas desde 2005 e que ele considerava um instrumento idealizado para garantir a permanência desse grupo político no poder. Ele acreditava ainda que se não houvesse

---

<sup>681</sup> O discurso de Putin, em sua íntegra pode ser conferido no site da Presidência da Rússia. Cf.: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>

mobilização das forças democráticas, o Rússia Unida acabaria se convertendo em uma estrutura pior que o antigo PCUS.<sup>682</sup>

### *Governo Medvedev e a Crise de 2008*

As críticas de Gorbachev ao partido majoritário no parlamento não o impediram de apoiar a eleição à presidência do candidato referendado pela agremiação. Após anunciada a vitória de Dmitri Medvedev no pleito realizado em março de 2008, o ex-líder soviético parabenizou publicamente o novo mandatário, em quem afirmou depositar sua confiança. Ele também considerava positiva a decisão de Vladimir Putin em não alterar a legislação russa com o objetivo de poder concorrer a um terceiro mandato consecutivo, discussão que havia dominado o ambiente político da Rússia no ano anterior.<sup>683</sup>

Alguns meses após a posse, o novo governo russo se veria envolvido em mais um episódio de conflito étnico no Cáucaso. Desde o final do período soviético, a região da fronteira entre a Rússia e a Geórgia foi palco de disputas envolvendo as etnias georgiana e osseta, esta última apoiada por Moscou. Um cessar-fogo no início dos anos 1990 pôs fim a um intenso período de guerra, estabelecendo que grande parte do território ocupado pelos ossetas permaneceria oficialmente sob a jurisdição de Tbilisi, mas dotado de relativa autonomia. Lideranças nacionalistas, contudo, continuaram a defender a independência total da Ossetia do Sul - a parcela norte do território encontrava-se dentro das fronteiras da Federação Russa. O agravamento das relações entre os separatistas e as forças georgianas levaram à retomada do conflito armado em agosto de 2008, com a participação de tropas russas em apoio aos seus aliados ossetas. As hostilidades bélicas terminariam poucos dias depois, diante da visível superioridade militar moscovita, com a assinatura de um novo cessar-fogo, seguido pela autoproclamação de independência da Ossetia do Sul e da Abecásia.

A reação internacional a essa crise foi imediata. As principais lideranças ocidentais condenaram o que consideravam uma intervenção militar russa em território georgiano. Os governos dos EUA e dos países da Europa Ocidental se recusaram a reconhecer a independência autodeclarada dos dois novos Estados, que contaram apenas com o apoio da Rússia e alguns poucos aliados. Moscou, por sua vez, acusou a Geórgia

---

<sup>682</sup> KOLESNICHENKO, 2007.

<sup>683</sup> GORBACHEV, 2008a.

de ter dado início às hostilidades, ignorando os acordos que haviam garantido estabilidade à região e atacando militarmente a população osseta, o que justificaria a intervenção das tropas russas como uma ação humanitária.

Diante desse novo capítulo na tensão entre a Rússia e o Ocidente, Gorbachev se colocaria mais uma vez ao lado do Kremlin e de sua política externa. Em um artigo publicado no *Washington Post* ainda em meio aos conflitos bélicos, o ex-líder soviético defendeu a postura adotada por Moscou na questão da Ossetia do Sul, reproduzindo o argumento do governo russo de que a iniciativa dos ataques havia partido das forças georgianas. Diante das críticas que ganhavam espaço na comunidade internacional, Gorbachev acusou as potências ocidentais de apoiarem e incentivarem a Geórgia como parte de sua campanha de pressão e hostilidade crescente contra a Rússia. Ele critica ainda a interferência política de países distantes, especialmente os EUA, que pretendiam ampliar sua esfera de influência, ignorando a presença histórica dos russos na região:

Nos últimos dias, algumas nações ocidentais assumiram posições, particularmente no Conselho de Segurança da ONU, que estão longe de ser equilibradas. Como resultado, o Conselho de Segurança não conseguiu agir efetivamente desde o início deste conflito. Ao declarar o Cáucaso, uma região que fica a milhares de quilômetros do continente americano, uma esfera de seu "interesse nacional", os Estados Unidos cometeram um erro grave. Obviamente, a paz no Cáucaso é do interesse de todos. Mas é simplesmente lógico reconhecer que a Rússia está lá enraizada pela geografia comum e séculos de história. A Rússia não está buscando expansão territorial, mas possui interesses legítimos nessa região.<sup>lxxxvii</sup>

A posição expressa deixa claro que Gorbachev considerava legítimos os interesses russos no Cáucaso e rejeitava as acusações de que a atuação de seu país configurasse uma agressão injustificada ou uma política expansionista. Ainda assim, ele reafirmou sua oposição ao uso da força, pediu a suspensão imediata do conflito e defendeu que a solução da crise passava pela construção de mecanismos regionais de segurança, estabelecidos na forma de Organizações ou Regimes Internacionais, capazes de promover o diálogo e minimizar a interferência de forças políticas estrangeiras não diretamente envolvidas na dinâmica local.

Se politicamente o ambiente internacional não era tranquilo, na economia a situação parecia ainda pior. Ao longo de 2008, o mundo assistiu ao agravamento da crise econômica iniciada no centro do sistema financeiro internacional e que acabaria contaminando a economia global como um todo. Nos EUA e na Europa grandes empresas, instituições bancárias e até mesmo governos nacionais se viram incapazes de cumprir com os compromissos assumidos e dependentes da ajuda externa. A origem da crise, mais uma vez atribuída à especulação e desregulamentação do sistema financeiro, reascendeu as críticas aos excessos do receituário neoliberal, com um protagonismo dos Estados na redução dos danos e recuperação econômica.

Para o ex-líder soviético, o grave momento pelo qual passava a economia mundial parecia validar o discurso que ele mantinha desde a década de 1990, quando ao criticar as políticas adotadas durante a terapia de choque, apontava os excessos e riscos das políticas monetaristas e neoliberais. Em meio ao debate que dominava o cenário internacional, Gorbachev criticou autoridades, economistas e empresários que desde a década de 1970 defenderam a desregulamentação e a total autonomia dos mercados como a melhor alternativa para o desenvolvimento econômico – os quais, paradoxalmente, haviam sido seus principais aliados estrangeiros durante a *perestroika*. Ele afirmava ainda que o crescimento verificado nesse período tivera como efeito colateral a ampliação das desigualdades sociais e que o diagnóstico de uma possível falência desse modelo já vinha sendo apontado por muitos especialistas.

Diante da crise, contudo, os mesmos líderes que até então criticavam a interferência do Estado na economia se converteram em defensores da ajuda financeira governamental para salvar bancos e grandes empresas:

Os principais "beneficiários" do sistema foram aqueles que o construíram. [...] Como resultado: capitalismo duro e implacável para a maioria, "socialismo", assistência estatal - para os ricos. E são essas pessoas que, em três ou quatro anos, quando a fase aguda da crise passar, novamente nos convencerão de que o capitalismo "puro" e desregulado funciona melhor, que eles devem ter total liberdade de ação. Até a próxima crise ainda mais devastadora?<sup>lxxxviii</sup>

A solução da crise, portanto, iria além das medidas imediatas de contenção da crise e recuperação financeira, mas dependia, na visão do ex-dirigente soviético, da

ruptura com o modelo neoliberal e construção de um novo paradigma econômico, capaz de combinar as vantagens do mercado ao que novamente ele define como elementos de “moralidade” – isto é, valores como solidariedade, igualdade e respeito na atuação dos agentes -, a fim de se atingir maior equilíbrio nas relações, uma cooperação mutuamente benéfica e a justiça social. Para tanto, Gorbachev acreditava ser necessário o resgate do papel do Estado na economia e na própria dinâmica social, o qual fora paulatinamente esvaziado durante a primazia do neoliberalismo radical. Ele afirmava ainda que somente a intervenção direta dos governos seria capaz de proteger as populações das turbulências e dos perigos oriundos dos mercados liberalizados.<sup>684</sup>

Embora o posicionamento de Gorbachev possa ter soado estranho a grande parte do público estrangeiro – e mesmo russo – que estava habituada a vinculá-lo às transformações que levaram ao fim da URSS e sua reintrodução na dinâmica capitalista, a análise do movimento percorrido pelo líder em suas reflexões sobre a economia política revelam uma trajetória bastante coerente. O ex-líder soviético, ainda que crítico ao modelo dirigista, não se tornou um defensor do livre mercado, criticando inclusive àqueles que viam no receituário neoliberal a solução definitiva para os problemas enfrentados inicialmente pela União Soviética e, na sequência, pela Rússia. O olhar superficial acerca de sua atuação, focada prioritariamente os resultados – projetados e inesperados – da *perestroika* parece estar na base dessa incompreensão acerca das verdadeiras posições comungadas por Gorbachev, que desde o final dos anos 1980 se alinhara fortemente à social-democracia.

No plano internacional, Gorbachev considerava benéfica a reestruturação do G-20 – grupo que congrega as vinte maiores economias do planeta -, que naquele momento passou a reunir não só ministros e representantes de setores econômicos, mas também uma cúpula dos chefes de Estado e governo desses países. Para ele, a necessidade de articulação desse novo espaço era sintomática da falência da *Pax Americana* e constituía um passo fundamental na construção de mecanismos regulatórios e de diálogo em escala global. No entanto, o ex-líder soviético afirmava que o grupo não poderia se converter em um *Politburo* da comunidade internacional, excluindo os demais países, especialmente as nações mais pobres. Um novo arranjo de coordenação e tomada de decisão na esfera mundial deveria ser pautado em um

---

<sup>684</sup> GORBACHEV, 2009b, p. 54



ambiente mais democrático e de ampla participação, como a Assembleia Geral da ONU.<sup>685</sup>

Gorbachev também via como positiva a eleição de Brack Obama à presidência dos Estados Unidos. Para além das políticas adotadas em resposta à crise econômica e do discurso que parecia reconhecer os limites do neoliberalismo, o ex-secretário-geral do CC do PCUS considerava promissores os indícios de reaproximação entre Washington e Moscou. Logo após a visita oficial à Rússia realizada pelo mandatário norte-americano em julho de 2009, Gorbachev destacou várias qualidades do novo presidente e manifestou publicamente sua esperança de que o diálogo entre Medvedev e Obama pudesse inaugurar uma nova etapa na relação entre os dois países, encerrando hostilidades e estreitando a cooperação.<sup>686</sup>

Se no plano externo a expectativa de Gorbachev parecia um pouco mais positiva, no âmbito doméstico o tom seguia no caminho contrário. Mesmo quando se dirigia a mídia internacional, para quem até aquele momento ele costumava manifestar apoio ao governo russo e rechaçar as críticas mais contundentes do Ocidente, o ex-líder soviético expressou suas críticas ao partido Rússia Unida, que, como previra, teria se convertido em uma cópia piorada do PCUS.<sup>687</sup> Para Gorbachev, a agremiação afastava a Rússia do caminho da democracia para com isso permanecer indefinidamente no poder.<sup>688</sup> E finalmente, ele expressa publicamente seu receio quanto ao futuro democrático do seu país:

Estou muito preocupado, estamos a meio do caminho de um regime totalitário para a democracia e a liberdade. E a batalha continua. Ainda há muitas pessoas em nossa sociedade que temem a democracia e preferem um regime totalitário.<sup>lxxxix</sup>

Paulatinamente, as críticas se voltam também para a figura do presidente Dmitri Medvedev e, mais incisivamente, ao primeiro-ministro Vladimir Putin. De início, Gorbachev censura ambos por pautarem entre si as discussões acerca da sucessão presidencial vindoura.<sup>689</sup> Ele questionava o funcionamento dessa “diarquia”, que parecia

---

<sup>685</sup> GORBACHEV, 2009c.

<sup>686</sup> GORBACHEV, 2009d.

<sup>687</sup> HANRAHAN, 2009

<sup>688</sup> GORBACHEV, 2010.

<sup>689</sup> HANRAHAN, 2009

controlar o cenário político e decidir os rumos do país sem ouvir a população. Pouco depois, em uma entrevista ao jornal *The New York Times* no final de 2010, o ex-líder soviético afirmou que Putin parecia acreditar que a democracia era um obstáculo em seu caminho e receava que a dupla de comandantes da política russa naquele momento pudesse ter passado a enxergar que a única forma de dirigir um país tão complexo seria por meio do autoritarismo.<sup>690</sup>

Nesse ponto, o desgaste na relação de Gorbachev e as lideranças políticas da Rússia vai se tornando cada vez mais evidente e incontornável. Em uma conferência de imprensa às vésperas de seu aniversário de 80 anos, o ex-dirigente soviético afirmou que o comportamento de Putin e Medvedev em relação às decisões sobre quem deveria ser o futuro presidente do país era dotado de grande arrogância, não cabendo a eles essa decisão e sim à população. Comparando o regime político de seu país às democracias desenvolvidas, Gorbachev argumentava que a Rússia contava formalmente com instituições democráticas típicas – parlamento, presidente, primeiro-ministro e tribunais –, mas que na prática ainda eram meras imitações, sem um funcionamento democrático efetivo.<sup>691</sup>

Em relação a seu apoio a Putin, Gorbachev reconhece que desde seu primeiro mandato havia identificado traços autoritários nas medidas adotadas pelo presidente, mas que ainda assim o defendera publicamente por acreditar que a situação caótica vivida pelo país naquele momento exigisse uma postura mais assertiva. Com o passar dos anos, contudo, ele teria compreendido que essa forma de atuação não fora uma escolha momentânea:

Com Putin, em seu primeiro período de seu trabalho, nos encontramos e conversamos muito. Apoiei-o de todas as maneiras possíveis, fechando meus olhos para o fato de que a estabilização foi alcançada por vias estranhas e, é claro, não se harmonizou com as visões da *perestroika*. Em vez de atrair pessoas, [sua política] é uma linha vertical, apostando em colocar tudo no lugar por meio de uma mão firme. Mas eu acreditava que o Estado estava à beira do colapso, que talvez naquele momento fosse necessário recorrer a alguns métodos autoritários. Mas o que está acontecendo agora... Isso não

---

<sup>690</sup> LEVY, 2010.

<sup>691</sup> ELDER, 2011.

está levando a lugar nenhum. Corrupção e ilegalidade são os problemas mais importantes.<sup>xc</sup>

Em relação às eleições presidenciais que se aproximavam, Gorbachev reafirma sua preferência pelo limite de dois mandatos presidenciais consecutivos ou não, sem a possibilidade de uma nova candidatura não sequencial. Ele deixa claro ainda ser contrário ao retorno de Vladimir Putin ao poder, embora naquele momento acreditasse que o então primeiro-ministro não pleitearia uma volta ao Kremlin.<sup>692</sup> Frente aos problemas cada vez mais latentes do sistema político e eleitoral na Rússia, o ex-líder soviético defende uma reforma constitucional que não apenas ampliasse a concorrência e representatividade das eleições, como também impusesse limites ao poder executivo:

Essas mudanças [no sistema político] são impossíveis sem a reforma da atual Constituição, que consolida a onipotência presidencial, transformando o presidente em um novo monarca russo. Hoje, na Rússia, o poder executivo se eleva acima da sociedade e não é controlado por ninguém. O presidente tem a oportunidade de nomear seu sucessor, ampliar ou restaurar seu poder através de eleições controladas. Com essa presidência, não há razão para esperar o funcionamento normal de outros ramos do governo e a preservação das liberdades civis. A nomeação substituiu a eleição.<sup>xci</sup>

Vale lembrar que a crítica aos poderes excessivos do executivo russo e, especialmente, da figura presidencial não são um elemento novo no discurso de Gorbachev. Ele já condenava tais mecanismos desde a aprovação da carta constitucional durante o governo Iéltsin, chegando a propor, como apontado anteriormente, uma reforma normativa que fortalecesse o parlamento e introduzisse uma espécie de semipresidencialismo no país. Durante os dois mandatos de Putin, essa crítica havia perdido força em decorrência de seu diagnóstico de que a adoção de uma política mais rígida era necessária para solucionar o caos instalado na Rússia durante os anos 1990. No entanto, ao final da primeira década do século XXI, ele voltou a condenar essas prerrogativas com veemência, vinculando as ações dos então mandatários aos obstáculos que impediam o desenvolvimento da democracia russa.

Em uma longa entrevista dada ao jornal britânico *The Guardian*, reproduzida também pela mídia russa, Gorbachev voltou a atribuir a recente recuperação econômica

---

<sup>692</sup> KUCHER, 2011.

russa à alta dos preços dos hidrocarbonetos, principal produto de exportação da Rússia. Ele apontou também que enquanto Medvedev parecia defender um projeto de modernização para o país, Putin repetia o mesmo discurso em prol da estabilidade, uma bandeira levantada desde seu primeiro mandato enquanto presidente. Para o ex-líder soviético, as políticas conduzidas pelo então primeiro-ministro bloqueavam o desenvolvimento do país, que carecia de um programa alternativo àquele proposto por Putin.<sup>693</sup>

A entrevista se deu em meio às recordações dos vinte anos da tentativa do golpe de agosto de 1991. Daí, portanto, que boa parte da conversa se voltou para a memória desse evento e dos processos que resultaram na dissolução soviética. Ao ser questionado sobre seus erros e arrependimentos enquanto líder da URSS, Gorbachev afirma ter sido excessivamente “liberal e democrático” com Iéltsin, a quem deveria ter afastado do núcleo central do poder mediante nomeação a um cargo diplomático no exterior. Seu outro equívoco teria sido a demora em abdicar do cargo de secretário-geral do CC do PCUS e fundar um novo partido. Até então, Gorbachev costumava afirmar que a decisão de não se desvincular do PCUS teria sido estratégica, uma vez que temia que as forças conservadoras pudessem se apropriar da estrutura partidária nacionalmente difundida e, assim, facilitar a retomada do antigo modelo pré-*perestroika*. No entanto, ele afirma nessa entrevista ter se convencido de que sua saída do Partido deveria ter ocorrido no início de 1991, quando chegou a cogitar sua renúncia, mas optara por permanecer e tentar reformar a agremiação.

Os últimos meses de 2011 seriam um período de profunda agitação política na Rússia. As eleições parlamentares realizadas em 4 de dezembro foram marcadas por novas denúncias de fraude e os resultados questionados por organizações russas e estrangeiras. No dia seguinte ao pleito, os primeiros manifestantes saíram às ruas de Moscou, um movimento que cresceu gradualmente e se espalhou para outras grandes cidades do país. Em 10 de dezembro, cerca de 30 mil pessoas ocuparam a Praça Bolotnaya, na região central da capital russa, convertendo-se na maior onda de manifestações populares ocorridas desde a ascensão de Putin. Embora diversas pautas e bandeiras tenham sido levantadas pelos ativistas, a maior parte dos participantes

---

<sup>693</sup> STEELE, 2011.

defendia a anulação do pleito, criticavam as fraudes e pediam maiores garantias democráticas.

Gorbachev acompanhou de perto o desenrolar da crise e não tardou em se manifestar. No dia 7 de dezembro, em uma coletiva de imprensa a jornalistas russos e estrangeiros, o ex-líder soviético afirmou que o pleito recém encerrado deveria ser anulado e que o governo deveria ouvir a voz das ruas e convocar novas eleições. Ele demonstrava compartilhar das desconfianças levantadas por muitos manifestantes ao comparar a diferença significativa entre as pesquisas de opinião realizadas até a véspera da eleição e os resultados que vinham sendo apresentados pelas autoridades.<sup>694</sup>

Poucos dias depois, em uma entrevista à agência *Associated Press*, Gorbachev se declarou apoiador dos protestos e alegava que a origem do movimento havia sido espontânea, nascida da insatisfação popular por não ser ouvida quanto aos rumos adotados pela cúpula política do país. Ele também criticou a candidatura de Vladimir Putin para um terceiro mandato nas eleições presidenciais que ocorreriam em março do ano seguinte, afirmando que embora a decisão fosse legal nos termos da Constituição, ela desacreditava ainda mais os princípios democráticos no país.<sup>695</sup> Em outra ocasião, dirigindo-se ao jornal britânico *The Times*, Gorbachev comparou o desgaste vivido por Putin ao da ex-primeira-ministra Margareth Thatcher, que ele reconhecia ter contribuído positivamente enquanto esteve à frente do governo, mas que errara ao permanecer tempo demais no cargo. Embora continuasse a considerar Putin comprometido com os valores democráticos, o ex-líder soviético defendia o encerramento de seu ciclo e ponderava que o então primeiro-ministro não deveria temer a saída do poder.<sup>696</sup>

Em relação a Medvedev, Gorbachev declarou ao jornal russo *Novaya Gazeta* que também se decepcionara com o então presidente por ter referendado o resultado das eleições legislativas e apoiado o Rússia Unida. Embora o partido fosse a principal base de sustentação do governo, ele acreditava que o mandatário não tinha conhecimento da dimensão das irregularidades e que não poderia ser responsabilizado pessoalmente pelos crimes cometidos no pleito.<sup>697</sup> Nesse sentido, as críticas dirigidas a Medvedev parecem ainda bastante moderadas, chegando a afirmar que o posicionamento do líder do

---

<sup>694</sup> Cf.: CUCURNIA, F, 2011, pg. 17; ESHCHENKO, 2011.

<sup>695</sup> RISING, 2011.

<sup>696</sup> HALPIN, 2012.

<sup>697</sup> MURATOV, 2011.

Kremlin seria consequência da inexperiência política ou de uma possível manipulação por parte de segmentos da elite política antidemocrática.

As manifestações públicas do ex-secretário-geral do CC do PCUS passam a deixar claro o apreço com que ele via a crescente mobilização da população russa, sobretudo entre os mais jovens. Para Gorbachev, elas sinalizavam o anseio dos russos pela consolidação da democracia no país, afastando as críticas que apontavam uma identidade passiva ou autoritária entre seus conterrâneos. Ao jornal britânico *The Times*, ex-líder declarou enxergar ainda uma correlação direta entre esses movimentos e as reformas que conduzira no país entre 1985 e 1991, classificando os participantes como a “geração glasnost” e que seriam também a base para a formação de uma nova coalizão democrática:

Sim, eles são a "geração glasnost". Quando saí do cargo, pensei que levaria uma geração (para que se consolidasse) [...] Este é o momento certo para começar a criar, como parte dessa nova situação, um forte partido democrático. Ajudarei, mas não assumirei nenhum tipo de responsabilidade ou posição nesta parte.<sup>xci</sup>

Por “geração glasnost”, Gorbachev parece se referir aos jovens que haviam crescido durante os anos da *perestroika*, experimentando o processo de abertura política e econômica e que, portanto, haviam tido a oportunidade de desenvolver uma série de expectativas e demandas por maior liberdade e participação. Para o ex-líder soviético, esses seriam também os responsáveis pela consolidação democrática do país, daí a necessidade de que se organizassem em partidos e atuassem no âmbito institucional. Embora se considere diretamente ligado à origem do grupo e compartilhe de seus ideais, Gorbachev reitera que não lideraria ou assumiria responsabilidades diretas nesse processo – afinal, poucos dias depois, ele celebraria seus 81 anos de idade.

### ***A Nova Rússia***

A última obra que discutiremos neste trabalho foi publicada por Gorbachev em 2014 sob o título *Posle Kremlya* [Depois do Kremlin], ganhando uma versão na língua inglesa em 2016, rebatizada de *The New Russia* [A Nova Rússia]. Ela pode ser considerada uma continuação das memórias publicadas pelo autor em 1995. Enquanto a obra lançada nos anos 1990 se voltava para as lembranças e posicionamentos do autor

desde a infância até sua renúncia ao cargo de presidente da URSS, o livro publicado em 2014 estende esse exercício para os anos seguintes à sua saída do Kremlin. Trata-se também de mais uma investida de Gorbachev em sua batalha pessoal contra a visão negativa das reformas e de sua atuação enquanto líder que se afirmava na memória coletiva dos russos.

Após mais de duas décadas defendendo seu legado, o ex-secretário-geral do CC do PCUS não lograra grandes avanços em sua imagem na Rússia. Segundo dados de pesquisas de opinião conduzidas pelo Centro Levada, em 2012, 50% dos entrevistados continuava afirmando que a liderança de Gorbachev havia sido mais negativa que positiva ao país, índice que chegaria a 67% dos respondentes em uma nova sondagem realizada em 2016.<sup>698</sup> Em relação à *perestroika*, o cenário também não melhorara: 55% dos entrevistados declaravam enxergar mais malefícios que benefícios nas reformas que completavam 30 anos em 2015.<sup>699</sup>

A produção da obra se deu após o término do ciclo de protestos na Rússia, que se estendera, de modo geral, até 2013. No auge das manifestações, entre o final de 2011 e o início de 2012, Gorbachev chegou a declarar publicamente que Putin deveria renunciar ao cargo de primeiro-ministro e, mais tarde, desistir da candidatura à presidência nas eleições de março de 2012.<sup>700</sup> A sugestão não foi acatada e Putin conquistaria seu terceiro mandato no Kremlin. Nessa nova etapa, é nítido o aprofundamento do desgaste na relação de Gorbachev com Putin, sobretudo em temas de política doméstica. Em um dos eventos de lançamento do livro, o ex-líder soviético chegou a afirmar que Putin sentia-se como o “braço direito de Deus” e que sofria de um excesso de autoconfiança – defeito similar ao que identificava em si próprio durante os anos da *perestroika*.<sup>701</sup>

Ao longo do texto, Gorbachev procurou estabelecer conexões e dar sentido ao movimento que verificamos até aqui em suas ideias. No geral, ele não refuta nem retrocede em nenhuma das principais posições que adotou, mesmo na relação com o presidente Vladimir Putin. No entanto, ele tenta mostrar como sua visão foi se construindo e, em alguns aspectos, se modificando ao longo desse período, a fim de

---

<sup>698</sup> LEVADA, 2016.

<sup>699</sup> LEVADA, 2015.

<sup>700</sup> ELDER, 2012.

<sup>701</sup> WHALE, 2014.

demonstrar que não havia contradições em seus posicionamentos, mas sim uma avaliação que levara em conta a realidade e o contexto de cada momento.

Gorbachev começa o livro citando a insatisfação crescente em seu país nos primeiros anos da segunda década do século XXI. As manifestações são apresentadas como resultado da estagnação no processo de reformas e transição que haviam sido inauguradas com o fim da URSS. O autor destaca que após vinte anos, as lideranças russas não podiam mais se valer do argumento de que se passara pouco tempo desde o início desses processos, não havendo, portanto, justificativas para a ausência de resultados.<sup>702</sup> Ele questiona ainda a guinada conservadora adotada pelo governo em resposta aos protestos, algo que Gorbachev considerava distante dos anseios da população. E para explicar a sua visão de como a situação do país havia chegado nesse ponto, ele afirma ser necessário compreender os processos vividos desde a dissolução soviética.

Na sequência, o autor se volta para a década 1990 e destaca vários pontos já abordados anteriormente: as críticas à atuação da liderança russa no processo de dissolução da URSS; sua oposição às propostas monetaristas e neoliberais que guiaram a terapia de choque; e censuras à performance de Yeltsin, visto como um presidente incapaz e com forte tendência autoritária. Gorbachev afirma ainda que a medida que a situação política e econômica do país se agravava, a elite política russa, no controle dos principais veículos de imprensa, passou a difamar a *perestroika* e desrespeitar a memória daqueles que se esforçaram para iniciar a reforma e introduzir a abertura democrática no país após décadas de autoritarismo:

Uma nova fase estava começando na vida de nosso país e na minha também. Eu não tinha ilusões e sabia que [a fase] seria sombria. Um dilúvio de mentiras e difamações choveu sobre mim. À medida que os problemas da economia pioravam, era completamente previsível que os políticos agora no poder estivessem à procura de um bode expiatório. Gorbachev era o candidato óbvio.<sup>xciii</sup>

Nesse sentido, ele recorda as tentativas de desmoralizá-lo nos primeiros anos após sua renúncia, alegando ter sido vítima de acusações absurdas, a exemplo de sua inclusão nos processos de investigação contra o PCUS movidos pela justiça russa a

---

<sup>702</sup> GORBACHEV. 2016a, pp. IX-X.



partir de 1992. Gorbachev acreditava que grande parte desses ataques partira do próprio Iéltsin.<sup>703</sup> Interessante notar que ao criticar os desmandos do ex-presidente russo, a quem acusa de ter feito uso do Estado para atingir objetivos políticos próprios nos anos 1990, Gorbachev estabelece um paralelo com a realidade do governo moscovita nos anos 2000.<sup>704</sup> Embora não mencione diretamente a figura de Putin, a associação entre os dois períodos fornecia mais um indício da desidratação na relação do autor com o presidente.

A insatisfação crescente de Gorbachev com o desenrolar dos acontecimentos políticos e econômicos do país o impelira a se candidatar à presidência nas eleições de 1996. O autor recorda que sua esposa, Raisa, e alguns aliados próximos, como Alexander Yakovlev e Vadim Medvedev, foram contrários à sua participação no pleito. No entanto, ele acreditava que ao se manter à margem do processo eleitoral, estaria dando uma declaração de culpa, reconhecendo sua responsabilidade pela situação vivida no país. O ex-líder soviético reforça ainda que não aceitava impor à população uma falsa escolha entre Iéltsin e os comunistas russos, uma vez que ambos os pólos representavam um retrocesso na consolidação democrática e da modernização do país.<sup>705</sup>

Ainda em relação à corrida eleitoral de 1996, Gorbachev afirma que seu plano sempre fora unir forças com outros candidatos de centro e centro-esquerda, como Grigori Yavlisky, Alexander Lebed e Sviatoslav Federov. Ele defende que o grupo deveria ter analisado qual das candidaturas tinha maior chance no pleito e então se aliar em torno de um único nome, formando uma coalizão democrática. No entanto, isso não aconteceu, segundo o autor, porque os demais candidatos não quiseram desistir de suas campanhas próprias.<sup>706</sup> A fragmentação teria favorecido a vitória de Iéltsin, um resultado que Gorbachev recebera com desconfiança.<sup>707</sup>

Já se aproximando da virada do século, Gorbachev procura afastar a ideia de que fora aliado de primeira hora de Vladimir Putin. Nesse sentido, ele afirma ter sido entusiasta da nomeação de Yevgeny Primakov, que antecederia Putin no cargo de

---

<sup>703</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 36.

<sup>704</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 42.

<sup>705</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 102.

<sup>706</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 111.

<sup>707</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 113.

primeiro-ministro. Primakov fora aliado de Gorbachev durante a *perestroika*, tendo inclusive atuado como conselheiro do então presidente da URSS. O apoio do ex-líder soviético à escolha de Primakov foi imediato. No artigo “*Global Statesman: Gorbachev on globalisation*” [Estadista global: Gorbachev sobre a globalização], publicado em 1999 e já analisado nesse trabalho, o ex-secretário-geral do CC do PCUS interrompeu a sequência de críticas aos dirigentes do país e defendeu a necessidade de cooperação com o novo governo, se referindo ao gabinete liderado por seu aliado. No entanto, Primakov permaneceu apenas oito meses no cargo. Gorbachev culpava Iéltsin pela saída do primeiro-ministro, afirmando que o presidente tinha receio do crescimento político de Primakov, que vinha estabilizando o país e adotando medidas de combate a corrupção.<sup>708</sup>

Em relação à vitória de Putin em março de 2000, o autor considera que eleição do ex-primeiro-ministro de Iéltsin não fora surpreendente, uma vez que não havia competitividade no pleito. Ele volta a afirmar que o novo mandatário herdara um caos em todas as esferas, resultado das políticas desastrosas adotadas por seu antecessor. Gorbachev também defende mais uma vez a atuação de Putin nas disputas da Chechênia, em sintonia com a percepção dos russos à época.<sup>709</sup> Tal cenário parecia justificar, portanto, seu apoio ao novo mandatário.

O ex-líder soviético justifica seu otimismo inicial com o novo governante a partir das ideias e posicionamentos que o presidente expressava publicamente, especialmente sua defesa do fortalecimento do Estado em sintonia com a garantia da liberdade política e econômica, um plano que Gorbachev considerava essencialmente social-democrata. O autor afirma ainda que Putin, em seus primeiros anos no Kremlin, não se mostrou indiferente às difíceis condições da população e agiu para melhorar a qualidade de vida dos russos e no combate à pobreza no país.<sup>710</sup>

Gorbachev se recorda de ter pontuado que o principal desafio do novo governo seria afastar-se da cúpula política constituída nos anos 1990. Para o autor, o círculo de oligarcas formado por Iéltsin para dar sustentação a seu governo cobrara um alto preço por seu apoio. Ele cita como exemplo empréstimos desses empresários ao governo

---

<sup>708</sup> GORBACHEV, 2016a, pp.131-132.

<sup>709</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 142.

<sup>710</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 143.

tendo como garantia ações das grandes estatais russas, em condições que o Estado dificilmente saldaria, o que acabou entregando boa parte desse patrimônio aos oligarcas.<sup>711</sup> Ainda que considerasse importante o distanciamento do novo mandatário em relação ao grupo, o autor reconhece que Putin se utilizou de medidas autoritárias nesse processo, mas volta a afirmar que entendia naquele momento que essas atitudes seriam necessárias para o enfrentamento do caos.<sup>712</sup>

Em relação às investidas de Putin contra as liberdades políticas, o ex-líder soviético destaca que relatórios produzidos por sua fundação no início dos anos 2000 já apontavam a forte possibilidade de um regime moderadamente autoritário estar se estabelecendo no país. No entanto, Gorbachev confessa que mesmo ciente dessas avaliações, não queria crer no diagnóstico:

O relatório era baseado em análises sérias e teve uma sólida base sociológica. Ele pintou uma imagem complexa e de muitas maneiras convincente, mas eu não poderia ou, mais provavelmente, não queria concordar completamente com a avaliação do relatório sobre a probabilidade de uma transição para o autoritarismo. Mencionei isso no lançamento do relatório na Fundação. O curso da história não é predeterminado; depende muito do fator humano, da liderança. Eu via Vladimir Putin não como alguém escolhido por um pequeno número de indivíduos do ex-grupo dirigente, mas como um presidente eleito popularmente.<sup>xciv</sup>

Gorbachev defende mais uma vez que líderes em início de mandato precisariam de apoio e tempo para conseguir enfrentar os desafios do cargo, o que implicaria em poupá-lo de críticas mais acentuadas. É verdade que ele já afirmara esse entendimento em seu *Memoirs* [Memórias], alegando inclusive ter evitado criticar Iéltsin no início de seu mandato, mesmo discordando da atuação do sucessor nas negociações que puseram fim à URSS e na condução das reformas já na Federação Russa. No entanto, é também notável que sua trégua nos anos 1990 durou significativamente menos que nos anos 2000: as primeiras censuras públicas à atuação de Iéltsin viriam em 1992, com a publicação de *Dezembro-91*, enquanto as críticas a Putin só ganhariam centralidade de fato depois de 2010.

---

<sup>711</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 173.

<sup>712</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 144.

Nesse sentido, Gorbachev assegura que não fora omissivo e reagira contra as investidas do governo frente aos meios de comunicação no início dos anos 2000. No entanto, ele alega que optou por não responsabilizar diretamente Putin pelos ataques para não aumentar as tensões políticas no país. Ainda assim, ele afirma que encontrara o presidente à época dos eventos e que o mandatário garantiria não estar envolvido no processo, assegurando se tratar de uma disputa entre grupos empresariais da própria mídia.<sup>713</sup> Mais uma vez, o autor parece justificar seu discurso hesitante por um voto de confiança dado a Putin, benefício que seu algoz, Iéltsin, não tivera ao longo de seu mandato.

Mesmo identificando erros e retrocessos na atuação do presidente, Gorbachev acreditava que Putin estava comprometido e agia inicialmente de acordo com os princípios democráticos. A mudança na atitude do mandatário se dera gradualmente, conforme adotava medidas que visavam ampliar ainda mais seu poder.<sup>714</sup> O ex-líder soviético avaliava que essa conduta era facilitada em virtude da ausência de condições de resistência ou contrapeso às forças governantes no cenário político-partidário russo. Daí, portanto, a importância da fundação de partidos que pudessem desempenhar esse papel, como o próprio Gorbachev tentara ao criar sua agremiação social-democrata entre 2000 e 2001.

Ao mencionar sua movimentação para a fundação do partido, o autor também descreve sua trajetória de afiliação às ideias social-democratas. Gorbachev assegura que não tinha essa identificação com a social-democracia antes de assumir a secretaria-geral do CC do PCUS e dar início à *perestroika*, como já afirmara a seu colega Zdenek Mlynar nos anos 1990. Ele assegura que levou algum tempo para superar o dogmatismo soviético acerca do que de fato representava o socialismo, uma concepção que havia engessado a URSS, o PCUS e suas lideranças.<sup>715</sup> Sua aproximação com a social-democracia se deu ao longo das reformas e se intensificou em sua etapa final, quando o então presidente soviético estreitou seus contatos com líderes e intelectuais dessa corrente na busca por uma alternativa de enfoque social para o seu país.<sup>716</sup>

---

<sup>713</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 147.

<sup>714</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 151.

<sup>715</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 155.

<sup>716</sup> GORBACHEV, 2016a, pp. 152-153.

Após deixar o Kremlin, Gorbachev recorda sua participação no Congresso da Internacional Socialista em 1992, cujo discurso foi publicado em *Anos de Decisões Difíceis* e analisado anteriormente. Na ocasião, ele destaca que criticara o neoliberalismo e defendera a social-democracia como modelo para a Rússia e o restante do mundo.<sup>717</sup> Guiado por essa crença, ele finalmente conseguiria mobilizar esforços que resultaram na criação do Partido Social Democrata da Rússia (SDPR). O autor relata ainda uma curiosa conversa com Vladimir Putin, na qual o mandatário russo afirmara que a Rússia já se organizava na prática pelos princípios social-democratas.

O ex-líder soviético revela ainda que ao longo dos anos 1990, se aproximou das ideias econômicas Keynesianas durante sua cruzada contra a terapia de choque. Para o autor, as reformas baseadas no receituário neoliberal não eram adequadas ao seu país, pois ignoravam particularidades da cultura e história russa. Em sintonia com suas novas ideias, Gorbachev afirma ser partidário de uma economia de mercado regulada, mas não de uma sociedade pautada pelo mercado.<sup>718</sup>

A derrocada do SDPR fora resultado, segundo seu fundador, da hesitação em participar das eleições parlamentares de 2003 e de disputas internas calcadas em posições egoístas, que cindiram o partido. Além disso, Gorbachev considera que a ação de Putin e do Rússia Unida para aprovar modificações normativas na regulamentação dos partidos – um mecanismo pensado para aumentar o controle desse grupo sobre o parlamento – obrigara a agremiação social-democrata a encerrar suas atividades.<sup>719</sup> Outra curiosidade apontada pelo autor diz respeito ao uso do termo “camarada” entre os membros do SDPR. A expressão que fora estigmatizada pelo período soviético ainda contava com a simpatia de Gorbachev, que via nele uma expressão de solidariedade entre seus colegas.<sup>720</sup>

Em termos pragmáticos, Gorbachev argumenta que as receitas oriundas dos hidrocarbonetos e demais riquezas naturais do país deveriam ser geridas pelo Estado e revertidas em serviços públicos e no atendimento da necessidade da população.<sup>721</sup> Na permanência das entidades privadas nesse mercado, ele defende a taxaação sobre a

---

<sup>717</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 154.

<sup>718</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 159.

<sup>719</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 161.

<sup>720</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 162.

<sup>721</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 159.

exploração dos recursos naturais com intuito de financiar serviços públicos, combater a pobreza e aumentar o investimento governamental. O ex-líder soviético propõe ainda criação de um fundo, similar ao existente na Noruega, capaz de converter o dinheiro trazido pela atividade exploratória em um trunfo para o futuro quando sua fonte – recursos não-renováveis – cessar.<sup>722</sup>

Ainda em relação à gestão dos recursos públicos, o autor se coloca a favor de reformas no sistema tributário que criassem instrumentos capazes de reverter o capital alocado em operações especulativas para a esfera produtiva, da economia real.<sup>723</sup> Ele também se posiciona radicalmente contra à privatização dos serviços públicos, especialmente nas áreas de saúde e educação, que deveriam permanecer sendo fornecidos pelo Estado.<sup>724</sup>

De volta à sua relação com Putin, Gorbachev relata que manteve encontros periódicos com o líder russo em seus primeiros mandatos. Ele pondera que a vida das pessoas de fato melhorara nesse período, o que explicaria a popularidade do mandatário – inclusive, junto ao próprio Gorbachev.<sup>725</sup> Em relação aos seus opositores, que já naquele momento questionavam a forma de atuação do presidente, o autor recorda que à época considerava os discursos dos críticos de Putin dotados de radicalismo e ansiedade, mas que anos mais tarde, ao olhar para si em retrospectiva, ele também passou a se enxergar da mesma maneira em relação ao apoio que então julgava correto ao presidente.<sup>726</sup>

Ainda assim, ele volta a separar as ações do presidente e do gabinete de ministros, afirmando ter mais dissonância com as decisões tomadas pela chefia de governo que em relação ao chefe de Estado. Como exemplo, repete as menções às discussões sobre a reformas sociais propostas pelo governo (primeiro-ministro) e que graças à intervenção de Putin, em resposta ao clamor popular, foram revistas.<sup>727</sup> Gorbachev recorda que sua posição era questionada por seus aliados mais próximos, como Yakovlev, mas que se identificava com a posição vulnerável em que o presidente se encontrava no momento:

---

<sup>722</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 172.

<sup>723</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 159.

<sup>724</sup> GORBACHEV, 2016a, pp. 159-160.

<sup>725</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 174.

<sup>726</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 179.

<sup>727</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 184.

Eu e ele [Yakovlev] concordamos em muitas questões, exceto uma. Ele não conseguia entender como eu achava possível justificar o que estava acontecendo, como eu pude encontrar razões para apoiar Putin. Eu disse a ele: meu querido amigo, se você estivesse no lugar de um presidente que tinha diante de si todo aquele caos, essa semidesintegração despejada nele, você entenderia que não era hora para a democracia dos livros didáticos. Essa foi uma operação de salvamento. Ação imediata foi necessária.<sup>xcv</sup>

Dentre os processos que colaboraram para um maior fechamento do regime político russo durante a Era Putin, Gorbachev destaca o impacto das revoluções coloridas na Rússia. Como respostas às manifestações políticas que se espalharam por inúmeros países no início dos anos 2000 e levantavam bandeiras a favor da democracia e da liberalização política, o governo moscovita teria desenvolvido o conceito da “democracia soberana”.<sup>728</sup> Para o autor, o conjunto de medidas proposto e posteriormente implementado pelas lideranças do Rússia Unida não poderiam ser confundidas com a adaptação necessária da democracia às especificidades do país – que sempre defendera –, mas configuravam a introdução de mecanismos de controle e vigilância no sistema político russo. Como exemplo, ele cita as negociações para aprovação de leis antiterrorismo que o autor avaliava como perigosas dada a amplitude das atividades consideradas crime pelas normas e que poderiam levar a perseguições políticas.<sup>729</sup> Essa lei viria a ser aprovada após o lançamento do livro, em 2016.

Embora tenha recebido com satisfação a decisão de Putin em não alterar a constituição para que pudesse concorrer a um terceiro mandato nas eleições de 2008, Gorbachev declara ter se decepcionado com a “Operação Sucessor” – em referência à atuação da liderança política russa na escolha e posterior vitória do candidato governista nas eleições presidenciais, contando com a participação direta de Putin na campanha – que considerara constitucional, mas não democrática.<sup>730</sup> Para o autor, não houvera eleições verdadeiramente livres na Rússia desde aquelas ocorridas entre 1989 e 1991, ainda no período soviético.<sup>731</sup> Mesmo diante destas críticas, o ex-líder soviético não avaliava como contraditório seu reconhecimento e apoio ao presidente eleito, Dmitri Medvedev, e seu primeiro-ministro:

---

<sup>728</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 204.

<sup>729</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 209.

<sup>730</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 213.

<sup>731</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 202.

Estou satisfeito por não haver contradição entre minhas críticas à eleição e meu apoio ao novo presidente e primeiro-ministro depois dela. Fui guiado por meus princípios, tendo em conta os interesses da Rússia e os requisitos da cultura política.<sup>xcvi</sup>

Gorbachev segue reproduzindo uma série de discursos e manifestações públicas, muitas delas já analisadas neste trabalho, procurando demonstrar que foi ampliando gradualmente o tom de suas críticas e se afastando da dupla que governava o país, a medida que se convenciu de que o avanço da democratização não era uma prioridade e caminhava cada vez mais lentamente, enquanto a liderança parecia focada em adotar medidas que garantissem a sua permanência no poder. O auge de sua indignação viria com a reação do Kremlin às denúncias de fraude nas eleições parlamentares de 2011 e aos protestos populares que se seguiram. Gorbachev afirma que demonstrara publicamente seu apoio aos manifestantes como forma de pressão sobre Putin, a fim de direcioná-lo para as mudanças que os russos demandavam nas ruas e que o autor considerava legítimas.<sup>732</sup>

No entanto, Putin parecia ignorar as pautas das manifestações e não se abalou com a pressão para que renunciasse à chefia de governo do país. Ao contrário, ele manteria sua decisão de concorrer a um novo mandato presidencial nas eleições de março de 2012. Gorbachev confirma sua decepção com a candidatura de Putin, como ele declarara à época, e afirma que preferia a reeleição de Medvedev.<sup>733</sup> O autor também rejeita as medidas adotadas pelas autoridades russas como resposta à onda de protestos entre 2011 e 2013, especialmente as normas de regulamentação sobre as manifestações populares, que na prática impuseram restrições à realização de demonstrações públicas dessa natureza.<sup>734</sup>

A terceira parte da obra tem um caráter notadamente menos narrativo. O autor passa a abordar os temas que considera mais relevantes para seu país e para o mundo na atualidade. Nesse exercício, seu primeiro enfoque é demonstrar a necessidade de resgate das ideias que fundamentaram o seu “Novo Pensamento” durante os anos da *perestroika*, adaptadas às especificidades do contexto contemporâneo. Ele afirma que tais ideias não consistiam em um conjunto de dogmas ou em um código de conduta

---

<sup>732</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 275.

<sup>733</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 262.

<sup>734</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 277.



estrito, mas deveriam ser vistas sob uma perspectiva de análise e ação ancorada em princípios como a interdependência, a segurança cooperativa e o compartilhamento de interesses comuns e valores universais.<sup>735</sup>

Gorbachev não se considera o único idealizador dessa perspectiva. Ele cita personalidades políticas que reconhece como precursoras do “Novo Pensamento”, a exemplo do ex-presidente dos EUA, John Kennedy; o ex-primeiro-ministro da Suécia, Olof Palme; e o ex-chanceler federal da Alemanha, Willy Brandt. O autor defende que esses líderes comungavam de uma visão pragmática e cooperativa, entendendo a segurança global como produto de um esforço coletivo e negociado, a mesma base, portanto, do “Novo Pensamento”:

Em síntese, o Novo Pensamento é o humanismo moderno, com o objetivo de nos levar a uma sociedade mais estável, mais segura, mais justa e humana. Reconhecer a interconexão e interdependência do mundo e a primazia dos valores e interesses universais de modo algum implicava uma falta de respeito pela soberania dos Estados e interesses nacionais. Ninguém estava contestando sua importância, assim como a importância de interesses de classe, corporativos e outros. Agora, porém, eles tiveram que levar em conta novas circunstâncias, quando os interesses comuns à toda a humanidade precisavam ter prioridade. As necessidades imperativas eram impedir a guerra nuclear e salvar a humanidade do desastre ecológico.<sup>xcvii</sup>

Na sequência, ele retoma sua ponderação quanto ao caráter contraditório da globalização, de um lado proporcionando maiores oportunidades de cooperação e integração, enquanto do outro, acarretara o avanço da dominação e exploração pelas potências ocidentais. A principal consequência negativa desse processo seria a ampliação das desigualdades sociais dentro dos países e entre as nações do Norte e Sul global. Para Gorbachev, o combate à pobreza deve ser uma prioridade da comunidade internacional, uma vez que as dificuldades dessa situação extrema poderiam levar as pessoas a depositarem sua confiança em lideranças autoritárias ou radicais, colocando em risco o futuro da democracia, da liberdade e dos direitos humanos.<sup>736</sup>

---

<sup>735</sup> GORBACHEV, 2016a, pp. 293-294.

<sup>736</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 316.

Outro ponto que volta ao centro de sua análise é a necessidade de enfrentamento das questões ambientais, as quais o autor mais uma vez considera que não poderiam ser analisadas descoladas da dimensão política, econômica e social. Dada sua dimensão, a superação do perigo de colapso no meio ambiente só poderia ser alcançada com o envolvimento e a articulação e escala global. Ele afirma que após a crise econômica de 2008, cresceu o apoio à construção de um novo modelo que combinasse o desenvolvimento econômico, a garantia da segurança social e a preservação do meio ambiente. Gorbachev aponta ainda que as grandes crises econômicas e ambientais da atualidade foram resultado do avanço das políticas neoliberais, que introduziram a desregulamentação excessiva e objetivaram o lucro como fim último, e que a resposta à esse cenário passa necessariamente pela retomada do papel do Estado, agora como agente regulador:

Somente o Estado pode estabelecer regras básicas em tais assuntos, agravadas pela crise, como compartilhar equitativamente a carga tributária, estimular o crescimento econômico e garantir o nível necessário de salvaguardas do bem-estar social. Somente o Estado pode oferecer acesso a todos à educação e saúde, e ao desenvolvimento da ciência fundamental. Somente o Estado pode mobilizar os recursos e ferramentas para promover e implementar tecnologias inovadoras. Somente o Estado é capaz de estabelecer padrões e regulamentos robustos sem os quais não há esperança de combater efetivamente o desastre ecológico que ameaça o mundo.

E, é claro, somente através dos esforços dos Estados, constantemente impulsionados pelo envolvimento ativo e pela pressão implacável da sociedade civil global, encontraremos o caminho para uma nova estrutura política para a segurança internacional e a governança mundial.<sup>xcviii</sup>

Ao se debruçar na análise das relações internacionais, Gorbachev mantém seu alinhamento à política externa russa, defendendo as posições adotadas por Moscou e criticando a atuação do Ocidente, a exemplo dos conflitos envolvendo a Rússia e a Geórgia em 2008.<sup>737</sup> O autor afirma que os anos 1990 marcaram uma reversão do ambiente de confiança de cooperação internacional alcançado pela *perestroika*. Os principais responsáveis por esse retrocesso seriam os norte-americanos, que adotaram o discurso de vitória na Guerra Fria e passaram a atuar como uma força hegemônica,

---

<sup>737</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 221.

guiada pelos princípios da força, do poder e do dinheiro.<sup>738</sup> A velha mentalidade da disputa entre superpotências e as hostilidades contra a Rússia se mantiveram mesmo com o fim da URSS, a exemplo da expansão da OTAN.<sup>739</sup>

Gorbachev avalia então por que as relações entre a Rússia e os EUA não conseguiam avançar para um patamar qualitativamente superior. Na visão do autor, essa estagnação era resultado da tendência de comportamento unipolar do governo de Washington, avesso a cooperação igualitária e equilibrada com as demais forças mundiais.<sup>740</sup> Em outras palavras, Gorbachev parece se alinhar à posição defendida pela liderança russa – e diversos setores da oposição, incluindo os comunistas – que entendem a atuação de Moscou no cenário internacional como defensiva, resultado das hostilidades e investidas encabeçadas pelas potências ocidentais. É interessante notar também uma semelhança em relação à avaliação feita pelas lideranças soviéticas pré-*perestroika*, que apontavam o imperialismo como responsável pela tensão vivida no mundo pós-guerra.

Voltando-se para situação do continente europeu, Gorbachev afirma que mesmo depois da dissolução soviética, os países da Europa Ocidental continuavam a negar à Rússia o status de nação europeia, enquanto a cooperação com Moscou parecia permanecer apenas como retórica dos discursos dessas lideranças. O autor declara ainda que havia setores interessados em conter a influência de seu país, mantendo-o apenas como fornecedor de insumos.<sup>741</sup> No entanto, ele considera que Rússia não poderia ser colocada à margem das discussões e da integração continental, reforçando seu argumento de que o país compartilhava raízes históricas e culturais com as demais nações do velho mundo, à exemplo da tradição cristã:

Nunca duvidei que a Grande Europa já exista, sua civilização compartilhada é um fato histórico. Sua fundação está nas raízes cristãs e na herança cultural europeia, o que significa que o futuro da Europa deve ser construído não apenas do Ocidente para o oriente, mas também do oriente para o Ocidente.<sup>xci</sup>

---

<sup>738</sup> GORBACHEV, 2016a, pp. 300-301.

<sup>739</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 308.

<sup>740</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 355.

<sup>741</sup> GORBACHEV, 2016a, pp. 362-363.

Em relação ao Oriente, o autor também dedica um trecho do livro às relações com a China. Em relação às comparações entre as reformas soviética e chinesa, ele reforça seu argumento de que se tratavam de duas estratégias e dois povos bastante diferentes. Também pondera que a Revolução Cultural implementada por Mao Tsé Tung entre as décadas de 1960 e 1970 fora um fator que diferenciava a experiência de Pequim, uma vez que o processo teria provocado grandes mudanças na esfera política que antecederam o início das medidas de modernização econômica.<sup>742</sup> E mesmo considerando a importância e os avanços obtidos pelo gigante asiático, ele prevê que o país enfrentará problemas maiores no futuro, decorrentes do desgaste de seu regime político.<sup>743</sup>

Quanto às tradicionais áreas de influência russa, Gorbachev defende, por exemplo, a atuação da Rússia na crise da Síria, considerando a postura do país como pacificadora.<sup>744</sup> Em relação à Ucrânia, o autor mantém sua argumentação que parece reconhecer como legítimos os interesses russos, afirmando que o Ocidente deveria parar de “empurrar” Kiev para a OTAN.<sup>745</sup> É interessante notar que há uma certa contradição na análise do ex-líder soviético, que parece considerar ao mesmo tempo legítima a intervenção de Moscou nos assuntos internos ucranianos, mas critica veementemente à atuação das forças ocidentais europeias e norte-americanas. Em que pese seu discurso em defesa da autonomia e da soberania, a posição de Gorbachev parece colocar a Ucrânia como um mero instrumento à mercê dos interesses externos.

Ele rejeita ainda as acusações do Ocidente de que a Rússia estaria por trás da crise ucraniana, afirmando que ela era decorrente de conflitos internos e históricos do país eslavo. Se Rússia tivera alguma influência ou responsabilidade nesse processo, isso ocorrera em 1991, quando as lideranças dos dois países optaram por romper os laços que uniam seus povos há muito tempo, colocando fim a URSS e abrindo margem para o crescimento de inúmeros problemas dessa natureza.<sup>746</sup>

Encerrando sua análise sobre temas internacionais, o ex-líder soviético defende o fim do “laissez faire” na política e na economia global, que teria sido responsável pelo

---

<sup>742</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 387.

<sup>743</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 391.

<sup>744</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 399.

<sup>745</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 404.

<sup>746</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 403.

agravamento das crises recentes.<sup>747</sup> Gorbachev volta a demonstrar sua afinidade à plataforma institucionalista nas Relações Internacionais, reforçando o papel das instituições multilaterais, da diplomacia e do direito internacional como base de um sistema de segurança e cooperação mundial. O autor demonstra também uma visão otimista, afirmando que a humanidade aprendera com os erros de sua trajetória histórica, dando como exemplo sua visão de que a segunda metade do século XX não fora tão ruim quanto a primeira, marcada por guerras e regimes totalitários. Ele destaca ainda que o homem tem um papel ativo na História, não estando condenado a um fim específico, sendo dotado da capacidade de direcionar e corrigir seus caminhos.<sup>748</sup> Por fim, ele reforça a necessidade de resgate da ética e da moralidade na política externa como balizas da atuação dos países no cenário internacional:

A regra de ouro da moralidade é: 'Faça aos outros como você gostaria que eles fizessem a você'. Outra formulação é: 'Não faça aos outros o que você não gostaria que fosse feito a si mesmo.' Declaramos que esse princípio deveria ser estendido à política externa de todas as nações: 'A ética nas relações entre as nações e nas políticas governamentais é de suma importância. As nações devem tratar outras nações como desejam ser tratadas. As nações mais poderosas devem se lembrar de que, assim como outras, o fazem.'<sup>c</sup>

A conclusão do livro traz um balanço final do autor acerca do desenrolar dos processos vividos por seu país e pelo mundo desde a segunda metade dos anos 1980. Ele reafirma ter iniciado suas reflexões quanto à urgência da *perestroika* ainda durante o período da estagnação econômica soviética, entre o fim da década de 1970 e início de 1980. Esse sentimento de necessidade de mudanças era algo compartilhado por muitos dentro da elite política soviética, o que explica as várias iniciativas de modificações do sistema que vinham sendo experimentadas nacional e localmente desde a década de 1960.<sup>749</sup>

Nesse trajeto, Gorbachev destaca o papel desempenhado por Andropov, a quem atribui o mérito de ter provocado importantes mudanças nos quadros partidários, promovendo lideranças mais jovens e com ideias reformistas. No entanto, ele descarta a

---

<sup>747</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 409.

<sup>748</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 410.

<sup>749</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 411.

hipótese de que seu antecessor, que permaneceu na secretaria-geral do CC do PCUS por pouco mais de um ano, poderia ter iniciado a *perestroika* se tivesse tido mais tempo à frente do país. Isso porque, para Gorbachev, embora Andropov de fato desejasse mudar a URSS, ele pretendia fazê-lo usando os mesmos métodos do modelo dirigista, evitando a todo custo colocar em risco o núcleo duro e a estrutura do sistema. Essa visão mais conservadora seria decorrente da experiência do líder enquanto embaixador soviético na Hungria em 1956 e, mais tarde, como chefe da KGB.<sup>750</sup>

Já em relação a sua trajetória enquanto reformista, Gorbachev relata que desde a juventude foi se afeiçoando gradualmente à democracia, sobretudo após a morte de Stalin e abertura vivida na URSS naquele momento. Ao assumir o comando do PCUS, ele estava convencido de que o sistema precisava mudar, mas reconhece que não tinha um plano específico ou conceito prévio do que seria a *perestroika*.<sup>751</sup> Ele tinha a convicção de que a reforma seria grande, mas não conseguia ainda enxergar a dimensão que o processo alcançaria:

Estava claro o que precisávamos rejeitar e abandonar: um rígido sistema ideológico, político e econômico; confronto direto no cenário internacional; e a corrida armamentista. Havia apoio público para isso, de uma sociedade pronta para a renovação da vida, e por um tempo foi favorecida com neutralidade tácita e até mesmo tolerada por pessoas que posteriormente provaram ser ainda stalinistas radicais.<sup>ci</sup>

Gorbachev volta a argumentar que a falência do modelo soviético não fora resultado da escolha socialista, mas sim da deturpação do socialismo provocada pelo stalinismo, sendo a libertação desse modelo distorcido e totalitário o principal objetivo do último líder da URSS. Gorbachev rechaça o rótulo de liberal radical, negando ter repudiado as ideias socialistas, embora afirme que se distanciara gradualmente da ideologia oficial do regime:

Eu não sou alguém que troca de pele, mudando suas crenças como se fosse um par de luvas. Minha transição do garoto que escreveu ensaios na escola sobre o tema 'Stalin é a nossa glória militar, Stalin é a ascensão da nossa juventude' até rejeitar o stalinismo e travar uma guerra contra o sistema

---

<sup>750</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 412.

<sup>751</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 413.

totalitário foi difícil e longe de ser indolor. Uma parte importante foi desempenhada pelo fato de eu ter voltado para as últimas obras de Lenin, sua admissão de que "cometemos um erro ao decidir nos mudar diretamente para a produção e distribuição comunistas". Não há como negar que os bolcheviques fizeram uma mistura completa de coisas com o comunismo de guerra.<sup>cii</sup>

Novamente, a referência a Lenin está presente na argumentação de Gorbachev como inspiração para seu pensamento reformista. Durante a *perestroika*, as menções ao líder revolucionário e à NEP foram largamente utilizadas nos discursos oficiais como forma de legitimar as medidas em curso, diante das acusações constantes de que estava enfraquecendo ou se afastando da escolha socialista. Após deixar o Kremlin, Gorbachev continuaria a destacar o papel central que o pensamento leninista, especialmente em sua fase final (1921-1923), tivera não apenas na concepção da *perestroika*, mas nas suas próprias reflexões acerca do socialismo.

O trecho que Gorbachev reproduz das falas de Lenin foi retirado do texto *A Nova Política Econômica e as tarefas dos Departamentos de Educação Política - Relatório ao Segundo Congresso de Departamentos de Educação Política de toda a Rússia*, elaborado pelo líder revolucionário em outubro de 1921, inaugurando a NEP.<sup>752</sup> Na ocasião, Lenin de fato criticara a institucionalização do Comunismo de Guerra como consequência dos esforços durante a Guerra Civil, o que para ele havia sido um erro ao pressupor como possível a passagem direta para o comunismo, sem passar pela fase socialista. No entanto, ele deixa claro que a introdução da NEP significava um recuo estratégico, associando tal movimento aos recuos militares em campo de batalha, uma medida necessária diante do contexto específico do momento para reerguer a economia do país e criar as condições necessárias para a estruturação do socialismo. Nesse sentido, as posições de Lenin naquele momento não parecem considerar a NEP como um modelo de construção do socialismo em si, como defende Gorbachev.

Após reafirmar o impacto da Primavera de Praga em sua formação, Gorbachev também ressalta a influência marcante do movimento eurocomunista nas suas reflexões sobre política, economia e socialismo. O ex-líder soviético volta a rejeitar a dicotomia excludente entre capitalismo e socialismo, aproximando-se das perspectivas teóricas que

---

<sup>752</sup> Cf.: LENIN, 1965, Vol. 33, pp 60-79

buscavam construir modelos alternativos, capazes de conciliar as vantagens desses sistemas.<sup>753</sup> Para Gorbachev, o ocaso soviético não acarretara um avanço das reformas econômicas e da democratização na Rússia, como previam muitos de seus críticos à época. Ele rejeita ainda que os processos vividos em sua país ao longo dos anos 1990 possam ser considerados como uma continuidade das políticas que iniciara na década anterior:

Nos anos da *Perestroika*, confiamos em mudanças evolutivas e graduais e tentamos evitar o retrocesso do país nesse processo: aqueles que nos sucederam escolheram a abordagem de primeiro quebrar tudo em pedaços. Consideramos essencial, durante a transição para uma economia de mercado, manter o papel regulador do Estado: os reformadores da década de 1990 acreditavam nos poderes mágicos do "livre mercado". Queríamos manter tudo que era positivo nas relações entre as repúblicas da União e nas relações com os países vizinhos: os líderes da Federação Russa optaram pela desintegração.<sup>ciii</sup>

O autor compara a imposição das reformas neoliberais, a exemplo do que o FMI fizera em seu país e em outras nações em crise, à consolidação autoritária do comunismo nos regimes políticos do leste europeu.<sup>754</sup> Ele aponta ainda que o atraso da economia russa tinha como uma de suas principais causas a rejeição do governo em regular o mercado.<sup>755</sup> Ainda assim, ele considera que a Rússia estava no meio da transição para a democracia, embora estivessem ausentes alguns elementos centrais para a consolidação desse processo:

Existem, no entanto, certas características sem as quais um sistema não pode ser democrático. Alguns deles são de particular importância para a Rússia, porque ainda não podemos afirmar que eles são encontrados em nosso modo de vida atual. São elas: eleições regulares e honestas, garantindo uma rotatividade periódica dos que estão no poder; ordem constitucional estável e equilíbrio de poderes entre os três ramos do governo; competição entre partidos políticos; respeito pelos direitos e liberdades humanos básicos; um sistema jurídico justo e imparcial e uma sociedade civil desenvolvida. A Rússia precisa construir as instituições de uma sociedade democrática.<sup>civ</sup>

---

<sup>753</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 415.

<sup>754</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 421.

<sup>755</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 427.



Nesse trecho, resta evidente como Gorbachev enxerga as principais deficiências do sistema russo em sua consolidação democrática. A grande maioria dos elementos destacados já vinham sendo apontados com maior frequência nos discursos do ex-líder soviético – competitividade eleitoral, divisão de poderes, sistema judiciário imparcial -, enquanto outros eram menos recorrente e parecem ganhar fôlego após o fortalecimento dos protestos populares no país, sobretudo à crítica à ausência de respeito aos direitos e liberdades humanos básicos. Como modelo a ser perseguido pela Rússia em sua caminhada rumo à democracia, o autor reafirma sua preferência por um modelo que conciliasse crescimento econômico, liberdades individuais e um Estado regulador, citando como exemplo os países escandinavos, a Holanda e a Alemanha.<sup>756</sup>

O livro acaba com uma breve reflexão do autor sobre as especificidades da Rússia na transição democrática, em que o autor afirma que em virtude de sua constituição histórica os russos precisariam de um presidente forte, dotado de poderes suficientes para conduzir o país de forma estável, mas que esse líder não deveria ser um novo Stalin ou um Hitler. Nesse sentido, embora o modelo parlamentarista não parecesse adequado ao seu país, Gorbachev argumenta que os russos precisavam superar a dependência psicológica em relação ao líder autoritário, que estaria na base do “superpresidencialismo” criado por Iéltsin e reforçado por Putin. Para isso, era fundamental a reforma política que construísse um sistema equilibrado, garantindo as prerrogativas de um executivo forte, contrabalanceado por um legislativo fortalecido.<sup>757</sup>

---

<sup>756</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 424.

<sup>757</sup> GORBACHEV, 2016A, p. 425.

## CONCLUSÃO – GORBACHEV COMO PENSADOR

Em uma palavra, Gorbachev livrou-se das ilusões do reformador novato que havia assumido em seus ombros o peso das transformações em um país vasto e complexo. Ele agora vê mais longe, ele se tornou mais sábio<sup>cv</sup>

Mikhail Gorbachev foi certamente um dos principais protagonistas da política internacional do século XX. Apesar de qualquer juízo de valor em relação às consequências dos processos que conduziu, é certo que o último líder máximo soviético teve impacto direto na desconstrução dos pilares que sustentavam a ordem geopolítica desde o fim da Segunda Guerra Mundial, inaugurando uma nova fase não apenas nas relações internacionais como em sua própria terra natal. Ao mesmo tempo, após percorrer quase seis décadas de suas manifestações públicas, parece correto afirmar também que tais processos foram determinantes na evolução das ideias de Gorbachev, estabelecendo uma relação dialógica – e dialética – entre a figura do político e do pensador.

Um olhar atento à formação pessoal e acadêmica de Gorbachev, bem como seus primeiros passos na ascensão política, detalhados ao longo do Capítulo I, desvendam as origens de algumas das características marcantes do último líder soviético, constantemente reiteradas por analistas e biógrafos: personalidade flexível e tolerante, sua abertura ao diálogo, perfil moderado e boa bagagem educacional e intelectual. Sua origem camponesa, marcada pelos turbulentos períodos da guerra e da coletivização, contribuiu para sua compreensão da verdadeira realidade pela qual passava grande parte da sociedade soviética, diferentemente da experiência daqueles nascidos nas grandes cidades e muitas vezes em descompasso com a propaganda oficial do regime.

A preferência de Gorbachev por construir estratégias conciliatórias e a moderação de suas ideias e posições, sempre avesso a movimentos radicais ou de ruptura, se consolidou como elemento marcante de sua atuação política e intelectual e, como tal, foi considerada por diferentes autores ora como positiva, ora como negativa. Pavel Palazchenko, intérprete que trabalhou junto a Gorbachev e Shevardnadze durante a *perestroika*, critica a moderação excessiva do líder em momentos nos quais deveria

tomar decisões mais assertivas e tomar a rédea dos processos em curso, embora avaliasse como uma virtude a capacidade do líder em ouvir diferentes opiniões.<sup>758</sup> Na mesma linha, Ligachev aponta esse perfil moderado como um dos principais responsáveis pela atitude titubeante do líder soviético, que em diversos momentos parecia adotar medidas contraditórias e inconsistentes ao longo das reformas.<sup>759</sup>

Por ter iniciado sua carreira na esfera local, mantendo contato direto com o dia a dia de trabalhadores e gestores das esferas produtivas – experiência que também tivera em sua família, fosse durante seu trabalho no *kolkhoz* ou mesmo a partir da atuação de seu avô enquanto dirigente rural – Gorbachev pôde ter uma visão bastante realista dos desafios e entraves enfrentados pela base do sistema, que nem sempre eram percebidos ou recebiam a devida atenção pelos dirigentes centrais. Palazhenco destaca em suas memórias que essa origem nas camadas inferiores da sociedade e do partido, aliada a seu perfil bastante técnico, possibilitara ao último líder soviético comungar da visão dos cidadãos comuns em relação ao sistema.

Nesse sentido, Gorbachev carrega consigo não apenas o diagnóstico das dificuldades encaradas pelo sistema, mas também as expectativas compartilhadas por grande parte dos soviéticos, especialmente aqueles nascidos após a Revolução. Se para os que já estavam vivos em 1917 a consolidação do novo regime e dos ideais que guiaram os bolcheviques haviam sido os principais objetivos, para aqueles nascidos a partir dos anos 1920, cuja formação se dera sob novas bases sociais, as aspirações se voltavam para o cumprimento das promessas feitas pelos idealizadores desse modelo social. Como destaca Archie Brown, Gorbachev faz parte de uma geração que se formara e ascendera politicamente após findado o período do terror e dos expurgos stalinistas, o que lhe conferia uma atitude mais aberta à contestação e à mudança.<sup>760</sup>

O próprio Gorbachev parece comungar dessa visão, conforme demonstram diversas passagens destacadas nos capítulos anteriores, especialmente após o fim da URSS, nas quais o líder se define como um produto não intencional do próprio sistema.<sup>761</sup> Isso porque graças ao avanço da escolarização e dos investimentos na formação acadêmica e profissional da população, o regime acabara por constituir uma

---

<sup>758</sup> PALAZCHENKO, 1997, p.49

<sup>759</sup> LIGACHEV, 1996, pp. 127-128.

<sup>760</sup> BROWN, 1996, p. 10

<sup>761</sup> GORBACHEV, 1996b, 47:10-48:22

nova geração de cidadãos dotada não apenas de preparo técnico, mas também de uma maior capacidade crítica e reflexiva. Aliada à forte tradição cultural russa, essa camada da população soviética se veria cada vez mais insatisfeita com as suas condições de vida, questionando os pilares do funcionamento daquele modelo e identificando suas principais fragilidades. Em outras palavras, o desenvolvimento das ideias reformistas, que mais tarde provocou a ruptura do regime, resultara de uma de suas principais conquistas sociais: a educação.

A ascensão política posterior ao período stalinista também faria de Gorbachev um representante da “Geração Khrushchev”, conforme definira Aslund, formada a partir das denúncias dos crimes cometidos por Stalin e da quebra da natureza quase sacra do sistema soviético vigente até então. Um dos principais conselheiros políticos do ex-líder soviético, Andrei Grachev afirma que por se enquadrar na chamada “Geração dos Anos Sessenta” de políticos e intelectuais, ele acreditava inicialmente na possibilidade de combinação entre um projeto verdadeiramente comunista – de pilares leninistas e livre dos desvios stalinistas – com o modelo de democracia vigente no Ocidente.<sup>762</sup> Ao mesmo tempo, tendo se associado de perto à trajetória do líder reformista da URSS durante a *perestroika*, Ligachev aponta que Gorbachev sofrera ao longo de sua liderança a “Síndrome de Khrushchev”, ou seja, um receio de que qualquer atitude mais radical pudesse motivar sua retirada do poder, como ocorrera com seu antecessor em 1964.<sup>763</sup> Essa visão também foi compartilhada por Gorbachev em passagens analisadas ao longo dos capítulos anteriores, nas quais o ex-líder soviético reforça a necessidade de se adequar aos limites de cada momento.<sup>764</sup>

Essa atitude cautelosa, embora tenha favorecido sua ascensão nos quadros do partido, se revelou muitas vezes um obstáculo ao avanço das reformas que ele conduzira a partir de 1985, especialmente quando o agravamento da crise política e econômica passara a exigir decisões rápidas e assertivas. Nesse sentido, Palazchenko destaca que Gorbachev não pode ser considerado um político calculista, profissional, mas sim um líder carismático que buscava construir soluções negociadas, mesmo quando a situação

---

<sup>762</sup> GRACHEV, 2008, pp. 27-28

<sup>763</sup> LIGACHEV, 1996, pp. 127-128.

<sup>764</sup> Cf.: GORBACHEV, 2000, p. 182; GORBACHEV, 1996a, p. 147; GORBACHEV, 1996a, pp. 241-242; GORBACHEV, 2002a, p. 3.

demandava urgência e objetividade.<sup>765</sup> A análise das manifestações do líder soviético confirma esse perfil moderado e conciliatório, que se revela um elemento fundamental para a compreensão do desenvolvimento de suas ideias.

A partir da combinação entre as características de personalidade e os diferentes contextos históricos, políticos e sociais, nossa análise procurou identificar a evolução das ideias de Gorbachev antes e depois do ocaso da URSS, sinalizando pontos chave para a compreensão dos movimentos no pensamento do último líder soviético. Após um exaustivo exame de seus discursos, publicações e intervenções, foi possível verificar continuidades e rupturas em suas reflexões, que podem ser organizadas em quatro dimensões principais: ideológica, econômica, política e relações internacionais.

### *Dimensão ideológica*

Críticos e apoiadores do ex-líder soviético já o vincularam às mais diferentes posições do espectro ideológico, de conservador comunista a expoente neoliberal. Alguns alegam que Gorbachev já havia claramente abandonado as ideias socialistas antes mesmo de sua ascensão. Outros defendem que fora justamente sua demora em romper com os dogmas do regime que o impediu de seguir com as reformas mais radicais. Entre debates apaixonados e disputas políticas, convém buscarmos nas palavras do próprio Gorbachev indícios de sua trajetória na dimensão ideológica.

Ao nos voltarmos para os discursos e publicações de Gorbachev durante a fase inicial de sua ascensão na hierarquia do PCUS, examinados no Capítulo I, não identificamos traços de dissidência ou ideias revisionistas. Entre os anos 1960 e 1970, suas manifestações estiveram bastante alinhadas ao discurso oficial, reafirmando os principais jargões e dogmas ideológicos do regime. Ele ressaltava, por exemplo, a importância da educação comunista e do ensino da teoria marxista-leninista para a juventude, vistos como elementos centrais para o combate às ameaças do imperialismo burguês.<sup>766</sup> Ao mesmo tempo, confirmava sua crença nos ideais revolucionários e no papel de vanguarda e liderança desempenhado pelo partido desde sua chegada ao poder.<sup>767</sup>

---

<sup>765</sup> PALAZCHENKO, 1997, p. 108.

<sup>766</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 138-139

<sup>767</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 112-113

Tal alinhamento parece se justificar por duas razões principais. Em primeiro lugar, a censura do próprio regime, reiterada diversas vezes por Gorbachev em suas reflexões, que não apenas impunha limites às críticas como estabelecia uma “cartilha” de conceitos e temas que poderiam ser abordados pelos agentes políticos, variando de acordo com seu status dentro da hierarquia partidária. Um segundo fator – e talvez o mais importante – era a identificação de Gorbachev com os elementos constitutivos da ideologia partidária e o funcionamento do regime.

Em outras palavras, para além de eventuais constrangimentos estruturais, o discurso de Gorbachev também revelava a aderência intelectual do líder aos princípios que guiavam o regime soviético naquele momento. O processo de questionamento e revisão crítica desses pilares ideológicos – que o próprio Gorbachev definiu como sua *perestroika* particular – se deu gradualmente ao longo das duas décadas que separam seu ingresso como membro do PCUS, em 1962, e sua escolha para a sucessão de Chernenko, em 1985. Como vimos em nossa análise e destacaremos adiante ao abordar as dimensões políticas e econômicas da evolução de seu pensamento, Gorbachev passa a introduzir um tom cada vez mais crítico em seu diagnóstico dos problemas enfrentados pelo sistema e as soluções propostas cada vez mais se aproximam das medidas que o líder viria a implementar após assumir a secretaria-geral do CC do PCUS.

Após seu retorno a Moscou, em 1978, outros fatores tiveram um forte impacto em suas reflexões, alterando a forma como entendia o modelo soviético e o próprio socialismo. A chegada à capital em uma posição elevada na hierarquia partidária ampliara a visão de Gorbachev em relação à dimensão dos problemas enfrentados, agora sobre a perspectiva central, ao mesmo tempo que lhe facilitara o acesso a um conjunto substancialmente mais amplo de estudos, opiniões e reflexões sobre tais dificuldades e suas possíveis soluções. Nesse sentido, foi determinante em sua *perestroika pessoal* a contribuição do grupo de especialistas e consultores com quem passara a debater temas centrais de natureza política e econômica, que embora não incluísse integrantes diretamente vinculados ao movimento dissidente, contava com a presença de nomes como a socióloga e economista Tatiana Zalavskaya, que defendia posições sensivelmente heterodoxas em relação ao *mainstream* vigente.

As viagens ao exterior, especialmente para o Ocidente, também abriram um novo horizonte ao jovem líder. Em relação ao aspecto ideológico, ele não só passou a ter contato direto com as ideias liberais, como também se aproximou de outras correntes à esquerda que disputavam espaço nas democracias burguesas, a exemplo da social-democracia e do eurocomunismo. Tais vertentes assumiram um papel cada vez mais central nas reflexões de Gorbachev, que ao longo das reformas transitaria nessa direção até, enfim, reconhecer sua filiação às ideias social-democratas. Ademais, durante suas viagens, Gorbachev estreitou laços com dirigentes que, em virtude de seu posicionamento divergente (embora não dissidente), haviam sido mandados ao exterior para atuar em postos diplomáticos, a exemplo de Alexander Yakovlev.

A análise das manifestações de Gorbachev, sobretudo entre 1978 e 1984, sinaliza claramente esse movimento de crescente questionamento em relação ao funcionamento do sistema e, a exemplo do discurso elaborado para a comemoração 113º aniversário do nascimento de Vladimir Lenin (1983), se aproximavam cada vez mais dos pilares ideológicos do regime. Ainda assim, nem seus discursos, nem suas memórias – corroboradas pela opinião de outros atores importantes desse período, de aliados como Palazchenko a opositores como Ligachev – apontam para um radical distanciamento de Gorbachev em relação aos pilares do socialismo soviético. Em outras palavras, ao assumir o Kremlin, ele ainda comungava dos principais pressupostos ideológicos do regime e do partido. Como aponta Taubman, Gorbachev parecia acreditar sinceramente nos ideais comunistas, embora já ali pretendesse resgatar sua face mais humana e moderna.<sup>768</sup>

Ainda assim, a aderência aos ideais socialistas não inviabilizou seu diagnóstico acerca da necessidade de mudanças no funcionamento do sistema. Ao contrário, ela reforça a visão expressa pelo líder em seus discursos, que colocava inicialmente as reformas como um movimento de aperfeiçoamento do modelo socialista vigente. Nesse processo, é nítido que a intensidade de sua análise quanto aos problemas enfrentados pelo regime e às medidas que teriam que ser adotadas cresciam de acordo com sua ascensão na cúpula do PCUS, ainda que vários desses elementos já estivessem presentes em suas reflexões anos antes. Isso porque, como bem destaca Brown, mesmo que as bases do projeto reformista já estivessem presentes no pensamento de Gorbachev antes

---

<sup>768</sup> TAUBMAN, 2017, p. 656.

de sua chegada ao Kremlin, era necessário “dançar conforme a música”, principalmente durante o período Brezhnev, se ele pretendia alcançar a liderança e implementar mudanças no sistema.<sup>769</sup>

Palazchenko destaca que ao longo da era da estagnação, a ideologia e a propaganda oficial do regime sofreram um franco processo de desidratação, que combinado ao já mencionado avanço na escolarização, fazia com que boa parte da população ignorasse os jargões e dogmas oficiais do discurso soviético.<sup>770</sup> Tal postura revelava um descolamento da liderança do regime – e sua ideologia oficial – em relação à vida real da população, que se habituara a adotar um discurso para ser expresso em público, alinhado às posições oficiais, e outro que permanecia restrito à vida pessoal e contatos próximos, esse mais crítico e condizente com a realidade. Nesse sentido, a postura de Gorbachev em respeitar os limites oficiais, ainda que na prática suas ideias já fossem diferentes, se alinhava a um comportamento típico da própria sociedade soviética à época.

Nem todos os autores, contudo, concordam que Gorbachev já dispunha de um conjunto de ideias mais elaborado ao assumir a secretaria-geral do CC do PCUS. Anthony D’Agostino considera que Gorbachev não teria bagagem intelectual nem um histórico consolidado dentro do partido para subsidiar um programa de reformas antes de chegar ao Kremlin, especialmente na política externa.<sup>771</sup> Se é verdade que sua rápida trajetória de ascensão lhe dera pouco tempo para se aprofundar em relação a todas as esferas da vida soviética, a leitura das manifestações de Gorbachev no período revela um desenvolvimento qualitativo bastante intenso na sua análise da situação vivida pelo sistema, bem como das propostas para seu enfrentamento, ambas construídas ao longo das duas décadas que antecederam sua escolha para a sucessão de Chernenko. Ademais, para além da formação acadêmica superior a grande parte dos integrantes da cúpula comunista, sua abertura ao diálogo e interesse em debater temas sensíveis com especialistas de diferentes vertentes forneciam a Gorbachev insumos para o desenvolvimento de suas ideias e a formulação de suas políticas.

---

<sup>769</sup> BORWN, 1998, p. 57.

<sup>770</sup> PALAZCHENKO, 1997, pp. 35-36.

<sup>771</sup> D’AGOSTINO, 1998, p. 343.



O afastamento de Gorbachev em relação aos pressupostos socialistas que guiavam o regime quando ascendera à liderança se deu de forma gradual, conforme examinado ao longo do Capítulo II, acompanhando a evolução das reformas em curso. Em 1985, suas propostas não pretendiam alterar os pilares fundamentais da ideologia oficial, como a propriedade socializada dos meios de produção, o monopólio do poder político pelo PCUS ou mesmo o objetivo final da construção do comunismo. Nesse sentido, a aproximação do pensamento do líder aos ideais da social-democracia ocorreu em sintonia às medidas que foram sendo implementadas nas esferas econômica e política, fruto de suas reflexões acerca da situação do sistema soviético e dos caminhos traçados para seu aperfeiçoamento e, mais tarde, transformação.

Após o colapso da URSS, o próprio Gorbachev reconheceu esse movimento ao analisar a trajetória percorrida por suas concepções, afirmando que tal processo se dera de forma natural e quase inconsciente, mas que entre 1988 e 1989 seu alinhamento à social-democracia já estava encaminhado.<sup>772</sup> É também nesse momento que avançavam as medidas mais profundas de alteração do sistema, com a introdução de novas formas de propriedade, a defesa do mercado socialista e as reformas no sistema eleitoral e nas instituições representativas do país. Alguns autores, a exemplo de D'Agostino, defendem que ele teria permanecido vinculado aos ideais comunistas até as vésperas da dissolução soviética.<sup>773</sup> No entanto, nosso exame das ideias do último líder soviético aponta que as referências à construção do comunismo tornaram-se menos frequentes em seus discursos ao longo da *perestroika*, perdendo seu real sentido e assumindo cada vez mais o papel de um mero recurso oratório na tentativa de manter alguma coesão e legitimidade ao processo.

Se na prática, essa ruptura já ocorrera durante os anos em que estivera à frente da URSS, após deixar o Kremlin, Gorbachev rejeitaria oficialmente sua vinculação às ideias comunistas, que segundo ele constituíam uma utopia que já tivera seu tempo.<sup>774</sup> Tal rompimento, contudo, não fora acompanhado do abandono de sua identificação ao socialismo. Nos capítulos III e IV, procuramos destacar como Gorbachev avançou no exercício teórico de definição daquilo que considerava um socialismo pautado em valores, um socialismo humanista. Nesse processo, ele assegura não estar se desviando

---

<sup>772</sup> Cf.: GORBACHEV, 2002a, p. 79.

<sup>773</sup> D'AGOSTINO, 1998, p. 7.

<sup>774</sup> GORBACHEV, 2003, p. 286.

dos princípios socialistas, mas sim restaurando-os frente à deturpação desses ideais ao longo da experiência soviética.<sup>775</sup> No modelo que ele constrói, os interesses de classe são substituídos por interesses comuns a toda a humanidade, valores como a justiça social e solidariedade são reafirmados e equiparados a princípios da tradição liberal, como a liberdade de expressão e a igualdade civil – que haviam perdido espaço no escopo do socialismo real.

O socialismo humanista defendido por Gorbachev rompe com as bases do marxismo-leninismo, eliminando conceitos como a luta de classes, o materialismo histórico e a visão do comunismo como estágio final do desenvolvimento da sociedade. Ainda assim, é possível notar a permanência de certos elementos dessa ideologia, como a preferência pelo método dialético e as ideias de infraestrutura e superestrutura – ainda que sob nova roupagem – para a compreensão da organização social e de seu processo de desenvolvimento. Ademais, a nova versão socialista de Gorbachev incorpora outras questões que o autor considera fundamentais, como a proteção ao meio ambiente e a defesa de um modelo de segurança mútua nas relações internacionais, pautado pelo diálogo e a construção política de consensos nas esferas institucionais.

Interessante também destacar que a ruptura com os ideais comunistas e o desenvolvimento de sua visão particular de socialismo, não foi acompanhado de uma rejeição formal aos ideais que guiaram os revolucionários de Outubro de 1917. Embora se opusesse aos movimentos de ruptura, Gorbachev considerava que a revolução havia sido um processo histórico legítimo, uma opção acertada diante das condições históricas e sociais daquele momento.<sup>776</sup> Nesse curioso exercício intelectual, a Revolução de Outubro e a *perestroika* surgem nas reflexões do ex-líder soviético como faces de uma mesma moeda, dois processos que se voltavam à defesa das ideias socialistas e seu protagonismo no progresso político, econômico e social – a despeito das diferenças marcantes não só de seus métodos, mas do conteúdo do socialismo que cada um deles defendia.

Ao mesmo tempo em que desenvolvia as bases de seu socialismo de face humana, Gorbachev rejeitava qualquer associação de sua imagem como expoente do neoliberalismo. Nos anos em que conduziu a URSS, sua aproximação com líderes

---

<sup>775</sup> GORBACHEV, 1993 p. 398.

<sup>776</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 3-7.

como Ronald Reagan e Margareth Thatcher pareciam corroborar essa visão, embora tal aliança tenha se alicerçado mais no interesse comum em reduzir as tensões (e os gastos) militares do que em afinidade ideológica em relação a um modelo socioeconômico. Ainda que sua crítica ao modelo neoliberal tenha se tornado mais central após o ocaso soviético, com a introdução da terapia de choque durante o governo Iéltsin, Gorbachev já demonstrava sua descrença em alguns de seus principais pressupostos durante a perestroika, a exemplo da infalibilidade do livre mercado como elemento de regulação econômica e social.<sup>777</sup>

Essa vinculação do último líder soviético ao neoliberalismo, que não se confirmou em nossa análise de sua trajetória intelectual, parece decorrer de uma incompreensão em relação à natureza de suas propostas em meio à realidade específica das reformas do sistema soviético. A avaliação de Gorbachev, que encontrava eco em analistas tanto à esquerda quanto à direita, apontava para a fragilidade de alguns elementos típicos da tradição liberal na dinâmica do modelo soviético, especialmente em relação aos direitos e liberdades individuais – a exceção, inicialmente, da propriedade privada.

Nesse sentido, as ideias de liberdade de expressão ou igualdade jurídico-civil, por exemplo, não representavam um retrocesso em relação à tradição marxista, uma vez que estes elementos estão no bojo do modelo defendido pelo teórico alemão a partir da relação dialética entre o padrão capitalista liberal e suas contradições. Ao defender o fortalecimento desses pressupostos em suas reformas, Gorbachev não estava rompendo com a escolha socialista ou caminhando na direção do restabelecimento de um modelo estritamente liberal, mas apenas recuperando sua validade dentro do próprio sistema soviético – que, inclusive, os assegurava formalmente em sua legislação. Ademais, esse movimento não fora acompanhado por um projeto de desconstrução do sistema de proteção social ou de direitos conquistados pelos soviéticos nessa esfera – que viria a ser implementado, na prática, após o colapso da URSS.

Ainda na dimensão ideológica, convém destacar as mudanças na forma como o Gorbachev se referia à figura de Vladimir Lenin. Conforme aponta Gooding, para as lideranças soviéticas desde Stalin, as referências ao líder revolucionário cumpriam a função de um verdadeiro talismã, garantindo legitimidade às decisões e políticas

---

<sup>777</sup> GORBACHEV, 1989a, p. 97.

adotadas, independentemente de sua real afiliação aos ideais defendidos pelo dirigente morto em 1924.<sup>778</sup> Até o início da *perestroika*, a ideologia oficial reforçava o protagonismo de um Lenin revolucionário e infalível, cuja validade e vitalidade das ideias lhe conferira a imortalidade e, dessa forma, guiara a atuação do PCUS e do regime soviético ao longo de sua história. O próprio Gorbachev reforçava essa imagem em seus discursos iniciais, ainda enquanto líder local, defendendo que esses ideais leninistas estavam na base do sistema que, mais tarde, ele pretendia reformar.<sup>779</sup>

Embora a aproximação de Gorbachev em relação ao “testamento político” de Lenin tenha se iniciado durante a redação de seu discurso para a comemoração dos 113 anos de seu nascimento em 1983, seria somente depois da sucessão de Chernenko que a imagem oficial do primeiro líder soviético passou a sofrer mudanças significativas. Como seus antecessores, Gorbachev também procurou legitimar as medidas reformistas adotadas se ancorando na figura de Lenin, que perde gradualmente seu caráter revolucionário e indefectível e assume um perfil pragmático, aprendendo com seus erros e se adaptando ao contexto e as necessidades específicas de cada momento.

O exemplo mais notável desse movimento fora talvez a correlação direta traçada entre a *perestroika* e o período da NEP, buscando associá-la a um movimento de restabelecimento dos ideais originais que guiaram Lenin em sua atuação enquanto dirigente soviético. Já na esfera política, o defensor da ditadura do proletariado foi cedendo espaço a uma versão do líder cada vez mais favorável à democracia, que por sua vez se aproximava gradualmente do modelo liberal vigente nas grandes potências capitalistas. Como destaca Gooding, as referências ao “testamento político” de Lenin pareciam fornecer legitimidade às reformas em sua dimensão econômica, mas pouco contribuíram para a inspiração das reformas políticas: a vinculação do primeiro líder revolucionário à democracia liberal não passava de mero improviso.<sup>780</sup> A articulação político-intelectual que dizia se ancorar nas reflexões tardias de Lenin provocou uma alteração profunda de sua imagem pelo regime, resultando em uma leitura artificial e distante das concepções tradicionais do leninismo.

---

<sup>778</sup> GOODING, 1992, p. 403.

<sup>779</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 96.

<sup>780</sup> GOODING, 1992, p. 405.

Ne entanto, como pontua Christopher Smart ao estudar as referências à Lenin durante a *perestroika*, o último líder soviético não abandona por completo a imagem do Lenin revolucionário, que é associada ao espírito criativo e inovador que atribuía às reformas.<sup>781</sup> Gorbachev parece se utilizar dos dois perfis de Lenin para legitimar o processo em curso, ora buscando no “revolucionário” a justificativa para a dimensão e o afastamento das medidas em relação à estrutura original, ora se voltando ao “pragmático” para orientar e validar a estratégia escolhida para o seu desenvolvimento. Em outras palavras, seus discursos sinalizam um “Lenin revolucionário” à serviço de um “Gorbachev intelectual” e um “Lenin pragmático” a serviço de um “Gorbachev político”.

Comparando as ideias do jovem líder de Stavropol às reflexões do agora ex-líder máximo soviético, é possível perceber, portanto, uma mudança profunda na visão ideológica de Gorbachev. Em que pese as limitações impostas pelos contextos históricos e políticos, o próprio Gorbachev reconhece que durante muito tempo não havia uma grande distância entre suas ideias e a ideologia oficial do regime.<sup>782</sup> As mudanças em sua percepção, que resultariam nesse afastamento, se construíram ao longo de sua experiência prática nos vários níveis da política soviética. Embora seus críticos procurem rotulá-lo como expoente radical à esquerda ou à direita, Gorbachev parece ter percorrido um caminho muito mais próximo da moderação e de uma construção gradual de suas ideias.

### ***Dimensão política doméstica***

Em sintonia com os movimentos verificados na dimensão ideológica, também é possível identificar um trajeto semelhante das ideias políticas expressas por Gorbachev. Nessa dimensão, convém destacar inicialmente o caminho percorrido pelo autor em suas reflexões acerca da concepção de democracia. Ao nos voltarmos para suas manifestações ao longo dos anos 1960 e 1970, notamos novamente uma fina sintonia com o discurso oficial, com frequentes destaques às vantagens da democracia socialista. Tal modelo era descrito como uma conquista dos trabalhadores, enquanto as críticas, especialmente vindas do Ocidente, surgem como um esforço ideológico do imperialismo para distorcer e minimizar as conquistas do estado socialista.

---

<sup>781</sup> SMART, 1990, p. 5.

<sup>782</sup> GORBACHEV, 2016b, p. 163.

Naquele momento, não havia menção crítica ao modelo eleitoral ou mesmo ao funcionamento da estrutura político-partidária do país. Ao contrário, o sucesso da democracia socialista aparece vinculado à manutenção da ordem e da organização do regime, sob a liderança centralizada e vanguardista do PCUS. Por outro lado, o líder já demonstrava ali uma preocupação com a alienação da população em relação às estruturas de participação e governança popular, como os soviets, sindicatos e *komsomol*.<sup>783</sup> Tal afastamento das camadas populares, contudo, não decorria, segundo sua avaliação, de nenhum aspecto da natureza do sistema e sim de falhas na atuação de gestores, líderes locais e outros agentes individuais.

Em relação à democracia socialista, cumpre destacar que embora o sistema vigente nos países comunistas ao longo do século XX tenha, na prática, se configurado na formação de regimes autoritários, em sua origem tal modelo pretendia avançar na liberdade e ação direta dos trabalhadores em relação à tradição liberal. Como destaca Bobbio, segundo o pensamento marxiano, a democratização durante a etapa socialista deveria ultrapassar os limites da democracia representativa e retomar mecanismos da democracia direta, estendendo a participação e o controle popular aos diversos níveis e esferas da sociedade, desde os órgãos de governo até as unidades produtivas e associações civis.<sup>784</sup> Nesse sentido, a versão socialista da democracia pretendia, portanto, ampliar as estruturas de participação e deliberação política, entendendo que o modelo liberal não fora capaz de garantir, de fato, autonomia, liberdade e poder à população trabalhadora, que continuava sendo objeto de exploração e dominação. Partindo dessa perspectiva, os revolucionários russos, sob a liderança política e intelectual de Lenin, definiram as bases do modelo soviético que se estruturava na atuação direta da população nos conselhos (soviets) e organizações (*komsomol*, sindicatos, associações científicas e culturais, etc).

O próprio Gorbachev confirma que sua visão positiva acerca do modelo socialista de democracia se alterou gradualmente como resultado não apenas de sua experiência enquanto ascendia na carreira política, mas também com as reflexões construídas a partir de suas viagens ao exterior.<sup>785</sup> Ainda durante a perestroika, a defesa da necessidade de aprofundamento da democracia assumia centralidade cada vez maior,

---

<sup>783</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 113.

<sup>784</sup> BOBBIO, 1998, pp. 325-326.

<sup>785</sup> GORBACHEV, 2002a. pp. 49-50.

se convertendo inclusive em slogan das reformas - “mais socialismo, mais democracia”. Ainda assim, num primeiro momento, a democratização pretendida pouco se afastava da abordagem tradicional, com enfoque no reforço da organização e das atribuições das estruturas participativas já existentes. A principal novidade estava na ênfase dada à necessidade de transparência nas discussões e decisões do regime, acompanhada do relaxamento gradual dos mecanismos de censura e ampliação da liberdade de expressão, inclusive nos veículos de imprensa. Ainda assim, Gorbachev parecia manter sua crença na liderança do PCUS e afastava a necessidade de adoção de um sistema multipartidário.

A análise dos discursos de Gorbachev entre início da década de 1980 e os primeiros anos da *perestroika* não revela indícios de que o último líder máximo soviético pretendia avançar desde o início das reformas na direção de um modelo de democracia liberal. Elementos como a liberdade de associação e organização política, o pluripartidarismo e a reforma do sistema eleitoral, viabilizando eleições verdadeiramente competitivas, não faziam parte do escopo inicial das medidas propostas pelo novo secretário-geral do CC do PCUS ao assumir a função em 1985. Ele parecia convencido de que ainda poderia combater o processo de alienação popular a partir do reforço das estruturas já existentes na democracia socialista, sem ameaçar os pilares do sistema político à época. Assim, suas propostas caminhavam na direção do que alguns autores que se dedicam ao estudo dos regimes de transição, como O’Donnell e Schmitter, consideram um “autoritarismo liberalizado”, em que as lideranças toleraram ou mesmo promovem medidas liberalizantes de abertura à ação individual e coletiva, a fim de aliviar a pressão sobre o sistema e ampliar sua margem de apoio sem alterar significativamente a estrutura de autoridade.<sup>786</sup>

A partir de 1987, diante da forte resistência burocrática, identificada como principal obstáculo ao avanço da *perestroika*, a luta contra as forças conservadoras concedeu à esfera política centralidade equivalente ou até maior que à dimensão econômica nas reformas. À medida que se consolida a percepção de que os movimentos de renovação dos quadros e promoção de novas lideranças iniciados em 1985 não seriam suficientes para superar tais dificuldades, o líder soviético radicalizava gradualmente suas propostas de abertura política e pressionava pela reintrodução de

---

<sup>786</sup> O’DONNELL; SCHMITTER, 1986, p. 9

alguns mecanismos típicos das democracias liberais. Já na XIX Conferência do PCUS, em 1988, ele desenhou os contornos das reformas eleitoral e institucional que alterariam profundamente o funcionamento do sistema político do país.

Na virada da década, as forças políticas assumiam cada vez mais o formato de agremiações independentes, polarizando o cenário político soviético entre reformistas radicais e conservadores. Nesse cenário, o núcleo duro do PCUS se consolidava como reduto das forças contrárias ao avanço da *perestroika* e pela restauração da ordem sob as antigas bases vigentes pré-1985. Como resultado, Gorbachev entendeu a necessidade de separação entre as estruturas partidárias e do Estado, superando a simbiose que as unira durante quase todo o período soviético. Na sequência, romperia com o monopólio político do PCUS, abrindo espaço para a formalização de outros partidos e organizações políticas na URSS.

O pluripartidarismo, até então rejeitado pelo líder, surge em seu discurso como consequência natural do processo de democratização do país, uma realidade com a qual o PCUS deveria se adaptar para disputar seu espaço e recuperar seu papel de vanguarda.<sup>787</sup> A legitimidade do partido deixa de residir na superioridade dos ideais comunistas, que guiavam a sociedade para um estágio novo e inevitável do desenvolvimento social, e deve ser conquistada eleitoralmente, em disputa com outras visões políticas. A partir de então, o formato de democracia defendido por ele se aproximou cada vez mais do modelo adotado pelas principais potências ocidentais. Interessante notar que embora a proposta inicial da *perestroika* – e o pensamento expresso por seu idealizador – se ancorasse no fortalecimento das estruturas de participação e controle popular, as reformas não avançaram na restauração da essência do modelo da democracia socialista, como fora concebida por seus idealizadores entre o fim do século XIX e início do século XX, mas, ao contrário, caminharam na direção de uma retomada do modelo liberal e da democracia representativa burguesa.

Sintomático de seu afastamento em relação à visão inicial acerca da democracia socialista, Gorbachev passou a se referir publicamente ao modelo vigente na União Soviética como uma experiência totalitária a partir de novembro de 1990, ainda no curso das reformas<sup>788</sup> – posição que manteria após deixar o poder em 1991. Em relação

---

<sup>787</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 56.

<sup>788</sup> GORBACHEV, 1990b, p. 1.



a esse último aspecto, algumas ressalvas se fazem necessárias. Embora muitos estudiosos tenham estabelecido paralelos entre as experiências da Alemanha de Hitler e a União Soviética de Stalin, a exemplo das análises de Hannah Arendt e Carl Friederich acerca do totalitarismo, o uso dessa categoria é bastante complexo e, na visão de autores como o historiador Jay Bergman, pouco contribuiu para a real compreensão desses fenômenos políticos.<sup>789</sup> Ele destaca que mesmo durante os anos 1930, em que os dois regimes compartilhavam do alto grau de anulação dos indivíduos e da violência extrema no controle social, seus embasamentos ideológicos e objetivos finais caminhavam em sentidos completamente diversos, o que prejudicava significativamente a equiparação das duas experiências.

Ao classificar a URSS como totalitária, Gorbachev parecia concordar com a equivalência entre o regime soviético e o nazifascismo, tema sensível na memória histórica soviética. Afinal, milhões de cidadãos do país morreram em decorrência do conflito mundial, que para os soviéticos ficara imortalizada como a Grande Guerra Patriótica. Além disso, após a morte de Stalin, embora permanecessem elementos que caracterizam o regime como autoritário, sua natureza era sensivelmente diferente daquela experimentada até 1953, decorrente da redução da perseguição política e das tensões com o Ocidente. Dessa forma, a categorização genérica de toda a experiência soviética como totalitária parece inadequada, soando mais como um elemento de propaganda das reformas do que resultado de uma análise profunda do modelo vigente em seu país.

No período pós-soviético, Gorbachev se manteve como uma voz importante na defesa do fortalecimento da democracia na Rússia. Ele se converteu em um dos principais críticos ao então presidente russo, Boris Iéltsin, a quem atribuía um comportamento autoritário. Nesse ponto, nossa análise revelou a forte intensidade das críticas dirigidas a seu sucessor, cuja relação se desgastara ainda durante a *perestroika*. Ao comparar a atitude de Gorbachev diante de Iéltsin com a postura mantida durante os primeiros mandatos de Vladimir Putin, que também dava claros sinais de retrocessos autoritários, o impacto desse desgaste parece ter prejudicado a imparcialidade na avaliação de Gorbachev, que não só foi bem mais condescendente com a atuação de Putin, como ainda justificava grande parte de suas medidas mais radicais como

---

<sup>789</sup> Cf.: BERGMAN, 1998, pp. 247–81.

necessárias para enfrentar o legado negativo deixado por Iéltsin. Nesse sentido, Gorbachev se alinhou ao sentimento de boa parte da população russa, que via como positiva a atuação assertiva do governante russo no início dos anos 2000.

Reforçando sua (nova) crença no sistema representativo e no modelo pluripartidário, Gorbachev permaneceu ativo no cenário político da Rússia, disputando a eleição presidencial de 1995 e liderando a formação de dois partidos, ambos de tendência social-democrata. Para ele, a democracia não pode ser entendida como um sistema dogmático e, portanto, o modelo vigente no Ocidente não deveria ser encarado como uma receita pré-fabricada, única e universal. A necessidade de adaptação da experiência democrática à realidade e às especificidades das diferentes populações não era encarada como uma defesa em favor da criação de novos regimes políticos, já que em seu conjunto todos comungariam dos mesmos valores e princípios norteadores da democracia liberal.<sup>790</sup>

Prova disso é que mesmo advogando em favor dessa adequação do regime democrático às particularidades de cada sociedade, Gorbachev se colocou contrário à consolidação da “democracia soberana” na Rússia nos anos 2000, conforme destacado no Capítulo IV. Embora concordasse com o diagnóstico acerca dos retrocessos políticos ocorridos durante o governo de Iéltsin, ele se juntou ao coro dos analistas internacionais que viam na proposta uma nova investida autoritária das elites moscovitas. Na ocasião, o ex-líder soviético igualaria a democracia soberana às experiências de democracia popular e socialista na segunda metade do século XX, que segundo ele haviam distorcido e se afastado completamente dos valores democráticos fundamentais.

Encerrava-se, portanto, mais um ciclo de transição nas ideias do autor, rompendo definitivamente com um modelo que defendera até o início da *perestroika*. Tal qual na dimensão ideológica, a visão política de Gorbachev e sua noção acerca do que caracterizava um sistema como democrático também se modificaram ao longo de sua trajetória, em respostas às experiências vividas ao longo de sua carreira. Compreendendo as limitações do sistema político vivido em seu país, foi se distanciando gradualmente dele ao mesmo tempo em que assumia uma posição cautelosa em relação aos modelos externos tidos como ideais. Ao final, Gorbachev se tornou uma das principais vozes a favor da democracia na Rússia, consciente de que seu

---

<sup>790</sup> GORBACHEV, 2016a, p. 209.

sucesso dependia muito mais do conteúdo – participação popular, consciência política, eleições competitivas – que da mera estrutura formal.

Ainda assim, é importante recordar que a democratização, no modelo que mais tarde Gorbachev passou a vocalizar, não fora um elemento constitutivo das reformas em sua fase inicial. Quando Gorbachev afirma, no período pós-soviético, que a *perestroika* representava a vitória da democracia (do tipo liberal) e o avanço da liberdade na sociedade russa,<sup>791</sup> sua posição só pode ser lida como uma avaliação retrospectiva do que ela provocara na dinâmica política do país, das consequências de um processo que se desenrola em resposta às exigências e desafios enfrentados ao longo das reformas, e não que este fosse seu objetivo desde o início. No início da sua liderança à frente da URSS, parecia haver apenas a convicção de que alguns aspectos do funcionamento do sistema precisavam ser aperfeiçoados e intensificados, sem, contudo, romper com os pressupostos teóricos do modelo construído ao longo da história do regime.

Convém ainda destacar a trajetória do posicionamento de Gorbachev em relação ao Partido Comunista da União Soviética. Conforme abordado na dimensão ideológica, os discursos de Gorbachev durante sua fase de líder local sinalizavam a crença no PCUS e nas decisões adotadas por ele ao longo de sua história. Embora tivesse ciência e inclusive apoiasse a denúncia dos crimes cometidos por Stalin, Gorbachev parecia manter-se fiel ao protagonismo de vanguarda desempenhado pela agremiação. Tal visão estava presente nas concepções do líder até a fase inicial da *perestroika*, sintomático na reduzida dimensão das propostas de alteração na esfera política. Assim como Andropov e Ligachev, Gorbachev parecia crer que o reforço da disciplina interna, o combate à corrupção e o fortalecimento do centralismo democrático seriam suficientes para arejar e restaurar a vitalidade do PCUS.<sup>792</sup>

Assim como nas demais ideias aqui analisadas, seu distanciamento em relação ao partido acompanha o desenrolar da *perestroika*. De força motriz, o PCUS passou a ser considerado como um dos principais obstáculos ao avanço das reformas e, como tal, se tornou ele mesmo uma das esferas que deveriam ser transformadas. Para enfrentar a resistência burocrática, Gorbachev inicialmente aposta na promoção de novas lideranças

---

<sup>791</sup> GORBACHEV, 1996, p. xxv.

<sup>792</sup> Cf.: GORBACHEV, 1985, p. 17; GORBACHEV, 1986, p. 59.

e, sem sucesso, acaba avançando para a reforma do sistema eleitoral e das instituições político-representativas, reforçando a necessidade de separação entre Estado e a estrutura partidária. Curiosamente, um dos principais representantes da ala conservadora, Ligachev, afirma em suas memórias que fora favorável a esse processo de afastamento por acreditar não na ingerência negativa do PCUS sobre a esfera administrativa, mas sim o prejuízo de tal simbiose ao desenvolvimento das atividades da agremiação.<sup>793</sup>

A velocidade com que se desenrolara a reforma política e o embate travado entre Gorbachev e o PCUS seriam fortemente criticados, inclusive por seus aliados. Mlynar, por exemplo, considerava que assim como o Estado soviético, o PCUS, cujas bases e práticas haviam se consolidado durante o período stalinista, era uma das poucas estruturas político-administrativas de envergadura e capilaridade em todos os níveis da sociedade e que seu enfraquecimento precoce, sem a ascensão de outras estruturas ou partidos que pudessem substituí-lo, contribuiria para o agravamento da crise política no país.<sup>794</sup> Outros, como Yakovlev, haviam sugerido já entre 1988 e 1989 que Gorbachev abandonasse o partido e fundasse uma nova agremiação, mais alinhada às suas ideias à época – portanto, social-democrata.<sup>795</sup>

O exame das manifestações do líder a partir de 1987 revelam uma desidratação mais acelerada em sua relação com o PCUS. Ainda assim, Gorbachev parecia, de um lado, manter sua crença na possibilidade de reformá-lo, enquanto, do outro, sentia os efeitos da “síndrome Khrushchev”, temendo que um embate mais duro com a cúpula partidária pudesse resultar em sua deposição e, por consequência, no retrocesso da *perestroika*. Sua trajetória intelectual no âmbito ideológico, conforme destacado, caminhara simultaneamente ao desenrolar das reformas política e econômica, sem que uma nova visão estivesse consolidada para fundamentar suas decisões. Em outras palavras, a direção tomada por Gorbachev na reforma política e na relação com o partido parecem ter respondido mais às demandas e contextos imediatos do que se assentado em uma concepção inicial bem definida acerca dos modelos político e partidário ideais.

---

<sup>793</sup> LIGACHEV, 1996, p. 266.

<sup>794</sup> GORBACHEV, 2002a, p.69.

<sup>795</sup> PALAZCHENKO, 1998, p. 142.

Ao analisar a relação entre Gorbachev e o partido durante a *perestroika*, Neil Robinson também defende que a despeito das medidas adotadas na esfera política, o líder soviético manteve sua crença no PCUS até as vésperas da dissolução da URSS e atuou para forçá-lo a mudar e, assim, assegurar seu protagonismo no cenário político soviético. No entanto, o autor argumenta que o líder soviético continuava a ver o PCUS como agente de vanguarda – não da construção do comunismo como defendiam seus antecessores, mas de uma nova sociedade socialista que as reformas pretendiam alcançar. Nesse sentido, as mudanças introduzidas no sistema não pretendiam retirar poderes do PCUS, mas, ao contrário, fortalecer seu papel de formação e organização política.<sup>796</sup> Robinson considera, portanto, que as ações de Gorbachev em relação ao partido foram menos radicais e revolucionárias do que apontam a grande maioria dos analistas, uma vez que o objetivo central do líder soviético seria manter o PCUS como único detentor do conhecimento capaz de levar a sociedade soviética ao novo patamar de seu desenvolvimento.

Se por um lado nossa análise revela que Gorbachev manteve sua confiança no partido e na possibilidade de convertê-lo em uma força coesa a favor das reformas até o Golpe de Agosto de 1991 – visão confirmada por ele próprio em suas reflexões no período pós-soviético<sup>797</sup> –, essa permanência do papel teleológico do PCUS apontada por Robinson não parece encontrar ressonância nas ideias do último líder soviético. Ademais, mesmo que ele continuasse a atribuir um caráter vanguardista à agremiação, já a partir de 1988 seu objetivo final – o *telos* do partido, como se refere Robinson – se afastara da construção do comunismo e caminhava na direção de uma sociedade “socialista” que em grande medida se assemelhava as democracias social-democratas europeias, não comportando, portanto, um agente político como fora o Partido Comunista da URSS. Em outras palavras, o novo modelo político que se consolidava nas ideias de Gorbachev ao longo da *perestroika* era incompatível com a manutenção do papel atribuído ao partido por Lenin na formação do regime.

Em relação à avaliação de Gorbachev acerca da experiência soviética, algumas considerações também são fundamentais. Embora suas críticas ao passado autoritário, centradas mormente nos desvios do período stalinista, tenham se intensificado ao longo da *perestroika*, nossa análise aponta que Gorbachev não se converteu em um opositor

---

<sup>796</sup> ROBINSON, 1995a, p. 172.

<sup>797</sup> GORBACHEV, 2002a, p. 118.

da experiência soviética em seu conjunto. Aliás, Palazchenko destaca que ele sequer estimulava a insatisfação da população em relação a seus antecessores, à exceção de Stalin.<sup>798</sup> Mesmo após deixar o Kremlin, Gorbachev reiterava as conquistas sociais do regime, especialmente em relação às esferas educacional, científica, tecnológica e econômica.<sup>799</sup> Ademais, ele reconhecia a contribuição do modelo soviético no avanço dos direitos sociais e trabalhistas dentro do modelo capitalista, fruto da luta dos trabalhadores e do receio das lideranças burguesas. Essa avaliação ponderada de Gorbachev sinaliza mais uma vez o caráter moderado e conciliatório de suas reflexões, apontando para a defesa de um modelo híbrido de sociedade, capaz de combinar – dialeticamente – as vantagens das diferentes experiências de organização social que marcaram o século XX.

Finalmente, convém também destacar as mudanças na visão do último líder soviético em relação à atuação dos meios de comunicação e a liberdade de imprensa. De todos os elementos que marcaram as mudanças políticas durante a *perestroika*, a transparência – *glasnost* – foi talvez o principal slogan, constantemente associado à esfera política das reformas. Críticos mais conservadores, como Ligachev, apontam que grande parte dos meios de comunicação soviéticos foi cooptada pelas lideranças favoráveis a radicalização das reformas, utilizando-as para a manipulação da opinião pública, substituindo uma estrutura autoritária por outra de mesma natureza.<sup>800</sup> Embora tenha atuado em defesa da liberdade de imprensa ao longo das reformas, o próprio Gorbachev fez duras críticas à cobertura dos meios de comunicação durante esse período, acusando-os de parcialidade e de envenenar a população contra seu governo.

A revisão das manifestações do autor não aponta um retrocesso de Gorbachev em relação à liberdade de expressão e de imprensa.<sup>801</sup> Na verdade, assim como em outros aspectos de sua trajetória ideológica, ele parece ter avançado gradualmente na compreensão do papel dos meios de comunicação, identificando a contribuição positiva e as limitações dessa nova dinâmica no âmbito do debate político. Vale lembrar que Gorbachev se formara em uma realidade na qual a imprensa soviética, sob forte controle estatal, funcionava como veículo de comunicação oficial do governo, repassando na

---

<sup>798</sup> PALAZCHENKO, 1997, p. 26.

<sup>799</sup> GORBACHEV, 1996b, 47:10-48:22.

<sup>800</sup> LIGACHEV, 1996, p. 223.

<sup>801</sup> GORBACHEV, 1992, p. 7.

íntegra – ou em versões autorizadas – as principais decisões e manifestações da liderança, sem oferecer muito espaço para críticas ou divergências. Por outro lado, Vanhala-Aniszewski e Siilin argumentam que os próprios veículos de imprensa russos tiveram que lidar com uma novidade: Gorbachev era o único líder máximo soviético - à exceção de Khrushchev - que foi deposto em um contexto de forte controle sobre a mídia – que saíra do cargo antes de falecer.<sup>802</sup>

Embora acreditasse na liberdade de imprensa enquanto valor e desejasse obter apoio popular por meio dos debates suscitados naquele período, Gorbachev se viu alvo de críticas – à esquerda e à direita – veiculadas por esses canais ao longo das reformas, uma realidade com a qual não estava habituado. As alas mais radicais que polarizavam o debate político se utilizaram dessas estruturas para expressar suas opiniões e mobilizar a população fosse pela radicalização da *perestroika* – como pretendiam os aliados de Yakovlev – fosse para freá-las – como defendera a carta atribuída à Nina Andreyeva. Mais do que o relaxamento dos mecanismos de censura e controle da informação, a liberdade de imprensa carece de uma verdadeira democratização dos meios de comunicação, a fim de que as diferentes opiniões encontrem espaço de manifestação e nenhuma delas seja imposta como forma de manipulação social.

A evolução do pensamento de Gorbachev confirma o diagnóstico de autores como W. Tompson e Jerry Hough, que colocam a dimensão política das reformas não como um recurso acessório às medidas de caráter econômico, mas sim como produto da convicção ideológica do líder soviético. Ainda que não estivesse claro para ele ao chegar ao Kremlin qual o modelo ideal para seu país, as mudanças na esfera política já faziam parte do escopo inicial de alterações necessárias para a superação das dificuldades enfrentadas pelo sistema soviético. Dessa forma, nossa análise demonstra a centralidade da dimensão política no movimento de suas ideias, que evoluiu não a reboque, mas em sintonia e interação com as demais dimensões.

### ***Dimensão econômica e reformas***

A dimensão econômica no pensamento de Gorbachev é talvez a que mais intrigou analistas e espectadores desde sua chegada ao poder. Afinal, as reformas econômicas que culminaram no desmonte da economia planificada soviética e sua

---

<sup>802</sup> VANHALA-ANISZEWSKI; SIILIN, 2013, p. 240.

transição para uma economia de mercado foram implementadas durante o período em que ele esteve à frente do Kremlin. Se para alguns, Gorbachev desde o início pretendia converter a URSS em um país capitalista, outros acusam-no de ter se mantido apegado ao velho sistema por tempo demais. Novamente, o exame de suas manifestações nos fornece elementos que auxiliam a compreensão da natureza e velocidade desses movimentos.

Interessante notar que alguns elementos centrais que orientavam as ideias e a atuação do líder soviético a partir de 1985 já estavam presentes em suas manifestações e reflexões bem antes de sua ascensão à secretaria-geral do PCUS. No relatório apresentado ao CC do PCUS em 1978, o diagnóstico acerca dos principais problemas enfrentados pelo setor agrícola e as propostas para modernização e correção dessas falhas já apontavam para o conjunto de ideias que, mais tarde, inspiraria Gorbachev durante a concepção das reformas. Ali já estavam presentes elementos fundamentais como a preocupação com a alienação e a falta de estímulo aos trabalhadores, a necessidade de reorganização das unidades produtivas com base nos princípios da contabilidade de custos operacionais e na autossuficiência financeira, a maior autonomia dos agentes e produtores e o reforço da vinculação dos trabalhadores aos resultados de suas atividades.<sup>803</sup>

Nesse processo, o foco de Gorbachev não parece caminhar na direção de uma ruptura com o sistema, mas sim do resgate de seus pressupostos fundamentais, amparado no princípio socialista “de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo seu trabalho”. Na avaliação do futuro líder, os problemas enfrentados pela economia soviética não pareciam relacionados à natureza da escolha socialista, mas sim a determinadas práticas adotadas pelo sistema ou vícios em seu funcionamento que acabaram por afastá-lo dos princípios teóricos que deveriam orientá-lo. Nesse sentido, as reflexões de Gorbachev parecem corroborar com a hipótese de que, embora consciente da necessidade de mudanças, sua orientação inicial se voltava para a restauração – ou aperfeiçoamento – do sistema, acreditando nos fundamentos teóricos e metodológicos que inspiravam o modelo socialista.

As ideias de Gorbachev acerca do funcionamento da economia soviética foram se tornando mais claras à medida que o líder ascendia na carreira política e, por

---

<sup>803</sup> Cf.: GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 180-200.



consequência, ampliaram o escopo de suas atribuições – e os limites de sua atuação. Com a morte de Brezhnev e a escolha de Andropov para sucedê-lo, as propostas reformistas passaram do discurso para a prática, colocando Gorbachev à frente dos experimentos econômicos que vinham sendo realizados entre 1983-1984. Cumpre destacar que as discussões acerca da necessidade de alterações na economia da URSS já estavam na agenda da liderança desde a morte de Stalin, motivando as primeiras tentativas de reforma entre os anos 1960 e 1970. Nesse sentido, a noção de que o sistema precisava ser modificado e modernizado não representava uma inovação em si no pensamento de Gorbachev, uma vez que o tema já estava na ordem do dia das discussões pelas lideranças do país.

O exame dos discursos e manifestações do último líder soviético revelam ainda que, antes mesmo de assumir o Kremlin, Gorbachev já considerava a necessidade de introdução de mecanismos de mercado – ou das “relações dinheiro-mercadoria” – na dinâmica de regulação da economia soviética.<sup>804</sup> Tais ideias, embora polêmicas, não eram também uma inovação reflexiva: na década de 1960, o economista Evsei Liberman já havia publicado trabalhos nos quais defendia a introdução de um sistema de incentivo monetário (bônus) baseado na rentabilidade (lucro) das empresas e unidades produtivas da URSS.<sup>805</sup> Essa proposta, que orientara inclusive algumas das medidas adotadas durante a experiência reformista liderada por Kosygin, parecia em sintonia com as reflexões expressas por Gorbachev nos anos 1970 acerca da necessidade de fornecer estímulos e restabelecer a conexão entre trabalho, produto e renda.

Embora ainda se utilizasse dos termos tolerados pela ideologia oficial, as propostas de introdução dos mecanismos de autossuficiência financeira, autogestão com base em custos e maior autonomia na celebração de contratos sinalizavam a percepção do futuro líder quanto aos limites do modelo de alocação administrativa de recursos. Mesmo antes do início da *perestroika*, Gorbachev argumentava que as “relações dinheiro-mercadoria” não eram estranhas ou contrárias à ideologia socialista, mas, ao contrário, poderiam contribuir para o avanço da economia soviética, uma vez que seus

---

<sup>804</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 385.

<sup>805</sup> Cf.: LIBERMAN, 1965, pp. 3-8.

possíveis desvios – típicos da economia capitalista – seriam evitados por meio da regulação exercida pelos órgãos de planejamento e controle.<sup>806</sup>

A defesa de medidas polêmicas, contudo, não deve ser entendida como uma confirmação de que Gorbachev dispusesse de um projeto mais radical de reformas em 1985. Ao contrário, a leitura das manifestações de Gorbachev às vésperas de sua chegada à secretaria-geral do CC do PCUS não sinaliza que o líder tivesse como meta, naquele momento, transitar a economia soviética para o sistema capitalista. As propostas do novo líder pareciam muito mais alinhadas à perspectiva de um aperfeiçoamento do sistema – sem alterações profundas em seus eixos fundamentais – do que sua transformação radical. A defesa dos elementos mais próximos às economias capitalistas vinha sempre combinados da manutenção de uma estrutura central de planejamento e controle que, embora também fosse objeto de reformas, afastava qualquer possibilidade de transição para o livre mercado.

Ao longo do Capítulo II, percorremos a trajetória das reflexões e propostas de Gorbachev em relação à introdução dos mecanismos de mercado no sistema soviético. Nos primeiros anos da *perestroika*, não houve um avanço significativo em relação à introdução das “leis econômicas” ou valorização das “relações dinheiro-mercadoria”. Pavel Palazchenko afirma em suas memórias que até o final de 1988, o líder soviético não estava convencido da necessidade da consolidação de uma economia de mercado,<sup>807</sup> embora a XIX Conferência do PCUS tenha aprovado no mesmo ano a proposta de estruturação de um “mercado socialista” na URSS. Assim como nas demais dimensões, a evolução de seu pensamento acompanha a dinâmica da *perestroika*. O socialismo de mercado que Gorbachev passou a defender se aproximava cada vez mais das propostas social-democratas de um mercado regulado por um estado mais forte e interventor.<sup>808</sup>

Nos primeiros anos da década de 1990, Gorbachev parecia flertar com as ideias de uma transição mais radical para a economia de mercado aos moldes do modelo vigente no bloco capitalista, sem qualquer adjetivação que fizesse referência ao viés socialista. Ainda que relutantemente, ele permitiria a formulação do “Plano dos 500 dias”, desenvolvido pelo economista Stanislav Shatalin e que pretendia uma rápida

---

<sup>806</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, pp. 81-82.

<sup>807</sup> Cf.: PALAZCHENKO, 1997, pp. 97-98.

<sup>808</sup> Cf.: GORBACHEV, 1988c, pp. 109-119.

transição para a dinâmica capitalista. O plano, contudo, não seria colocado em prática, sendo substituído por outro projeto, arquitetado por Gorbachev, que apontava para um processo mais gradual e menos radical. Como ressalta Brown, as dificuldades no processo de abertura e dinamização econômica pareciam residir na falta de experiência prévia, prática e intelectual, com a economia de mercado e um setor rural independente.<sup>809</sup>

Nem todos os atores políticos da época, contudo, parecem acreditar nessa evolução gradual das perspectivas de Gorbachev na esfera econômica. Grachev afirma que os idealizadores das reformas já idealizavam em seu início um novo modelo que combinasse um estado centralizado com uma versão moderna do capitalismo de viés social-democrata.<sup>810</sup> Em que pese as limitações impostas durante a fase inicial da *perestroika*, na qual o então secretário-geral ainda não consolidara seu poder na cúpula partidária e, portanto, não dispunha de total liberdade para expor abertamente suas ideias, nossa análise das manifestações de Gorbachev, aliada às suas memórias e de outros personagens centrais à época nos levam a discordar da afirmação de Grachev, apontando para um processo de transição gradual que acompanhou a dinâmica das reformas.

Ainda assim, Gorbachev deixaria o poder sem se converter ao neoliberalismo e defendendo a consolidação de uma economia mista com forte inspiração social-democrata. No período pós-soviético, Gorbachev exerceu duras críticas ao processo de reformas conduzido por Iéltsin, atacando as políticas monetaristas, a privatização generalizada e o receituário neoliberal que orientava a terapia de choque. Já nos anos 2000, ele comemoraria a retomada pelo governo russo de empresas do ramo petrolífero e ferroviário, resultado dos processos abertos contra os oligarcas. Gorbachev afirmava publicamente sua anuência à manutenção de setores industriais estratégicos sob controle estatal.<sup>811</sup>

A posição de Gorbachev pode ter causado estranhamento àqueles que costumam vinculá-lo à transição da economia soviética à dinâmica capitalista, mas parece condizente com a trajetória de suas ideias percorrida nos capítulos anteriores. Ao longo

---

<sup>809</sup> BROWN, 1996, p. 17.

<sup>810</sup> GRACHEV, 2008, p. 7.

<sup>811</sup> GORBACHEV. 2005a

da *perestroika*, ou mesmo depois dela, ele não se tornará defensor do livre mercado e do Estado mínimo, se colocando favorável, por sua vez, à consolidação de uma economia de mercado regulada. Também se posicionou contrário a desidratação do sistema de proteção social e da oferta de serviços públicos pelo Estado, especialmente quando estes estiveram ameaçados durante o período pós-soviético.<sup>812</sup> As incursões russas na direção do neoliberalismo se deram mais acentuadamente a partir dos anos 1990, já na liderança de Iéltsin e sob fortes críticas de seu antecessor.

Assim como ocorrera na esfera política, as reformas econômicas implementadas por Gorbachev, sobretudo a partir de 1988, pretendiam reintroduzir no sistema soviético elementos considerados essenciais para sua dinamização, flexibilidade e modernização, muitos dos quais estavam elencados dentro da plataforma liberal. Por outro lado, o líder não argumentara em favor de um projeto de desconstrução das conquistas sociais do regime – sistema de proteção social, direitos trabalhistas, etc. – e permaneceu até o fim favorável a um modelo intermediário, que combinasse as vantagens do mercado à regulação de um Estado guiado pelos interesses sociais. Suas reflexões e posicionamentos ao longo dos anos 1990 e 2000 parecem confirmar nossa análise.

Sob esse aspecto, cabe ainda recordar a trajetória das ideias do último líder soviético acerca das formas de propriedade. Nos discursos anteriores à *perestroika* ou mesmo durante sua fase inicial, Gorbachev não parecia questionar a hegemonia da propriedade socializada dos meios de produção nem apontava questionamentos ao domínio da forma estatal. No entanto, um olhar mais atento revela que ele já identificava um caráter benéfico de outros formatos, a exemplo dos lotes de usufruto dos camponeses, ainda que combinados às estruturas já existentes e sem a transferência formal de propriedade a agentes individuais.<sup>813</sup> Essa discussão evoluiria gradualmente ao longo das reformas, resultando na introdução de novas formas de propriedade e concessão que se aproximavam mais e mais das estruturas típicas das economias capitalistas.

Vale destacar que até as vésperas do colapso da URSS, mesmo após o reconhecimento da propriedade privada, Gorbachev não rejeitaria as formas socializadas – cooperativas, estatais, etc. – defendendo uma adequação das diversas modalidades de

---

<sup>812</sup> GORBACHEV, 2006c. p. 134.

<sup>813</sup> Cf.: GORBACHEV, 1982, p. 8; GORBACHEV, 1988a, p. 56.

acordo com suas vantagens e o interesse social.<sup>814</sup> Após deixar o Kremlin, Gorbachev reforçou seu discurso crítico em relação ao avanço das desigualdades sociais, cuja responsabilidade ele atribuía aos desvios resultantes da crença no livre mercado como mecanismo ideal para conciliação dos interesses individuais e sociais. Outro elemento que ganhou destaque nas suas reflexões, as questões ambientais aparecem como indissociáveis às mudanças no sistema econômico, uma vez que a busca incessante pelo lucro era destacada como uma das principais responsáveis pelos problemas ambientais.<sup>815</sup> Embora não faça referências direta ao movimento ecossocialista, as ideias de Gorbachev a partir dos anos 2000 compartilhava muitos dos pressupostos dessa corrente, que tem como um de seus principais expoentes o pensador marxista Michael Löwy.<sup>816</sup>

Finalmente, convém retomar os debates acerca do real objetivo das reformas introduzidas por Gorbachev. Nossa análise corrobora com o diagnóstico de alguns historiadores e estudiosos, como Angelo Segrillo e Archie Brown, que argumentam que em sua fase inicial a *perestroika* não pretendia romper com as bases do modelo soviético, mas sim aperfeiçoá-lo, promovendo sua modernização por meio da aceleração do progresso tecnológico e da transição para um modelo de desenvolvimento intensivo. As primeiras medidas implementadas, mesmo aquelas voltadas à introdução de alguns mecanismos de mercado, não ameaçavam os pilares do sistema, como a propriedade socializada dos meios de produção ou o planejamento e controle estatal da economia. Tais elementos eram considerados vitais para que o modelo soviético continuasse orientado prioritariamente aos interesses sociais.

Ao longo das reformas, o aperfeiçoamento cedeu espaço a um conjunto de medidas que se voltava a transformações cada vez mais profundas no sistema. A introdução de novas formas de propriedade e a transição para uma economia de mercado desferiram um duro golpe nos alicerces do antigo modelo, descaracterizando-o em relação à sua identidade socialista. O próprio Gorbachev reconheceu em diversas ocasiões que ao assumir o Kremlin, não tinha a real dimensão dos desafios que seriam enfrentados, nem clareza quanto às medidas necessárias para corrigir o funcionamento

---

<sup>814</sup> INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, pp. 70-71.

<sup>815</sup> GORBACHEV, 2000, p 49.

<sup>816</sup> Cf.: LÖWY, 2014.

do sistema.<sup>817</sup> Ele também confessa que não elaborara previamente um plano definido para a *perestroika*, e vê isso como positivo: afinal, as medidas adotadas se voltavam para a flexibilização e estímulo a autonomia, que na visão dele seriam incompatíveis com um programa estruturado de cima para baixo, como era comum no antigo sistema.<sup>818</sup>

A revisão sistemática das ideias de Gorbachev realizada ao longo desse trabalho aponta que não havia um projeto de desconstrução do sistema socialista ou transição para o capitalismo quando ele assumiu a secretaria-geral do CC do PCUS. Ainda que este tenha sido o resultado final do processo, o fim da URSS e o retorno à esfera capitalista não estavam nos objetivos iniciais da *perestroika*, mas foram consequência dos desdobramentos e obstáculos enfrentados ao longo de sua execução. Esse diagnóstico parece corroborar com algumas análises acerca das causas do colapso soviético, a exemplo do cientista político Michael Mandelbaum, que atribui à atuação de Gorbachev a responsabilidade pelos fenômenos que levaram ao fim da URSS, seja pelo protagonismo diante das reformas, ou ainda por sua postura humanista e democrática, rejeitando o uso da força para controlar a crise e manter o país reunido.<sup>819</sup>

### ***Dimensão política externa***

A política externa que Gorbachev conduziu enquanto esteve à frente do Kremlin, mais do que uma simples mudança na relação da URSS com outras nações, provocou uma verdadeira revolução nas relações internacionais. Ao longo da *perestroika*, as tensões da Guerra Fria que marcaram a segunda metade do século XX foram sendo dissipadas, em grande medida graças à iniciativa do novo governo soviético. Essa fora talvez a dimensão na qual as reformas obtiveram maior sucesso, se compararmos seus resultados aos objetivos iniciais expostos em 1985.

Ainda que a temática internacional não fosse um tema recorrente nos discursos e manifestações de líderes locais, as poucas referências de Gorbachev a essa esfera durante os anos em que trabalhou na organização partidária de Stavropol apontavam para um alinhamento à ideologia oficial. De um lado, o imperialismo burguês é constantemente associado a uma postura agressiva e exploradora, enquanto a URSS e

---

<sup>817</sup> Cf.: GORBACHEV, 1988a, p. 95; GORBACHEV, 2016a, p. 413; GORBACHEV, 2006, p. 11.

<sup>818</sup> GORBACHEV, 2002a, p. 9.

<sup>819</sup> Cf.: MANDELBAUM, 1991-1992.

seus aliados compartilhavam de ideais pacifistas, cuja postura defensiva decorria das constantes ameaças dos norte-americanos e das demais potências capitalistas.<sup>820</sup>

Os primeiros passos na direção de uma nova política externa para a URSS foram dados antes mesmo que ele assumisse formalmente a liderança do país. Em seu discurso ao parlamento inglês, em 1984, Gorbachev substituiu a centralidade dos velhos jargões anti-imperialistas por uma abordagem mais moderada e favorável à cooperação e à redução das tensões políticas e militares que marcavam a relação entre os dois blocos.<sup>821</sup> O discurso não representava em si uma inovação, já que ao longo das décadas anteriores os dois pólos opostos na Guerra Fria haviam construído iniciativas de aproximação, a exemplo do período da *détente*, que não perduraram por muito tempo.

Conforme mencionado anteriormente, as viagens internacionais parecem ter tido um papel central nas reflexões de Gorbachev no domínio das relações internacionais. Suas incursões às nações aliadas do leste europeu o levaram a questionar o discurso da fraternidade socialista, especialmente diante das frequentes intervenções políticas ou militares de Moscou nas questões internas desses países. Já as visitas aos países capitalistas não só revelaram ao líder a distância política e econômica em relação ao sistema soviético, como o aproximara de outras correntes ideológicas de esquerda com visões alternativas ao modelo soviético, a exemplo da social-democracia e do eurocomunismo.

Ao assumir o Kremlin, os discursos de Gorbachev sinalizam que o líder estava consciente da necessidade de mudanças na atuação de seu país na arena internacional, embora sem uma grande clareza dos objetivos que pretendia seguir – diagnóstico compartilhado por outros personagens políticos que o acompanhavam à época.<sup>822</sup> Em sua análise acerca da construção no Novo Pensamento por Gorbachev, a cientista política Janice Stein defende que embora não tivesse uma definição exata das direções que sua política externa tomaria, o novo líder se mostrara aberto a aprender ao longo do processo, ouvindo diferentes opiniões e sem comprometimento com antigos esquemas e pressupostos.<sup>823</sup> Talvez por não ter tido uma atuação mais intensa nessa esfera até sua

---

<sup>820</sup> GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 151; GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 234; GORBACHEV, 1987a, p. 27.

<sup>821</sup> GORBACHEV, 1987a, pp. 42-43.

<sup>822</sup> Cf.: SHEVARDNADZE, 1991, p. 26.

<sup>823</sup> STEIN, 1994, P. 174.

chegada ao Kremlin, Gorbachev encontrava-se menos vinculado aos dogmas e diretrizes oficiais que, nas outras dimensões, influenciaram seu processo de desconstrução e a formulação de um novo arcabouço de ideias e políticas.

Em linhas gerais, os principais pilares do Novo Pensamento aplicado à política externa se mantiveram constantes ao longo da *perestroika*, a exemplo do discurso pela desmilitarização e redução dos arsenais nucleares; a substituição da lógica de competição entre os blocos por uma cooperação mutuamente benéfica; e o respeito aos princípios da não-intervenção e autodeterminação dos povos. Muitos desses elementos também já estavam presentes nos discursos da liderança soviética antes de 1985. A diferença é que agora, ciente das desconfianças que dominavam às relações internacionais, Gorbachev alinhava suas manifestações à adoção de medidas que pretendiam demonstrar na prática suas intenções, a exemplo da declaração de moratória unilateral de testes e explosões atômicas pela URSS ainda em 1985.

Para além da questão de segurança, o próprio Gorbachev reconheceria anos mais tarde que a nova orientação da política externa atendia também a interesses econômicos, a fim de reduzir as altas somas destinadas ao setor militar, que estrangulavam o orçamento soviético.<sup>824</sup> Alguns de seus aliados à época, como Andrei Grachev e Aleksandr Yakovlev, também defendem a estreita vinculação entre as medidas adotadas no cenário externo e as mudanças em curso no âmbito doméstico, tornando o Novo Pensamento um componente fundamental da própria *perestroika*.<sup>825</sup> Nossa análise do pensamento de Gorbachev, em suas diferentes dimensões, corrobora essa visão, identificando nas ideias do ex-líder soviético o elo de ligação comum a essas esferas.

As mudanças também se voltavam para as relações com as demais nações socialistas. Em relação aos aliados do leste europeu, o líder passou a defender o estabelecimento de relações mais interdependentes e igualitárias entre os países, reduzindo a rigidez com que Moscou controlava as trocas políticas e econômicas com boa parte dessas nações. Gorbachev buscou também uma reaproximação com a China, cujas relações diplomáticas vinham fragilizadas desde os anos 1950. Aqui, Gorbachev parecia interessado na troca de experiências com Pequim acerca das reformas

---

<sup>824</sup> GORBACHEV, 1993 p. 21.

<sup>825</sup> GRACHEV, 2008, p. 3.



econômicas que vinham sendo adotadas pelo país oriental desde o final da década anterior.

Sob esse último aspecto, Gorbachev também manteve constante seu afastamento em relação ao modelo de reforma adotado pelos chineses desde a década de 1970. Ainda durante a *perestroika* e com mais frequência após o colapso soviético, o ex-líder soviético era constantemente questionado acerca da possibilidade de introduzir uma reforma econômica que proporcionasse maior abertura e dinamismo à economia do país – inclusive com a introdução de mecanismos de mercado –, mantendo, contudo, um controle mais restrito sob a esfera política. Gorbachev destacava que as primeiras medidas adotadas a partir de 1985 estavam focadas na esfera econômica, mas que as dificuldades enfrentadas durante sua implementação revelaram a necessidade de se introduzir mudanças também no sistema político.<sup>826</sup> Ademais, ele também manteve frequente, sobretudo após deixar o Kremlin, sua identificação com o processo de democratização da sociedade soviética, que estaria intimamente ligada à essência das alterações pretendidas na economia do país.

A avaliação de Gorbachev parece alinhada às ideias defendidas por W. Tompson, em sua análise comparativa das experiências reformista de Khrushchev e Gorbachev. O autor destaca que tanto os críticos conservadores soviéticos quanto alguns intelectuais dedicados ao estudo de processos reformistas argumentam que um regime mais forte (e muitas vezes autoritário) seria necessário para conter as tensões políticas, econômicas e sociais causadas pelas reformas, ao passo que outros, adeptos de uma leitura mais alinhada ao marxismo, consideram que as mudanças econômicas devem preceder os processos de abertura política e democratização do regime, permitindo a consolidação dos interesses materiais da nova composição social criada. No entanto, Tompson argumenta que na dinâmica de funcionamento do sistema soviético, não seria possível avançar com as reformas econômicas se o líder não promovesse uma profunda alteração na composição da elite política, a fim de que esta pudesse conduzir atuar como força motriz das mudanças. Nesse sentido, a *perestroika* revelara uma contradição do sistema em relação as suas bases marxistas: somente uma

---

<sup>826</sup> Cf.: GORBACHEV, 1993, pp. 11-12; GORBACHEV, 2002a, pp. 67-68.

transformação política (superestrutura) abraça espaço para mudanças no sistema econômico (infraestrutura).<sup>827</sup>

Assim como ocorrera com o sistema econômico e a política interna, a radicalização gradual das críticas de Gorbachev ao *status quo* anterior à *perestroika* também se voltou para a política externa, com o reconhecimento de avaliações e ações equivocadas adotadas por seus antecessores. Mas foi talvez durante o processo de desconstrução dos regimes comunistas no leste europeu que a nova política externa soviética sofreu seu maior teste. Palazchenko afirma que antes mesmo das Revoluções de 1989, Gorbachev já condenava a construção do cinturão de proteção na Europa do Leste no pós-Guerra, uma vez que muitos daqueles regimes não haviam se instalado apenas pela vontade popular, mas sim como uma imposição dos soviéticos.<sup>828</sup> Ainda assim, a decisão de não impedir o processo de derrocada dos regimes aliados sinalizava o comprometimento sincero do líder com os princípios da autodeterminação e não intervenção.

Diante da perda de seus antigos aliados e um possível isolamento da URSS, Gorbachev passou a defender o processo de integração do continente europeu, a formação de um lar comum, do qual a Rússia seria membro incontestado. Para além da longa interação ao longo dos séculos, ele recorre à formação religiosa cristã como uma base cultural que aproximava os russos dos demais povos europeus.<sup>829</sup> Nesse sentido, Gorbachev parece compreender a integração europeia não apenas como um processo motivado por interesses políticos e econômicos, mas também de bases subjetivas, construído sob o compartilhamento de valores e origens comuns. Gorbachev assistiria, contudo, à formação da União Europeia (UE) ao longo da década de 1990, sem que Moscou fosse chamada a fazer parte desse processo.

De todo modo, ao final da *perestroika*, a política externa se consolidara como uma das poucas esferas em que as ideias expressas por Gorbachev pareciam percorrer uma trajetória de continuidade e relativa estabilidade. Se os resultados das reformas política e econômica pareciam distantes dos seus discursos de 1985, no âmbito das relações internacionais o cenário assistido no início dos anos 1990 parecia corresponder

---

<sup>827</sup> TOMPSON, 1993, pp. 104-105

<sup>828</sup> PALAZCHENKO, 1997, p. 96

<sup>829</sup> GORBACHEV, 1997, p. 258; GORBACHEV, 2016A, p.363

aos anseios expressos inicialmente pelo líder soviético. Afinal, a Guerra Fria estava praticamente encerrada e o perigo nuclear já não soava mais uma ameaça iminente, ao mesmo tempo que as relações entre soviéticos e os países ocidentais viviam seu momento de maior aproximação. O sucesso de suas políticas na esfera internacional decorre, segundo Stein, da combinação entre o descomprometimento de Gorbachev com as velhas ideias e práticas do regime, aliada à sua capacidade de aprender pela experiência, tirando lições dos erros e acertos cometidos ao longo do processo.<sup>830</sup>

Andrei Grachev destaca o caráter dual dos resultados dessa política externa, que se por um lado reduziu as tensões entre as superpotências e contribuiu para o avanço da democracia, por outro, o desaparecimento da URSS resultou em um avanço da instabilidade no sistema Global.<sup>831</sup> Ainda assim, ele considera que Gorbachev merece o crédito pela superação de uma mentalidade ambivalente que orientava política soviética até sua chegada ao Kremlin. Nesse modelo, consolidado durante o período Stalinista a partir da ausência de perspectivas de uma revolução em escala global no curto prazo, a atuação da URSS na esfera internacional combinava o apoio a movimentos revolucionários, especialmente no terceiro-mundo, ao lado de uma defesa pela manutenção da ordem e estabilidade do sistema internacional, alcançado pelo concerto de poder.<sup>832</sup>

Oficialmente, o regime mantinha até 1985 um discurso ancorado na leitura leninista das relações internacionais, segundo a qual a luta de classes também se reproduzia em escala global e os soviéticos atuavam como representantes do proletariado em contraposição ao imperialismo burguês.<sup>833</sup> A análise das manifestações de Gorbachev revela que mesmo antes de sua chegada à secretaria-geral do CC, ele já sinalizava seu afastamento em relação aos pressupostos das correntes realistas – a *Realpolitik* – da Teoria das Relações Internacionais, notadamente em relação à manutenção da ordem e da segurança global por meio de um equilíbrio de poder entre as potências.<sup>834</sup> Ao longo da perestroika, seu Novo Pensamento se alinhava cada vez

---

<sup>830</sup> STEIN, 1994, p. 178.

<sup>831</sup> GRACHEV, 2008, p. 2.

<sup>832</sup> GRACHEV, 2008, p. 10.

<sup>833</sup> Os principais aspectos da leitura leninista nas relações internacionais foram expressos pelo autor em *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, publicado em 1917. Há ainda outras abordagens de inspiração marxista, a exemplo da Teoria da Dependência. Cf.: VIGEVANI; MARTINS; MIKLOS; RODRIGUES, 2011, pp. 111–143.

<sup>834</sup> Ao longo da História, diferentes interpretações realistas se desenvolveram a partir dos pressupostos teóricos de Hobbes e dos fundadores do realismo clássico como Raymond Aron e Hans Morgenthau. Cf.: WOHLFORTH, 2010, pp. 131-149.

mais aos princípios das abordagens liberais e institucionalistas, cujos expoentes defendem a construção de sistema de segurança mútua e negociação a partir do diálogo político e fortalecimento das instituições internacionais. Assim, Gorbachev atuou como o principal artífice de uma mudança de paradigma na formulação da política externa soviética, uma (metaforicamente falando) transição da inspiração hobbesiana para um horizonte guiado pelas ideias de Locke.

Após deixar o Kremlin, Gorbachev manteve seu discurso em defesa dos fóruns de diálogo e tomada de decisão conjunta nas relações internacionais, que permitissem a construção de relações pautadas pela cooperação e respeito mútuo. Ele reforçava o papel central das organizações e regimes internacionais na regulação da nova ordem mundial, mas considerava que embora muitas dessas atribuições já estivessem delegadas formalmente a vários desses organismos, eles careciam de força para fazer valer o direito internacional e as decisões coletivas.<sup>835</sup>

O processo de globalização também foi um tema recorrente nas manifestações de Gorbachev no período pós-perestroika. Como defensor do avanço na interdependência e cooperação no cenário internacional, ele reconhece as oportunidades geradas pelo processo, mas aponta também que a globalização provocara uma abertura econômica que favorecia as grandes potências e ampliava as desigualdades entre os países.<sup>836</sup> Nesse sentido, a própria globalização parece carecer de uma regulação, que, segundo o autor, caberia também a instituições internacionais.

A análise das ideias expressas por Gorbachev nas dimensões política, econômica e de política externa parecem compartilhar uma mesma dualidade central: a defesa simultânea de autonomia e regulação. Nesse sentido, o pensamento do ex-líder soviético parece centrado numa plataforma dialética, que busca sempre combinar as vantagens de sistemas que a priori parecem antagônicos. No caso das relações internacionais, essa abordagem “mesoanalítica” se materializa na defesa combinada de uma maior integração e cooperação, ao lado de ressalvas quanto aos riscos de dominação e a necessidade de se garantir espaço e voz a todas as nações e culturas, sobretudo as mais pobres.

---

<sup>835</sup> GORBACHEV, 2000, pp. 228-229.

<sup>836</sup> GORBACHEV, 1999, p. 9.

Por fim, as manifestações de Gorbachev a partir dos anos 2000 trouxeram à tona um ponto bastante polêmico: seu alinhamento em relação à política externa adotada por Vladimir Putin. A anuência de Gorbachev em relação à atuação do governo russo foi recebida com espanto por boa parte do público estrangeiro, acostumado com sua atuação pacifista e diplomática nas relações internacionais quando estivera à frente do Kremlin. No entanto, a análise desenvolvida nos Capítulos III e IV aponta para a crescente insatisfação do ex-líder soviético em relação ao tratamento que as potências ocidentais davam à Rússia desde o ocaso soviético.

Já nos anos 1990, Gorbachev acusava o Ocidente, especialmente os EUA, de querer tirar vantagem da situação de crise vivida pela Rússia durante o governo Iéltsin.<sup>837</sup> Ele afirmava que a mentalidade antagonista ainda não havia sido superada, resultando na manutenção de uma dinâmica pautada pela hostilidade e por velhos preconceitos. Nesse processo, ele criticava também a expansão da OTAN à leste, incorporando ex-repúblicas soviéticas e países da Europa Oriental, movimento que ele considerava hostil por ameaçar a segurança e os interesses russos na região. E, finalmente, também condenava a exclusão de Moscou pelos europeus no processo de integração que se consolidara ao longo daquela década e que deu origem a UE.<sup>838</sup> Em síntese, a responsabilidade pelo afastamento da Rússia com o Ocidente é atribuída majoritariamente ao comportamento das lideranças norte-americanas e europeias.

Sob a liderança de Putin, Gorbachev passou a questionar a mudança de postura das potências ocidentais, que durante a década anterior haviam apoiado o governo Iéltsin mesmo diante suas demonstrações autoritárias, mas que agora se voltavam contra o novo mandatário russo. A sua avaliação era de que tal diferença se ancorava em interesses geopolíticos, já que diante da recuperação e estabilização russas alcançadas a partir da virada do século, as potências ocidentais pretendiam manter seu país em uma posição menor no cenário global.<sup>839</sup> Em termos práticos, Gorbachev se alinhou à política externa russa em momentos bastante polêmicos, como a intervenção na Geórgia em 2008 e a anexação da Criméia, em 2014.<sup>840</sup> Sua leitura era de que Moscou atuava

---

<sup>837</sup> GORBACHEV, 1996a p. 675.

<sup>838</sup> GORBACHEV, 1997 p.258

<sup>839</sup> Cf.: GORBACHEV, 2006c. p. 127; YAKUB, 2007.

<sup>840</sup> GORBACHEV, 2008b; GORBACHEV, 2016a, p. 399; GORBACHEV, 2016a, p. 404.

como uma força apaziguadora, protegendo minorias étnicas da atuação opressora de outras nacionalidades.

O desencanto de Gorbachev em relação à postura ocidental, em contraste com seu diagnóstico otimista durante a *perestroika*, parece confirmar a avaliação de Andrei Grachev em relação à idealização excessiva (ou ingênua) dos formuladores do Novo Pensamento, que acreditaram que a redução na tensão com o Ocidente converteria naturalmente os antigos adversários em aliados.<sup>841</sup> O crescente tom das críticas aos EUA e Europa Ocidental sinalizam a insatisfação do líder com a ausência de reciprocidade no movimento de aproximação que iniciara, impedindo que alguns dos principais objetivos de sua política externa se materializassem.

Portanto, se olharmos com atenção para o posicionamento do ex-líder soviético, notamos que sua trajetória foi bastante estável e coerente: embora mantivesse seu discurso a favor da cooperação, Gorbachev considerava que as potências ocidentais não haviam aproveitado as oportunidades abertas ao longo da segunda metade dos anos 1980, sendo incapazes de superar a dicotomia presente na Guerra Fria. Mais do que isso, EUA e Europa continuavam a ver a Rússia como um inimigo em potencial, trabalhando para mantê-la distante de um protagonismo no cenário internacional. Tal posição, que se construiu antes mesmo da chegada de Putin ao poder, não sinalizava um retrocesso de Gorbachev às ideias da *Realpolitik*, mas sim de que seu país atuava em uma postura defensiva contra as hostilidades dessas lideranças estrangeiras – as quais, por sua vez, ainda estavam presas no velho paradigma realista. O posicionamento de Gorbachev auxilia ainda a compreender a anuência de grande parte da população e de setores políticos russos (inclusive alguns de oposição) à política externa adotada desde 2007, vista como alinhada aos interesses e ao lugar de direito do país no cenário geopolítico.

### ***Continuidades e rupturas***

Nossa análise dos posicionamentos e manifestações de Mikhail Gorbachev, longe de encerrar o debate sobre a evolução de seu pensamento, nos permitiu identificar movimentos de ruptura e continuidade nas ideias desse importante personagem da História. Nas quatro dimensões apresentadas, é possível verificar um movimento de

---

<sup>841</sup> GRACHEV, 2008, p. 8.

construção gradual de suas ideias a partir das experiências ao longo de sua trajetória e em resposta aos desafios e contextos específicos de cada etapa. Elas parecem refletir sua escolha metodológica, reafirmada por ele diversas vezes nos textos e manifestações analisados, em favor de uma plataforma “evolucionista” – em contraposição às estratégias de ruptura abrupta, revolucionárias.

Ao debater o pensamento de Gorbachev até a *perestroika*, Archie Brown apresenta três possíveis caminhos para compreensão da evolução das ideias e da atuação de Gorbachev ao longo das reformas. Numa primeira abordagem, que ele define como da *aprendizagem*, Gorbachev não teria uma noção clara da situação enfrentada pela URSS, tomando real dimensão e adotando uma plataforma reformista apenas depois de sua chegada ao Kremlin. Já uma segunda linha, referida como de *poder*, entende que ele já tinha um projeto de reformas previamente à sua escolha para suceder Chernenko, mas que só pode implementá-lo e radicalizá-lo à medida que consolidava e ampliava seu poder no regime. Finalmente, uma terceira perspectiva, chamada de *pressão*, defende que o líder não detinha inicialmente um plano para as reformas e que sua construção se dera em resposta às contingências e demandas impostas ao longo de sua liderança, resultando em sua trajetória instável.<sup>842</sup>

Para o historiador inglês, a trajetória das ideias de Gorbachev parece combinar as perspectivas de *aprendizagem* e *poder*, uma vez que ele já sinalizava a construção de um pensamento reformista antes de sua chegada à secretaria-geral do CC do PCUS e, uma vez no cargo, teria mantido uma postura de abertura que resultou em uma melhor compreensão da realidade soviética e na mudanças de suas visões – diagnóstico similar ao expresso por Janice Stein em relação aos posicionamentos e reflexões de Gorbachev em política externa. Nossa análise – que, diferentemente das anteriores, se estende até o período posterior ao ocaso soviético – corrobora com o entendimento expresso pelos dois autores supracitados, embora nos pareça fundamental também considerar o impacto da *pressão* em suas reflexões. Isso porque ao adotar uma estratégia de tentativa e erro, conduzindo as reformas ao mesmo tempo que em se aprofundava na compreensão da situação do país, Gorbachev acabou se vendo diante de desafios imensos, até então ignorados ou pouco trabalhados, que exigiam soluções rápidas e complexas, a exemplo da questão das nacionalidades.

---

<sup>842</sup> BROWN, 1996, pp. 12-13.

Ainda segundo Brown, ao transitar de reformador a transformador, Gorbachev promoveu o desmonte dos principais pilares do modelo comunista, condenando a experiência soviética ao seu ocaso.<sup>843</sup> Já George Breslauer afirma que ele não pode ser considerado um líder transformacional, uma vez que não conseguiu concluir o processo de transição para um novo sistema após o desmantelamento do antigo.<sup>844</sup> Ainda que incapaz de concluir a tarefa de transformação do sistema – que sequer fora sua intenção inicial –, Gorbachev conduziu as reformas até um ponto em que elas se tornaram irreversíveis, como a tentativa frustrada de golpe em agosto de 1991 viria comprovar. Ao mesmo tempo, nossa análise sinaliza que as vésperas do ocaso soviético, o ex-líder soviético não parecia ter estruturado ainda uma definição mais precisa e coesa do modelo ideal a ser construído, nem quais medidas seriam necessárias para alcançá-lo.

Anthony D’Agostino considera que a atuação titubeante de Gorbachev demonstrava a ausência de um projeto político-ideológico bem definido, fazendo com que seus posicionamentos se dessem de forma simplesmente responsiva, produto da luta de poder que se dava ao longo das reformas.<sup>845</sup> Nossa análise, contudo, parece confirmar a avaliação feita por Breslauer, que destaca o protagonismo político e intelectual na concepção e na condução das medidas adotadas ao longo da *perestroika* – posição que ele perderia apenas a partir do final de 1990, em seu alinhamento às alas mais conservadores.<sup>846</sup> Ainda que se possa acusar Gorbachev de não ter construído um plano bem definido para os processos que conduziu, as reformas parecem profundamente ligadas à evolução das ideias de seu executor, estabelecendo uma forte relação de interdependência.

D’Agostino considera ainda que as grandes conquistas da *perestroika*, reiteradas pelo ex-líder soviético, foram na verdade decorrentes de suas principais falhas, isto é, descasadas dos objetivos iniciais das reformas.<sup>847</sup> Nosso exame da trajetória intelectual percorrida por Gorbachev mais uma vez não parece confirmar essa avaliação. Embora muitos dos resultados finais da *perestroika* não estivessem presentes formalmente nos primeiros discursos reformistas, eles evoluíram a partir das reflexões e pressupostos que

---

<sup>843</sup> BROWN, 1996, p. 309.

<sup>844</sup> A definição de liderança transformacional para Breslauer parte da definição de “destruição criativa” de Schumpeter, segundo a qual o desmantelamento do antigo sistema deveria ser acompanhado simultaneamente pela constituição das bases de um novo modelo. Cf.: BRESLAUER, 2004, pp. 81-82.

<sup>845</sup> D’AGOSTINO, 1998, p. 342.

<sup>846</sup> BRESLAUER, 2004, pp. 86-90.

<sup>847</sup> D’AGOSTINO, 1998, p. 8.



já inspiravam o líder soviético desde (ou mesmo antes de) sua chegada ao Kremlin. Em outras palavras, se é verdade que não havia um projeto de democracia liberal ou transição radical para economia de mercado em 1985, por outro, tais processos partiram dos diagnósticos que apontavam para necessidade de se ampliar a participação popular no processo político, bem como da flexibilização do modelo de gestão econômica – duas bandeiras presentes na origem da *perestroika*.

Nesse sentido, a evolução do pensamento político e econômico de Gorbachev parece se basear em um modelo de análise de conjunturas, apontando para uma interação simultânea entre teoria e prática. Suas ideias não parecem alicerçadas em exercícios teórico-metodológicos rigorosos nem construídas a partir de uma reflexão acadêmica tradicional, mas sim como produto de uma postura dialógica e aberta a aprendizagem, acompanhada de uma atitude pragmática frente aos desafios e contextos enfrentados enquanto dirigente. Gorbachev foi, antes de tudo, um agente político, respondendo a demandas da realidade. Tal conclusão é compartilhada por Brown, que o define como um líder mais pragmático do que ideológico.<sup>848</sup>

Essa avaliação também se alinha aos estudos de Susan Batty e Vesna Danilovic acerca da estratégia de centrismo político adotada por Gorbachev entre 1985 e 1991. Longe de vinculá-lo a uma atitude meramente passiva, as autoras consideram que o líder soviético adotou uma estratégia racional e pragmática, fruto não de uma personalidade indecisa, mas sim de sua capacidade de agir no momento, interagindo com as múltiplas arenas e avaliando os diferentes contextos que influenciavam suas decisões.<sup>849</sup> Tal estratégia foi fundamental para a manutenção de sua liderança e assegurou o avanço das reformas, embora tenha se revelado insuficiente para a conclusão do processo de transformação do sistema soviético como pretendia Gorbachev.

A despeito de tudo, é possível identificar o desenvolvimento de um significativo arcabouço teórico – ainda que derivativo - embasando o pensamento de Gorbachev e condicionando sua atuação prática. Ademais, suas reflexões posteriores ao ocaso soviético, que coincidem com a perda de seu protagonismo político, reforçam tal conclusão, haja vista a centralidade e relevância com que diversos temas e conceitos importantes – socialismo, globalização, segurança global, meio ambiente, etc. – são

---

<sup>848</sup> BROWN, 1996, p. 309.

<sup>849</sup> BATTY; DANILOVIC, 1997, pp. 90-94

trabalhados pelo autor não apenas como bandeiras políticas, mas a partir de uma análise que procura inseri-los em uma lógica de pensamento comum, estruturada na forma de um projeto político-intelectual.

Mikhail Gorbachev foi e continua sendo um personagem fundamental no desenrolar dos processos que marcaram o fim do século XX e a transição para uma nova ordem mundial. Sem recair nos exageros da “história vista de cima”, a análise das ideias desse importante líder pode fornecer elementos que auxiliam a compreensão desses processos, complementando a vasta literatura que se volta para os aspectos políticos e econômicos da história recente soviética e russa. Acreditamos que esse outro olhar mais completo para a trajetória intelectual de Gorbachev contribuirá para o avanço dos estudos acerca de alguns dos desconcertantes desafios históricos atuais.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

- AGANBEGYAN, Abel. *Moving the Mountain: Inside the Perestroika Revolution*. Ealing: Bantam Press, 1989.
- APCE. “Resolution n° 1481 - Need for international condemnation of crimes of totalitarian communist regimes”. *Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa*. Estrasburgo, 25 de janeiro de 2006. Disponível em: <http://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en.asp?fileid=17403&lang=en> [Acessado em 13/07/2020].
- ASLUND, Anders. *Gorbachev's Struggle for Economic Reform*. Ithaca: Cornell University Press, 1989.
- ASLUND, Anders. “An Assessment of Putin's Economic Policy”. *CESifo Forum*, ifo Institut für Wirtschaftsforschung an der Universität München, München, Vol. 09, Iss. 2, 2008, pp. 16-21.
- BATTLE, John M. “Uskorenie, Glasnost' and *Perestroika*: The Pattern of Reform under Gorbachev”. *Soviet Studies*, Abingdon, Vol. 40, No. 3. Julho, 1988, pp. 367-384.
- BATTY, Susan E. DANILOVIC, Vesna. “Gorbachev's Strategy of political Centrism: a game-theoretic interpretation”. *Journal of Theoretical Politics*, Vol 9, N° 1, 1997, pp. 89-106.
- BERGMAN, Jay. “Was the Soviet Union Totalitarian? The View of Soviet Dissidents and the Reformers of the Gorbachev Era.” *Studies in East European Thought*, vol. 50, no. 4, 1998, pp. 247–81. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20099686>. [Acessado em 28/07/2022].
- Besplatnaya Biblioteka Tekhnicheskoi Literatury «Neft' I Gaz»* [“Biblioteca Livre de Literatura Técnica “Gas e Oleo”]. Disponível em: <http://nglib-free.ru/index.jsp> [Acessado em 15/11/2012].
- BISLEY, Nick. *The End of the Cold War and the Causes of Soviet Collapse*. Londres: Palgrave-Macmillan, 2004.
- BLACKBURN, Robin. *Depois da Queda: O Fracasso do Comunismo e o Futuro do Socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 11ª Ed., 1998.
- BOLDIN, Valery I. *Krusheniye pyedestala: Shtrikhi k portretu M. S. Gorbacheva* [“A queda do pedestal: os traços do retrato de Mikhail S. Gorbachev”]. Moscou: República, 1995.
- BOURGUINA, ANNA M. *Russian social democracy: the Menshevik movement - a bibliography*. Stanford: Hoover Institution on War, Revolution and Peace, 1968.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

- BRAR, Bhupinder. “Assessing Gorbachev”. *Economic and Political Weekly*. Vol. 29, No. 24 (Jun. 11, 1994), pp. 1465-1475.
- BREZHNEV, Leonid I. *Relatório do Comitê Central do PCUS ao XXVI Congresso do Partido Comunista da União Soviética e as tarefas imediatas do partido no campo da política interna e externa*. Moscou: Agência de Imprensa Novosti, 1981.
- BRESLAUER, George W. “Avaliação de Gorbachev e Yeltsin como líderes”. In: BROWN, Archie. *Gorbachev, Yeltsin e Putin: a liderança política na transição russa*. Brasília: Editora UNB, 2004, pp. 71-102.
- BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- BROWN, Archie. *Seven Years that Changed the World – Perestroika in Perspective*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2007.
- BROWN, Archie. *The Rise and Fall of Communism*. Nova Iorque: Ecco Press, 2009.
- BROWN, Archie. “Did Gorbachev as General Secretary Become a Social Democrat?” *Europe-Asia Studies*. Londres, Vol 65, N° 2, Março 2013, pp. 198-220.
- CUCURNIA, F. “L' accusa di Gorbaciov a Putin 'Elezioni truccate, vanno rifatte’”. *La Repubblica*, Roma, 07 de dezembro de 2011, pg. 17 <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2011/12/07/accusa-di-gorbaciov-putin-elezioni-truccate.html?ref=search> [Acessado em 13/07/2020].
- D'AGOSTINO, Anthony. *Gorbachev's Revolution*. Nova Iorque: NYU Press, 1998.
- BUNN, Matthew. “Gorbachev to Slash Soviet Nuclear Stockpile”. *Arms Control Today*, Vol. 21, No. 8 (October 1991), p. 21, 28.
- BUNCE, Valerie. “Domestic Reform and International Change: The Gorbachev Reforms in Historical Perspective”. *International Organization*, Boston, Vol. 47, No. 1 (Winter, 1993), pp. 107-138.
- COHEN, Stephen F. HEUVEL, Katrina V. (Eds.). *Voices of Glasnost: Interviews with Gorbachev's Reformers*. Nova Iorque: Norton & Company, 1989.
- CHERNYAEV, Anatoly. *My Six Years with Gorbachev*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2000.
- CHERNYAEV, Anatoly. (Ed.). *V Politbyuro TSK KPSS...: Po zapisyam Anatoliya Chernyayeva, Vadima Medvedeva, Georgiya Shakhnazarova (1985-1991)*. [“No Politburo do Comitê Central do PCUS ...: De acordo com os registros de Anatoly Chernyayev, Vadim Medvedev, Georgy Shakhnazarov (1985-1991)”]. Moscou: Alpina Business Books, 2006.
- DOBB, Maurice. *Soviet Economic Development since 1917*. Nova York: International Publishers, 1949.
- ELDER, M. “Mikhail Gorbachev lambasts Vladimir Putin's 'sham' democracy”. *The Guardian*, 21 de fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2011/feb/21/gorbachev-birthday-putin-democracy-russia> [Acessado em: 01/11/2019].

- ELDER, M. “Gorbachev: Putin has exhausted himself as Russian leader”. *The Guardian*, Londres, 9 de fevereiro de 2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2012/feb/09/gorbachev-putin-exhausted-himself-russian> [Acessado em 01/11/2019].
- ESHCHENKO, A. “Gorbachev calls for new Russian elections”. *CNN*, Atlanta, 07 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2011/12/07/world/europe/russia-protests/index.html> [Acessado em 13/07/2020].
- FEDOROV, V. “Rossiya udivlyayet: pyat' epokh v rossiyskom obshchestvennom mnenii (1987-2017)” [“A Rússia surpreende: cinco eras na opinião pública russa (1987-2017)”]. Moscou: *Ria Novosti*, 9 de março de 2017. Disponível em: <https://ria.ru/20170309/1489624831.html> [Acessado em 22/05/2022].
- FERNANDES, Luis. *URSS Ascensão e Queda*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1992.
- FERRARO JR., V.G. “A Construção do Sistema Político da Rússia Pós-Soviética”. In: SEGRILLO, Angelo O. (Org.). *Rússia, Ontem e Hoje*. 1ed. São Paulo: FFLCH / USP, 2016, v. 1, p. 9-149.
- FOM. “Mikhail Gorbachev, prezident SSSR”. [Mikhail Gorbachev, Presidente da URSS. *Fond Obshchestvennoye Mneniye [Fundação de Opinião Pública]*, Moscou, 2006. Disponível em: [https://bd.fom.ru/report/cat/polit/ros\\_pol/gorbachev\\_m\\_s\\_/dd060826](https://bd.fom.ru/report/cat/polit/ros_pol/gorbachev_m_s_/dd060826) [Acessado em 01/07/2020].
- FOM. “M. Gorbachev - politicheskiy deyatel' i chelovek” [M. Gorbachev - político e homem]. *Fond Obshchestvennoye Mneniye [Fundação de Opinião Pública]*. Moscou, 2004. Disponível em: [http://bd.fom.ru/report/cat/polit/ros\\_pol/gorbachev\\_m\\_s\\_/dd040815](http://bd.fom.ru/report/cat/polit/ros_pol/gorbachev_m_s_/dd040815) [Acessado em: 25/03/2018].
- GELMAN, Vladimir. GOLOSOV, Grigorii V (eds.) *Elections in Russia, 1993-1996: Analyses, Documents and Data*. Berlin: Sigma, 1999. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20041010051827/http://www2.essex.ac.uk/elect/databases/indexElections.asp?country=RUSSIA&election=ru95duma> [Acessado em 08/07/2019].
- GOODING, John. “Perestroika as Revolution from within: An Interpretation”. *Russian Review*, Hoboken, Vol. 51, No. 1, Jan/1992, pp. 36-57.
- GORBACHEV, Mikhail S. “Pprodovol'stvennaya Programma i zadachi yeye realizatsii” [O Programa de Alimentos e seus objetivos de implementação]. *Kommunist*, Mosocu, n° 10, jul. 1982, pp. 6-21.
- GORBACHEV, Mikhail S. *URSS: uma nova etapa*. São Paulo: Editora Revan, 1985.
- GORBACHEV, Mikhail S. *A URSS rumo ao século XXI: XXVII Congresso do PCUS*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1986.
- GORBACHEV, Mikhail S. *Izbrannye rechi i stat'i* [“Discursos e Artigos Seleccionados”]. Moscou: Izdatel'stvo politicheskoi literatury, 1987-1990, 5 vols.

Disponível em: <http://rutracker.org/forum/viewtopic.php?t=1960671> [Acessado em 15/01/2013].

GORBACHEV, Mikhail S. *Tempos para a Paz*. Rio de Janeiro: Globo e Nova Fronteira, 1987a.

GORBACHEV, Mikhail S. *Outubro e Perestroika: a Revolução continua*. Rio de Janeiro: Revan, 1987b.

GORBACHEV, Mikhail S. *Desarmamento e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Revan, 1987c.

GORBACHEV, Mikhail S. *A proposta*. Volume I. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1988a.

GORBACHEV, Mikhail S. *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1988b.

GORBACHEV, Mikhail S. *O Poder aos Sovietes! Relatório à XIX Conferência Nacional do PCUS*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1988c.

GORBACHEV, Mikhail S. *Gorbachiov-Regan: um passo para a paz*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1988d.

GORBACHEV, Mikhail S. *A proposta*. Volume II. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1989a.

GORBACHEV, Mikhail S. *A proposta*. Volume III. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1989b.

GORBACHEV, Mikhail S. *A proposta: a perestroika e o processo de democratização*. Volume IV. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1990a.

GORBACHEV, Mikhail S. *Speech by Soviet President Mikhail Gorbachev to the Second Summit of CSCE Heads of State or Government, Paris, 19-21 November 1990b*. Disponível em: <http://www.osce.org/mc/16155> [Acessado em 16/12/2012]

GORBACHEV, Mikhail S. *O Golpe de Agosto: Verdades e Lições*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

GORBACHEV, Mikhail S. *Dekabr'-91. Moya pozitsiya*. [“Dezembro 91. Minha Posição”] Moscou: Novosti [Notícias], 1992.

GORBACHEV, Mikhail S. *Avant-mémoires*. Paris: Odile Jacob, 1993.

GORBACHEV, Mikhail S. *Zhizn' i reformy* [“Vida e Reformas”]. Moscou: Novosti [Notícias], 2Vols., 1995a.

GORBACHEV, Mikhail S. *The Search for a New Beginning: Developing a New Civilization*. New York: HarperCollins, 1995b.

GORBACHEV, Mikhail S. *Memoirs*. Londres: Doubleday, 1996a.

GORBACHEV, Mikhail S. *Entrevista com Brian Lamb – BookTV*. Washington: C-SPAN2, 1996b [exibido em 24/10/1996]. Disponível em:

- <http://www.booknotes.org/Watch/76259-1/Mikhail-Gorbachev> [Acessado em: 23/10/2019].
- GORBACHEV, Mikhail S. *Entrevista com Clive Anderson – Talks Back*. Londres: Broadcast BBC1, 1996c [exibido em 03/11/1996]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=evDm0ehgCSU> [Acessado em 23/10/2019].
- GORBACHEV, Mikhail S. “European Security and How to Reach It”. *The Brown Journal of World Affairs*, Vol. 4, No. 1, Winter/Spring, 1997, pp. 257-269.
- GORBACHEV, Mikhail S. “Global Statesman: Mikhail Gorbachev on Globalization”. *The Academy of Management Executive* (1993-2005), Vol. 13, No. 1, Global Competitiveness, Part II, Fev, 1999, pp. 8-14.
- GORBACHEV, Mikhail S. *On my country and the world*. New York: Columbia University Press, 2000.
- GORBACHEV, Mikhail S. "Yest' vse osnovaniya utverzhdat', chto Rossiya po svoemu obrazu myshleniya – strana sotsial-demokraticeskaya" ["Há todos os motivos para argumentar que a Rússia, em sua maneira de pensar, é um país social-democrata"]. *Tchas pik [Hora do Rush]*, São Petersburgo, 27 de agosto de 2001. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_236/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_236/) [Acessado em: 10/02/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. *Conversations with Gorbachev: on perestroika, the Prague Spring and the crossroads of socialism*. Nova York: Columbia University Press, 2002a.
- GORBACHEV, Mikhail S. “Prezident tol'ko pristupayet k ser'yeyznoy bor'be s korruptsiyey” [“O presidente está apenas começando uma luta séria contra a corrupção”]. *Novaya Gazeta [Nova Gazeta]*, Moscou, 30 de setembro de 2002b. Disponível em: <https://novayagazeta.ru/articles/2002/10/02/13621-mihail-gorbachev-prezident-tolko-pristupaet-k-serieznoy-borbe-s-korruptsiyey> [Acessado em: 10/02/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. MURATOV, D. “Putin ne mog prinyat' trebovaniya o kapitulyatsii” [“Putin não pôde aceitar pedidos de rendição”]. *Rossiyskaya gazeta [Gazeta Russa]*, Moscou, 30 de outubro de 2002c. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_451/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_451/) [Acessado em: 10/02/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. “The Path Won: Mikhail Gorbachev in conversation with Dev Murarka”. *India International Centre Quarterly*, Vol. 28, No. 4, Special Commemorative Volume: 40 Years — a Look Back Inverno 2001/Primavera 2002d, pp. 278-285.
- GORBACHEV, Mikhail S. KON'KOVA, Yekaterina “Nobelevskiye laureaty vzyatok ne berut: Eks-prezident SSSR Mikhail Gorbachev oproverg obvineniya v svoy adres” [“Os ganhadores do Nobel não aceitam suborno: o ex-presidente da URSS, Mikhail Gorbachev, negou as acusações contra ele”] *Rossiyskaya Gazeta*, Moscou, 29 de abril de 2003a. Disponível em:

[https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_531/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_531/) [Acessado em: 10/02/2020].

GORBACHEV, Mikhail S. “Gorbachev otvergayet obvineniya v prisvoyenii im denezhnykh sredstv v bytnost' prezidentom SSSR” [“Gorbachev nega alegações de desvio de dinheiro quando era presidente da URSS”]. *Interfaks*, Moscou, 29 de abril de 2003b. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_528/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_528/) [Acessado em: 10/02/2020].

GORBACHEV, Mikhail S. “Svobody - skol'ko vozmozhno. Gosudarstva - skol'koneobkhodimo” [“Liberdade - tanto quanto possível. Estado - conforme necessário”]. *Novaya Gazeta*, Moscou, N° 42, 16 de Junho de 2003c. Disponível em: <https://novayagazeta.ru/articles/2003/06/16/18244-svobody-skolko-vozmozhno-gosudarstva-skolko-neobhodimo> [Acessado em: 10/02/2020].

GORBACHEV, Mikhail S. *Meu Manifesto pela Terra*. São Paulo: Ed. Planeta, 2003d.

GORBACHEV, Mikhail S. “Gorbachev svyazyvayet budushcheye prem'yera Fradkova s tem, kakoy kurs izberet prezident Soobshcheniye agentstva” [“Gorbachev conecta o futuro do primeiro-ministro Fradkov com o caminho que o presidente escolherá”]. *Interfaks*, Moscou, 1 de março de 2004a. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_23354](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_23354) [Acessado em: 10/02/2020].

GORBACHEV, Mikhail S. "Eto, po sushchestvu, otkat ot demokratii" ["Isso é essencialmente um retrocesso da democracia"]. *Moskovskiye novosti [Noticias de Moscou]*, Moscou, 17 de setembro de 2004b. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_23671/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_23671/) [Acessado em: 10/02/2020].

GORBACHEV, Mikhail S. “Gorbachev Says Iraq War "Undermined" Law” [“Gorbachev diz que a Guerra do Iraque "minou" a lei”]. *Associated Press*, Londres, 23 de setembro de 2004c. Disponível em: <https://apnews.com/fbd9eae6cad3ff41917ee67506c9677> [Acessado em: 10/02/2020].

GORBACHEV, Mikhail S. “M. Gorbachev schitayet, chto Verkhovnomu sudu Ukrainy sledovalo by naznachit' novyye vybory” [“M. Gorbachev considera que o Supremo Tribunal da Ucrânia deve convocar novas eleições”]. *Interfaks*, Moscou, 6 de dezembro de 2004d. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_23836/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_23836/) [Acessado em: 10/02/2020].

GORBACHEV, Mikhail S. “Gorbachev schitayet, chto resheniya, primimayemye na Ukraine, vo mnogom yavlyayutsya sledstviyem vneshnego davleniya” [“Gorbachev acredita que as decisões tomadas na Ucrânia são em grande parte resultado da pressão externa”]. *Interfaks*, Moscou, 8 de dezembro de 2004e. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_23838/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_23838/) [Acessado em: 10/02/2020].

GORBACHEV, Mikhail S. “Gorbachev vystupayet za to, chtoby vse strategicheskiye otrasli ekonomiki nakhodilis' v rukakh gosudarstva” [“Gorbachev defende que todos os setores estratégicos da economia estejam nas mãos do estado”]. *Interfaks*.



- Moscú, 1º de março de 2005a. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_24037/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_24037/) [Acessado em 25/03/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. “Gorbachev: Putina dezinformiruyut intrigany” [“Gorbachev: Putin é mal informado por manipuladores”]. *Rosbalt*. Moscú, 6 de abril de 2005b. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_24133/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_24133/) [Acessado em 21/03/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. “M. Gorbachev schitayet, chto nado vernut'sya k pryamym vyboram gubernatorov, nastai vayet na smene pravitel'stva i parlamenta.” [M. Gorbachev acredita que é necessário retornar à eleição direta de governadores, insiste em uma mudança de governo e parlamento]. *Interfaks*. Moscú, 27 de abril de 2005c. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_24174/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_24174/) [Acessado em: 21/03/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. "Perestroyka 20 let spustya: SSSR možno bylo reformirovat" [“Perestroika 20 anos depois: a URSS poderia ser reformada”]. *La Stampa*, Roma, 24 de fevereiro de 2005d. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_24020/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_24020/) [Acessado em 13/07/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. "Na menya pokhozhikh net" [“Não há semelhante a mim”]. *Gazyeta*, Moscú: 1º de março de 2005e. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_24029/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_24029/) [Acessado em 13/07/2020].
- GORBACHEV, M. SAMARINA, A. “Segodnya razgovory o demokratii oskorbitel'ny” [“Hoje falar sobre democracia é ofensivo”]. *Nezavisimaya Gazeta*, Moscú, 18 de fevereiro de 2005f. Disponível em: [https://www.ng.ru/ideas/2005-02-18/1\\_gorbachev.html](https://www.ng.ru/ideas/2005-02-18/1_gorbachev.html) [Acessado em: 26/06/2020].
- GORBACHEV, M. S. VYZHUTOVICH, Valery. “Mikhail Gorbachev: Ostayus' priverzhentsem sotsialisticheskoy idei”. [“Mikhail Gorbachev: continuo comprometido com a ideia socialista”]. *Rossiyskaya gazeta*. Edição Federal Nº 0 (4006), Moscú, 28 de fevereiro de 2006a. Disponível em: <https://rg.ru/2006/02/28/gorbachev.html> [Acessado em: 01/04/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. “Mikhail Gorbachev: Vybory, kotoryye my vybirayem” [“Mikhail Gorbachev: as eleições que escolhemos”]. *Rossiyskaya Gazeta*. Moscú: Edição Federal Nº 0 (4121), 19 de julho de 2006b. Disponível em: <https://rg.ru/2006/07/19/gorbachev.html> [Acessado em: 20/03/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. *The Road We Traveled, The Challenges We Face*. Moscú: Izdatelstvo VES MIR, 2006c.
- GORBACHEV, Mikhail S. *Ponyat' perestroyku... Pochemu eto vazhno seychas* [Entender a perestroika ... Por que é importante agora]. Moscú: Al'pina Biznes, 2006d.

- GORBACHEV, Mikhail S. "O plyuralizme i glasnosti v novoy Rossii" ["Sobre o pluralismo e a Glasnost na nova Rússia"]. *Rossiyskaya Gazeta*, N° 4086. Moscou: 09 de junho de 2006e. Disponível em: <https://rg.ru/2006/06/09/Gorbachev.html> [Acessado em: 01/04/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. *V interesakh bol'shinstva: sotsial-demokraticheskiy proyekt dlya Rossii* ["No Interesse da Maioria: projeto social-democrata para a Rússia"]. Moscou: Revolução Cultural, 2007.
- GORBACHEV, Mikhail S. "Mikhail Gorbachev zhelayet udachi Dmitriyu Medvedevu: U menya krepnet uverenost', chto on spravitsya" ["Mikhail Gorbachev deseja boa sorte a Dmitry Medvedev: estou cada vez mais confiante de que ele conseguirá"]. *ITAR-TASS*. Moscou: 7 de maio de 2008a. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_25957/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_25957/) [Acessado em: 06/05/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. "A Path to Peace in the Caucasus". *The Washington Post*. Washington: 12 de agosto de 2008b. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2008/08/11/AR2008081101372.html> [Acessado em 15/05/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. "Segodnya prishlo vremya postavit' vopros o sootnoshenii morali i ekonomiki". "Hoje é o momento de levantar a questão da relação entre moralidade e economia". *Rossiyskaya Gazeta*. Moscou, Edição Federal N° 0 (4781), 28 de outubro de 2008c. Disponível em: <https://rg.ru/2008/10/28/a277262.html> [Acessado em 15/05/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. "Historical Significance of *Perestroika*". In: KUALDIN, V. *Breakthrough to Freedom. Perestroika: A Critical Analysis*. Moscou: R. Valent Publishers, 2009a.
- GORBACHEV, Mikhail S. "Bring Back the State". *New Perspectives Quarterly*, N° 26, vol.2, 2009b, pp 53–55.
- GORBACHEV, Mikhail S. "What Role for the G-20?". *The New York Times*, Nova Iorque, 27 de abril de 2009c. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/04/28/opinion/28iht-edgorbachev.html> [Acessado em 20/06/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. "Rossiya - SSHA: pervyye znachimyye shagi" ["Rússia - EUA: os primeiros passos significativos."]. *Rossiyskaya gazeta*, Moscou, № 131(4955), 20 de julho de 2009d. Disponível em: <https://rg.ru/2009/07/20/gorbachev.html> [Acessado em 13/07/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. "Nato victory in Afghanistan impossible". *BBC*, 27 de outubro de 2010. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-south-asia-11633646> [Acessado em: 10/06/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. "Chernobyl 25 years later: Many lessons learned". *Bulletin of the Atomic Scientists*, Chicago, Vol 67, N° 2, 2011a, pp 77–80.
- GORBACHEV, M. "Perestroyku Nel'zya Perecherknut" ["*Perestroika* não pode ser retrocedida"]. *Novyye Vremena [The New Times]*, Moscou, № 07 (192) 28 de

- fevereiro de 2011b. Disponível em: <https://newtimes.ru/articles/detail/35093> [Acessado em: 26/06/2020].
- GORBACHEV, M. “Chtoby idti vpered, nuzhno izmenit' sistemu” [“Para avançar, você precisa mudar o sistema.”]. *Novaya Gazeta*, Moscou, № 105, 21 de setembro de 2011c. Disponível em: <https://novayagazeta.ru/articles/2011/09/21/45987-mihail-gorbachev-chtoby-idti-vpered-nuzhno-izmenit-sistemu> [Acessado em: 26/06/2020].
- GORBACHEV, Mikhail S. *The New Russia*. Oxford: Polity Press, 2016a.
- GORBACHEV, Mikhail S. *Minha Vida*. Barueri: Amarilys, 2016b.
- GORBACHEV, Raisa. *Minhas Esperanças*. Rio de Janeiro: Globo, 1992.
- GRACHEV, Andrei S. *Gorbachev's Gamble: Soviet Foreign Policy and the End of the Cold War*. Cambridge: Polity, 2008.
- HAAS, Ernst B. *Beyond the Nation-State: Functionalism and International Organization*. Stanford: Stanford University Press, 1964.
- HAHN, Gorgon M. “The first reorganization of the CPSU Central Committee Apparatus under Perestroika”. *Europe-Asia Studies*, Nº 49, Vol. 2, pp. 281-302, 1997.
- HALPIN, T. “Exclusive: Gorbachev predicts Putin is doomed”. *The Times*, Londres, 16 de fevereiro de 2012, Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/exclusive-gorbachev-predicts-putin-is-doomed-w060pgpb7x8> [Acessado em 29/06/2020].
- HANRAHAN, B. “Gorbachev defends controversial legacy”. *BBC News*, Londres, 20 de setembro de 2009. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/8265117.stm> [Acessado em: 10/02/2020].
- HANSON, Philip. *The Rise and Fall of the Soviet Economy*. Londres: Pearson Education, 2003.
- HEWETT, Ed. A. *Reforming the Soviet Economy – Equality versus Efficiency*. Washington: The Brookings Institution, 1988.
- HOBBSBAWN, Eric. *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 12 Volumes, 1988.
- HOBBSBAWN, Eric. “O presente como História”. In: HOBBSBAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 243-255.
- HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOUGH, Jerry F. “Understanding Gorbachev: The Importance of Politics”. *Soviet Economy*, Nº 7, vol. 2, 1991, pp. 89-102.
- IMF. “IMF Data Mapper - World Economic Outlook” [Database Online] *International Monetary Fund*. Abril de 2018. Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/PPPGDP@WEO/RUS>).
- INSTITUT MARKSIZMA-LENINIZMA pri TsK KPSS. [“Instituto de marxismo-leninismo do CC do PCUS”]. *KPSS v Rezolyutsyakh i Resheniyakh S'ezdov*

*Konferentsii i Plenumov TsK* [“Resoluções e decisões oficiais dos congressos e conferências do PCUS e das plenárias do CC”]. 9 ed. revista e ampliada. Moscou: Izdatel'stvo Politicheskoi Literaturny, 1983 – 1989, 15 vol. Disponível online em: <http://nglib-free.ru/catalog.jsp?rubric=42> [Acessado em 03/02/2013].

INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS [“Instituto de Teoria e História do Socialismo do CC do PCUS”] XXVIII *S'ezd Kommunisticheskoi Partii Sovetskogo Soyuza* [“XXVIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética”]. Moscou: Izdatel'stvo Politicheskoi Literaturny, 1991 Disponível online em: [http://soveticus5.narod.ru/85/xxviii\\_1.htm](http://soveticus5.narod.ru/85/xxviii_1.htm) [Acessado em 03/02/2013].

IRI. “Russia Presidential Election Observation Report”. *International Republican Institute*, Washington, 1996. Disponível em: [https://www.iri.org/sites/default/files/fields/field\\_eo\\_report/russias\\_1996\\_presidential\\_election.pdf](https://www.iri.org/sites/default/files/fields/field_eo_report/russias_1996_presidential_election.pdf) [Acessado em 01/07/2020].

KAISER, Robert G. “Gorbachev: Triumph and Failure”. *Foreign Affairs*. Vol. 70, No. 2 (Spring, 1991), pp. 160-174.

KEEP, John. *Last of the Empires: A History of the Soviet Union 1945-1991*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

KEEP, John. “The Gorbachev in Historical Context”. *Studies in East European Thought*. Dordrecht, n° 49, 1997 pp. 271-186.

KEOHANE, Robert O. *After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. NEY, Joseph S. *Power and interdependence: world politics in transition*. Boston: Little Brown and Company, 1977.

KISSINGER, Henry. *Diplomacia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/Univer Cidade Editora, 2ª edição, 1999.

KOLESNICHENKO, A. "Eto budet khuzhe KPSS" - Mikhail Gorbachev dal otsenku deyatel'nosti partii vlasti" ["Será pior que o PCUS" - Mikhail Gorbachev avaliou as atividades do partido no poder"]. *Novyye izvestiya*. Moscou: 18 de abril de 2007. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_25575/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_25575/) [Acessado em: 01/04/2020].

KOMMUNISTICHESKAYA PARTIYA SOVETSKOGO SOYUZA [“Partido Comunista da União Soviética”]. *Materialy Plenuma Tsentral'nogo Komiteta KPSS, 5-7 fevralya 1990* [“Materiais da Plenária do Comitê Central do PCUS, 5-7 fevereiro de 1990”]. Moscou: Izdatel'stvo Politicheskoi Literaturny, 1990a.

KOMMUNISTICHESKAYA PARTIYA SOVETSKOGO SOYUZA [“Partido Comunista da União Soviética”]. *Materialy Plenuma Tsentral'nogo Komiteta KPSS, 11, 14, 16 mart 1990* [“Materiais da Plenária do Comitê Central do PCUS, 11, 14, 16 de março de 1990”]. Moscou: Izdatel'stvo Politicheskoi Literaturny, 1990b.

KOZIELECKI, Józef. “Gorbachev and Freud and the Power of the Unconsciousness”. *Polish Sociological Review*, No. 113, 1996, pp. 25-32.

- KUCHER, S. “Ne mogut tri cheloveka reshit' vopros, sud'bu gosudarstva - Interv'yu s Mikhailom Gorbachevym. Chast' 2” [Três pessoas não podem resolver o problema, o destino do estado - Entrevista com Mikhail Gorbachev. Parte 2’]. *Kommersant*. Moscou, 02 de março de 2011. Disponível em: <https://www.kommersant.ru/doc/1594424> [Acessado em 13/07/2020].
- KUZNETSOV, Victor. “The Economic Factor of the USSR’s Desintegration”. In TINGUY, Anne de (ed.). *The Fall of the Soviet Empire*. Boulder: East European Monographs, 1997, pp. 264-279.
- LAGROU, Pieter. “Sobre a atualidade da História do Tempo Presente”. In: PORTO JR., Gilson (org.). *História do tempo presente*. Bauru: Edusc, 2007, pp. 31-45.
- LENIN, Vladimir I. *Collected Works*. Moscou: Progress Publishers, 1965-1972, 45 vol.
- LEVADA. “rol perestroyki v istorii strany” [“O papel da *perestroika* na história do país”]. *Levada Tsentri [Centro Levada]*. Moscou, 22 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.levada.ru/2015/04/22/rol-perestroyki-v-istorii-strany/> [Acessado em 02/07/2020].
- LEVADA. “Praviteli v Otechestvennoy Istorii” [“Governantes na História Doméstica”]. *Levada Tsentri [Centro Levada]*. Moscou, 01 de março de 2016. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/03/01/praviteli-v-otechestvennoj-istorii/> [Acessado em 20/06/2020].
- LEVY, C. “Gorbachev Says Putin Obstructs Democracy”. *The New York Times*, 26 de outubro de 2010. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/10/27/world/europe/27russia.html> [Acessado em: 25/06/2020].
- LEWIN, Moshe. *O Fenômeno Gorbachev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LEWIN, Moshe. *O século soviético*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LIBERMAN, Evsei. G. “Plan, Profits, Bonuses”. *Problems in Economics*, Vol. 8 nº 3, pp. 3-8, 1965.
- LIEBICH, Andre. *From the Other Shore: Russian Social Democracy after 1921*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- LIGACHEV, Yegor. *Inside Gorbachev's Kremlin: The Memoirs Of Yegor Ligachev*. Augm: Westview Press, 1996.
- LÖWY, Michael. *O que é o Ecosocialismo?* São Paulo: Cortez, 2014.
- MACKENZIE, David. CURRAN, Michael W. *A history of Russia and the Soviet Union*. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1987.
- MANDEL, David (Ed.) *Rabotyagi: Perestroika and After Viewed from Below, Interviews with Workers in the Former Soviet Union*. New York: Monthly Review Press, 1994.
- MANDEL, Ernest. *From Stalinism to Eurocommunism: The Bitter Fruits of 'Socialism in One Countr*. Nova Iorque: Verso, 1978.

- MANDELBAUM, Michael. "Coup de Grace: The End of Soviet Union". *Foreign Affairs*, nº1, 1991, pp. 164-183.
- MARX, Karl. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. ENGLER, Friedrich. *Lutas de Classe na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MEDVEDEV, Zhores. *Gorbachev*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- Mikhail Gorbachev, prezident SSSR [Mikhail Gorbachev, Presidente da URSS]*. Fond "Obshchestvennoye mneniye" [Fundação da Opinião Pública], Moscou, 2006.
- MITCHELL, R. Judson. ARRINGTON, Randall S. "Gorbachev, ideology and the fate of Soviet communism". *Communist and Post-Communism Studies*, Vol 33, 2000, pp. 457-474.
- MULLER, Isabel Helena. "História do Tempo Presente: algumas reflexões". In: PORTO JR., Gilson (org.). *História do Tempo Presente*. Bauru: EDUSC, 2007.
- MURATOV, D. "Idti na novyye vybory posle otmeny fal'shivnykh" ["Ir para novas eleições após a anulação das fraudes"]. *Novaya Gazeta*, Moscou, 23 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://novayagazeta.ru/articles/2011/12/22/47506-171-Idti-na-novye-vybory-posle-otmeny-falshivnykh-187> [Acessado em 29/06/2020].
- MOSES, Joel C. "Democratic Reform in the Gorbachev Era: Dimensions of Reform in the Soviet Union, 1986-1989". *Russian Review*, Hoboken, Vol. 48, No. 3, Gorbachev Reforms: Special Issue, Julho de 1989, pp. 235-26.
- MLYNÁR, Zdenek. *O Projeto Gorbachev*. São Paulo: Mandacaru, 1987.
- NARAYANSWAMY, Ramnath. "Mikhail Gorbachev: A Saga of Unintended Consequences". *Economic and Political Weekly*. Vol. 27, No. 1/2, 4-11 Janeiro, 1992, pp. 30-32.
- NATIONAL SECURITY ARCHIVE. Alexander Yakovlev and the Roots of Soviet Reform. *National Security Archive Electronic Briefing Book*. Nº 168, 26 Outubro de 2005. Disponível em: <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB168/> [Acessado em: 01/07/2020].
- Narodnoe khozyaystvo SSSR: statisticheskii ezhegodnik* ["Economia da URSS: anuário estatístico"]. Moscou: Tsentral'noe Statisticheskoe Upravlenie SSSR, [Administração central de estatística da URSS] até 1988; após: Gosudarstvennyi Komitet SSSR po Statistike, ["Comitê Central de Estatística da URSS"], diversos anos.
- NOVE, Alec. *An Economic History of the USSR*. Nova Iorque: Penguin Books, 1986.
- NOVE, Alec. *A economia do socialismo possível: lançado o desafio: socialismo com mercado*. São Paulo: Ática, 1989.
- O'DONNELL, Guillermo A. SCHMITTER, Philippe C. *Transitions from authoritarian rule. Tentative conclusions about uncertain democracies*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1986.

- PALAZCHENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park: Penn State University Press, 1997.
- POMERANZ, Lenina. (org.) *Perestroika: Desafios da Transformação Social na URSS*. São Paulo: EDUSP, 1990.
- POMERANZ, Lenina. “Acabou a *Perestroika*?”. *Revista da USP*. São Paulo, n° 10, Jun/Jul/Ago 1991 – pp. 51-56.
- POMERANZ, Lenina. *Transformações Sistêmicas e Privatização na Rússia*. Tese apresentada para Concurso de Livre Docência no Departamento de Economia da FEA –USP, 1995.
- PONS, Silvio. “Western Communists, Mikhail Gorbachev and the 1989 Revolutions”. *Contemporary European History*, Vol. 18, No. 3, Revisiting 1989: Causes, Course and Consequences. Agosto de 2009, pp. 349-362.
- Proekt Istoricheskie Materialy* [Projeto Material Histórico]. Disponível em: <http://istmat.info/> [Acessado em 22/11/2012].
- PRC. “Russians Back Protests, Political Freedoms And Putin, Too”. *Pew Research Center*, Washington, 2012.
- PREOBRAZHENSKY, Eugênio. *A Nova Econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PRZEWORSKI, Adam. *Capitalism and Social Democracy*. Paris: Cambridge Univ. Press, 1993.
- QUIRING, M. GORBACHEV, M. "Ich unterstütze Putin jetzt noch". *Die Welt*, Berlim, 08 de março de 2005. Acessado em: <https://www.welt.de/print-welt/article556583/Ich-unterstuetze-Putin-jetzt-noch.html> [Acessado em: 26/06/2020].
- REIS FILHO, Daniel A. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- RISING, D. “Interv'yu M.S. Gorbacheva agentstvu Associated Press” [“Entrevista M.S. Gorbachev à Agência Associated Press”]. *Associated Press*, 22 de novembro de 2011. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_29041/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_29041/). [Acessado em 29/06/2020].
- ROBINSON, Neil. “Gorbachev and the place of the party in Soviet Reform, 1985-1991”. *Soviet Studies*. Londres, Vol. 44, N° 3, 1992 pp. 423-443.
- ROBINSON, Neil. “Soviet ideological discourse and the perestroika”. *European Journal of Political Research*, vol. 27, 1995a, pp. 161-179.
- ROBINSON, Neil. *Ideology and the Collapse of the Soviet System: A Critical History of Soviet Ideological Discourse*. Cheltenham: Edward Elgar Pub, 1995b.
- SAKHAROV, Andrei. “Thoughts on progress, peaceful coexistence and intellectual freedom” [Reflexões sobre o progresso, a coexistência pacífica e a liberdade intelectual]. *The New York Times*, 22 de julho de 1968. Disponível em:

- <http://wilsonweb.physics.harvard.edu/sakharovconference/76953998.pdf> [Acessado em 17/11/2019].
- SEGRILLO, Angelo. *O declínio da União Soviética: um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000a.
- SEGRILLO, Angelo. *O fim da URSS e a nova Rússia: de Gorbachev ao pós-Yeltsin*. Petrópolis: Vozes, 2000b.
- SEGRILLO, Angelo. “As diferentes fases da *Perestroika*: do ponto de vista histórico e a economia política”. *Fonteiras: Revista de História*. Campo Grande, v. 5, n. 10, p. 99-120, jul./dez. 2001.
- SEGRILLO, Angelo. “Rússia: economia e sociedade”. In: *II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional: Seminário Rússia*. Brasília: Funag, 2008.
- SHEVARDNADZE, Eduard. *The future belongs to freedom*. London: Sinclair-Stevenson, 1991.
- SMART, Chistopher. “Gorbachev’s Lenin: the myth in service to perestroika”. *Studies in Comparative Communism*, Vol XXIII, nº 1, 1990, pp. 5-22.
- SMITH, Hedrick. *The New Russians*. Nova Iorque: Random House, 1990.
- STALIN, Iosif Vissarionovich. “On the grain front”. In: STALIN, J. *Problems of Leninism*. Pequim: Foreign Languages Press, 1976. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1928/may/28.htm> [Acessado em 20/11/2012].
- STEELE, J. “Ya skazal: proshu sadit'sya. No nikto ne sel - Interv'yu korrespondentu gazety «Gardian» Dzhonatanu Stilu” [“Eu disse: por favor, sentem-se. Mas ninguém se sentou - Entrevista com Jonathan Steele, correspondente do jornal The Guardian”]. *Novaya Gazyeta*, Moscou, № 91, 19 de agosto de 2011. Disponível em: <https://novayagazeta.ru/articles/2011/08/18/45508-mihail-gorbachev-ya-skazal-171-proshu-saditsya-187-no-nikto-ne-sel> [Acessado em 13/07/2020].
- SURKOV, V. “Suverenitet – eto politicheskii sinonim konkurentosposobnosti” [Soberania é sinônimo político de competitividade]. *Rosbalt*. Moscou, 9 de março de 2006a. Disponível em: <https://www.rosbalt.ru/main/2006/03/09/246302.html> [Acessado em 13/07/2020].
- SURKOV, V. “Nasha rossiyskaya model' demokratii nazyvayetsya "suverennoy demokratiyey” [Nosso modelo russo de democracia é chamado de "democracia soberana”]. *Pskovskaya Lenta Novostey (PLN) [Notícias de Pskov]*. Pskov, 05 de julho de 2006b. Disponível em: <https://pln-pskov.ru/politics/31885.html> [Acessado em 13/07/2020].
- STEIN, Jenice Gross. “Political learning by doing: Gorbachev as uncommitted thinker and motivated learner”. *International Organization*. Cambridge: MIT Press, 1994, Vol. 48, nº 2, pp. 155-183.
- SUNY, Ronald Grigor. *The Soviet Experiment*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.



- TARAS, Raymond. “The Makings of a Leninist: Gorbachev on Dogmatism and Revisionism”. *Studies in Soviet Thought*, Vol. 42, No. 1, Julho de 1991, pp. 1-28.
- TARASULO, I. J (ed.). *Perils of Perestroika: Viewpoints from the soviet press 1989-1991*. Wilimington: SR Books, 1992.
- TAUBMAN, Willian. *Gorbachev: His Life and Times*. New York: Simon & Schuster Ltd, 2017.
- TOMPSON, W. J. “Khrushchev and Gorbachev as reformers: a comparison”. *British Journal of Political Science*, Vol 23, nº 1, jan/1993, pp. 77-105.
- VANHALA-ANISZEWSKI, Marjitta. SIILIN, Lea. “The representation of Mikhail Gorbachev in the twenty-first century Russia media”. *Europe-Asia Studies*, Nº 65, vol. 2, 2013, pp. 221-243.
- VIGEVANI, Tullo; MARTINS, Aline Regina Alves; MIKLOS, Manoela; RODRIGUES, Priscila. “A contribuição marxista para o estudo das relações internacionais”. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, nº 83, 2011, pp. 111–143.
- VORONETSKAYA. A. (Org.) *Istoriya Industrializatsii SSSR. 1926-1928gg. Dokumenty i Materialy*. [“História da indústria da URSS. 1926-1928. Documentos e Materirais”]. Moscou: Izdatel'stvo Nauka, 1969.
- VTsiOM. “Kak vy v tselom k nemu otnosites' k Gorbachevu?” [“Como você considera Gorbachev como um todo?”]. *Vserossiyskiy Tsentri Izucheniya Obshchestvennogo Mneniya [Centro de Estudos da Opinião Pública da Rússia]*, Moscou, 14 de abril de 2001a. Disponível em: [https://wciom.ru/zh/print\\_q.php?s\\_id=416&q\\_id=33452&date=15.04.2001](https://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=416&q_id=33452&date=15.04.2001) [Acessado em 20/06/2020].
- VTsiOM. “kak vy dumayete, mogli by vy progolosovat' na predstoyashchikh vyborakh v gosudarstvennuyu dumu rossii za sotsial-demokraticeskuyu partiyu, yesli by etu partiyu vozglavil Mikhail Gorbachev?” [Você acha que poderia votar nas próximas eleições para a Duma do Estado russo no partido social-democrata, se este partido for liderado por Mikhail Gorbachev?]. *Vserossiyskiy Tsentri Izucheniya Obshchestvennogo Mneniya [Centro de Estudos da Opinião Pública da Rússia]*, Moscou: 15 de junho de 2001b. Disponível em: [https://wciom.ru/zh/print\\_q.php?s\\_id=415&q\\_id=33296&date=15.06.2001](https://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=415&q_id=33296&date=15.06.2001) [Acessado em 01/07/2020].
- WALLACE, Michael D. SUEDFELD, Peter. THACHUK, Kimberly A. “Failed Leader or Successful Peacemaker? Crisis, Behavior, and the Cognitive Processes of Mikhail Sergeyevitch Gorbachev”. *Political Psychology*, Vol. 17, No. 3 (Sep., 1996), pp. 453-472.
- WB. “World Bank Open Data - GDP, PPP - (constant 2017 international \$)” [Database Online]. *World Bank*, 2018. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.PP.CD?end=1999&locations=RU&start=1989> [Acessado em: 23/03/2018].
- WB. “World Bank Open Data - GDP, PPP - (constant 2017 international \$)” [Database Online]. *World Bank*, 2019. Disponível em:

- [https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.PP.KD?end=2018&locations=RU&most\\_recent\\_value\\_desc=false&start=1998&view=chart](https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.PP.KD?end=2018&locations=RU&most_recent_value_desc=false&start=1998&view=chart) [Acessado em: 23/01/2020].
- WHALE, S. “Mikhail Gorbachev says Vladimir Putin views himself as 'second only to God’”. *The Telegraph*, Londres, 21 de novembro de 2014. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/vladimir-putin/11246794/Mikhail-Gorbachev-says-Vladimir-Putin-views-himself-as-second-only-to-God.html> [Acessado em 11/11/2019].
- WHITE, Stephen. *Communism and its collapse*. London: Routledge, 2001.
- WOHLFORTH, William C. “Realism”. In: GOODIN, Robert E. *The Oxford Handbook of International Relations*. Oxford: Oxford University Press, 2010, pp. 131-149.
- YAKOVLEV, Alexander. “Shaping Russia’s Transformations: a Leader of *Perestroika* Looks Back. Interview with Alexander Yakovlev”. *Institute of International Studies at the University of California*, Berkeley, 21 de novembro de 1996. Disponível em: <http://conversations.berkeley.edu/content/alexander-yakovlev> [Acessado em 29/01/2015].
- YAKOVLEV, Alexander N. *Perestroyka, 1985-1991: neizdannoye, maloizvestnoye, zabytoye* [“*Perestroika* 1985-1991. Inédito, pouco conhecido, esquecido”]. Moscou: Fundo Internacional “Democracia”, 2008.
- YAKUB, A. “Mikhail Gorbachev: Yevropeytsy naduli guby na Putina”. *Rosbalt* Moscou, 02 março 2007. Disponível em: [https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show\\_25528/](https://www.gorby.ru/presscenter/publication/show_25528/) [Acessado em: 02/10/2020].
- Zakonodatel'stvo SSSR. Biblioteka normativno-pravovykh Soyuzo Sovetskykh Sotsialistseskykh Respublik*. [“Legislação da URSS. Biblioteca normativo-legal da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas”]. Disponível em: <http://www.libussr.ru/> [Acessado em 15/11/2012].
- ZASLAVSKY, Victor; BRYM, Robert J. “The Functions of Elections in the USSR.” *Soviet Studies*, vol. 30, no. 3, 1978, pp. 362–71. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/150703> [Acessado em 22/06/2022].
- ZDRAVOMYSLOVA, Olga. “Perestroyka i «faktor Gorbacheva» v obshchestvennom mnenii 1985 — 1991 gg.: Zapadnaya Yevropa, SSHA, SSSR” [*Perestroika* e o “Fator Gorbachev” na Opinião Pública 1985-1991: Europa Ocidental, EUA, URSS]. In: GORBACHEV, M (org.). *Proryv K Svobode O Perestroyke Dvadsat' Let Spustya* [Avanço para a Liberdade Sobre A Perestroika Vinte Anos Depois]. Moscou: Gorbachev Foundation e Alpina Business Books, 2005, pp. 342-361.
- ZEMTSOV, Ilya. FARRAR, John. *Gorbachev: The Man and the System*. Nova York: Transaction Publishers, 2007.
- ZWEYNERT, Joachim. “Economic ideas and institutional change: Evidence from soviet economic debates 1987-1991”. *Europe-Asia Studies*. Londres, Vol. 58, N° 2, março 2006, pp. 169-192.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Mikhail Sergeyevich is a person with a sharp and deep mind and that anyone who has met him even once would confirm this. As is frequently the case, domestic and foreign problems are very difficult to consider in "black and white" terms. Intermediary colors, intermediary links and intermediary solutions may exist. Mikhail Sergeyevich has always been able to find solutions consistent with the party lines. This was unanimously emphasized. It was precisely this that was and remains the main criterion in assessing the views held by one comrade or another or one institution or another in the evaluation of a problem. (Kommunist, n° 5, 1985, pp. 6-7)

<sup>ii</sup> [...] Historians still argue about its causes [the famine]: was it deliberately planned in order to break the back of peasantry or could it be attributed to climatic conditions? I don't know about other regions, but we suffered that year from drought. But this was not the only reason. Mass collectivization had undermined the old way of life, destroying the customary pattern of farming and sustenance in the countryside. (GORBACHEV, 1996a, p. 27)

<sup>iii</sup> And yet it was Moscow University that gave me the comprehensive knowledge and spiritual vigour that was decisive in the choices I made. One thing I am sure of: without this five years of studies, there would have been no "Gorbachev the politician" (GORBACHEV, 1996a, p. 55)

<sup>iv</sup> Some students had relatives who were victims of the purges and some were more or less aware even then of the totalitarian nature of the regime. The overwhelming majority of the students were, however, deeply and sincerely moved by Stalin's death, perceiving it as a tragedy for the country. (GORBACHEV, 1996a, p. 47)

<sup>v</sup> Исследования показывают, что увеличились затраты времени на домашние формы культурного досуга. В общем, это явление положительное. Но нежелательной является тенденция преобладания потребления ценностей культуры над их созданием. Одностороннее в ряде случаев развитие домашних форм культурной деятельности, а также тяготение определенной части населения к пассивным, малосодержательным формам досуга отнюдь не способствуют гармоническому развитию личности. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 133)

<sup>vi</sup> Большинство партийных организаций понимает, что суть гласности не только в том, чтобы «обнародовать» обязательства, говоры, почины, достижения или недостатки, но и в том, чтобы на деле вооружить каждого участника соревнования необходимой информацией о достижениях передовой практики, позаботиться о широком общественном резонансе наших успехов и промахов. В этих целях для оперативного, квалифицированного и гласного подведения итогов соревнования созданы городские и районные штабы, которые используют все средства массовой информации. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 87-88)

<sup>vii</sup> Руководитель — это всегда политический боец партии. Авторитет руководителя зависит прежде всего от его идейной убежденности, глубочайшей веры в правоту ленинского учения, от умения убеждать людей в правильности линии партии, вести их за собой, организовывать успешное свершение планов коммунистического строительства. Качество руководства во многом определяется силой авторитета. Авторитет руководителя, какой бы пост он ни занимал, доверие к нему и уважение коллектива играют огромную роль в организаторской работе, в выполнении поставленных целей и задач. Очень важно и то, как человек сам работает, как знает и, главное, выполняет порученное ему дело. Люди судят о руководителе не по словам, какими бы красивыми они ни были, а по делам, по тому, как он поступает, как борется за претворение в жизнь решений, планов партии и государства. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 96)

<sup>viii</sup> Из всех задач по коммунистическому воспитанию молодежи главной является формирование у нее марксистско-ленинского мировоззрения и коммунистической морали. Партийные организации заботятся о том, чтобы комсомольцы, все юноши и девушки творчески овладевали революционной теорией, вырабатывали классовое самосознание, воспитывали в себе коммунистическое отношение к труду и социалистической собственности. Они делают все, чтобы поддерживать и развивать у молодежи стремление к самостоятельному осмыслению явлений общественной жизни, чтобы каждый молодой человек понимал законы развития общества, мог

---

разобраться в сложностях современной политической обстановки. GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 35)

<sup>ix</sup> Воспитание подрастающего поколения на революционных, боевых и трудовых традициях — процесс непрерывный, и партийные организации края не ослабляют к нему внимания, постоянно совершенствуя эту работу с молодежью. Это тем более необходимо, что среди молодежи есть еще люди аполитичные, с частнособственнической психологией, еще бытуют пьянство, хулиганство и другие отрицательные явления. Это говорит о том, что сделано еще не все для коммунистического воспитания молодежи, что партийным организациям надо усиливать работу по вооружению юношества марксистско-ленинской идеологией, по патриотическому воспитанию подрастающего поколения. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 39)

<sup>x</sup> Дальнейшее развитие социалистической демократии, отражая назревшие общественные потребности, вместе с тем является не стихийным процессом, а прямым результатом целенаправленной деятельности КПСС. Ведущая роль КПСС в системе социалистической демократии обуславливается прежде всего ее глубокими связями с трудящимися массами, тем, что во всей своей деятельности она руководствуется правильно понятыми объективными законами общественного развития. Выражая коренные интересы всех классов и слоев социалистического общества, партия является объединяющей, координирующей силой, авангардом всего народа. Иначе говоря, Коммунистическая партия — это тот важнейший субъективный фактор, который придает всей политической организации социалистического общества внутреннее единство, обеспечивает возможность всестороннего развертывания социалистической демократии (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 112-113)

<sup>xi</sup> Последовательное проведение линии на развитие социалистической демократии в нынешних условиях исходит из того, что демократизм при социализме не может быть чем-то расплывчатым и неопределенным, как это представляется обывателям и анархизирующим элементам. Социалистической демократии присущи порядок и организованность, а также централизованное государственное руководство в общенациональном масштабе, без чего система социалистической демократии не может нормально функционировать.[...]

Расширение демократизма, его глубокое проникновение во все сферы жизни — экономику, политику, культуру, науку и т. д. — диалектически взаимосвязано с укреплением централизованного планового начала в руководстве обществом. Здоровое развитие материальной и духовной сфер общества сегодня невозможно как без широкого творческого участия масс, так и без централизованного руководства.

Нарушение диалектики демократического централизма чревато возникновением политических и социальных перекосов, проявлением диспропорций в развитии экономической и социальной сфер общества. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 114)

<sup>xii</sup> Творчески развивая идеи Маркса и Энгельса, Владимир Ильич Ленин создал стройное учение по национальному вопросу. Ленин определил основы национальной программы партии: право наций на самоопределение, полное равноправие всех народов, больших и малых, объединение рабочих и крестьян всех наций и народностей в борьбе за социализм. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 69)

<sup>xiii</sup> Провозглашая широкие права и свободы, закрепляя обязанности граждан, новая Конституция исходит из того, что наша демократия подчинена высшим целям советского народа — построению коммунизма. И если сегодня наши классовые противники раздувают шумиху о якобы имеющих место ограничениях и нарушениях прав человека в СССР, то это — злонамеренное извращение сути нашей демократии, фальсификация и клевета, стремление принизить исторические завоевания советского народа, уменьшить притягательную силу первого в мире социалистического государства — государства трудящихся. Но все это — жалкие потуги идейных прислужников империализма. Сегодня уже никому не удастся замолчать великие достижения нашего народа и нашей страны, идущей в авангарде социального прогресса человечества, несущей всем революционным силам, всем трудящимся планеты поучительный пример строительства самого справедливого и гуманного общества на земле. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 151)

<sup>xiv</sup> Все эти процессы ослабили механизм стимулирования производства, разработанного мартовским Пленумом ЦК КПСС, значительно сузили базу расширенного воспроизводства в

---

колхозах и совхозах и подрывают такой важный инструмент социалистического хозяйствования, как хозрасчет, поскольку снижают заинтересованность трудовых коллективов в наращивании объемов производства и заготовок сельскохозяйственных продуктов. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 184)

<sup>xv</sup> На наш взгляд, в основу научно обоснованного планирования, применительно к сельскому хозяйству, должны быть положены земельный кадастр, специализация, а показатели плана строго увязываться с материальными, техническими и трудовыми ресурсами.

К сожалению, эти требования не находят еще широкого применения в практике планирования сельского хозяйства. Планы не всегда имеют объективную основу и зачастую носят волевой характер. Во многих хозяйствах, в целых районах и даже областях производственные ресурсы учитываются в планах не в полной мере и не вовлекаются в производство, а в других, наоборот, планы нереальные и поэтому хронически не выполняются, создавая перенапряжение в работе колхозов и совхозов. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, pp. 185-186)

<sup>xvi</sup> Централизованное начало в работе органов управления отраслью позволяет использовать возможности нашей социалистической системы хозяйствования, учитывать общегосударственные интересы, концентрировать ресурсы на главных направлениях, своевременно решать назревшие вопросы, устранять диспропорции.

По нашему мнению, надо предоставить больше самостоятельности предприятиям и объединениям в решении различных производственных и финансовых вопросов. Управление же по линии центральных органов должно прежде всего быть направлено на поиски таких эффективных форм планирования и экономического стимулирования, которые бы создали большую заинтересованность колхозов и совхозов в увеличении производства и повышении качества продукции.

Дальнейшее совершенствование планирования сельскохозяйственного производства, системы закупочных цен, капитальных вложений, финансирования и стимулирования труда позволит укрепить хозрасчет, обеспечить дальнейший рост сельскохозяйственного производства, повышение его эффективности. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 200)

<sup>xvii</sup> В чем причина всех этих действий, ведущих к подрыву разрядки? На этот вопрос четко, поленински ответил недавний Пленум ЦК КПСС. В постановлении Пленума в этой связи отмечается, что нынешняя позиция империализма диктуется нежеланием считаться с реальностями современного мира. Империализму хотелось бы затормозить объективный процесс обновления мира — вот в чем основная классовая, социальная причина нынешних зигзагов его политики. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 234)

<sup>xviii</sup> For practical activity, great significance is attached to the Central Committee May plenum's conclusions on stepping up the role of intensive factors of economic development. Intensification on the basis of scientific and technical progress is the main way of developing agriculture and other sectors of agroindustrial complex and increasing their efficiency. The Food Program defines major measures of a scientific and technical nature making it possible to significantly increase the level of intensiveness of production. (GORBACHEV, 1982, p.9)

<sup>xix</sup> The complexity and scale of the tasks put forward in the Food Program make fundamentally new demands on the management system and the economic machinery of management [...] Today this means: the orientation of the management system toward the end results of economic activity; the optimum combination of the territorial and sector principles of management, of the advantages of centralization with the independence and initiative of labor collectives; the all around strengthening of economic methods of management; the elimination of duplication in production and the greatest possible encouragement for creative initiative and enterprise. (GORBACHEV, 1982, p. 11)

<sup>xx</sup> Profitability, profits, credit and other economic levers will become important factors in the improvement of production efficiency. [...] The main thing is to create the kind of economic mechanism which is capable of maintaining price parity in intersectorial and also intrasectorial exchange, while ensuring the profitability of kolkhoz and sovkhos production on a par with other sectors of physical production. (GORBACHEV, 1982, p. 13)

---

<sup>xxi</sup> [...] the most important thing about Brezhnevism was its failure to meet the challenges of the time. Through its blind adherence to old dogmas and obsolete ideas the leadership overlooked the far-reaching changes that were taking place in science and technology, and in the life and activity of the people, and they ignored the transformations that were occurring in other countries. (GORBACHEV, 1996a, p. 138)

<sup>xxii</sup> Теоретическое наследие Ленина является бесценным достоянием в работе партии по совершенствованию развитого социалистического общества. Ленинские положения о наиболее полном учете требований объективных экономических законов, о планировании и хозяйственном расчете, умелом использовании товарноденежных отношений, материальных и моральных стимулов и сегодня служат верным компасом в деятельности партии по руководству народным хозяйством. Ленинский подход к разработке проблем экономики, решению практических задач хозяйственного и культурного строительства — замечательная школа для всех наших кадров. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 385)

<sup>xxiii</sup> Мы живем в условиях неутраченного, острейшего идеологического противоборства на мировой арене. Буржуазные идеологи лезут из кожи вон, чтобы поколебать идейную убежденность советских людей, используя самое грязное оружие — ложь и клевету, подтасовку фактов, фальсификацию событий. Вот почему необходима длительность. Любые наскоки на наши принципы, на нашу жизнь встречали и будут встречать самый решительный отпор. (GORBACHEV, 1987-1990, vol 1, p. 386)

<sup>xxiv</sup> Думается, замедление экономического роста в последние годы объясняется не только совпадением ряда неблагоприятных факторов, но и тем, что своевременно не была обнаружена необходимость изменения некоторых сторон производственных отношений. [...] Но при застойном сохранении устаревших элементов производственных отношений может наступить ухудшение экономической и социальной ситуации. К сожалению, назревающие противоречия не всегда удается своевременно выявлять и преодолевать. Нередко этому мешают сила инерции, консерватизм мышления, неумение или нежелание менять сложившиеся формы работы и переходить к новым методам [...]. (GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, pp. 80-81)

<sup>xxv</sup> Да, товарно-денежные отношения присущи социализму. Их инструменты широко применяются в социалистической экономике. И важно научиться еще лучше использовать эти инструменты, не забывая, разумеется, о том, что при социализме изменяются их природа и назначение. Для этого требуются серьезные научные рекомендации в части применения в нынешних условиях таких экономических рычагов, как цена, себестоимость, прибыль, кредит и некоторые другие. Вместе с тем сведение задачи более полного использования потенциальных возможностей социалистической системы хозяйства не только к этому означало бы принижение таких коренных принципов и преимуществ социализма, как плановый характер нашей экономики, приоритет социальных целей экономического развития, возможность его сознательной оптимизации для осуществления глубоких качественных сдвигов в производстве в интересах общества. (GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, pp. 81-82)

<sup>xxvi</sup> Сегодня один из главных вопросов повестки дня — перестройка форм и методов хозяйствования. Цель этой работы состоит в том, чтобы создать хозяйственный механизм, адекватный развитому социализму. Важная веха на этом направлении — крупномасштабный экономический эксперимент в промышленности. Его главная задача — нахождение путей значительного расширения прав, повышения хозяйственной самостоятельности предприятий при одновременном усилении их ответственности за конечные результаты. (GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, p. 92)

<sup>xxvii</sup> Неотъемлемой стороной социалистической демократии, нормой всей общественной жизни является гласность. Широкая, своевременная и откровенная информация — свидетельство доверия к людям, уважения к их разуму и чувствам, способности самим разбираться в тех или иных событиях. Она поднимает активность трудящихся. Гласность в работе партийных и государственных органов является действенным средством борьбы с бюрократическими извращениями, обязывает более вдумчиво подходить к принятию решений и организации контроля над их выполнением, исправлению недостатков и упущений. А ведь от этого во многом

---

зависят убедительность пропаганды, действенность воспитания, обеспечены единства слова и дела. (GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, p. 95)

<sup>xxviii</sup> Сегодня в активную жизнь входят новые поколения советских людей, рожденные в условиях социализма. Людей, для которых исторические завоевания нашего строя столь же естественны и неотъемлемы, как воздух, которым мы дышим. Советская молодежь растет и воспитывается в непрерывно улучшающихся материальных условиях, в обстановке четырех десятилетий мира. Она привыкла сопоставлять нашу действительность уже не с прошлым, а с самыми высокими критериями социализма. И в этом одна из важнейших граней современной идеологической ситуации, упускать которую из поля зрения нам нельзя. (GORBACHEV, 1987-1990, vol. 2, pp. 102-103)

<sup>xxix</sup> Партия в обновляющемся обществе может существовать и выполнять свою роль авангарда лишь как демократически признанная сила. Это значит, что ее положение не должно навязываться посредством конституционного узаконения. КПСС, разумеется, намерена бороться за положение правящей, но делать это строго в рамках демократического процесса, отказываясь от каких-либо правовых и политических преимуществ, предлагая свою программу, отстаивая ее в дискуссиях, сотрудничая с другими общественно-политическими силами, постоянно работая в гуще масс, живя их интересами и нуждами. (KOMMUNISTICHESKAYA PARTIYA SOVETSKOGO SOYUZA, 1990a, p. 9)

<sup>xxx</sup>

<sup>?</sup> На смену сталинской модели социализма приходит гражданское общество свободных людей. Радикально преобразуется политическая система, утверждается подлинная демократия со свободными выборами, многопартийностью, правами человека, возрождается реальное народовластие. Демонтируются производственные отношения, служившие источником отчуждения трудящихся от собственности и результатов их труда, создаются условия для свободного соревнования социалистических производителей. Началось преобразование сверхцентрализованного государства в действительно союзное, основанное на самоопределении и добровольном единении народов. На смену атмосфере идеологического диктата пришли свободомыслие и гласность, информационная открытость общества. (INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 56.)

<sup>xxxi</sup> Серьезное осложнение в реализации задач перестройки вносит активизация националистических и всякого рода деструктивных сил, пытающихся использовать общественную энергию в своих корыстных целях и не останавливающихся перед дестабилизацией обстановки во имя их достижения. Вот почему то там, то сям вспыхивают конфликты. Не следует закрывать глаза и на то, что в обществе проявились силы, толкающие нас к буржуазному строю, связывающие выход из нынешнего сложного состояния с переводом страны на капиталистические рельсы. (INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 60)

<sup>xxxii</sup> Происходят глубокие перемены в Восточной Европе. Когда говорят, что это — «крах социализма», мы задаем встречный вопрос — какого «социализма»? Такого, который был, по существу, вариантом сталинской авторитарно-бюрократической системы, от которой мы сами отказались? [...] Да, есть вопрос, куда пойдут эти страны в своем социально-экономическом развитии. Но это вопрос выбора самих народов. А мы действовали и будем действовать, строго руководствуясь принципом свободы выбора, который стал императивом прогресса и условием самосохранения всей современной цивилизации. (INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 83)

<sup>xxxiii</sup> Известно, что содержание социальной теории, созданной Марксом, Энгельсом и Лениным, формировалось на основе анализа реалий XIX века, а у Ленина — также и первых десятилетий XX века. С тех пор мир разительно переменялся, в том числе под влиянием самой марксистской мысли, Октябрьской революции, международного революционного и демократического движения. Мы же на протяжении десятилетий пытались искать ответы на все случаи жизни в цитатах классиков, запамätовав, что сами они — классики — требовали учитывать историческую обусловленность любой теории, издевались над теми, кто пытался превратить марксизм в своего рода священное писание. Сама жизнь заставила нас вспомнить об этом и по-настоящему оценить

---

значение фундаментальных законов марксистской диалектики. В первую очередь — требование конкретного анализа конкретной ситуации. И только на этой основе делать выводы для политики. (INSTITUT TEORII I ISTORII SOTSIALIZMA TsK KPSS, 1991, p. 88)

<sup>xxxiv</sup> As generally recognized, one of the major changes in today's world has been the historic shift occurring in the Soviet Union away from totalitarianism towards freedom and democracy, away from the bureaucratic command system towards a State underpinned by the rule of law and political pluralism, away from a State-dominated economic monopoly towards a diversity of equitable property ownership and market relations, and away from Unitarianism towards a union of sovereign States based on federal principles. (GORBACHEV, 1990b, p. 1)

<sup>xxxv</sup> When I agreed to assume the office of the General Secretary of the Communist Party of the Soviet Union Central Committee, in effect the highest State office at that time, I realized that we could no longer live as before and that I would not want to remain in that office unless I got support in undertaking major reforms. It was clear to me that we had a long way to go. But of course, I could not imagine how immense were our problems and difficulties. (GORBACHEV, 2006c, p. 11)

<sup>xxxvi</sup> During the last six years we have discarded and destroyed much that stood in the way of a renewal and transformation of our society. But when society was given freedom it could not recognize itself, for it had lived too long, as it were, "beyond the looking glass". Contradictions and vices rose to the surface, and even blood has been shed, although we have been able to avoid a bloodbath. The logic of reform has clashed with the logic of rejection, and with the logic of impatience, which breeds intolerance. (GORBACHEV, 2006c, p. 14)

<sup>xxxvii</sup> The August coup brought the overall crisis to a breaking point. The most disastrous aspect of this crisis is the collapse of statehood. And today I watch apprehensively the loss of the citizenship of a great country by our citizens – the consequences of this could be grave, for all of us. (GORBACHEV, 2006c, p. 48)

<sup>xxxviii</sup> Я хочу представить свою позицию в ходе декабрьских событий, так как для большей части граждан она осталась неизвестной. Мои аргументы многих не устраивали. Поэтому, вопреки правилам гласности, выступления или замалчивались, или укорачивались до неузнаваемости. Телевидение было более щедрым. Но его информация по своему характеру не сохраняет устойчивого и полного представления, тем более по вопросам сложным и спорным. Печать же, особенно массовая, больше предпочитала публиковать впечатления журналистов от встреч со мной, а не содержание того, что я говорил по существу решавшихся тогда вопросов. (GORBACHEV, 1992 p. 7)

<sup>xxxix</sup> И еще. Нередко слышу: вот, мол, власть от Горбачева уходит, а он цепляется за нее. Скажу на это: если бы Горбачев так держался за власть и для него было бы невыносимым делиться властью, он бы просто этого не начинал в 1985 году. Ему десятка лет хватило бы... побыть у власти, ничего не меняя. Но я начал процесс перемен и не откажусь от своего выбора. Не мне это нужно, не мне. Но я несу, может быть, и самую большую ответственность, потому что начал и продолжаю стимулировать процесс преобразований, но не хочу допустить распада. И когда говорят, что это надо мне, чтобы остаться президентом, чтобы командовать... Все это чепуха, домыслы, дешевка, которую подбрасывают людям, сбивают их с толку. Нет, речь идет о судьбе народной... (GORBACHEV, 1992, p. 63.)

<sup>xl</sup> Посмотрите, как вел себя Ельцин. Мы вместе руководили подготовкой Союзного договора и совместно с другими республиками направили проект на обсуждение в Верховные Советы. А в Минске Ельцин предлагает совсем другое. Он даже мне не позвонил. И в то же время он беседовал с Джорджем Бушем, хотя не было никакой необходимости вовлекать президента США в этом. Это не только вопрос морали. Я не могу оправдать такой стиль поведения. (GORBACHEV, 1992, p. 63.)

<sup>xli</sup> Штурм тоталитаризма, как видите, оказался очень непростым, потому что сидит он во всех нас. Это не просто какой-то четко очерченный объект, его микробы разлиты по всему организму общества, глубоко сидят в общественном сознании. Вот почему так трудно даются перемены и преобразования. (GORBACHEV, 1992, p. 135)



---

<sup>xlii</sup> [...] il n'y avait dans le pays aucun mouvement de protestation de masses sur lequel on pût s'appuyer pour mener une politique de transformations. Et cela pour plusieurs raisons, dont l'une, et non des moindres, était la soumission habituelle d'une partie importante du peuple, sa passivité, sa tendance au conformisme. Ces traits, dont les racines plongent dans les vieilles traditions de la Russie, avaient pris une forme encore plus monstrueuse, s'étaient renforcés pendant les décennies où avait impitoyablement régné la direction stalinienne et n'avaient pas en fait été ébranlés durant la période post-stalinienne. (GORBACHEV, 1993, pp. 9-10)

<sup>xliii</sup> Sous l'afflux d'oxygène de la liberté, tous les problèmes nationaux non résolus se sont mis à "flamber". Mais la fiction de l'amitié indestructible entre les peuples continuait à nous aveugler, et nous restions persuadés que les principaux problèmes des rapports entre les nationalités de l'URSS étaient résolus. Je dois cependant ajouter que, durant les années du pouvoir soviétique, des changements énormes et progressifs s'étaient produits dans la vie de nombreux peuples dont certains, avant 1917, en étaient encore au plus profond du Moyen Âge. Le malheur, c'est que l'orientation générale impliquait de fait l'effacement des distinctions nationales, ce qui en pratique signifiait bafouer les droits naturels des peuples. (GORBACHEV, 1993, pp 17-18)

<sup>xliv</sup> L'expérience historique nous enseigne clairement que l'aspiration des masses au progrès ne pouvait trouver sa traduction dans les faits si les forces parvenues à la direction du pays n'avaient pas leurs contrepoids démocratiques. Or ces contrepoids, chez nous, en Russie, n'existaient pas. Jusqu'en 1917, la société civile n'avait pas pu, n'avait pas eu le temps de se constituer. D'où le fait que le pouvoir et l'initiative politiques se soient trouvés entièrement entre les mains des structures du Parti. Lesquelles, du fait de leur hypercentralisation, du refus absolu de toute espèce d'idées étrangères aux leurs, se sont d'emblée montrées enclines au monopolisme et aux méthodes dictatoriales. (GORBACHEV, 1993, p. 345)

<sup>xlv</sup> [...] ai-je, en tant qu'homme et que politique, changé après ces années de labeur intense et d'épreuves?

Lorsque je me rappelle ce que j'étais lorsque je suis arrivé à Moscou en 1978, et même ce que j'étais en 1985 quand j'ai occupé le poste de Secrétaire général, je répondrai affirmativement, sans l'ombre d'une hésitation. J'ai changé au rythme de la *perestroïka* et je l'ai même naturellement quelque part dépassée. J'ai perdu les oeillères idéologiques qui m'empêchaient de voir la réalité telle qu'elle est, avec toutes ses facettes et ses contradictions. J'ai beaucoup appris en prenant part à la politique mondiale, en collaborant avec les plus grands hommes d'État de notre époque, en communiquant avec ceux qui personnifient l'élite politique et intellectuelle de notre planète. J'ai compris que, même s'il est investi des plus grands pouvoirs, un leader politique a une liberté de manœuvre limitée. Je me suis convaincu que les décisions politiques, même si elles sont mues par les meilleures intentions et une bonne connaissance de la vie, sont loin de mener toujours aux résultats escomptés. De plus, biens souvent les résultats différents de ce que l'on était en droit d'attendre quand on réfléchit logiquement et qu'on ne prend comme point de départ que le bon sens des braves gens. Il y a encore beaucoup d'irrationnel dans les esprits et dans les actes. (GORBACHEV, 1993, p. 37)

<sup>xlvi</sup> [...] the process of profound reevaluation and critical reflection began in my case after my report on the seventieth anniversary of the October revolution, and I publicly expressed my thoughts in this regard in fully worked-out form at the Central Committee Plenum of February 1988 and the Party Conference of June 1988. In 1989, after the elections, when we saw what attitude the people really had toward the CPSU and the nomenklatura, what it really thought, and what its attitude was toward democracy and glasnost, there began a period of accumulation of experience that brought us to the conclusion that it was necessary to arrive at a new conception of socialism. Since that time I have been occupied more and more with the question: What are the criteria for calling something socialist? It seemed to me that the main one had to do with: What is the position of the individual in society? From that moment on, you might say, the road I have taken has essentially been the Social Democratic conception of socialism. (GORBACHEV, 2002a, p. 79)

<sup>xlvii</sup> For myself I have renounced a deterministic scheme of things as put forward by the soviet school of so-called Marxism. I see that it was wrong from the start to regard socialism as a special formation that represents something historically inevitable in the development of humankind. My whole experience has convinced me that in a value-based conception of socialism is more correct. It is a process in which

---

people seek to realize certain values, and in this process all progressive and democratic ideas and practical experiences are integrated. (GORBACHEV, 2002a, pp. 154-155)

<sup>xlviii</sup> Let me just add something to that for my own part: today the exact opposite is actually happening in Russia. Following the precepts of the International Monetary Fund, efforts are being made to adjust everything to the IMF's demands, to duplicate Western models, and to throw out the entire complex and valuable experience, the Soviet experiment, and to denounce it all as harmful ballast. This is a mistake on both the philosophical and the political levels, which leads to a conflict with society, because it is in conflict with our people's mentality, culture and needs. The liberal ideologists display a nihilistic attitude toward the past, whereas in fact the past should be utilized, including that part of it that is linked with socialist values. (GORBACHEV, 2002a, p. 181)

<sup>xlix</sup> I am sometimes asked the question, "Do I want to return to active politics?" My answer is as follows: in the political sky there are many stars of various magnitudes, in different locations, and giving off different kinds of light. There is also a room there for my star. I am not about to go off and live in the taiga; I remain in politics. (GORBACHEV, 2002a, pp. 211-212).

<sup>l</sup> I am still firmly convinced that the reforms conceived and initiated in 1985 were generated by historic necessity. Once the period of trials and tribulations is over, our countrymen will learn to make proper use of the main achievements of *perestroika* - liberty, democracy and civil rights. Russia and the other former soviet republics will find a way to restore their Union - not in its past unitary and imperial form, but as a democratic community of states. (GORBACHEV, 1996, p. xxv.)

<sup>li</sup> Historians, who like everything to be in neat order, have been arguing whether *perestroika* and reforms began in March 1985 or at some later date. Well, in the first 3 years we made serious efforts to bring the country out of stagnation and to achieve renewal in all aspects of life. We made our first attempt at radical reform of the economy.

However, the real turning-point, when *perestroika* became irreversible, was the XIXth All-Union Party Conference. This decisive step was prompted by the obvious failure of economic reform to get going and the radicalization of public opinion. (GORBACHEV, 1996 p. 237)

<sup>lii</sup> For me, there has never been a gulf between my conscience and my inner convictions. Otherwise I could not have endured what I am now experiencing. I do not know anyone against whom so many slings and arrows have been launched as against Gorbachev at present. But I am at peace with my conscience. I, like everyone else, made mistakes, miscalculated. But my conscience is at ease. And my thoughts and ideas are exactly the same as they used to be. (GORBACHEV, 1996 p 675)

<sup>liii</sup> My trips around the country, my talks with my fellow citizens and their reactions to my speeches, together with the many letters I received, convinced me that the country needed Gorbachev and that inspired me to participate in the 1996 presidential campaign. (GORBACHEV, 1996a p. 695)

<sup>liv</sup> So the lessons of those generations that lived under that old regime and that developed the country, that industrialized the country under that whole regime, that created our science, our education system, that created opportunities and access to education for all, despite the incomes and status of those people. This is something that you cannot negate. You cannot throw out one word from a song, and you cannot negate what actually happened. But, by the way, that old system, by giving people those opportunities, created the prerequisites and the forces that eventually buried that system because we, the better educated people, people of my generation and people of the generations that followed, we had education, we had knowledge, but we could not realize our potential. The system was really fettering our potential. So the system in that way created preconditions for its own demise for its own demise. And that is because it was in conflict with the culture and with the education and with the intellect of the people. (GORBACHEV, 1996b, 47:10-48:22)

<sup>lv</sup> Finally, I think we all must understand that democracy is something more than just a political principle or the elections of parliaments and presidents. Democracy means moral values, without which democracy can deteriorate and degenerate, often leading to establishment of authoritarian and totalitarian regimes. Democracy means stable political institutions, based on the primacy of law and justice, and rooted in the traditions of nations and in public consciousness. Democracy is not guaranteed against defeat. Democracy

---

will always be tested. Democracy has many overt and covert clothes and many false friends. Democracy does not come by itself. It must always be nurtured and protected. (GORBACHEV, 1995b pp. 44-45)

<sup>lvi</sup> The future of human society will not be defined in terms of capitalism versus socialism. [...] We need to find a paradigm that will integrate all the achievements of human mind and human action, irrespective of which ideology or political movement can be credited with them. This paradigm can only be based on the common values that humankind has developed over many centuries. The search for a new paradigm must be a synthesis, for what is common and unites people, countries and nations, rather than what divides them. (GORBACHEV, 1995b pp 59-60)

<sup>lvii</sup> The beauty and uniqueness of life lies in the unity of diversity. Self-identification - of every individual and of the many different nations, ethnic groups, and nationalities - is the crucial condition for preserving life on Earth. Struggles and conflicts burn out the diversity of life, leaving a social wasteland in their wake. Honoring diversity and honoring the earth creates the basis for genuine unity. (GORBACHEV, 1995b p. 65)

<sup>lviii</sup> Given all the specificity of its historical development, given all its national pristinity, Russia, to be sure, belongs in Europe, and Europe is incomplete and deficient without Russia. Prominent Western politicians, whom the Cold War's time-serving quality did not render blind, were aware of this. A case in point is de Gaulle's famous idea of Europe stretching as far as the Ural mountains. (GORBACHEV, 1997 p.258)

<sup>lix</sup> One of the main conclusions is this: the October revolution undeniably reflected the most urgent demands of the broadest strata of the population for fundamental social change. The central slogans of the revolution, which arose from below and were not manufactured by anyone, were for freedom, for peace to all, for the factories to go to the workers, for the land to go to the peasants, for bread to go to the hungry. These slogans concisely stated the basic demands of the people. (GORBACHEV, 2000, p. 7)

<sup>lx</sup> In fact, however, in the Soviet era, and in a very short time at that, former tsarist Russia was transformed into what for those times was a leading industrial power. That is a generally recognized fact. A civilizing turn of events took place - instead of a backward agricultural country, Russia became an industrial-agrarian power comparable to the advanced countries of the world. This cannot be denied. (GORBACHEV, 2000, p. 26)

<sup>lxi</sup> Of course it cannot be said that at the time we began *perestroika* we had everything thought out. In the early stages we all said, including myself, that *perestroika* was a continuation of the October revolution. Today, I believe that that assertion contained a grain of truth but also an element of delusion. The truth was that we were trying to carry out fundamental ideas that had been advanced by the October revolution but had not been realized: overcoming people's alienation from government and property, giving power to the people (and taking it away from the bureaucratic echelons), implanting democracy and establishing true social justice. (GORBACHEV, 2000, p. 56)

<sup>lxii</sup> *Perestroika* confirmed once again that the normal, democratic development of society rules out universal secrecy as a method of administration. Democratic development presupposes glasnost - that is, openness, freedom of information for all citizens and freedom of expression by them of their political, religious, and other views and convictions, freedom of criticism in the fullest sense on the word. (GORBACHEV, 2000, p. 61)

<sup>lxiii</sup> As I have pointed out above, not everything in the *perestroika* era was ideal in the realm of foreign policy, not by any means. Certain things possibly could have been done more effectively or in a more sophisticated way. But I can say without hesitation: In all basic and decisive areas, the policies that we conceived and implemented were in the interests of our country and strengthened our security and position in the world. Last but not least, they contributed to consolidating the foundations of peace throughout the world. (GORBACHEV, 2000, pp. 206-207)

<sup>lxiv</sup> [...] The present authoritarian regime is putting the brakes on Russia's development towards democracy. For this regime, democracy is becoming more and more of a burden. The political forces that came to power on the democratic wave have been removed from power or have removed themselves from

---

power today. A bureaucratic-oligarchic regime has taken shape, and under the disguise of democratic phraseology it has imposed a neoliberal course of so-called reforms on our society. (GORBACHEV, 2000, p. 36)

<sup>lxv</sup> My opinion is quite definite: The socialist idea has not lost its significance or its historical relevance. This is so not only because the very idea of socialism, which includes such concepts as social justice, equality, freedom and democracy, is one that can never be exhausted but also because the entire development of the world community confirms, with new urgency every day, that we need justice, equality, freedom, democracy and solidarity. That need has not been extinguished but continues to grow. (GORBACHEV, 2000, p. 67)

<sup>lxvi</sup> The roots of the crisis of contemporary civilization lie in a profound separation from the genuine interests of humanity. The motivating factor in contemporary civilization so far has not been the humanist approach but instead the instinct of self-preservation, of gaining advantages at the expense of others. If by force of inertia this situation continues, it can lead to new negative consequences. (GORBACHEV, 2000, p. 73)

<sup>lxvii</sup> The dominant conceptions, in fact, did not point toward the future but in many respects were anchored in the past; the past was their source of nourishment. In the best of cases, the question was how to renew or refurbish the traditional approaches. No new outlook really came to light, although that was exactly what was needed if we were to speak of a genuinely new world order. (GORBACHEV, 2000, p. 211)

<sup>lxviii</sup> In my view, what we see now is a unique period in world development that can only be described as transitional. It has its own special features and distinguishing characteristics. What is involved, apparently, is not just a transitional period but a special kind of transitional world order, one that could exist for a long time, one that is characterized by instability, conflict and the predominance of uncontrolled spontaneous forces in world relations. (GORBACHEV, 2000, p. 213)

<sup>lxix</sup> The forces of civil society can play a similar role today. Therefore we should reiterate a proposal advanced earlier: Let us establish, under UN auspices, a kind of permanent worldwide brain trust (or “council of the wise”). This would consist of people having no government duties and who are free of any ideological or other preconceptions or prejudices, people who are capable of objectively evaluating the new phenomena in world developments and translating their conclusions into practical recommendations. The experience and authority of Nobel Prize winners could be utilized in this connection. (GORBACHEV, 2000, p. 230)

<sup>lxx</sup> Unfortunately, thus far we cannot say that overcoming totalitarianism in the Soviet Union has resulted in the genuine democratization of either Russian society or the other former republics of the Soviet Union. The freedom of choice provided by *perestroika* has by no means resulted in the choice of genuine freedom.

The regime in Russia today can be called democratic only in part. Outward forms and institutions characteristic of democracy do exist, but their content remains authoritarian in many respects. Moreover, in Russia and other countries of the former Soviet Union forces continue to exist that long for a return to the essentially totalitarian past (although a complete return to that past is simply not possible). (GORBACHEV, 2000, p. 261)

<sup>lxxi</sup> At this point it should be emphasized that for international politics certain values have acquired especially great significance today. Among these values is tolerance. Given the great multiplicity and diversity of the world, its viability and the viability of its component parts largely depend on how much tolerance there is for differences. (GORBACHEV, 2000, p. 270)

<sup>lxxii</sup> The development of global thinking for all humanity is now on the agenda. Having roots in common with individual thinking, such global thinking can take shape as a logical result of developing and refining individual thinking. All intellectual history essentially has been the history of the broadening of horizons and boundaries. The time has come when our entire planet must be the horizon. (GORBACHEV, 2000, p. 273)

---

<sup>lxxiii</sup> An urgent need has arisen for a new transition in which societies would be organized according to principles that would allow elimination of the unparalleled threats endangering the very existence of humanity: We need to replace a civilization that produces without thinking, that is exhausting the natural resources on which its existence depends, with a civilization that constantly reproduces the conditions required for its existence, accumulating and not destroying the potential for future development. We need a civilization that aims not merely to survive but to live to the fullest and provide a full life for present and future generations. (GORBACHEV, 2000, p. 276)

<sup>lxxiv</sup> “The president’s position will be decisive [...] If he uses his power to continue democratic reforms, to modernize the country, to address the country’s many problems, then Russia will move forward. If he uses power only to retain power, to make his own power even firmer, then this, for me, would be a big disappointment.” (GORBACHEV, 2006c, p. 120)

<sup>lxxv</sup> “Today, Russia is facing a moment of choice:  
– either it will follow the inertia of the 1990s *Iéltsin*’s reforms, which broke down the state and the economy and impoverished tens of millions of people,  
– or, based on the prerequisites created during the first years of Vladimir Putin’s presidency, it will choose the path of truly democratic reforms that take account of its unique identity, its historic experience and cultural and intellectual potential.” (GORBACHEV, 2006c, pp. 52-53)

<sup>lxxvi</sup> “In *perestroika*’s wake there have been setbacks due to domestic politics in Russia that have made things worse for us – such as *Iéltsin*’s “shock therapy,” a cavalier and disastrous great leap forward to a market economy. Instead of the evolution envisioned by *perestroika*, this was another catastrophe in the name of revolution. My idea was that *perestroika* would unfold over a 30-year-period. But I was accused of going too slow.” (GORBACHEV, 2006c, pp. 125-126)

<sup>lxxvii</sup> “Currently, we have the prerequisites for moving ahead to complete Russia’s reforms. Putin has proposed a political program for the coming years that includes fighting poverty, promotion of small- and medium-sized business, helping move Russia’s manufacturing base toward post-industrialism. This is the right direction for Russia. But the question remains: Who will implement those goals? Unfortunately, the current (cabinet) government and parliament are incapable of doing so. This is the problem.” (GORBACHEV, 2006c, p. 129)

<sup>lxxviii</sup> Перестройка состоялась как альтернатива двум историческим крайностям: эгоистическому частнособственническому капитализму, с одной стороны, и сталинскому тоталитаризму — с другой. Это было одновременно как стихийное, так и сознательное, целенаправленное движение к синтезу позитивных черт социализма и капитализма.  
Не столь важно, как назывался бы этот синтез, главное, что эта попытка грандиозного социального творчества была направлена на то, чтобы преодолеть «проклятое» противоречие между эффективностью и справедливостью. Она была призвана показать неисчерпаемость истории, вывести род человеческий на иной уровень реализации своего потенциала. (GORBACHEV, 2006d, pp. 371-372)

<sup>lxxix</sup> Главными социально-политическими ценностями я считал — и продолжаю в это верить — свободу, равенство, справедливость, солидарность. Эти ценности исповедовали целые поколения тех, кто боролся за освобождение и достоинство людей. Под знаком этих ценностей возникали великие массовые движения. В любом случае, уверен, что без ценности свободы, без идеи справедливости в политике и в жизни, без солидарности, без общепринятых моральных норм общество будет или тоталитарным, или авторитарным. (GORBACHEV, 2006d, p. 377)

<sup>lxxx</sup> Так оборвалась перестройка. На смену стратегии, делавшей ставку на сохранение союза республик при его децентрализации, на эволюционные реформы, пришел «шоковый подход» и расчленение страны. Результаты у всех перед глазами. Потребуется огромные усилия, чтобы преодолеть последствия хаоса, охватившего Россию в 90-е годы. Решение этой сложнейшей исторической задачи выпало на годы президентства Владимира Путина. На первом этапе достигнута стабилизация, и это позитивно. Сейчас главное – продолжить демократические

---

преобразования, ибо без этого невозможно вывести Россию на путь динамичного развития. (GORBACHEV, 2005d)

<sup>lxxx</sup> Политика есть политика, бывают острые моменты, расхождения, можно бороться, но надо оставаться людьми. Тем не менее столько было маленьких форосов, попыток унижить. Ельцин, казалось, этим просто болен. Такая мстительность! То, что мы испытывали почти десять лет под его, так сказать, крылом, я Борису простить не могу. Все, как под током, дергалось. То с помещениями, то с машинами, то с командой. То меня тащили на суд над КПСС. То мы были невыезными. Лишь смерть Брандта Горбачевых из этого качества вывела. (GORBACHEV, 2005e]

<sup>lxxxii</sup> Их надо создавать. И, разумеется, снизу. Попытки «отпочковать» некую структуру от уже действующих обречены на неудачу. Получится то же самое. Вот, к примеру, создали таким образом «Единую Россию» - прообразом ее была КПСС. Но – получилась тень КПСС! (GORBACHEV, M. SAMARINA, A. 2005f)

<sup>lxxxiii</sup> Нам необходимо правовое государство, он должен более решительно бороться против коррупции. Надо настойчиво продолжать демократические преобразования, уважать и защищать гарантированные конституцией права граждан. (QUIRING; GORBACHEV, 2005)

<sup>lxxxiv</sup> Оправданно ли все это национальной спецификой нашей демократии или какими-то внешними обстоятельствами? Думаю, что нет.

Разумеется, демократия должна вырасти на собственной почве каждой страны и у нее есть своя национальная специфика. Но есть и общие принципы. Ограничения, которые могут оказаться необходимыми в ситуациях, угрожающих самому существованию государства и жизни людей, должны рассматриваться как временные, а не возводиться в принцип, как это делают теоретики "суверенной" или "управляемой" демократии. Подобные определения искажают суть демократии - точно так же, как исказили ее концепции "социалистической" или "народной" демократии. (GORBACHEV, 2006b)

<sup>lxxxv</sup> Сегодня Россию часто критикуют, обвиняют в зажиме средств информации, в откате от демократии. При этом мало кто обращает внимание на такой факт: когда в стране в ельцинскую эпоху происходило разрушение основ бытия, Запад аплодировал. И это несмотря на расстрел парламента в 1993 году, "выборы без выбора" в 1996 году, бюрократически-олигархический контроль над носителями информации, полный зажим свободы слова в регионах, бедственное положение большинства населения.

Критика обострилась, когда Россия начала подниматься с колен. И эта критика - иногда обоснованная, но нередко поспешная и недопустимо резкая - сопровождается далекоидущими обобщениями. Оказывается, говорят нам, Россия по сути своей не способна к освоению демократических принципов и процедур, к созданию гражданского общества, к отказу от "имперских амбиций", а потому Западу с ней не по пути. Не могу согласиться с такими рассуждениями. Это зачастую обыкновенная пропаганда. А на самом деле Россия относится к странам, где происходит демократический транзит. (GORBACHEV, 2006e]

<sup>lxxxvi</sup> Путин еще раз сказал, что Россия возвращается, что она берет на себя ответственность за положение дел в мире наряду с другими великими державами. Она будет содействовать решению мировых проблем. И то, что было им сказано, это некие подходы, на основе которых Россия будет вести мир к лучшему. Ставка не на силу, а на сотрудничество. (YAKUB, 2007)

<sup>lxxxvii</sup> "Over the past few days, some Western nations have taken positions, particularly in the U.N. Security Council, that have been far from balanced. As a result, the Security Council was not able to act effectively from the very start of this conflict. By declaring the Caucasus, a region that is thousands of miles from the American continent, a sphere of its "national interest," the United States made a serious blunder. Of course, peace in the Caucasus is in everyone's interest. But it is simply common sense to recognize that Russia is rooted there by common geography and centuries of history. Russia is not seeking territorial expansion, but it has legitimate interests in this region." (GORBACHEV, 2008b)

---

<sup>lxxxviii</sup> Главными "выгодополучателями" системы стали те, кто ее выстроил. [...] В итоге: жесткий, безжалостный капитализм для большинства, "социализм", помощь государства - для богатых. И именно эти люди через три-четыре года, когда пройдет острая фаза кризиса, будут снова убеждать нас, что лучше всего работает "чистый", нерегулируемый капитализм, что надо дать им полную свободу действий. До следующего, еще более разрушительного кризиса? (GORBACHEV, 2008c)

<sup>lxxxix</sup> I am very concerned, we're only half way down the road from a totalitarian regime to democracy and freedom. And the battle continues. There are still many people in our society who fear democracy and would prefer a totalitarian regime. (GORBACHEV, 2010)

<sup>xc</sup> С Путиным в первый период его работы мы встречались, разговаривали много. Я его поддерживал всячески, закрывая глаза на то, что стабилизация достигалась странными вещами, и она, конечно, не гармонировала с перестроечными взглядами. Вместо привлечения людей — вертикаль, ставка на то, что надо твердой рукой все поставить на место. Но я считал, что государство было на грани распада, что, может быть, в этот момент надо было пойти даже на некоторые авторитарные методы. Но то, что сейчас происходит... Это уже никуда. Коррупция и беспредел — это самые главные беды. (GORBACHEV, 2011b)

<sup>xc<sup>i</sup></sup> “Эти перемены невозможны без реформы нынешней Конституции, которая закрепляет президентское всевластие, превращая президента в нового российского монарха. Сегодня в России исполнительная власть возвышается над обществом и никому не подконтрольна. Президент имеет возможность назначать своего преемника, продлить либо восстановить свою власть за счет управляемых выборов. При таком президентстве нет оснований надеяться на нормальное функционирование других ветвей власти и сохранение гражданских свобод. Назначенчество заменило выборность.” (GORBACHEV, 2011c.)

<sup>xc<sup>ii</sup></sup> Yes, they are the ‘glasnost generation’. I thought when I left office that it would take a generation [...] This is the right moment to start creating as part of this new situation a strong democratic party. I will be helping but I will not assume any kind of responsibilities or position in this party. (HALPIN, 2012)

<sup>xc<sup>iii</sup></sup> A new phase was beginning in the life of our country, and in mine too. I had no illusions and knew it was going to be grim. A deluge of lies and libels rained down on me. As the economy’s problems worsened, it was wholly predictable that the politicians now in power would be looking for a scapegoat. Gorbachev was the obvious candidate. (GORBACHEV, 2016A, p. 10)

<sup>xc<sup>iv</sup></sup> The report was based on serious analysis and had a robust sociological basis. It painted a complex and in many ways convincing picture, but I could not or, more likely, did not want to, agree completely with the report’s assessment of the probability of a transition to authoritarianism. I mentioned this at the launch of the report in the Foundation. The course of history is not predetermined; a great deal depends on the human factor, the leadership. I saw Vladimir Putin not as someone chosen by a small number of individuals from the former ruling group, but as a popularly elected president. (GORBACHEV, 2016A, p. 145)

<sup>xc<sup>v</sup></sup> He and I agreed on many issues, except one. He could not understand how I found it possible to justify what was happening, how I could find grounds for supporting Putin. I told him: my dear friend, if you had been in the shoes of a president who had all that chaos, that semi-disintegration dumped on him, you would understand it was no time for textbook democracy. That was a salvage operation. Immediate action was called for. (GORBACHEV, 2016A, p. 199)

<sup>xc<sup>vi</sup></sup> I am satisfied there was no contradiction between my criticism of the election and my support for the new president and prime minister after it. I was guided by my principles, while taking account of the interests of Russia and the requirements of political culture. (GORBACHEV, 2016A, p. 217)

<sup>xc<sup>vii</sup></sup> A synthesis, New Thinking is modern humanism, its purpose to move us towards a more stable, safer, more just and humane society. Acknowledging the interconnection and interdependence of the world and the primacy of universal values and interests by no means implied a lack of respect for the sovereignty of states and national interests. Nobody was disputing their importance, any more than the importance of class, corporate and other interests. Now, however, they had to take account of new circumstances, when the interests common to all mankind needed to be given priority. The imperative needs were to prevent nuclear war, and to save mankind from ecological disaster. (GORBACHEV, 2016A, p. w295)

---

<sup>xviii</sup> Only the state can lay down the ground rules in such matters, aggravated by the crisis, as equitable sharing out of the tax burden, stimulating economic growth, and ensuring the necessary level of social welfare safeguards. Only the state can deliver access for everyone to education and healthcare, and the development of fundamental science. Only the state can mobilize the resources and tools to promote and implement innovative technologies. Only the state is capable of establishing the robust standards and regulations without which there is no hope of effectively combating the ecological disaster threatening the world.

And, of course, only through the efforts of states, constantly driven on by the active involvement and unrelenting pressure of global civil society, will we find our way to a new political framework for international security and world governance. (GORBACHEV, 2016A, p. 333)

<sup>xcix</sup> I have never doubted that Greater Europe already exists, its shared civilization a fact of history. Its foundation is its Christian roots and European cultural heritage, which means that Europe's future must be built not only from the West eastwards but also from the East westwards. (GORBACHEV, 2016A, p.363)

<sup>c</sup> The golden rule of morality is: 'Do unto others as you would have them do unto you.' Another formulation is: 'Do not do to others what you would not want done to yourself.' We stated that this principle should extend to the foreign policy of all nations: 'Ethics in the relations between nations and in government policies is of paramount importance. Nations must treat other nations as they wish to be treated. The most powerful nations must remember that, as they do so shall others do.' (GORBACHEV, 2016A, p. 408)

<sup>ci</sup> It was clear enough what we needed to reject and abandon: a rigid ideological, political and economic system; head-on confrontation on the international stage; and the arms race. There was public support for this from a society ready for a renewal of life, and for a time it was favoured with tacit neutrality, and even condoned, by people who subsequently proved still to be hardline Stalinists. (GORBACHEV, 2016A, p. 414)

<sup>cii</sup> I am not someone who readily sloughs his skin, changing his beliefs as he might a pair of gloves. My transition from the boy who wrote essays at school on the topic 'Stalin Is Our Military Glory, Stalin Is the Soaring of Our Youth' to rejecting Stalinism and waging war on the totalitarian system was hard and far from painless. A major part in it was played by my turning to the last works of Lenin, his admission that 'we made a mistake in deciding to move directly to communist production and distribution'. There is no denying that the Bolsheviks made a complete hash of things with War Communism. ((GORBACHEV, 2016A, pp. 414-415)

<sup>ciii</sup> We in the *Perestroika* years put our faith in gradual, evolutionary change and tried to avoid breaking the country's back in the process: those who succeeded us chose instead the approach of first smashing everything to pieces. We considered it essential during the transition to a market economy to retain the regulatory role of the state: the reformers of the 1990s believed in the magical powers of the 'free market'. We wanted to retain all that was good in relations between the republics of the Union and in our relations with neighbouring countries: the leaders of the Russian Federation opted for disintegration (GORBACHEV, 2016A, p. 419).

<sup>civ</sup> There are, however, certain features without which a system cannot be democratic. Some of these are of particular importance for Russia because we cannot yet claim they are found in our present way of life. These are: regular, honest elections ensuring a periodical turnover of those in power; stable constitutional order and a balance of powers between the three branches of government; competition between political parties; respect for the basic human rights and freedoms; a just and impartial legal system and a developed civil society. Russia needs to build the institutions of a democratic society. (GORBACHEV, 2016A, p. 424)

<sup>cv</sup> En un mot, Gorbatchev s'est débarrassé des illusions du réformateur débutant qui avait pris sur ses épaules le fardeau des transformations dans un pays immense et complexe. Il voit maintenant plus loin, il est devenu plus sage. (GORBACHEV, 1993, p. 37)